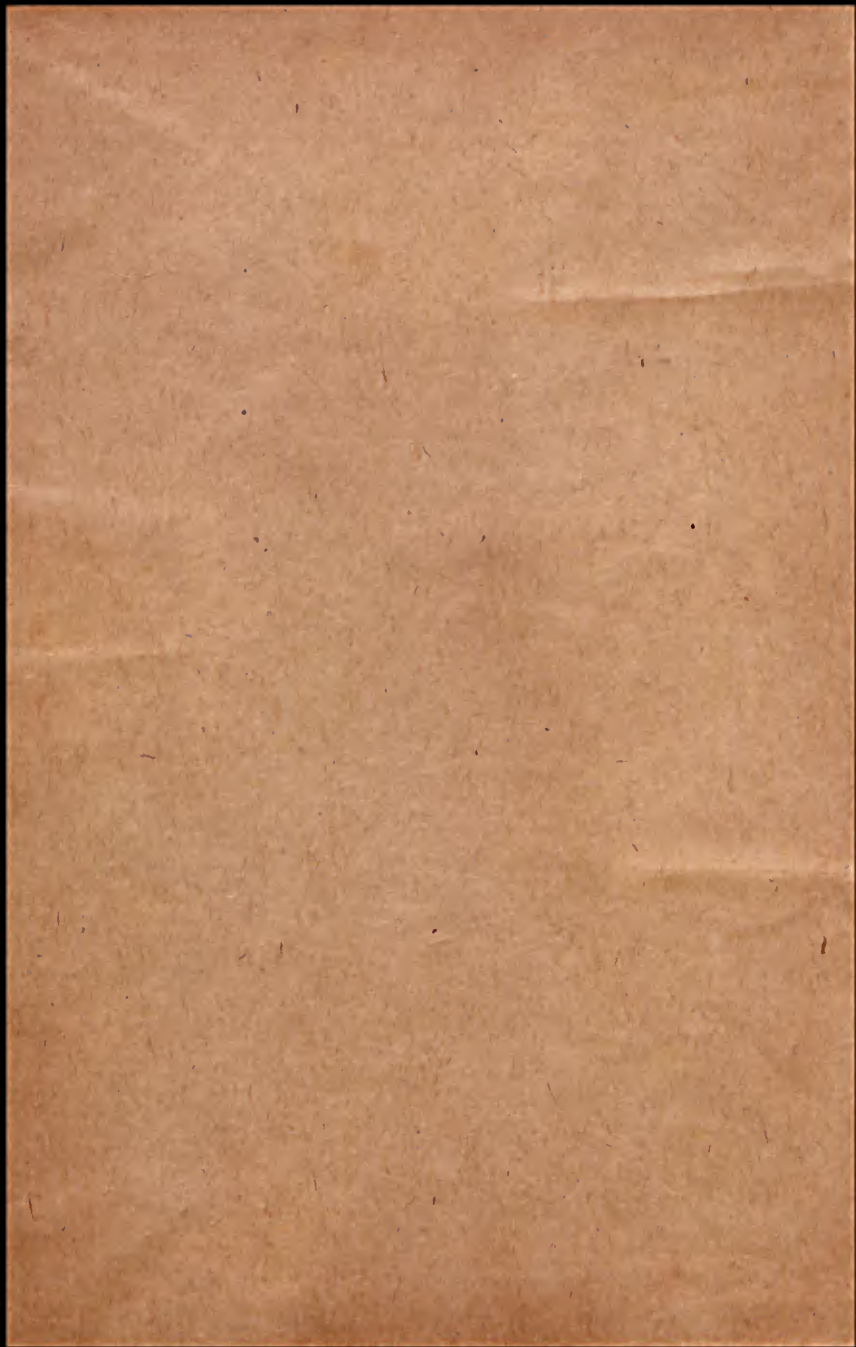
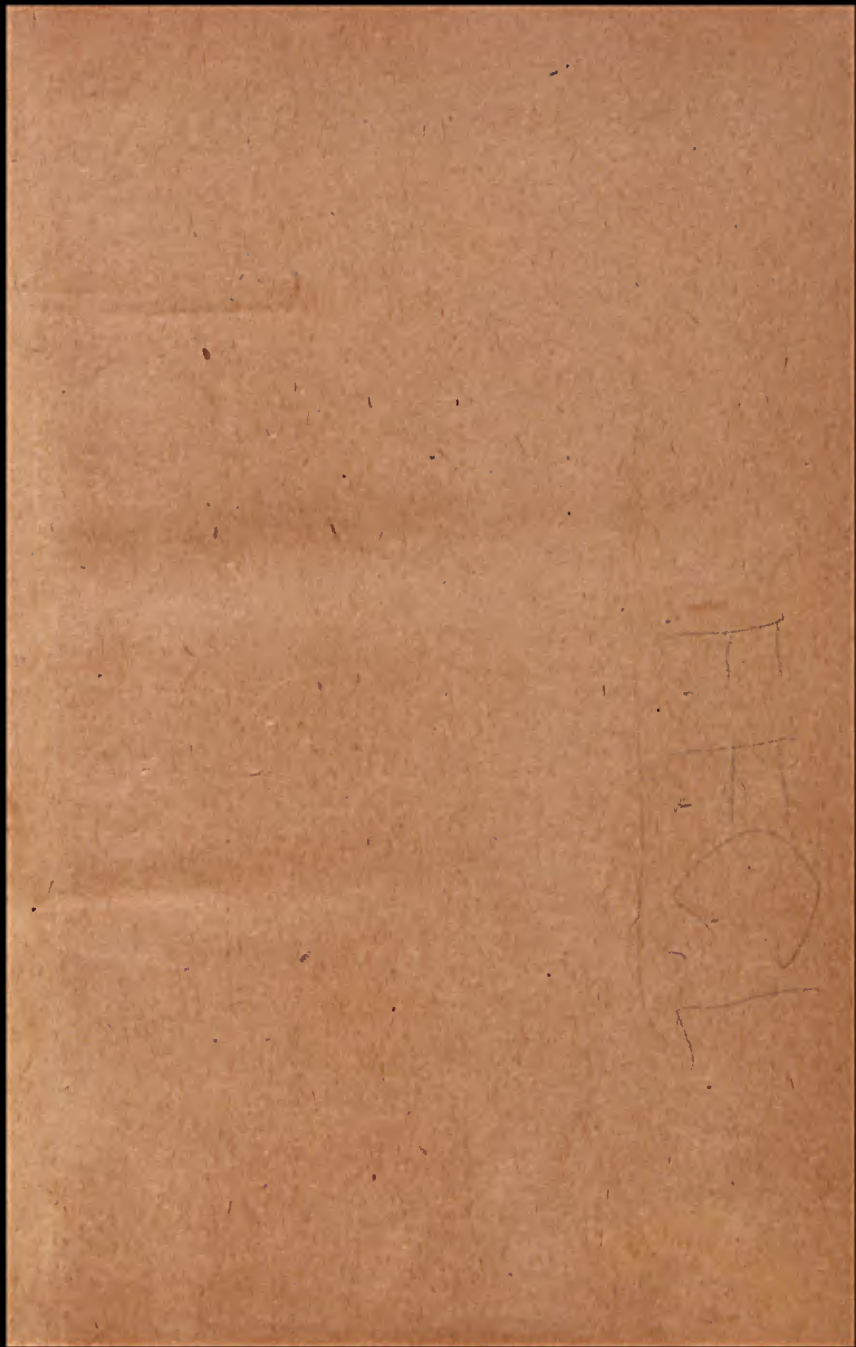
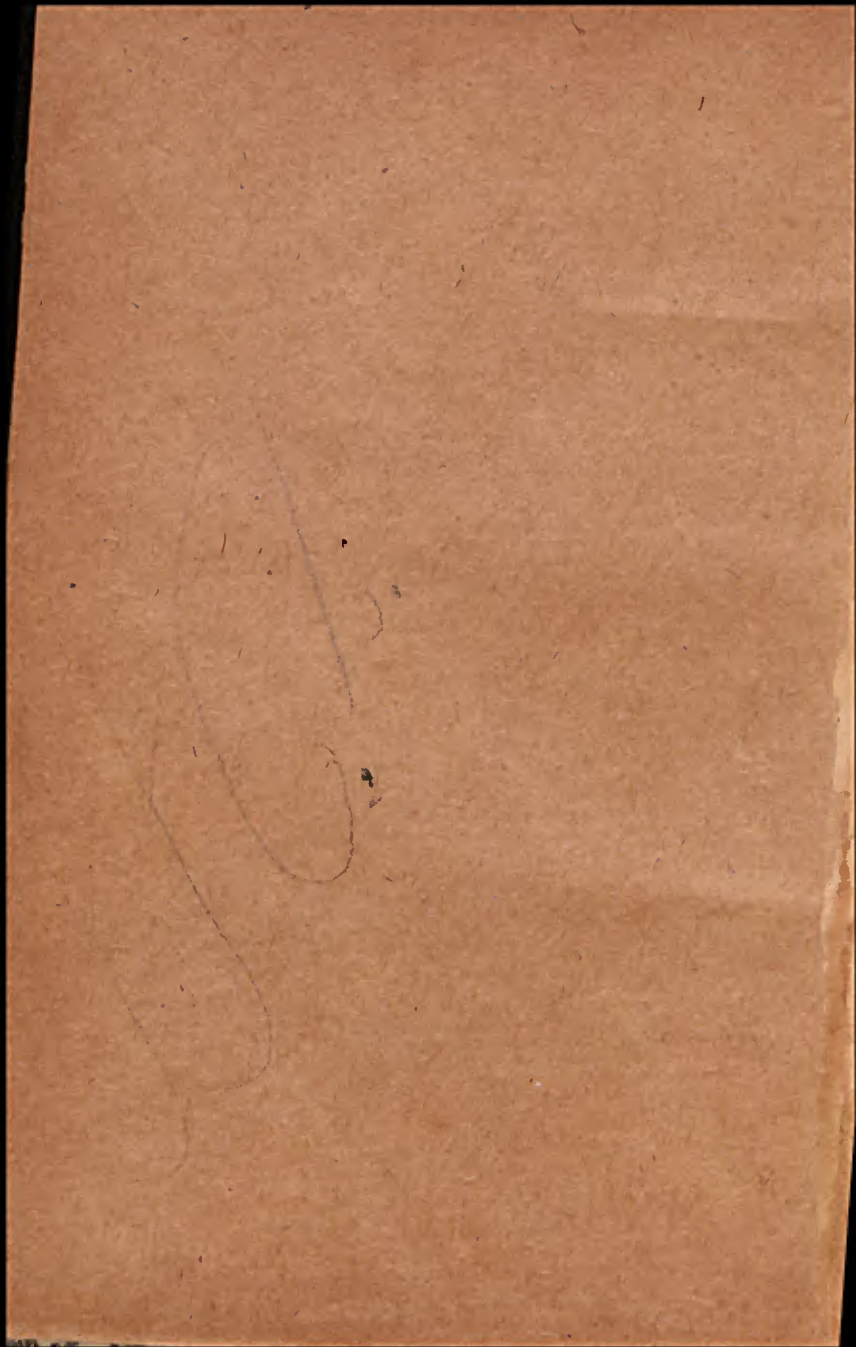


unesp







GRAMMATICA HISTORICA

POR

EDUARDO CARLOS PEREIRA

LENTE CATHEDRATICO DE
GRAMMATICA EXPOSITIVA E GRAMMATICA HISTORICA

DO

Gymnasio do Estado em S. Paulo



00043

L'évolution est la loi maitresse qui régit l'existence des langues; celles-ci, comme tous les organismes, sont dans un perpétuel devenir.

A. DARMESTER.

2.^a edição melhorada



Secção de Obras
d' "O ESTADO DE S. PAULO"
1919

LINGUA PORTUGUESA



OFERTA DA
BIBLIOTECA PÚBLICA
MUNICIPAL
DE S. PAULO

BIBLIOTECA DA F. P. M.	
Data	469509
Tombo	P436g
	Jul

O AUTOR RESERVA-SE O DIREITO DA REPRODUÇÃO
DESTA GRAMMÁTICA, NUMERANDO E ASSIGNANDO POR CHANCELA
TODOS OS EXEMPLARES DESTA EDIÇÃO.

Eduardo Carlos Pereira

Nº 1570

4695
P436g



PROLOGO

Vehiculo da Idéa, é a palavra o mais bello e util apanagio da humanidade. Filha do homem, traz com o homem frisante analogia. Sua orlgem, como a do seu putativo geitor, tem o cunho do mysterio, perde-se na noite remota dos tempos, e offerece ás pesquisas dos sabios indecifrável enigma. Como elle alnda, ella nasce, cresce, adoeece e morre. Em sua propria estrutura, em seus elementos morphologicos, encontra certa classe de glottologos um organismo vivo, e nos fallam da *vida das palavras* e da *vida da linguagem*. Tambem ella tem a sua hlstoria na existencia secular da humanidade. Inearnção do pensamento, ella, qual o homem, não realza isolada sua missão, mas sim em uma como sociedade nos agrupamentos da phrase, onde as palavras se prendem pelos laços de intimas relações na unção de um objectivo commum. E', de facto, no exercicio dessas como funções sociaes, que a palavra cumpre seu nobre destino nas bellezas da arte, nos ensinamentos da selencia, nas espeulações da phillosophia e nos arroubos da religião. Por este motivo o seu estudo deve apresentar-se primacial a todo espirito intelligente. Outras razões, porém, para isto existem.

E' ella o vinculo moral mais poderoso da sociedade, o mais forte instrumento da vida e progresso da familia humana.

Incorporada na lingua patria, a sua cultura se impõe como o elemento mais energico de cohesão naeloual, a expressão mais viva e genuina da indole da raça, da unidade do povo, do seu grau de civilização e da nobreza de seus ideaes.

Mas a lingua, como os individuos, como a humanidade, tem a sua historia, e á luz desta é que se revela a sua verdadeira indole. Esses precedentes hstóricos indispensaveis á sua boa comprehensão, no-los dá a *grammatica historica*, que é a sua biographia. Sobre esta vantagem outras contem o estudo desta materia, que, nestes ultimos tempos, tem tido tão graude lnerimento nas nações cultas: é elle o laço tradicional que nos prende mais intimamente á vida espiritual de nossos antepassados, e que nos dá uma visão mais clara do desenvolvimento do espirito humano, e, ao mesmo tempo, a surpresa em flagrante do progresso psychico de nossa raça.

E', portanto, a todos os respetos, profundamente lastimavel o desamor e incuria que ora reinam no ensino da lingua naelonal, até mesmo nos programmas officiaes. Felizmente, porém, á voz patriotica de um nobre espirito, exilmo burilador do idioma materno, sente-se já o estremeclmento de um Brasil novo, onde a llingua de nossos avós, expressão e clo da homogeneidade

de nossa patria, será tractada com maior carinho e previsão social.

Propellido por essas idéas e sentimentos, pelas conveniências de nossas funcções no Gymnasio do Estado nesta capital, e animado pelo acolhimento que teve o nosso curso de grammatica expositiva, puzemos mão diligente neste trabalho, que ora entregamos recesso á mocidade estudiosa e aos homens de letras do nosso paiz.

Não nos foi, por certo, concedido, nesta arriscada empresa, seguir de rota batida ao ponto collimado. Escasseiam, no geuero, em nossa lingua, estudos systematicos, e entre estes nenhum que satisfaça o programma do 4.º anno de nossos gymnasios sobre grammatica historica.

Nesta emergencia, forçoso era internar-nos pela "selva escura" de nossos escriptores classicos e ante-classicos; pesquisar textos da lingua archaica, média e moderna; colher exemplos e coordená-los; induzir leis e systematizá-las; acompanhar, em summa, a evolução da lingua, procurando nella a explicação dos factos actuaes da grammatica expositiva. Muito colhemos, na basta floresta, porém, muito ha ainda que respigar. Neste afan laborioso soccorremo-nos de amplos subsidios de eruditos cultores de nosso idioma, como — G. Vianna, Dr. Leite de Vasconcellos, Dr. Ribeiro de Vasconcellos, J. J. Nunes, J. Moreira, Dr. Ernesto Carneiro, Mario Barreto, João Ribeiro, Lameira de Andrade, Pacheco Junior e outros. A orientação, porém, de nosso trabalho, a solução dos problemas geraes, que se prendem ao movimento historico das lnguas romanicas, as linhas amplas de nosso compendio, buscámo-las nos mestres da philologia moderna, taes como — Diez, Mayer Lübke, Boureliez, Darmesteter, Bréal, etc.

Do criterio e do methodo, que presidiram á nossa modesta tentativa, é justo tambem que algo digamos.

Em primeiro lugar, serviu-nos de base o antigo programma de grammatica historica do Gymnasio Nacional, que supplementámos e desenvolvemos.

Arrastado pelo desejo de apresentar trabalho mais completo, tivemos de desattender ao escasso horario, que a lei outorga ao 4.º anno para o estudo desta materia.

Todavia, procurámos fazer deste nosso curso o complemento dos cursos antecedentes, de sorte que a *grammatica historica* fosse a cupula do curso gymnasial de portuguez. Do curso elementar e superior tivemos em mira attingir, em circulos concentricos, o actual curso historico. No arcabouço geral do presente compendio e no desenvolvimento particular de cada uma de suas partes, tivemos sempre deante dos olhos o completar, alargar e aprofundar os principios estudados em annos anteriores.

Procurámos na *Introdução* dar os preliminares ao nosso estudo, iniciando o espirito avido e intelligente de nossa mocidade na corrente geral dos actuaes estudos philologicos.

Dadas essas noções geraes, entrámos no estudo da *Phonetica*, acompanhando-a de um exame particular do ceeto tónico, das leis glottleas, e de uma synopse dos metaplasmos historicos.

Terminámos esta primeira parte com alguns capitulos sobre a *Graphica*, onde expuzemos a evolução da escripta, os diversos systemas orthographicos, a refórma de nossa orthographia, seguida de uma critica sobre as ultimas tentativas.

Passámos então á *Morphologia*, onde, após o exame da estrutura voeabular, tocamos na theoria das categorias grammataeas, que foram enearadas sueessivamente em sua genese, funcções, flexões e étymo. Tendo exposto a mobilidade do lexico, os dialectos e codialectos, fizemos breve estudo eomparativo entre o portuguez do Brasil e o de Portugal. Em seguida, estudámos a formação do lexico, os processos de *derivação* e *composição*, e os elementos extrangeiros, que, no andar dos seculos, contribulram para o enriquecimento de nosso voeabulario.

Firmado prinelpalmente nos emlnentes glottologos Darmester, Whitney e Bréal, encerrámos esta segunda parte com um estudo eomplementar de *Semantica*.

Finalmente entrámos na ultima parte da grammatica, a *Syntaxe*. Auxillado pelos estudos geraes de Diez, M. Lübke e Brugmann, e pelos subsidios particulares de J. Moreira, applleámos diligentes esforços ao estudo da phrase documentada nos monumentos de nossa literatura. — Expuzemos o plano da phrase neo-latina e de seus proecessos syntaetleos em eomparação eom o latm, o periodo grammatical e as proposições de que se eompõe, terminando por um estudo mais ou menos desenvolvido sobre a sytaxe historica de cada uma das categorias grammataeas. Dando a este ponto espeeial culdado, procurámos resolver certas dificuldades de grammatica expositiva, como sejam — o emprego do gerundlo e o do infinito pessoal, etc.

No estado aetual de eonhecimento de uossa lingua, faell é passar prata falsa como verdadeira, mormente na syntaxe. Basta para isso um poueo de dogmatismo magistral, e talvez, um ou dois exemplos, que sempre os ha. Com intuito de evitar esse perigo, avolumámos nosso estudo com citações, que pareceriam excessivas, mas que levam o desejo honesto de nos documentar suffleentemente perante nossos leitores studiosos.

Ahi fica o ligeiro esboço de nosso trabalho. Se a execução correspondeu á applicação carinhosa e laborioso esforço, que lhe demos, não o sabemos nós; sabemos, entretanto, que deslises, senões e erros deve de havê-los numerosos. A critica, porém, e as adverteneias de illustrados e bondosos colegas nos auxiliarão a escolmá-los de futuro. — *Nam velle, adjacit mihi: perficere autem bonum, non invenio.*

S. Paulo, dezembro de 1915.

O AUCTOR.

ABREVIATURAS

A. H.	—	Alexandre Herculano
A. C.	—	Antônio Feliciano de Castilho
L. C.	—	Latino Coelho (José Maria)
R. S.	—	Rabello da Silva
G.	—	Garrett (J. B. da S. L. d'Almeida)
C. C. B.	—	Camillo Castello Braneó
F. Elys.	—	Filinto Elysio (F. M. do Naselmento)
G. D.	—	Gonçalves Dias (Antonio)
O. M.	—	Odorico Mendes
A. V.	—	Padre Antonio Vieira
A. P.	—	Padre Antonio Pereira de Figueiredo
M. B.	—	Padre Manoel Bernardes
Barros	—	João de Barros
Souza	—	Fr. Luiz de Souza
C.	—	Camões (Luiz de)
S. de M.	—	Sá de Miranda
G. V.	—	Gil Vicente
F. M. P.	—	Fernão Mendes Pinto
F. Lopes	—	Fernão Lopes
D. Góes	—	Damião de Góes
H. P.	—	Heitor Pinto
Arraiz	—	Amador Arraiz
G. Rez.	—	Garcia de Rezende
A. Ferr.	—	Dr. Antonio Ferreira
Paiva	—	Diogo de Paiva
B. Rib.	—	Bernardim Ribeiro
D. Vieira	—	Domingos Vieira (Diccionario)
Darm.	—	Darmsteter (Arsène)
E. Dias	—	Epiphanio Dias.

Chrest. Arch. = Chrestomathia Archaica, de J. J. Nunes; *T. Arch.* = Textos Archaicos; *Q. de Port.* = Questões de Portuguez, de A. Coelho; *Vern.* O Antigo Vernaculo, do Dr. Silvio de Almeida; *J. de Guillh.* = João de Gullhade, de Oscar Nobbling; *Palm.* = Palmeirim de Inglaterra, Chronica de Francisco de Moraes; *T. Red.* = Tavola Redonda, Memorial de Proezas da Segunda —, de Jorge F. de Vasconcellos; *Euphr.* + osina, *Mon* + asticon de A. H., *L* + endas e *N* + arrativas, *H* + istoria de *Port.* + ugal de A. H., *Q.* + uadros *Hist* + oricos de Antonio de Castilho.

A flexa indica procedencia etymologica (*fatum* \rightsquigarrow *fado*, *fado* \leftarrow *fatum*), = igual a; + mais, *v* + elho, *port.* + uquez, *b.* + aixo, *lat.* + im, ou + inidade, *fr.* + ancez, *it.* + alliano, *hesp.* + anhol, *gr* + ego, *hebr.* + aico, *vern* + aculo, etc.

INTRODUÇÃO

1. A **Grammatica** tem intima relação com a *Glottologia* e com a *Philologia*, e todas com a *Linguagem*. Convem preliminarmente determinar essas relações, estudando, em sucinto esboço, a natureza da Linguagem, o domínio e a historia da Glottologia e da Philologia.

CAPITULO I

LINGUAGEM

2. **Linguagem** (*lingua+agem*) é o conjuneto dos signaes de que intencionalmente nos servimos para a communição de nossas idéas e pensamentos. A linguagem propriamente dita é, no sentir de Whitney e outros glottologos, exclusiva do homem, é o seu apanagio, a sua faculdade entre todos os animaes. E' apenas por uma extensão analogica que se falla na *linguagem dos animaes, das flores, etc.*

3. E como a linguagem é um conjuneto de signaes, dá-se-lhe o nome de *semica* (gr. *sêma=signal*).

4. A linguagem ou semica classifica-se, quanto á natureza dos signaes, em — *glottica, graphica e mimica*.

5. **GLOTTICA** (gr. *glotta=lingua*), é a linguagem articulada, eujos elementos são as palavras falladas, compostas de *phonemas*, “de movimentos acusticos de expressão”.

6. **GRAPHICA** (gr. *graphô=escrevo*), é a linguagem escripta, desenhada ou gravada no papel, madeira, pedra ou metal.

7. Antes de se inventar o *aphabeto phonetico*, era a escriptura ou escripta dos povos antigos *symbolica*, onde a *idéa* era tropologicamente representada por um *symbolo*



apropriado em vez de ser expressada pela palavra. Taes eram os *hieroglyphos* do antigo Egypto e os *caractères cuneiformes* de Babylonia.

8. MIMICA (gr. *mimos*=*farça*, *representação*) é a linguagem de acção; gesticulada, produzida por movimentos expressivos do corpo, por expansão ou contracção dos musculos da face, “movimentos opticos de expressão”. É a linguagem dos surdos-mudos, e um subsidio poderoso da *glottica*. Sem a *mimica* a *linguagem fallada* perderia em força e vigor, e a palavra seria apenas o pallido reflexo do pensamento.

9. Convem não confundir *linguagem* e *lingua*, se bem que se empregue frequentemente uma pela outra. Não obstante a sua synonymia, esta se discrimina daquellea como a especie do genero.

10. *Linguagem* é termo muitas vezes empregado em sentido abstracto, como faculdade de expressão racional, e outras em sentido conereto, como systema de signacs conscientes, de que se serve o homem para exprimir suas idéas e sentimentos.

11. *Lingua* é “todo systema natural de *palavras* de que se servem grupos de homens para communicarem entre si seus pensamentos. Abrange este systema quatro ordens de factos: a pronuncia, o lexico, as fórmãs grammaticaes, as construcções syntacticas”. (Darrest).

A lingua é, pois, a expressão correctã e especificã do pensamento, as fórmãs concretas da linguagem.

12. Entre essas fórmãs concretas e historicas da linguagem, notam-se trez categorias — *linguas vivas*, *mortas* e *extinctas*.

13. *Lingua viva* é a que ainda hoje serve de organ de communicacão entre os individuos de uma nação ou tribu, como — o *portuguez*, o *inglez*, o *guarani*, etc.

14. *Lingua morta* é a que não é mais fallada por povo ou tribu alguma, e que apenas sobrevive em documentos escriptos, como o *latim*, o *hebraico*, o *sânskrito*, etc.



15. *Lingua extincta* é a que se extinguiu sem deixar de si memoria documental, como o *proto-aryco*, o *etrusco*, o *celta*, etc.

CAPITULO II

GLOTTOLOGIA

16. Discute-se ainda o nome desta nova sciencia. Chamam-lhe alguns — *sciencia da linguagem*, outros *linguistica*, *philologia comparada*, *glossologia* e *glottologia*. Com Max-Müller damos preferencia a esta ultima designação.

17. **Glottologia** (gr. *glôtta* ou *glossa*=*lingua*) é a sciencia que tem por objecto a origem, desenvolvimento e classificação da linguagem, quer considerada em abstracto, quer em concreto.

I. ORIGEM DA LINGUAGEM.

18. Na pesquisa da origem da linguagem dois periodos se devem extremar: — o *periodo historico* e o *periodo pre-historico*.

1.º *Periodo historico.*

E' o periodo documental das linguas, em que o glottologo pôde estudar o desenvolvimento destas nos documentos escriptos, nos archivos do passado, escapos á acção destruidora do tempo. Este periodo historico estende-se naturalmente até os mais antigos documentos das linguas antigas, exhumados das ruinas de Babylonia e dos monumentos egypciacos.

2.º *Periodo pre-historico.*

Este periodo recua do ponto onde cessam os documentos escriptos até a origem do homem. E' um periodo indeterminado, no qual fallecem á Glottologia dados para investigações scientificas, não só quanto ao desenvolvimento, mas tambem quanto á origem da linguagem.

Sobre elle escreve Whitney: "Já havemos dicto que não está ao alcance do linguista formar uma conjectura plausivel em relação ao tempo em que apparecem os primeiros

germes da linguagem, e em relação á duração dos periodos consagrados a seu desenvolvimento.”

De facto, não só fallece aos glottologos o *criterium* para assignalar o ponto inicial da linguagem, mas ainda para conhecer a natureza desses germes primitivos.

Mais á philosophia que á glottologia, como observa A. Dauzat, pertencem taes indagações.

19. CONJECTURAS SOBRE A ORIGEM DA LINGUAGEM. — Para alguns a linguagem tem origem interjectiva — a *interjeição*, expressão instinctiva de subitaneas paixões, é a manifestação primitiva da linguagem. O primeiro grito de dôr ou rugido de colera do homem primitivo, repetido pelos companheiros de tribu, é, — imagina Whitney — o embryão inicial do dom admiravel, que caracteriza o homem.

Para Herder tem a linguagem origem onomatopáica: a *onomatopéa* ou a imitação dos gritos dos animaes e dos ruidos da natureza, fornece os primeiros elementos da linguagem.

São todas hypotheses, mais ou menos imaginosas, que estão longe de fornecer solução ao importante problema da origem primitiva da linguagem humana. Deante da difficuldade de explicar-se esse inicio mysterioso, vedado por ora ás pesquisas da sciencia, acreditam Bunsen e Max Müller na necessidade da intervenção divina para a aquisição inicial da linguagem; negam-na outros, e entre estes Renan, que, no entanto, acaba por dizer que “a linguagem surgiu sob a viva impressão da Divindade”, devendo ser ella considerada divina e humana.

A Biblia, narrando a criação do homem, deixa aberto o campo das investigações glotticas, quanto ao modo da aquisição da linguagem; apresenta, todavia, Adão, o primeiro homem, já senhor della, dando nome aos animaes e entoando um hymno de admiração ao contemplar pela primeira vez a bella companheira extrahida de seu lado. Gen. II. 19, 20, 23.

20. LOCALIZAÇÃO DA FACULDADE DA LINGUAGEM. A localização da faculdade da linguagem na terceira circumvolução frontal do hemispherio esquerdo do cerebro, preconizada por Hovelacque, é mera hypothese do physiologista



Broca, “que está longe de ser demonstrada scientificamente”, como affirma o illustre professor da Universidade de Palermo, Giacomo di Gregorio, em seu “Manual da Linguagem”.

II. DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM.

21. Quanto ao desenvolvimento ou evolução da linguagem, parte importante da Glottologia, o seu estudo é o objecto da grammatica comparada, de que fallaremos mais adiante.

Aqui diremos apenas que o aspecto estrutural, que apresentam as linguas, levou muitos glottologos, como Max Müller e Adolpho Coelho, a ererem que a linguagem tem passado, no curso de sua evolução historica, por trez phases ou periodos successivos: o *embryonario*, o *synthetico* e o *analytico*.

1.º O periodo *embryonario* ou *pathognomonic* é aquelle em que a expressão dos sentimentos assume a fórma elemental de vozes interjeectivas, de *monosyllabos*, que se vão poueo a poueo elevando á expressão de idéa, e constituindo as *raizes*, elementos primordiacs das linguas.

2.º O periodo *synthetico* é aquelle em que as raizes se agglutinam para a construeção de systemas morphologiceos, mais ou menos complexos, taes como os que vemos reflectir no sânskrito, no grego e no latim.

3.º O periodo *analytico* ou da deeadencia morphologiea é aquelle em que as expressões *syntheticas* do periodo anterior, taes como — *vita corporis*, *amari*, se resolvem nas *analyticas* — *a vida do corpo*, *ser amado*.

Esta hypothese de triplice estadio na marcha evolutiva da estrutura glottica, sustentada por Curtius, Max Müller e A. Coelho, é fortemente contestada pôr Pott, Renan e Sayce.

III. CLASSIFICAÇÃO DAS LINGUAS.

22. Quanto á classifieação, a Glottologia distribue as linguas em *grupos* ou *familias*, de accordo côm o principio de classifieação adoptado.

Quatro são as principaes classifieações adoptadas: a *geographica*, a *ethnologica*, a *morphologica* e a *genealogica*.



1.^a A classificação *geographica* agrupa as linguas pelas regiões do globo, em que são falladas: as linguas da Europa, da Asia, da Africa, da America e da Oceania. Deante das migrações e entrelaçamento dos povos, tal classificação não tem valor scientifico.

2.^a A classificação *ethnologica* as distribue pelas raças, que as fallam. Desde que actualmente as linguas não coincidem com as raças, tal classificação não leva vantagem á anterior.

3.^a A classificação *morphologica* reúne-as pela estrutura de seus vocabulos. Tem esta classificação uma base mais estavel e racional. São trez os grupos morphologicos, que correspondem á triplice phase evolutiva, de que ha pouco tractámos: o *monosyllabico*, o *agglutinante* e o *flexivo*.

a) O primeiro grupo é formado pelas linguas chamadas *monosyllabicas*, *isolantes* ou *radicacs*, em que as palavras são monosyllabos isolados, denominados *raizes*, que muitos glottologos suppõem serem o ponto de partida de todas as linguas, como acima dissemos.

b) O segundo grupo é constituido pelas linguas chamadas *agglutinantes* ou *agglutinativas*, em que as raizes se agglutinam para formar a palavra, guardando, entretanto, sua integridade syllabica.

Distinguem-se neste grupo, como ramificação especial, as linguas americanas, onde a incorporação se estende á phrase, reunindo "em uma só palavra o sujeito, o objecto e todas as outras possiveis determinações da idéa". Chamam-se as linguas desta *extensão* agglutinativa — *poly-syntheticas*, *olophrasticas* ou *incorporantes*. Exemplo dessa tendencia incorporativa das linguas deste grupo, encontramos no portuguez, quando o objecto pronominal se incorpora ao verbo, por. ex.: *amallo* (*amal-lo*, *amá-lo*). Abre excepção, segundo C. T. Hartt, ao polysynthetismo americano o *tupi-guarani*.

c) O terceiro grupo é constituido pelas linguas chamadas *flexivas*, *organicas* ou *amalgamantes*, em que os ele-



mentos aglutinados se flexionam ou se modificam para exprimirem os accidentes da idéa.

Desta classificação *morphologica* damos o seguinte schema:

LINGUAS	{	monosyllabicas, isolantes ou radicaes	{	chinez annamita siamez tibetano
		aglutinantes ou aglutinativas	{	hottentote-boximane malalo-polynésico uralo-altaico
		flexivas	{	indo-europeu semítico

4.^a A classificação *genealógica* agrupa as linguas em *familias* pelas relações de parentesco, em virtude de se derivarem de um tronco commum. Nesta classificação existe uma base estavel e scientifica. De accordo com ella, admite a generalidade dos glottologos as oito *familias* abaixo especificadas:

- | | |
|-------------------|----------------------|
| 1. Indo-européa | 5. Uralo-altaica |
| 2. Semítica | 6. Malaio-polynésica |
| 3. Khamítica | 7. Dravidica |
| 4. Cafre ou bantu | 8. Indo-chineza. |

Destes oito typos da linguagem humana, que encerram, segundo se presume, todas as linguas falladas pela familia humana, sobresaê o grupo *indo-europeu*, tambem denominado *indo-germanico* ou *aryco*, que mais de perto nos interessa e mais estudado tem sido.

Este grupo das linguas arianas offerece o aspecto de uma arvore gigantesca, cujos galhos extremos tocam na India e na Europa occidental. Ella se desdobra por isso em dois grandes ramos — o *asiatico* e o *europeu*.

à) O *asiatico* comprehende dois *sub-ramos*:

1) o *indico*, que incluye: o *antigo indico* ou *sânskrito* (*vedico*, *epico* e *classico*, sendo este chamado *sânskrito* em sentido restricto), o *indico medio* ou *prâkrito*, e o *neo-indico*, que comprehende cerca de nove linguas e numerosos dialectos;

2) o *iranico* ou *persico*.

b) O *europaeu*, que abrange seis *sub-ramos*: o *italico*, o *hellenico*, o *celtico*, o *germânico*, o *slavo* e o *lettico*.

O sub-ramo *italico* proliferou em sete linguas, denominadas *linguas romanicas*, *neo-latinas*, *novo-latinas* ou *novi-latinas*, que, segundo Mayer Lüke, são: *italiano*, *francez*, *provençal* (antigo), *hespanhol*, *portuguez*, *rumeno* e *rhetico*.

As áreas geographicas por ellas occupadas na Europa são: a) Ao sul, na peninsula Italica, o *italiano*; b) ao sudeste, na peninsula Iberica, o *hespanhol* e o *portuguez*; ao occidente, na França, o *francez* e o *provençal*; c) no centro, no cantão dos Grisões na Suissa, nas montanhas do Tyrol e no Frioul, fronteiras da Austria, o *rhetico* ou *rhetoromano* (451.000 h., ap. Boureiez); d) ao oriente, entre a Russia, Turquia e Bulgaria, na Rumânia, o *rumeno* (9.500.000 h., iñ.). Cumpre advertir que as quatro linguas principleiras desta familia latina (*italiano*, *hespanhol*, *portuguez* e *francez*) teem largamente augmentado a área linguistica pela emigração e colonização. Damos em seguida o eschema da arvore aryana.

INDO-EUROPEU	asiático	{	1 indico	{	portuguez
		2 iranico	hespanhol		
	européu	{	3 italico	{	francez
			4 hellenico		provençal
			5 celtico		italiano
			6 germanico		rumeno
			7 slavo		rhetico
			8 lettico		

23. **Problemas.** Dois problemas, além de outros, aguardam ainda solução dos glottologos: um diz respeito á *origem* primordial das linguas, e outro á *natureza* da nova sciencia linguistica.

a) Quanto á *origem*, sustentam alguns o *monogenismo* linguistico, isto é, que todas as linguas se originaram de uma lingua-mãe primitiva, como a familia indo-européa se originou do *proto-aryco*. O *monogenismo* das familias linguisticas coincide com o monogenismo da familia humana, oriunda de um só par, segundo a Biblia. A linguistica do



sec. XVII e XVIII occupou-se largamente em determinar a lingua primitiva, opinando, em geral, pelo *hebraico*, lingua sagrada do V. T. Reagiu o genio de Leibnitz contra taes indagações, proclamando a necessidade do methodo inductivo no estudo scientifico das linguas. — Outros, com Hovelacque, sustentam o *polygenismo* linguistico, que deve coincidir com o polygenismo das raças humanas, apregoado por alguns anthropologos.

• Whitney e outros mostram claramente que o problema está ainda aberto ás investigações da sciencia. Em 1905, Alfredo Trombetti, prof. ordinario da Universidade de Bolonha, Italia, publicou uma obra intitulada — *L'unità d'origine del Linguaggio*, em que julga ter resolvido o problema no sentido do monogenismo, donde conclue: *Tutti gli uomini appartengono ad una specie e sono realmente fratelli.*

b) Quanto á *natureza* da Glottologia, ensinam uns, com Schleicher, Max Müller, Hovelacque, que é ella uma sciencia *natural*; ao passo que outros, com Whitney, Steintal e A. Coelho affirmam que é uma sciencia *historica*. A controversia mostra que a Glottologia offerece á analyse elementos que se prendem ora a um, ora a outro desses dois dominios.

CAPITULO III

PHILOLOGIA

24. **Philologia.** (gr. *philos*=*amante*, *logos*+*ia*=*discurso*, *palavra*) é a sciencia que tem por objecto o estudo critico da literatura de um povo, ou da literatura de uma época, e da lingua que lhes serviu de instrumento. Dahi dois aspectos principaes da Philologia — o *literario* e o *linguistico*.

25. O fim desta sciencia é a analyse e a synthese dos documentos literarios, que ella estuda *systematicamente* em todos os seus aspectos. O estudo da respectiva lingua, se bem que de visceral importancia para a critica dos documentos literarios, não é o fim da sciencia, mas apenas o



meio indispensavel. Além desse meio, recorre a Philologia a outras sciencias subsidiarias, taes como a *historia*, a *archeologia*, a *ethnologia*, a *mythologia*, etc.

26. Quando a Philologia tem por objecto o estudo comparativo das literaturas de dois ou mais povos, chama-se *Philologia comparada*, como, por ex., o estudo comparativo das literaturas classicas do grego e do latim, das literaturas germanicas, romanicas ou neo-latinas.

27. O estudo practico, mais largo e profundo, dos idiomas antigos e modernos, já provocado por Leibnitz, e modernamente desenvolvido, fez com que a Glottologia se desagregasse da Philologia, especializando-se em sciencia propria, no primeiro quartel do seculo passado.

28. COMO A GLOTTOLOGIA SE SEPAROU DA PHILOLOGIA.

Damos em seguida rapido esboço historico do facto declarado no paragrapho antecedente. Vasco da Gama, o heroe dos Lusíadas, navegante portuguez, abriu, ao findar do sec. XV, o desejado caminho das Indias, e patenteou ao commercio europeu as riquezas do Oriente.

Já em 1585, Filippo Sassetti, nobre mercador florentino, havia notado, em uma carta datada de 17 de janeiro desse mesmo anno, semelhanças entre nomes da lingua italiana e certos nomes da lingua fallada na India. No começo do seculo seguinte, um outro italiano, Roberto de' Nobili da Montepulciano, missionario jesuita, estudou profundamente a literatura e a lingua sagrada da India, o sânscrito, (lingua sábia), lingua admiravel pela sua estrutura regular, idioma dos livros sagrados, os Vedas, "da poesia lyrico-religiosa, da epopéa e da philosophia indiana". Em 1664, um missionario allemão, Heinrich Roth, tornou-se tão versado em sânscrito, que podia entrar em controversia com os brahmanes. Um missionario jesuita, que permaneceu na India de 1699 a 1792, foi o primeiro europeu que escreveu uma grammatica do sânscrito e compoz um dicionario malabar-sânscrito-portuguez. Outros, allemães e francezes, notaram analogias entre o sânscrito e outras línguas congeneres, e forneceram preciosas informações sobre a lingua, a literatura, a religião e a philosophia da India.



Finalmente, o Padre Coeurdoux, encarregado pelo sabio Barthélemy de redigir uma grammatica e um dictionario do sânskrito, em uma memoria lida em 1768, e só publicada quarenta annos depois, expõe a affinidade entre o sânskrito, o grego e o latim, e conclue pelo parentesco original dos indios, dos gregos e dos latinos. Em 1783 chegou á India o inglez Mr. William Jones, e perante a “Sociedade Asiatica de Calcuttá”, por elle fundada, declarou, em 1786, que a lingua sânskrita era admiravel em sua estrutura; mais perfeita que o grego, mais rica que o latim, mais melodiosa que ambas, e que a ellas se relacionava por uma tão grande analogia, tanto nas raizes dos verbos como nas fórmulas grammaticas, que nenhum philologo podia examinar essas trez linguas sem concluir que eram oriundas de uma fonte commum.

Deante desse novo mundo descoberto, na expressão de um illustre pensador, surgiu uma pleiade de illustres allemães, taes como Frederico e Guilherme Schlegel, Guilherme Humbolt, Jacob Grimm, Pott, Schleicher, Curtius e Benfey, que se applicaram aos estudos linguisticos e forneceram importantes subsidios para a explicação do phenomeno assinalado por Coeurdoux e W. Jones.

A Franciseo Bopp (1791-1867), porém, eminente philologo allemão, eabe a gloria de fundador da sciencia glottologica pela demonstração da unidade das linguas aryanas ou indo-européas, effectuada em seu *Systema de Comparação* (1816), e em sua *Grammatica comparativa* (1833—1852).

A eschola boppiana dá a agglutinação como a origem das flexões. As linguas não se formam por um processo de germinação, mas por juxtaposição dos elementos.

Uma nova eschola de linguistas, porém, iniciada pelo prof. Leskien, de Leipsic, e seguida por Brugmann, Osthoff, Paulo e outros, e por alguns dos chamados *neogrammaticos*, ergue-se em opposição a muitas theorias da eschola de Bopp, dando proeminencia á alteração phonetica e á analogia na formação das linguas.

Evolvida dos estudos philologicos das literaturas classicas, a Glottologia tem de commum com a sua irmã primogenita, a Philologia, o estudo das linguas; mas ao passo

que esse estudo é um *meio* para a Philologia, é um *fim* para a Glottologia.

Estabelecendo Schleicher, neste ponto, a differença entre uma e outra, compara a Glottologia com o botânico e a Philologia com o jardineiro. Applicam ambos a sua actividade ao mesmo jardim; porém o botânico tem um fim scientifico em vista, e o jardineiro um fim artistico e utilitario. Assim a Glottologia estuda as linguas com um mero fim scientifico, e toda lingua, tenha ou não documentos escriptos, cae dentro de suas pesquisas; enquanto a Philologia estuda as linguas com o fim pratico de explicar e caracterizar os seus documentos literarios, e, portanto, só as linguas que possuem esses documentos podem ter philologia.

CAPITULO IV

GRAMMATICA

29. A *Grammatica* (gr. *grammatikê*, de *gramma*=*letra*) é um ramo importante da Glottologia e um subsidio indispensavel da Philologia. Em sua accepção generica, é ella a sciencia da palavra, que estuda em seus multiplos aspectos — em sua origem, formação, metamorphoses, sentido e relações.

30. Quatro são os aspectos fundamentaes do estudo da grammatica, que são: o geral e o particular, o historico e expositivo: grammatica geral e particular, grammatica historica e expositiva.

31. *Grammatica geral* é a grammatica comparada, que estuda os factos linguisticos communs a todas as linguas ou a um grupo de linguas congeneres. Por isso, a Grammatica póde ser geral em sentido *amplo* e em sentido *restricto*.

32. Grammatica geral em sentido *amplo* é a que tracta de questões pertinentes a todas as linguas. “Uma grammatica universal — escreve Giacomo di Gregorio, prof. da Universidade de Palermo — é tão inadmissivel como uma fórmula universal das constituições dos Estados, ou uma fórmula geral de plantas e animaes”. Entretanto, ha certas questões geraes, communs a todas as fórmulas da



linguagem, que podem ser objecto de uma grammatica geral no sentido amplo, taes as formuladas por A. Coelho: “Ha artigos em todas as linguas? Ha verbos em todas as linguas? São as palavras formadas em todas as linguas por meio de raizes e suffixos?”

33. Grammatica geral em sentido *restricto* é a grammatica comparativa, que estuda os factos linguisticos communs a um grupo de linguas congeneres, tal como a “Grammatica das linguas romanicas” de Frederico Diez, a “Grammatica comparada” das linguas aryanas de F. Bopp.

34. *Grammatica particular* é a que tem por objecto de seu estudo os factos de uma lingua em particular, ou em uma dada época, ou no decurso de sua historia.

35. *Grammatica historica* é a que estuda a origem e evolução de uma lingua no tempo e no espaço. O seu methodo é sempre o methodo *historico-comparativo*, versando a comparação das fórmas grammaticaes, não só com as transformações parallelas das linguas affins, mas ainda com as transformações successivas da mesma lingua.

36. *Grammatica expositiva, descriptiva* ou *practica* é a que se limita a expor ou a descrever, para fins practicos, os factos da lingua na época actual.

37. CORRENTES E METHODOS HISTORICOS NO ESTUDO DA GRAMMATICA. Trez correntes tem, em geral, caracterizado o estudo da Grammatica no decurso dos seculos: — a *physiologica*, a *philosophica* e a *historica*.

1.^a A corrente *physiologica* transparece na India em antiquissimos tempos. Ahi os velhos grammaticos do sâns-krito deram attenção á physiologia dos sons, e deixaram sensatas observações sobre a formação dos phonemas.

2.^a A corrente *philosophica* apparece entre os grammaticos gregos, latinos e medievaes. Tal orientação dominou exclusiva até o seculo passado, dando origem ás grammaticas philosophicas do sec. XVII e do sec. XVIII. Nesta corrente as theorias grammaticaes eram, em regra, subordinadas a concepções *à priori*, e de leis arbitrarias desciam os grammaticos a factos violentados ou imaginarios. Em



vez de subirem da observação dos factos linguisticos á indução das leis glotticas, faziam da lingua apenas uma exteriorização da psychologia e da logica, desconhecendo, por completo, o genio da linguagem e a autonomia da grammatica. Devido ao predominio secular desta corrente e á intima relação que ha realmente entre a linguagem e o pensamento, ainda hõje vae larga a confusão da logica com a grammatica. "A linguagem tem a sua logica, escreve M. Bréal; mas é uma logica especial, de alguma sorte profissional, que não se confunde com aquella a que damos ordinariamente este nome."

3.^a A corrente *historica* surgiu na primeira parte do seculo passado com os glottologos allemães.

Bacon e Descartes (sec. XVII) haviam aberto á sciencia uma nova era, com a *observação e experimentação* do methodo inductivo. A Grammatica seguiu a nova rota. Já Leibnitz havia indicado esse caminho novo no estudo da linguagem. A necessidade de irem os glottologos buscar nos factos reaes das linguas os elementos da nova sciencia, veio abrir aos estudos grammaticaeas uma orientação mais racional e fecunda. Deixou então a Grammatica de ser o leito de Proeusto da lingua, para ser o repositorio dos factos observados e systematizados; e o grammatico deixou de ser o alchimista, que extrahia das retortas da Logica os factos da linguagem, para seguir a rota fecunda das sciencias naturaes, patenteada pelo methodo inductivo da moderna orientação scientifica. Em vez de partir do pensamento para os factos glotticos, segue hoje eaminho mais racional, partindo destes para aquelle. A introdução da corrente *historica* nos estudos grammaticaeas, levou os grammaticographos á observação e comparação dos factos da lingua em todos os seus aspectos, restaurando-se dest'arte os estudos dos antigos grammaticos da India sobre o mechanismo physiologico da linguagem.

A Grammatica hoje deve conter a synthese das trez correntes.



GRAMMATICA HISTORICA

— DA —

LINGUA PORTUGUEZA

38. *Grammatica historica* da lingua portugueza é o estudo da origem e evolução do portuguez no tempo e no espaço.

E como a lingua portugueza não é mais que a lingua latina transportada para a faixa occidental da Hispania pelos soldados e colonos romanos, e transformada no decorrer dos seculos, a *Grammatica historica* nos explana as circunstancias historicas e as leis dessa transformação lenta do latim na lingua vernacula.

39. O seu estudo divide-se naturalmente em trez partes, chamadas — *Phonologia*, *Morphologia* e *Syntaxe*.

40. Estas trez partes da *Grammatica* encerram os trez aspectos fundamentaes em que a palavra pôde ser estudada na expressão completa do pensamento.

41. Cada um desses aspectos pôde ser encarado em uma época determinada ou na successão das épocas. Dahi a distincção entre *grammatica expositiva* e *grammatica historica*. Esta estuda a lingua no tempo, isto é, nas épocas successivas de sua vida historica; aquella no espaço, na região ou regiões em que ella é actualmente fallada.

42. A *Grammatica historica* baseia-se na circumstancia de jamais se estacionar a lingua viva na bocca do povo, mas de soffrer continuamente alterações em todos os seus elementos, quer *lexeologicos*, quer *syntacticos*. A esta transformação lenta e continua das linguas vivas dá-se o nome de *evolução historica* ou *metamorphismos* da linguagem.



43. A evolução de uma lingua não se opera arbitrariamente, a capricho das multidões, mas sob o imperio de leis glotticas, que, na inconsciencia popular, regem o destino das linguas.

44. A *Grammatica historica* do portuguez é a chave da *Grammatica expositiva*, pois naquella tem esta a razão de ser de suas regras. A *Grammatica expositiva* deve ser o registro fiel dos habitos da lingua e de sua boa tradição, a depositaria dos ultimos resultados de sua evolução espontanea, a expressão actual de sua vida secular e de seu genio historico.)

PHONOLOGIA

CAPITULO I

45. **Phonologia** (gr. *phonê*=voz, *logos*=discurso, + suff.—*ia*) estuda a origem e evolução dos phonemas vogaes e consoantes, incorporados nos vocabulos da lingua. Ella expõe a theoria do *vocalismo* e do *consonantismo*, estuda as modificações accidentaes do systema phonetico, effectuadas nos diversos periodos da lingua, sob o influxo de variadissimos factores mesologicos.

46. Os vocabulos latinos, transportados para a peninsula Iberica pelos legionarios, foram soffrendo na bocca do povo, como é natural, profundas modificações na pronuncia, isto é, continuas alterações nos seus sons ou phonemas, que se foram paulatinamente enfraquecendo e alguns obliterando, p. ex.: *ficatum* → *figado*, *civitate* → *cidade*, *digitum* → *dedo*.

47. Estas alterações *phoneticas*, conjuntamente com a *analogia*, (de que adeante tractaremos,) foram os factores historicos, que metamorphosearam, no transcurso de dois mil annos, o latim popular em portuguez.

48. O estudo da *Phonologia* desdobra-se em duas partes, que são o estudo da evolução dos phonemas latinos, isto é, dos sons vogaes e consoantes, e o de sua representação graphica nos vocabulos: a primeira é a *Phonetica*, e a segunda a *Orthographia*.

49. Antes de estudarmos essas duas partes da Phonologia, convem que lancemos rapido olhar sobre o systema de signaes graphicos com que tradicionalmente representamos os sons vocabulares, queremos fallar do Alphabeto.

CAPITULO II

ALPHABETO

50. Chama-se **Alphabeto** (gr. *alpha* = *a*, *beta* = *b*) um systema de signaes graphicos ou letras, que serve tradicionalmente para se figurarem os sons oraes ou phonemas da lingua.

51. A INVENÇÃO DO ALPHABETO.

Ignora-se quem tenha sido o inventor do Alphabeto. Entretanto, nenhuma outra invenção tem exercido maior influencia nos destinos da humanidade. Foi com certeza um momento feliz aquelle em que o bemfeitor anonyo da humanidade se lembrou de substituir os symbolos ideologicos das palavras pela figuração graphica dos sons oraes, de que se compõe a palavra fallada. A arte da representação graphica das palavras tem passado por quatro phases, segundo Burggraff,—a *figurativa*, a *symbolica*, a *ideographica* e a *phonetica*.

a) Na phase inicial *figurativa* os objectos eram desenhados ou pintados, e a figura suggeria o objecto e o seu nome. (*hieroglyphica*) (*concretas*)

b) Na phase *symbolica* a figura não só representava o objecto, mas ainda alguma qualidade inherente a elle; assim a figura do *leão* não suggeria só o animal, mas tambem symbolizava a *coragem*.

c) Na phase *ideologica* uma parte só da figura ou um signal convencional suscitava a *idéa* da coisa, taes como os signaes arithmeticos 1, 2, 3, V, X.

d) Na phase *phonetica* passava-se do signal da palavra para o signal do som, da representação ideographica para a representação phonographica. Foi um immenso progresso. Sobre quando e como se operou um tal phenomeno, nada se sabe.



Foi no Egypto que isso se deu, segundo se crê, em épocas remotissimas. Dos egypcios receberam os phenicios o Alphabeto, os quaes, em suas largas navegações mercantis, pelo litoral do Mediterraneo, tiveram occasião de communicar aos gregos, e estes aos etruscos e aos latinos ou romanos.

52. MODIFICAÇÕES DO ALPHABETO.

Os gregos substituíram certas letras, representativas de phonemas phenicios, desnecessarios á sua phonação, pelas *vogaes*, que a lingua phenicia, por seu turno, dispensava, e dahi o virem as *vogaes* disseminadas pelo Alphabeto.

Os romanos, por sua vez, rejeitaram certos caracteres gregos, alheios a seu systema phonetico, que transcreviam por um *digramma*, nos vocabulos oriundos do grego. São elles os seguintes:

θ	(theta) = th	— epithetus	⏏→	epitheto
φ	(phi) = ph	— philosophia	⏏→	philosophia
χ	(chi) = ch	— eucharistia	⏏→	eucharistia
ψ	(psi) = ps	— psyche	⏏→	psyche

Tal é a origem dos chamados *grupos gregos*, que, como os escriptores latinos, guardamos nas palavras de origem grega, como — *theatro, photographia, psychologia, chimera*.

Além dessas consoantes rejeitaram ainda os romanos duas vogaes longas do alphabeto grego: o η (*êta*), e o ω (*ômega*); o êta era o ê longo, e o ômega (o + mega = o grande) era o o longo. O alphabeto latino nos transmittiu apenas o e breve (gr. ε), que os gregos denominavam *epsilon*, e o o breve, a que chamavam *ômicron* (gr. o + micron = o pequeno).

O nosso alphabeto é o alphabeto latino, que nos transmittiu 23 letras na seguinte ordem: a b e d e f g h j k l m n o p q r s t v x y z.

Não distinguíam os latinos o *u vogal* do *u consoante*; para um e outro só tinham um unico signo V, ou, em forma mais arredondada, U. Assim escreviam VIVVS ou UIIUS = *vivus*. Assim se escrevia no velho portuguez até o seculo dezêses. Nos velhos textos encontramos — *divinhava, captivo, duuidar*, que se lê — *divinhava, captivo, duvidar*. Posteriormente, do seculo dezêses em deante, se começaram a discriminar os dois valores: para o valor

vogal reservou-se *u*, e para o valor consoante *v*. Hoje ainda, nas inscripções, para effeito esthetico, guarda-se, ás vezes, a fôrma antiga, p. ex.: THEATRO MVNICIPAL.

O mesmo phenomeno, que se deu com *u*, deu-se com *i*, que tinha egualmente o duplo valor de vogal e consoante, na dupla fôrma de *i* e *j*, p. ex. *iudicium*, *cuius*, que se lê *judicium* e *cujus*. Nos textos archaicos do portuguez encontramos, muitas vezes—*vi*, *mi*, *fo*, *ff*. Do seculo dezeseis em diante, porém, adoptou-se a fôrma *i* para o valor vogal, e a fôrma mais alongada *j*, para o valor consoante do inicio das syllabas, p. ex., *iaccre* → *jazer*, *cuius* → *cujo*, *Hieronymo* → *Jeronymo*.

53. DEFICIENCIAS E IMPERFEIÇÃO DO ALPHABETO.

O Alphabeto, apesar de sua extrema utilidade, é um instrumento imperfeito para a figuração graphica de todos os sons ou phonemas de nossa lingua.

1. Apenas temos cinco letras para a representação dos dezeseite phonemas vogaes de nossa lingua (Vide Gr. Expositiva, § 35). Para obviar a esta deficiencia é necessario lançar-se mão de *signaes diacriticos* ou *notações phonicas*, com que se compõe a vogal (ib., § 102), p. ex.: *é, ê, en, ó, ô, õ, on, om, un, um*, etc.

2. Para os dois phonemas consoantes molhados *nhc* e *lhc*, não ha letra, e necessario se tornou socorrermos de um *digramma* — *nh, lh*.

3. Para certos phonemas consoantes ha superabundancia de signaes graphicos: para o guttural forte — *k, c, qu, ch*; para o palatal forte chiente—*ch, x*, e para o brando *j, g*, etc.

4. Finalmente, as *homophonias* constituem mais uma inconveniencia de nosso alphabeto. Estas homophonias consistem na equivalencia phonica de muitos symbolos literaes. Assim são *homóphonos* em certas circunstancias: *s, z, x* — *siso, zebra, exemplo*; *s, c, ç, ch, sc* — *sêu, céo, caça, catechismo, sciencia*; *c, k, ch, qu* — *cá, kermes, archanjo, quatorze*; *e, i, leal, liar*; *o, u* — *logar, luar*; *j, g* — *jejum, gesso*; *x, ch* — *xadrez, chato*, etc.

54. REFORMA DO ALPHABETO.

A reforma do Alphabeto deveria ser o passo inicial para



a reforma da orthographia. Aquella deveria determinar que a cada phonema distincto da lingua correspondesse um signo literal simples e exclusivo. Esse ideal, porém, de um Alphabeto perfeito encontra, para sua realização, insuperavel barreira não só nos habitos conservadores do povo, mas tambem na quasi infinita variedade de prolação dos phonemas vocabulares, de individuo para individuo, e de uma geração para outra.

PHONETICA

55. **Phonetica** é o estudo do *vocalismo* e *consonantismo*, quer encarado em sua formação physiologica, quer estudado em seu desenvolvimento historico.

A *Phonetica* divide-se, por conseguinte, em duas partes, a saber:

PHONETICA PHYSIOLOGICA E PHONETICA HISTORICA.

PHONETICA PHYSIOLOGICA

CAPITULO I

56. **Phonetica physiologica** estuda a formação dos phonemas no apparelho natural de phonação; em outros termos, estuda o apparelho da voz humana e a sua funcção na produção dos sons vogaes e consoantes.

E', como se vê, o estudo da physiologia (1) dos phonemas.

57. APPARELHO DE PHONAÇÃO.

O apparelho de phonação é constituido pelo conjuneto dos organs que entram na formação da voz humana.

A voz humana, do ponto de vista de sua produção, caracteriza-se pelas *vozes* ou sons vogaes e pelas *consonancias* ou sons consoantes, que são abrangidos na designação generica de *phonemas*.

O nosso apparelho vocal ou de phonação compõe-se, em primeiro lugar, dos *pulmões* e da *trachéa-arteria*.

(1) Physiologia é a parte das sciencias naturaes que trata da funcção dos organs dos corpos organizados.



Os *pulmões* são como duas grandes esponjas, que enchem a caixa thoraxica ou peito, á direita e á esquerda, e que se communicam, por meio das ramificações dos *bronchios* ou pequenos tubos, com a base inferior da *trachéa-arteria*.

A *trachéa-arteria* é um tubo cartilaginoso, que, prendendo-se aos *pulmões* pelos *bronchios*, se communica com o ar externo por meio do *tubo buccal* e *fossas nasaes*.

O ar exterior *inspirado* enche os *pulmões*, que, funcionando á maneira de folle, expellem pouco a pouco o ar pelo mesmo caminho por onde entrara, isto é, pela *trachéa-arteria*. O ar, assim *expirado*, encontra na extremidade superior da *trachéa*, chamada *larynge*, um obstaculo eredo por dois ligamentos unidos, lado a lado, á parede da *larynge*, em sentido horizontal, atravessando-a. Estes ligamentos chamam-se *cordas vocalicas*, e são ellas que, postas em vibração, pelo impulso do ar expirado, produzem o *som fundamental* da voz humana. Este som fundamental, modificado no *tubo buccal* e *fossas nasaes*, dá origem ao *phonema* ou som articulado, que então se especializa em *vogal* e *consoante*.

Todos os phonemas, pois, quer vogaes quer consoantes, são *fundamentalmente* identicos, são todos sons laryngeos, cuja differenciação se opera no *espaço de resonancia*, que comprehende — a *pharynge*, o *tubo buccal* e as *fossas nasaes*. Neste espaço de resonancia se caracterizam e differenciam os phonemas por meio das diversas posições das partes moveis da bocca, a saber: o *véo do paladar*, a *lingua*, a *maxilla inferior* e os *labios*.

Na formação dos phonemas pelo aparelho da voz humana, convem ainda discriminar os *orgams formadores* e o *logar de formação ou ponto de articulação*; assim o phonema *t* tem por *orgams formadores* a *lingua* e a *arcada dentaria superior*, e por *logar de formação* o segundo destes orgams; o phonema *a* tem por *orgam* e *logar* a garganta.

58. ANALYSE DOS SONS VOCALICOS.

Para o estudo dos phonemas importa ter idéa clara sobre a natureza dos sons voalicos ou sons oraes.

Som é a sensação cerebral provocada pelas vibrações do

ar e transmittidas ao cerebro pelo tympano e pelo nervo acustico.

No som vocalico distinguem-se quatro qualidades, que são: a *altura*, a *intensidade*, a *duração* e o *timbre*.

A *altura* do som é determinada pelo numero das vibrações; a *intensidade* pela amplitude dellas; a *duração* pelo tempo durante o qual age a causa productora das vibrações; o *timbre* é a resultante da combinação do som fundamental com os sons secundarios, chamados *harmonicos*, que sempre o acompanham. Assim a vogal pronunciada pôde ser, quanto á altura, *alta* ou *baixa*; quanto á intensidade, *tónica* ou *átona*; quanto á duração, *longa* ou *breve*; quanto ao timbre, ella se distingue pelo character especial que lhe imprime o aparelho vocal da pessoa que a enuncia.

No estudo grammatical interessa-nos especialmente a *intensidade*, a *duração* e o *timbre*. A intensidade dá-nos a *tonicidade* da vogal *tónica* ou *átona*; a duração dá-nos a *quantidade* da vogal *longa* ou *breve*. Nas linguas classicas latina e grega tinha grande importancia a *quantidade* da vogal, era ella a base da prosodia, e era ella que regulava a tonicidade, como veremos mais adiante. O timbre dá-nos a *qualidade* da vogal — *aberta*, *fechada*, *surda*, *pura* e *nasal*.

CAPITULO II

THEORIA DAS VOGAES

59. As *vozes* ou phonemas vogaes são, como as consoancias, sons laryngeos, porém, destas se differencam em sahir livremente pelo tubo vocal (bocca e fossas nasaes), ligeiramente modificadas pelas diversas posições das partes moveis da bocca — *véo do paladar*, *lingua*, *maxilla inferior*.

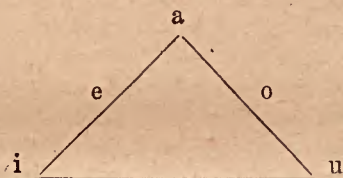
60. Na gamma vocalica das linguas aryanas existem cinco vogaes, que são as que nos transmittiu o latim, a saber: *a*, *e*, *i*, *o*, *u*.

61. TRIANGULO DAS VOZES. — As cinco vozes dividem-se em dois grupos em relação á sua genese physiologica, que são: as *primitivas* ou *primarias* — *a*, *i*, *u*, e as *secundarias* ou *intermediarias* — *e*, *o*.



a) As *primitivas*, na sua genese, formam um triangulo occupando pontos extremos no canal da bocca, que são — a *garganta*, o *paladar* e os *labios*. O *a* tem seu ponto de articulacão na garganta, o *i* no paladar, e o *u* nos labios. O *a* occupa o ápice do triangulo, o *i* e *u* as bases.

b) As *secundarias*—*e*, *o* occupam um logar nos lados do triangulo relativamente á sua producção: o *e* no lado direito, entre *a* e *i*, e o *o* no lado esquerdo entre *a* e *u*. Podemos, pois, traçar o seguinte triangulo das vozes, que recebemos do latim.



c) A *intermediaria e* nasceu da combinação de $a+i$ ($=e$), e a *intermediaria o* de $a+u$ ($=o$). Na graphia do francez e do inglez manifesta-se esta formação secundaria, p. ex., fr. *paix*, *pauvre*; ingl. *paid*, *slaughtcr*. Nestas palavras — $a+i=e$, $a+u=o$.

62. ANALYSE QUANTITATIVA DAS VOZES. — A duração do som na prolação da vogal, dá-nos a noção da *quantidade*. Em relação á quantidade as vogaes são *longas* ou *breves*. As *longas* são as que levam duas vezes o tempo necessario para a pronunciação das *breves*. Dahi o dizer-se que a vogal *breve* se pronuncia em um tempo, e a *longa* em dois.

Nos tractados espeicias a vogal breve é assignalada por um signal chamado *brachia* (\sim), superposto ás vogaes— \ddot{a} , \ddot{e} , \ddot{i} , \ddot{o} , \ddot{u} , e a longa por uma outra chamada *macron* (—), superposto ás mesmas vogaes.

A quantidade da vogal de uma syllaba determina a quantidade syllabica, que representou papel importante no periodo classico do latim e do grego. Era ella, no dizer de Guardia Wierzeyski, a alma do accento latino. Nessas linguas classicas a tonicidade se subordinava á quantidade; a syllaba tonica latina era sempre a penultima, se esta fosse longa, e a antepenultima, se fosse breve. Os poemas mediam-se por *pés*, e estes se regulavam pela

quantidade syllabica. Nas linguas, porém, neo-latinas, perdeu a *quantidade* essa importancia, e subordinou-se á tonicidade. O accento tónico é que é a alma da palavra nas linguas romaneas. Comtudo, não desapareceu inteiramente a quantidade prosodica em portuguez, e o conhecimento do valor quantitativo das syllabas de um vocabulo é um dos elementos de uma boa pronuncia. No Brasil, em geral, pouco cuidado se dá á quantidade na pronunciação de uma palavra ; o que não acontece tanto em Portugal. Entre nós, mormente no sul do Brasil, se pronuncia — *pūdeiro, vādio*, como *cālado, sōbrado*. Todavia, são longas por natureza, e como taes pronunciadas, maxime no dialecto literario: a) as vogaes das *syllabas tónicas* — *mesāla*; b) as vogaes contractas — *a + a = ā, a + aquelle = āquelles*; c) as vogaes *nasaes* — *vēnto*.

63. ANALYSE QUALITATIVA DAS VOZES. — O timbre da enunciação da vogal dá-nos o conceito de *qualidade*. Em relação á *quãlidade* as vogaes classificam-se, em primeiro lugar, em *puras* e *nasaes*. As *puras* ou *oraes*, são formadas com o véo do paladar levantado, e as *nasaes* com elle abaixado, de modo que parte do ar sonoro reflue para as fossas nasaes. As *puras*, por sua vez, teem trez valores *qualitativos*, que são — *aberto, fechado e surdo*. Em nossa prosodia nacional, difficultosamente descobrimos os trez mätizes qualitativos nas vogaes primitivas — *a, i, u*. Estas vozes oraes mais se distinguem entre nós pela *quantidade*, que pela *qualidade*. O *ā fechado (dāma)* de Portugal é extranho ao fallar do Brasil.

64. CLASSIFICAÇÃO PHYSIOLOGICA DAS VOZES. — As *vozes*, como as *consonancias*, distribuem-se em grupos ou series caracterizadas pela sua physiologia, isto é, pelos pontos de articulação ou organs formadores. São trez essas séries, correspondentes aos vertices do triangulo das vozes:

GUTTURAES	PALATAES	LABIAES
á, â, a, ã	é, ê, e, ē í, i ĩ	ó, ô, o, õ ú, u, ũ.

CAPITULO III

THEORIA DAS CONSOANTES

65. As *consonancias* ou phonemas consoantes são, como as vozes, sons laryngeos, que dellas se distinguem em não sahirem livremente pelo tubo vocal, como acontece ao som vogal. Os phonemas consoantes saem ou apertados ou explosivos dos seus orgams formadores.

Na prolação das consoantes ouve-se de necessidade um som vogal; sem este som vogal, a consoante, como observa Max Müller, seria apenas um *ruido consonantal*, não seria elevada á categoria de voz; dahi o seu nome de *consoante* (com + soante = soa com vogal).

66. CLASSIFICAÇÃO PHYSIOLOGICA DAS CONSONANCIAS. -- Physiologicamente os phonemas consoantes se classificam em relação ao *modo*, *logar* e *grau* de sua formação.

I. Quanto ao *modo* de sua formação, agrupam-se os phonemas consoantes em duas classes, chamadas — *constrictiva* ou *continua*, e *explosiva* ou *momentanea*.

CONSONANCIA { *continua* — *f e v, s e r, x e j, r e l, m e n.*
momentanea — *p e b, t e d, k e g.*

1.^a As *continuas*, *constrictivas* ou *constrictas*, são formadas pela approximação intima dos orgams formadores, entre os quaes passa o ar constricto ou apertado, podendo prolongar-se o som.

Subdividem-se estas em trez categorias:

CONTINUA { *fricativa* — *f e v, s e z, x e j.*
vibrantes — *r e l.*
nasacs — *m e n.*

Os gregos chamavam a esta classe *hemiphonas* ou *semi-vogaes*, por isso que, como na formação das vogaes, os orgams formadores não vinham em contacto. Já os grammaticos da lingua sânskrita lhe davam, como qualidade especifica, o não virem em contacto os dois orgams, activo e passivo, eoneorrentes na produção de todos os ruidos consonantaes.



2.^a As *momentaneas, explosivas, explodidas* ou *occlusivas* são formadas pelo contacto intimo ou oclusão dos orgams formadores, que se separam abruptamente numa como explosão momentanea do ar, taes são, como já vimos: — *p e b, t e d, k e g*.

II. Quanto ao *logar* ou *ponto de articulação*, dividem-se os phonemas consoantes em cinco ordens, que recebem os seus nomes dos orgams formadores ou do ponto de contacto de sua formação, taes são:

1. Linguo-gutturaes		<i>k, g</i> (gue)
2. Linguo-palataes	—	<i>x, j, i, nh, lh</i>
3. Linguo-dentaes	—	<i>t, d, s, z, r, l, n</i>
4. Labio-dentaes	—	<i>f, v</i>
5. Labio-labiaes ou bilabiaes		<i>p, b, m</i>

a) As linguo-palataes dizem-se *marginæes*, porque nas *margens* ou bordos da lingua é que esses phonemas se formam. O *i* (*y*) só tem valor consonantal quando entre vogaes — *maio, maior, faia, guayanazes*. O *x* e o *j* tambem se denominam *chiantes*. O *x* duplices pertence ás *gutturaes* e ás *dentaes*.

b) As linguo-dentaes dizem-se *apicaes* por concorrer na sua formação o *apice* da lingua; o *s* e *z* dizem-se tambem *sibilantes*.

c) O *s* e o *z* no fim das syllabas teem, em Portugal e no Rio de Janciro, um som chamado *reverso* ou *reversivo* (indicado na phonetica por *ç, z*), semelhante ao som do *z*, formado pela parte anterior da extremidade da lingua na arcada dentaria superior, por ex.: *cesto* = *çesto*, *rapidez* = *rapidçz*, *pires* = *pireçz*, *alferes* = *alferçz*. Esta pronuncia que se resente de influencia gallega, é recommendada por A. Castilho, como a pronuncia correcta em Portugal. No Brasil, porém, pertence a pronuncias regionaes, onde se faz sentir mais forte a influencia lusitana. “Corresponde esse *s* reversivo ao *s* beirão intervocalico.”

d) As consoantes *r, l, m, n*, são chamadas *liquidæes* pela propriedade de correrem na pronuncia com outra consoante, que as preceda, formando grupos — *pr, pl, gm, gn* —

prova, plano, dogma, digno, etc. O *r* é chamado *vibrante* ou *tremulante*.

e) As consoantes *m, n, nh*, são *nasaes*, as outras são *oraes*.

f) Nota-se que, em cada *ponto de articulação*, os dois orgams eoncorrentes formam um par de phonemas eonsoantes, que por isso se denominam *homorganicos* (gr. *homos* = *o mesmo*), taes como — *p e b, s e z, x e j*, etc. Semelhantemente as eonsonaneias formadas por orgams differentes são ehamadas *heterorganicas* (gr. *heteros* = *outro*), taes como — *b, t, v, g, s*. Estes são proximos ou afastados, eonforme a distancia dos orgams respectivos de produção.

III. Quanto ao *grau* ou esforço empregado na prolação, dividem-se os phonemas consoantes em duas eategorias, a saber:

CONSONANCIA	}	surda, forte, aspera — <i>p, f, t, s, rr, x, k.</i>
		sonora, branda, doce — <i>b, v, d, z, r, j, g.</i>

↑↑↑↑↑↑↑↑
↓↓↓↓↓↓↓↓

Como se vê, a cada *forte* corresponde uma homorganiea *sonora* ou *branda*. Os pares homorganicos, já antes notados, são, portanto, determinados pelo maior e menor esforço de prolação.

a) As *fortes* ou *surdas* são caracterizadas pela falta de resonancia das *cordas vocalicas*, eomo—*p, f, t, s*, etc.

b) As *brandas* ou *sonoras*, ao eontrario, são caracte-rizadas pela resonancia das *cordas vocalicas*, resonancia que se pôde pereeber eomo um ruido no fundo da garganta, quando fazemos esforço para pronuncia-las, p. ex.: *b, v, d, z*, etc.



SYNTHESE DA CLASSIFICAÇÃO DOS PHONEMAS

ORDEM	MOMENTANEAS		CONTINUAS			MOLHADAS
	Surdas	Sonoras	Surdas	Sonoras	Nasaes	
Gutturaes	k	g	. .	a	ã	} lh
Linguo-palataes	x	j, é, ê, i,	ẽ, ĩ, nh.	
Linguo-dentaes	t	d	s, rr	z, r, l,	n	
Labio-dentaes	f	v		
Labio-labiaes	p	b	. .	ó, ô, u,	m, õ, ũ	

CAPITULO IV

THEORIA DOS GRUPOS PHONETICOS

67. Grupos.

Por vezes, os phonemas vogaes e os consoantes apresentam-se, na contextura dos vocabulos, reunidos em grupos, denominados — *grupos vocalicos* e *grupos consonantaes*.

I. GRUPOS VOCALICOS.

68. Os *grupos vocalicos* ou agrupamentos de vogaes classificam-se em — *diphthongo*, *triphthongo* e *hiato*.

Os chamados *monophthongos* (gr. *monos* = *um*, *phthongo* = *som*), constituídos por duas letras com um só valor phonetico, como — *que*, *quatorze*, *guerra*, são apenas habitos ou expedientes orthographicos.

1. DIPHTHONGOS.

69. *Diphthongo* (gr. *di* = *duplo*, *phthongo* = *som*) é o grupo vocalico de duas vogaes pronunciadas em um impulso unico de voz, porém, com *intensidade diferente*. Em relação á intensidade dos sons vogaes, o *diphthongo* divide-se:

DIPHTHONGO { decrescente — ai, au, ei, eu, iu, oi, ou, ui
 crescente — ãa, ia, ũa, ie, io



a) O typo *decescente* do diphthongo realiza-se quando a primeira vogal, chamada *prepositiva*, tem maior intensidade, como — *pai, pau, peito*, etc. ; e o *crecente*, quando a segunda vogal, chamada *subjunctiva*, sobreleva em intensidade á primeira, como — *glória, nivea, magua, especie, vário*.

b) Quando no grupo *crecente* a *prepositiva* é accentuada, ou a *subjunctiva* no grupo *decescente*, dá-se o *hiato*, p. ex.: *glória, platéa* (eia), *desagúa, espíe, vário, paiz, paúl, conteúdo, piédade*.

“Em portuguez (observa Gonçalves Viana) somente se denominam ditongo os *decescentes*; todavia na metrificacão a prepositiva dos ditongos *crecentes* não forma usualmente syllaba independente.”

c) Os *crecentes* são, pois, diphthongos *imperfeitos* ou *semidiphthongos*, que formam grammaticalmente duas syllabas, e que na poesia formam frequentemente uma; assim *oceano, suave, gloria*, teem, a primeira, quatro syllabas *grammaticaes*, e póde ter apenas trez *metricas*. Por onde se vê que a contagem das syllabas differe ás vezes na poesia da contagem na prosa, e as syllabas *metricas* nem sempre coincidem com as *grammaticaes*.

d) *Synérese*. Dá-se, geralmente, o nome de *synérese* (gr. = contraecção) á liberdade, que teem os poetas, na exigencia da metrificacão, de contrahirem em diphthongo *crecente* um *hiato*, pelo recuo da tónica: *metéoro* por *metéoro*, e *Dário* por *Dário*. Na evoluçã da lingua operou-se largamente a *synérese* em certo periodo, quando, pela quèda da consoante medial intervocalica, vierem as vogaes de duas syllabas em contacto: *date* \rightsquigarrow *dade* \rightsquigarrow *daë* \rightsquigarrow *dae*. A *synérese* neste caso assignala o periodo da *diphthongacão*.

e) *Diérese*. Dá-se o nome de *diérese* (gr. = divisã) á faculdade, contraria á *synérese*, que se concede aos poetas, de, em certos casos, desfazer o *diphthongo* em *hiato*, dividindo uma syllaba em duas, pelo avanço da tónica: *Eólo* por *Eólo*, *Ethiöpe* por *Ethiöpe*, *impío* por *impío*. O



signal diaerítico desta figura chama-se *dierese*, *cimalha* ou *trema* (...), e é quasi desusado em portuguez.

Obs. 1.^a — Traição tem actualmente duas syllabas grammaticas, e só por *dierese* poderia ter no verso trez syllabas. No tempo de Camões, porém, segundo E. Dias, não se tinha operado ainda a *synérese* ou *diphthongação*, e neste caso a pronuncia do ainda a *synérese* ou *diphthongação*, e, neste caso, a pronuncia *dierese* no verso dos Lusíadas: *Astutas traições enganos varios*. Notamos, porém, esta figura no verso de Bocage: *Se me crêste, gente impla*, rimando com *corria* (ap. G. Viana), e nos seguintes passos de Camões, a *synérese* e *dierese*:

A gente que esta terra possuia,
Posto que todos Ethíopes erão,
Mais humana no trato parecia.

Lus. 5 62.

Sintra, onde as Naládes escondidas
Nas fontes vão fugindo ao doce laço.

Lus. 3. 56.

Aquelle que nos campos Marathonios
O-grão poder de Dário estrue e rende.

Lus. 10. 21.

Da branca espuma os mares se mostravão
Cubertos onde as proas vão cortando
As maritimas aguas consagradas
Que do gado de Próteo são cortadas.

Lus. 1. 19.

Obs. 2.^a — *Próteo* e *Protéo* eram pronuncias facultativas, segundo G. Viana. Quanto a *Théseo* (Lus. 2. 112), acha o mesmo romanista que não ha deslocação da tónica, pois existe em lat. *Thēseus* e *Thēsēus*; o mesmo acontece com a accentuação camoeneana de *Cleopátra* (10. 142), *idololdtra* (2. 54), *idoldátra* (8. 85).

70. DIPHTHONGOS DECRESCENTES. — Os diphthongos decresecentes ou perfeitos do portuguez são:

ORAES		NASAES	
ae, ai, ay	vae, galta, vay (arch.)	ãe, ãi,	mãe
ao, au	vao e vau, pauta	ão, am	vão, tiram
éi	réis	bem, vem	em (ẽi)
éi, ey	reís, rey (arch.)		
óe e éu	céo e céu		
eu e êo	seu e sêo		
iu e io	viu e vío		
óe, ói	heroe, ovoide		
óe, ói, oy	voe, bol, foy	óe	póe
ou	vou		
ue, ui, uy	frue, ful, Ruy	uĩ	muito

Em Lisboa os diphth. *ei*, *em* (ēi) e *ou* soam *ái*, *ãi* e *ô*; assim — *peito* e *ouço* pronunciam-se — *páito*, *ôço*. Com este ultimo dá-se o mesmo no Brasil, no dialecto popular. Semelhantemente o diphth. *em* (ēi) soa em Lisboa *ãi*: *bem* = *bãi*. “No norte do reino, escreve o distincto phoneticista G. Viana, ou se profere como em Lisboa, ou conserva a vogal tonica nasal o seu antigo valor — em = ē. No sul, Alemtejo e Algarve, em vale ē, convem saber, é vogal nasal e não ditongo.”

2. TRIPHTHONGOS.

Triphthongos (gr. *tri* = *trez*) é o grupo vocalico de *trez* vozes, que, no vocabulo, representam duas *syllabas*, uma simples e outra *diphthongal*, p. ex.: *egu - aes*, *enxagu - aes*. A pronuncia ligada — *cguaes*, *enxaguaes*, impede a separação do *triphthongo* na partição do vocabulo. Nas outras combinações, como — *constru - aes*, *manu - aes*, *passe - aes*, *vigi - aes*, *principi - aes*, existe propriamente um *hiato*, que extrema francamente a vogal *thematica* do *diphthongo* *desinencial*. Em *guayanazes* o *triphthongo* *guay* fórma *hiato* com a vogal seguinte.

3. HIATOS.

Hiato (lat. *hiatus* = *abertura*) é o encontro de duas *vo-gaes* francamente separaveis em dois impulsos de voz, como, p. ex., *via*, *partia*, *rio*, *tio*, *cooperar*, *proeminente*, *preeminencia*, *comprehender* (compreender), *bahu* (baú), *saúde*.

O *hiato* repugna ao genio da lingua, e tende a desaparecer no fallar do povo (cf. *comprender*, *surprender*), e só se mantem sob a acção da tónica, ou da literatura nos *hiatos átonos* (*cooperar*).

II. GRUPOS CONSONANTAES.

71. No corpo dos vocabulos apparecem frequentemente duas e, ás vezes, *trez* consoantes agrupadas, identicas ou differentes — *attnção*, *acto*, *pacto*, *extracto*, *estranho*. Em muitos desses grupos a primeira dessas consoantes tem perdido o valor phonetico, e é *insonora*, e só apparece na palavra *escripta* por uma tradição *etymologica*.



Esta obliteração do som da prepositiva deu-se em portuguez uniformemente nos grupos geminados: — *bb, dd, ff, gg, ll, mm, nn, pp, rr, ss, tt*, — *abbade, addição, affirmar, aggregar, collegio, consummar, solenne, approvar, carro, passar, attento.*

No grupo *cc*, não raro é ainda sonora a prepositiva: *convicção, confecção, cocção, coacção, defecção, facção, intellecção, inflicção, sucção, introspecção, occipital, occiduo, occisão.* Estas palavras, porém, são de uso erudito.

PHONETICA HISTORICA

72. *Phonetica historica* é o estudo systematico das modificações que, no curso do tempo e em diversas regiões, soffreram os phonemas incorporados nos vocabulos latinos, que constituem o nosso lexico: é o estudo da evolução phonetica, no tempo e no espaço. O estudo da *Phonetica historica* revela que essas modificações do phonetismo vocabular não se effectuaram arbitrariamente, mas, em uma metamorphose lenta e espontanea, obedeceram a *leis* ou *principios geraes*.

Existe, no dizer de Bréal, uma como *vontade inconsciente* na evolução das linguas, que, alias, se caracteriza como um processo *espontaneo, lento e gradual*.

Antes, porém, de entrarmos no estudo dessas leis e das modificações accidentaes do systema phonetico, lancemos rapido olhar sobre os elementos vocabulares constituídos pelas syllabas.

CAPITULO I

SYLLABA

73. *Syllaba* (gr. *syl* = *syn* = *com*, *lambanô* = *lanço*) é um ou mais phonemas enunciados em um impulso unico de voz. Etymologicamente é a reunião de dois ou mais phonemas em uma só emissão de voz; porém, como se vê da definição, é mais amplo o eonecito grammatical de *syllaba*.

Como a *syllaba* é a emissão da voz, e as vozes são essencialmente enunciadas pelas vogaes, segue-se que não ha



syllaba sem vogal, e esta só pôde ser *simples* ou *dupla* (*osso e ouças*).

74. CLASSIFICAÇÃO DOS VOCABULOS PELO NUMERO DAS SYLLABAS. Em relação ao numero das syllabas, os vocabulos classificam-se em:

a) *Monosyllabo* (gr. *monos* = um) é o vocabulo de uma só syllaba: *má, mas, só, vê, se*.

b) *Dissyllabo* (gr. *dis* = dois) é o vocabulo de duas syllabas: *pacto, feito, vida*.

c) *Trissyllabo* (gr. *tris* = trez) é o vocabulo de trez syllabas: *justiça, bondade, laranjal*.

d) *Tetrasyllabo* (gr. *tetra* = quatro) é o vocabulo de quatro syllabas: *justiciero, caridoso*.

e) *Polysyllabo* (gr. *poly* = muito) é o vocabulo que tem mais de trez syllabas: *caritativo, difficultosamente*.

75. CLASSIFICAÇÃO DAS SYLLABAS. — A sorte das syllabas, na evolução phonetica, depende muito da sua *natureza, posição, quantidade e tonicidade*.

1. Quanto á sua *natureza* ou *composição*, as syllabas classificam-se em — *simples e compostas, complexas e incomplexas*.

a) *Simples* é a syllaba de uma só vogal, como — *pá*; e *composta*, a de duas vogaes ou diphthongal, como — *paé*.

b) *Complexa* é a syllaba de mais de uma consoante como — *pra-tos*; e *incomplexa*, a de uma só consoante, como — *ro-da*.

2. Quanto á *posição*, as syllabas são — *iniciaes, mediaes e finaes*, conforme occupam o *princípio*, o *meio* ou o *fim* do vocabulo, como — *bon-da-de*.

3. Quanto á *quantidade*, as syllabas podem ser *longas* ou *breves*, conforme o valor quantitativo de sua vogal. Este valor nos é dado pelo tempo ou demora na pronuncia. A formula convencional é que uma vogal longa é igual a duas breves e — $\bar{e} = \acute{e}\acute{e}$; sendo a vogal breve pronunejada em um tempo, e a longa em dois. No estado actual da lingua, o valor *quantitativo* da vogal syllabica depende da



syllaba tónica. As que estão depois desta, isto é, as *postônicas*, são mais breves do que as que estão antes, isto é, as *postônicas*, p. ex. — *caridosissimo*.

4. Quanto á *tonicidade*, as syllabas são *tônicas* e *átonas*.

76. Como já vimos, quatro são as qualidades que se notam na prolação dos sons vocalicos: — a *altura*, a *duração*, o *timbre* e a *intensidade*.

a) A *altura* é o resultado do numero das vibrações, e, segundo observa Darmesteter, representava papel importante na modulação vocalica das linguas classicas grega e latina. Dahi o caracter musical proeminente dessas linguas. No portuguez, como nas linguas neo-latinas, perdeu seu valor prosodico, e tem, como mostra o mesmo philologo, um valor syntactico; pois na altura ou emphase de certas syllabas discrimina-se o valor significativo de certas proposições, p. ex.: *Paulo contou isso* — *Paulo contou isso!* — *Paulo contou isso?* Nestas proposições a altura com que se pronunciar a syllaba tónica da ultima palavra (is), determina o caracter *declarativo*, *exclamativo* ou *interrogativo* da proposição. Essa modulação emphatica especial, que nos fornece o sentido particular de cada uma das proposições, é dado pela *altura* na prolação da vogal *i* de *isso*.

b) A *duração* é o tempo variavel na prolação, e dá-nos a *quantidade* syllabica, que nas linguas neo-latinas foi absorvida, em geral, pela tónica. Em francez, comtudo, é ainda apreciavel o valor quantitativo das syllabas de certas palavras, e a ausencia ou presença do *accento graphico* adverte ao leitor da necessidade de fazer breve ou longa a syllaba, como em *cheval*, *Renan*, e *chéri*, *Rémusat*. Um dos traços característicos que separam o portuguez fallado no Brasil do fallado em Portugal, consiste na differença do valor quantitativo syllabico. A pronuncia rapida e forte do portuguez contrasta com a pronuncia demorada e melódica do brasileiro. As syllabas breves são brevissimas no dialecto lusitano, e, não raro, a rapidez da pronuncia elimina a syllaba breve, v. gr. *qu'rer*, *Bläin*, por *querer*, *Belem*.

c) O *timbre* é o resultado da combinação do som fundamental com os sons secundarios ou harmonicos, e dá-nos os diversos phonemas vogaes, seus valores qualitativos e



numerosos matizes phonicos, que a escripta não tem meio de fixar.

d) A *tonicidade* é o resultado da amplitude das vibrações, que dá mais intensidade ao som da vogal syllabica, e que, pela suprema importancia que adquiriu na prosodia moderna, merece que lhe demos aqui attenção especial.

CAPITULO II

O ACCENTO TÓNICO

77. **Accento tónico**, tambem chamado *accento prosodico* ou *icto* (lat. *ictus=golpe*), é o tom de voz intenso e forte na prolação de uma syllaba.

78. Davam os gregos ao seu *accento* o nome de *prosodia* (de *pros=perto*, e *ode=canto*, isto é, canto que acompanha a palavra); os grammaticos-latinos traduziram literalmente a palavra *prosodia* por *accentus* (de *ad=perto* e *cantus=canto*) (Darm.). Este *accento*, porém, que era *accento de altura*, lá pelos sec. II ou III da E. C., por uma revolução que se operou na pronuncia popular, “tornou-se insensivelmente um *accento de intensidade*, e o antigo *accento de intensidade* fundiu-se com elle.” Esta fusão, de que tracta o eminente philologo francez acima eitado, correu, sem duvida, para dar ao actual *accento tónico* a supremacia prosodica nas linguas neo-latinas.

79. *Accento* é, em geral, a modulação ou inflexão de voz na prolação das syllabas de um vocabulo, dando-lhes maior ou menor intensidade, ou altura, donde resulta a variedade, a harmonia, a belleza musical das palavras, elemento tão necessario como o proprio som. Ha na palavra, diz Cicero, uma especie de canto: *est in dicendo etiam quidam cantus*. — Para indicar o *accento* usavam tambem os latinos, ensina-nos Guardia, o termo *tonus* (*tonores, tenores*), tomado aos gregos e derivado de um verbo enja significação designa o acto de dar tensão ás cordas da lyra. A adopção desses termos denota o valor musical do *accento tónico* das linguas classicas. Este *accento*, ensina ainda Guardia, a que os gregos chamavam dominante ($\chi\upsilon\lambda\iota\omicron\gamma$



róvos) era, segundo Diomedes, uma como alma da palavra, *velut anima vocis*. Um linguista italiano compara-o ás pulsações que batem o compasso da vida (*ictus*).

80. Lamenta Darmesteter que o termo *accento tónico* designe hoje o *accento de intensidade*, quando devia mais propriamente designar o *accento de altura*, pois que a palavra tónico, (do gr. *tonikos*) melhor condiz com as diferenças da gamma vocalica. Acha elle melhor que o *accento tónico*, que é nas linguas modernas *accento de intensidade* e não *de altura*, seja designado pela expressão *icto* ou *tempo forte*.

81. Accentos graphicos.

Por natural translação de sentido, a palavra *accento* applica-se tambem a certos signaes graphicos tomados aos gregos, que servem modernamente para indicar o valor qualitativo das vogaes, taes são: o *accento agudo* (´), que indica som aberto ou agudo, a que os gregos chamavam *oxyton*; o *accento grave* (`), que indicava sons graves, a que os gregos chamavam *baryton*; o *accento circumflexo* (^), que indicava sons simultaneamente graves e agudos, chamados pelos gregos *perispómeno*. Não havendo *accento graphico* ou signal diacritico para assignalar a syllaba tónica, empregam-se, ás vezes, o agudo (´) ou o circumflexo (^) para esse effeito, conforme a qualidade da vogal tónica.

82. SYLLABA TÓNICA, ATÓNICA E SUBTÓNICA.

Em relação ao *accento tónico*, as syllabas podem ser *tónicas*, *atónicas* e *subtónicas*.

1. *Tónica* é a syllaba *accentuada*, sobre que recae o *accento tónico*, como — *câmara*, *cása*, *casár*.

2. *Atónica*, *átona* ou *fraca* é a syllaba *inaccentuada*, como a primeira e a ultima dos trisyllabos — *amado*, *orgulho*, *cantando*.

Os monosyllabados, em portuguez, ou são tónicos, *accentuados* e *fortes*, como — *mó*, *dá*, *fé*, ou são atónos, *atonicos*, *inaccentuados* e *fracos*, como — *me*, *de*, *nos*, *se que*.

Os monosyllabos *atónicos* ou *fracos* são na phrase *encliticos* e *proclíticos*.



a) *Enclíticos* (gr. de *enklínēin* = *inclinarse*) são as particulas fracas que na pronuncia se incorporam no termo antecedente, fazendo com elle um todo prosodico: — *armar-se*, *amar-se-lhe*, *di-lo*, *eis-me*. Com as enclíticas, a tónica pôde recuar aquém da antepenultima, como: *ama-se-lhe*.

b) *Proclíticos* (gr. *pro* = *ante*, *klises* = *inclinação*), são as particulas fracas que se incorporam, na pronuncia, ao termo seguinte, como — *não o disse*, *eu ME arrependo*, *sei que vae*.

Os monosyllabos latinos são todos *accentuados*, excepto alguns *proclíticos*. Entre estes existem, em latim e em portuguez, *dissyllabos*.

3. *Subtónica* é a syllaba que, em certas palavras derivadas e compostas, recebe um *accento secundario*, que, abaixo da tónica, lhe dá proeminencia sobre as outras syllabas do vocabulo; esta *subtónica* é a tónica do vocabulo primitivo ou simples, p. ex.: *sábiamente*, *pállidamente*, *puéricamente*, *passividade*, *águardente*, de *sábio*, *pállido*, *puéico*, *passivo*, *água*.

83. POSIÇÃO DA TÓNICA.

O *accento tónico* pôde em portuguez incidir sobre a *ultima*, *penultima* e *antepenultima syllaba*, denominando-se então o vocabulo:

a) *Oxytono* (gr. *oxy* + *tonos*, *oxy* = *agudo*) ou *agudo*, quando a tónica incide sobre a *ultima syllaba*: *café*, *mereê*, *novél*, *parecer*.

b) *Paroxytono* (gr. *para* + *oxy* + *tono*, *para* = *juncto*, *perto*) ou *grave*, quando incide a tónica sobre a *penultima* (lat. *pene* = *quasi*): — *verdade*, *justiça*, *açúcar*.

c) *Proparoxytono* (gr. *pro* + *para* + *oxy* + *tono*, *pro* = *antes*), *dactílico* ou *esdrúxulo*, quando recebe a tónica na *antepenultima*: — *pállido*, *âmbito*, *círculo*, *láudano*.

84. Na prosodia vernacula, o *accento tónico* só recua aquém da antepenultima quando ao vocabulo se incorporam pronomes enclíticos, taes como — *annuncia-se-lhe*, *fállase-lhe*, *quixáramo-nos*, *dávamos-te*.

Na rapidez da pronuncia lusitana, ha, segundo o sr.



Gonçalvez Viana, exemplo toleravel destes *bis-esdruxulos*, com accento tónico aquém da pre-ante-penultima, o que se dá tambem, ainda que raramente, no caso da enclise, p. ex.: *dávamo-vo-lo*.

CAPITULO III

DETERMINAÇÃO DA TÓNICA

DETERMINAÇÃO DA SYLLABA TÓNICA EM LATIM.

85. O latim, differentemente do grego, só admite o accento tónico na *penultima* e na *antepenultima*. Não admite a prosodia latina *dissyllabos* e *polysyllabos oxytonos*. Nesta parte não segue o portuguez o genio de sua orthoepia. A determinação da syllaba tónica, em qualquer lingua, é de capital importancia para a correcta pronuncia, pois é ella a syllaba reatriz, reguladora da pronunciação do vocabulo, “o centro de gravidade da palavra”.

A sua determinação em latim depende da quantidade syllabica. Nesta lingua, como no grego, o accento tónico estava subordinado á *quantidade*, que era, no dizer de Guardia, a alma do accento latino. Dahi a importancia da quantidade das syllabas nas linguas classicas.

Conhecido o valor quantitativo da penultima syllaba, facil era a determinação da syllaba tónica do vocabulo latino. Se a penultima era longa, sobre ella incidia a tónica, e o vocabulo era *paroxytono*; se breve, recuava a tónica para a antepenultima, quer esta fosse breve, quer longa, e o vocabulo era *proparoxytono*, p. ex.: — *erānus*, *cantātem*, — *laudārem*, *pāllidum*, *lēpidum*, *dēcimum*.

DETERMINAÇÃO DA SYLLABA TÓNICA EM PORTUGUEZ.

86. Em portuguez, como nas linguas neo-latinas, a quantidade syllabica perdeu a grande importancia que tinha nas linguas classicas, como reguladora da tónica. A rapidez maior na pronuncia veio produzir, na prosodia das linguas romanicas, phenomeno inverso ao que se dá na lingua-mãe: a *quantidade* subordinou-se á *tonicidade*, a syllaba tónica assumiu importancia dominante, tornou-se “o centro de gravidade da palavra”, enfraquecendo o valor quantitativo das



syllabas átonas, mormente as postónicas. Já no latim da decadencia começa a obscurecer-se a differença quantitativa das syllabas; no latim popular ella se oblitera, tornando-se o accento tónico a base fundamental de sua prosodia. Devido a esse movimento evolutivo, veio a quantidade, ao invés do que acontece no latim, occupar logar mui secundario nas linguas modernas.

O accento tónico em portuguez, como vimos, pôde recahir sobre as trez ultimas syllabas, e, no caso da incorporação dos pronomes encliticos, pôde retroceder até a quarta syllaba; mas a determinação de qual dessas syllabas, em casos particulares, é a tónica, problema é sobremodo esquivo.

Em latim, o conhecimento da quantidade syllabica dá-nos, em regra, a solução do problema. Egalemente, em francez, facillima é a determinação da tónica, que só pôde incidir na ultima e penultima; incide nesta, se a palavra termina por *e mudo* (*perfide*), e naquella em qualquer outro easo (*chevâl, Cyranô*). Em portuguez, porém, annos de estudo nem sempre nos põem ao abrigo de importunas *syllabadas*.

As regras practicas sobre este assumpto são poucas e pouco seguras. (Vid. Gr. Expositiva, §§ 89—92.)

87. A syllaba tónica nos vem da tradição latina, e determiná-la em portuguez é determinar a syllaba acentuada do vocabulo original.

A lei da persistencia da syllaba tónica através da evolução vocabular é a chave do problema orthologico ou da correcta pronuncia na lingua vernacula.

Nos vocabulos que nos vieram do latim ou por meio d'elle, a syllabatónica é a mesma que a do latim. A identidade da syllaba, neste caso, nem sempre é determinada pela posição, mas sempre pelos seus elementos phonicos. Exs.:

decâno	postigos
âmbito	pórtico
lídimo	pharmácia
areópago	myópe (pag. 47)
apothése	cyclópe
ibéros	Górgonas
epitheto	Cérbero

Quanto ao phenomeno da deslocação da tónica nos vocabulos de origem latina, examiná-lo-emos mais adeante quan-

do estudarmos a lei da persistencia da tónica na evolução vocabular.

88. DETERMINAÇÃO DA SYLLABA TÓNICA NOS VOCABULOS DE IMPORTAÇÃO EXTRANGEIRA.

Nos vocabulos que nos vieram de linguas estrangeiras, sem passarem pelo latim, convem, em regra, respeitar a tónica etymologica, p. ex.: *Niágara, tílbury, sânskrito, crachá, chalét, Tâmissa, Coromândel, Quíloa, Pavia, Córdova, Mérida, Ládoga, Gibraltár, Glásgow.*

CAPITULO IV

O CARACTER DA EVOLUÇÃO PHONETICA

89. O processo da evolução phonetica caracteriza-se por um triplice aspecto: — *espontaneo* ou *inconsciente, lento e gradual.*

1.º A evolução phonetica opera-se por uma modificação *espontanea e inconsciente* dos phonemas vocabulares, sob o influxo do meio ou das aptidões variaveis do apparelho de phonação. Deste modo, os vocabulos latinos foram-se transformando, na bocca do povo e das gerações, sem intervenção da vontade humana, embora Bréal creia na existencia de uma como *vontade inconsciente*, que preside á evolução linguistica em geral.

Os povos que habitavam a faixa occidental da Iberia, tendo de fallar o latim, imposto pelas armas victoriosas de Roma, não podiam deixar de alterar profundamente os sons latinos no esforço de adaptá-los ás aptidões de seu apparelho glottico, como acontece, em regra, a qualquer que falle lingua extranha. Este esforço e as influencias mesologicas modificam, no decurso das gerações, os orgams da voz, e, com elles, os phonemas. Assim os vocabulos latinos — *nitidum, frigidum, palatium, episcopum, maculam, apothecam*, foram-se successivamente e inconscientemente alterando em seus sons até se apresentarem actualmente nas seguintes fórmas — *medio, frio, paço, bispo, malha, bodega.*

2.º A evolução phonetica opera-se por uma modificação *lenta.* As alterações minimas na pronuncia de individuos ou



gerações vão-se accentuando e generalizando vagarosamente, até assumirem o caracter de um phenomeno geral. Este movimento constante das linguas vivas é o que constitue a sua *dialectação*, que se opera no transcorrer dos seculos. Ao lado da dialectação geral, no afastamento do typo da lingua matriz, existem dialectações regionaes, ou a formação paulatina de *dialectos* no seio de uma lingua, que se constituem ás vezes orgams de nacionalidades.

3.º A evolução phonetiea opera-se por uma modificação *gradual*. A evolução *espontanea* e *lenta* não se realiza arbitraria ou caprichosamente: obedece a *leis*, segue uma ordem instinetiva, é *gradual*. Os sons oraes alteram-se descendo gradualmente na escala vocalica, e alteram-se cada um por sua vez. Neste enfraquecimento regular, um phonema forte ou aspero passa para sua homorganica fraca ou sonora, e esta póde desapparecer, ou, se explosiva, passar para a classe immediata das continuas, como se vê em — *amatis* >>>→ *amades* >>>→ *amaës* >>>→ *amaes*; *populum* >>>→ *pobolo* >>>→ *poboo* >>>→ *povo*. A este enfraquecimento geral dos sons latinos chamam alguns *degenerescencia* ou *degradação*; taes designações, porém, nos parecem improprias para assignalar um phenomeno geral da vida das linguas.

CAPITULO V

LEIS GLOTTICAS

90. Na transformação do latim em seus dialectos neolatinos, notam-se certos principios ou leis glotticas, que dominam a evolução phonetica. Em quatro podem-se essas leis resumir, que são:

- | | |
|-----------------------------|-------------------------------------|
| 1. A lei do menor esforço | 3. A persistencia da syllaba tónica |
| 2. O principio de transição | 4. O principio da analogia |

I. LEI DO MENOR ESFORÇO.

91. A lei do *menor* ou *minimo esforço*, tambem chamada de *economia physiologica*, consiste na tendencia constante da lingua a realizar o seu fim do modo mais simples.

E' a grande lei da *euphonia* ou do *rythmo* da linguagem e



da, mas ainda na sua importancia para a intelligencia da palavra. Tem ella, portanto, um duplo fundamento—physiologico e psychologico.

A syllaba tónica dá individualidade e vida ao vocabulo: o accento tónico é, no dizer de Guardia, a alma da palavra.

94. DESLOCAÇÃO DA TÓNICA LATINA.

Nem sempre observa a lingua a lei glottica da persistencia da syllaba tónica latina: o accento desloca-se, ás vezes, e abrem-se excepções á regra.

Dessas deslocações da tónica podemos assignalar as seguintes causas:

1.^a As vogaes antes dos grupos consonantacs de uma explosiva e a liquida *r* (explosiva+r—br, er, dr, tr, etc) são ambigvas ou *ancípites*, isto é, podem ser longas ou breves, na poesia.

Na prosa e no latim literario são ellas breves, dahi a pronuncia erudita — *cáthedra*, *íntegro*, *invólucro*. O latim popular, porém, fazia-as longas e tónicas, produzindo isso deslocação da tónica em relação ao latim literario, como se vê em seguida:

LATIM CLASSICO	LATIM POPULAR	PORTUGUEZ
Cáthēdrām	Cathedra	cadeira
Intēgrum	integru	intelro
A'lācrem	alācre	alēgre
Invólūcerum	invólūceru	invólucro (pop.)

Na fórmula erudita segue-se, em geral, a accentuação do lat. classico — *cáthedra*, *íntegro*, *invólucro*, *álacre*.

2.^a A *influencia analogica* é uma outra causa da deslocação da tónica:

a) Os verbos da 3.^a conjugação latina (segundo outros 4.^a) em *ēre* breve (*facēre*) passaram a *ēre* longo, por influencia analogica da 2.^a conjugação (*monēre*), no latim popular medieval. Exs.:

LAT. CLASS.	LAT. BAIXO	PORT.
fácēre	facere	fazer
dícēre	dicere	dizer
sápēre	sapere	saber
languéscēre	languescere	languescer

Alguns destes, com a deslocação da tónica, passaram posteriormente para a 4.^a conjugação (segundo outros 3.^a) em *ire*. Exs.:

argüêre	arguere (arguer)	arguir
condúcêre	conducere	conduzir
destrüêre	destruere	destruir
trádêre	tradere	trair

Em razão desta assimilação á 4.^a conjug., pronuncia-mos—*dicernimos* (lat. *dicernimus*) *dicernís* (lat. *dicernitis*) —Em *farei* e *direi* (por *fazerei* e *dizerei*), de *fazer* + *hei*, *dizer* + *hei*, temos vestigio da accentuação primitiva de *fácere* → *fázer*, *dícere* → *dizer*, em que a quêda da desinencia infinitiva revcla o seu character atónico.

b) Refugindo ao esdruxulo, a analogia reduziu todos os verbos ao typo dos paroxytonos na conjugação do pres. do indic., desloando para a penultima a tónica dos pro-paroxytonos latinos. Exs.:

Invôco	invôco	Rênôvo	renôvo
Invôcas	Invôcas	Répáro	repáro
Invôcat	Invôca	Imágino	imagino
Réplíco	replíco	Considero	considéro
Réplícas	replícas	Explíco	explíco
Réplícat	replíca		

c) Nos *imperfectos do indic.* a analogia com o singular determinou o recuo da tónica na 1.^a e 2.^a pess. do plural. Exs.:

Éram	→ éra	Laudábam	→ louváva
Éras	→ éras	Laudábas	→ louvávás
Erat	→ éra	Laubát	→ louváva
Erâmus	→ éramos	Laudabâmus	→ louvávamos
Erâris	→ éreis	Laudabâtis	→ louváveis
Érant	→ éram	Laudabant	→ louvávam

d) A influencia da *accentuação grega* determina, em muitos casos, deslocação da tónica.

O latim subordinava, em geral, a prosodia grega á sua nos vocabulos gregos incorporados no lexico latino. Porém não havia muito rigor nesta subordinação, como nos dá a entender o seguinte verso latino:

Græca per Ausoniæ fines sine lege vagantur.

Muitas palavras de origem grega, depois de deslocado o acento no latim, de accordo com a sua prosodia, volveram, no portuguez, á accentuação grega. Exs.:

GREGO	LAT.	PORT.
Theología	theológia	theologia
Theougoufa	theogónia	theougoufa
Theoría	theória	theoria
Philosophía	philosóphia	philosophia
Acóniton	aconitum	aconito
Polypon	pólypum	polypo

GREGO	LAT.	PORT.
Autopsia	autópsia	autopsia (ou autópsia)
Orgia	órgia	orgia
Academia	académia	academia
Cleópatra	Cleopátra (Camões)	Cleópatra
Candáke	Cândace	Candáce
Polyxéna	Polyxéna	Polycéna

e) Para evitar o hiato e o *esdruxulo*, repugnantes á lingua, desloca-se, ás vezes, o acento. Exs.:

1/2	Pariétem	➡➡➡➡	pariete	➡➡➡➡	parêde
	Muliétem	➡➡➡➡	muliere	➡➡➡➡	mulhêr
	Lentéolum	➡➡➡➡	lenteolu	➡➡➡➡	lençol
	Faséolum	➡➡➡➡	faseolu	➡➡➡➡	feijão
	Húmílem	➡➡➡➡	humile	➡➡➡➡	humíde

f) Às vezes a deslocação é arbitraria, e, provavelmente, provocada pela *ignorancia erudita*. Exs.:

LAT.	PORT.	LAT.	PORT.
Océanum	oceáno	Polygōnum	Polygono
Arbitrium	alvedrio	Pentagōnum	pentágono
Limfem	limfte	Réptilem	reptil
Figātum	fígado	Benedictionem	bençam
Nibēllum	nível	Barbária	barbaria
Plátēa	platēa	Amylum	amído
Idōlum	ídolo	Meyōpem	míjope
Anemōnam	anémoma		

g) Além destes menciona ainda Gonçalves Vianna, como geralmente viciada, a pronuncia dos seguintes vocabulos: *zeníte* (*zenith*), *álcool*, *bimáno*, *astúres*, *ligúres*, *gemonias*,

resedá, Choromandél, Macaçár, Quilôa, Madagascár, que se devem pronunciar: *zénite, alcoól, bímano, ástures, lígures, gemônias, reséda, Choromândel, Macaçar, Quíloa, Mada-gáscar*. — *Zângam* (eastelhano *zângano*) é geralmente pronunciado com a tónica na ultima — *zangão*, pronuncia sancionada por Garrett:

Pois quando eras tu vermelha,
Não vinha zangão e abelha
Em torno de ti zumbir.

O mesmo acontece com *frángam*, que a analogia com os augmentativos faz oxytono *frangão*. — O nosso povo guarda ainda a pronuncia etymologica em — *benção, benções*, e assim era no tempo de Gil Vicente:

Agasta-me o coração,
Que quero sahir de mim.
— Eu irei saber se é assim,
— Hajas a minha benção.

Nível e *livél* eram fórmias synereticas, oxytonas entre classicos, que obedeciam regularmente á tónica (*libellum*), como se vê em Gil Vicente e Gareia de Rezende:

Eu não fui cá enviado
Per piedoso nivel,
Senão socorrer o gado
Das ovelhas d'Israel.

E vimos a poderosa
Rainha dona Isabel,
Tão prudente, virtuosa,
Tão real, tão grandiosa
Governar bem por nivel.

Auto da Cananea.

Misc. XXIII.

k) A *sýstole* e a *diástole*, no verso, permitem aos poetas recuar ou avançar a tónica em certos vocabulos, conforme a exigencia da metrificacão.

1. A *sýstole* (gr.=*contracção*) faz recuar a tónica, p. ex.: *Dário* por *Dario*, *Théseo* por *Thesêo*, em Camões.

2. A *diástole* (gr.=*distensão*) faz avançar a tónica, p. ex.: *ethiôpes* por *ethiopes*, em Camões.

Se me creste, gente impia. (*Bocage*).

Obs. I. Os carpinteiros de nosso paiz ainda guardam tradicionalmente a pronuncia classica, dizendo *nível* e *olivél*, designando este termo um instrumento de seu officio. No dialecto literario fixou-se *nível*, porém, com A. Herculano, temos a variante classica *livél* e o verbo *livelar*. — *Arbitrio* e *alvedrio* são fórmias diver-

gentes de *arbitrium*, sendo aquella de cuinho erudito, e esta popular, que A. Hierculano algures accentua *alvédrío*, porém a pronuncia mais corrente *alvedrío* é a quinhentista, como se vê do seguinte passo de GH Vicente:

E dizel-lhe que o pavio
Desta vida é a salvação,
E a cera o poderio
Que tem o livre alvedrío,
E o lume a perfeição.

Auto da Mofina Mendes.

Obs. II. Diz Gonçalves Viana que a palavra *nível*, no Auto da Cananeia de G. Vicente acima citado, é de "sentido difficil de interpretar". Entretanto, o sentido resalta do texto do Evangelho, donde G. Vicente extrahiu seu assumpto. "Não é bom, disse Christo á Cananéa, que lhe pedia socorro, não é bom tirar o pão aos filhos (aos judeus), e dá-lo aos cães (aos cananeus ou gentios). Christo, pois, não veio ao mundo "per piedoso nível", isto é, para nivelar misericordiosamente judeus e gentios, os *filhos* e os *cachorrinhos*.

Obs. III. SYSTOLE E DIÁSTOLE. Ha na poesia uma deslocação eventual da tónlea para acudir aos poetas nas exigencias da metrificação. Ora reuam a tónica, e dá-se a *systole* (gr.=*contractão*), como em *Dário*, *Próteo*, *Théseo*, *metéoro* — por *Dario*, *Protéo*, *Théseo*, *metéoros*; ora avangam a tónlea, e dá-se a *diástole* (gr.=*distensão*) como — *Simirâmis*, *Naiâdes*, *Cleopátra*, *Ethiôpes*, *impío*, por — *Semiramis*, *Naiâdes*, *Cleópatra*, *Ethiôpes*, *impio*. Taes *liberdades poeticas* restringem-se, em geral, a palavras pouco conhecidas, pois seria absurdo conferir aos poetas o direito de estropiar a lingua. Em Camões menciona Epiphânio Dias no *Registo Philologico* de sua edição dos Lusíadas, os seguintes exemplos de deslocação da tónlea: *archetipo* (X. 79), *Cappadóces*, *Centimâno*, *Cinyras*, *Cleopátra*, *Clymenc*, *Demodóco*, *Eólo*, *epithéto* (X. 124), *Ethiôpes* (V. 6), *Gedrosia*, *Glaphyra*, *Helioqabálo*, *idolátra* (VII 73, VIII 85, X 147), *Leucothóc*, *Naiâdes*, *Polycéna*, *Semélc*, *Semirâmis*, *Taprobána*, *Zopyro*, *Annibál*, *Próteo* (I. 19), *Théseo* (II. 112).

Sintra, onde as Naiâdes escondidas
Nas fontes vão fugindo ao doce laço (Lus. 3. 56).
O grão poder de Dário estrue e rende (Lus. 10. 21)

IV PRINCIPIO DE ANALOGIA.

95. A *analogia*, no dominio da evolução linguistica, é a lei glottica que consiste na tendencia de reunir em grupos regulares as fórmãs dispaes da lingua. E' uma ten-

deneia regularizadora ou systematizadora, que, fundada na semelhança morphia, procura uniformizar os typos grammaticaes. As ereanças dão-nos frizante exemplo desta tendencia, quando instinctivamente flexionam os verbos irregulares pelos paradigmas regulares da respectiva conjugação, dizendo: *sabi, fazi, trazi, sabeu, fazeu, trazeu*.

Obedecendo ao mesmo impulso uniformizador, regularizaram-se alguns verbos e tempos, antigamente irregulares; dizemos, p. ex., hoje — *jazi, jazeste, jazera, jazesse, jazer*, por *jouve, jouveste, jouvera, jouvesse, jouver*, como era no velho portuguez. — A analogia amoldou ainda, pelo paradigma de conjugação regular, o preterito perf. e seus derivados dos verbos — *prover, comprazer, preterir* — *proveu, comprazeu, preteriu*, por — *proviu, comprouve, preterfoi*, como seria, se taes verbos, como é de regra, seguissem a conjugação de seus simples — *ver, prazer, ir* (*preter+ir*). Quanto ao verbo — *comprazer* ha ainda vacillação, optando alguns escriptores pelas fórmulas irregulares — *comprouve, comprouvera, comprouvesse, comprouver*.

O verbo *preterir* foi por uma falsa analogia assimilado aos verbos que teem por paradigma *ferir*. Igual phenomeno de *falsa analogia* deu-se com os verbos — *despedir, expedir impedir*, que os nossos classicos, inclusive A. Vieira, conjugavam — *despido, expido, impido*, e que, por confusão com o verbo *pedir*, de que parecem compostos, passaram a conjugar-se modernamente — *despeço, expeço, impeço*.

96. NATUREZA E EXTENSÃO DO PRINCIPIO DE ANALOGIA.

Dois grandes factores explicam a transformação das linguas: — as *alterações phoneticas* e a *analogia*.

Os principios que regem as alterações phoneticas são *physiologicos* ou *mechanicos*; mas o principio de analogia é essencialmente *psychologico*, pois tem por base a observação rapida e instinctiva da semelhança das fórmulas.

A acção da lei da analogia morphia estende-se sobre todo o campo grammatical, desde a phonetica até a syntaxe.

97. PHENOMENOS ANALOGICOS.

Além dos que já estudámos sobre a deslocação da tónica, e sobre as fórmulas verbaes, a que acima nos referimos, podemos ainda acerescentar o seguinte:



1.º A analogia deu-nos o *s* como expoente do plural dos nomes, e isso porque essa consoante, nas cinco declinações latinas, caracterizava o plural do *accusativo*, caso *etymologico*, isto é, donde procederam os nossos nomes, como se vê:

1.ª decl.	2.ª decl.	3.ª decl.	4.ª decl.	5.ª decl.
horas	servos	sermões	currus	dies

Houve, pois, uma generalização analogica na formação do plural em portuguez.

2.º A *analogia* deu-nos ainda a desinencia *a* como flexão caracteristica do genero feminino (*moça*), e *o* como flexão caracteristica do genero masculino (*moço*) dos nomes; e isto porque os nomes da 1.ª declin. lat. terminavam em *a*, e eram quasi todos femininos, e os da 2.ª vieram a terminar em *o*, e eram masculinos na maior parte, como — *hora*, *rosa* e *servo* (*servum*), *jogo* (*joecum*). Houve, pois, para o genero, como para o numero, o mesmo processo de generalização analogica.

As excepções a esta lei são determinadas pelo genero *etymologico* ou pela natureza do objecto nomeado, como *cometa*, *planeta*, *Sena* (rio), *Juno*, *Carthago*.

Os neutros latinos, que no *accusativo* plural terminam em *a*, foram, em alguns nomes, tomados por femininos no singular da 1.ª declinação, confusão a que alguns chamam *falsa analogia*, taes como: — *verba* (*verbum*), *folia* \rightsquigarrow \rightarrow *folha* (*folium*), *vestimenta* (*vestmentum*), *ferramenta* (*ferramentum*), *errata* (*erratum*).

3.º A analogia criou o futuro romanico — *amarei*, *vive-rei*, *partirei*, *porei*. Tendo sido rejeitado o futuro latino por se confundir com o *imperfeito*, após a queda do *m* final (*imp. amaba(m)*, *fut. amabo*), a lingua generalizou, por uma extensão analogica, um typo periphrastico do lat. popular, que trazia idéa de futuridade, composta do infinito seguido do pres. do indic. de *habere* (*habeo*), como se vê em — *amare habeo* = *amar hei* = *amar + ei* = *amarei*. Este typo popular de futuridade encontra-se em alguns escriptores classicos, como em seu lugar veremos.

4.º Sobre os moldes do futuro romanico a analogia fundiu os tempos do condicional, extranhos ao latim, tomando



o imperfeito *habebam* (⟨⟨⟨.⟩⟩⟨⟩) *havia* (⟨⟨⟨⟩⟩) → *ia*: *amare habebam* = *amar havia* = *amar* + *ia* = *amaria*.

CAPITULO VI

METAPLASMOS

98. **Metaplasmos** (gr. *metaplasmos* = *transformação*) são as alterações phoneticas ou as modificações accidentaes do systema phonetic, que soffrem os vocabulos em suas transformações historicas.

Essas transformações metaplasticas realizam-se sob o imperio das leis glotticas, que acabamos de estudar, e tem por fim a *euphonia* (gr. *eu* + *phonia* = *bom soido*) ou *rythmo* da linguagem.

A quatro classes podemos reduzir os metaplasmos historicos, as quaes se subdividem em dezeseis sub-classes, como se vê no schema abaixo:

METAPLASMOS	}	Permuta	}	Enfraquecimento
				Voalização
				Consonantização
				Diphthongação
}	}	Perda	}	Crase
				Assimilação
				Dissimilação
				Apophonia
}	}	Reforço	}	Apherese
				Syncope
				Apócope
				Próthese
}	}	Transposição	}	Epenthese
				Epithese
				Metáthese
				Hypérthese

I. Permuta ou antithese

99. *Permuta* ou *antithese* é o phenomeno geral da substituição de um phonema por outro, sempre com o intuito de facilitar a pronuncia. São de oito especies essas permutas.

1.^a ENFRAQUECIMENTO OU ABRANDAMENTO.

Consiste este metaplasmo na permuta de um som *forte* por um *fraco*. Effectua-se esta atenuação phonetica tanto no dominio das vogaes como das consoantes.

a) Entre as vogaes observa-se a substituição, em regra, de um som mais agudo por um outro mais surdo. Exs.:

Similare	»»»→	semelhar
Superbum	»»»→	soberbo
Lupum	»»»→	lobo
Cito	»»»→	cedo
Digitum	»»»→	dedo
Minimum (?)	»»»→	menino
Ceremoniam	»»»→	ceremonia
Testimonium	»»»→	testemunho

b) Entre as consoantes opera-se a permuta da *forte* para a *fraca*, e, ás vezes, das *explosivas* para as *continuas*, de *p, f, t, k*, para *b, v, d, gh*. Exs.:

Apiculum	»»»→	abelha
Cæcum	»»»→	cego
Apothecam	»»»→	bodega
Vicinum	»»»→	vizinho (v. port. vezinho)
Estephanum	»»»→	Estevam
Escopam	»»»→	escova (escoba v. port.)
Amabilem	»»»→	amavel
Civitatem	»»»→	cidade
Caput	»»»→	cabo

2.^a VOCALIZAÇÃO.

Vocalização é o phenomeno da dissolução nas vogaes *i* e *u* da prepositiva dos grupos consonantae — *ct, pt, lt*: *actum* »»»→ *auto*, *pectum* »»»→ *peito*, *conceptum* »»»→ *conccito* (*conceptionem* »»»→ *conccição*), *octobrem* »»»→ *outubro*, *multum* »»»→ *muito*, *alterum* »»»→ *outro*.

3.^a CONSONANTIZAÇÃO.

Consonantização é o phenomeno que se observa na permuta do *i* inicial pela consoante *j* nos voeabulos — *Hieronymum* »»»→ *Jeronymo*, *Hierusalem* »»»→ *Jerusalem*, *Hiacintho* »»»→ *Jacintho*, *hierarchia* »»»→ *jerarchia*.

4.^a DIPHTHONGAÇÃO.

Diphthongação é a formação de diphthongos no seio das

linguas. São varios os processos evolutivos na formação de diphthongos, taes são:

a) Por *synerese*, ou reunião de duas vogaes, que vieram em contacto pela quéda da consoante medial, p. ex.:

Date \rightsquigarrow dade \rightsquigarrow daë \rightsquigarrow dae
Amatis \rightsquigarrow amades \rightsquigarrow amaës \rightsquigarrow amacs
Traditionem \rightsquigarrow tração \rightsquigarrow tração

b) Por *metathese*, quando duas vogaes, em contacto pela quéda da consoante medial, trocam de posição por ephonia, v. g.:

Faciles \rightsquigarrow *facies \rightsquigarrow facels
Amabiles \rightsquigarrow amavies \rightsquigarrow amaveis

c) Por *hyperthese*, quando se dá a *attracção* de uma vogal para a syllaba antecedente, p. ex.:

Rabiam \rightsquigarrow ravia \rightsquigarrow ralva
Capto \rightsquigarrow cábio \rightsquigarrow calbo

d) Por *epenthese* ou inserção de vogal euphonica, para evitar o *hiato*, p. ex.:

Avenam \rightsquigarrow aveca \rightsquigarrow aveia
Frenum \rightsquigarrow freo \rightsquigarrow frelo
Sinum \rightsquigarrow seo \rightsquigarrow selo
Credo \rightsquigarrow creio \rightsquigarrow crelo

e) Por *vocalização* da primeira de certos grupos consonantaes, p. ex.:

Respectum \rightsquigarrow respeito
Octo \rightsquigarrow oito
Octobrem \rightsquigarrow outubro
Conceptum \rightsquigarrow conceito
Preceptum \rightsquigarrow preceito
Factum \rightsquigarrow feito
Correctionem \rightsquigarrow correição
Fructum \rightsquigarrow fruto (arch.)
Alterum \rightsquigarrow outro
Altarium \rightsquigarrow outeiro

f) Por *alongamento* da vogal tónica, p. ex.:

Sto \rightsquigarrow estou. Sum \rightsquigarrow so \rightsquigarrow sou.

O mesmo phenomeno de alongamento observamos em *cremare* → *queimar*, *requiro* (cf. *quero*) → *requero*; e taes se podem considerar os phenomenos epentheticos do paragrapho *davenan* → *avea* → *aveia*.

5.^a CRASE.

Crise é a fusão ou contracção de dois phonemas vogaes identicos, em contacto pela quéda da consoante medial, p. ex.:

Pedem	→→→	pee	→→→	pé
Vide	→→→	vee	→→→	vê
Fidem	→→→	fee	→→→	fê
Avunculum (?)	→→→	avoo	→→→	avô
Colorem	→→→	coor	→→→	côr
Dolorem	→→→	door	→→→	dôr
Funiles	→→→	*funies	→→→	fûnis

6.^a ASSIMILAÇÃO.

Assimilação ou alliteração é o phenomeno de attracção que um phonema, vogal ou consoante, exerce sobre outro, assimilando-o perfeita ou imperfeitamente. Dahi a assimilação *perfeita e imperfeita*.

A. *Assimilação perfeita* ou *completa* é a que se opera na *ordem, classe e grau*, identificando o phonema assimilado ao assimilante. Ella é *progressiva*, se a assimilação se opera de um phonema *anterior* para o *posterior*, e *regressiva*, no caso contrario, p. ex.:

a) *Progressiva*:

Nostrum	→→→	nosto	→→→	nosso
Vostrum	→→→	vosto	→→→	vosso
En lo	→→→	enno	→→→	no

b) *Regressiva*:

Ipsum	→→→	isso		
Persicum	→→→	pêssego		
Personam	→→→	pessoa		
Amarlo	→→→	amallo (=amá-lo)		
In + modesto	→→→	immodesto		
Ad + tenção	→→→	atención		
In + regular	→→→	irregular		
Fabulare	→→→	fablar	→→→	fallar
Eislo	→→→	eillo	→→→	ei-lo

Mirabilia	➡➡➡➡➡	maravilha
Novaeulam	➡➡➡➡➡	navallia
Selvagem	➡➡➡➡➡	salvage (arch.)
In + legal	➡➡➡➡➡	illegal
Com + ligar	➡➡➡➡➡	colligar
Ad + nexo	➡➡➡➡➡	annexo
Com + romper	➡➡➡➡➡	corromper
Dis + ferente	➡➡➡➡➡	differente
Ob + por	➡➡➡➡➡	oppor
Sub + por	➡➡➡➡➡	suppor
Sub + gerir	➡➡➡➡➡	suggestir
Ex + fusão	➡➡➡➡➡	effusão

B. *Assimilação imperfeita ou incompleta* é a que não se effectua simultaneamente na *ordem, classe* ou *grau*, mas apenas approxima os phonemas em uma ou duas dessas classes, podendo ser igualmente *progressiva* e *regressiva*. Ex.:

a) *Progressiva*:

Viperam	➡➡➡➡➡	vibora (p, b e o = labiaes)
Vesperam	➡➡➡➡➡	vespora (arch.)

b) *Regressiva*:

Scrib + tum	➡➡➡➡➡	escriptum	➡➡➡➡➡	escripto
In + pio	➡➡➡➡➡	impio		
In + bibere	➡➡➡➡➡	embeber		
Fame	➡➡➡➡➡	fome (o e m = labiaes)		
Assibilare	➡➡➡➡➡	assobiar (o e b = labiaes)		
Adversam	➡➡➡➡➡	avesso		
Personam	➡➡➡➡➡	peessoa		

Pertence a esta classe de assimilação regressiva a *nasalização* ou *nasalização*, influencia do phonema nasal sobre a vogal da syllaba anteedente. Exs.:

Christianos	➡➡➡➡➡	ehristãos
Sermones	➡➡➡➡➡	sermões
Panes	➡➡➡➡➡	pães
Amat	➡➡➡➡➡	ãma
Domina	➡➡➡➡➡	dõna
Lunam	➡➡➡➡➡	lũa (pop.)

A influencia progressiva da nasal é mais rara; nota-se, entretanto, em — *multo* = *multo*, *mihi* ➡➡➡➡➡ *mi* ➡➡➡➡➡ *mim*, *message* (port. arch.) ➡➡➡➡➡ *mensagem* ➡➡➡➡➡ *mensagem*.

7.^a DISSIMILAÇÃO.

Dissimilação é phenomeno contrario ao antecedente e dá-se entre dois sons identicos, que se diversificam. Exs.:

Massilliam	➡➡➡➡➡	Masselha	➡➡➡➡➡	Marselha
Mellmelum	➡➡➡➡➡	Mallimelo	➡➡➡➡➡	marmelo
Aratrum	➡➡➡➡➡	aratru	➡➡➡➡➡	arado

8.^a APOPHONIA.

Apophonia ou *deflexão* é a permuta de uma vogal por outra sob a influencia de um prefixo, em voeabulos compostos. Este metaplasmose opera largamente no dominio do latim. Exs.:

Ad + cantum	➡➡➡➡➡	accentum	➡➡➡➡➡	acceuto
In + amicum	➡➡➡➡➡	inimicum	➡➡➡➡➡	inimigo
In + aptum	➡➡➡➡➡	ineptum	➡➡➡➡➡	inepto
In + barbam	➡➡➡➡➡	inberbem	➡➡➡➡➡	imberbe
Con + factum	➡➡➡➡➡	confectum	➡➡➡➡➡	confelto
Ob + factum	➡➡➡➡➡	officium	➡➡➡➡➡	officio
Ob + jactum	➡➡➡➡➡	objectum	➡➡➡➡➡	objecto
Sub + jactum	➡➡➡➡➡	subjectum	➡➡➡➡➡	sujecto
Traus + agere	➡➡➡➡➡	transigere	➡➡➡➡➡	transigir

II. Perda

100. *Perda* ou *quêda* é o phenomeno geral da eliminacão dos phonemas *fracos*, vogaes ou consoantes, no seio dos voeabulos. Esta *quêda* depende da natureza e posicão do phonema, e pôde realizar-se no *inicio*, no *meio* e no *fim* do voeabulo. Dahi a — *aphérese*, *syncope* e *apócope*.

1. APHÉRESE.

Aphérese (gr. *aphairesis* = *supressão*) é a perda ou *quêda* da vogal átona inicial de um voeabulo. A vogal tónica e a consoante *iniciaes* não caem; apenas se notam raros exemplos da *quêda* da consoante. Exs.:

Apothecam	➡➡➡➡➡	bodega
Episcopum	➡➡➡➡➡	bispo
Horologium	➡➡➡➡➡	relogio
Ptisanam	➡➡➡➡➡	tisana
Spasnum	➡➡➡➡➡	pasmo
Acumen	➡➡➡➡➡	gume
Lyncem	➡➡➡➡➡	onça
Germanum	➡➡➡➡➡	irmão

2. SYNCOPE.

Syncope (gr. *synkopê*=*côrte*), é a supressão da consoante *fraca* ou da vogal *átone* *mediacs.* Exs.:

Amatis	➡➡➡➡	amades	➡➡➡➡	amaes
Ligare	➡➡➡➡	lgar	➡➡➡➡	lhar
Pelagum	➡➡➡➡	peego	➡➡➡➡	pégo
Videre	➡➡➡➡	veer	➡➡➡➡	ver
Legalem	➡➡➡➡	legal	➡➡➡➡	leal
Fidelem	➡➡➡➡	fidele	➡➡➡➡	fiel
Inimieum	➡➡➡➡	inimigo	➡➡➡➡	imigo (archaico)
Operare	➡➡➡➡	operar	➡➡➡➡	obrar
Veritatem	➡➡➡➡	veridade	➡➡➡➡	verdade
Malum	➡➡➡➡	malo	➡➡➡➡	mau
Tenerum			➡➡➡➡	tenro
Pulicam			➡➡➡➡	pulga

No dominio actual da lingua, a *syncope* apparece como um recurso da metrificacão poetica, de que frequentemente lançam mão os poetas, dando-nos fórmãs contractas, como — *esp'rança*, *c'roa*, *des'parecer*.

3. APÓCOPE.

Apócope (gr. *apocopê*=*côrte*) é a supressão da consoante *fraca* ou da vogal surda *finaes.* Exs.:

Amat	➡➡➡➡	*amad	➡➡➡➡	ama
Debebat	➡➡➡➡	*debebad	➡➡➡➡	devia
Servum	➡➡➡➡	servu	➡➡➡➡	servo
Capitalem	➡➡➡➡	eapitale	➡➡➡➡	capital
Arborem	➡➡➡➡	arbore	➡➡➡➡	arvore
Dolórem	➡➡➡➡	door	➡➡➡➡	dór

Em consequencia da próclise, deu-se a apócope nos seguintes imperativos: *gar-te*, *tir-te*, *far-te*, por — *guarda-te*, *tira-te*, *farta-te*. Devido ainda á próclise, dá-se a apócope em — *frei* (freire), *dom* (dono), *cem* (cento), *são* (saneto), *bel* (bello), *gran* (grande), *porem* (porende). Era no v. port. mais commum a apócope, como se vê em *en cas de* (arch=*em casa de*), *fidalgo* (=filho de algo), *Fernão*, *Mem*, *Castel*, *Monbeja*, por — *Fernando*, *Mendo*, *Castello*, *Monte de Beja*.

A apócope representa papel proeminente na evoluçãõ da lingua, pois, com o desaparecimento da consoante final,

desapareceram os *casos* latinos, e, com o desaparecimento dos casos, operou-se uma profunda revolução no domínio da morfologia e da syntaxe, que em seu lugar estudaremos.

III. Reforço

101. *Reforço* é o phenomeno contrario aos phenomenos antecedentes, que consiste no acerescimo de phonemas com o intuito de suavizar a pronuncia. Póde igualmente operar-se no *principio*, no *meio* e no *fim* do vocabulo. Dahi *próthese*, *epenthese* e *epithese*.

1. PRÓTHESE.

Próthese ou *próthese* (gr. *prosthesis* = *acrescimo*), é a addição euphonica de uma vogal no principio de um vocabulo. Exs.:

Sentar	=	assentar
Ralar	=	arralar
Credor	=	acredor
Metade	=	ametade (arch.)
Lagoa	=	alagoa

A difficuldade da pronuncia do *s* chamado *impuro*, quando seguido de consoante, determinou a próthese do *e* ou a quéda do *s*. Exs.:

Stylum	»»»→	Estylo
Strictum	»»»→	estrieto
Spiritum	»»»→	esprito
Scribere	»»»→	escrever
Spasnum	»»»→	espasmo e pasmo
Sciencia	»»»→	(s)ciencia

2. EPENTHESE.

Epenthese é a addição de um phonema no corpo de um vocabulo. Exs.:

Februario	»»»→	fevereiro	Café + al	»»»→	cafezal
Masto	»»»→	mastro	Café + eira	»»»→	cafeteira
Registo	»»»→	registro	Chá + eira	»»»→	chaleira
Humile	»»»→	humilde	Cravelha	»»»→	caravelha
Humero	»»»→	hombro	Laternam	»»»→	lanterna
Cumulo	»»»→	combro	Tetra-avó	»»»→	tataravó

Este processo epenthético de se acrescentar euphonicamente phonemas intermedios, chamado *paréctase*, já nos veio do latim e é popular — *golotão, boroa, taramela*, por *glotão, broa, tramela*.

3. EPITHESE.

Epithese ou *paragoge* é a adição de phonema no fim de um vocabulo. Exs.:

Mihi	➡➡➡➡➡	mi (arch.)	➡➡➡➡➡	mim
Sic	➡➡➡➡➡	si (arch.)	➡➡➡➡➡	sim

O *m epithetico* (*mim, sim*) é na prosodia actual mero signal nasalador. — Um phenomeno epithetico ou paragogico do portuguez e que se revela proeminente na orthographia do port. arch., é a incorporação das encliticas nos vocabulos, p. ex.: *amallo, comerumseli* (*amá-lo, comeram-se-lhe*).

IV. Transposição

102. *Transposição* é o phenomeno da deslocação de phonemas, no seio de uma mesma syllaba ou de uma syllaba para outra. Dahi a *metáthese* e a *hypérthese*.

1. METÁTHESE.

Metáthese é a transposição que soffre o phonema no seio da syllaba. Exs.:

Pro	➡➡➡➡➡	por
Super	➡➡➡➡➡	sobre
Inter	➡➡➡➡➡	entre

2. HYPÉRTHESE.

Hypérthese é a transferencia do phonema de uma syllaba para outra. Exs.:

Rabiam	➡➡➡➡➡	ralva
Capiam	➡➡➡➡➡	caiba
Sapui	➡➡➡➡➡	soube
Tenebram	➡➡➡➡➡	treva
Parabolam	➡➡➡➡➡	palavra
Medulam	➡➡➡➡➡	muela (miolo)
Poculum (?)	➡➡➡➡➡	copo
Pop'lum	➡➡➡➡➡	choupo (pl = ch)
Hirundinam	➡➡➡➡➡	andorinha

CAPITULO VII

ORIGEM DOS PHONEMAS VOGAES E CONSOANTES

ORIGEM HISTORICA DOS PHONEMAS VOGAES E CONSOANTES
DO LEXICO PORTUGUEZ.

103 O nosso systema phonetico, imperfeitamente figurado no alphabeto tradicional, e constante de nosso lexico, nos veio do latim; não, porém, do latim classico, senão do latim popular. Levado o latim á faixa occidental da Hispania pelos soldados conquistadores e pelos colonos romanos, modifieou-se profundamente em sua phonetica, bem como em todos os outros dominios grammaticaeas, no processo lento de sua assimilação sceular. A maneira por que os estrangeiros, desafeitos aos nossos sons voebulares, dão expressão aos phonemas de nossa lingua, illustra o modo pelo qual as populações primitivas da Lusitania se foram apropriando da phonetica latina, modificando-a.

Essas modifieações seculares, entretanto, não se effectuaram, como já o dissemos, de uma maneira arbitraria, mas, regularmente, como se uma vontade inconseiente as dirigisse. Sob o imperio das grandes leis glottieas, já estudadas, realizaram-se todas as modifieações metaplastieas e todas as transformações phoneticas, que ora vamos mais particuilarmente encenar, estudando a *origem historica dos phonemas vogaes e consoantes* incorporados em nossa lingua.

CAPITULO VIII

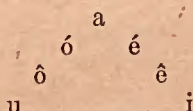
VOCALISMO

Historia das vogaes

104. Possuia o latim classico cinco vogaes — *a, e, i, o, u*, cada uma das quaes se caracterizava pela quantidade, podendo ser *longa* ou *breve*. Com o enfraquecimento da quantidade, absorvida pela toniea, phenomeno que já se dava no latim do Imperio, deixaram as vogaes de se dif-



ferençar pela duração, e começaram a se distinguir pelo *timbre*, que as fez *abertas e fechadas*. Os elementos *qualitativos* vieram substituir, na prosodia popular, os elementos *quantitativos* do latim classico, e o latim popular, seguindo esta corrente evolutiva, transformou as cinco vogaes do latim classico em sete phonemas vogaes, que são as vezes distinctas de nosso systema phonetico:



105. Nesta transformação do vocalismo classico no popular, nota-se a seguinte correspondencia da *quantidade classica* com os valores *qualitativos* do latim popular, que é a fonte principal de nossa prosodia:

LATIM CLASSICO		LATIM POPULAR
ā, ǣ	=	a
ē, ae (æ)	=	é
e, oe, ī	=	ê
ī	=	i
ō, ō	=	ô e ó
ū, ū	=	ô
	=	u

106. Sobre esta correspondencia historica, assenta, em geral, a prosodia de nosso lexico oriundo do *latim popular*:

ārā	(ā)	ara	tres	(e)	trêz
āqua	(ǣ)	agua	debco	»	dêvo
dēcem	(ē)	déz	secretum	»	segrêdo
lêporem	»	lêbre	catēnum	»	cadeia
nēbula	»	nēvoa	mēsem	»	mêz
sēptem	»	sête	foenum	(æ)	fêno
fêbrem	»	fêbre	poena	»	pêna
pêtram	»	pêdra	foedum	»	fêlo
caecum	(æ)	cêgo	foederatum	»	fêderado
praedium	»	prêdio	pīlum	(ī)	pêlo
Caesar	»	César	sītem	»	sêde
tegulam	(e)	têlha	cīto	»	cêdo
consīlium	»	consêlho	nōvem	(ō=ó)	nōve
vīrde	»	vêrde	rōsa	»	rōsa
sīnum	»	seio	ōpera	»	ōbra
rīvum	(ī)	rio	tōtum	(ō=ô)	tōdo

amicum	(i)	amigo	flōrem	(ō=ô)	flōr
spīcam	»	esplga	seōpam	»	escōva
formīcam	»	formiga	carōnam	»	corōa
filium	»	filho	persōnam	»	persōa
confīdo	»	conflo	rumōrem	»	rumor
pōpulum	(ô=ò)	pōvo	sūperbum	(ū=ó)	sōberbo
jōcum	»	jōgo	sūper	»	sōbre
fōcum	»	fōgo	lūpum	»	lōbo
sōcerum	»	sōgro	lūtum	»	lodo
ōcūlum	»	ōlho	secūrum	(ū=u)	seguro
sōlidum	»	sōldo	mūtum	»	mudo
mōdum	(ô=ó)	módo	verrūcum	»	verruqa
rōtam	»	rōda	jūstum	»	justo

107. A esta correspondencia geral dos valores phoneticos de nossos sons vocabulares, através do latim popular, com a quantidade vocalica do latim literario, ha frequentes excepções. Exs.:

- 1.° *ā, ã*: *amavi* → *amei*, *alacrem* → *alegre*, *Tagum* → *Tejo*.
- 2.° *ē oc*: *mētum* → *mêdo*, *mēum* → *meu*, *mēdium* → *meio*, *lactum* → *lêdo*.
- 3.° *ē, oc, γ*: *complētum* → *complêto*, *vālum* → *vêo*, *mētam* → *mêda*, *rēgulam* → *rêgra*, *foetidum* → *fêtido*, *fidem* → *fê*, *nivem* → *nêve*, *pīlam* → *pêla*, *justitiam* → *justiça*, *servitium* → *serviço*.
- 4.° *i*: *erīnem* → *grenha* (cf. *crina*), *pīcam* → *pêga*, *līram* → *lcira*, *capīllum* → *cabello*.
- 5.° *ū*: *mūcum* → *monço*, *cūpam* → *cópa* (cf. *cuba*), *crūsta* → *cróstá* (cf. *crusta*).

108. A sorte das vogaes depende de sua natureza e posição no vocabulo. As vogaes *tónicas* não soffrem elisão, e difficilmente se permutam. As *átonas*, porém, estão francamente expostas a permutas e elisões, mormente as *postónicas*. As vogaes *iniciaes* mantem-se melhor que as *mediaes* e *finaes*. As vogaes *longas* e *sonoras* teem naturalmente mais resistencia que as *breves* e *surdas*.

A

109. O *a* tónico latino conserva-se inalteravel: — *aquam* → *água*, *stare* → *estar*, *palatium* → *paço* → *paço*.

EXCEPÇÕES:

Fame → *fome*, *ealamum* → *colmo*, *Tagum* → *Tejo*, *phantasma* → *abentesma* (o *a* prosthetico é o art. fem. juxtaposto), *amavi* → *amai* → *amei*, *factum* → *faito* → *feito*.

110. O *a* átono igualmente se mantem: *medecinam* → *mezinha*, *amieum* → *amigo*, *parabulam* → *palavra*, *aeuclam* → *agulha*.

EXCEPÇÕES:

Smārāgdum → *esmeralda*, *bacalium* → *bogalho*.

O *a* átono inicial soffre ás vezes (posto que raras) *aphe- rese*: *apothecam* → *bodega*, *acumen* → *gume*, *attoni- tum* → *tonto*.

Phenomeno contrario se observa na *prothese* do *a* em muitas palavras que o não possuem originariamente, taes como — *abutre* ← *vulturem*, *ameaça* ← *minaciam*, *abrunho* ← *pruneum*, *abentesma* ← *phantasma*, *aca- ecer* ← *eadescere*, *aeonteer* ← *contingeseere*, *arre- pender* ← *repenitere*, *aleijão* ← *laesionem*. Em — *ameaça*, *abentesma*, *aleijão*, o *a* prosthetico é o art. fem. juxtaposto por se ter confundido com a syllaba inicial

E

111 O e tónico:

Mantem-se em geral: *scptem* → *séte*, *pedem* → *pé*, *debeo* → *devo*, *mercedem* → *mercê*, *luerna* → *lu- zerna*.

Permuta-se, ás vezes, por *i* e *o*: *mecum* → *migo*, *tecum* → *tigo*, *secum* → *sigo*, *decimam* → *dizima*, *men- tio* → *minto*, *senti* → *sinto* (arch. *sento*), *sensum* → *siso*, *serum* → *soro*, *episcopum* → *obispo* (arch.). Diphthonga-se em *cremare* → *queimar*.

112. O e átono:

1. Conserva-se em geral: *meliozem* → *melhor*, *se- niorem* → *senhor*, *repositam* → *reposta* e *resposta*.

2. Permuta-se, ás vezes, por *i*: *lectionem* → *lição*, *confessionem* → *confissão*.

3. Elide-se:

- a) Quando *inicial* raramente: *Emmanuel* ►►► *Ma-noel*, *episcopum* ►►► *bispo*.
- b) Quando *medial*, frequentemente: *operam* ►►► *obra*, *socerum* ►►► *sogro*, *tenebras* ►►► *trevas*.
- e) Quando *final*, sempre que for precedido de *l, r, m, n*, por poderem estes phonemas formar syllabas com a vogal antecedente: *erudelem* ►►► *cruel*, *legalem* ►►► *legal*, *regularc* ►►► *regular*, *amarc* ►►► *amar*, *sapere* ►►► *saber*, *partire* ►►► *partir*, *cane* ►►► *can* ►►► *cão*, *vice* ►►► *vez*.

Na prosodia brasileira abre excepção a 3.^a pess. do pres. indie. de *valer*—*vale*; em compensação, na lusitana guardam muitos o *e* na mesma pess. de *querer* e *requerer*—*quere* e *requerc*. No dialecto literario é preferivel guardar o *e*, quando seguido do objecto: — *quere-o*, *requere-o*; se bem que mesmo em Hereulano encontre-mos — *quê-lo*.

- d) O *e* átono transmuda-se por vezes em *a* antes de *r*: *verrere* ►►► *varrcr*, *servientem* ►►► *sargento*, *per+ad* ►►► *pera* (arch.) ►►► *para*. Descobre-se ainda hoje esta tendencia na orthoepia lusitana, p. ex.: *numaro*, *amaricano*, por *numero*, *americano*. E' provavel que a este phenomeno da influencia da semivogal *r*, devamos em portuguez o suffixo — *aria*, p. ex.: *caballarium* ►►► *eavallairo* ►►► *eavalleiro* *eavalleiro+ia* ►►► *eavalleiria* ►►► *eavalleria* ►►► *cavallaria* ou *cavalaria*.

I

113. O *i* tónico:

- a) Conserva-se em geral: *vitam* ►►► *vida*, *formicam* ►►► *formiga*, *amieum* ►►► *amigo*.
- b) Permuta-se ás vezes por *e*: *câpillum* ►►► *cabello*, *picam* ►►► *pêga*, *capistrum* ►►► *cabresto*, *silva* ►►► *selva*, *sigillum* ►►► *sello*, *scribo* ►►► *escrcvo*.



114. O i átono:

a) Quando *final*, muda-se uniformemente em *e*: *peti(t)* → *pede*, *vinci(t)* → *vence*, *senti(t)* → *sente*.

b) Quando *medial*, não raro, cae: *asinum* → *asno*, *veritatem* → *verdade*, *bonitatem* → *bondade*, *dominum* → *dono*.

Em *mirabiliam* → *maravilha*, dá-se uma assimilação regressiva: o *i* da syllaba transmuda-se em *a* por atração do *a* da syllaba subsequente. Provavelmente o mesmo phenomeno se deu em *bilanx* → *balança*, e é possível que a elle não seja extranho *samphona* → *symphonia*.

O

115. O o tónico:

a) Mantem-se em regra: *totum* → *todo*, *solum* → *só*, *amorem* → *amor*, *cohortem* → *coorte* → *côrte*, *focum* → *fogo*, *personam* → *pessoa*, *votum* → *voto*, *oculum* → *olho*.

b) Permuta-se ás vezes por *u*: *octobrem* → *outubro*, *totum* → *todo* (neut.) → *tudo*, *testimonium* → *testemunho*, *compleo* → *cumpro*, *dormio* → *durmo* (cfr. b. lat. *ordiri* → *urdir*).

116. O o átono:

a) Permuta-se em alguns casos por *e*: (ho) *rologium* → *relogio*, *valorosum* → *valeroso*, *formosum* → *fermoso* (arch. e pop., por dissimilação).

b) Elide-se por vezes quando *inicial* e *medial*: (h) *orologium* → *relogio*, *leporem* → *lebre*, *parabolam* → *palavra*. — Em *obispo* (arch.) → *bispo*, a queda do *o* inicial é, por certo, determinada pela confusão com o artigo masc. singular.

U

117. O u tónico:

a) Conserva-se em algumas palavras: *virtutem* → *virtude*, *acutum* → *agudo*, *lucem* → *luz*.



b) Permuta-se em outras por *o*: *lupum* → *lobo*, *humerum* → *hombro*, *undam* → *onda*, *erusta* → *crôsta* (cf. *erusta*).

118. O u átono:

a) Permuta-se ás vezes por *e*: *umbelieum* → *embigo*, *juniperum* → *gencêbra*.

b) Permuta-se ordinariamente por *o*, e uniformemente, quando *final*: *gubernare* → *governar*, *superbum* → *sobërbo*, *urtieam* → *ortiga* — *lupum* → *lupu* → *lobo*, *servum* → *scrvu* → *scrvo*, *exercitum* → *exercito*. E assim todos os derivados da 2.^a e 4.^a deelin. lat.

Em *Ulisiponam* → *Lisboa*, houve *apherese* do *u* inicial.

CAPITULO IX

GRUPOS VOCALICOS

Hiatos

119. Do latim classico passaram para o latim popular muitos *hiatos*, e deste para o portuguez, taes como: *cooperare*, *prehendere*, *cohorte*, — *cooperar*, *apprehender* (cf. *apprender*), *cohorte* (cf. *eôrte*), *Dario*. Na evolução da lingua muitos outros se formaram, mormente em certa época em que a quêda da consoante sonora intervocalica poz em contaeto vogaes de syllabas convezinhas, como — *videre* → *veër*, *dare* → *dade* → *daë*, *pede* → *peë*, *frigidum* → *frio*.

120. Repugnando ao genio da lingua taes grupos vocalicos, tão numerosos no latim literario, foram elles consideravelmente reduzidos por varios processos, já no dominio do latim popular, já no dominio do vernaculo.

Podemos reduzir aos seguintes os processos da lingua para a eliminação de *hiatos*, que são: *crase*, *diphthongação* e *syncope*.

I. CRASE.

121. Dá-se a *crase*, *fusão* ou *contração*, quando, sendo identicos os elementos vocalicos, se opera a absorção de



um pelo outro: *prehendere* → *prender*, *videre* → *ver*, *dolorem* → *door*, *palatium* → *paço*, *pedem* → *pee*, *panetaria* (b. lat.) → *paadeira* → *padeira*.

II. DIPHTHONGAÇÃO.

122. A diphthongação opera-se pela reunião em uma syllaba de elementos vocalicos, em geral dissimilares, pertencentes a syllabas diversas, e que vieram em contacto, pela quêda da consoante interposta: *date* → *dade*, *daë* → *dae*, *amatis* → *amades* → *amaës* → *amaes*, *timetis* → *timedes* → *temeis* → *temeis*, *fatales* → *fataës* → *fataes*, *solitatem* → *soidade* → *soidade* (areh. = *saudade* por influencia de *saude*), *duos* → *doos* → *dous*.

123. Esta diphthongação realiza-se ainda por *metathese*, como em — *faciles* → **faciës* → *faceis*, *amabiles* → **amaviës* → *amaveis*, *textiles* → **textiës* → *têxteis*, *pensiles* → **pensiës* → *pênséis*.

124. Este processo na formação do plural dos nomes oriundos dos nomes da 3.^a declin. lat., dá-se quando a syllaba final é átona. Sob a acção do acento tónico opera-se a *erese*, isto é, a absorpção da vogal identica ou proxima, como vimos no paragrapho acima, p. ex.: *subtiles* → **subties* → *subtis*. — Na pronuncia de *reptil* e *projectil* ha vacillação, sendo mais commum entre nós fazer reealhir a tonica na ultima syllaba, contrariamente á accentuação latina; dahi o duplo plural destes dois vocabulos — *raptis* e *répteis*, *projecti* e *projéteis*.

125. A diphthongação opera-se ainda pela interealação de uma vogal euphonica entre as vogaes em hiato, amenizando a pronuncia: *frenum* → *freo* → *freio*, *vena* → *vca* → *veia*, *ædum* → *feo* → *feio*.

III. SYNCOPE.

126. Elimina-se ás vezes o hiato com a *syncope* ou supressão de uma das vogaes: *consuere* → *eoser*, *battuo* → *bato*, *moesteiro* → *mosteiro*, *maestre* → *mes-tre*, *fortalitia* → *fortaleza*, *parietem* → *parede*, *augustum* → *agosto*, *augurium* → *agouro*.

CAPITULO X

DIPHTHONGOS

127. Os diphthongos do latim classico eram apenas — *ae, oe, au*.

128. Desde o fim da Republica, e principalmente no primeiro see. da E. C., o diphthongo *ae* reduziu-se *ac* (=ê) e *oc* a (=ê) — *Caeser* — *César* e *poena* — *pêna* (Bourciez). Subsistiu o diphthongo *au*, que frequentemente se enfraqueee em *ou*: *audaciam* → *audacia*, *causam* → *causa* e *cousa* (com differeneiação de sentido), *pausa* e *pouso* (id.), *aurum* → *ouro*, *thesaurum* → *thesouro*. Este mesmo diphthongo (*ou*) soffreu a tendencia de contração, que o reduziu a *o*, p. ex.: *orum*, *plostrum*, por *aurum*, *plaustrum*. Desta tendencia nasecu *pobre*, de *pauperum*, e, posteriormente, *apoquentar*, *aposentar*, de *pouco* e *pouso*. Em *agouro* ← *augurium*, *agosto* ← *augustum*, o diphth. *au* ficou reduzido a *a*.

129. O diphthongo *ou* transmuda-se frequentemente em *oi*, que se tornou fórma syneretica mais distincta na pronuncia: *cousa* e *coisa*, *dous* e *dois*, *ouro* e *oiro*, *açoute* e *açoite*, *thesouro* e *thesoiro*.

Subsiste este syneretismo diphthongal com certa tendencia para fixar-se numa ou noutra fórma em certas palavras, variando a prefereneia quasi sempre entre Portugal e o Brasil.

Em Portugal maior é a tendencia de reduzir *ou* a *ô*, e mais larga a prefereneia que ali dá o povo á fórma *oi*, de que no Brasil. Sobre isto escreve o Snr. Gonçalves Viana: "Em varios pontos do reino prefere-se em muitas palavras *oi* a *ou* (pronunciando-se *ôu* ou *ô*), qualquer que seja a origem da subjunctiva d'este ditongo, *u*, *i*, ou uma consoante. E', pois, faaultativo pronunciar-se *touro* ou *toiro*, *couro* ou *coiro*, *noute* ou *noite*, de *taurum*, *corium*, *noctem*. Dou em geral a prefereneia, com Alexandre Herculano, a *ou*, fazendo pequenas excepções, e são as principaes *dois* e *oito*."

No Brasil, entretanto, a fórma *ou* pôde considerar-se fixa geralmente em: — *couro*, *ouro*, *thesouro*, *lousa*, *pouso*, *louça*, *Sousa*. E *oi* em: — *oito*, *noite*, *foice*, *coice*, *moita*.



130. NOVOS DIPHTHONGOS. Contrariamente ao genio da lingua-mãe, o portuguez multiplicou o numero de seus diphthongos no decurso de sua evolução. Podemos assignalar as seguintes causas da criação de novos diphthongos:

1.º Por *hyperthese* ou attracção da vogal da syllaba subsequente: *primarium* → *primairo* → *primeiro*, *operarium* → *obrairo* → *obreiro*, *monasterio* → *mosteiro*, *easeum* → **caiso* → *caijo* → *queijo*, *januarium* → *januairo* → *janeiro*, *feriam* → *feira*, *rabiam* → *raiva*.

Por influencia crudita muitos desses vocabulos volveram á fórma latina, assumindo alguns fórmas duplas, p. ex.: *contrario* (arch. *contrairo*), *vigario* (arch. *vigairo*), *primario* e *primeiro*, *operario* e *obreiro*.

2.º Por *syncope* da consoante intervocalica: *ãmavi* → *amai* → *amei*, *cantatis* → *cantades* → *cantaes*, *timete* → *temede* → *temei*.

3.º Por *intercalação* de vogal euphonica para suavizar o hiato: *arena* → *arêa* → *areia*, *frenum* → *freo* → *freio*, *catenam* → *cadea* → *cadeia*, *telam* → *tea* → *teia*.

4.º Por *vocalização* da prepositiva do grupo consonantal *ct*, *pt*, *cs* (=x), *lt*, *bs*: *pectum* → *pcito*, *actum* → *auto*, *fructum* → *fruito* (arch.), *october* → *outubro*, *doctrinam* → *doutrina*, *sex* (=cs) → *seis*, *laexare* (=laesare) → *laixar* → *leixar* → *deixar*, *multum* → *multo*, *alt'rum* → *outro*, *absentem* → *ausente*.

CAPITULO XI

CONSONANTISMO

Historia das consoantes

131. Em rigor o alphabeto latino consignava apenas doze consonancias ou phonemas consoantes, a despeito das dezenove letras consoantes, que contém. Estes doze phonemas consoantes são: — *b*, *c*, *d*, *f*, *g*, *l*, *m*, *n*, *p*, *r*, *s*, *t*.



a) O *h* representava primitivamente uma aspiração, como o *h* de certas palavras inglezas, v. gr. *horse*, e assim occupava elle um lugar entre as consoantes latinas. Porém, durante o Imperio, perdeu elle esse valor, e, com essa perda, o seu caracter de letra.

b) O *k* e o *q* tem o mesmo valor phonico do *c*, e não representa consonancia especial.

c) O *x* latino tinha valor duplice, e equivalia a *c+s* = *cs*, v. gr., *nexum* = *neesum*.

d) O *z* latino tinha igualmente som duplice, e equivalia a *d+z* = *dz* = *Ezras* = *Esdras*.

e) O *v*, *j* e *x* (= *che*) figuram phonemas consoantes novos, formatos no dominio do *romance*, e evolidos, os dois primeiros, de *u* e *i*, e o ultimo, do enfraquecimento do *x* duplice latino.

f) Além destes trez phonemas consoantes, creou o *romance* mais dois (*lhc* e *nhc*). Estes phonemas chamados *molhados*, naseeram da combinação de phonemas latinos, p. ex.:

lhc de *li+vogal*: — *filium* → *filho*, *palca* → *palha*, *meliore* → *melhor*, *muliere* → *mulher*; de *cl*, *gl*, *tl*, *pl*: — *mae'la* → *malha*, *reg'lum* → *velho*, *vet'lum* → *velho*, *manup'lum* → *manolho*.

nhc de *ni+vogal*: *senlore* → *senhor*, *tencia* → *tinha*, *arana* (= *aranha*) → *aranha*, *Bretania* → *Bretanha*; de *gn*: *tammagnu* → *tamanho*, *insignum* → *insinhe* (arch.), *Carolus magnus* → *Carlosmanho*.

132. A SORTE DAS CONSOANTES.

A sorte das consoantes, no corpo do vocabulo, depende, como a das vogaes, de sua *natureza* e *posição*, isto é, de serem *surdas* ou *sonoras*, *iniciaes*, *mediaes* ou *finaes*. Além disso, influe ainda em seu destino o estarem *insuladas* entre *vogaes*, ou *agrupadas* na palavra: as *insuladas* ou *simples*, resistem menos, e as *geminadas* e outros *grupos consoantes* resistem mais a qualquer modificação. Tomaremos por base do estudo das consoantes *simples* a sua *posição*, como *iniciaes*, *finaes* e *mediaes*, e passaremos em seguida ao estudo dos *grupos consoantes*. Antes, porém, faremos algumas observações geraes, referentes a algumas consoantes.

133. OBSERVAÇÕES GERAES.

1.^a O *c* e *g* antes de *e* e *i* tinham, no latim classico, o mesmo som guttural que teem deante das outras vogaes: *cervum*, *Cicero*, *gemere*, *ducem*, *gyrum*, soavam — *kervum*, *Kikero*, *gumere*, *duquem*, *gyrum*. Pouco a pouco estas gutturaes foram arrastadas, por uma acção assimilativa das vogaes palataes *e*, *i*, a se *palatizarem* — *ce=se*, *ei=si*, *ge=je*, *gi=ji*. E' provavel, opina Bourciez, que esse phenomeno já se tivesse operado na época imperial. Dahi o apparecimento dos digrammas *qu* e *gu* para substituirem os valores perdidos dessas consoantes antes de *e* e *i*.

2.^a O *h* teve, por certo, no latim archaico, um valor fortemente aspirado, mas já no tempo de Cicero havia este valor desaparecido, sendo apenas artificialmente mantido nas escolas e no fallar da gente culta (Bourciez). Abundam nas inscrições as graphias — *omo*, *abere*, *eres*, por — *homo*, *habere*, *heres*. A ausencia do *h* indicava plausivelmente a pronuncia popular. O *h*, pois, figura, não só no vernaculo, mas no proprio latim, como mero expoente etymologico.

No portuguez archaico apparece, entretanto, o *h* em muitos vocabulos sem razão etymologica, conservando-se ainda alguns delles em nossa orthographia actual, p. ex.:

He, *ho*, *ha*, *hum*, *hontem*, *hombro*, *humido*, por — *é*, *o*, *a*, *um*, *uma*, *ontem*, *ombro*, *unido*.

Entretanto, parece que no latim da Lusitania o *h*, conservou, por vezes, valor phonico, a julgarmos pelos seguintes vocabulos, em que apparece elle transformado em guttural:

Traho → *trago*, *mihi* → *michi* (arch.), *nihil* → *nichil* (arch.) (Vasconcellos).

3.^a O *j* nasceu da consonantização do *i* lat. O som dubio desta letra, desdobrou-se francamente na vogal *i* e na consoante *j*, e só do sec. XVI em deante é que se começou a usar a fórmula graphica alongada (*j*) para o phonema consoante, e a outra fórmula mais breve (*i*) para o phonema vogal: *iacere* → *jazer*, *ientare* → *jantar*, (h)ierarchia → *jerarchia*, (h)ieroglypho → *jeroglypho*, (H)ieronymo → *Jeronymo*, (H)iacintho → *Jacintho*, (H)ierosolyma → *Jerusalem*. Ainda hoje, porém, o *i*

guarda valor consonantal, quando entre vogaes, p. ex.: *maio, maior, faia, saia, praia.*

4.^a O *v* tem sua origem na consonantização do *u* lat., cujo som dubio se approximava do *dobliu* (*w*) *inglez*: — *tramway, which*, e só do *see*. XVI em deante é que se começa a distinguir na orthographia o valor consonantal eom a fórmula *v*, e o valor vogal eom a fórmula *u*: *uocem* ⇨ *voce* ⇨ *voz*, *uctelum* ⇨ *velho*.

134. O reforço da continua *v* na explosiva *b*, é phenomeno commum na dialeção do latim em portuguez, p. ex.: *vaginam* ⇨ *bainha*, *vesicam* ⇨ *beziga*, *votum* ⇨ *bodo*.

Entre os minhotos é hoje uniforme esta permuta: *bocê, binho, barão*, por *você, vinho, varão*. Perdura ainda entre nós, em certas palavras, o syneretismo destas duas consoantes, v. gr., *taberna* e *taverna*, *cobarde* e *covardê*, *bôda* e *vôda*.

Consoantes iniciais simples

135. As consoantes *iniciais* das palavras latinas, em regra, conservam-se *inalteradas*. Exs.:

Bibere ⇨ *beber*, *captivum* ⇨ *cativo*, *digitum* ⇨ *dedo*, *facilem* ⇨ *facil*, *gustum* ⇨ *gosto*, *linctum* ⇨ *lenço*, *malum* ⇨ *mau*, *quomodo* ⇨ *como*, *picam* ⇨ *pega*, *rosam* ⇨ *rosa*, *totum* ⇨ *todo*, *virtutem* ⇨ *virtude*.

EXCEPÇÕES:

1.^a Eneontram-se exemplos esporadicos do *c* inicial permutado por sua homorganica branda *g*: *catum* ⇨ *gato*, *caviolam* ⇨ *gaiola*, *camellam* ⇨ *gamella*, *crassum* ⇨ *grazo*, *cretam* ⇨ *greda*, *cratem* ⇨ *gradc*.

2.^a O *v* inicial de muitos vocabulos latinos converteu-se na guttural sonora *g*, por influencia germanica, trazida á Peninsula no *see*. V, pela invasão dos godos, povo dessa raça. Essa gutturalidade germanica se manifesta nas seguintes palavras: *vastare* ⇨ *gastar*, *vulpiculam* ⇨ *golpelha*, *voracem* ⇨ (*voraz*) *guoraz* ⇨ *goraz*, *vo-*

mitare → *gomitar* (pop.), *vae* (*vae*) → *guai* (arch.).
A mesma permuta deu-se com o *w* (doblíu) inicial de
vocalos germanicos introduzidos em nosso lexico pelos
godos: *werra* → *guerra*, *wise* → *guisa*, *warda* →
guarda, *want* → *guante*, *Wimaranes* → *Guimarães*,
Wilihelm → *Wilhelm* → *Guilherme*.

Consoantes finaes simples

136. As consoantes *finaes*, contrariamente ás *iniciaes*, não se mantem: as *fortes* enfraquecem nas sonoras correspondentes, e as *fracas* soffrem *apócope*, com excepção do *s*: *sub* → *sob* → *so* (arch.), *ad* → *a*, *servum servo*, *amat* → *amad* → *ama*, *amatis* → *amades* → *amaes*.

137. As consoantes *finaes* do latim classico eram: — *b, c, d, l, m, n, r, s, t*, que no latim popular se reduziram a: — *r, s, t*, e no portuguez a: — *l, r, s(z), n*. O *l* e *r* finaes do portuguez vieram, em regra, do *r* e *l* mediaes latinos, pela quêda da syllaba final: *fidelem* → *fiel*, *legalem* → *legál*, *exemplarem* → *exemplar*.

Poucos são os vocabulos portuguezes terminados em *n*, e esses mesmós de uso crudito, repugnantes ao genio da lingua, p. ex.: *alumen*, *lichen*, *espécimen*, *amen*. Neste ultimo e em outros, que já cahiram no dialecto popular, como — *regimen*, o *n* é elemento etymologico, e tem o mesmo valor que o *m* final, isto é, indica diphthongo nasal, no falar commum — *ameĩ*, *regimeĩ* (ou *regime*). O mesmo se observa com *joven*, que melhor se graphará — *jovem*.

138. OBSERVAÇÕES SOBRE ALGUMAS CONSOANTES FINAES.

1.^a O *m* final perdeu em portuguez o seu valor literal, e é apenas signal de nasalidade: — *fim*, *tom*. Precedido de *a* e *e*, indica os diphthongos nasacs — *ão* e *e2*: *órgan*, *amam*, *homem*, *personagem*, *pagem*, *amem*, *bem*, *contém*. Em Portugal este ultimo diphthongo nasal soa — *aĩ* quando tonico: *alguem* (*alguai*), *bem* (*baĩ*), *Belem* (*Blø*).

2.^a O *m* final no latim *classico* atenuou-se, e veio uniformemente a desaparecer no latim *popular*, obliterando assim o aecusativo do singular, que nas eieo declinações latinas terminava em *m*: *hora(m)*, *servu(m)*, *fidele(m)*, *exercitu(m)*, *re(m)*, *amaba(m)*. — Neste phenomeno do latim popular, prende-se a apócope do *m* final portuguez, de que acima traetámos.

3.^a O *t* final dos vocabulos latinos soffreu uniforme apócope, depois de enfraquecido em sua homorganica *d*: *amat* ㄏ→ **amad* ㄏ→ *ama*, *petit* ㄏ→ **peted* ㄏ→ *pede*, *laudabat* ㄏ→ **laudabad* ㄏ→ *louvava*.

4.^a O *s* final conserva-se: *Carolus* ㄏ→ *Carlos*, *Jacobus* ㄏ→ *Jaques* (ef. *Jacob* ㄏ→ *Jacób*, *Iacob* ㄏ→ *Iágo*).

A conservação do *s* do aecusativo plural dos nomes das eieo declinações — *horas*, *servos*, *arbores*, *exercitus*, deu-nos o *s* como expoente do plural.

Consoantes mediaes simples

139. A sorte das *consoantes mediaes simples* é vária, como, em seguida, passamos a expor.

1.^o As consoantes *mediaes explosivas surdas* — *p*, *t*, *k*, intervocalicas, abrandam-se geralmente em suas *homorganicas* — *b*, *d*, *g*. Exs.:

Apothecam ㄏ→ *abodega* ㄏ→ *bodega*, *materiam* ㄏ→ *madcira*, *mancipium* ㄏ→ *mancebo*, *capillum* ㄏ→ *cabello*, *salutare* ㄏ→ *saudar*, *digitum* ㄏ→ *dedo*, *recipere* ㄏ→ *receber*, *ciconiam* ㄏ→ *cegonha*, *fatum* ㄏ→ *fado*.

2.^o As consoantes *mediaes explosivas sonoras* — *b*, *d*, *g*, intervocalicas, são muitas vezes *syncopadas*. Esta syncope, constituida pela quéda da *consoante medial*, é um phenomeno proeminente, caracteristico na evolução do latim. Exs.:

Præbendam ㄏ→ *prenda* ㄏ→ *prenda*, *faciebam* ㄏ→ *faciia* ㄏ→ *fazia*, *amatis* ㄏ→ *amades* ㄏ→ *amaes*, *crudelcm* ㄏ→ *crucl*, *credum* ㄏ→ *cruo* ㄏ→ *cru*, *legalcem* ㄏ→ *legal*, ㄏ→ *leal*, *ligare* ㄏ→ *llar*, *ligamen* ㄏ→ *liame*.

a) O **b**, ás vezes, em lugar da syncope, passa para a constrictiva immediata sonora, labial dental, v. Exs.:

Caballum \rightsquigarrow cavallo, nubem \rightsquigarrow nuvem, fabam \rightsquigarrow fava, gubernum \rightsquigarrow governo, probare \rightsquigarrow provar, cantabam \rightsquigarrow cantava.

O **b** permuta-se pela sua homorganica nasal **m** em — *cännabums* \rightsquigarrow canhamo, *morbum* \rightsquigarrow mormo, *Jacobum* \rightsquigarrow Jacome.

b) O **t** das 2.^{as} pess. plur. dos verbos latinos já se apresenta abrandado em **d** nos primeiros documentos da lingua dos fins do sec. XII — *podedes*.

No sec. XV opera-se a syncope desse phonema sonoro, que se completa no primeiro quartel do seculo seguinte. Alguns verbos resistiram a esta syncope — *lêdes, eredes, vêdes, vindes, ides, tendes*. Esta resistencia explica-se pela pequena extensão dessas palavras, e, nos dois ultimos, pelo apoio que o **d** encontra na syllaba nasal que o precede.

3.º As consoantes *mediaes constrictivas* — *f, v, s, z* soffrem, como as explosivas, abrandamentos e syncopes accidentaes, bem como outras alterações.

a) As constrictivas *surdas* — *f e s* intervocalicas, abrandam-se em suas homorganicas sonoras *v e z*. Exs.:

Aurificem \rightsquigarrow ourivez (ourives), *trifolium* \rightsquigarrow trevo, *Stephanum* \rightsquigarrow Estevam, *mensam* \rightsquigarrow mesa, *defensa* \rightsquigarrow de fesa, *sponsum* \rightsquigarrow esposo, *pensare* \rightsquigarrow pesar, *vicinum* \rightsquigarrow vizinho, *vices* \rightsquigarrow vezes, *vacivum* \rightsquigarrow vazio.

b) A constrictiva sonora *v*, em contacto com *i*, cae. Exs.:

Amavi \rightsquigarrow amai \rightsquigarrow amei, *æstivam* \rightsquigarrow estio, *vestivimus* \rightsquigarrow vestimos \rightsquigarrow vestimos.

c) A constrictiva *surda f* transmuda-se ás vezes na explosiva sonora *b*, porém em regra se mantem. Exs.:

Africum \rightsquigarrow abrego, *phantasma* \rightsquigarrow abentesma — *proferre* \rightsquigarrow proferir, *maleficium* \rightsquigarrow maleficio, *profundum* \rightsquigarrow profundo.

d) A constrictiva *surda apical s* transmuda-se por vezes na constrictiva palátaI surda chiante *x (=ch)*. Exs.:

Insertare ➡ *enxertar*, *insipidum* ➡ *enxabido*, *vesicam*
bezigā, **insulphurem* ➡ *enxofre*, *bassium* (l. pop.) ➡
baixo, *passionem* ➡ *paixão*.

Esta metamorphose de *s* em *x* conserva-se ainda modernamente em Portugal e em algumas regiões do Brasil, com o *s* final das syllabas, p. ex.: *pires* = *pirex*, *alferes* = *alferex*, *casta* = *casta*. E' esta a pronuncia portugueza recommendada por Antonio de Castilho; entre nós, porém, ella assignala apenas a influencia lusitana em certos centros populosos de nosso paiz. A este som espeecial do *s* dá-se o nome de *reverso* ou *reversivo*, por ser produzido pela parte reversa ou posterior da lingua, sendo elle indieado, nos tractados espeeciaes, pelo signo *s*, quando *surdo* (se lhe segue consoante forte), e por *z*, quando *sonoro* (se lhe segue consoante fräca), por ex.:

Cesta (*cesta* = *cesta*) e *dezde* (*desde* = *dezde*) *lezma* (*lesma* = *lezma*).

e) O *s* medial isolado ou intervocalico soava no latim classico surdo ou forte (*rosa* = *rossa*), e o mesmo succedia no v. port.; porém do sec. XVI para cá, tornou-se sonoro ou brando (*rosa* = *roza*).

f) O phonema *z*, linguo-dental brando, era desconhecido em latim, onde a letra *z* representava som duplice (*dz*), que perdeu o primeiro elemento (*d*), ficando a letra para representar o novo som romanico, que se relaciona com o segundo elemento.

4.º As consoantes mediaes constrictivas *linguo-palataes* — *x* (=ch), *j*, bem como o *v* e *z*, são phonemas desconhecidos em latim, e creados no dominio do *romance*.

a) A letra *x* representava em latim o som duplice *es* (*nexus*, *laxare*); o primeiro elemento do grupo (*e*) eae ou vocaliza-se, e o ultimo adquire o valor phonetico de palatal chiante surda (*ch*), e para representá-lo, em muitos vocabulos, adoptou-se o signo *ch* (*cheio*, *achar*), que não se deve confundir com o digramma grego *ch* (*orchestra*, *monarcha*). Exs.:

Taxare ➡ *tazar* (*tachar*), *Uxivia* (*Uxivia*) ➡ *Uxivia*
(*Uxivia*), *laxare* (*lacsare*) ➡ *laxare* ➡ *deixar*.



Este novo phonema romanico ($x = ch$) soava na edade-média *tch*, valor que ainda conserva no Minho e Beira em Portugal, e em certas regiões do interior de S. Paulo, no Brasil, onde se pronuncia *catchorro*, *catcha*, *tchapéo*.

O mesmo phonema ainda existe entre os gallegos, provençaes e italianos. Na lingua ingleza elle vigora, provavelmente importado da França: *chief* (= *tehif*).

b) O *j* constrictivo palatal sonoro desdobrou-se do *i*, fixando-lhe o valor consonantal, que do see. XVI em diante passou a ser representado pelo signo *j*, p. ex.:

Cuius → *cujo*, *maiestatem* → *majestade*, *maiores* → *major*.

5.º As consoantes *mediacs constrictivas liquidas*, *r*, *l*, seguem sorte diversa.

a) O *r* medial intervocalico conserva-se. Exs.:

Viperam → *vibora*, *rarum* → *raro*, *coronam* → *coroa*, *corium* → *couro*, *aurum* → *ouro*, *aranea* → *aranha*, *colorem* → *coore* → *cór*, *timorem* → *temor*.

b) Consoante extremamente movel, o *r*, attrahido por outra consoante, soffre *hyperthese* ou deslocação. Exs.:

Tenebras → *trevas*, *fenestram* → *fresta*, *capistrum* → *cabresto*, *parabolam* → *palavra*.

c) O *l* medial intervocalico em regra soffre *syncope*. Exs.:

Cælum → *céo*, *malum* → *mau*, *malam* → *maa* → *má*, *dolentem* → *doente*, *populum* → *poboo* → *povo*, *saltire* → *sair* (*sahir*), *palumbum* → *paombo* → *pombo*.

6.º As consoantes *nasæes* — *m*, *n*, quando *mediaes*, tiveram sorte diversa.

a) O *m* intervocalico conserva-se. Exs.:

Famam → *fama*, *famem* → *fome*, *amicum* → *amigo*, *cumulum* → *cumulo* (*combro*), *amare* → *amar*, *vomitare* → *vomitar*, *animum* → *animo*.

b) o *n* intervocalico não raro soffre *syncope*. Exs.:

Sinum → *selo*, *coronam* → *coroa*, *minutum* → *miudo*, *venam* → *vela*, *vanitatem* → *vaidade*, *bona* → *boa*, *lunam* → *lua* → *lua*, *seminare* → *semear*.

Outras vezes mantem-se. Exs.:

Animum \rightsquigarrow animo, fortunam \rightsquigarrow fortuna, sanare \rightsquigarrow sanar, asinum \rightsquigarrow asno.

Esporadicamente o *n* transmuda-se em *l*. Exs.:

Animaliam \rightsquigarrow alimalia \rightsquigarrow alimária, Bononia \rightsquigarrow Bononha, memorare \rightsquigarrow nembrar \rightsquigarrow lembrar.

Grupos consonantæes

140. Os grupos consonantæes são formados pelo contacto de consoantes no corpo do vocabulo, quer pertençam á mesma syllaba, quer não. Quanto á posição, podem ser *iniciaes* e *mediaes*, e quanto á procedencia e composição, dividem-se em:

a) *Latinos*, quando provêm do latim: *cavallo* (\leftarrow \rightsquigarrow *caballum*), *padre* (\leftarrow \rightsquigarrow *patrem*), *constante* (\leftarrow \rightsquigarrow *constantem*).

b) *Romanicos*, quando formados no dominio do romance pela quèda de uma vogal intermedia: *ovic'la* (*ovicula*) \rightsquigarrow *ovelha*, *reg'l'am* (*regula*) \rightsquigarrow *relha*, *vet'lum* (*vetulum*) \rightsquigarrow *velho*.

c) *Proprios*, quando formados por uma explosiva ou constrictiva e um *l*, *r*, *n* (*bl*, *cl*, *fl*, *gl*, *pl*, *br*, *dr*, etc.): *bravo*, *escravo*, *grande*, *plano*, *digno*.

d) *Homogeneos* ou *geminados*, quando formados por consoantes identicas (*—bb*, *ce*, *gg*, etc.) *sabbado*, *peccado*, *agregar*.

e) *Heterogeneos*, quando formados por consoantes diversas (*pt*, *ct*): *apto*, *jacto*.

141. SORTE DOS GRUPOS HOMOGENEOS.

a) Os grupos *homogeneos* ou *geminados* — *bb*, *ce*, *dd*, *ff*, *gg*, *ll*, *mm*, *nn*, *pp*, *rr*, *ss*, *tt*, simplificam-se, em regra, deixando cahir o primeiro elemento, tornando-o *insonoro*. A conservação na escripta desse elemento insonoro obedece apenas aos preceitos da orthographia etymologica, p. ex.: *sabbado*, *peccado*, *addição*, *affirmar*, *agregar*, *collega*, *commodo*, *annexo*, *aprovar*, *carro*, *fosse*, *attento*.

b) Os grupos *rr* e *ss* não podem ser simplificados na escripta sem determinar uma alteração phonetica, como se vê em *carro* e *caro*, *cassa* e *casa*. Contrariamente ao que se dava em latim o *s* entre vogaes vale por *z*, isto é, abrandando-se. — Convem tambem observar que os grupos *mm*, *nn*, não se simplificam inteiramente, isto é, o primeiro elemento faz sentir a sua presença nasalando a vogal antecedente, como se vê em — *emmallar* e *emanar*, *emmagrecer* e *emigrar*, *grammar* e *gramar*, *annullar* e *anular*.

O italiano guarda nos grupos geminados o valor sonico primitivo do primeiro elemento.

142. SORTE DOS GRUPOS HETEROGENEOS.

a) Os grupos *dz* (*z* lat.), *ns*, *pt* perdem a prepositiva Exs.:

Baptizare (= *baptizare*) → *batizar*, *zelosum* (= *dzelosum*) → *zeloso*, *defensam* → *defesa*, *mensam* → *mesa*, *portucalense* → *portugalense* → *portugaense* → *portuguacs* → *português* (*portuguez*), *sponsum* → *esposo*, *neptem* → *netta*, *septem* → *sete*, *captare* → *catar*, *captivum* → *cativo*, *cryptam* → *gruta*, *ruptum* → *roto*, *cap'talem* → *caudal*, *aptare* → *atar*.

No grupo *pt* dá-se muitas vezes a vocalização do primeiro elemento quando precedido de vogal, p. ex.:

Preceptum → *preceito*, *baptizare* → *bautizar* (arch.)
acceptum → *accito*.

b) Os grupos *ds* (não correspondente ao *z* lat.), *ps*, *sr* alteram-se por *assimilação* perfeita regressiva. Exs.:

Adsolare → *assolar*, *adsistere* → *assistir*, *ipsc* → *csse*, *gypsum* → *gesso*, *personam* → *peessoa*, *persicum* → *pcesego*.

c) Os grupos *ct*, *pc*, *cs* (= *x* lat.), *lt*, *lc*, *bs*, *gl*, *pt*, vocalizam, não raro, a prepositiva. Exs.:

Pectum → *peito*, *actum* → *auto*, *factum* → *feito* → *feito*, *subjectum* → *sujeito*, *conceptionem* → *conceição*, *conceptum* → *conceito*, *preceptum* → *preceito*, *sarum* (= *sacsum*) → *saizo* → *scizo*, *sex* (= *sces*) → *seis*, *laxare* (= *lacsarc*) → *laixar* → *dcixar*, *alterum* → *outro*, *falcem* → *foice*, *exsuctum* → *exruito* (arch.) *aspectum* → *aspcto* (arch.), *feticium* → *fetiço*, *lactem* → *lette*, *lu*

ctam → *loila* (arch. e pop.), *luclare* → *loitar* (*aloilar*, pop.)
delectum → (*deleito* arch. = *deleite*), *doctrinam* → *doutri-*
na, *noct* → *noite*, *biscoctum* → *biscoito*, *absentem* →
ausente, *obsentare* → *ausentar*, *abstinere* → *auster* (arch.),
obstinatum → *austinado*, *abstinente*, *abstinente*, *obscurum*
→ *oscuro* (escuro), *abscondere* → *asconder* (arch.), *escon-*
der, *absolvere* → *assolver* (= *absolver*), *Magdalena* → *Mau-*
dalena ou *Maudancla*, *amygdala* → *amendoa*. Precedido de
consoante ou diphthongo, o grupo *ct* perde o primeiro elemento,
p. ex.: *sanctum* → *santo* (sancto), *junctum* → *junto*
(juncto), *unctare* → *untar*, *pinctare* (por *pietare*) → *pin-*
tar, *tinctum* → *tinto*, *punctum* → *ponto*, *auctorem* →
autor (auctor), *auctoritatem* → *autoridade* (auctoridade).

Obs. E' sem duvida de importação extrangeira *semana*
(→ *septimana*); o desaparecimento do grupo *pt* e a conser-
vação do *n* intervocalico denotam evolução não vernacula. Além
disso, a idéa expressa por essa palavra, era indicada no portu-
guez archaico por *domaa* ← *hebdomada*. — De *cub'tum*
temos *côto* (ao lado de *covedo*), onde *bt* é tractado como *pt*, suc-
cedendo o mesmo com *lindo* (ao lado de *limpo*) ← *limp'dam*.
— *Dictum* deu *dito* → *dilo*. *Peccinem* deu *penten* (empregado
por Camões, Lus. 6. 17), e depois *pente*, por dissimilação.

— *Cule'ta* e *tractu* deram, por influencia hespanhola, onde
cl → *ch* (*noctem* → *noche*), *colcha* e *trecho*.

d) Os grupos proprios — *cl*, *fl*, *pl*, quando *iniciaes*,
transmudaram primitivamente na *palatal chiante x* (= *ch*,
e, posteriormente, em *cr*, *fr*, *pr*. Exs.:

cl: *clavem* → *chave*, *clamare* → *chamar*, *c(e)leusmam*
chusma, *clavic'lam* → *chavelha*, *clocca* → *che-*
ca, — *clarum* → *cravo*, *clavic'lam* → *cravelha*,
clarum → *craro* pop. (claro), *cla(u)stram* →
crasta, *clamare* → *cramar* (pop.)

fl: *flammam* → *chamma*, *flagrare* (por *fragare*) →
cheirar, *florescere* → *chorecer* (arch.), *Flavias*
(aguas) → (*Chaviás* arch.) *Chaves*, *floccum* →
frocco, *florem* → *frol* (arch.), *flegmam* → *frcima*,
flagellum → *fragello* (flagello).

pl: *plenum* → *cheio*, *plus* → *chus* (arch.), *plantare*
→ *chanlar* (arch.), *plicare* → *chegar*, *plagaro*
→ *chagar*, *plagam* → *chaga*, *plumbum* →
chumbo, *pluviam* → *chuva*, *plorare* → *chorar*,
planum → *chão*, *plancam* → *chanca*, *plantum*
→ *chanto* (arch.), *plattum* → *chato*, *plantare*
→ *prantar* (pop.), *plenum* → *prea* (mar), *plano*
→ *pran* (arch.), *placere* → *prazer*, *plac(it)um*
→ *preito*, *planetam* → *planeta* (arch. e pop.),
plagam → *praga*.

Obs. 1.^a A conservação do *l* no portuguez moderno em — *clamar, claro, plantar, plancta, pluma, flamma, flor, pleito, plano*, etc., é devida á reacção erudita, pois no velho portuguez temos — *crumar, craro, prantar e chantar, pranceta, pruma, chamma, frol, preito, chão*, fôrmas que ainda subsistem no dialecto popular, e algumas na linguagem eulta.

Obs. 2.^a O estudo comparativo do hespanhol, do italiano e do velho portuguez levou A. Coelho a traçar a seguinte evolução dos grupos latinos — *cl, fl, pl*, em *ch*: *cl* → *ej* → *j* → *ch*, *fl* → *fj* → *j* → *ch*, *pl* → *pj* → *j* → *ch*.

Segundo esta marcha evolutiva, o *l* dissolve-se na semivogal *j* (*i* palatal); esta phase é representada pelo italiano: — *chamare* → *chiamare* (*ch=k*), *flamma* → *fiamma*, *planum* → *piano*.

Em seguida *j*, consonantizando-se, repelle a consoante antecedente; este momento é representado pelas fôrmas do portuguez archaivo: — *clamare* → *jamar*, *plagare* → *jagar*.

Finalmente, o *j*, palatal ehiante brando, reforçar-se-ia em sua homorganica surda — *ch=x*: *clamare* → *chiamare* → *jamar* → *chamar*.

e) Os grupos *cl, gl, pl, tl*, formados pela quéda da vogal átona postonica (*e'l, g'l, p'l, t'l*), mudam-se em *lh*. Exs.:

Mac(u)lam → *macla* → *malha, ovic(u)lam* → *ovicla ovelha; apic(u)lam* → *aplica* → *abelha; auric(u)lam* → *auricla* → *orelha; genic(u)lum* → *genclo* → *gcolho* → *regla* → *relha; scop(u)lum* → *escolho; manup(u)lum* → *regla* → *relha; scop(u)lum* → *escolho; manup(u)lum* → *manolho (maolho* → *moolho* → *mólho); artic(u)lum* → *articlo* → *artelho; peduc(u)lum* → *peducto* → *peolho; oc(u)lum* → *oclo* → *olho; grac(u)lum* → *graclo* → *gralho; vet(u)lum* → *vello* → *vellho; acu(u)lam* → *acuela* → *agulha; vulpic(u)lam* → *vulpecla* → *golpella; cubic(u)lariam* → *cubiclaria* → *covlheria*.

Por excepção — *lut'lare, *lut'losa* deu *luchar* ou *luzar, luroso* ou *lirroso*.

Obs. 1.^a Quando precedidos de consoante, os grupos *cl, tl, pl* transformam-se em *ch*, e *gl* em *lh*. Exs.:

Manclum (por *maculam*) → *mancha; *fcaunclum* (por *foeniculum*) → *funcho; trunclum* → *troncho; *crinclam* (por *criniclum*, de *erinis*) → *crencha; masculum* (*masculum*) → *macho; carunclum* (por *carbunculum*) → *caruncho; *fascla* (por *fasciola*) → *facha; conclam* → *concha; sarcium* → *sachio; asllam* → *acha; inflare* → *inchar; afflare* → *acchar; implere* → *encher; amplum* → *anchio; singlario* → *scnlheiro* (arch.); *singlos* → *scnlhos; cingla* → *cinlha* (arch.), *cilha*. — Em *senhos* do port. arch. ao

lado *senlhos*, bem como em *unha* (de *ungla*, que devera dar *unlha*) deu-se a assimilação do *lh* á nasal antecedente (Chr. Arch. LXXXVIII), e em *cinha* por *cinlha* dar-se-lia phenomeno contrario.

Obs. 2.^a Em outras palavras, em periodo mais recente, deu-se, nos grupos *cl*, *gl* e *pl*, apenas a mudança do *l* em *r*: *reg(u)la* → *regla* → *regra*; *ecclesiam* → *eigreja* (arch.) → *igreja* ou *egreja*; *seculum* → *sigro* ou *seyre* (arch.); *seculare* → *segrel* (arch.) ou *segral*; *cop(u)lam* → *copla* → *co-bra* (arch.); *duplare* → *dobrar*; *implere* → *emprir* (arch. — cf. *encher*). Em outros ainda, em periodo posterior, conserva-se a vogal postouica, e cae o *l* intervocativo: *regulam* → *regua*; *macula* → *magua*; *periculu* → *perigo* → *perigo*; *articulu* → *artigo* → *artigo*, *vinculu* → *vinco*. — Por ultimo, ainda mais recentemente, a influencia erudita, conserva algumas vezes a fórma latina: *macula*, *vinculo*, *regular* (cf. *regar*).

f) O grupo *bl* transformou-se em *br* e *vr*. Exs.:

Nobilem → *noble* → *nobre*, *obligare* → *obrigar*, *oblacionem* → *oblação* (arch.), **oblitare* → *olvidar*, **sableu* (por *sabulosum*) → *saibro*, *amb(u)lure* → *ambrar* (arch.); *parabolam* → *paravra* → *palavra* (por *dissimilação*).

Obs. Em época posterior, a conservação da vogal postonica impediu a formação do grupo *bl*, e formou-se um outro typo derivativo, pela queda do *l* intervocalico: *parabolam* → *paravoa* (arch.), *regulam* → *regoa* (cf. *regra*), *tabulam* → *taboa* (arch. *tavola*), *nebulam* → *nevoa*, *maculam* → *magoa* (cf. *malha* e *mancha*). Em *fabulari* → *fab'lare* → *fallar* deu-se a assimilação do *b* ao *l* (cf. *hesp.* — *fablar* arch. e *hablar*). — Na palavra *Diabo* (que na Escriptura Sagrada é um dos nomes proprios do chefe dos demonios, Satan ou Satanaz) de *Diabulum* houve syncope do *l*, donde a fórma archaica *Diaboo*. *Diabrura*, porém, deriva-se da fórma regular *Diabro* (→ *diablo*).

g) Nos grupos *gn*, *gm*, deu-se a voalização do *g*. Exs.:

Regnum → *reino*, *signalem* → *siinal* → *sinal*, *Ignacio* → *Inacio* → *Inacio*, *Agnés* → *Einés* → *Incz* (e *Enés* arch.), *malignum* → *malino* → *malino*, *dignum* → *dino* → *dino*, *benignum* → *benino* → *benino*, *phlegman* → *fleuma* (→ *freuma* ou *freima*, e, por confusão, *flegma* ou *phlegma*), *phlegmonem* → *fleinão* (fórma erud. *phlegmão*), *phlegmaticum* → *phlcumatico* ou *fleumatico* (por confusão *phlcumatico*), *pimentam* → *piimenta* → *pimenta*.

O grupo *gn* deu em muitas palavras *nl*: *lignam* → *lenha*, *signam* → *senha*, *cognatum* → *cunhado*, *agnum* → *anho*, *cognoscere* → *conhoer* → *conhccer*, *tam magnum* → *tamanho*, *quam magnum* → *quamanho* ou *camanche* (arch.), *tagnum* (por *estannum*) → *estanho*, *magnum* → *manho* (arch.), *pugnare* → *punhar* (arch.).

Em Heltor Pinto (sec. XVI) encontramos *insinhe* (← *instincm*). As fórmãs e pronuncia — *magno, digno, maligno, insigne*, etc., pertencem ao dilaecto das pessoas cultas.

h) O grupo *tr* teve sorte varia.

1.^a Dá-se ás vezes apenas o brandamento da prepositiva, quando precedida de vogal. Exs.:

Atrium → *adro*, *putrem* → *podre*, *arbitrium* (= **albitrium*) → *arbitrio* → *alvedrio* (arch. *alvidro*), *latronem* → *ladrão*, *vitreum* → *vidro*.

2.^o Outras vezes cae a subjunctiva, além do abrandamento da prepositiva, quando ha um outro *r* na palavra, é um caso de dissimilação. Exs.:

Fratrem → *frade*, *aratrum* → *arado*, *t'ratrum* → *trado*, **matrastram* → *madrasta*, *de retrarium* → *decradeiro*.

3.^o Em *pae* e *mãe* deu-se a syncope successiva de ambos do grupo. Exs.:

Patrem → *padre* → **pare* → *pae*, *matrem* → *madre* → *mae* → *mãe*.

4.^o Mantem-se o grupo inalteravel quando precedido de consoante. Exs.:

Ostram → *ostra*, *monstrare* → *mostrar*, *litteram* → *litra*, *quattuor* → *quattro* → *quatro*, *nostrum* → *nostro* → (por assimilação progressiva) *nosso*, *vostrum* (= *vestrum*) → *vostro* → (por assimilação progressiva) *vosso*, *rostrum* → *rostro* → *rosto* (dissimil.) *rastrum* → *rastro* e *rasto* (dissimil.).

Obs. *Fratrem* dá *frade*, *fraire*, *freire*, *frei*; no 1.^o typo deu-se a syncope da subjunctiva, e no 2.^o a vocalização da prepositiva; o 3.^o é uma variante do 2.^o, e o 4.^o é a fórmula proclitica do 3.^o. — Na fórmula archaica de *Pero* por *Pedro*, houve syncope da prepositiva (*d*), devida á proclise — *Pero Annes*. O mesmo se observa no locativo *perafita* → *petram fieta* (= *pedra fixa*).

i) Os grupos *er*, *fr*, *pr*, *tr* soffrem abrandamento na prepositiva quando precedidos de vogal, e passam sem alteração quando precedidos de consoantes. Exs.:

Lacrimam → *lagrima*, *maerum* → *magro*, *socrum* → *sogro*, *vinum acrem* → *vinagre*, *sacrum* → *sagro* (arch. cf. *sacro*), *scribere* → *escrever*, *scriptum* → *scripto*, *scrupulum* → *escrupulo*, *escrutinium* → *escrutinio*, *africanum* → *ábrego* ou *ávrego*, *suff'ro* → *soffro*; *capram* → *cabra*, *aprilis* → *abril*, *op'ram* → *obra*, *scalprum* → *escópro*, *approbare* → *aprovar*.

Obs. A conservação inalterada da prepositiva precedida de vogal accusa em geral corrente erudita: — *acre, acro, lacrimal, acrimonia, necroterio, acridio, africano*

j) *Dr, br, gr.* Nestes grupos latinos vocaliza-se, por vezes, a prepositiva, excepto *br*, cuja prepositiva passa, ás vezes, para *v*. Exs.:

a) *Catédra* (por *cáthedra* lat. clas.) → *cadeira, quadrela* → *quairella* (arch.), *eoirrella* ou *courella*; — b) *colúbram* (por *cólubra*, lat. class.) → *coobra* → *cobra, februm* → *febre, lab'rare* → *lavar, librum* → *livro, lib'rare* → *livrar, ténébras* (por *ténébras* lat. class.) → *téevras* → *trevas, fabruarium* → *feveroiro*; — c) *intégum* (por *integram*) → *inteiro, flagrare* → *cheirar, nigrum* → *negro*.

Obs. *Sombra* veio de *su(b il)la umbra* → *soombra* → *sombra* (so *Vombra*, arch.). *Quadráginta* → *quarenta, quadragésima* → *quarcsma*, formaram-se, segundo Cornu, conforme o typo archaico *cinquaenta*.

k) *Sc.* O grupo *sc* perde a prepositiva antes de *e* e *i*, e fica inalterado antes de outra vogal. Exs.:

a) *Cognoscere* → *conhoer* → *conhecer, ascendere* → *acender (ascender), gratescere* → *agradecer, offerescere* (por *offerre*) → *offerecer, patescere* (por *pati*) → *padecer, cadescere* → *acaecer* (arch.), **nascere* → *nacer (nascere), esclarescere* → *esclarcer, roscivum* → *roeió*; — b) *scienciam* → *sciencia, scenam* → *scena, piscare* (por *piscari*) → *pcscar, muscam* → *mosca, cinisculum* → *ciscoo* → *cisco, nascam* → *nasca* (arch.) → *naça*. — Δ *graphia* — *nascere, crescer, florescer, dcscer, sciencia*, etc., é meramente etymologica, na pronuncia corrente ha muito soffreu syncope a prepositiva.

Obs. I. Em algumas palavras o grupo *se + e* ou *+ i* transforma-se em *x*: *fascia* → *faixa, vascella* → *baixel, pisce* → *pcize, muscere* → *mcxer*.

Obs. II. O *s* impuro da syllaba inicial de palavras latinas toma em portuguez um *e* prosthetico, excepto *se + e* ou *+ i*: *scribere* → *escrever, stylum* → *estylo, scutum* → *escudo, spata* (por *spatha*) → *espada, *sméralda* (por *smaragdum*) *esmeralda, spicam* → *espiga, spec'um* → *espelho, scalpum* → *escopro* — *scena, sciencia*.

l) *Rs. ps.* Nos grupos *rs* e *ps* dá-se a assimilação regressiva. Exs.:

a) *Persicum* → *pcssago, personam* → *pcssoa, ursum* → *usso* (arch., reacc. erud. *urso*), *corsario* → *ccossario* (arch. reacc. erud. *corsario*), *dorsum* → *dcosso* (arch.), *adver-*

sum → *avesso*, *versum* → *vesso* (arch.), *versare* → *avessar*, *T(h)yrsum* → *Tisso* (arch.); — b) *ipse* → *essc*, *gypsum* → *gesso*.

m) *Ns*. O grupo *ns* perde a prepositiva. Exs.:

Mensam → *mesa*, *defensa* → *defesa*, *mensem* → *mês* (mez), *monstrare* → *mostrar*, *sponsum* → *esposo*, *tensum* → *teso*, *portugalense* → *portugalense* → **portuguacs* → *português* (portuguez), *instrumentum* → *estromento* (arch. reacc. erud. *instrumento*).

Obs. Revelam as inscrições que a syncope do *n* antes de *s* remonta ao latim vulgar.

n) *Mr, ml*. Estes grupos romanicos *m'r* e *m'l*, reforçam-se pela interealação de um *b*, *e*, além disso, o *l* muda-se em *r*. Exs.:

a) *Hum'rum* → *hombro*, *mem'rare* → *nembrar* → *lembrar*, *cam'ra* → *cambrá* (pop.), *num'rum* → *nombro* (arch.), *cucum'rum* → *cogombro*; — b) *cum'lum* → *combrio* (a par de *cómor*), *sim'lantem* → *sembrante*, **insimul* → *ensembra* (arch.)

o) *Ln, nl*. Nestes grupos romanicos *l'n* e *n'l* opera-se a assimilação do *n* ou *l*. Exs.:

Sal nitrum → *salitre* (salitre), *mol'narium* → *molleiro* (moleiro), *lun'la* → *lula*.

Obs. Já no latim se dava tal assimilação: *con+lega* → *collega*, *non(u)lum* → *nullum* → *nullo*.

p) *Mn*. O grupo *mn*, quer latino, quer romanico, reduz-se por assimilação a *n*. Exs.:

Somnium → *sonio* → *sonho*, *somnum* → *sono* (somno), *autumnum* → *outono*, *dannatum* → *danado*, *dòm'nu* → *dono*, *dòm'na* → *dona*.

Obs. Nas palavras — *gymnasio*, *gymnastica*, *omnipotente*, *omnimodo*, *omnicolor*, *omniforme*, *omnisciencia*, *omnivoro*, *omnivoro*, o grupo *mn* = *n* no Brasil, em geral, omite-se o *m*; porém em Portugal a pronuncia mais generalizada dessas palavras do dialecto literario guarda o valor primitivo do grupo, isto é, fazem soar levemente o *m*.

CAPITULO XII

OBSERVAÇÕES SOBRE A EVOLUÇÃO PHONETICA

143. A mesma palavra latina, sob o influxo das alterações phoneticas, que acabamos de estudar, assumem fórmias varias, simultaneas e successivas. Essas fórmias podem ser de trez categorias — *divergentes*, *syncreticas* e *intermediarias*.

Fórmias divergentes

144. De um mesmo vocabulo latino procedem ás vezes fórmias *duplas*, *triplas*, *quadruplas* e, até, *quintuplas*, como de *maculam* proceedeu — *malha*, *magoa*, *mancha*, *mangra* e *macula*.

Estas fórmias, que são geralmente chamadas *duplas*, em francez *doublets*, pois na maioria dos casos são duas, denominam-se fórmias *divergentes* ou *allotropicas*, porque, partindo de um typo latino, separam-se na estrutura morphologica, e, em regra, no valor *semantologico* ou na significação.

145. As causas productoras das fórmias divergentes reduzem-se a trez: *corrente popular*, *corrente erudita*, e *corrente estrangeira*.

146. *Corrente popular*. A corrente ou influxo popular na evolução phonetica é a tendencia genial da transformação da lingua, a causa natural das alterações dos phonemas. Esta corrente dominou incontrastada desde a origem da lingua até o sec. XIV. Obedecendo muito embora ás leis glotticas já estudadas, ella variava, não raro, em differentes épocas, o typo de suas alterações phoneticas, bifurcando-se em fórmias divergentes, que vieram a coexistir na lingua, taes como — *coronam* \rightsquigarrow *coroa* e *coronha*, *maculam* \rightsquigarrow *magoa*, *malha* e *mancha*.

Como se vê, a cada uma destas fórmias populares corresponde sentido diverso, repellindo o genio da lingua a synonymia, que pareceria dever ser provocada pela origem comunum.



147. CORRENTE ERUDITA. Ao lado da corrente popular, apparece no sec. XIV e XV, a corrente erudita, latinista ou literaria. Nestes seculos desenvolve-se a cultura do latim e as traducções de obras ecclesiasticas. Começa a reacção crudita contra a corrente popular na evolução da lingua, reacção que recebeu forte impulso com o movimento literario da Renascença no sec. XVI.

A intervenção desta corrente, que buscava approximar artificialmente o portuguez de sua fonte latina, importou do latim fórmãs novas, ou, antes, transportou integralmente, apenas com leve modificação na desinencia, palavras latinas, que vieram figurar ao lado de outras que dellas se derivaram por via popular, tal como *macula* ao lado de *magua*, *malha* e *mancha*, *palacio* (←~~palatium~~), ao lado de *paço*, *frigido* (→~~frigidum~~) ao lado de *frio*.

As fórmãs eruditas caracterizam-se por uma maior aproximação do typo latino, ao passo que as populares por maior afastamento. Além das cruditas, existem fórmãs *semi-eruditas*, onde as duas correntes se revelam, tolhendo a influencia erudita á plena expansão do influxo popular, taes as palavras — *botica* (←~~apothecam~~), *semana* (←~~septimana~~), *Madalena* (←~~Magdalena~~), onde a permanencia de consoantes fortes intervocalicas e do *n* na mesma condição accusa a influencia crudita, ao lado do abrandamento do *p* em *b*, das syncopes do grupo *pt*, e da consoante *g*, que nos suggerem o influxo popular.

148. CORRENTE ESTRANGEIRA. Do sec. XIII em deante, com a invasão do lyrismo provençalesco em Portugal, com o movimento europeu das cruzadas, e com as correntes literarias oriundas do influxo da Renascença, o portuguez poz-se em contacto mais intimo com as outras línguas romanicas, e por ellas recebeu novas fórmãs de palavras latinas já evoluidas em seu proprio seio; assim deu-nos o francez *chefe* de *caput*, que nos havia dado *cabo*, e o hespanhol *lhano* e o italiano *piano*, de *planum*, que nos havia dado *chão*.

149. O seguinte schema dá-nos as fórmãs divergentes populares, cruditas e estrangeiras:



Maculam	→	{	magoa malha mancha mangra macula	}	fórm. pop. fórm. erud.
Planum	→	{	chão plano lhano piano	}	fórm. pop. fórm. erud. fórm. extr. hesp. fórm. extr. ital.
Claviculam	→	{	chavelha cravelha clavicula	}	fórm. pop. fórm. erud.
Articulum	→	{	artelho artigo articulo	}	fórm. pop. fórm. erud.
Regulam	→	{	regoa relha regra	}	fórm. pop.
Capitalem	→	{	cabedal caudal capital	}	fórm. pop. fórm. erud.
Insulam	→	{	ilha insoa insula	}	fórm. pop. fórm. erud.
Vinculum	→	{	vinco brinco vinculo	}	fórm. pop. fórm. erud.
Hospitalem	→	{	esprital hotel hospital	}	fórm. pop. arch. fórm. extr. franc. fórm. erud.
Frontem	→	{	fronte frente	}	fórm. pop. fórm. extr. hesp.
Plumbum	→	{	chumbo prumo	}	fórm. pop.
Nitidum	→	{	nedio nitido	}	fórm. pop. fórm. erud.
Vigilare	→	{	vigiar velar	}	fórm. pop.

Fórmas syncreticas

150. FÓRMAS SYNCRETICAS. Na evolução phonetica co-existem muitas vezes, em um momento dado da lingua, fór-



mas paralelas de uma mesma palavra, que são o resultado da incerteza ou vacillação na fixação da fôrma definitiva. Estas variações morphologicas de uma mesma palavra chamam-se *fôrmas syncreticas*, como *dois* e *dous*, *albergue* e *alvergue*, *esplendor* e *esplandor*.

Obs. Variada era a população da ilha de Creta na antiguidade, e os gregos exprimiam esta variedade na unidade insular do povo pelo termo *syncretismo* (=syn+eret+ismo). Dahi o aproveitar-se o termo em philologia para se exprimir a variedade da fôrma na unidade de sentido.

151. O que distingue as fôrmas *synereticas* das fôrmas *divergentes* é o parallelismo do sentido: a differença de significação das fôrmas divergentes faz dellas palavras distinctas, se bem que *cognatas*; ao passo que a identidade de sentido das fôrmas synereticas mostra que são apenas variação morphica de uma mesma palavra. O que caracteriza a palavra é o sentido proprio, e a synonymia perfeita só se pôde dar em palavras não cognatas; pois nestas a equivalencia de sentido produz o *syneretismo*.

152. O *syneretismo vocabular* caracteriza o periodo archaico da lingua, que vae do sec. XII ao sec. XVI, época em que a disciplina grammatical começou a diminuir as incertezas morphicas e a dar estabilidade a certas fôrmas em detrimento de outras, que se arcaizaram. Nos primeiros documentos da lingua pollulam as fôrmas synereticas, indieando na variedade da gráphia a incerteza da prosodia do velho portuguez. No mesmo documento, na mesma pagina e, não raro, na mesma linha, encontramos: *sa* e *sua*, *duos* e *dous*, *li le*, *lhi*, *lhe super* e *sobre*, *fecc* e *fez*, *qui* e *que*, *abate* e *abade*, *easales* e *casas*, *quome* e *como*, *antre* e *entre*, *ficc* e *vice*, *furum* e *forom*.

153. No sec. XVI, já sob o dominio da disciplina grammatical, nos *Lusiadas*, observam-se os seguintes syneretismos: *agardeeer* e *agradecer*, *nacer* e *nascer*, *decer* e *descer*, *apouento* e *aposeno*, *contrairo* e *contrario*, *fruito* e *fructo*, *enxuito* e *enxuto*, *imigo* e *inimigo*, *piadoso* e *piadoso*, *antão* e *então*, *antre* e *entre*.

154. No sec. XVIII, Francisco José Freire, em suas *Reflexões sobre a lingua portugueza*, II, 12, dá-nos uma



longa lista de fórmãs synereticas de seu tempo, entre as quaes lemos as seguintes:

Aluguer	e aluguel	Formosear	e aformosear
Ametade	e metade	Fortum	e fartum
Anegaça	e negaça	Frauta	e flauta
Anteado	e enteado	Fundura	e profundeza
Avelutado	e aveludado	Gasnate	e gasnete
Bautismo	e baptismo	Gira	e giria
Bilhafre	e milhafre	Golotão	e glotão
Blazão	e brazão	Infallivelda-	
Boroa	e broa	de	e infallibilidade
Brindes	e brinde	Intrepidez	e intrepidez
Cavalheira-		Jesu	e Jesus
mente	e cavalleirosa-	Lanço	e lance
	mente	Locotenente	e logartenente
Cavalleiro	e cavalleiro	Madurecer	e amadurecer
Celeusma	e celeuma	Manjadoura	e mangedoura
Churma	e chusma	Maroma	e maromba
Complice	e cumplice	Mastro	e mastro
Cossario	e corsario	Menagem	e homenagem
Contia	e quantia	Miude	e miudo
Curvidade	e curvatura	Mostra	e amostra
Dearticular	e articular (ver-	Nudeza	e nudez
	bo)	Paniguado	e apaniguado
Desaprazer	e desaprazer	Rapazia	e rapaziada
Desgraçado	e desgraçado	Reção	e ração
Devagão	e devoção	Reposta	e resposta
Diecese	e diocese	Resabio	e resalbo
Emprender	e emprenhender	Resoluto	e resolvido
Epitêto	e epíteto	Revindica-	
Eremitão	e hermitão	ção	e reivindicção
Escuridade	e escuridão	Ruinar	e arruinar
Espertador	e despertador	Sezudo	e sizudo
Esposorios	e desposorios	Theriaga	e triaga
Estamago	e estomago	Zanolho	e zarolho
Filhação	e filiação	Zizania	e sizania
Fleima	e fleuma	Zorague	e azorrague

O curioso desta lista é que Francisco José Freire recommenda de preferencia as fórmãs da primeira columna, que tem sido exactamente as postergadas, umas por menos usadas, outras por inusitadas hoje.

155. Actualmente subsistem ainda, na linguagem litteraria, fórmãs synereticas, se bem que em numero reduzido. Exs.:

Coisa	e eousa	Resplendor	e resplendor
Dois	e dous	Relé	e ralé
Ouro	e oiro	Albergue	e alvergue
Vindouro	e vindoíro	Absurdo	e absurdidade
Mouro	e moíro	Segurança	e seguridade
Loura	e loíra	Eseuridão	e eseuridade
Doido	e doudo	Altivez	e altiveza
Agoite	e agoite	Deslocação	e deslocamento
Thesouro	e thesoíro	Fereza	e feridade
Desdouro	e desdoíro	Renaseimen-	
Covarde	e eobarde	to	e renaseença
Boda	e voda	Rebelde	e revél

Como se vê, o maior numero de fórmulas syncréticas nos vem da equivalencia dos dipthongos *oi* e *ou* e das consoantes *b* e *v*. No Brasil damos, em geral, preferencia ás fórmulas da 1.^a columna.

Fórmulas intermediarias

156. Chamam-se *fórmulas intermediarias* as fórmulas de transição, por que, em regra, passam as palavras latinas no decurso de sua evolução. A palavra latina é o *typo originario* ou latino, que, através de *fórmulas intermediarias*, vem a constituir a fórmula actual. Nem sempre registram os documentos escriptos as fórmulas intermediarias e nem mesmo as originaes. Neste caso, a indução póde restabelecer a fórmula desconhecida, marcando com um asterisco (*), no seu inicio, a fórmula conjectural. Exs.:

FÓRMULA LATINA		FÓRMULA ACTUAL
Dolorem	»»»→ dolere»»»→ dolor»»»→ door	»»»→ dor
Veritatem	»»»→ veritate	»»»→ verdade
Amavi	»»»→ amavi	»»»→ amel
Terribilem	»»»→ terribile	»»»→ terrível
Amatis	»»»→ amades	»»»→ amaes
Portucalese	»»»→ portucalese	»»»→ português
Ferozem	»»»→ feroee	»»»→ feroz
Caliceem	»»»→ calice	»»»→ calix (caliz)
FÓRMULA LATINA		FÓRMULA ACTUAL
Palatium	»»»→ palatium	»»»→ paço
*Panatariu	»»»→ *pãadelro	»»»→ padelro
*Sanativu	»»»→ *sãadio	»»»→ sadio
*Vagativu	»»»→ *vaadio	»»»→ vadio
Medieinam	»»»→ medieina	»»»→ *medezina
	»»»→ meeziã	»»»→ meezina
Malordomus	»»»→ malordomo	»»»→ maordomo
	»»»→ moordomo	»»»→ mordomo

Obs. As fórmulas intermediárias são archaicas ou antiquadas. As fórmulas estabelecidas por indução são *conjecturaes*. Muitas fórmulas archaicas são empregadas na poesia — *felice, fugace, atroce, rapace, fluviatiles*.

Calice e calix são fórmulas *syncreticas*; *medicina e mezinha, macula e magoa* são *divergentes*.

CAPITULO I

A GRAPHICA

157. A **Graphica** ou a arte de representar aos olhos o pensamento por meio de figuras desenhadas ou gravadas no papel, madeira ou metal, é anterior á invenção do Alfabeto, que assignala a ultima phase do seu desenvolvimento, e, como elle, perde-se na noite dos tempos.

Tacito, em seus *Annaes* (XI. 14), escreve que os egypcios foram os primeiros a representar o pensamento por meio de figuras de animaes. *Primi per figuras animalium Egyptii sensus mentis effingebant*. Elles se davam, acerescenta Tacito, por inventores das letras, que os phenicios transportaram á Grecia, pois é tradição que Cadmus, chegado em uma frota pheniea, foi o primeiro a ensinar a escripta aos povos gregos, ainda barbaros. Dizem outros que o atheniense Ceerops (1550 antes de Christo), ou o thebano Lino, ou, no tempo da guerra de Troia (1200), Palamedes de Argos, inventaram dezeseis letras, e que outros, especialmente Simonides, inventaram o resto. Na Italia, continúa o mesmo historiador romano, os etruscos receberam o Alfabeto do corinthio Demarate (cerea de 650 antes de Christo), e os aborigenes, do archadio Evandro.

Ao Alfabeto assim recebido da Grecia, o imperador Claudio acerescentou trez letras, que, depois de sua morte, cahiram em desuso. A este testemunho de Tacito, temos de ajunetar o de Plinio em sua *Historia Natural*, onde elle declara que acredita que as letras foram conhecidas dos assyrios em todos os tempos.

Estes historiadores romanos reproduzem o que sobre o assumpto escreveram Herodoto e Platão (427). Este ultimo, no seu dialogo de *Phedro*, narra a tradição que attribue ao deus *Theulk* a invenção do Alfabeto, a qual elle confiou a *Thamus*, rei do Egypto.

Obs. Observa Heródoto, citado por Burggraff, que os jonios chamam os livros *diptheres* (ou pelles), porque outr'ora, no tempo em que o *biblos* era raro, eserevia-se em pelles de cabra ou de carneiro. "O que se chama *byblos* (feminino) é uma planta que cresce principalmente nos logares pantanosos do Egypto. A haste tem a grossura do braço de um homem, é triangular e eleva-se a alguns metros acima da agua. A mesma planta se chama tambem em grego *papyrus* e em latim *papyrus*. Distingue, porém, Theophraste entre os dois nomes e emprega a palavra *βίβλος* para designar a planta, *πάπυρος* a pellicula de sob a casea, que em latim se chama *liber*. O papel que se fabrica com o *liber* chama-se *χάρτης*, *charta*. (Mem. de l'Acad. des Inscrip., apud Burggraff.)

CAPITULO II

EVOLUÇÃO DA ARTE DE ESCREVER

158. Segundo Burggraff, a graphica ou a arte de escrever, tem passado por quatro phases evolutivas, que são as seguintes: *figurativa*, *symbolica*, *ideologica* e *phonetica*.

I. ESCRIPTA FIGURATIVA.

Os povos primitivos desenhavam ou gravavam a *figura* do objecto, que queriam representar. Sobre o tumulo de seus avós e nos logares que tinham sido o theatro de acções importantes, deixavam os signaes visiveis e singelos de suas impressões, memorias duradouras de suas idéas e sentimentos. Jacob, o patriarcha hebreu, dezeseite seculos antes de Christo, ergue em Bethel a columna de pedra, que consagrava os seus votos ao Deus de Abrahão, que lhe appareceu em sonhos (Gen. XVIII, 22), e em Galaad levanta um monte de pedras, que era o *Mizpah*, ou a torre de vigilancia de Jehovah entre elle e seu sogro Labão (Gen. XXXI. 46). A estes meios de transmissão visivel do pensamento, junctavam naturalmente as gerações primitivas o desenho, pintura ou gravura, dos objectos. Era esta a graphica figurativa, que constitue a primeira phase no desenvolvimento da arte de escrever.

II. ESCRIPTA SYMBOLICA OU HIEROGLYPHICA.

A escripta *symbolica* ou *hieroglyphica* é um desenvolvimento natural da anterior. Pouco a pouco as figuras re-



presentativas dos objectos deixaram de representar os objectos para representar alguma qualidade inherente: operou-se a metonymia, e as figuras tornaram-se *symbolos* de coisas abstractas suggeridas pela figura do objecto. Assim a figura do leão não suggeria mais o animal, porém a *coragem*; a *magnanimidade*, qualidades que se lhe attribuiam como rei dos animaes; a do cordeiro indicava a *innocencia*, a da flecha a *direcção*, a do braço o *poder*, a de duas mãos unidas o *pacto*, a *alliança*, a do olho a *vigilancia*, etc. O fundamento do symbolismo é uma certa relação natural entre a figura graphica e a idéa. Os egypcios, segundo Ta-eito, foram os primeiros a usar da escriptura symbolica, que enchia as paredes dos seus templos, e que é especialmente denominada *hieroglyphica* (gr. *hieros*=sagrado, *glypho*=escrevo), ou *escripta sagrada*. Ella continuou, por certo, a ser a escripta sacerdotal ou da religião, ao lado da ideologica e da phonetica que posteriormente se desenvolveram.

Ao sabio francez J. F. Champollion (†1831) compete a gloria de ter descoberto a chave para a interpretação dos hieroglyphos egypcios.

III. ESCRIPTA IDEOGRAPHICA.

Na escripta ideographica a relação entre a figura e a idéa por aquella expressa não é natural, porém meramente convencional. Demasiado tempo e espaço reclama o desenho dos symbolos; por isso foi elle sendo pouco a pouco abreviado, de modo que, no decorrer do tempo, perdeu-se a noção da relação symbolica, e o symbolo abreviado tornou-se mero signal convencional da idéa. A principio a cabeça representava o homem, as garras ou a cauda, o leão, os cornos, o touro, etc. Emquanto a parte despertava a idéa do todo, a escripta era *figurativa* ou *symbolica*; perdido, porém, o conceito da relação com o objecto ou com a qualidade nelle inherente pelo resumido dos traços da figura, a escripta tornou-se ideologica, os traços ou o resqueio da figura ligava-se convencional e immediatamente á idéa; tal é hoje o caracter da escripta chinesa. Os numeros arabicos e romanos (1, 2, 3 e I, II, III etc.), os signaes algebricos e musicaes, pertencem á categoria das escriptas



ideologicas, pois, os numeros, as notas de musica, etc., não são symbolos propriamente, porém signaes directos da idéa, que representam.

IV. ESCRIPTA PHONETICA.

A escripta phonetica representa a ultima phase da evolução graphica. Ella naseu com a invenção admiravel do Alphabeto, que a antiguidade é quasi unanime em attribuir ao Egypto, como vimos. Consiste ella na figuração graphica dos sons elementares da voz humana, cujo agrupamento constitue a palavra. O conjuncto dessas figurações graphicas ou letras fórma o Alphabeto, que é, portanto, o resultado da analyse, embora deficiente, dos elementos phonicos da linguagem.

O estudo da escripta phonetica é o que se chama orthographia.

CAPITULO III

ORTHOGRAPHIA

159. **Orthographia** (gr. *orthos* = *correcta*, *graphia* = *escripta*) de uma lingua é a transcripção de seus vocabulos geralmente aecita pelos seus bons escriptores.

A *Orthographia* prende-se á Phonetica, como a linguagem fallada á escripta, pois é ella a transliteração correeta dos vocabulos.

Diffieultosa coisa, entretanto, é estabelecer-se um padrão uniforme de correção orthographica. De um lado a variedade quasi infinita na prolação de nossos phonemas vocabulares pela vastissima área, em que é fallado o portuguez; de outro, a defieiencia e imperfeição do alphabeto tradicional para fixar na escripta esses variadissimos matices, no tempo e no espaço, dos valores quantitativos e qualitativos de nossos phonemas agrupados em vocabulos, tornam um aspero problema o ideal de uma orthographia uniforme. A estas diffieuldades acresce a inercia do espirito conservador, que naturalmente offerece tenaz resistencia a qualquer innovação no sentido da desejavael transliteração uniforme dos vocabulos de nossa lingua.



Estudemos, entretanto, a natureza, origem e historia dos diversos systemas orthographicos do portuguez, e as refórmas, que ultimamente teem sido propostas.

SYSTEMAS ORTHOGRAPHICOS

160. Chamam-se systemas orthographicos os diversos modos de transcripção ou transliteração dos phonemas vocabulares.

Dois, em rigor; são esses systemas — o *phonetico* e o *etymologico*, que, na impossibilidade practica de uso exclusivo, deram origem a um terecio denominado *mixto* ou *usual*. Os dois systemas diferentes, que tendem a conciliar-se em nosso actual systema mixto, ou phonetico-etymologico, são duas correntes historicas na arte da representação graphica da linguagem fallada. O italiano e o hespanhol, na systematização desta arte, penderam para o lado do phonetismo, ao passo que o portuguez e o francez para o lado do etymologismo. E' evidente que hoje, com o desenvolvimento e generalização da arte de ler e escrever, torna-se mais difficultosa a refórma da orthographia.

161. SYSTEMA PHONETICO.

O primeiro systema que se offerece á nossa consideração é o *phonetico*, *phonico* ou *sonico*.

O systema phonetico (*phonê=som*) consiste em se transcrever cada phonema vocabular pelo signal graphico correspondente, isto é, escrever-se como se pronuncia, de modo que a palavra escripta seja a imagem exacta da palavra fallada.

E', como se póde conjecturar, o systema primitivo, e que, de facto, corresponde aos primeiros documentos de nossa lingua.

E' elle espontaneo, obedece ao movimento natural da representação exclusiva dos sons percebidos e aos intuitos originaes da invenção do alphabeto. Chamam-lhe por isso *systema philosophico*.



Através das incertezas orthographicas, determinadas quasi sempre pelas incertezas phoneticas, através do syncretismo das fórmulas vocabulares, revelam os primeiros documentos de nossa lingua o predominio do systema phonetico, se bem que, aqui e ali, transpareçam tendencias etymologicas, o que é natural em escriptas que deviam ter algum conhecimento do latim medieval. No primeiro desses documentos (*Noticias de torto*, 1189), encontramos as seguintes graphias caracteristicas: — *aver, overum, ove, abade, erdade, anos, omem, ome, desonras, onra, eygreyja, eles, otros, etc.* — Nos cancioneiros do sec. XIII, são constantes as graphias que revelam a continuação da mesma corrente phonetica; taes como — *oje, ey* (hei), *ome, ela, avia, donzelas*; em Fernam Lopez (sec. XIV) — *averdes, ele, onra, Afonso, estoria.*

Este systema, tão preonizado pelos phoneticistas, não offerece, comtudo, base uniforme para uma reforma orthographica, vista a grande variedade da pronuncia, de região para região e de seculo para seculo. Sendo nelle a palavra escripta a imagem exacta da palavra fallada, a mudança constante da pronuncia determinaria a constante mudança de sua representação.

162. SYSTEMA ETYMOLOGICO.

A orthographia etymologica é mais um principio ou tendencia do que um systema. Já nos primeiros documentos da lingua descobre-se vagamente esta tendencia por parte de escriptas que não podiam ser extranhos ao latim medieval, que era a lingua official. Esta tendencia acentuou-se com os latinistas do sec. XV, e firmou-se preponderantemente com a erudição classica do sec. XVI e XVII.

Consiste o chamado systema etymologico em se approximar, quanto possivel, a fórma graphica actual da fórma graphica original conhecida. Tal tendencia se manifesta na conservação de *consoantes* eujos valores phoneticos primitivos se acham actualmente atrophiados ou obliterados (*atensão, acto, afflicto*), e na conservação de *vogaes* eujos valores phoneticos primitivos se acham alterados na pronuncia actual (*suberbo* por *soberbo, semelhante*, por *semelhante*).

De accordo com esta tendencia, trez elementos caracterizam o systema etymologico :

a) Conservação da prepositiva *insonora* dos grupos consoantes, p. ex.: *affirmar*, *adduzir*, *acto*, *cscripto*, e do *h etymologico* — *homem*, *honra*, *attrahir*.

b) Conservação dos digrammas gregos — *ch*, *th*, *ph*, *rh* — *character*, *charidadc*, *theatro*, *philosophia*, *rhctorica*.

c) Preferencia ás vogaes originaes em certas palavras, a despeito da pronuncia, como p. ex.: *edade* (←~~atatem~~), *cgual* (←~~aqualcm~~), *cgreja* (←~~ccclesiam~~), *testimunho* (←~~testimonium~~), *assimilhar* (←~~similare~~), *suberba* (←~~superbia~~), *logar* (←~~locare~~).

163. O systema etymologico procura guardar o elemento tradicional primitivo na historia das palavras, e dar á orthographia uma base immoveel na fixidez morta da lingua original, embora para isso tenha de reagir, ás vezes, até certo ponto, contra a evolução phonetica das palavras latinas.

Para Gonçalves Viana a “orthographia etimologica é uma superstição herdada, um erro científico, filho do pedantismo que na época da ruserreição dos estudos classicos, a que se chamou Renascimento, assoberbou os deslumbrados adoradores da antiguidade classica e das letras romanas e gregas, e pôde vingar, porque a leitura e a consequente instrução das classes pensadoras e dirigentes só eram possíveis a pequeno círculo de pessoas, cujos ditames se aceitavam quasi sem protesto. E’ ella uma tradição postiga e presunçosa de orthographia helenizada e alatinada” (O. Nac. 9, 12).

Apaixonadas nos pareem as censuras do illustre romanista; a corrente etymologica foi um movimento que abrangeu toda a literatura da Europa occidental, e deve ter tido um outro fundamento que não o mero pedantismo da época. Demais, anterior “ao pedantismo do sec. XVI e XVII”, começa, com os latinistas do sec. XV, a reacção etymologica.

No Leal Conselheiro de Dom Duarte (1415), ao lado de muitas caecographias, taes como *lex*, *regno*, *escripvão*, *hu-*

sar, fortalleza, oeeiosidade, malles, myllagre, escandallo, descobre-se, entretanto, a corrente *etymologica* latinista, que deve preponderar no seculo seguinte. De facto, nesse interessante trabalho do rei-escriptor encontra-se — *scripto, dicto, homem, haver, sancta, ella, homem, aquelle, circumspecto, fallecimento, contradicto*.

No seculo XVI com os escriptores quinhentistas e no seguinte, a corrente *etymologica* se alarga e se impõe definitivamente na lingua. Apesar das vacillações e incongrueneia da orthographia dos escriptores classicos, manifesta-se, por toda a parte, a tendencia *etymologica* de eruditismo latinista. Em Camões, apesar da irregularidade orthographica e das frequentes reações phoneticas, assinaladas por E. Dias, “o desejo de seguir a *etymologia* ehga a passar das mareas (por exemplo em “doctrina”).

164. O *etymologismo* rigoroso encontrou sempre grave obstaculo não só na ignorancia da origem de muitas palavras, o que dá a cada passo origem á graphia ultra-*etymologica*; mas tambem na prosodia e na tendencia simplificadoras. Dahi a impossibilidade de fornecer elle um typo uniforme de orthographia, e de evitar frequentes incoherencias. Os que proeuram fugir á pecha de incoherentes, seguindo com rigor os principios de sua eschola, são contrangidos a certas graphias, que desagradam por inusitadas, taes como — *inceptar* (encetar), *mactar, exemplo, mulctar, poneto, hispanhol, phtysica, praneto, incanto, commadrc*.

165. E' frequente neste systema a introducção de *cacographias* ou erros orthographicos, determinados por falsas *etymologias*. Damos em seguida os mais frequentes:

ERROS	CORRECÇÕES	ERROS	CORRECÇÕES
Alemquer	Alenquer	Despeza	despesa
Author	Auctor	Ellypse	ellipse
Authoridade	auctoridade	Eclypse	eclipse
Authorizar	auctorizar	Enygma	enigma
Ascenção	ascensão	Esphynges	esphinge
Barbaria	Berberia	Exhuberante	exuberante
Cathegoria	Categoria	Explendor	esplendor
Condleção	condição	Exforço	esforço
Cathecismo	catechismo	Hypodromo	hippodromo



ERROS	CORRECÇÕES	ERROS	CORRECÇÕES
Cathecumeno	catechumeno	Peeçgo	pessego
Coilyseu	coilyseu	Rethorica	rhetorica
Colosso	colosso	Sachristão	sacristão
Contheudo	conteudo	Sachristia	sacristia
Contrição	contrição	Satyra	satira
Chrispm	Crispm	Sepulehro	sepulero
Contriço	contriço	Systhema	systema
Culterano	culturano	Tradieção	tradição
Chrystal	crystal	Thonico	tonico
Daeta	data	Thiágo	Tiágo
Defeza	defesa	Themudo	Temudo
Docel	dossel	Thesoura	tesoura

Obs. Erros ha, entretanto, que uma vez universalmente adoptados, recebem fóros de cidade, taes como — *hontem, hombrò, humido.*

166. O *systema mixto* ou usual é o resultado da introdução do principio etymologico no sec. XV, e desenvolvido nos seculos posteriores. E' um *systema ecclético, phonctico-etymologico*, pois naseu da combinação das duas tendencias, e procura no principio etymologico, modificado pela orthoepia da lingua, o padrão de uniformidade orthographica. Porém no seio traz o *systema* os germes da propria variação: ora impõe-se o rigorismo etymologico, conforme o temperamento do escriptor, e se grapham; *muleta, poncto, mactar, charidade, diphthongo, dicto, egreja, logar, etc.*; ora, a simplificação phonetica: *multar, ponto, matar, caridade, ditongo, dito, igreja, lugar, etc.* Outros, menos exclusivistas, fazem larga selecção entre as duas correntes: *multa, ponto, matar, diphthongo, dicto, egreja, logar.*

167. Em tal *systema* não se pôde esperar uma coherencia impecavel, pois o uso vário é o seu criterio. A intervenção, porém, de uma auctoridade reconhecida, que fixasse, em um *vocabulario orthographico*, a graphia mais generalizada e consentanea com a indole ecclética do *systema*, seguindo-lhe a propria evolução graphica, conseguiria, em breve tempo, sem inuteis abalos, o desejado escopo de unidade orthographica do idioma nacional.

Já em nosso *Curso Superior de Grammatica Expositiva* (§§ 102 — 116), expendemos os preccitos sobre a orthogra-



phia usual, que tendem ao almejado fim; aqui apenas daremos uma amostra do largo syncrétismo orthographico determinado pela dupla corrente incorporada em nosso systema usual.

ORTH. ETYMOL. ORTH. PHONET.		ORTH. ETYMOL. ORTH. PHONET.	
apprender	aprender	dieto	dito
approximar	aproximar	eharo	earo
aggravar	agravar	charidade	earidade
abbreviar	abreviar	epocha	epoca
eharaeter	caracter	echo	ceo
exgottar	esgotar	logar	lugar
extender	estender	mactar	matar
extrangeiro	estrangeiro	muleta	multa
exemptar	isentar	poneto	ponto
inceptar	eneetar	practica	pratiea
idade	idade	hocea	boca
egreja	igreja	similhante	semelhante
egual	igual	suberbo	soberbo
esculptura	escultura	diphthongo	ditongo
escripto	escrito	subjeito	sujeito
eschola	escola	si	se

REFORMAS DA ORTHOGRAPHIA

168. O largo syncrétismo orthographico, de que acima tractámos, tem produzido, tanto no Brasil como em Portugal, movimentos de reformas com o intuito de conseguir um modo uniforme de se escrever a lingua nacional. Porém todas essas tentativas tem abortado por exclusivas e revolucionarias. Tem ellas sido, em geral, uma insurreição demagogica de phoneticismo contra a preponderancia aristocratica do etymologismo.

Actualmente, duas tentativas sérias se estão fazendo, uma no Brasil e outra em Portugal, para se levar a cabo tão desejavel quanto difficultosa empresa.

Destas duas reformas vamos nos occupar.

Reforma Brasileira

169. A *Academia Brasileira de Letras* approvou, em 1907, um projecto de reforma orthographica, que, altera-



do posteriormente, consigna as seguintes modificações das *consoantes* e das *vogaes* na transliteração dos vocabulos da lingua:

I. CONSOANTES:

1.º Proseripção do **k**, substituido pelo **c** antes de *a, o, u*, e por **qu** antes de *e, i*: *eágado* (kágado), *quermes* (kermes).

2.º Substituição do **s** pelo **z**, sempre que tiver o valor desta letra: *caza, roza, chciroza, meza, defeza*, por — *casa, rosa, cheirosa, mcsa, defesa*.

3.º Substituição do **g** pelo **j**, sempre que tiver o valor desta, excepto quando *inicial*: *imajem, orijem, carruajem, mensajem*, por *imagem, origem, carruagem, mensagem, homenagem*; porém *genio, geral, gentc*.

4.º Proseripção da consoante *insonora* dos grupos consoantaes, bem como do **h**, excepto o **h** inicial, que é conservado nos compostos: *afirmar, colegio, atender, ano, aumento, ato, ação, aflito, atrair, compreender*, por *affirmar, at-tender, anno, augmento, acto, aeção, afficto, attrahir, com-prehender*; porém, *honra e deshonra, humanidade e deshu-manidade habil e inhabil*.

Nota. Conservam-se por necessidade os grupos geminados **rr ss** para lhes conservar o som forte em *carro, jarro, cassa, passa*, etc., e por transgeneria provisoria **ll** nas palavras — *elle, aquelle, aquella, aquillo*. — Os diagrammas *lh, nh, ch = x* são naturalmente conservados em — *pilha, pinha, pecha*, etc.

5.º Proseripção dos grupos gregos — **ph, th, ch, rh**, substituidos pela letra simples correspondente: *filozofia, ortografia, orchestra, coro, retoriea*, por *philosophia, orthographia, orchestra, choro, rhetorica*.

6.º Graphar-se-ão com **z** e nunea com **s** as syllabas finaes tonicas, que tiverem este som: *ananaz, Goyaz, portuguez, marquez, Luiz, matiz, noz* (subst.), *voz, capuz, cuscuz*.

EXCEPÇÕES:

- a) Os pluraes: *alvarás, mereês, quatís, urubús*.
- b) Os pronomes: *nós, nos, vós, vos*.
- c) As fórmias verbaes: *farás, dirás, vês, dês, dás, rís, preferís*.

d) Os nomes proprios — Moisés, Jesús.

II. VOGAES:

1.º Proscripção do **y**, substituído por **i**: *misterio, tipo, pira, Curitiba*, por *mysterio, typo, pyra, Curityba*.

2.º Rrepresentação das finaes nasaes *tonicas* por **ão** e **ã**, e das *átonas* por **am** e **an**: *pão, irmão, dirão, farão, correrão, irmã, manhã, orfam, diriam, fizeram, correram, órfan, iman*.

3.º Representação dos diphthongos oraes por **ai**, **au**, **eu**, **iu**, **oi**, **ui**: *pai, sai, pau, céu, seu, fugiu, viu, heroi, boi, dilui*, — *jornais, sais* (pl. de *sal*), *sóis, crizois, nacionais*.

O *hiato* e o *semidiphthongo* por **io**: *tio, rio, frio, vario, colirio*.

Reforma Portugueza

170. Em maio de 1900, o Snr. Aniceto dos Reis Gonçalves Viana apresentou á Aeademia Real de Sciencias de Lisboa um plano de “simplificação e uniformização sistemática das ortografias portuguesas”, que publicou e defendeu, com larga copia de erudição, em seu excellente livro — *Ortografia Nacional*, sahida á luz em 1904. Já em 1885 havia elle com o Snr. Guilherme de Vaseoneellos Abreu traetado do assumpto em um opuseulo intitulado — **BASES DA ORTOGRAFIA PORTUGUESA**.

Sua theoria reformadora synthetiza-a elle nos quatro artigos seguintes:

I. Proscripção absoluta e incondicional de todos os simbolos de etimologia grega, *th, ph, ch* (=k), *rh* e *y*.

II. Redução das consoantes dobradas a singelas, com excepção de *rr* e *ss mediaes*, que teem valores peulieres.

III. Eliminação de consoantes nulas, quando não influam na pronúncia da vogal que as preeeda.

IV. Regularização da acentuação gráfica.

Estes quatro artigos são por elle reunidos em trez preceitos geraes, a saber:

I. Tudo o que se differença na fala tem de ser differenciado na escrita.

II. Todas as pronunciações lejitimas devem ser representadas no orthografia commum, para que a lingua escrita seja uma só.

III. Todos os artificios etimolójicos inúteis, ou que se não expliquem pela evolução da língua falada, serão des-terrados da escrita portuguesa, como contrarios á sua expressão gráfica.

No sentido desta reforma tem largamente escripto o illustre Sr. Candido de Figueiredo, e importantes adhesões tem ella obtido em Portugal e mesmo no Brasil.

Em setembro de 1911, o governo portuguez adoptou um plano de reforma orthographica elaborado por uma eomissão de homens proeminentes nas letras portuguezas. O plano era, com algumas modificações, o mesmo apresentado e brilhantemente defendido em sua *Orthografia Nacional*, por *Gonçalves Viana*, distincto philologo e eximio romanista. A commissão que o apresentou e que já de si o recommenda era composto de Francisco Adolpho Coelho, José Leite de Vasconcellos, Candido de Figueiredo, Manuel Borges Grainha, Aniceto dos Reis Gonçalves Viana, José Joaquim Nunes, D. Carolina Michaelis, Dr. Antonio José Gonçalves Guimarães, Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos, Julio Moreira.

A Reforma portugueza, ampla e completa, não só procura uniformizar o emprego das *consoantes* e *vogaes* na translitteração dos vocabulos, mas ainda regularizar o uso das notações orthographicas, concorrendo desta maneira para facilitar e uniformizar a prosódia da lingua.

A Reforma consigna em synthese o seguinte sobre os trez pontos:

I. CONSOANTES:

1. Proscripção do **k** e **w**, substituidos, em palavras portuguezas ou aportuguezadas, por — **c**, **qu** e **v**, **u**. *Camchatea*, *quermes*, por *Kamtchatka*, *kermes*, assim — *cágado*, *quisto*, *caleidoscópio*, *docã*, *coque*, *niquel*, *niquelar*, *quíosque*, *querosene*, *quepe*, *quermesse*, e não, sem razão etymologica, —



kágado, kysto, kaleidoscopio, doeka, eoke, nickel, nickelar, kiosque, kerosene, kepi, kermesse; — valsa, darwinismo, por walsa, darwinismo, assim — vagon, Veneclau, Vamba, Hedvijos, visigodo, Vestefália, sanduíche.

Nota. É facultativa a conservação dessas letras (*k*, *w*) em nomes estrangeiros — *Kant*, *Darwin*, *Estokolmo*, *Byron*, *Newton*. O *K* fica apenas conservado como abreviatura de *quilo* (*kilo*, erradamente por *chilo*): *Kg*=quilogramma, *Kl*=quilôlitro, *Km*.=quilometro; o *W* abreviatura de *oeste* (inglez *west*), assim como *E* é abreviatura de *este* ou *Este* (ingl. *east*). Neste emprego deixam *K. W. E.* de ser signaes phoneticos para se tornarem symbolos ideographicos, v. gr.—*W*=oeste, *NW*=norocste, *SW*=sud-oeste, *KL*=quilôlitro, *KG*=quilogramma.

2. Proscrição dos grupos gregos — *ph*, *th*, *ch* (=k), *rh*, substituidos pela consoante simples correspondente: *filosofia*, *ortografia*, *teatro*, *hipoteca*, *biblioteca*, *orquêstra*, *orquídeas*, *retórica*, *Teófilo*, *afta*, *ditongo*, e não — *philosophia*, *orthographia*, *theatro*, *hypotheca*, *bibliotheca*, *orchestra*, *orchideas*, *retorica*, *Theophilo*, *aphta*, *diphthongo*.

3. Proscrição do *h* medial e do não etymologico: *inabil* (e *habil*), *inumano* (e *humano*), *desonra* (e *honra*), *inerente*, *filarmonico*, *compreensão*, *reaver*, *Tiago*, *Temudo*, *Teresa*, *ontem*, *ombro úmido*, *pedra-ume*, e não — *inhabil*, *inhumano*, *deshonra*, *inherente*, *philarmonica*, etc.

Nota.

a) O *h* inicial, quando etymologico, é conservado: *habil*, *humano*, *honra*, *homem*. *Hortensia*, *hoje*, *heróe*, *ha-de-haver*, *haste*, *harpa*, *hamburguês*, *huguenote*.

b) No diagramma *ch*=x é conservado: *chá*, *chacara*, *chegar*, *achar*, *cheio*, *encher*. Porém orthographar-se-á — *xá* (*soberano persa*), *xácara* (*poesia*), *xoque* (*cheik*), *xoque* (*cheque*), *xará*, *xaruto*, *xingar*, *xuc*, *xuzu*, *xucro*.

c) No fut. do indle., no caso de *tmesc*, escreve-se o verbo *haver* separadamente: *amar-te hei*, *amar-me has*, *amá-lo hei*, *amar-vos hemos*, *amar-nos heis*, *amar-se hão*, *far-te hei*, *dá-lo hão*, etc. Fóra deste caso, desapparece o *h*: *amarei*, *amarás*, *amar-te-ia*, *amar-vos-iamos*. No condicional, como se vê, continua a graphar-se *amar-te-ia*, *amar-me-ias*, etc.

d) O *h* final só é mantido nas interjelções: *ah!* *oh!* *hui!* *hum!* *hou!* *houlá!* Porém — *Judá*, *rajá* ou *raja*, *Iná*, *Rute* (*Ruth*), *Judite* (*Judith*).

4. Proscrição das consoantes *insonoras* dos grupos consonantais homogêneos ou geminados e heterogêneos: *aliança, colega, opor, supor, atenção, afirmar, ofício, acusar, pronto, aumentar, sinal, cômodo, Inês, Inácio, ditongo, aprovar, aparecer, dito, ano, Ana, diferença.*

EXCEPÇÕES:

a) São conservadas as prepositivas desses grupos quando facultativamente pronunciadas ou quando influem na vogal antecedente, abrindo-a, estendendo-se a conservação da prepositiva, em ambos estes casos, a todos os termos cognatos respectivos: *selecção — selecto, selecção, selectar; fracción — fraccionar, fraccionamento; reacção — reaccionario, acção, acionar, contracção, acto, contracto, contractor, distracto; direcção — directo; réctidão — reeto, reetangulo, rectificar, rectiforme; excepção — excepto, exceptuar; adopção — adopto, adoptar; affectivo — affectuoso, affecto, affectividade; effectivo — effectividade, effectuar, effectuoso; abstracção — abstracto, tracção, distração; facção, facionar, faccioso, facionario, facto, factura; dialéctica — dialetoal, dialeto, dialetoлогия; collecção — colleccionar, colecta, colectivo, coletar, colectaneo, coletor; objecção — objectar, objectivo, objecto, objectivar; leccionar — leccionario, lectivo; redacção — redactor; projectil — projecto, projectar, projecticio; egypcio — Egypto; didactologia — didactico; espectáculo — espectacular; Octavio, Octaviano; gymnasio, gymnastica, omnipotente, omnibus, (pois é facultativa a pronuncia do *m* no grupo *mn*).*

b) São conservadas as geminadas *rr* e *ss* por necessidade prosódica: *earro jarro, amarro* (ef. *earo, amaro*), *passo, cassa* (ef. *casa*). — Pelo mesmo motivo dobram-se essas consoantes: *prorrogar, prorrogação, prorromper, derogar, prerrogativa, — prosseguir, prosseecção, pressupor, pres sentir, monossilabo.*

c) São conservados os grupos *mn* e *nn*, quando o exige a pronuncia: *emmalar, enervar*, cuja primeira syllaba se distingue prosódicamente de *emanar, enervar, imortal, imirgir, imigrar, iminente, emmagrecer, emmaranhar, emmoldurar, emmassar, comumente — ennobrece, ennoitecer, enervar, enovelar, ennuviar, enmodoar, ennesgar, innovar,*

inovação, innenarravel, innato=eongenito (cf. inato=não nascido). Também é conservado *mn* quando ás vezes pronunciado: *gimnásio, gymnastica, amnésia, gimnocéfalo, amnistia.*

d) E' conservado o grupo **sc**: *sciencia, consciencia, preseiencia, scena, scetro, scisão, sciatica, scisão seisma, seentelha, scelerado, sceptico, scintilação, scindir.*

c) E' conservado, como vimos, o grupo **ch=x**: *chave, chefe, eacho* (Vide 3.º Nota b).

5. O emprego de **g** ou **j**, de **ç** ou **ss**, de **s** ou **z** é regulado pela *etymologia*: *genio e jerarquia, magistral e majestade, caça e cassa moça e massa, maça e massa, mês e vez, três e fez, ananás e vivaz, português e viuvez, marquês e xadrez, defesa e beleza, país e nariz, retrós e veloz, vós e voz, nós e noz, mesinha e mezinha (medicina), asa e azo, Ásia e azia, precisar e batizar, pessego e açúcar, sossêgo, ansia, dossel, cansar, dançar, cetim, brasa, celamim, cediço, Sintra, hortênsia, gôso, gás.*

Excepções:

a) Apesar da etymologia, eserevem-se sempre com **es** ou **is** as syllabas átonas: *Rodrigues, Marques, Gonçalves, Fernandes, ourives, simples, visconde, mesquinho.*

b) Continúa a eserever-se **m** antes de **b**, **p** e **m**, e **n** antes das outras consoantes: *imperio, embate, âmbito, impio, immortal, infeliz, entre, ingrato, lembrar.*

Porém não se guarda o **m** nos compostos fóra desta regra: *contigo, consigo, contudo, conquanto, circundar, circumstancia* (cf. *bemdizer, bemfazejo, bemfeitor, bemfalante* (bem=bei), *emquanto, emtanto* (em ei), *homemzarrão, bomzinho, capimzinho, homemzinho*).

6.º No fim de palavra não se esereve **n**, mas **m**, exexcepto quando o **n**, soa: *panteom* (ou *panteão*), *jovem, tom, chiton* (ou *chitão*), *regimen* (ou *regime*), *gêrmen* (ou *germe*), *hifen, eden, certamen, dólmen, alumen, líquen, cerúmen*, (ou *cerume*), *Prócion.*

Nota. O plural destes ultimos formam-se **es**: *regimenes* (e *regimes*), *gêrmenes, hifenes, édenes, certamenes, dólmenes, alúmenes, líquenes, canones*, etc.

II. VOGAES:

1.º Representação uniforme dos diphthongos:

a) Os oraes por i e u na subjunctiva: — ai, au, éu, iu, ói, oi; uis pai, vai, sai, eantai, amais, sais (verb.), sais (pl. de sal), quais, jornais, fatais, mau, vau, éu, seu, viu, sóis, sais, mói (cf. moí), móis, soi (sõe — de soar), sói (sõe, de soer), voi (voe de voar), sui (sue de suar), contribui (cf. contribuí).

Nota. O SEMIDIPHONGO e o HIATO POR io: vário e vario, domínio e senhorio, pátio e partío, rio, tio.

b) Os nasaes por — ãe, ão, em, ens, õe: mãe, pães, órgão, órfão, Estêvão, Sebastião, bem (=bei), emquanto, (=ciquanto), bens (=beis), imagens (=imageis). — Nos verbos conservam am para os diphthongos finaes átonos, e ão para os tónicos: amam, amaram e amarão, falam, falaram e falarão.

2. Representação uniforme do ã nasal final por ã: irmã, manhã, órfã, irmã, vã. — Os diminutivos e os adverbios guardam o til da fórma primitiva: irmãzinha, orfãzinha, vãmente, cristãmente. — Fóra deste caso, o a nasal medial representa-se an: vangloria, irmandade, cristandade, manto.

3.º Graphar-se-ão com i ou e, com o e não u, de accordo com a evolução da vogal latina, os seguintes vocabulos e outros semelhantes: idade, igual, igreja, Ifigenia, testemunho, semelhante, se (conjunc.), vizinho, Vergilio, tejolo, artelheria, erânio, pátio, pior, milhor (ou melhor), lial (ou leal), Manuel, soberbo, logar, logarejo. — Pela mesma razão orthograghar-se-á dezaseis, dezasete, dezanove, quere (3.ª pess. do pres. do indic. de querer).

Nota.

a) Criar e não crear, a despeito de creare, por exigir o i a syllaba tonica dos tempos verbaes — crio, crias, cria, crie, etc., e dahí criança, criado, criação, criatura, e não creado, creança, creação, creatura, e, pela mesma razão, — procriar, procriação, procriador, recriar, recriação, recriador. — Porém recrear no sentido de divertir-se guarda o e etymologico por conservá-lo na

syllaba tónica — *recreio, recreias, recreia*, etc.; donde *recreação, recreativo*.

b) Discrimina-se entre *real* de *res*, e *rial* de *rei*, e dahi — *realidade, realização e rialeza, rialengo*.

c) *Poder* e *pôr* teem **u** no pret. perf. do indie. e nos tempos que delle se derivam: *pude, pudeste (pôde), pudemos, pudestes, puderam: pudera, pudesse, puder, etc.; pus, puseste, (pôs), pusemos, pusestes, puseram; pusera, pusesse, puser, etc.*

d) *Querer* grapha-se na 3.ª pess. do pres. do indie. — *quere*, e no preterito perf. e seus derivados — *quis, quiseste, quis, quisemos...; quisera, quisesse, quisera*.

III. ACCENTOS:

1.º Marcar-se-á com agudo ou circumflexo a syllaba tónica dos seguintes vocabulos:

a) Dos **proparoxytonos**: *sábado, câmara, cédula, pê-sego, fôlgo, pôlvora, máximo, íntimo, belíssimo, ótimo, rápido, lúgubre, fimbria, núncio, légua, régua, água, desinência, seqüência, ânsia, êxito, êxodo, farmacêutico, Venâncio, Antônio, áugure, arúspice, contínua* (cf. *continua*, verb.), *mingua* (cf. *mingua*, verb.), *séria* (cf. *seria*), *público* (cf. *publico*), *gênio, gênero, gémeo, nônio, fênico, acadêmico, génesc, cómodo, cônego, espécimen*.

b) Dos **oxytonos terminados em — a, e, o** (seguidos ou não de s), **em, ns**: *Tomás, alvará e alvarás, fará e farás, rapé, ipê, avó e avós, armazêm e armazêns, contêm* (cf. *contem, imagem*). — Ficam inaccentuados os oxytonos em **i, u e consoante**: *jurití, tupi, coati, peru, urubu, fatal, anel, perfil, azul* (cfr. *fácil, cônsul*), *tapar, falar, vender, prazer, poder, puder, tapir, opor*.

Nota.

1.ª Os monosyllabos tónicos em **a, e, o** levarão **accntos**, porém fream **inaccentuados** os em **i e u e consoante**: *pé, jú, lá, pó, st* (pron.), *nu, dor, flor, ver, crer, pôr* (ao lado de *por*), *côr* (ao lado de *cor, de cor*., donde *decorar*). Eguamente fream inaccentuados os monosyllabos em **em e ens**: *bem e bens, tem e tens, cem, vem* (3.ª pess. do sing. e do plur. do indie. pres. de *vir*).

2.ª O **til** suppre o **accento**: *irmã, cristã, manhã, lâ, irmão, varão, Sebastião* (cf. *órfã, orfão, sótião, Estêvão, Cristóvão*).

c) Dos **paroxytonos** terminados em **i, u, vogal nasal, diphthongos** (seguido ou não de *s*) e consoantes: *quási, júri, trību, Vénus, Páris* (cf. *Paris*, cidade), *Estêvão, Christóvam, órfão, órgão, amáveis, fósseis, têcteis, fáceis, pêncis, fóssil, têxtil, fácil, pênsil, cônsul, cadávèr, açúear, alcágar, mártir, sóror, âmbar, aljôfar, Madagáscar, córtex, sílex, index, Félix, bórax, tórax, féniz, pólux.*

d) Dos **homographos**, nas vogaes fechadas (**e** ou **o**): *rôgo e rogo, sôbre e sobre, êmo e como, jôgo e jogo, govêrno e governo, pêeo e peço, pêso e peso, mêdo e medo (povo), sêde e sede, vêde e vede, colhêr e colher, côr e eor (de cor), côres e cores, porêem e poreem, dêmos (pres. subj.) e demos, dôres e dôres (dorar), fôrma e forma, fôra e fora, dêste e deste, e dêsse, êle e ele (letra), êsse e esse, êste e este, lêmos e lemos, (pôlo e polo=pele).*

Quando ha mais de duas dieções homographas accentuam-se duas: *avó, avô, avo, sé, sê, se, pêlo, pêlo, pelo.*

Nota. Quando os homographos são *proparoxytono* e *paroxytono*, opera-se a discriminação pela accentuação daquelle (III, s. a): *contínua e continua (=continua), pública e publica, líquido e liquido, amálgama e amalgama, número e numero.* Entre *paroxytono* e *oxytono* a discriminação se faz pela regra *b* e *c*: *vencerá e vncera, unirás e uniras, porêem e poreem.*

e) A vogal tónica do **hiato**: *ai, sai, saúde, contribuí* (cf. *contribuí*), *faisca, baú, Jaú, Taígeto, Piauí, conteúdo, doído* (cf. *doido*), *viúvo, veíeulo, proibir, ruína, ruído, roído.*

Nota. Quando o hiato é átono pôde usar-se do acc. *grave* pelo *agudo*: *saimento, paisagem, saúdar, abaúlado, faiscar.* — Pôde dispensar-se o acc. *agudo*, no hiato tónico *final*, quando este não termina por **s**: *raiz* (cf. *raízes*), *juiz* (cf. *juízes, júzto*). Compare-se *Luis, Saul, paul, ruim, rainha, Coimbra, moínho* (pop. *múinho*), *transcunte, triunfo, coínchar, reincidir, adail.*

f) A vogal aberta dos **diphthongos ei, eu, oi**: *rêis e reis, batêis e batcis, papêis e papeis, cén e scu, sóis e sois, apóio e apoio, vêu e meu, ehapéu e europeu, ilhéu e per-deu, labêu e lambex.*

2.º Marcar-se-á com acento **grave**:

a) A *subtonica* nos **derivados**: *màzona* (má), *pèzinhos*, *cafèzinhos*, *sòzinhos*, *saùdoço*, *enraizar*, *arruinar*, *ruinoso*.

O *accento agudo* do *primitivo* transforma-se no *grave* do *derivado*, para indicar vogal aberta.

Nota. Nos *adverbios derivados dos adjectivos* guarda-se o *accento* destes: *fácil—fácilmente*, *só—sómente*, *cortês—cortêsmente*, *português—portuguêsmente*, *rápido—rapidamente*, *ábil—ábilmente* (cf. *ricamente*, *loucamente*, *ferozmente*, *caladamente*).

b) A vogal *aberta* *átona* de **homographos**: *prègar* e *pregar*, *pègada* e *pegada*, *mòlhada* e *molhada*, *àquelle* e *aquelle*, *àpartè* e *aparte*, (*â==a+a*), *còração* (de *eorar*), e *coração*.

c) O *u sonoro* dos *diagrammas* **gu** e **qu**: *arguìr*, *arguente*, *aguentar*, *agüeiro*, *freqüência*, *eloqüência*, *eloqüente*, *equivaler*, *equiângulo*, *equiideo*, *equidistante* (cfr. *seguir*, *distinguir*, *quente*).

Escreve-se — *atorze*, *cota*, *etizar*, e não *quatorze*, *quota*, *quotizar*.

IV. HYPHEN:

Prende-se com **hyphen**:

a) O *pronome enclítico* e os *prefixos* **bem** e **mal**, do seguinte modo: *amá-lo*, *devê-lo*, *sê-lo*, *tenho-o*, *tem-no*, *tem-lo* (= *tens-lo*), *temo-lo*, *tende-lo* (*indic.* e *imper.*), *dizê-lo*, *dize-lo*, *vê-mo*, *vê-to*, *vê-lho*, *vê-no-lo*, *dai-lhe* — *bem-aventurado*, *bem-aventurança*, *bem-estar*, *mallogrado* (e também *malogrado*, como *malogro*, *malograr*).

b) A *preposição* **de** ao *verbo* nas *conjugações* *periphrasticas*: *hei-de* (*falar*), *has-dê*, *ha-de*, *hã-de*.

c) O *fragmento* da *palavra* no *fim* da *linha* ao *outro* *fragmento*: *pas-|ta*, *subs-|tantivo*, *diree-|ção*, *adop-|tar*, *des-|astre*, *de-|satar*, *bi-|savô*, *fae-|to*, *corrup-|tela*.

Nota.

1.ª Não se separa **ex**: *ex-|emplo*, *ex-|ercito*, *ex-|ceder*, *ex-|hortar*, *ex-|orbitar*.

2.^a Não se separam GRUPOS VOCALICOS: *cau-|sa, rai-|zes, sau-|de, rea-|leza, paci-|ra, dic-|ta, ensaia-|ram, rio-|zinho.*

3.^a Não se separa o grupo, *sc*, quando o *s* não se lê separado do *c*: *en-|senação, in-|sciente, pre-|sciencia*; porém — *cons-|ciencia, pros-|cenio, pros-|crito, trans-|cender.*

4.^a Repet-se o *hyphen* na linha inferior, quando este separa elementos de um composto já presos por elle: *obra-|-prima, porta-|-voz, amá-|-lo, deu-|-te, pé-|-de-|-vento.*

5.^a Emprega-se o *hyphen* unipormemente nos compostos espurios e locuções: *bom-bocado, obra-prima, bons-dias, meia-noite, meia-dia, meia-cara, bom-tom, boa-nova, mãe-d'agua, pé-de-galinha, pé-de-vento, alma-de-gato, pedra-de-covar, bota-fora, ganha-perde, cabeça-de-casal, oculo-de-ver-ao-longe, a-troche-e-moche, de-déu-em-déu, de-arrancada, de-chofre, de-certo, a-pesar-de, além-de, ao-redor-de, sem-fim.*

V. APOSTROPHO:

E' quasi abolida esta notação. Serve apenas para indicar, quando necessaria, a suppressão accidental da vogal, principalmente na poesia: *p'ra, esp'rança, c'roa, 'stão*, e em compostos, como *mãe-d'agua*.

Sem *apostropho* escrevem-se as contrações: *delc, dêste, dêsse, dali, daí, daquele, mo, to, lho, donde, dacolá, dalém, dum, duma.* Fóra destas particulas não se opera contração.

VI. TIL:

O *til* continúa a indicar nasalidade, e na syllaba final o 'accento tónico, quando este não é indicado em outra syllaba: *irmã e órfã, Sebastião e Estêvão, côvão e covão.*

VII. PONTOS DE INTERROGAÇÃO E EXCLAMAÇÃO:

Suggere-se apenas a conveniencia de se imitarem os hespanhoes, collocando-se estes pontos invertidos no principio da phrase, quando esta excede a quatro ou cinco palavras: ? Quando soubeste que a tua familia chegava de fóra hoje ? — ¡ Bello e esplendido o dia de hoje !

Critica

171. Antes de entrar na critica das reformas expostas e de ampliar o que dissemos em nossa *Grammatica Expo-*

sitiva, Curso Superior, cumpre-nos lamentar que o zelo pela reforma de nossa orthographia, o qual, de tempos a tempos, explode com certa intensidade, não se volte para o estudo e reforma de nossa syntaxe, cuja importancia substancial está pedindo, em muitos pontos, a elucidação auctORIZADA de nossos literatos. E' realmente lastimavel que a fôrma e não a substancia apaixonem os nossos homens. E nem se dirá que a razão disto é serem os herdeiros de Camões mais artistas que cientistas, porquanto é na estrutura syntactica da phrase e não no aspecto material do vocabulo que se revela o genio estheticco de um povo. Em segundo logar, é deploravel o espirito revolucionario dos que querem democratizar a orthographia portugueza.

A nossa orthographia actual, com todos os seus defeitos, é já um legado secular de nossos antepassados, accumulado no decurso de gerações, uma como urna sagrada, que encerra todo o thesouro de seu genio. E' a lingua escripta o laço mais forte e genuino, que nos prende ao passado; o elemento mais vivo de solidariedade com as gerações, que por nós luctaram e soffreram; em summa, é a tradição patrimonial, que a todos nós pertence, *res communis*. Claro é, portanto, que qualquer reforma desamorosa e irreverente desse patrimonio geral deve encontrar rigida opposição não só na inerencia natural ao espirito conservador, mas tambem nesse elemento affectivo e legitimo de apego ás tradições dos que foram. Os nossos reformadores, para conseguirem algum resultado, deveriam traçar os seus planos de harmonia com o proprio movimento evolutivo do idioma escripto, e imitar a moderação e prudencia da Academia Franceza. Reformas desta nautreza não se decretam, e só se impõem pelo proprio prestigio.

A orthographia de um povo, como a propria lingua, é um facto, systematico ou asystematico, logico ou incongruente, mas um facto sempre respeitavel em seus fundamentos e intuitos. Desconhecê-lo, deturpá-lo, feri-lo na propria substancia, invectivar as gerações, que, seguindo o natural instincto, foram, ás apalpadellas, por assim dizer, accumulando, a pouco e pouco, os elementos a cujo acervo chamamos orthographia usual, é realmente seguir caminho

errado e anarchizar ainda mais a herança paterna, que representa o esforço seular de nossos avós.

Demais, esse *facto* não é tão asystematico, arbitrario ou absurdo, como querem os follicularios das reformas radi- caes. Como na lingua fallada, assim na lingua escripta ha o instincto da ordem, ha principios que tendem a dominar a variedade incongruente dos phenomenos, a corrigir o syncretismo graphico, fructo muitas vezes da ignorancia dos escriptores. Ora, na apreciação de um systema, não é razoavel torná-lo responsavel pelas falhas de seus adeptos e increpá-lo pelas phantasias de seus cultores.

Não queremos dizer com isto, que não se façam reformas ou que não se tente melhorar, uniformizando-a, nossa actual orthographia; julgamos, porém, que essa empresa deve obedecer a esses principios de ordem dentro da indole ecclética do proprio systema.

As reformas brasileira e portugueza, que acabamos de expor, trazem, por certo, valiosos subsidios para uma futura uniformização de nosso padrão orthographico; mas não eremos que consigam a adhesão geral, pelo menos no Brasil.

A Academia Brasileira, tomando por base o phoneticismo exclusivo, procura a uniformidade graphica, rompendo de modo revolucionario com habitos tradieionaes, e detur- pando, dest'arte, largamente as fórmias voebulares, em- bora se visse obrigada a transigir aqui e ali eom o etymolo- gismo, e fixasse acertadamente certas graphias oscillantes.

A substituição do *g* medial etymologico pelo *j* (*orijem*), e do *s* intervoealico pelo *z* (*caza, formozo*), quebra sem razão sufficiente, uma respeitavel tradição da lingua es- cripta, e altera de chofre a esthetica de milhares de voea- bulos. A transigencia na conservação do *g* e do *h* inieiaes (*genio e homem*) enfraqueeu-lhe o principio adoptado. A fixação, porém, das syllabas tónicas finaes em *z* (*portu- guez, marquez, Pariz, Goyaz*), com as excepções indicadas (regra 6.^a), bem como das nasaes finaes (*irmã e orfan*) e dos diphthongos (*irmão e orfam*), foram medidas acer- tadas, que correspondiam a bem pronunciadas correntes orthographicas. A despeito, porém, destas boas disposições, o radicalismo e exclusivismo sonieo, que a constrangeu a

deturpações e ineoherencias, o seu carácter incompleto e a falta de um vocabulario orthographico, eondemnam, parecee-nos, irremediavelmente a bem intencionada tentativa da Academia Brasileira de Letras.

A reforma portugueza tem o mesmo intuito simplificador que a brasileira, e com ella coincide em muitos pontos; leva-lhe, porém, vantagem em ser mais comprehensiva, systematica e conservadora.

Mais cauta e reflectida que a Academia, a Commissão Portugueza, deelarando evitar processos revolueionarios, procurou no caminho da evolução phonetica um criterio scientifico, que lhe deparasse base segura, onde pudesse firmar um padrão de uniformidade graphica para a extrema variedade phonica da lingua. Julgou achá-lo no proeesso phonetico-historico, pelo qual proeura estabelecer a possivel conciliação entre a orthographia e a evolução dos phonemas vocabulares, respeitando em alguns pontos o principio etymologico, e com elle transigindo em alguns outros.

Com este criterio historico e opportunas concessões ao uso, logrou amortecer a opposição dos etymologistas, eapando ao mesmo tempo a adhesão dos phonetistas, eujos principios predominam na reforma. Acereisce que esta attitude, até certo ponto conciliadora, é amplamente favorecida pelo *Vocabulario Alfabético e Remissivo*, publicado pelo douto romanista A. R. Gonçalves Viana. Além disso, o caracter completo da reforma, que tudo previu, a regulamentação judieiosa do emprego dos accentos, são titulos meritorios, que lhe dão certa plausibilidade de adopção geral.

O que ha de original na reforma portugueza, além de pequenas distincções (*real e rial, criar e recrear*), e da regulamentação dos aeentos, é o elemento phonetico-historico. E como a evolução phonetica é continua, neecessario se torna busear-se nos classieos, mormente quinhentistas, o typo graphico récommendavel, e assim se prescrevem graphias taes como estas: *vezinho, artelharia, Ifigenia, tejolo, milho, pior, quere, desanove*. A razão para taes graphias arehaieas é illusoria. A evolução phonetica é base moveiça; ella não se faz reetilinea: oscilla, e, além disso, não pára. Com que criterio, pois, se vae buscar um typo



classico movel, e, quasi sempre, syncretico pela incerteza da pronuncia, como a fórma orthographica typica de preferencia a uma outra actual, que lhe leva vantagem em trez ou mais seculos de evolução? Julgamos que esse criterio phonetico-historico é accitavel como principio dirimente de fórmas graphicas syncreticas actuaes (*similhante e semelhante, suberbô e soberbo, logar e lugar, testemunho e testemunho*); porém é arbitrario quando nos impõe novidades orthographicas, em archaismos graphicos, taes como: — *artelharia, vezinho, milho, mester, lial, dezanove, querc.*

A reforma, apesar de simplificador, encerra francas feições etymologicas. Transige com o grupo etymologico *sc* (*sciencia*), e escreve *g* ou *j*, *s* ou *z*, *ss* ou *ç*, conforme a etymologia. Além disso, faz á orthographia etymologica uma concessão especial: conserva a prepositiva insonora de certos grupos consonantes (*çç, ct, pc, pt*, etc.); quando for facultativamente pronunciada ou quando influir na pronunciação da vogal átona precedente, abrindo-a (*reacção, direcção, eféctivo, excepção, adopção, espectáculo, réctidão, character*, etc). Nestes dois casos, guarda-se a insonora em todos os membros da respectiva familia philologica, isto é, em todas as palavras *cognatas*.

Ora, no Brasil, já se apagou essa influencia prosodica do grupo sobre a vogal átona antecedente, pois entre nós essa vogal é geralmente surda, e deixa por isso de nos anunciar o grupo. A concessão, pois, em nada nos facilita. Sobre isto, o conhecer a pronuncia facultativa de todas as respectivas palavras *cognatas*, para não confundir essa concessão com os outros grupos etymologicos, que devem ser simplificados, offerece difficuldades praticas reaes.

Rompendo desnecessariamente com habitos fixos, mandamos a reforma escrever á antiga — *amar-te hei*, porém á moderna — *amar-te-ia*. Não se pereebe de prompto a necessidade desta incoherente innovação. Em outro lugar, transigindo com habitos graphicos generalizados, abre mão do principio etymologico, e escreve *s* por *z* nas syllabas átonas (*Marques, ourives, simples*). Parece que esta transigencia judiciousa devera levá-la a escrever *z* por *s* nas syllabas tonicadas finaes, como faz a Academia Brasileira, pois ahi tambem existe uma corrente bem generalizada



(*mez, trez, marquez, giç, paiz, Luiz, atraz, retroz, portu-
guez, cortez, Diniz, Satanaz, rez, tez, quiz, puz, etc.*).

Parcece-nos ainda que a Commissão leva longe demais o emprego do hyphen em locuções adverbias (*oculo-de-ver-ao-longe*).

Nossa orthographia usual é *phonetico-etymologica*, a reforma portugueza nos apresenta um systema *phonetico-etymologico-historico*. Ella se condemna por complicada, e a brasileira por demasiado simplificada. A lingua escripta, como a fallada, não se reforma; melhora-se. A reforma da douta commissão portugueza tem o effeito de remendo de panno novo em vestido velho, e, afinal, melhor é serzir roturas que pregar fundilhos.

MORPHOLOGIA

172. **Morphologia** (*morphê=fôrma, logos+ia=tracta-
do*) historica é o estudo da origem e formação do lexico. Tem por objecto as *fôrmas significantes* dos vocabulos em sua evolução morphica e ideologica, bem como a importação de elementos estrangeiros accrescidos ao lexico. Ella é, em summa, o estudo do lexico em seu desenvolvimento historico interno e externo.

173. Chamam alguns a esta parte da Grammatica *Organographia* e aos elementos significantes da palavra *orgams*. Taes denominações vêm de uma comparação, mui commum desde Schleicher, da palavra com um *organismo*.

Observa, entretanto, Bréal que chamar a lingua um *organismo* é erro grave e origem de outros erros. A linguistica, diz Dauzat, não é a biología. E com estes illustres philologos, impugnam a conveniencia de um tal termo applicado á lingua, Gaston de Paris, Antoine Thomas, Bourciez e outros.

A lingua, como ensina Max Müller, não nasce e cresce como os seres organizados, isto é, as plantas e os animaes, mas antes como os mineraes, por camadas superpostas. As designações, pois, de *organismo, orgams* e *organographia*,

applicadas ao estudo das linguas, são metaphoras apenas. baseadas em uma analogia remota.

174. Estuda a Morphologia, como vimos, a estrutura das palavras em sua formação e evolução, bem como o desenvolvimento do lexico por importação de linguas extranhas.

A estrutura vocabular é constituída dos elementos morphicos ou morphologicos da palavra. Esses elementos são — a *raiz* ou *radical*, o *thema*, os *affixos* e a *desinencia*.

CAPITULO I

ELEMENTOS MORPHOLOGICOS

I. RAIZ OU RADICAL.

A analyse glottologica revela nas palavras um elemento irreductivel e primordial, que é, segundo ensinam alguns, o ponto de partida da formação das linguas aryanas; chama-se este elemento *raiz* ou *radical*. Encerra elle o sentido fundamental da palavra. Assim em *amor*, *amar*, *amante*, a *raiz* é o elemento *am*, que contem o sentido geral e indeterminado, commum a todos os membros dessa familia philologica. Acreditam os philologos, a que acima alludimos, que esse elemento primacial das palavras aryanas é *monosyllabico*.

II. AFFIXOS.

176. A' *raiz* vêm aggregar-se elementos secundarios com o intuito de lhe preeisar e modificar o sentido fundamental e vago. São esses elementos secundarios chamados — *affixos*.

Se o *affixo* preecede á *raiz*, chama-se **prefixo**; se vem depois, denomina-se **suffixo**. Assim em *desamor* a analyse morphologica descobre trez elementos — *des+am+or*: *am* = *raiz*, *des* = *prefixo*, *or* = *suffixo*.

A *raiz am* é portadora da idéa geral e indeterminada da palavra; os *affixos* — **des** e **or** são portadores de idéas especificas, que determinam ou positivam a idéa geral ou



generica. E' esta importante funeção desses elementos accessorios.

III. THEMA.

177. Succede frequentemente que a palavra assim formada se torna a base de um novo desenvolvimento, e um novo affixo vem modificar o sentido do termo; *desamoroso*, por exemplo, desenvolve (com a agglutinação do suffixo — *oso*) um novo sentido, desdobra-se um novo termo, e o vocabulo, ou parte do vocabulo, que serviu de base ao novo desdobramento, é o *thema*. Assim o eoneito de *thema*, na grammatiea historiae, é diverso do de *raiz*. Esta, entretanto, póde coincidir com aquelle no primeiro grau de desenvolvimento da palavra, como, por exemplo, em *amor* e *ferreiro*, onde os elementos *am* e *ferr* se apresentam com o carактер de *raiz* e *thema* ao mesmo tempo, modificados pelos suffixos — *or* e *iro*. Não raro, porém, uma investigação historiae mais profunda vae descobrir em uma letra a *raiz* primitiva e deseriminá-la do *thema*. Tomemos, v. gr., a palavra *coser* (*cos*+*er*), onde o *thema* *cos* parece dar-nos egualmente a *raiz*; entretanto, a palavra vem do latim *consuere*=*con*+*su*+*ere*, por onde se vê que a letra *s* (=su) é realmente a *raiz*, *co* (=cum), o prefixo, e *er* (=ere) o suffixo verbal.

Max Müller dá-nos instructivo exemplo da analyse historiae, tomando a palavra — *historicamente*. Separa primeiro o suffixo adverbial — *mente*; em seguida, do *thema historico* tira o suffixo adjectival — *ca* (lat. *cus*), com a vogal de ligação *i*; finalmente, do elemento thematico *histor*, aparta o suffixo nominal — *tor* (=dor), e chega ao elemento radieal ou *raiz* *his*=*id*, que encerra a noção geral de conheer.

Vê-se, por esse processo, que o *thema* é, muitas vezes, uma expansão ou alongamento da *raiz*. Constitue um elemento móvel, se assim nos podemos expressar, que abrangge, nos diversos grupos de expansão, elementos accessorios da palavra; assim na palavra *in*+*decompos*+*ição* (= *in* + *de* + *com* + *pos* + *ição*), o *thema decompos* — encerra dois prefixos (*de* e *com*), que são por isso chamados suffixos *thematicos*; em *ferruginoso* (=ferr+ugin+

oso), o thema *ferrugin* — encerra um suffixo *thematico* (—*ugin*—*agem*).

IV. DESINENCIA.

178. *Desinencia* é a terminação das palavras constituída por uma vogal ou consoante, ou, ainda, por vogal e consoante, e que nas palavras flexivas varia para indicar os accidentes de *genero*, *numero*, *tempo* e *pessoa*. Em *menin-o*, *menin-a*, *menin-os*, *leitor*, *leitores*, — *o*, *a*, *os*, *r*, *es*, são desinencias generieas e numericas respectivamente; em *am-o*, *am-as*, *am-ei*, — *o*, *as*, *ei*, são desinencias pessoaes e temporaes simultaneamente.

As palavras genuinamente portuguezas só pôdem terminar em vogal pura ou nasal (*a*, *e*, *i*, *o*, *u*, *ã*, *an*, *im*, *om*, *um*), e nas consoantes *l*, *n*, *r*, *s*.

Repelle a lingua a terminação em **e** nasal (*en*=*ê*); em *abdomen*, *espeimen*, *lichen*, etc., soa o *n*; em *regimen*, *juven* (melhor *jovent*), a desinencia realmente é o diphthongo *ei*, o mesmo phenomeno se dá com todos os terminados por *em* (*imagem*, *folhagem*, etc.). — O *m* e *n*, que terminam muitos vocabulos de nossa lingua, ali apenas figuram como signal nasalador: — *amam* (*ãmão*), *viagem* (= *viagei*), *fim* (= *fi*), *som*=*sõ*, *orphan* (= *órphã*), *jejum* (= *jejũ*). — O *n* desinencial de alguns vocabulos de nosso lexico não se adapta bem ao genio da lingua, mesmo por que elle ali figura como mero *ruido consonantal*, e esses vocabulos conservam um character alatinado na lingua vernacula, taes são: *abdomen*, *especimen*, *lichen*, *canon*, *velamen*, *dolmen*, *alumen*, *cerumen*, *tentamen*, *certamen*. Só temos uma palavra terminada em **b**, é a prep. *sob*, do lat. *sub*, porém o **b** ali se mantem em virtude de reacção erudita, pois no velho portuguez apparece com o **B** apocopado — *sô*, como se vê ainda na phrase feita *a socapa* (= *sob*+*capa*). Na fórma erudita, *sob* é rejeitado pelo dialecto popular, e, na fórma popular, *sô* é archaico.

Nota. São de importação hebraica por intermedio da Biblia os nomes terminados em **b**: *Job*, *Achab*, *Abib*, *Jacob*, *Nadab*, *Negeb*, *Argob*, *Caleb*.

CAPITULO II

ESTRUCTURA DAS PALAVRAS

179. *Palavra*, em gr. *logos*, em lat. *verbum*, *vox*, *dictio*, *locutio*, *sermo*, é um *phonema* ou *grupo* de *phonemas* com que representamos uma *idéa*. São, pois, as palavras signaes convencionaes das *idéas*.

A estrutura das palavras, determinada pelos seus elementos morphologicos, que acabamos de estudar, varia no tempo e no espaço, sob o influxo constante das leis glotticas. Na passagem do latim para o portuguez, os vocabulos vão-se modificando e contrahindo, ora pelas alterações phoneticas, ora pela influencia analogica.

180. FÓRMAS TYPICAS. Nesta evolução vocabular devemos considerar trez fôrmas typicas successivas: a fôrma *original*, a *intermediaria* e a *actual*.

A fôrma ou o *typo original* é a palavra latina, que, através das fôrmas *intermediarias* ou de *transição*, apresenta na fôrma *actual* o ultimo estadio de snas metamorphoses historicas, p. ex.: *amatis* \rightsquigarrow *amades* \rightsquigarrow *amaës* \rightsquigarrow *amaes*.

181. FÓRMAS HYPOTHETICAS. Succede não raro que das fôrmas intermediarias apenas conhecemos directamente aquellas que se fixaram nos documentos da lingua, e que constituem as *fôrmas archaicas* da palavra. Ora, os documentos da lingua portugueza só começam a apparecer no sec. XII, raros vocabulos vernaculos correntes entre o povo.

Pareo subsidio, entretanto, poderão fornecer esses vocabulos esparsos em taes documentos para o conhecimento das fôrmas intermediarias.

Na falta, porém, da documentação escripta, o glottologo, guiado pelas leis phoneticas, serve-se da inducção para reconstruir a fôrma que deveria ter existido no uso popular antecedente á fôrma conhecida, a qual demanda esse elo para se prender ao *typo original*. Essa fôrma vocabular assim induzida é o que se chama fôrma *hypothetica* ou *conjectural*. Por esse processo inductivo ascende-se muitas vezes á fôrma original ignorada.

Essa fôrma *hypothetica*, quer original, quer intermediaria, é assignalada, nos tractados especiaes, com um *aste*



riseo (*), p. ex.: *Augustu* → **Agustu* → *Agosto*, *cómedo* → **comeo* → *eoimo* → *como*; **manip'lu* (lat. *manipulus*) → **mãolho* → **maolho* → *moolho* → *mólho* (ap. Dr. J. Leite de Vasconcellos).

A's vezes acontece que o vocabulo latino passa intacto para o portuguez, sem fórma ou fórmas *intermediarias*, como — *Cicero, Cesar, drago, consules, servos*.

CAPITULO III

THEORIA DAS CATEGORIAS GRAMMATICAE

182. *Categorias grammaticae, partes da oração ou do discurso* são as diversas classes de palavras, que constituem o lexico.

São oito essas categorias, segundo a opinião mais geralmente adoptada, convem saber: *substantivo, adjectivo, pronome, verbo, adverbio, preposição, conjuncção e interjeição*. Outros as fazem dez, considerando como categoria á parte o *artigo* e o *participio*, incluídos na classe dos adjectivos pelos que seguem a classificação supra.

183. ORIGEM DAS CATEGORIAS. As categorias grammaticae recebem-las dos grammaticos do sec. XVI e XVII, que as receberam dos grammaticos da idade-média, e estes dos latinos, que, por sua vez, as receberam dos gregos.

A Aristoteles e mormente aos grammaticos de Alexandria devemos os primeiros ensaios sobre a theoria das categorias grammaticae.

Reconhecia aquelle illustre philosopho grego, segundo Mason, quatro partes do discurso: *nomes (substantivo e adjectivo), verbos (ou predicados), conjuncção* (incluindo aparentemente *preposições e adverbios*), e *artigos (pronomes e o artigo definido)*.

Posteriormente os grammaticos gregos da escola de Alexandria, no Egypto, dividiram em oito as partes do discurso: *nome, verbo, participio, artigo, pronome, preposição, adverbio e conjuncção*.

Os grammaticos romanos excluiram o *artigo*, que o latim não possuia, incorporaram o *participio* no *verbo*, dividiram o *nome* em *nomen substantivum* e *nomen adjectivum*, e ac-

crescentaram a *interjeição*, de modo que puderam guardar o numero mystico de oito: *substantivo*, *adjectivo*, *pronome*, *verbo*, *adverbio*, *preposição*, *conjunção* e *interjeição*.

Como se vê, coincide esta divisão com a que é hoje geralmente adoptada.

O estudo da *Grammatica* era o primeiro das *sete artes liberaes*, que constituíam o *trivium* e o *quadrivium* das universidades da idade-média, onde se continuaram a expor as theorias grammaticaes dos gregos e dos latinos. Dessas universidades medievaes passou aos nossos tempos a theoria sobre as categorias grammaticaes, por intermedio dos humanistas, que, no sec. XVI, XVII e XVIII, obedeceram ao grande impulso literario da Renascença.

Correspondem as categorias grammaticaes ás idéas *geraes* de que traeta a philosophia. E por que as idéas *geraes* são fórmãs necessarias do pensamento, são categorias mentaes, que a logica impõe ao racioeinio, ensinavam erroneamente as grammaticas philosophicas do sec. XVIII que todas as linguas deviam possuir as mesmas categorias grammaticaes. Sendo uma a logica, uma devia ser a grammatica em sua essencia; o pensamento e a sua expressão deviam guardar as mesmas relações em todas as linguas. E nem podiam de outro modo esses grammaticos-philosophos comprehender a unidade do espirito humano na variedade das raças. Court de Gebelin, em sua *Histoire Naturelle de la Parole*, encara as categorias grammaticaes como parte da *Grammatica Universal*.

A Glottologia, porém, que naseu do estudo practico e scientifico das linguas, veio demonstrar o erro dessas concepções aprioristicas das categorias grammaticaes e dessa confusão da logica philosophica com a grammatica.

O estudo das linguas revelou a existencia de um grupo numerozo de linguas radicaes ou monosyllabicas, que não possuem propriamente categorias grammaticaes, e o estudo da grammatica historica mostra que a formação das categorias grammaticaes nas linguas indo-européas deve-se a um processo lento da evolução linguistica.

O estudo das categorias grammaticaes pôde fazer-se relativamente á *função*, á *evolução* e á *flexão*.



As categorias grammaticaes quanto á funcção

184. Sob diversos aspectos podemos estudar a funcção das categorias grammaticaes; primeiramente em seu caracter fundamental e especifico, e depois em certas analogias, que determinam divisão mais ampla.

185. FUNÇÃO TAXEONOMICA E SYNTACTICA. As categorias grammaticaes discriminam-se entre si pelas suas funcções lexicas ou taxonomicas, isto é, pelas noções ou idéas geraes que expressam e determinam a sua classificação na taxonomia grammatical. A estas funcções lexicas correspondem funcções logicas ou syntacticas, que são o papel que na trama da phrase lhes permite representar a sua indole.

Examinemos perfunctoriamente essas funcções em cada uma das categorias.

Substantivo

186. FUNÇÃO TAXEONOMICA. O *substantivo* tem por funcção taxeconomica indicar os seres *reaes* ou *ficticios*, que subsistem por si, como — *homem, alma, anjo, sereia*, e são, neste caso, *concretos*; e, por extensão, os seres *imaginarios* ou *abstractos* que não subsistem por si, mas existem como qualidades nos seres reaes, como *brancura, amizade, rapidez*. O subst. *ficticio*, como *sereia, duende*, suseita no espirito a realidade ficticia de um ser fabuloso. Não pertence á classe dos *imaginarios-abstractos*, mas dos *imaginarios-reaes* ou *concretos*. Do ponto de vista de sua natureza temos, pois, trez classes de substantivos: *concretos, abstractos e concretos-ficticios*.

187. GENERO E ESPECIE. Nas idéas geraes expressas pelos substantivos devemos distinguir as *classes* e as *subclasses*, isto é, o *genero* e a *especie*. O *genero* é uma classe maior e a *especie* é uma classe menor, incluída na maior, é uma *subclasse* ou *subgenero*; assim *arvore, laranjeira, tangerina*, são trez substantivos, que indicam trez classes de seres; *arvorc* é a classe maior, é o *genero*; *larangeira* é a classe menor e está incluída na primeira, é *subgenero* ou *subclasse*, isto é, a *especie tangerina* está na mesma relação para com *larangeira*, que *larangeira* para com *arvore*; é uma *especie*

de larangeira, como larangeira é uma *especie* de arvore; logo larangeira é uma *especie* em relação á *arvore*, e *genero* em relação á *tangerina*. Os termos *genero* e *especie* são, pois, correlativos, e por isso podemos dizer *genero* humano ou *especie* humana, conforme o ponto de vista em que nos collocamos.

188. COMPREHENSÃO E EXTENSÃO DO SUBSTANTIVO. A discriminação entre *genero* e *especie* fornece os elementos para se discriminar entre *comprehensão* e *extensão* do substantivo.

189. *Comprehensão* de um substantivo são os caracteres distinctivos da classe de seres designada por elle, e *extensão* são os individuos abrangidos nessa classe. O genero tem menos *comprehensão* que a *especie* e mais *extensão*; a *especie* tem mais *comprehensão* que o genero, e menos *extensão*. *Larangeira* tem todos os caracteres genericos de *arvore*, e mais os especificos, que constituem a sua classe, por isso tem mais *comprehensão*, e menos *extensão*, porquanto as *larangeiras* são uma parte das *arvores*. Do mesmo modo, *tangerina* tem todos os caracteristicos de *arvore* e de *larangeira* e mais os especificos, que constituem a sua classe, por isso tem mais *comprehensão* e menos *extensão* que *larangeira*. E assim descendo a escala dos seres, vae crescendo a *comprehensão* e diminuindo a *extensão*, que estão, portanto, em razão inversa uma para com a outra. Assim, como observa Burggraff, *homem*, *forte*, *corajoso* formam a *comprehensão* da idéa ou do substantivo *heroe*, e todos os seres a que se podem applicar estes tres caracteristicos simultaneamente formam a sua *extensão*.

190. SUBSTANTIVO APPELLATIVO E PROPRIO. Substantivo *appellativo* ou *commun* é o que se applica a todos os individuos da classe, e o *proprio* é o que se applica a um ou mais individuos da classe, mas não a todos. O *appellativo*, como *homem*, *paiz*, *cidade*, é nome de *classe*, e o *proprio*, como *Pedro*, *Brasil*, *Lisboa*, é nome de *individuo*.

Nem sempre, porém, é facil traçarem-se os limites que separam um do outro.

Grammaticos ha, como *Condillac* e *Beauzée*, que affirmam que os nomes de materias inorganicas como *ouro*,



prata, chumbo, cobre, são substantivos proprios (*Princ. de Gr. Générale*, por P. Burggraff, p. 212). A mesma difficuldade de discriminação encontram outros em nomes abstractos, como *prudencia, sabedoria, amor*, etc., em nomes de *systemas religiosos e philosophicos*, como *christianismo, maçonaria, positivismo*, em nome de povos e linguas, como *romanos, persas, aryas, latim, portuguez, francez*, etc., que egualmente consideram como proprios e, por isso, apparecem frequentemente escriptos com letra maiuscula no meio da phrase.

A duvida na classificação de taes substantivos nasce com certeza da difficuldade de se discriminarem os individuos ou aspectos individuaes de taes classes. Ha ali uma como coincidencia do individuo com a classe; em um aspecto geral, a classe se apresenta ao espirito como constituindo uma só individualidade ampla. Desta fusão do conceito de individuo com o conceito de classe, origina-se a confusão do nome substantivo *proprio*, isto é, nome de individuo, com o *appellativo*, isto é, nome de classe. Predomina, porém, em taes nomes o aspecto geral de classe, não somente porque podemos conceber em taes nomes *aspectos individuaes*, já no tempo, já no espaço, como tambem o seu designio é assignalar uma classe ou ordem, dar expressão a uma idéa geral. São, pois, todos esses nomes appellativos ou communs.

O substantivo proprio não é hoje mais que um expediente arbitrario da linguagem para a discriminação dos individuos de uma classe, é um mero artificio, sem valor grammatical em si mesmo; o que a analyse grammatical lhe dá, recebe-o de emprestimo do appellativo, que elle individualiza.

191. O movimento analytico da linguagem, que outra coisa não é senão o desenvolvimento do espirito humano, nos habilita a fazer hoje nitida distincção entre trez elementos simultaneos, que se apresentam á analyse no proferir de uma palavra, são elles — a *palavra*, a *idéa* e o *objecto*.

192. A *palavra* é o signal da idéa; a *idéa* é o typo ou a copia do objecto; o *objecto* é o ser concreto ou abstracto



figurado na idéa e designado pela palavra. Primitivamente, porém, estes trez elementos se fundiam no *objecto*.

Nesta synthese primitiva, o substantivo proprio como que se encarnava no seu objecto, no ser nomeado, e operava-se, no uso da linguagem, uma identificação mental entre a palavra e o seu objecto: o nome era a pessoa.

Na Biblia, precioso repositório do genio da antiga linguagem, escripta entre 1400 annos antes de Christo e 100 da E. C., temos frisantes exemplos deste phenomeno.

Ahi os nomes proprios da Divindade são revelações de sua pessoa, e caracterizam periodos na manifestação progressiva de seus attributos.

No primeiro periodo seu nome proprio é *Elohim*, o *terivel*, o Deus ereador, que se revela nas forças tremendas da nautreza. (Gen. I. 1).

No periodo abrahamieo, o seu nome proprio é *El-Schaddai*, o *Deus poderoso*, o *Deus da Providencia*, que realiza, através do jogo livre dos acontecimentos humanos, os seus designios (Gen. XVII, 11).

No periodo mosaieo, o nome proprio assignalado na sarça ardente é *Jehovah*, o *eterno*, o *sum qui sum* da Vulgata, o Deus do Paeto (Exod. III, 14).

Na dispensação christã, ultimo periodo, o seu nome proprio é o *Pae* (*Pae nosso*), o Deus de misericordia e de amor.

Na primeira petição da oração dominieal: "Pae nosso... sanetificado seja o teu *Nome*", o nome é a pessoa da Divindade.

Quando, perante Moysés, é apregoado "o nome do Senhor", são descriptos os attributos de sua pessoa (Exod. XXXIV. 5—7). O mesmo aconteece quando o Propheta annuncia o "nome" do *Messias* (Is. IX. 6).

193. De aeordo com esta corrente synthetica, que caracteriza a linguagem antiga, os nomes proprios primitivos eram oriundos de substantivos communs ou appellativos, que traziam o manifesto intuito de assignalar algum elemento caracteristieo do ser nomeado.

Adão, o *homem*, é o nome proprio do cabeça da humanidade, e Eva, a *vida*, o nome apropriado da mãe primei-



ra de nossa raça. Abel, *vaidade*, é o segundo filho do primeiro casal, cujo cadaver revela, pela primeira vez, a contingencia ou nada da vida na terra do exilio. Abrahão, *pae de uma grande multidão*, e sua mulher Sarah, *princesa*, caracterizam o tronco da raça judaica, depositario das promessas de Jehovah, e cuja descendencia seria como as estrellas do céu e a areia do mar. Isaac, o *riso*, Jacob, *supplentador*, Esaú, *pelludo*, Moysés, *salvo das aguas*, João, *dom de Deus*, Emmanuel, *Deus eomnosco*, Josué e Jesus, *Salvador*, Gabriel, *varão de Deus*, Miguel, *semelhante a Deus*, Bethel, *casa de Deus*, Bethlehem, *casa de pão*, Gólgatha, *cavira*, Jerusalem, *habitação da paz*, são, como se vê pelo sentido, nomes communs, que passam para a categoria de nomes proprios. E o mesmo phenomeno se observa em todas as linguas primitivas.

Traz o mesmo eunho o lexico indigena de nomes proprios incorporados largamente no portuguez do Brasil, como, p. ex.:

Curlyba, *pinhal*; Pará, *rio volumoso*; Paranã, *rio immenso, mar*; Paranaguá, *golfo*; Parapanema, *rio grande imprestavel*; Paraty, *peixe branco*; Paraguaçu, *mar ou rio grande*; Paracatu, *rio bom*; Pirapóra, *peixe salta*; Pirassununga, *ronca-peixe*; Piratininga, *secca-peixe*; Pindamonhangaba, *fabrica de anzoos*; Sergipe, *rio de siris*; Sorocaba, *rsgão*; Tupã, *pae alto*; Ypiranga, *rio vermelho*; Yporanga, *rio bonito*; Ytu, *queda d'agua*; Caramuru, *homem branco molhado*; Itapetininga, *lage secca*; Itatiaia, *pedra dentada*; Goyaz (Guayaz), *povo da mesma raça*.

194. FUNÇÃO SYNTACTICA. A função taxonomicia ou lexica habilita o substantivo a exercer na phrase certas funções syntacticas ou logicas, de que tractaremos na Syntaxe. Estas funções consistem no papel que, nas relações dos termos da proposição, póde representar o substantivo. São ellas, como veremos, a de *sujeito* e *objecto*, *predicado* e *complemento*.

Adjectivo

195. FUNÇÃO TAXEONOMICA. A função taxonomicia ou lexica do adjectivo, como de qualquer outra parte da oração, é determinada pela sua propria definição, que lhe dá um lugar entre as categorias grammaticaes. E desde

que elle se define como a palavra destinada a modificar o substantivo, ampliando e restringindo a sua comprehensão e extensão, segue-se que a sua função lexica é indicar as qualidades e as circumstancias, isto é, as determinações intrinsecas e extrinsecas do substantivo. Já o proprio nome (*ad+jectivo* = *o que se lança*) lhe assignala o destino de representar as qualidades inherentes ou accidentaes á *comprehensão* do substantivo, bem como as circumstancias externas, que se relacionam com sua *extensão*.

196. CLASSIFICAÇÃO DO ADJECTIVO. Em virtude dessa dupla indole do adjectivo, é elle distribuido em duas grandes classes: o *qualificativo* e o *determinativo* ou *limitativo*.

197. O *qualificativo* tem uma referencia espeeial á *comprehensão* do substantivo. Quando dizemos *homem bom*, o adjectivo *bom* acrescenta mais um character ou nota ao conjuncto dos caractéres ou notas, que constitue a *comprehensão* de *homem*. E assim cada novo qualificativo augmenta a *comprehensão*, e diminue a *extensão*. Póde aeontecer, porém, que o qualificativo acrescentado não acrescente idéa ou character novo, mas apenas explane ou dê emphase a um character inherente á *comprehensão*, tal como — *homem mortal, branca neve*. Neste caso o adjectivo é mero *explicativo*, e não altera em nada a *comprehensão* e *extensão* do substantivo; em quanto no primeiro caso elle se diz *restrictivo*, porque de facto restringe a sua *extensão*.

198. O *determinativo* ou *limitativo* relaeca-se directamente com a *extensão* do substantivo, indicando alguma circumstancia externa, que determina ou limita os individuos da classe expressa pelo appellativo, v. gr. *este homem, alguns homens, dois paizes, meu livro, etc.*

199. O *participio*, tanto o *participio passado* ou *passivo* (*fervido*), como o chamado *participio presente* ou *activo* (*fervendo*), é geralmente classificados entre os adjectivos. Porém tem elle, de ordinario, um character *mixto*, dahi a sua designação de *participio*, por participar da natureza do verbo e do adjectivo. Na syntaxe estudaremos a sua *natureza*; aqui diremos apenas que casos ha em que domina exclusivamente o seu character de adjectivo, p. ex., quando



dizemos — *trem expresso, casa deshabitada, mente entenebrecida, noite escura, etc.*; e outros ha em que só se apprehende o caracter verbal, como em — *tenho escripto cartas, elles teem habitado estas casas*. Na conjugação passiva apparee franco o seu caracter de participio, isto é, de verbo e adjectivo: *as cartas são escriptas pelos secretarios*.

200. AFFINIDADES ENTRE O ADJECTIVO E O SUBSTANTIVO. Entre os grammaticos romanos, como já vimos, o adjectivo não formava elasse distincta da do substantivo; porém ambos eram reunidos em uma só, sob a designação de *nome* (*nomen substantivum et adjectivum*).

Não ha, de facto, distincção absoluta, como observa Darmesteter, entre um e outro, visto que um representa o *ser*, a *substancia*, o *substratum*, e o outro as *qualidades* ou *propriedades* em que o *ser* se revela a nossos sentidos. Ora, as qualidades são as apparencias dos seres, e só por ellas são estes conhecidos, uma vez que nos falleem facultades para apprehendermos directamente a substancia das cousas. O substantivo, pois, em rigor, é para nosso espirito uma como synthese adjectiva ou adjectivo collectivo, um conjuncto de qualidades apprehendidas pelos nossos sentidos, através das quaes tão somente, por uma indução racional, attingimos a substancia, que o substantivo tem por função nomear. Devido a esta intima relação entre a representação do ser e a de suas apparencias, houve natural confusão entre essas duas especies de palavras. Com o progresso, porém, das theorias grammaticas, embora as duas especies guardem a designação generica de *nome*, comtudo as suas funções são clara e justamente discriminadas hoje em duas *categorias* distinctas. Podemos talvez estabelecer o caracter differencial entre uma e outra categoria, dizendo que o adjectivo indica uma qualidade simples da substancia, e o substantivo uma qualidade complexa na substancia. Quando dizemos *corporal, racional, mortal*, exprimimos tres qualidades de seres ou substancias particulares: são tres adjectivos. Quando, porém, dizemos *homem*, exprimimos essas tres qualidades em um ser ou substancia determinada, um *ser corporal, racional e mortal*: *homem* é um substantivo.



200. FACTOS GRAMMATICAES DECORRENTES DAS AFFINIDADES ENTRE AS DUAS CATEGORIAS. Destas affinidades entre o adjectivo e o substantivo decorrem os seguintes factos grammaticaes:

1.º Muitas palavras catalogadas entre os substantivos apresentam, na realidade, um character *mixto*, e sua funeção na phrase como substantivo ou adjectivo, é determinada pela sua posição, taes são os substantivos ehamados *moraes*, como — *amador, director, guerreiro, costurcira, poeta, philosopho, egoista, militarista, moço, etc.* Se pospostas, são, em geral, *adjectivos*; se antepostas, *substantivos*: *homens amadores* da arte e os *amadores ardentas da arte, forças directoras e directores intelligentes, guerreiro moço* e *moço guerreiro, costurcira moça* e *moça costureira, rei soldado* e *soldado rei*. Este phenomeno se dá tambem com outras classes de substantivos, se bem que menos frequentemente: *menino prodigio, chapéo monstro, arvore gigante* — *Verde ramo de uma arvore gigante* (G. D., Poes, 1. 117).

2.º Grande numero de substantivos tem sua origem em adjectivos, como: *capital, jornal, decretal, pastoral, negociante, estudantc, os negros*. Além destes, qualquer adjectivo qualificativo passa faeilmente para a categoria de substantivo, na auseneia deste, e, de ordinario, sob a acção de um determinativo: *dar a vista a cegos, curar doentes, resuscitar mortos, dar em secco, o pobre, o rico, etc.* — O v. port. empregava *cão m., cã f.* (branco e branca) como adj.: *Vinham muitos velhos cães fazendo grande chanto* (pranto) *por don Tello e fazendo dizer missa* (Chrs. Arch. 108). Do adj. fem. arch. temos o subst. fem. plur. — *cãs*: *as cãs* ou *cans* da velhiee.

3.º Muitos substantivos eram usados como adjectivos no v. port., alguns dos quaes apparecem como taes no dialecto literario. Exs.:

Era o descobrimento do Oriente por este mar *ocean* (Dec. I. 263). — Navegamos com tempos *bonanças* (Peregr. 1. 120) — O vento era galerno e o mar *bonança*. (A V. S. 2. 33). — Acabada esta batalha os cavalleiros *mancebos* se despediram (Palm. I, 185). — Cavalgava eu hũ cavallo ruço *pombo*, manchado de sangue (Ib. 139).



202. *Função syntactica.* Dada a sua destinação de exprimir a qualidade physica ou circumstantial do substantivo, outra não pôde ser a sua função syntactica senão a de *adjuncto attributivo* e *predicativo* do substantivo, que modifica, como na Syntaxe veremos.

Pronome

203. FUNÇÃO DO PRONOME SUBSTANTIVO. O *pronome* (pessoal), como o substantivo, indica os seres; porém o substantivo os indica *objectivamente*, e o *pronome subjectivamente* e em relação ao acto da palavra ou á pessoa grammatical. O pronome pessoal, pois, é substantivo subjectivo. A sua função principal não é, como querem as velhas grammaticas, substituir um nome para lhe evitar a repetição. E' esta uma função secundaria, como observa Mason; a sua função caracteristica é indicar uma coisa em relação á pessoa grammatical.

204. FUNÇÃO DO PRONOME ADJECTIVO. Os pronomes adjectivos reúnem em uma só expressão duas idéas — a do *ser* e sua determinação, quer isto dizer que elle exprime syntheticamente a idéa do substantivo e a do adjectivo, p. ex.: *Ninguém* = *nenhuma pessoa*; *isto* = *esta coisa*; *quem* = *homem que* ou *que homem*, etc.

205. FUNÇÃO SYNTACTICA. Sendo o pronome um substantivo especial, é de ver que elle exerce na phrase as mesmas funções syntacticas ou logicas que essa categoria, isto é, de *sujeito*, *predicado* e *complemento*, como em seu logar veremos.

Verbo

206. FUNÇÃO TAXEONOMICA. O verbo tem por função, no dominio da taxeonomia, expressar, em geral, a *acção*, a actividade dos seres. Esta acção verbal, attribuida na phrase a um agente, que é seu sujeito, caracteriza-se de dois modos — pela *consciencia* ou pela *ineonsciencia* do agente. Quando a acção verbal é clara e, por isso, consciencemente exercida pelo sujeito, o verbo se diz *activo*, — *eu corro*, *tu*



escreves cartas, elle ama o estudo. Quando, porém, a acção é obscura e como que latente no sujeito, que a exerce espontaneamente e inconscientemente, o verbo se diz *neutro* — *eu vivo, tu ficas, elle morre.*

Como entre o pronome e o substantivo, assim entre o verbo e o adjectivo existe analogia de funções. Semelhantemente ao adj., tem o verbo por função modificar os seres, expressar idéas de acção e attributo do substantivo ou pronome, mas com a seguinte differença: o verbo *affirma* ou *declara* formalmente a conexão entre o ser e sua acção ou attributo, v. gr.: *o homem ama a patria*; ao passo que o adjectivo *assume* apenas essa conexão, v. gr., *o homem amante de sua patria.* Tomando-se da meehanica uma metaphora, pôde-se dizer que o verbo é um *attributivo dynamicio* e o adjectivo um *attributivo estatico* (Mason). A justiça desta comparação do illustre grammatico inglez vê-se nos seguintes exemplos — *o sol brilha e o sol brilhante.*

207. FUNÇÃO SYNTACTICA. Desta analogia de funções entre o verbo e o adjectivo, decorre a sua função syntactica de *predicado*, que é, como acima se demonstrou, um *attributo dynamicio.*

Adverbio

208. FUNÇÃO TAXEONOMICA. O adverbio é, como o adjectivo e o verbo, palavra modificadora; distingue-se, porém, dessas duas categorias em modificar não os seres, mas suas qualidades e acções, e, ainda, as circumstancias modificadora dessa qualidade e acção; em outros termos, a função de adverbio é modificar o adjectivo, o verbo e o proprio adverbio.

O nome adverbio (*lat. ad+verbum*) lhe veio da circumstancia de vir mais communmente na phrase juncto ao verbo, para lhe determinar a significação.

Em vista da intima relação entre o ser e as suas qualidades, assume por vezes o adverbio juncto aos substantivos, na falta eventual de um adjectivo, a função deste, p. ex.:

A SUA RESIDENCIA LÁ é sabida. — A NÃO EXISTENCIA da alma não se pôde provar. — SOMENTE o MESTRE resolve a difficuldade.

— *Desceu RIO ABAIXO e chegou DIAS DEPOIS.* — *Fallamos do HOMEM D'ALÉM ERAS* (A. C. Os Fast. 1.308).

209. FUNÇÃO SYNTACTICA. A função lexica determina-lhe claramente a função logica ou syntactica de *ad-juncto adverbial* ou *complemento circumstantial*.

Preposição

210. FUNÇÃO TAXEONOMICA. A preposição (lat. *pre + positionem*) assim se chama por vir sempre na phrase preposta a um termo por ella regido, chamado por isso *consequente*, que liga a um outro que vem antes, denominado *antecedente*, p. ex.: *mesa de marmore, vir para a cidade, contractar com alguém*.

As preposições são advérbios, que, pouco a pouco, com o enfraquecimento de seu valor adverbial, foram adquirindo feição connectiva, até se destacarem francamente como particulas de ligação, exigindo sempre o seu consequente para lhe completar o sentido. Embora, pois, sejam ainda sensíveis as circumstancias adverbias de *logar, tempo, companhia*, etc., que exprimem, todavia, differencam-se do *advérbio* em serem connectivas.

211. *Função syntactica*. Attenuado ou obliterado o seu conteúdo adverbial, a preposição assumiu o caracter abstracto de particula relacional, e, neste caso, a sua função taxenómica ou lexica identifica-se com a sua função syntactica ou logica.

Conjunção

212. FUNÇÃO TAXEONOMICA. A *conjunção* (lat. *cō-junctionem = com + junção*) é, como a preposição, uma particula connectiva, o que o proprio nome dá a entender. Como a preposição ainda, tem ella um conteúdo adverbial, que nos faz sentir ter sido um advérbio primitivamente, que se foi esvasiando em sua marcha paulatina para o seu caracter abstracto de ligação. E assim, embora seja ainda perceptivel, em muitas, o conteúdo adverbial de *tempo* (*quando, enquanto*), de *modo* (*como*), de *fim* (*que, para que*), etc., dá-lhe categoria á parte o caracter connectivo.

Possuindo, porém, este caracter em common com a preposição, della se differença em ser connectivo de proposições, emquanto aquella o é de palavras, de modo que a conjunção é connectiva *interproposicional*, e a preposição *intervocabular*.

213. *Função syntactica*. Abstracção feita do conteúdo adverbial, mui sensível, aliaz, em algumas conjunções, podemos eneará-las, em geral, como particulas de relação, e, como taes a sua função lexica confunde-se com a syntactica ou logica.

Interjeição

214. *A interjeição*, que é uma exclamação espontanea e subita, apresenta um caracter anormal entre as categorias grammaticaes. Ella não se caracteriza, como as outras, por uma função determinada, quer no dominio da Lexeologia, quer no dominio da Syntaxe. O seu papel é traduzir um estado complexo e tumultuario do espirito, sem se relacionar grammaticalmente com o resto da proposição.

Desta sua attitude na phrase lhe veio o nome de *interjeição* (de *interjicere*=lançar entre).

Incorporada com as categorias grammaticaes pelos grammaticos romanos, dahi a querem excluir muitos grammaticos modernos, classifieando-a de mero grito animal.

Entretanto, não somente a tradição lhe tem dado um logar na grammatica, mas ainda lhe dá certo direito o ser ella um grito de animal racional, que, com ser espontaneo, não deixa de ser portador de idéa. Ella não expressa, de facto, como as outras categorias, uma noção conereta ou abstracta, mas encerra uma noção collectiva ou synthetica, que photographa, em momento dado, um estado psychologico intelligivel. Tem ella, pois, uma missão grammatical, como parte integrante da linguagem humana.

Analogia de funções

215. Attendendo-se á *analogia* de suas funções, as palavras, que constituem as categorias grammaticaes, podem



ser agrupadas em trez classes, excluida a *interjeição*, pelo seu caracter anormal, a saber:

1.^a NOMINATIVA, a que tem por funcção nomear seres: *substantivo* e *pronome*.

2.^a MODIFICATIVA, a que tem por funcção modificar os seres, suas acções e qualidades: *adjectivo*, *verbo* e *adverbio*.

3.^a CONNECTIVA OU RELACIONAL, a que tem por funcção ligar ou relacionar os termos na phrase: *preposição*, *conjunção*, *verbo de ligação*, *pronome* e *adverbio conjunctivos*.

Palavras objectivas e subjectivas

216. A dois grandes grupos reduz ainda Bourciez as palavras de nosso lexico, a saber:

1.^o *Palavras objectivas*, as que correspondem a uma idéa de representação bem definida, e teem um conteúdo positivo, taes são os *substantivos*, os *adjectivos* e os *verbos*.

2.^o *Palavras subjectivas*, as que correspondem a uma idéa vaga e variavel, como o *pronome*, que designa por substituição seres “infinitamente variaveis, as *preposições* e as *conjunções*, que indicam idéas de relação, traduzem mera visão do espirito”.

O adverbio, acerescenta o douto romanista, fórma uma categoria mixta, pois se uma palavra como *vehementemente* (*vehementer*) pela idéa de qualificação, que contem, muito se avizinha do *adjectivo*, por outro lado, uma palavra como *ahi* (*ibi*), que designa um logar variavel, aproxima-se por isso da categoria dos pronomes.

As palavras *objectivas* são pelo mesmo auctor chamadas *lexieographicas*, por que constituem a quasi totalidade de nosso lexico; e as *subjectivas*, que são poucas e de que as grammaticas nos dão a lista, denomina-as *grammaticaes*.

As categoriãs grammaticaes quanto á sua evolução

217. Já estudámos a classificação historica das categorias grammaticaes, desde os grammaticos gregos até nos-

sos dias. Cumpre-nos, agora, lançar um olhar sobre a propria genese evolutiva dessas categorias, isto é, sobre como os conceitos geraes por ellas expressos se foram formando e fixando na evolução secular da linguagem.

Sobre o desenvolvimento genetico das categorias grammaticaeas alguma coisa se poderá affirmar e outras conjecturar.

Para os que, como Whitney, vão buscar a origem da linguagem no primeiro grito de dor ou de raiva, que eechoou no primitivo agrupamento de seres humanos, a *interjeição* (se a considerarmos palavra) deve ser a mais antiga das categorias grammaticaeas.

Pondo de lado esta hypothese por inverificavel, e admitida a formação evolutiva da linguagem, é natural suppor que o *substantivo*, como noção dos seres, apparecesse primeiro na lingua com o caracter de *adjectivo-substantivo*.

De facto, não podendo as nossas faculdades intellectivas apprehender a substancia ou *substratum* dos seres, mas somente as suas qualidades, que nos são dadas pela percepção externa localizada nos cinco sentidos corporaes, segue-se que só por meio dessas qualidades temos o conhecimento desses objectos ou seres. A percepção interna e a reflexão tão pouco nos fornecem o conhecimento directo da substancia. Ainda hoje os seres não são para nós mais do que a synthese das qualidades, que ferem os nossos sentidos ou o nosso senso intimo, e, conseqüentemente, o *substantivo* que nomcia os seres, é, em ultima analyse, a synthese dos adjectivos, que os constituem.

A distancia, diz Darmesteter, entre o substantivo e o adjectivo não é absoluta. Os substantivos, de que conhecemos a significação etymologica, reduzem-se, em ultima analyse, a adjectivos, pois não se pôde nomear uma coisa senão por suas qualidades; assim *um negro*, isto é, *um homem negro (africano)*, *uma capital*, isto é, *uma cidade capital*. Inversamente, o substantivo torna-se adjectivo, quando, fazendo-se abstracção do resto, delles nos servimos para designar uma só qualidade: *escarlata*, isto é, *uma fita escarlate*.

Convem, pois, concluc o distincto romanista, distinguir uma primeira parte do discurso — o *nome*, que se subdivide em *substantivo e adjectivo*. Esse caracter commum entre es-



sas duas categorias grammaticaeas expressavam-no os grammaticos romanos chamando-lhe *nomen substantivum* e *nomen adjectivum*. Devem, portanto, ter sido gêmeas estas duas categorias em sua genese historica.

Conjectura M. Bréal que o *pronome* foi a peça do mechanismo grammatical que primeiro surgiu. Julga ser essa categoria mais primitiva que o proprio substantivo, “porque ella exige menos invenção, porque é mais instinctiva, mais facilmente commentada pelo gesto.” O pronome, segundo o mesmo illustre professor do Collegio de França, acha-se na base e origem das linguas, e é por ter elle vindo oppor-se ás outras especies de palavras, que começou a operar-se a distincção das categorias grammaticaeas (*Samantica*, 207, 208). Opinião é esta valiosa, por certo, porém diseutivel.

O *verbo* é a palavra que exprime a acção, o movimento, a vida dos seres. Com toda a probabilidade, teve essa categoria grammatical sua origem historica logo após a intuição dos objectos, na observação do facto de se moverem elles no espaço e no tempo, nos phenomenos que ferem nossos sentidos, apparecendo e desapparecendo em aspecto infinitamente variado. Estes *modos* de actividade, attribuidos aos seres; que se tornam seus *sujeitos*, “são por nós concebidos tanto em relação a nós mesmos, como em relação aos outros, sendo observada sua realização no tempo. Para assignalarem estas distincções nossos verbos possuem certas flexões particulares de *modo*, de *tempo* e de *pessoa*”.

Estas flexões verbaes não se formaram de um jaeto, mas pouco a pouco, no desenvolvimento progressivo da lingua-gem. A ultima a formar-se foi, segundo Bréal, a do infinitivo presente.

As mais antigas categorias grammaticaeas são, pois, o *nome* (subst. e adject.) o *pronome* e o *verbo*. O *adverbio*, a *preposição* e a *conjunção* são de data relativamente moderna. Entre estas categorias, como ainda declara Darmesteter, não existe distincção absoluta.

218. O *adverbio* é, no dizer de Bréal, um antigo adjectivo ou substantivo sahido do quadro regular da declinação. O adverbio — *primum*, *ceterum*, *potius*, são antigos accusativos, e *crebro*, *subito*, *vulgo*, são antigos ablativos. A



este caso tambem se reduzem os adverbios em *e*, taes como — *pulchre, recte, firme*. Desde o port. arch. tem-se generalizado este processo latino de se converter o adjectivo ou substantivo em adverbio, sem modificação em sua morphologia:

O remo compassado fere frio (C.). — *Certas, vos lhe dades a cabeça* (Chrest. Arch. 72) — *Seguiu via Lisboa — O louvor ergueu sua voz pondo ouro fio a balança dos bens duradouros e erros transitorios* (C. C. B., Lit. Port. 1. 20).

Muitos adverbios teem sua origem relativamente recente na aglutinação de termos de um grupo de expressão — *hoje* ← *hoc die* (neste dia), *agora* ← *hac hora* (nesta hora), *quizá* ← *quis sapit* (atrav. h. *quizá*), *jamaiz* ← *jam magis* (já mais). Ao mesmo processo veem filiar-se os adverbios de *modo* em — *mente*, formados no dominio do romance pela juxtaposição do adjectivo ao substantivo feminino *mente*=*maneira*, *modo*: *sabiamente, francamente*. (ef. *de boa mente, fera mente* — arch.)

219. A *preposição* não passa originariamente de adverbio, que, para maior clareza, se foi antepondo a certos casos latinos, como ao accusativo — *ad, in, per*, e ao ablativo — *ab, de, in, cum, sine*. Este habito se alargou na b. latinidade, e se tornou uma necessidade com a perda das desinencias casuaes. Com tal uso esses adverbios primitivos foram a pouco e pouco attenuando o seu sentido independente, indicativo de varias circumstancias, e foi assumindo a função quasi exclusiva de particula prepositiva relacional.

Tornando-se um termo abstracto, um mero connectivo intervocabular, assumiu o caracter de uma nova categoria com função especial.

220. A *conjunção*, como a *preposição*, é uma transmutação do adverbio em particula connectiva. O habito fez de certos adverbios connectivos interproposicionaes, p. ex.: *como* ← *quomodo* (quo modo), *que* pronome deus: *que* *conjunção*, *porém* ← *por en* (pro inde); *logo, ora, mal, apenas, embora, tambem, consequentemente*, são adverbios, que assumem a cada passo na phrase função conjunctiva.

As categorias grammaticaes quanto á flexão

221. Sob o aspecto da flexão, as categorias grammaticaes separam-se em dois grupos:

a) As *flexivas* ou *variaveis*: substantivo, adjectivo, pronome e verbo.

b) As *inflexivas* ou *invariaveis*: adverbio, preposição, conjunção e interjeição.

O *adverbio*, apesar de incluído geralmente no grupo das *inflexivas*, apresenta, comtudo, um caracter mixto, pois algumas de suas classes são susceptíveis de grau de significação, como adeante veremos. — As proprias particulas adverbias, que denominamos *preposições*, recebem originariamente flexões gradativas, como ainda attestam as palavras — *intimo*, superl. de *in*; *prior*, compar. de *pro* (antes), e *primo*, superlativo.

A este capitulo da Morphologia denomina-se *flexionismo*, termo de origem latina; preferem outros dar-lhe nomes gregos, taes como — *campnomia*, *camptologia*.

CAPITULO IV

FLEXIONISMO

222. *Flexionismo* (lat. *flectere*=dobrar) é o estudo das flexões das palavras, phenomeno glottico, que caracteriza as linguas aryanas e semiticas, por isso chamadas *flexivas* ou *de flexão*.

Flexão ou *inflexão* é a variação ou mudança de desinencia, que soffrem o substantivo, o adjectivo, o pronome, o verbo, e, em grau restricto, o proprio adverbio, para indicarem os accidentes de — *numero*, *genero*, *grau*, *euso*, *modo*, *tempo* e *pessoa*.

O caracter flexivo das linguas aryanas e semiticas abrangem tambem as *flexões internas*, chamadas *deflexões* ou *apophonias*, que consiste na mudança da vogal da raiz sob a influencia de prefixos, p. ex.:



Amicum = amigo, *inimicum* = inimigo (*in* + *amicum*), *facere* = fazer, *perficere* = perfazer (*per* + *facere*), *aptum* = apto, *inceptum* = inepto (*in* + *aptum*).

O port. foi refractario a estas apophonias determinadas pelo prefixo, e reagiu contra algumas dellas, p. ex.: *Perfazer* (cf. *perficere*), *inapto* ao lado de *inepto*, *refazer* (cf. *reficere*).

Declinação latina

223. Possuia o latim para os nomes e pronomes um sistema de flexões ehamadas *casos*, que tinham por intuito indiciar as funcções syntaeticas dessas palavras ou as suas relações na phrase. O conjuncto desses casos no singular e no plural constitue o que se eham a *declinação* latina. Havia cinco deelinações, e eada uma tinha seis *casos*, a saber: *nominativo*, *genitivo*, *dativo*, *accusativo*, *vocativo*, *ablativo*. E ha ainda vestigios de ter havido, anterior ao periodo classico, mais dois casos, o *locativo* e o *instrumental*.

Cada um desses casos se caracterizava, no singular e no plural, em cada deelinação, por flexões ou desinencias especies. Esta riqueza flexional dos nomes obliterou-se nas linguas romanicas, deixando-nos apenas vestigios. Sendo o *accusativo* o *caso etymologico*, como o demonstra Diez, delle proeedem as palavras de nosso lexico, oriundas do latim. Não obstante isso, eneontramos dos outros casos vestigios, não fallando do caso obliquo do pronome pessoal, que estudaremos na Syntaxe. Assim temos, oriundos do —

a) **NOMINATIVO**: Cicero, Luiz (Ludovicus), Carlos, Plato (cf. Platão), Thomaz, Moysés, Jupiter, Juno, Apollo, Pallas — serpe, drago (cf. dragão), cabo, cancer (cf. cancro), ladro (cf. ladrão), jus, cór (de cór), sangue, tredo, virgo (cf. virgem), leo (cf. leão) — andar com a cabeça ao leo (= descoberta), elle, este, esse, aquelle.

b) **GENITIVO**: aqueducto (aquæ ductus), terremoto (terræ motus), cabisbaixo (capitis bassus), cabiscol (caput scholæ), condestavel (comes stabuli), jurisconsulto (jurisconsultus), jurisdição, jurisprudencia, legislação (legis lationem), mappamundi, filho-famílias, mordomo (major domus), petroleo (petræ oleum), pimpolho (pampani oculus), senatusconsulto, ourives (aurifex), ouropel (auri pillum b. lat.), triumviro, duumviro.

c) DATIVO: crucifixo (eruci fixum), fideicomisso, fideicomissario.

d) VOCATIVO: avemaria (Ave, Maria).

e) ABLATIVO: bofé (arch. bofá, bofás — bona fide), hoje (hoc die), agora (hac horá), como (arch. coma — quomodo), doravante (de+ora+in+ab+ante), boa mente (de boa mente — bona mente — bona mente factum, Quint. V. 10, 52), amanuense, usufructo, e os advs. — raro, manifesto, subito, etc.

Flexão do substantivo

224. Os substantivos em portuguez, como em latim, flexionam-se em *genero*, *numero* e *grau*.

225. GENERO. Ha em latim trez generos grammaticaeas — *masculino*, *feminino* e *neutro*.

O *neutro* (lat. *neutrum*—*nem ym*, *nem outro*) é o genero ou classe de nomes que não são incluídos nem na classe dos masculinos nem na classe dos femininos. O neutro foi rejeitado pelo portuguez e por suas co-irmãs.

De ordinario os substantivos conservam em portuguez o *genero etymologico*, isto é, o genero que a palavra tinha em latim. Porém, como observa Chassang, já havia no seio do proprio latim classico grande oscillação generica, oscillação aggravada pela confusão, que sobre o ponto lavrava no latim popular. Não podia, pois, o portuguez escapar, como verem na Syntaxe, á incerteza ou variação generica em sua evolução. No v. port., eram masculinos e hoje femininos — *coragem*, *homenagem*, *linhagem*, *bagagem*, *origem*, *pyramide*, *safira*, *epigrapha*, *anedota*, *tribu*. E *vice-versa*, eram femininos e são hoje masculinos — *fim*, *planeta*, *cometa*, *mappa*, *epiphonema*, *enthimema*, *echo*, *cstratagema*, *synodo*, *grude*, *chisma*.

S'eu zombo, inda em dano vejais vos mui cedo a fim. (C., Ohrs. 1, 67, 68)... sua seisma babilonica (J. de B., Dec. Prol.).

226. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O GENERO LATINO. Sobre o genero grammatical dos substantivos vêm a ponto as seguintes considerações:

1. A desinencia *o* dos nomes tornou-se em portuguez a caracteristica ou o expoente do genero masculino, por uma



extensão analogica com os nomes da 2.^a declinação latina, que eram em geral masculino e vieram a terminar em o: *servum* → *servo*, *librum* → *livro*.

2. Por motivo semelhante, a desinencia a caracteristica da 1.^a declinação, cujos nomes eram, em geral, femininos, tornou-se o expoente do genero feminino: *horam* → *hora*, *mensam* → *mesa*.

3. Generalizadas estas duas desinencias — o e a, como expoentes respectivamente do masculino e do feminino, a ellas se assimilaram, por analogia, os nomes neutros latinos. Assim os neutros da 2.^a e 3.^a declinação latina, que vieram a terminar em o, incorporaram-se com os masculinos, como — *periculum* → *perigo*, *templum* → *templo*, *regnum* → *reino*, *corpus* → *corpo*. Alguns neutros no plural, terminados em a, confundidos com o singular dos nomes femininos da 1.^a declinação, passaram a ser considerados singular femininos: *folha* ← *folia* (pl. de *folium*); *obra* ← *opera* (plural de *opus*), *vestimenta* ← *vestimenta* (pl. de *vestimentum*); *maravilha* ← *mirabilia* (pl. de *mirabilem*). De sorte que nomes neutros latinos do plural, deram, por uma *falsa analogia*, nomes femininos do singular.

4. Além dos neutros, outros substantivos mudaram de genero ao passarem para o portuguez, taes como — *florem* → *flor*, *dolorem* → *dor*, *colorem* → *cor*, que, sendo masculinos em latim, se tornaram femininos em portuguez.

5. Os nomes das letras do alphabeto eram femininos em latim, como o são ainda em hespanhol e italiano; são masculinos em portuguez: o a, o be, o ee, etc.

6. E nomes ha cujo genero é duplo ou duvidoso, como — *personagem*, *sentinella*, *trama*, *cholera* (morbo), *cascaavel*, *larynge*, *phalange*, *genesis*, *phantasmas*, *phenix* (ap. Bluteau). Exs.:

Uma porta abre-se lentamente e um novo personagem apparece (A. H. L. e N. 17) — E' para elles uma especie de genesis historico (A. H. Hist. de Port. 2) — Sim, com esta phantasma, ingenua, amavel, bella, é que eu fujo (A. C., Mis. 161) — Um só empacho havia: quem esse caseavel iria atalhar-lhe? (F. Elys. Fab. 57).

7. Os nomes em *—or*, *—ol*, *—ez* eram no v. port. *uniformes* em genero: — *o pastor* e *a pastor*, *o senhor* e *a senhor*, *mulher peccador*, *minha ajudador*, *lingua hespanhol* e *portuguez*.

Senhor fremosa, eu vo'lo direi (Crest. Arch. 303) — Ai mul fremosa miã Senhor (Ib. 304) — Amereca-te de mim que molher peccador são (Ib. 104)... duas cartas uma escrita em Arabigo e outra em lingua Portuguez (J. de Barros, Dec. I. 335) — Oy (ouvi) loj'eu hãa pastor cantar; eu cavalgava por hãa ribeira e e pastor senheira (S. de Almeida, O. Vern.).

227. NUMERO. Ha em latim dois numeros — o *singular* e o *plural*.

Cedo perdeu o latim o *dual*, que subsiste em grego e hebraico, e que se estendeu largamente no dominio aryano. Parece ter sido o *dual*, no sentir de alguns glottologos, a concepção primitiva e rudimentar da pluralidade. Do *dual* só conservou o latim *ambo* e *duo*, que forneceram os unicos vestigios desse numero em portuguez — *ambos* e *dois*.

228. ORIGEM DO S COMO EXPOENTE DO PLURAL EM PORTUGUEZ. — O plural de um substantivo em latim era multiplo: cada *caso* tinha sua fórmula especial de pluralidade. Obliterados os casos pelo ensurdecimento da syllaba final, sobreviveu, entretanto, o *accusativo*, como o *caso etymologico*, que nos deu o typo da fórmula plural, a flexão do plural dos nomes. Esta flexão é o *s* da desinencia, que caracterizava os accusativos pluraes das cinco declinações latinas: 1.^a decl. — *horas*; 2.^a decl. — *scrvos*; 3.^a decl. — *consules*; 4.^a decl. — *manus*; 5.^a decl. — *dies*.

Deste facto historico veio-nos o *s* como *expoente* do plural em portuguez.

229. HISTORIA DO PLURAL EM PORTUGUEZ. Na evolução do accusativo plural dos nomes para o portuguez soffreram os vocabulos alterações morphologicas, que convem examinar.

1.^o Os nomes que actualmente terminam em *—al*, *—ol*, *—ul*, faziam o plural no v. port. de accordo com a tradição latina, em *—als*, *—oles*, *—ules*: *capital* — *capitales*, *sol* — *soles*, *paul* — *paules*. Do sec. XVI em diante, pela queda do *l* intervocalico, fixaram-se os pluraes — *capitacs*, *soes*,

a queda uniforme do *n* intervocalico com nasalização da vogal antecedente. Na orthographia archaica essa atenuação do *n* era indicada por uma fôrma menor do *n*, superposto á vogal nasalada; do afastamento das extremidades deste *n*, convertido em signal diacritico, nasceu o til (~). Por influencia analogica, uniformizaram, no sing., sob o primeiro typo morphologico em *-ão*, por mais euphonic; porém, guardaram no plur. diferenciadas as fôrmas primitivas. Ainda hoje no fallar do povo ouvimos *bão* por *bom*, *bões* por *bons*, *dão* por *dom*, *dões* por *dons*. — As fôrmas archaicas em *-om* continuam a viver no gallego e no Minho, e na Beira evolucionou em *õu*, segundo nos informa o Dr. Leite de Vasconcellos.

4.º Os nomes que hoje terminam em *-em*, *-im*, *-om*, *-um*, tinham em latim o plur. em *-ines* (\rightsquigarrow *enes*), *-ines* *-onos*, *-unos*, deu-se nelles syncope da vogal átona da syllaba final: — *enes* \rightsquigarrow *ens*, *ines* \rightsquigarrow *ins*, *onos* \rightsquigarrow *ons*. Exs.:

Homem	— homines	(\rightsquigarrow homenes)	\rightsquigarrow homens
Imagem	— imagines	(\rightsquigarrow imagenes)	\rightsquigarrow imagens
Fim	— fines		\rightsquigarrow fins
Tom	— tonos		\rightsquigarrow tons
Som	— sonos		\rightsquigarrow sons
Jejum	— jejunos		\rightsquigarrow jejuns

5.º Os nomes terminados em *n* com valor literal (*abdomen*), e os em *r* e *z*, guardam a fôrma latina do plur. em *-es*:

Abdomen	—	abdómenes
Lichen	—	líchenes
Dolmen	—	dólmenes
Certamen	—	certámenes
Espéclmen	—	espécímenes
Germen	—	gérmenes
Regular	—	regulares
Exemplar	—	exemplares
Raiz	—	raizes

Quando, na pronuncia o *en=em*, como *regimen*, *amen* (pop. *amém*), *joven* (melhor *jovem*), o plur. identifica-se com o paragrapho antecedente — *regimens*, *amens*, *jovens*. G. Viana prescreve *regimenes* ou *regimes*. E' corrente entre

os escriptores brasileiros estender a pluralização analogica do paragrapho antecedente aos nomes desta classe, taes como — *specimens, cetamens, germens, regimens*, com excepção de *canones, adomans*. Esta pluralização brasileira obedece a uma corrente natural da evolução da lingua, que repelle o *n* final com valor proprio, de sorte que as palavras em que elle se conserva são *eruditas* (*lichen, canon, alumen, tentamen, velamen*), e é natural que taes palavras se pluralizem á hespanhola, como querem G. Viana, Cortezão e outros, em — *enes* (*lichenes, canones*). Porém, nas que vão cahindo no uso geral o *n* vac perdendo o seu valor literal, e, talvez, melhor se pluralizem, como entre nós, por uma contraecção das fórmãs archaicas — *regimens, germens, speeimens, abdomens, amens e jovens*, que já se vac graphando no sing. *jovem*. Gil Vicente pluraliza — *jovenes*:

Se os joyenes amores,
Os mais tem fins desastrados
Que farão as cans lançadas
No couto dos amadores.

Obrs. 3—88

6.º Os nomes em —*s*, equiparados no v. port. aos em —*z*, formavam na lingua archaica o plural em —*es*: *alferes* ou *alferez* — *alferezes, simples* ou *simplez* — *simplezes*. Hoje taes nomes são uniformes em numero: *o alferes* e *os alferes, o pires* e *os pires, o lapis* e *os lapis, o onus* e *os onus*. A palavra *simples* (b. lat. *simplice*) tem actualmente o plural *simplices*, em se tractando de drogas ou ingredientes de um composto. Como adj., é facultativo o plural *simples* ou *simplices*, sendo preferivel a primeira fóрма.

Estes som chamados boos homeês, symprezes e de boa sympreza (L. Cons. 55) — Ha rasgos simples que bastam para caracterizar um retrato (A. C.) — Sêde simples como as pombas e prudentes como as serpentes (A. P.) — Alferезes (alfereses) volteiam as bandeiras, que variadas são de muitas cores (Lus. 4—27).

7.º Os nomes em *x=ee*, como *calix* ou *calice, index* ou *indice*, teem o plural alatinados em — *ces*: *calices, indices*. — *Phenix* ou *Phénis* é uniforme: *as aguias, os griphos, as phenix* (ap. Moraes).



Os em *x=cs* são uniformes: *o thorax, os thorax, o ónix, os onix. Silcx*, entretanto, tem o plural *siliccs*. — *Flux* (=flux ← *fluxum*) só é usado na locuç. adv. — *a flux*.

Obs. Ao subst. *proximo* repugna hoje o plural, tal não acontecia com os antigos escriptores: "Aquelle se pôde chamar bom que usa de bondade nam somente pera si, mas pera os *proximos* (H. P., Imag. 1. 308). — "O que importa é salvar a alma propria e a dos *proximos* (A. V. C. 49). — A palavra *familias* na expressão *filho familias*, não é plural, mas um genitivo archaico do lat.

GRAU.

230. *Grau* dos substantivos é a propriedade de se graduar pela sua flexão a proporção das idéas por elles expressadas.

São dois os graus em que a flexão altera, para mais ou para menos a proporção normal da idéa: o *augmentativo* e o *diminutivo*: *livro* — *livrão* e *livrinho*.

231. ORIGEM DAS FLEXÕES GRADATIVAS. Pauperrimo era o latim de flexões gradativas, e riquissimo é o portuguez. Esta sua riqueza flexional desenvolveu-se, através do latim popular, de suffixos latinos, muitos dos quaes foram adquirindo ora sentido *augmentativo*, a que se ligava frequentes vezes idéa *pejorativa* ou *depreciativa*; ora sentido *diminutivo*, a que não raro se prendia idéa *affectiva* ou de *carinho*.

232. AUGMENTATIVO. Para a idéa augmentativa não possuia o lat. flexão ou suffixo proprio, e era constrangido a ajunetar ao subst. um adj. apropriado, se queria dar aos objectos proporções acima da normal, formando, como muitas vezes fazemos, o augmentativo *analytico*: *premit ALTUM corde DOLOREM* (Verg.)= *N'alma inferna suffoca a DOR PROFUNDA* (O. M); *dorsum immane*=*dorso iniquano* (immenso).

Desenvolveu-se, todavia, de certos suffixos a idéa augmentativa.

a) O suff. augmentativo *-ão* desenvolveu-se do latim *-onem*, que em latim se unia aos *themas* verbaes e nominaes para individualizar e designar uma pessoa, que executa uma acção (M. Lübke); dahi — *chorão, brigão, comilão, beberão, chapcivão, casarão, fradalhão, portão, garrafão, mulhe-*

rão, menino, Gonçalo, Manecão. Como se pôde ver dos exemplos, apparecem muitas vezes como consoantes de ligação, entre o thema e o suffixo, as liquidas *r* e *l*, e, ás vezes, *g*: fradegão, rapagão, narigão.

Une-se frequentemente a este suff. o sentido *pejorativo* (*chorão, comilão, beberão, casarão, mulherão, Manecão*). — Nem sempre ao suff. *-ão* liga-se a idéa de augmento, como se vê em *cordão, cartão, carretão, violão*; ha mesmo em *cordão, cartão*, sentido diminutivo.

b) Os suff. augmentativos *-aço, -aça* e *-az* originaram-se do lat. — *aceum* (*arenaceus*), que traz a idéa de semelhança, designando substantivamente objectos que são maiores que o indicados pelo primitivo, e a que aggrega, a miudo, a idéa secundaria de *grosseria, deformidade, má qualidade* (M. Lübke). Assim, pois, os nossos suff. *-aço*, e *-az* trazem da propria origem a idéa *pejorativa* ou *depreciativa*: *mulheraça, ministraço, bichaço, peccadoraço, mestraço, calhamaço, barcaça, ladravaz, fatacaz* (fatia), *truanaç, linguaraz, rufianaz, canaz, lobaz*.

c) Os suff. augmentativos *-arro, -arra, -orra*, hispano-portuguez, é de origem *iberica* ou *basca* (M. Lübke), e encerra a idéa *depreciativa*: *chibarro, naviarra, boccarra, cabçorra*.

Ao suff. *-arra* aggrega-se, ás vezes, *-ão*: *homemzarrão, canzarrão, gatarrão*.

233. DIMINUTIVO. Para o grau diminutivo possuia o lat. algumas flexões proprias, que foram largamente ampliadas pelo romanee.

a) O suff. *-inho, -inha*, desenvolveu-se do lat. *inum -inam*, que era um suff. adjectivo (*asinino, canino, purpurino, argentino, levantino*; porém, na fórma popular *-inho* adquiriu valor *diminutivo*, e, frequentemente, *affectivo* ou *carinhoso*: *passarinho, tiozinho, casinha, florinha, padrinho, madrinha, bonitinho, queridinho, sanctinho, menininho, Ernestinho, Carlinho, Antoninho, Francisquinho*. — E', em geral, facultativo interrealar-se um *z* entre o suff. e a palavra: *livrozinho, hervazinha, folhazinha, nomezinho, peizezinho*. Quando, porém, a palavra termina por vogal *accentuada*, ou por *diphthongo perfeito* ou *imperfeito*, é de

rigor a interealação do *z* como consoante de ligação: *pézinho*, *mãozinha*, *cafezinho*, *pazinha*, *cxozinha*, *paezinho*, *avôzinho*, *tiozinho*, *gloriazinha*, *idéazinha*, *véozinho*. Se a prepositiva do diphthongo imperfeito ou do hiato for *o* ou *u*, póde-se dispensar a ligação: *taboinha*, *aguinha*, *canoinha*, *puinha*.

b) O suff. diminutivo *—ico*, *—ica*, veio de *iccus-a*, de origem não latina, mas que já apparece na época imperial, em inscrições afrieanas, unido a nomes proprios de mulher, e posteriormente generalizado (M. Lübke): *burrico*, *amricos*, *pellica*, *Marica*, *Tonico*, *barbica*.

c) O suff. *—ito*, *—ita*, de *ittus*, tambem extranho ao latim, porém já existente em inscrições romanas da época imperial, e, como o antecedente, ligado a nomes proprios de mulheres¹ (*Julitta*, *Bonitta*, *Caritta*). Tal suff. teve largo desenvolvimento em hespanhol. Em port., temos: *rapazito*, *sênhorita*, *pequenito*, *florita*, *Annita*, *Chiquita*, *Chiquito*, *Luizita*, *Manuclito*, *Carlito*.

Obs. Os suff. diminutivos do lat. classico ficaram relegados a palavras eruditas; taes são: *—lus*, *—la*, *—lum* (*spatula* → *espatula*, *globulo*); *—ellus*, *—ella*, *—ellum* (*tabellam* → *tabella*); *—culus*, *—cula*, *—culum* (*particulam* → *particula*, *radicula*); *—ola* (*aldecola*, *criançaola*, *cachola*).

Flexão do adjectivo

234. GÊNERO E NÚMERO. As flexões genericas e numericas do adjectivo são determinadas pelo genero e numero do substantivo a que se refere na phrase. E' o phenomeno da concordancia do adjectivo, ou attração do substantivo, de que traetaremos na Syntaxe.

O processo flexional sobre o numero e o genero do adjectivo é, em geral, o mesmo que o do substantivo, e aqui só estudaremos algumas particularidades.

235. PARTICULARIDADES FLEXIONAES DO ADJECTIVO. Sobre a variação flexional generica notam-se as seguintes particularidades:

1.º Alguns adjectivos determinativos, que possuem trez fórmulas genericas do lat. (*masc.*, *femin.*, *neut.*), passaram,



pela obliteração do neutro em port., a funcionar ordinariamente na 3.^a forma como pronomes neutros. Taes são os seguintes:

LATIM	PORTUGUEZ
Iste, ista, istud	Este, esta, isto
Ipse, ipsa, ipsum	Esse, essa, isso
Ecu + ille, eeu + illa, eeu + illum	Aquelle, aquella, aquillo
Totus, tota, totum	Todo, toda, tudo

2.º Os adjectivos em *—or*, *—al*, *—z* eram *uniformes* em genero no port. arch., e só do sec. XVI em diante, por analogia, tornaram-se *biformes*: *dona entendedor, linguagem hespanhol, gente portuguez, minha senhor, minha pastor*.

Resistiram, porém, a esta flexão analogica do periodo classico:

a) Os comparativos syntheticos latinos: *melhor, peor, maior, menor, interior, exterior, superior, inferior, ulterior, eiterior, anterior, posterior*.


As fórmas femininas — *melhora, peiora, superiora*, substantivaram-se.

b) Alguns adj. formados de subst.: *ineolor, bicolor, tricolor, semsabor, reinol*.

c) Alguns em *—ez*: *cortez, soez, pedrez, montez*.

Nota. *Commum* no v. port. tinha o femin. — *commua*, que se obliterou, e é hoje uniforme como — *vaccum*. — *Montez* tiuha flexão feminina entre nossos classicoes até o sec. XVIII: “Oude ha variedade de eça monteza (Agiol. Port., ap. R. Bluteau) — “Comi dessa fruta, amargosa, monteza” (G. V. 1. 317) — “Eu vos conjuro, filhas de Jerusalem, pelas cabras montezas” (A. P.)

236. GRAU. O proeesso formador dos comparativos e superlativos latinos modificou-se profundamente: o analytismo vernaenlo eliminou as fórmas syntheticas latinas desses dois graus de significação do adjectivo. Na Syntaxe o veremos mais detidamente.

237. COMPARATIVOS. O comparativo organico ou synthetico latino de superioridade em *—or*, foi substituido por uma forma periphrastica com o adv. *mais* (←  *magis*): *justior* = mais justo.

2.^a pessoa

	Singular		Plural	
	LAT.	PORT.	LAT.	PORT.
Nominativo	tu	tu	vos	vós
Accusativo	te	te. ti (arch.)	vos	vos
Dativo	tibi	ti, te	vobis	vos
Ablativo	tecum	tigo	vobiscum	vosco

3.^a pessoa

	Singular		Plural	
	LAT.	PORT.	LAT.	PORT.
Nominativo	ille, illa	elle, ella	(illi, illæ)	elles, ellas
Accusativo	illum, illam	lo \rightarrow o, la \rightarrow a	illos, illas	los \rightarrow os, las \rightarrow as
Dativo	illi	lhe	illis, lhes	
Ablativo	—	—	—	—

3.^a pessoa, pron. reflexivo

	Singular	Plural
	LAT.	PORT.
Nominativo	—	—
Accusativo	se	se (arch.) si
Dativo	sibi	si, se
Ablativo	secum	sigo

240. Sobre as declinações do pronome pessoal cumpre notar:

1.^o As fórmãs — *mim, ti, si*, são hoje preposicionaes, e representam syntaetica e morphologicieamente tanto o dativo como o accusativo; não admittem, porém, a regeneia da prepos. *com*, que rege exclusiva e pleonasticamente os ablativos — *migo, tigo, sigo, nosco, vosco*, que já encerram na ultima syllaba essa preposição. No port. arch. a lingua não havia ainda perdido o sentimento da presença dessa preposição (*fallar migo*).

2.^o Não possuindo o lat. pronome da 3.^a pess., o *romance* desenvolveu esse pron. do demonstrativo *ille*. O nominativo plur. formou-se, por analogia, das fórmãs do sing.: *ille* e *illa* — *elles* e *ellas*. As fórmãs ablativas não passaram para o portuguez.

3.º O reflexivo não possui nominativo em lat., nem tão pouco em port., e, conseguintemente, não pôde exercer a função de sujeito do modo finito, como querem alguns.

Flexão do verbo

241. As flexões verbaes são variações designativas de — *modos, tempos, numeros e pessoas*. O conjuncto dessas variações ou flexões constitue a *conjugação*, como o conjuncto das flexões nominaes e pronominaes constitue a *declinação*.

As flexões verbaes nos vieram das conjugações latinas, que passaram, com algumas alterações, para o portuguez. Estas alterações são de ordem morphologica e semantologica, como passamos a estudar.

242. CONJUGAÇÕES. O lat. possuía quatro systemas de flexões verbaes ou *conjugações*, que se caracterizavam pela ultima vogal do thema ou *vogal caracteristica*, com excepção da 3.ª (4.ª, segundo outros), cujo thema termina em consoante. Passaram para o port. as trez primeiras com suas respectivas vogaes caracteristicas. — a, e, i.

MODO INDICATIVO

Tempo presente

1.ª Conjugação		2.ª Conjugação	
LAT.	PORT.	LAT.	PORT.
Cant—o	Cant—o	Deb—eo	Dev—o
Cant—as	Cant—as	Deb—es	dev—es
Cant—at	Cant—a	Deb—et	Dev—e
Cant—amus	Cant—amos	Deb—emus	Dev—emos
Cant—atís	Cant—aes	Deb—etis	dev—eis
Cant—ant	Cant—am	Deb—ent	dev—em

3.ª Conjugação		4.ª Conjugação	
LAT.	PORT.	LAT.	PORT.
Part—io	Part—o	Pon—o	Ponh—o
Part—ís	Part—es	Pon—ís	Põ—es
Part—ít	Part—e	Pon—ít	Põ—e
Part—imus	Part—imos	Pon—imus	Põ—mos
Part—ítis	Part—ís	Pon—ítis	Põn—des
Part—iunt	Part—em	Pon—unt	Põ—em



Imperfeito

LAT.	PORT.	LAT.	PORT.
Cant—abam	Cant—ava	Deb—ebam	Dev—ia
Cant—abas	Cant—avas	Deb—ebas	Dev—ias
Cant—abat	Cant—ava	Deb—eat	Dev—ia
Cant—abamus	Cant—avamos	Deb—ebamus	Dev—iamos
Cant—abatis	Cant—aveis	Deb—ebatis	Dev—icis
Cant—abant	Cant—avam	Deb—ebunt	Dev—iam
Part—iebam	Part—ia	Pon—ebam	Punh—a
Part—iebas	Part—ias	Pon—ebas	Punh—as
Part—iebat	Part—ia	Pon—ebat	Punh—a
Part—iebamus	Part—iamos	Pon—ebamus	Punh—amos
Part—iebatis	Part—icis	Pon—ebatis	Punh—cis
Part—iebant	Part—iam	Pon—ebant	Punh—am

Perfeito

Cant—avi	Cant—ei	Deb—ui	Dev—i
Cant—avisti	Cant—aste	Deb—uiste	Dev—este
Cant—avit	Cant—ou	Deb—uit	Dev—eu.
Cant—avimus	Cant—âmos	Deb—uimus	Dev—êmos
Cant—avistis	Cant—astes	Deb—uistis	Dev—estes
Cant—averunt	Cant—aram	Deb—uerunt	Dev—eram
Part—ivi	Part—i	Pos—ui	Puz—
Part—ivisti	Part—iste	Pos—uiste	Poz—este
Part—ivit	Part—iu	Pos—uit	Poz—
Part—ivimus	Part—imos	Pos—uimus	Puz—emos
Part—ivistis	Part—istes	Pos—uistis	Puz—estes
Part—iverunt	Part—iram	Pos—uerunt	Puz—eram

Mais-que-perfeito

Cant—averam	Cant—ara	Deb—ueram	Dev—era
Cant—averas	Cant—aras	Deb—ueras	Dev—eras
Cant—averat	Cant—ara	Deb—uerat	Dev—era
Cant—averimus	Cant—aramos	Deb—ueramus	Dev—eramos
Cant—averitis	Cant—areis	Deb—ueratis	Dev—ereis
Cant—averunt	Cant—aram	Deb—uerant	Dev—eram

Futuro

(Cantare—habeo)	Cantar—ei
(Cantare—habes)	Cantar—âs
(Cantare—habet)	Cantar—â
(Cantare—habemus)	Cantar—emos
(Cantare—habetis)	Cantar—eis
(Cantare—habent)	Cantar—ão

(Debere—habeo)	Dever—ei
(Debere—habes)	Dever—ás
(Debere—habet)	Dever—á
(Debere—habemus)	Dever—emos
(Debere—habetis)	Dever—eis
(Debere—habent)	Dever—ão
(Partire—habeo)	Partir—ei
(Partire—habes)	Partir—ás
(Partire—habet)	Partir—á
(Partire—habemus)	Partir—emos
(Partire—habetis)	Partir—eis
(Partire—habent)	Partir—ão
(Ponere—habeo)	Por—ei
(Ponere—habes)	Por—ás
(Ponere—habet)	Por—á
(Ponere—habemus)	Por—emos
(Ponere—habetis)	Por—eis
(Ponere—habent)	Por—ão

CONDICIONAL

Imperfeito

(Cantare—habebam)	Cantar—ia
(Cantare—habebas)	Cantar—ias
(Cantare—habebat)	Cantar—ia
(Cantare—habebamus)	Cantar—íamos
(Cantare—habebatis)	Cantar—ieis
(Cantare—habebant)	Cantar—iam
(Debere + habebam)	Dever + ia
(Debere + habebas)	Dever + ias
(Debere + habebat)	Dever + ia
(Debere + habebamus)	Dever + iamos
(Debere + habebatis)	Dever + ieis
(Debere + habebant)	Dever + iam
(Partire + habebam)	Partir + ia
(Partire + habebas)	Partir + ias
(Partire + habebat)	Partir + ia
(Partire + habebamus)	Partir + iamos
(Partire + habebatis)	Partir + ieis
(Partire + habebant)	Partir + iam
(Ponere + habebam)	Por + ia
(Ponere + habebas)	Por + ias
(Ponere + habebat)	Por + ia
(Ponere + habebamus)	Por + iamos
(Ponere + habebatis)	Por + ieis
(Ponere + habebant)	Por + iam



IMPERATIVO

Presente

Cant—a	Cant—a	Deb—e	Dev—e
Cant—ate	Cant—ae	Deb—ete	Dev—ei
Part—i	Part—e	Pon—e	Põ—e
Part—ite	Part—i	Pon—ite	Pon—dē

SUBJUNCTIVO

Presente

Cant—em	Cant—e	Deb—eam	Dev—a
Cant—es	Cant—es	Deb—eas	Dev—as
Cant—et	Cant—e	Deb—eat	Dev—a
Cant—emus	Cant—emos	Deb—eamus	Dev—amos
Cant—etis	Cant—eis	Deb—eatis	Dev—aes
Cant—ent	Cant—em	Deb—eant	Dev—am
Part—iam	Part—a	Pon—am	Ponh—a
Part—ias	Part—as	Pon—as	Ponh—as
Part—iat	Part—a	Pon—at	Ponh—a
Part—iamus	Part—amos	Pon—amus	Ponh—amos
Part—iatis	Part—aes	Pon—at	Ponh—aes
Part—iant	Part—am	Pon—ant	Ponh—am

Imperfeito

Cant—avissem	Cant—asse
Cant—avissem	Cant—asses
Cant—avisset	Cant—asse
Cant—avissemus	Cant—assemos
Cant—avissetis	Cant—asseis
Cant—avissent	Cant—assem
Deb—uissem	Dev—esse
Deb—uissem	Dev—esses
Deb—uisset	Dev—esse
Deb—uissemus	Dev—essemos
Deb—uissetis	Dev—esseis
Deb—uissent	Dev—essem
Part—ivissem	Part—isse
Part—ivissem	Part—isses
Part—ivisset	Part—isse
Part—ivissemus	Part—issemos
Part—ivissetis	Part—isseis
Part—ivissent	Part—issem
Pos—uissem	Puz—esse
Pos—uissem	Puz—esses
Pos—uisset	Puz—esse
Pos—uissemus	Puz—essemos
Pos—uissetis	Puz—esseis
Pos—uissent	Puz—essem



Futuro

Cant—averim
 Cant—averis
 Cant—averit
 Cant—averimus
 Cant—averitis
 Cant—averint

Cant—ar
 Cant—ares
 Cant—ar
 Cant—armos
 Cant—ardes
 Cant—arem

Deb—uerim
 Deb—ueris
 Deb—uerit
 Deb—uerimus
 Deb—ueritis
 Deb—uerint

Dev—er
 Dev—eres
 Dev—er
 Dev—ermos
 Dev—erdes
 Dev—erem

Part—iverim	Part—ir	Pos—uerim	Puz—er
Part—iveris	Part—ires	Pos—ueris	Puz—eres
Part—iverit	Part—ir	Pos—uerit	Puz—er
Part—iverimus	Part—irmos	Pos—uerimus	Puz—ermos
Part—iveritis	Part—irdes	Pis—ueritis	Puz—erdes
Part—iverint	Part—irem	Pos—uerint	Puz—erem

INFINITIVO

Presente

Cant—are	Cant—ar		Deb—ere	Dev—er
Part—ire	Part—ir		Pon—ere	P—ôr

Gerundio

Cant—ando	Cant—ando		Deb—endo	Dev—endo
Part—indo	Part—indo		Pon—endo	P—ondo

Participio passado

Cant—atum	Cant—ado		Deb—itum	Dev—ido
Part—itum	Part—ido		Pos—itum	Pos—to

CAPITULO V

ETYMOLOGIA

243. DOMINIO GRAMMATICAL DA ETYMOLOGIA. O estudo da Etymologia nas grammaticas antigas comprehendia a natureza e classificação das palavras, isto é, o estudo das



categorias grammaticas. E é este ainda o dominio que lhe dão muitos grammaticos em seus compendios.

Modernamente, porém, com o desenvolvimento e aspecto scientifico, que assumiu o estudo da origem do lexico, a Etymologia tende, no dominio grammatical, a cingir-se á sua accepção lexicologica no estudo da genese e formação historica dos vocabulos.

Para o dominio da Etymologia das velhas grammaticas, temos hoje outro termo tomado á Historia Natural; que é — *Taxonomia*, que outros preferem graphar — *Taxinomia* ou *Taxonomia*.

244. *Etymologia* (gr. *etymos* = verdadeiro, *logos* + *ia* = palavra), é, pois, no dominio da Grammatica historica, o estudo da origem do lexico em sua tripliee fonte—*latina*, *vernacula* e *extrangeira*.

De facto, o nossõ actual vocabulario prende-se historicamente a trez origens diversas:

1.º Ao lexico latino, por alteração *phonetica* e influencia *analogica*.

2.º Ao fundo vernaculo, por *derivação* e *composição*.

3.º A's *linguas extrangeiras*, por *importação*.

245. PRINCIPIOS EM QUE SE BASEIA A ETYMOLOGIA. O estudo etymologico do lexico offerece o duplo aspecto da *fôrma* e do *sentido* das palavras.

Antes de fundar-se a Glottologia pelo estudo scientifico das linguas, a Etymologia tinha por base a mera semelhança de fôrma e de sentido. Assim sabiam que a palavra *bondade* tinha o seu etymo no vocabulo lat. *bonitas*, porque delle se approxina pela estrutura e significação, do mesmo modo que *horror*, *ouvir*, *conceição*, dos vocab. lat. — *horror*, *audire*, *conceptio*; porém não inquiriam as leis phoneticas e semanticas da evolução vocabular, e suppriam a falta de conhecimento dessas leis com extravagantes phantasias.

Ménage, celebre etymologista dessa eschola, chegou a tirar o vocab. *rato* do lat. *mus*, através de uma fôrma intermedia-ria phantastica — *muratus*. Com tal processo, observa Hovelaeque, não é de espantar que se haja extrahido *cadaver*

de — *caro data vermibus* = *carne dada aos vermes* = *ca(ro) da(ta) ver(mibus)*.

Os princípios basicos da etymologia antiga eram arbitrarios e illusorios, pois se firmavam apenas em meras apparencias enganadoras. Prova Max Müller o caracter inscientifico de tal criterio, mostrando que o mesmo vocabulo assume fórmas e sentido differentes, não só em differentes linguas, mas até na mesma lingua; assim *maculam* dá *magoa*, *malha*, *mancha* e *mangra*; *regulam* á *regoa*, *regra* e *relha*.

Cita Hovelaeque as seguintes palavras, que, não obstante as differenças de fórma e de sentido, procedem primitivamente de um mesmo tronco: a) *solido*, *soldado*, *soldar*, *só*, *servo*; — b) *bispo*, *auspicio*, *sceptico*; — c) *assistir*, *custar*, *obstaculo*, *estabulo*.

E, ao invés deste phenomeno, não raro palavras ha, de mui diversa procedencia, que assumem, entretanto, a mesma fórma ou fórma approximada. Todos os *homonymos* da lingua attestam este facto; assim *banho*, *pregão de casamento*, e *banho* de agua; *prato* e *prata*, *lêste* e *lêste*, *pêgo* e *pêgo*, etc.

O criterio scientifico na pesquisa da origem historica das palavras, independe, portanto, das apparencias de forma a significação. Ensinam todos os linguistas que os princípios em que se baseia a Etymologia são — as *alterações phoneticas* e a *analogia*.

Servem de fio conductor ao etymologista as leis glotticas, que regem a evolução dos phonemas e determinam a estrutura vocabular; quer isto dizer que lhe fornecem criterio seguro a phonetica historica e o principio de analogia.

A analyse acompanha a *historia* do vocabulo, através das fórmas intermediarias, até filiá-lo no vocabulo original. Nesta *filiação historica* entra como elemento importante a *comparação* das fórmas parallelas do mesmo vocabulo nas linguas congenres, como contraprova das conclusões etymologicas.

A etymologia de uma palavra, observa Brunot, encontra um meio precioso de verificação na etymologia das linguas-irmãs: o portuguez, p. ex., na lingua franceza, provençal, hespanhola e italiana. *Selvagem*, v. gr., vem do lat. *selva-*

ticum, que deu no fr. *sauvage*, no it. *selvaggio*, no prov. *selvatge*. A etymologia, prosegue o mesmo grammatico, expliea a transformação do typo originario de accordo com as leis phoneticas de cada idioma paralelo, e corrobora, pela eomparação, a fonte commum ou o typo original em que se filia o voeabulo aetual.

E' este o processo seguro da *grammatica historico-comparativa*, que fornece ás investigações etymologicas dois elementos de ineontestavel solidez seientifica — a *historia* e a *comparação*.

Cumpre, porém, observar, para melhor esclarecer esse methodo de investigação, que o lado historieo apresenta dois aspectos — a *historia interna* e a *externa do vocabulo*.

A *historia interna* é a filiação do voeabulo através das fórmas de transição ou intermediarias, ao typo original ou *protótypo*, sob a influeneia das leis phoneticas e analogicas.

A *historia externa* diz respeito á importação do vocabulo ou ás circumstancias historicas, que explicam o apparecimento de certos vocabulos em regiões que lhes eram primitivamente extranhas.

Assim o vocabulo *palavra* se filiar, em sua evolução phonetica, ao termo gr. *parabola*, e as *parabolas* do Evangelho eom a disseminação do Christianismo do Oriente para o Occidente, dão-nos a razão historiea externa da ineorporação desse vocabulo em nosso lexico, superpondo-se aos termos lat. *verbum* e *sermo*.

Etymologia das palavras variaveis e das invariaveis

246. A origem do nosso lexico temo-la no latim, maximamente no latim popular.

Todavia, no deurso de dois mil annos da historia de nossa lingua, muitas outras linguas vieram, em tempos e circumstancias diversas, trazer a nosso vocabulario valiosos subsidios.

Essa contribuição, porém, de linguas estrangeiras quasi se restringe ás palavras variaveis ou flexivas, e, entre estas, ao substantivo predominantemente.

- b) *Grego*: Pedro, Jeronymo, André, Hippolyto, Philippe, (Felipe), Tito, Timotheo, Ambrosio, Theodoro, Theodora, Theodureto, Nicolau, Chrysostomo, Dyonisio, Dinis, Alexandre.
- c) *Hebraico*: José, Josephina, João, Joanna, Jacob, Tiago (Sant'Iago), Daniel, Gabriel, Israel, Salathiel, Manoel, Miguel, Misael, Lazaro, Matheus, Bartholomeu, Salomão, Benjamin, Josué, Abrahão, Isaac, Ruth, Maria, Mariana, Anna, Dorcas, Esther, Rachel, Sara.
- d) *Germanico*: Luiz, Luiza, Guítherme, Guilhermina, Alberto, Albertino, Carlos, Carolina, Henrique, Henriqueta, Eduardo, Duarte, Roberto, Fernando, Bernardo, Bernardina, Arnaldo, Affonso, Astolfo, Rodrigo, Theodorico, Guimarães.

249. PATRONYMICOS. Era costume, na idade-média, indicar a filiação agglutinando-se ao nome do pae a desinencia — *ci*, deste modo: *Gonçalo Fernandici* = *Gonçalo filho de Fernando*. Esta desinencia que Diez suppõe genitiva, abrandou-se em — *z*, que hoje é geralmente — *s*: *Rodriguici* \rightsquigarrow *Rodriguez* \rightsquigarrow *Rodrigues*; donde as abreviaturas *Roiz* = *Rodriguez*, *Glz.* = *Gonçalvez*.

Taes nomes se chamam *patronymicos*, e tinham valor de adjectivo. Hoje, tendo perdido este valor, são empregados, em geral, como *agnomes*: *José Rodrigues*, *Manuel Lopes*, *Pedro Fernandes*, *Antonio Gonçalves*, *Francisco Martins*, *João Henriques*, *Pedro Alvarcs*.

250. EVOLUÇÃO DOS PATRONYMICOS. Damos a seguir uma amostra da evolução de alguns *patronymicos*:

Fernando (Fernão) — *Fernándici* \rightsquigarrow *Fernándiz* \rightsquigarrow *Fernández* = *Fernandes* (fórmãs divergentes — *Ferraz* e *Ferrão*).

Henrico e *Henriques* — *Henriquici* \rightsquigarrow *Henriquiz* \rightsquigarrow *Henriquez* = *Henriques*.

Antonio (arch. *Antun* \rightsquigarrow *Antão*) — *Antuucici* \rightsquigarrow *Antúniz* \rightsquigarrow *Antuncz* = *Antunes*.

Lobo e *Lopo* — *Lúpicci* \rightsquigarrow *Lópiz* \rightsquigarrow *Lopez* = *Lopes*.

Pedro e *Pero* — *Petríci* \rightsquigarrow *Périz* \rightsquigarrow *Perez* e *Pires* = *Percs* e *Pires*.

Pelagio e *Pais* — *Pelagíci* \rightsquigarrow *Paíz* \rightsquigarrow *Páiz* \rightsquigarrow *Paez* = *Paes*.

- Martinho e Martin* — Martinici \rightsquigarrow Martiniz \rightsquigarrow Martlíz \rightsquigarrow Martinz = Martins.
- Mendo e Mem* — Menéndici \rightsquigarrow Mcéndiz \rightsquigarrow Mendez = Mendes.
- Velasco e Vasco* — Velasquici \rightsquigarrow Velasquiz \rightsquigarrow Velasquez \rightsquigarrow Vasquez = Vasques.
- Suciro* (Suairo \leftarrow Suario) — Suarici \rightsquigarrow Suariz \rightsquigarrow Suarez = Soares.
- Nuno* — Nunici \rightsquigarrow Nuniz \rightsquigarrow Nuncz = Nunes.
- Gonçalo* — Gundisálvi \rightsquigarrow Gonçalviz \rightsquigarrow Gonçalvez = Gonçalves.
- Gueda* (= Geda) Guedici \leftarrow Guediz \rightsquigarrow Guédez = Guedes.
- Diogo* (\rightsquigarrow Didacus) — Didaci \rightsquigarrow Diaz = Dias.
- Alvaro e Alvo* — Alváríci \rightsquigarrow Alvéz e Alvez = Alvares e Alves.
- Rodrigo e Rodrico* — Rodriguici \rightsquigarrow Rodriguiz \rightsquigarrow Rodriguez = Rodrigues.
- Godinho* — Gotnici \rightsquigarrow Godiniz \rightsquigarrow Godlíz \rightsquigarrow Godins (Gr. Hist. Vascon., 103).

251. COGNOMES OU APPELLIDOS. Nos velhos documentos da lingua, e mesmo nos documentos do lat. barbaro, apparecem cognomes ou appellidos de familia que, como os patronymicos, se aggregavam aos nomes proprios com o fim de assignalar qualquer circumstancia, que se prendia ao individuo nomeado, p. ex.: *D. Rodrigo o Velloso, D. Gonçalo o Bom, Lourenço Annez Redondo, Mem Muniz Honrado, Sueiro Correia, Sancho Vasques Pimentel, Lourenço Martins Ganço, D.^a Mor Pirez Velha* (Gr. Hist. Vasc. 105).

A estes appellidos prendem-se naturalmente nomes designativos de logar, que, regidos da preposição *de*, indicavam a origem ou o dominio da pessoa, a cujo nome se aggregavam, p. ex.: *D. Egas Gomes de Souza, D. Gontinha Soares de Mello, D. Abril Pires de Lumiares, D. Egas Táfes de Lanhoso*.

Em geral, essa prepos. *de*, seguida de nome de logar, designava o dominio dos senhores feudaes, e, portanto, a nobreza medieval, mormente na Italia, França, Allemanha e Inglaterra, onde imperou largamente o regimen feudal. E' esta a razão por que ainda hoje nesses paizes dão especial apreço ás locuções de nomes proprios, quando estes veem acompanhados da prepos. *de*: *Dr. Couto de Magalhães, Dr. Ignacio de Mesquita, Dr. Fernando de Albuquerque, etc.*

Adjectivos

252. QUALIFICATIVOS. Os nomes adjectivos qualificativos, como os substantivos, veem, em sua quasi totalidade, do accusativo dos respectivos adj. latinos, através das alterações metaplasticas já estudadas. Damos alguns exemplos:

Bonum \rightsquigarrow bono \rightsquigarrow bōo \rightsquigarrow bō \rightsquigarrow bom. — Malum \rightsquigarrow malo \rightsquigarrow mao. — Meliorem \rightsquigarrow melhor. — Pejorem \rightsquigarrow peor \rightsquigarrow peor. — Facilem \rightsquigarrow facil. — Regularem \rightsquigarrow regular. — Amabilem \rightsquigarrow amabil \rightsquigarrow amavel. — Legalem \rightsquigarrow legale \rightsquigarrow legal \rightsquigarrow leal. — Fidelem \rightsquigarrow fidele \rightsquigarrow fiel. — Felicem \rightsquigarrow felice \rightsquigarrow feliz. — Ferozem \rightsquigarrow feroce \rightsquigarrow feroz. — Cartaginensem \rightsquigarrow cartaginense \rightsquigarrow cartaginês = carthaginez. — Christianum \rightsquigarrow christiano \rightsquigarrow christão.

253. ADJECTIVOS E PRONOMES DETERMINATIVOS. Muitos de nossos pronomes são oriundos de fórmulas neutras de adjectivos latinos, como em seu lugar mostraremos.

254. ARTIGOS DEFINIDOS. Nos primeiros documentos da lingua o artigo definido — *o, a, os, as*, apparece nas fórmulas synereticas — *o, a, os, as, lo, la, los, las, ilo, ila, ilos, ilas*. Esta ultima fórmula mostra claramente que sua origem etymologica é, como opina Diez, o demonstrativo latino—*illum, illam, illud, illos, illas*. E' rejeitada, por carecedora de fundamento, a opinião de Leoni e Constaneio, que julgam ter elle sua origem no ablativo sing. — *hoc, hac, hoc*, e do accusativo plur. — *hos, has*; e de outros, que o prendem ao art. grego — *ὁ, ἡ, το*.

Em suas diversas phases historicas, temos — *illum* \rightsquigarrow *illo* \rightsquigarrow *ello* \rightsquigarrow *lo* \rightsquigarrow *o* — *illos* \rightsquigarrow *ellos* \rightsquigarrow *los* \rightsquigarrow *os*.

A esta etymologia, entretanto, ha duas objecções: a) a *quêda* da syllaba latina inicial tonica, e b) a *quêda* do *l* inicial do typo intermediario — *lo*.

a) A syllaba tónica lat. persiste, mas o dissyllabo lat. *illum*, é realmente um dissyllabo fraeo, de sorte que a voz ora se apoia na primeira, como é de regra, ora na segunda syllaba, conforme as circumstancias. Dahi o ter ficado no ital. hesp. e v. port. a primeira syll. *il* e *el*, e no fr. e no port. actual, a ultima — *le, la, o, a*.

b) A consoante inicial resiste, em regra, mas o *l* inicial da fôrma arch. *lo* soffreu apherese. A explicação desta anomalia está talvez no facto de o *l* inicial ter sido confundido com o *l* medial intervocalico, em expressões como estas: — *de lo, de la=delo, dela; a lo, a la=alo, ala, âma-lo=âmalo*. Ora o *l* medial intervocalico cae geralmente, como em *mortales* \rightsquigarrow *mortaes, fatales* \rightsquigarrow *fataes*. Tendo cahido o *l* nestes casos, generalizar-se-ia o phenomeno.

255. ARTIGO INDEFINIDO. O artig. indefinido—*um, uma*, tem seu etymo em o numeral — *unum, unam*.

Unum \rightsquigarrow uno \rightsquigarrow ũo \rightsquigarrow um
Unam \rightsquigarrow una \rightsquigarrow ũa \rightsquigarrow uma

A pronuncia *uma*, dando-se valor literal ao *m*, é um caso curioso da influencia da orthographia sobre a prosodia: *ũa* era a graphia archaica, que representava fielmente a pronuncia ainda hoje conservada pelo povo; a mudança da graphia para *uma* determinou, entre as pessoas cultas, a mudança da pronuncia. Por analogia formaram-se os pluraes — *uns, umas*, que faltavam ao lat.

256. DEMONSTRATIVOS. Do lat. nos vieram nossos adjectivos e pronomes demonstrativos, como se vê abaixo:

Este \leftarrow iste	Esse \leftarrow ipse
Esta \leftarrow ista	Essa \leftarrow ipsa
Isto \leftarrow esto \leftarrow istud	Isso \leftarrow esso \leftarrow ipsum
O \leftarrow lo	illo. \leftarrow illum
A \leftarrow la	illa \leftarrow illam
O (neutro) \leftarrow lo	ello \leftarrow illud

Fornecem estes demonstrativos vestigios da derivação do *nominativo*, e do genero neutro latino, das 3.^{as} fôrmas, que se conservam em port. (*isto, isso, aquillo, o*) como pronomes.

A fôrma composta *aquelle* \rightsquigarrow *eccu+ille* pertence ao lat. pop., que deixou no v. port. *aqueste, aquesta, aquesto* (*eccu+iste, eccu+ista, eccu+istud*).

Mesmo \leftarrow meesimo \leftarrow medesimo \leftarrow metipsimum
 \leftarrow metipsissimum. Tal \leftarrow talem.

No L. Cons. (sec. XV) temos a fôrma *medês=mesmo*.

257. CONJUNCTIVOS E INTERROGATIVOS.

Que ← qui (nom.) — Quem ← quem (accus.) — Cujos
← ejus (genit.) — Qual ← qualem — Quanto ← quanto.

Era corrente na linguagem forense do lat. class. o adj. *cujus*, -a, -um, donde querem alguns derivar o nosso *cujo*.

258. POSSESSIVOS:

Meu ← meum; minha ← meam (arch. *mia*, *mha*); teu
← tuo ← tuum (p. analogia com o da 1.^a pess. *meu*); tua
← tuam; seu ← suam ← suum (p. analogia — *meu*);
sua ← suam; nosso ← nostu ← nostrum; nossa
← nosta ← nostram; vosso ← vosto ← vostrum
(f. pop. de *vestrum*); vossa ← vosta ← vostram.

259. NUMERAES. Do lat. pop. nos vieram os numeraes — *cardinaes*, *ordinaes*, *multiplicativos* e os *fraccionarios*, como se segue:

a) *Cardinaes*:

PORT.	LAT. POP.	LAT. CLASS.
Um	unu	unum
Uma	una	unam
Dois ou dous	doos	duos
Duas	doas	duas
Trez	tres	tres
Quatro	quator	quattuor
Cinco (arch. cinco)	cinco (kinco)	quinque
seis	sex (secs)	sex
Sete	septe	septem
Oito	octo	octo
Nove	nove	novem
Dez	dece	decem
Onze	undece	undecim
Doze	dodece	duodecim
Treze	tredece	tredecim
Quatorze	quatordece	quattuordecim
Quinze	quindece	quindecim

De 16 a 19, as fórmãs syntheticas do lat. class. foram substituidas no gallo-romano e no hispano-romano pelas fórmãs analyticas, como se vê em seguida:

PORT.	LAT. POP.	LAT. CLASS.
Dezeses	decem et sex	sexdecim
Dezesete	decem et septem	septemdecim
Dezolto	decem et octo	octodecim
Dezenove	decem et novem	novemdecim

As fórmãs quinhentistas e populares — *dezaseis, dezasete, dezanove*, podem explicar-se por uma dissimilação. Querem outros que ellas representem, como no italiano, uma formação pop. paralela — de *deecem ad sex, deecem ad novem*.

Vinte	viginte (arch. vinte)	Setenta	septuaginta
Trinta	triginta (arch. trinta)	Oitenta	octoginta
Quarenta	quadraginta	Noventa	nonaginta
Cincoenta	quinguaginta	Cem e cento	Centum
Sessenta	sexaginta	Duzentos	ducentos
		Trezentos	trecentos
		Mil	mille

Em geral as fórmãs latinas originaes soffrem contracção regular em sua passagem para o port. De 16 a 19, como vimos, os typos syntheticos do lat. class. são substituidos pelo tydo analytico, que já apparece em T. Livio, Cicero e Cesar. O gallo-romano tomou por padrão este typo, segun-Darmesteter, e o mesmo aconteceu com o hispano-romano. De *mille* com suffixo italiano *-one* fez-se *milhão*, donde evoluem *bilhão, trilhão*, etc. *Milhenta* é f. pop. analogica.

b) *Ordinaes*:

PORT.	LAT.	PORT.	LAT.
Primeiro	primarium (arch. primario)	Quinto	quintum
Primo	primum	Sexto	sextum
Segundo	secundum	Septimo	septimum
Terceiro	terciarium	Oitavo	octavum
Terço	terçuum	Nono	nonum
Quarto	quartum	Decimo	decimum
		Undecimo	undecimum
		Duodecimo	duodecimum

De 13 em diante desaparecem as fórmãs syntheticas substituidas pelas analyticas: *deceimo terceiro, decimo quarto, deceimo quinto*, etc. Guardam, todavia, as fórmãs syntheticas os seguintes:

PORTUGUEZ	LATIM
Vigesimõ	vicesimum
Trigesimo	tricesimum
Quadragesimo	quadragessimum
Quinquagesimo	quingagesimum
Sexagesimo	sexagesimum
Septuagesimo	septuagesimum
Octogesimo	octagesimum



Nonagesimo	nonagesimum
Centesimo	centesimum
Ducentesimo	ducentesimo
Tricentesimo	tricentesimum
Quadragesimo	quadragesimum
Quingentesimo	quingentesimum
Sexcentesimo	sexcentesimo
Septingentesimo	septingentesimum
Octingentesimo	octingentesimum
Nongentesimo	nongentesimum
Millesimo	millesimum

c) *Multiplicativas:*

PORT.	LAT.	PORT.	LAT.
Simple	Simpliçem	Oçtuplo	Oçtuplum
Duplice	Duplicem	Nónuplo	Nonuplum
Duplo	Duplum	Decuplo	Decuplum
Triplíce	Triplíce	Undecuplo	Undecuplum
Tripló	Triplum	Duodecuplo	Duodecuplum
Quadruplo	Quadruplum	Centuplo	Centuplum
Quintuplo	Quintuplum	Multiplo-multiplice	Multiplum — multiplicem
Sextuplo	Sextuplo		
Séptuplo — septemlice	Septuplum — septemlicem		

d) *Fraccionarios.* Era imperfeita entre os latinos a numeração fraccionaria; os numeros ordinaes, com a palavra *pars* subentendida era o systema adoptado. O port. adoptou igualmente os ordinaes até o numero 10, com alteração nos dois primeiros, e dahi por deante aggregou aos numeros cardinaes a expressão *avos*, separada de *oitavos*, e considerada como nome plural designativo de fração, simplificando deste modo o systema fraccionario, que recebeu da lingua-mãe.
Exs.:

$$\begin{aligned} 1/2 &= \text{um meio} = \text{dimidia (pars)} \\ 1/3 &= \text{um terço} = \text{tertia (pars)} \\ 1/4 &= \text{um quarto} = \text{quarta (pars)} \\ 3/5 &= \text{trez quintos} = \text{tres quintae (partes)} \end{aligned}$$

260. INDEFINIDOS:

Algun	←////	alig' unum	←////	aliquum unum
Alguem	←////	allquem		
Algo	←////	aliquid		
Nenhum	←////	nem um	←////	nec unum

Ninguem	←	nec quem
Nada	←	nata (da phrase — <i>nulla re nata</i>)
Outro	←	alterum
Outrem	←	(formação analogica — <i>alguem, ninguem</i>)
Al	←	aliud
Todo, toda, tudo	←	totum, totam, totum (arch. todo)
Muito, muita	←	multum, multam
Pouco, pouca	←	paucum, paucam
Tanto, tanta	←	tantum, tantam
Certo	←	certum, certam
Cada	←	gr. kata, segundo outros — lat, quemdam

Pronomes pessoais

261. Traetando da flexão, já assignalámos a origem latina dos pronomes pessoais:

Eu	←	eo	←	ego
Tu	←	tu		
Elle, ella	←	ille, illa		
Nós	←	nos		
Vós	←	vos		
Elles, ellas	←	formação analogica		
Me	←	me		
Mim	←	mihi		
Migo	←	migo	←	mecum
Te	←	te		
Ti	←	tibi		
Tigo	←	tego	←	tecum
Se	←	se		
Si	←	sibi		
Sigo	←	sego	←	secum
O, a	←	lo, la	←	illum, illam
Lhe	←	illi		
Nos	←	nos		
Vos	←	vos		
Os, as	←	los, las	←	illos, illas
Lhes	←	illis		

Verbos

262. Uma comparação entre a conjugação portugueza e a latina revela para logo a etymologia latina de todas as nossas fórmulas verbaes, apesar das transformações nellas operadas pelas alterações phoneticas e analogicas.

Conserva o portuguez da conjugação latina — *vozes, modos, tempos, numeros e pessoas*.

263. **VOZES.** São estas em portuguez, como em latim, a *activa*, a *passiva* e a *medio-passiva* ou *reflexa*. Possuia o latim fórmulas syntheticas ou organicas para a *activa*, que transmitiu ao portuguez, como *amare=amar*; para a *passiva* só possuia o latim fórmula organica ou simples, para os tempos da 1.^a série, que se prendiam ao thema da presente, como — *amari=ser amado, amor=sou amado*, etc.; para os tempos, porém, da 2.^a série, que se prendiam ao thema do prefeito, o latim só possuia fórmulas complexas ou periphrasticas, como — *amatus sum, eram, fui=sou, era, fui amado*. O portuguez (como as outras linguas romanticas) rejeitou aquellas, e generalizou estas para todos os tempos da *passiva*. A voz *medio-passiva* ou *reflexa* não possuia em latim, como possui em grego, fórmulas simples; era formada com o auxilio de pronomes obliquos em relação de identidade pessoal com o sujeito. O portuguez emprega igualmente este processo: *eu me amo, elle se ama*, etc.

264. **VERBOS DEPOENTES.** Verbos depoentes latinos eram os que, tendo fórmula passiva, tinham significação activa, como — *admirari=admirar, sequi=seguir, nasci=nascer*. Tais verbos, na b. lat. e nas linguas romanicas, assumiram fórmula activa: *admirare, sequere, nascere*. — Em portuguez dá-se egual phenomeno, com alguns particípios passivos, p. ex.: *homem lido, acreditado, viajado, confiado, atrevido*.

265. **MODOS, TEMPOS, NUMERO E PESSOAS.** Estudando atraz o quadro systematico das flexões verbaes da conjugação latina e da vernacula, já tivemos oportunidade de assignalar o etymo latino dos *modos, tempos, numeros e pessoas* dos verbos portuguezes.

266. Dá-se o nome de verbos *regulares* aos verbos cujas flexões se moldam pelos *paradigmas* dos quatro typos geraes já estudados, e *irregulares* ou *anomalos* os que se apartam, nas flexões ou no thema, desses *paradigmas* ou *modelos*.

Tal divisão, porém, mais se accomoda ás conveniências practicas da grammatica expositiva, que ao criterio scientifico da grammatica historica.

As transformações phoneticas regulares e as leis da analogia formaram paulatinamente esses typos geraes dos verbos regulares; o mesmo processo historico deu origem a esses typos particulares e individuaes dos chamados verbos irregulares. Do ponto de vista, pois, da grammatica historica não ha propriamente verbos irregulares, porquanto todos obedecem, na sua variedade flexional e conjugativa, ás leis das alterações phoneticas e analogicas.

De facto, tanto na formação dos typos geraes, como na dos especificos de flexão verbal, concorreram essas duas forças transformadoras, porém é notavel o papel saliente da analogia nesse concurso para a uniformização das fórmulas divergentes. Por conseguinte, o conhecimento das leis da phonetica historica e dos principios de analogia explana todas as fórmulas verbaes, tanto as chamadas regulares, como as chamadas irregulares.

No estudo do processo formativo desses typos de conjugação, importa distinguir entre os verbos de *flexão forte* ou *rhizotonicos* e os de *flexão fraca*. Os primeiros são aquelles nos quaes a tónica incide sobre o thema no preterito perfeito, como: *fiz, pude, trouxe*; e os segundos os que, no preterito perfeito, recebem a tónica na terminação, como — *louvei, vendi, subi*.

No estudo das flexões verbaes, já mostrámos o étymo latino das fórmulas regulares das quatro conjugações; vejamos agora a origem etymologica de alguns verbos irregulares em suas fórmulas conjugativas.

1.ª CONJUGAÇÃO

DAR

/ Dou ← (por alongamento de) do, dás ← das, dá ← dat, damos ← damus, daes ← dades ← datis, dão ← dant.

Dava ← dabam, davas ← dabas, dava ← dabat, etc.

Dei ← dedi, deste ← dediste, deu ← (por analogia com a 3.ª pess., p. perf., 2.ª conj.) dedit, demos ← dedimus, destes ← dedistes, deram ← dederunt.

Dera ← deera ← dederam, deras ← deêras ← de-
deras, dera ← dederat, etc.

Darei ← (f. romanica) dare + habeo, darás ← dare +
habes, etc.

Daria (f. romanica) dare + habebam, darías ← dare +
habebas, etc.

Dá ← da, dae ← dade ← date.

Dê ← dem, dê ← det, demos ← demus, etc.

Dêsse ← dedissem, dêsses ← dedisses, dêsse ← de-
disset, etc.

Der ← dederim, deres ← dedecris, der ← dederit, etc.

Dar ← dare, dado ← datum, dando ← dando.

Obs. O phenomeno de alongamento da 1.^a pess. (do →
dou) dá-se egualmente com — sum → só → sou, sto →
estou. Porém no v. port. encontra-se *dao* = *dou*, onde a vogal
thematica (a) apparece por influencia das outras pess., e por
isso, o Dr. A. R. Vaneocellôz prefere o seguinte etymo: *do*
→ *dao* → *dau* → *dou*.

ESTARE

Estou ← stou ← sto, estás ← stas, está ← stat,
estamos ← stamus, estaes ← stades ←
statis, etc. estão ← stant.

Estava ← stabam, estavas ← stabas, estava ←
stabat, etc.

Estive (lat. steti) formou-se por analogia com — tive, tives-
te, teve, etc.

Estivera — (lat. steteram) formou-se analogicamente do
thema temporal *estiv.* ef. *tivera*).

Estarei ← (f. romanica) stare + habeo, estarás ← stare
+ habes, etc.

Estaria (f. romanica) stare + habebam, estariás ← stare
+ habebas, etc.

Esteja (lat. stem. stes, stet, etc. que deu no v. port. *estê*,
estês, *estê*, etc.) formou-se por analogia com *seja*,
sejas, *seja*, etc.

Estivesse (lat. stetissem) desenvolveu-se, sob a acção ana-
logica, do thema temporal do p. perf. *estiv.*

Estiver — obedeceu á mesma influencia analogica que a do
anteecedente.

Estar ← stare, estado ← statum, estando ← stando.

2.^a CONJUGAÇÃO — temas em e

SER

Sou ← (por alongamento de) sō ← som ← sum, és
 ← es, é ← est, somos, (pop. semos), ← sumus,
 sōls ← sōes ← sodes (tirado analogicamente
 da 1.^a pess. plur. *somos*), são ← sunt.

Era ← eram, eras ← eras, era ← erat, éramos
 ← erāmus, éreis ← erāis ← eradis ←
 eratis.

Fui ← fui, foste ← fuiste, foi ← fuit, etc.

Fôra ← fueram, fôras ← fueras, fôra ← fuerat, etc.

Serei (f. romanica) *essere* + *habeo*, serás ← *essere* + *habes*.

Seria ← (f. romanica) *essere* + *habebam*, serias ← *esse* + *habebas*.

Sê e sêde, deduzidos analogicamente das 2.^{as} pess. do pres. do indie. pop. *semos* e *sedes*, como *vê* e *vêde* de *vês* e *vêdes*.

Seja — (lat. *sim*) ← seja ← sêa ← sia ← siam
 (lat. pop).

Fosse ← fulssem, fosses ← fuisses, fosse ← fuisset,
 fôssemos ← fuíssemus, fosséis ← fuísseades
 ← fuissetis, fossen ← fuissent.

For ← fuere ← fuerim, fores ← fueris, for ← fuerit, etc.

Ser ← (lat. class. *esse*) *essere* b. lat., sido (f. analogica—
 vendido, sabido, etc.), sendo (f. analogica —
 vendendo, sabendo).

HAYER

Hei ← hâi ← halo ← haveo ← habeo, has ←
 hais ← haves ← habes, ha ← hai ←
 have ← habet, havemos ← habemus, haveis
 ← havedes ← habetis, hão ← (sob a accção
 de dão, são) habent.

Havia ← haveva ← habebam, havias ← havevas
 ← habebas, havia ← haveva, ← habebat, etc.

Houve ← (hauvi) ← habui, houveste ← (hauvisti)
 ← habuisti, houve ← hauce ← habuit, etc.

Houvera ← hauvera ← habueram, houveras ← hauer-
 veras ← habueras, houvera ← hauvera ←
 habuerat, etc.

Haveri (f. roman.) habere + habeo, haverá ← habere + habes, etc.

Haveria (f. roman.) habere + habebam, etc.

Haja ← habiam (lat. pop.) ← habeam, hajas ← habias (lat. pop.) ← habcas, etc.

Houvesse ← hauvesse ← habuissem, houvesses ← hauvesses ← habuisses, etc.

Houver ← hauvere ← habuerim, houveres ← haueris ← habueris, etc.

Haver ← habere, havido ← habitum, havendo ← habendo.

PODER

Posso ← possum, podes ← potes, pôde ← potest, podemos (lat. possumus, f. analogica), podels ← podes ← potedes (lat. potestis) ← potetis (f. pop.), podem (lat. possunt, f. analogica).

Podia (lat. class. poteram) ← poteva ← potebam (lat. pop.) podias ← potebas (lat. pop.), podia ← potebat (lat. pop.), etc.

Pude ← poude ← potui, pueste ← poudeste ← potuisti, pôde ← poude ← potuit, podemos ← poudemo ← potuimus ← puestes ← poudestes ← potuistis, puderam ← pouderam ← potuerunt.

Pudera ← poudera ← potuéra (lat. pop.) potuëram (lat. class.), puderas ← pouderas ← potuëras (lat. pop.) ← potueras (lat. class.), pudera ← poudera ← potuéra pop. ← potu rat, etc.

Poderei (f. roman.) ← potere + habeo, poderás ← potere + habes, etc.

Poderia (f. roman.) ← potere + habebam, etc.

Pudesse ← poudesse ← potuissem, pudesses ← poudesdes ← potuisses, etc.

Puder ← poudere ← potuéri (lat. pop.), ← potuërim pudeses ← pouderes ← potuëris (lat. pop.) ← potuëris, puder ← pouder ← potuéri ← potuërit, etc.

Poder ← (lat. posse, arch. potesse), potére (lat. pop.), podido (f. analogica), podendo (f. analogica).

TER

Tenho ← tenio (lat. pop.) ← teneo, tens ← tees ← tenes, tem ← tē ← tenet, temos ← tēmos ← tenemus, tendes ← tēdes ← tenentis, teem ← tēem ← tenent.

Tinha ← tlinha ← teinha ← teinia ← teniã
← teneva ← tnebam, tinhas (através das
formas interm. igual às da 1.ª pess.) ← tene-
bas, tinha (id) ← tenebat, etc.

Tive ← teive ← tēve ← tenul, tiveste ← tēveste
← tenuisti, tevc ← tēvc ← tenuit, tive-
mos ← tēvemos ← tenuimus, tivestes ←
tēvestes ← tenuistis, tiveram ← tēveron ←
tenerunt.

Tivera ← tenuéra (lat. pop.) ← tenušram, etc.

Terei (f. roman.) tenere + habeo, etc.

Teria (f. roman.) tenere + habebam, etc.

Tenha ← tenia (lat. pop.), ← tencam, tenhas ←
tenias (lat. pop.) ← tencas, tenha ← tenia
(lat. pop.), ← tencat, etc.

Tivesse ← telvesse ← tēvesse ← tenuissem.

Tiver ← telver ← tenuére ← tenerim.

Ter ← teer ← tēer ← tenerc, tido (lat. tentum, v.
port. teudo) f. analogica — *vcndido, sahido*.

DIZER

Digo ← dico, dzizes ← dicis, diz ← dize ← dicit,
etc.

Dizia ← dicebam, dizias ← dicebas, dizia ← dicebat,
etc.

Disse ← dixi (= dicis), disseste ← dixisti, etc.

Dissera ← dixeram (= diceram), disseras ← dixeras,
etc.

Direi ← (f. roman.) dicere + habeo, dizerei (arch. e pop.)

Diria ← (f. roman. dicere + habebam), dizeria (arch. e
pop.)

Diga ← dicam, digas ← dicas, diga ← dicat.

Dissesse ← dixissem, dissesses ← dixisses, etc.

Disser ← dixer ← dixerim, disseres ← dixeris, etc.

Dizer ← dicere ← dicere, dicto ← dictum, dizendo
← dicendo.

3.ª CONJUGAÇÃO — *themas em i*

PEDIR

Peço ← (lat. peto → pido, arch. e pop.) petio (lat.
pop.), petis, pede ← petit, etc.

Pedia ← petebam, pedias ← ptebas, pedia ← pete-
bat, etc.

- Pedi** ← petii ← petivi, pediste ← petuiste ← petivísti, pediu ← petivit, etc.
- Pedira** ← petiveram, pediras ← petivcras, etc.
- Pedirei** ← (f. roman.) petire + habeo.
- Pediria** ← (f. roman.) petire + habebam, etc.
- Pede** ← pete, pedi ← petite, etc.
- Peça** ← (lat. petam) → pida, arch.) petiam (lat. pop.), peças ← (lat. petas) → pidas) pctias (lat. pop.), peça (lat. petat) → pida), petiat, etc.
- Pedisse** ← petísse ← petivíssem, pedíssem ← petílses ← petivíssem.
- Pedir** ← petíri ← petiverim, pedires ← petíres ← petiveris, etc.
- Pedir** (lat. class. petĕre) ← petire (i. pop.), pedido ← petitum, pedindo (lat. petendo) ← petiundo (lat. pop.)

VIR

- Venho** ← venio, vens ← vĕes ← venis, vem ← vĕe ← venit, vimos ← vĕmos ← vĕlmos ← venimus, vindes (= vĭdes) ← vĭndes ← vĕldes ← venitís, veem (lat. veniunt) f. analogica sob a influencia de — *teem, sentem*, etc.)
- Vinha** ← vinha ← vinhia ← venia ← venieva ← veniebam, vinhas ← (através das f. intermedias eguaes ás da 1.ª pess.) veniebas, etc.
- Vim** ← vĭl ← vĕl ← veni, vieste ← vĕeste ← venísti, velo ou velu ← lat. venit (f. analogica *partiu, ouviu*), vĕmos ← vĕmos ← venimus, viestes ← vĕestes ← venístis, vieram ← vĕeron ← venerunt.
- Viera** ← venieram, vieras ← venieras, etc.
- Virei** ← (f. roman.) (venire + habeo) (arch. verrei, vynra e vinra).
- Viria** ← (f. roman.) venire + habebam, etc.
- Vem** ← vĕl ← veni, vinde ← venite.
- Venha** ← veniam, venhas ← venias, venha ← veniat, etc.
- Viesse** ← veniessem, viessem ← veniessem, viesse ← venlesset, tc.
- Vier** ← viere ← venierim, vieres ← venieris, vier ← venierit (arch. viinr, veniere, viere, veenir).
- Vir** ← viir ← vĭjr ← venire, vindo ← venitum, vindo ← veniundo.

IR

Contem a conjugação do v. *ir* trez verbos morphologicamente diferentes, porém ideologicamente semelhantes — *ire*, *vadere* e *fugere*. Este ultimo perde o *g* intervocalleo (*fuere*), e vem confundir-se, em sua fórma, eom o perf. de *sum* (*ful*). Ha, pois, trez themas distinctos na formação dos tempos deste verbo.

Vou ← vau ← vao ← vado, vaes ← vades
 ← vadis, vae ← vadit, vamos ← vadimus,
 ou imos ← imus, ides ← itis, vão ← vadunt.

Ia ← iva ← ibam, ias ← ibas, ia ← ibat, iamos
 ← ibamus, ieis ← laes ← iades ←
 ibatis, iam ← ibant.

Fui ← fui (lat. pop.) ← fugi, foste ← fuiste ←
 fugiste, foi ← ful ← fugit, fomos ← ful-
 mus ← fugimus, fostes ← fuistis ← fu-
 gistis, foram ← fuerunt ← fugerunt.

Fôra ← fueram ← fugeram, foras ← fueras ←
 fugeras, fôra ← fuera ← fugerat, foramos
 ← fueramus ← fugeramus, fôreis ← forais
 ← forades ← fugeratis, foram ← fue-
 rant ← fugerant.

Irei ← (f. roman.) ire + habeo, etc.

Iria ← (f. roman.) ire + habebam, etc.

Vae ← vade, ide ← ite.

Vá ← vaa ← vadam, vás ← vades, vá, ← vadat,
 vamos ← vaamus ← vadamus, vades ←
 vaadis ← vadis, vão ← vaam ← vadant.

Fosse ← fulsem ← fugissem, fosses ← fuisses
 ← fugisses. fosse ← fulset ← fugisset,
 fossemos ← fulsemus ← fugissemus, fos-
 seis ← fossees ← fossedes ← fulsetis
 ← fugissetis, fosseem ← fulsent ←
 fugissent.

For ← fore ← fuerim ← fugerim, fores ← fuëris
 ← fugeris, for ← fuerit ← fugerit.
 formos ← fuerimus ← fugerimus, fordes ←
 foredes ← fueritis ← fugeritis, forem ←
 fuerint ← fugerint.

Ir ← ire (vadere e fugere), ido ← itum, indo ←
 (lat. eundo), f. analogica.

Etymologia do adverbio

267. O latim formava adverbios de adjectivos dando a estes, conforme a sua classe, as desinencias *-c*, *-er*, *-iter* = *misere*, *misserrime*, *prudenter*, *fortiter*, *pariter*.

Além deste processo, possuía o latim outro, que consistia em dar valor adverbial a certos adjectivos no *accusativo* e *ablativo*: *multum*=*muito*, *paucum*=*pouco*, *manifesto*=*manifestamente*, *raro*=*raramente*, *fortuito*=*casualmente*, *subito*=*subitamente*. Conservou o portuguez este processo: *fallar alto*, *não raro*, *trabalhar pouco*.

268. Um processo novo, porém, desenvolveu-se em portuguez e nas outras linguas romanicas do Occidente, na formação do adv. de modo, o qual consiste em agglutinar-se o subst. feminino *mente* (← *mentem*) = *maneira*, *intenção*, aos adj. qualificativos, que assumem por concordancia flexão feminina — *justamente*, *honradamente*, *agradavelmente*, *cruamente*.

Serviu de typo a esta formação a locução adverbial latina: *bona mente*=*de boa mente*, *intrepida mente respondeo* (Hier.)

No v. port., como nestas expressões latinas, guardava o subst. *mente* a sua plena autonomia, escrevendo-se separadamente de seu respectivo adject. — *fera mente*.

Ainda hoje guarda essa attitude na locuç. adverbial — *de boa mente*: *fazer alguma coisa de boa mente*.

Pouco a pouco o habito foi englobando na pronuncia os dois elementos desse grupo nominal e o subst. agglutinado ao adject., ou, melhor, este áquelle, deu ao subst. *mente* o caracter de um mero suffixo adverbial, não obstante a concordancia do adject. Entretanto, dizemos, sem esta concordancia — *portuguezmente*, *francezmente*, *hespanholmente*, por terem sido invariaveis estes adjectivos em *-ez* e *-ol*, na época dessa formação.

269. De muitos outros adverbios temos a etymologia latina, que se vê em seguida:



Bem	←	bene	Mais	←	magis
Mal	←	male	Menos	←	minus
Aqui	←	a + qui	Muito	←	multo
Ahí	←	a + l (l ← ibi)	Sempre	←	semper
All	←	a + li (li ← ille)	Nada	←	nata (nulla re nata)
Iá	←	illac (arch. ala)	Traz	←	trans (atraz ← ad + trans)
Além	←	ali + ende (← ad + illic + inde)	Não	←	non
Aquem	←	ecce' inde	Nunca	←	nunquam
Antes	←	ante	Sim	←	sic
Avante	←	abante (lat. popular)	Aeinte	←	ad + scien- tem
Já	←	jam	Assim	←	ad + sic
Cá	←	ecce + hae (arch. acá)	Adlante	←	ad + in + ante
Acolá	←	ecce' illae	Ainda	←	ad + inde
Após	←	a + post	Assaz	←	ad + satiem
Alhures	←	allorsum	Aeima	←	ad + clamam
Dentro	←	de + intro	Adrede	←	ad + directe
Fóra	←	foras	Aeaso	←	ad + casum
Cerca	←	circa	Aliaz	←	alias
Onde	←	unde	Arriba	←	ad + ripam
Hoje	←	hoc + die	Talvez	←	tali + vice
Amanhã	←	a + *maniana	Depois	←	(despois) de + ex + post
Ora	←	hora	Então	←	in + tune (ar- chaleo en- ton.)
Agora	←	hae + hora	Longe	←	longe
Tambem	←	tam + bene	Tarde	←	tarde
Els	←	ecce	Tanto	←	tantum
Quilçá	←	quizá (hesp. = quen sa- be)	Hontem	←	ad + noctem
Cedo	←	cito	Embora	←	em + boa + hora
			Quasi	←	quasi

Etymologia das preposições

270. O latim é a fonte etymologica das quasi totalidade de nossas preposições, algumas, porém, nos vieram do grego ordinariamente através do latim.

A	←	ad	Desde	←	de + ex + de (arch. des = de + ex)
Ante	←	ante	Em	←	in
Após	←	a + post	Per	←	per
Até	←	ad + tenus (ou- tros arab. atah)	Por	←	pro

Com	←←←	cum	Para	←←←	per + ad
Contra	←←←	contra	Sem	←←←	sine
De	←←←	de	Sobre	←←←	super
			Sob	←←←	sub
			Traz	←←←	trans

Etymologia das conjunções

271. As conjunções vieram das conjunções latinas, bem como de adv. e subst.:

E	←←←	et	Entretan-		
Nem	←←←	nec	to	←←←	inter + tanto
Ou	←←←	aut	Logo	←←←	loco
Mas	←←←	magis	Quando	←←←	quando
Porém	←←←	por + en (en = inde)	Como	←←←	quomodo (arch. como)
Todavia	←←←	tota + via	Que	←←←	quid
Pois	←←←	post (pós + pous → pois)	Se	←←←	si
			Senão	←←←	si + non

Etymologia das interjeições

272. Mero sinal de uma exclamação instintiva, a interjeição brota espontanea da organização physiologica e psychologica de cada povo, e não possui, em regra, genealogia grammatical. Bem poucas são, por isso, aquellas a que se possa traçar origem etymologica.

Ai	←←←	væ (arch. gual)
Eis	←←←	ecce (G. Viana: <i>hæcis</i>)
Ela	←←←	eia gr. (através do lat.)
Sus	←←←	sus lat.
Apague	←←←	apage gr. (atrav. do lat.)
Oxalá	←←←	ojalá, hesp. ←←← in + xa Aláh = queira Deus (ár.)

CAPITULO I

CONSTITUIÇÃO DO LEXICO PORTUGUEZ

273. TRIPLICE ORIGEM DO LEXICO PORTUGUEZ. O lexico portuguez é constituído de vocabulos oriundos de trez origens historicas:

1.^a *Latina*. O latim é a origem primaria de nossos vocabulos e a mais importante.

2.^a *Vernacula*. A propria lingua vernãcula fornece, por meio de processos internos de derivação e composição, novos vocabulos, que augmentam constantemente o lexico.

3.^a *Extrangeira*. Em todas as épocas, as linguas extrangeiras, já por meio do latim, já directamente, contribuiram com larga cópia de dieções, que se vão incorporando no nosso vocabulario.

Já estudámos a origem latina do lexico portuguez, primeiro demonstrada por Frederico Diez (1824—1834), por meio de transformações phoneticas e morphologicas, tendo subido, através do *romance*, ao etymo latino de nossos vocabulos.

Resta-nos agora, antes de entrar no estudo da Syntaxe, encenar o aspecto *movel* de nosso lexico, analysar os *elementos* diversos, que entram em sua constituição, e, finalmente, estudar a sua evolução semantologica.

CAPITULO II

MOBILIDADE DO LEXICO

274. O lexico de todas as linguas vivas é essencialmente *movel*: palavras surgem e palavras desaparecem, perdem significações antigas e adquirem novas. Filha do homem, a palavra reflecte-lhe o destino: como elle, nasce, vive, transforma-se, adoece, morre e, até, resuseita.

Essa extrema mobilidade do lexico não se realiza tão sómente no dominio da lexicologia e da semantica, mas estende-se a todos os dominios grammaticaes: á Phonetica, á Morphologia, bem como á Syntaxe.

Estudemo-la, porém, em seu aspecto geral, quanto ao *neologismo* e *archaismo*, *fórmãs syncréticas*, *divergentes*, e *dialectos*.

I. Neologismo e archaismo.

275. O *neologismo* e o *archaismo* assignalam o duplo phenomeno caracteristico da vida da linguagem, no apparecimento e desaparecimento de palavras.



Já o poeta romano comparava este duplo phenomeno com o cahir das folhas e o repontar de outras. Como na estação hybernosa deixam as arvores cahir as folhas amarellecidas, para que outras novas e vigorosas lhes preenchem o logar; assim a lingua, em seu continuo evolver, vae perdendo palavras, que ficam nos archivos do passado, enquanto outras vão surgindo aptas e euphonicas para as novas necessidades, na expressão cada vez mais ampla e precisa do pensamento.

1.º **NEOLOGISMO.** O *neologismo* corresponde ao apparecimento, ou á transformação de sentido de um termo, que vem satisfazer uma necessidade nova de expressão.

Diversas são as causas que podem determinar um *neologismo*: a necessidade de nomear um novo objecto, a gyria popular, e a propria ignorancia dos recursos vernaculos.

Póde-se dividir o neologismo em duas categorias — o *intrinseco* e o *extrinseco*.

a) *Neologismo intrinseco* é o formado no seio da propria lingua por uma derivação ou composição analogica, e que em época recente, sob o influxo de uma causa eventual, se introduz na lingua, taes os seguintes termos relativamente modernos — *cartista, septembrista, abrilada, bernada, mundial, evoluir, aprioristico, estadual, parreista, ferrovia, ferroviario*.

Dando certa extensão ao termo, podemos incluir nesta classe os numerosos vocabulos de elementos latinos e gregos, cunhados pelos poetas e pelos homens de sciencia desde o sec. XVI, taes como: *grandiloquo, undivago, bel-ligero, aligero, prono, lepido, sapido, telepathia, glottologia, cinematographo, altruismo, acro-plano*.

b) *Neologismo extrinseco* é o termo importado de lingua estrangeira, em periodo relativamente moderno, e que toma o nome de sua procedencia, taes como:

- 1.º *Franeezismo*, do *fr.*: *bouquet, chalet, soirée*.
- 2.º *Hespanholismo*, do *hesp.*: *fandango, caramba*.
- 3.º *Italianismo*, do *ital.*: *piano, pasquim, violoncello*.
- 4.º *Anglicanismo*, do *ingl.*: *beef, sport, high-life, club*.
- 5.º *Germanismo*, do *allem.*: *vagão, quartz, zinco*.



2.º ARCHAISMO. O *archaismo* corresponde á morte ou desaparecimento de uma palavra, ou ainda á obliteração de um sentido supplantado por outro, operando-se então mera arcaização de sentido ou archaismo semantico.

A causa geral determinante deste phenomeno glottico, que caracteriza uma feição importante da mobilidade do lexico, é ordinariamente o desaparecimento do objecto nomeado, com a mudança continua da vida e costumes sociaes. Não raro, porém, origina-se o archaismo na ignorancia e pedantismo de certa época, no esquecimento dos escriptores, que deste modo concorrem para a perda de termos de bom eunho vernaculo, muitos dos quaes felizmente reaparecem, sob o influxo de bons escriptores, numa como resurreição vindicativa, produzindo, no dialecto literario um neologismo por archaismo.

276. Duarte Nunes de Leão (1606), em sua *Origem da lingua*, menciona 128 palavras já arcaizadas em seu tempo, algumas das quaes resurgiram na linguagem culta, como — *confortar, acoimar, aleive, arrefecer, estugar, sanna, lidimo, ufano*.

277. O archaismo não se restringe tão sómente ao lexico da lingua, mas invade largamente a esphera grammatical. No movimento evolutivo do portuguez, vão-se archaizando, não só *pronuncia, fórmãs e sentidos*, mas ainda *processos syntacticos*.

Muitos *archaismos orthographicos* pullulam nos velhos textos: *rey, lex, onrras*.

Egualmente superabundam os *archaismos morphologicos*, nos velhos documentos da lingua, muitos dos quaes foram substituidos por fórmãs *cognatas*, oriundas, em geral, ou da evolução phonetica, ou de reacção erudita, que modifica o vocabulo segundo o typo etymologico. Exs.:

Soffrença	soffrimento	Leçon	lição
Perdoança	perdão	Leixar	deixar
Geolho	joelho	Fruito	fructo
Creaça	creação	Colleitor	collector
Sabudo	sabido	Luyta	lucta
Auto	acto	Só	sob
Aspelto	aspecto	Loar	louvar
Bautizar	baptizar	Jurdição	jurisdicção
Dada	data	Contino	continuo

Degredo	decreto	Nuve	nuvem
Cossario	corsario	Noa	nona
Ussó	urso	Consirar	considerar
Egicção	egyptio	Regerar	regenerar
Romão	romano	Segre	seculo
Romã	romana	Cobra	copla
Oscuro	oscuro	Fremoso	formoso

II. Fórmás syncréticas.

278. Não devemos confundir as fórmás *syncréticas* com as fórmás *divergentes*. O phenomeno do *syncrétismo* vocabular, que caracteriza o periodo archaico da lingua, é diferente da *divergencia* de fórmás, que caracteriza a evolução de muitos termos latinos, como já mostrámos nos §§ 145 - 156.

279. SYNCRETISMO VOCABULAR E DISCIPLINA GRAMMATICAL. O apparecimento das primeiras grammaticas no sec. XV, a de Fernão de Oliveira em 1536 e a de João de Barros em 1539, e o de outros trabalhos sobre a lingua, como o de Jeronymo Cardoso em 1570, o de Duarte Nunes de Leão em 1576, o de Amaro Roboredo em 1613, o de Alvaro Ferreira de Vera em 1631, o de Bento Pereira em 1634, etc., abriram o periodo da *disciplina grammatical* do portuguez, em que a lingua se foi fixando, e restringindo o circulo de suas oscillações, diminuindo progressivamente o *syncrétismo vocabular*.

Para o estudo das *fórmás syncréticas*, remettemos o alumno aos §§ 151 a 156.

III. Fórmás divergentes ou duplas.

280. O phenomeno da divergencia ou duplicidade de fórma de um vocabulo, não consiste, como o syncrétismo vocabular, na vacillação ou incerteza da pronuncia, porém ordinariamente na direcção *dupla*, *tripla*, e, ás vezes, *quadrupla* de sua evolução phonetica, como—*coronam* \rightsquigarrow *coroa* e *coronha*, *regulam* \rightsquigarrow *regua*, *regra* e *relha*, *maculam*, *magua*, *malha*, *mancha* e *macula*. Nos §§ 145 a 150, tractámos destas *fórmás*, que representam papel importante na mobilidade evolutiva de nosso lexico. Para lá remettemos o alumno.



Obs. O nosso termo *feitico* e o *fetiche* do fr. são fórmulas divergentes, sendo esta mera deturpação daquella, que nos foi recambiada. O mesmo aconteceu com o *commodore* do ingl., que é o nosso *commendador* deturpado e recambiado. — Em nomes próprios temos fórmulas divergentes: *Eduardo* e *Duarte*, *Isidoro* e *Isidro*, *Roderico* e *Rodrigo*, *Tiago* e *Jacob*, *Diogo* e *Dias*.

IV. O dialecto.

281. Em geral chama-se *dialecto* a differenciação regional de uma lingua, e ao processo lento dessa differenciação dá-se o nome de *dialectação*. Assim no decurso de 2.000 annos operou-se, na região occidental da peninsula Iberica, a dialectação do latim em portuguez. O portuguez, pois, como o hespanhol, o francez e o italiano, são *dialectos* do latim. No seio, porém, do portuguez, tanto em Portugal como no Brasil, operam-se differenciações dialectaes, que são tanto mais rapidas, quanto menos intensa fôr a acção conservadora da litteratura.

O conceito, porém, do *dialecto* é vago, pois difficil, se não impossivel, é determinar-se o *quantum satis* dessas differenciações lexicas e grammaticaes para se constituir o dialecto. Qualquer desvio do typo normal da lingua, por insignificante que seja, ensina Whitney, é uma differenciação dialectal. Nesta linha geral, lançada por este illustre glottologo, ha uma concepção ampla e mais definida de dialecto, que consiste em chamar-se dialecto qualquer differenciação de linguagem no fallar de uma região ou de uma classe social. Deste ponto de vista, temos não só os dialectos *continental*, *insulano* e *ultramarino*, no seio do portuguez, mas ainda o dialecto *litterario*, o dialecto *popular*, etc.

Seja, porém, qual fôr o modo por que encaremos o conceito de *dialecto*, o movimento dialectal apresenta-se como a actividade ingenita da lingua, e o dialecto como o ponto de confluencia da extrema mobilidade do lexico e das fórmulas grammaticaes.

O latim, transportado para a faixa occidental da Peninsula, no 2.º sec. antes da éra christã, separa-se paulatinamente do hispano-romano, no *dialecto portugualense*, que com a nacionalidade portugueza, constituida em 1143, ad-



quiriu os fóros de lingua, sem perder por isso o caracter de dialecto latino.

Na Galliza, situada ao norte do Minho, mas cujos limites, variaveis na idade-média, se estenderam, no sec. XI, até as margens septemtrionaes do Tejo, cobrindo a região portugallense, desenvolveu-se anteriormente o *dialecto galleziano*, denominado *romança* ou *rymance*, *paladino* ou *ladino*, que attingira notavel preeminencia entre os dialectos hispano-romanos nos tempos medieviscos.

Ao sul dessa faixa occidental da Península, onde predominava o elemento neo-arabe, julgam alguns que um outro dialecto se constituiu com o nome de *aravio*. F. M. Pacheco Junior chega mesmo a conjecturar que o portuguez nasceu da fusão do *dialecto gallego com o aravio* (Introd. Gr. Hist., 44). O que, porém, é mais provavel, é que o *aravio* era o proprio arabe das populações mourescas do sul, e que o gallego era identico ou quasi identico ao dialecto portugallense, que daquelle se desagregou para se constituir lingua com a creação do reino de Portugal, ao passo que o gallego se immobilizou pela falta de estimulo de nacionalidade. Além do elemento *politico* para a ascendencia do dialecto portugallense, havia, como observa Theophilo Braga, um elemento *ethnico*. Os suevos, povo barbaro, rechassados pelos visigodos, a que tinham precedido na invasão da Península, vieram estabelecer-se na Lusitania no sec. V, e, de mistura com as populações celticas, lançaram os germes da resistencia *ethnico-politica*, que deviam mais tarde desabrochar na nacionalidade e na lingua.

282. CODIALECTOS. Quatro *codialectos* existem do portuguez, segundo o eminente romanista Dr. J. Leite de Vasconcellos, os quaes, por circumstancias historicas, se estacionaram em seus apertados territorios, enquanto o portuguez se elevou e desenvolveu como lingua de um povo independente; são elles: o *gallego* ou *galleziano*, o *mirandez*, o *riodonorez*, e o *quadramilez*. Todos estes, com exceção do primeiro, são fallados em pequenas regiões da provincia de Traz-os-Montes, na fronteira da Hespanha (*Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*).

283. DIALECTOS. O movimento dialectal continúa, no



seio do portuguez, e de seus *actuaes dialectos*, dá-nos o mesmo abalísado auctor acima referido, a seguinte classificação, a saber: a) *o continental*, b) *o insulano*, e c) *o ultramarino*.

a) D *continental* abrange quatro dialectos do continente: o *interamnense*, o *trãsmontano*, o *beirão* e o *meridional*.

b) O *insulano* comprehende dois dialectos: o *açoriano* e o *madcirense*.

c) O *ultramarino* consiste do dialecto *brasileiro* e do *creolo* da Asia e da Africa, etc.

O Portuguez no Brasil e em Portugal

284. A lingua, como a corrente dos grandes rios, vive em perpetuo movimento. De seculo para seculo, de região para região, de individuo para individuo, e, até no mesmo individuo, nas diversas épocas de sua idade, e, mesmo, nos diferentes momentos de sua existencia, ha uma continua variação, por vezes *infinitesimal*, na expressão de Whitney que constitue a dialectação das línguas vivas. Quer, pois, a consideremos no tempo, quer no espaço, é do genio da lingua o diversificar-se constantemente. A acção conservadora da literatura torna mais lenta, porém não annulla essa impulsão genial, essa dialectação incessante.

Ha quatrocentos annos que o portuguez do Brasil se segregou do de Portugal. Foi na época de maior esplendor da língua, no periodo aureo do quinhentismo, que delle se transplantou para aqui uma vergontea forte e vigorosa, pelos donatarios e colonos, que vieram povoar nossas costas. Bifurcou-se o portuguez, e, sob o influxo de novos factores mesologicos, proseguin elle aqui a sua evolução genial.

Quatro seculos são passados de uma dupla evolução, e, a esta hora, apresenta a lingua, na historia de sua dialectação divergente, o aspecto de um amplo triangulo cujo apice attinge o sec. XVI, e a cujos pontos extremos da base correspondem já apreciaveis differenciações dialectaes. Deste ponto de vista, apresentam-se o fallar brasileiro e o lusitano como um duplo aspecto da evolução divergente do portuguez



quinhentista, e, não raro, se descobrem, como adeante mostraremos, em nossos habitos prosodicos, vestigios quinhentistas, que em Portugal se perderam.

No *lexico*, na *prosodia* e na *syntaxe* vão-se accentuando as linhas divisorias entre o portuguez do Brasil e o do Portugal.

I. LEXICO.

a) Palavras ha que teem, entre nós, sentido diverso do que se lhes dá em Portugal. Exs.:

	PORTUGAL	BRASIL
Borracho	— filho de pombo	bebado
Babado	— part. pass. de babar	id. e folhos de vestido
Botas	— botinas	calçado de cano alto
Arrear	— adornar	sellar animaes
Faceira	— carne da face do boi	mulher casquilha
Fumo	fumaça	id. e planta narcotica
Moço	— creado, empregado	jovem
Fazenda	— bens, mercadorias	id. e propriedade rural

b) Além dessas differenciações semantologicas, o lexico no Brasil diversifica ainda do de Portugal por consideravel copia de vocabulos oriundos das linguas indigenas e africanas. Mais de 5.000 palavras, segundo Pacheco Junior, dão a nosso lexico decidida vantagem ao de Portugal.

II. PROSODIA.

Na prosodia notam-se as seguintes divergencias:

a) As vogaes breves pretonicas são breves aqui e brevissimas, ou, antes, elididas no fallar commum de Portugal. No Brasil dizem — *vêrão*, *mênino* (*minino*), *pêqueno* (*piqueno*), *pêlôtão*, *sôbrádo*, *inquilino*, *quêrer*, *rêformar*. Em Portugal no fallar corrente taes vocabulos soam — *v'ráo*, *m'ni-no*, *p'queno*, *p'lutão*, *s'brádo*, *inqu'li-no*, *qu'rcer*, *r'furmare*.

Obs. Observa o Dr. Julio Cornu que o e e o átonos, enfraquecidos em Portugal de modo prejudicial á euphonia da lingua, não o eram em épocas anteriores ao sec. XVIII. "Só no Brasil, escreve G. Viana, se observa que aquellas vogaes teem, respectivamente, os valores de *é* (e tambem de *i*, note-se) e do *ó* mais ou menos fechado." (Pron. Norm. Port., pg. 94). De facto, pronunciamos claramente as vogaes átonas e e o. (*Mênino* e *minino*, *sôbrado*). Em Portugal, porém, são taes vogaes geralmente



eliminadas na pronuncia corrente. “Mesmo no theatro, escreve ainda o illustre romanista acima citado, a não ser por um ou outro actor mais consciencioso e sabedor, estropiam-se por esse vicio de prosodia, versos de Camões, engulindo syllaba... Em um soneto de Camões, o mais afamado de todos, é usual errar-se o 1.º verso do 1.º terceto, pela elisão feita duas vezes do *e* surdo, tirando-lhe duas syllabas!

E se vires que pôde merecer-te
que lêm:

E se vir's que pôde mer'cer-te”

b) O *e* no diphthongo *ei* e *ei* (=em), e antes de *j*, *z*, *ch*, *lh*, *nh*, soa *â* em Portugal: *peito*=*pâito*, *bem*=*bâi*, *pêjo*=*pâjo*, *fecho*=*fâcho*, *espelho*=*espâlho*, *tenho*=*tânho*.

c) O hiato *éa* soa lá *êia* (êa): *idéa*=*idêia*, *platéa*=*plâtêia*.

Obs. Escreve ainda G. Viana: “Esse valor dado ao *em* (de *ei*) é um dos poucos restos de archaismo portuguez que tem perdurado no Brasil” (Pron. Norm. Port., pg. 95). — E assim neste ponto, como no mencionado na Nota anterior, guardamos com mais fidelidade no Brasil a orthoepia de Camões. — E' possível ainda que na pronuncia brasileira de *senhora* guardemos a pronuncia dos quinhentistas. E' pelo menos o que nos parece dos seguintes passos de Camões e Gil Vicente:

Quem pôde livre ser, gentil Senhora,
Vendo-vos com julzo soegado,
Se o menino que de olhos he privado,
Na menina de vossos olhos mora?
Alli manda, alli reina, alli namora,
Alli vive das gentes namorado
Que o vivo lume, e o rosto delicado
Imagens são adoude Amor se adora.
(Son. LX)

Brisidas, venhas embora:
Qu'he da outra companhia?
Beijo-vo-las mãos, senhora:
Ellas virão logo essora
E estaremos todo o dia.

(Gil Vic., Ohrs. 2. 45)

e) O *s* e o *z* no fim das syllabas lá soa *x*, pronuncia recommendada por A. Castilho: *pirês*=*pirex*, *paz*=*pax*, *basta*=*baxta*. — Entre nós nota-se esta prosodia em alguns centros de maior influencia lusitana.

III. SYNTAXE.

Na syntaxe observam-se alguns factos divergentes, que aeusam entre nós tendencias dialectaes.

a) Nas locuções verbaes frequentativas, ha manifesta tendencia para as formas gerundiaes no Brasil — *andar lendo, estar escrevendo*, enquanto em Portugal se preferem as formas infinitas preposicionaes: *andar a ler, estar a escrever*.

b) Na synonymia das prepos. *a* e *em*, no Brasil preferese esta, e em Portugal ha uma tendencia para aquella: — *Entremos ao tanque* (C. C. B.), e... *que tinha entrado ao pateo* (id.). No Brasil de preferencia diriamos: *Entremos no tanque, ... no pateo*.

c) Em Portugal é frequente e no Brasil rara a anteposição do pronome obliquo aos adverbios e ao sujeito: *As almas que lhe lá cahiam* (C. C. B.), — ... *se Leonor as não agradecesse* (Id.). — *Se me elle fallar, lhe responderei* — *Elle me lá foi visitar*. — Taes construcções no Brasil só se encontram no dialecto literario, como imitação classica.

d) E' inusitado em Portugal certo emprego do adv. *mais* em phrases negativas, corrente no Brasil: *Não chove mais, não é mais usado*. Lá se diz exclusivamente: *Já não chove, já não é usado* (J. Moreira).

Seguindo a sua trajetoria dialectal, o portuguez, no Brasil, vae-se distanciando do de Portugal, como se vê, não só no lexico, mas ainda nos varios dominios da grammatica. Sendo a lingua o expoente moral de uma raça, a affirmacão caracteristica de uma nacionalidade, é natural que essas differenciaciones lexicologicas e grammaticaes se vão reflectindo nas produções literarias. Apesar, porém, dessas evoluções divergentes, a lingua portugueza continuará a ser o vinculo moral entre os dois povos irmãos. No desenvolvimento de sua missão historica, ella continuará, em Portugal, fluente e energica, e no Brasil, clara e euphonica. São indoles diversas em um destino commum.

O dialecto indo-portuguez

285. O dialecto ultramarino *indo-portuguez*, classificado pelo Dr. Leite Vasconcellos de *ereolo da Asia*, fallado nas possessões portuguezas da India, apresenta um curioso desenvolvimento em sua estrutura grammatical e valor semantico. Restringiram-se as flexões verbaes, alterou-se lar-



gamente a regeneia, desenvolveu-se exuberantemente o uso do adv. *já*, e o verbo *ter* assumiu curiosamente o valor do verbo *ser*. Tudo isso se póde ver na comparação do seguinte trecho do Evangelho de S. João XX. 24—31, traduzido da Vulgata pelo P.^e A. Pereira de Figueiredo, e “em dialecto indo-portuguez pelo auctor de “O Livro de Oração Commum”:

Dialecto indo-portuguez

Hum de os doze, Thomé, chomado Didymo, não tinha com ellotros quando Jesus já vi. Videaque os outros discipulos já falla per elle, Nos ja olha per o Senhor. Mas elle já falla, Forde eu te olha em suas mãos o sinal de os pregas, e bota men dedo ne o lugar de os pregos e bota minha mão em seu lado, eu nada cré. E oito dias despois torna seus discipulos tinha dentro, e Thomé com ellotros; e Jesus ja vi, as portas sendo fichadas, e ja impe no meio e ja falla, Paz seja per vosotros. Aquellhora elle ja falla per Thomé, Chega vosso dedo aqui, e olha minhas mãos; e chega vossa mão aqui, e bota em meu lado; e não seja sem fé, mas cré. E Thomé ja reposta, e ja falla per elle, Meu Senhor, e meu Deos! Jesus ja falla per elle, Thomé, videque vosse ja cré: bemaventurados tem ellotros, quem nunca ja olha, e ainda ja cré. E verdadeiramente muitos outros sinais tambem ja faze Jesus em presença de seus discipulos, que neste na tem escrevido: mas estes tem escrevidos, peraque vossotros podc cré que Jesus Christo tem o Filho de Deos; e peraque crendo vossotros podc tem vida de sen Nome. (Pag. 147)

Portuguez (P.^e A. Figueiredo)

Porém Thomé, hum dos doze, que se chama Didymo, não estava com elles quando veio Jesus. Disserão-lhe pois os outros Discipulos: Nós vimos o Senhor. Mas elle lhes disse: Eu se não vir nas suas mãos a abertura dos cravos, e não metter o meu dedo no lugar dos cravos, e se não metter a minha mão em seu lado, não hei de crer. E oito dias depois, estavam os seus Discipulos outra vez dentro; e Thomé com elles. Vejo Jesus ás portas fechadas, e poz-se em pé no meio, e disse: Paz seja comvoseo. Logo disse a Thomé: Mette aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos, chega tambem a tua mão, e mette-a no meu lado: e não sejas incredulo, mas fiel. Respondeo Thomé, e disse-lhe: Senhor meu, e Deos meu. Disse-lhe Jesus: Tu creste, Thomé, porque me viste: bemaventurados os que não virão, e crerão. Outros muitos prodigos ainda fez tambem Jesus em presença de seus Discipulos, que não forão escritos neste Livro. Mas foram escritos estes, a fim de que vós creais, que Jesus é o Christo Filho de Deos: e de que crendo-o assim, tenhais a vida em seu Nome.

CAPITULO III

OS ELEMENTOS DO LEXICO

286. Como já vimos, trez são os elementos constitutivos de nosso lexico: o elemento *latino*, o *vernáculo* e o *extrangeiro*.

I. Elemento latino

287. O elemento latino do lexico portuguez é o elemento basico e primordial.

Entre o 2.º e o 1.º sce. antes da éra christã, os romanos conquistaram a península Iberica, e estenderam o seu dominio até a faixa occidental, que era a antiga Lusitania, e mais tarde Portugal. Para manter a conquista, ahi estabeleceram largos presidios ou quartéis de suas aguerridas legiões. Para lá affluiram colonos romanos e officiaes do governo. Foram estes os introductores do hispano-romano, de que se separou, seculos depois, o portuguez. Legionarios incultos e povos barbaros, possuíam, é bem de ver, acanhado circulo de idéas e necessidades, e, consequentemente, pobre e restricto vocabulario, que estava, entretanto, destinado a expandir-se prodigiosamente no correr dos seculos.

O anno 210 antes da éra christã foi o inicio da romanização da Península. Publio Cornelio Scipião ahi desembarcou nessa data suas invictas legiões, e, após differentes vicissitudes, implantou definitivamente o dominio de Roma.

Os conquistadores impuzeram aos vencidos a propria lingua, que baniu, a pouco e pouco, as linguas nativas, não só pelo prestigio das armas, senão também porque era portadora de uma civilização superior. Assignala Darmesteter o anno de 133 para a introdução do latim na Hispania.

Embora o latim seja fundamentalmente um, convem, todavia, distinguir entre o latim *literario* e o *popular*, entre o latim *baizo* e o *barbaro*.

1.º O lat. *literario*, *classico*, o *sermo urbanus*, é a lingua culta dos tempos aureos da literatura romana; é a lingua de Cicero, Vergilio, Ovidio, Horacio, etc.



2.º O lat. *popular*, o *sermo plebeius*, ehamado — *rustico*, *castrense* (de quartéis, *castra*=quartéis), *pedestre*, *quotidiano*, é o fallado pelo povo, pelos soldados nos longos aquartelamentos em paizes conquistados.

3.º O lat. *baixo* ou a *baixa latinidade*, é o lat. literario da idade-média, que, do sec. V em diante, procurava imitar o lat. classico, a despeito da multidão de neologismos e expressões barbaras, eom que o escriptor procurava, a miudo, accomodar-se ao seu meio intellectual. St. Agostinho, assignalando, no sec. V, essa necessidade, escrevia: *Melius est reprehendant vos grammatici quam non intelligant populi*. — *Sepe enim et verba non latina dico, ut vos intelligatis*. E' o latim ecclesiastico, que serviu de organ a toda a sciencia medieval e aos aetos officiaes.

4.º O lat. *barbaro* é a corrupção do lat. *baixo*, é o lat. de numerosas inscripções e documentos de tabelliães e escrivães, que revelam completa ignorancia da *grammatica*.

288. Ao lat. *pop.* principalmente é que se prende o portuguez; no lat. do povo e dos quartéis é que temos a origem fecunda e genial de nossa lingua. E é, por isso, que muitos vocabulos latinos de nosso lexico, não se encontram no lexicon do lat. culto: perteneiam ao fundo popular. E' ainda, por esse motivo, que muitos termos do lat. classico foram rejeitados e substituidos por outros da linguagem pop., p. ex.: *cavallo*, *casa*, *gato*, *fogo*, *semana*, *batalha*, etc., eliminaram os de origem classica: *equus*, *domus*, *felix*, *ignis*, *hebdomas*, *pugna*.

Além do elemento lexicologico, do latim recêbeu o portuguez as fórmas grammaticaes, os pronomes, as particulas e a quasi totalidade de seus suffixos e prefixos.

Fóra esta camada primitiva e original, outros elementos latinos teem entrádo, por via erudita, no lexico vernaculo, desde o sec. XVI até hoje, alguns dos quaes guardam ainda feição latina: *ultimatum*, *album*, *deficit*, *inclusive*, *maxime*, *veredictum*, *macula*, *dubitação*, etc.

II. Elemento vernaculo

289. Esse pequeno fundo original dos elementos latinos engrossou prodigiosamente, por um processo organico.

No genio do proprio idioma encontrou o espirito humano intrinsecos recursos para a expressão de novas idéas, que iam brotando no incessante progresso social.

A este desdobramento indefinido dos elementos latinos em novos elementos vernaculos, por um processo de *derivação* e *composição*, herdado do proprio latim, dá-se a nome de *thematologia*.

CAPITULO IX

THEMATOLOGIA

290. **Thematologia** é o estudo da formação de novos vocabulos oriundos de um *thema* commum, por meio de dois processos chamados — *derivação* e *composição*.

Constituem estes processos um methodo geral das linguas romanicas, herdado do lat., que, por sua vez, com as linguas aryanas, o recebeu da lingua matriz.

Nelle se revela o genio da lingua vernacula, a sua grande plasticidade em augmentar os recursos do proprio lexico.

291. **FAMILIA PHILOLOGICA.** Com o *thema* de uma palavra primitiva e o auxilio de *suffixos* e *prefixos*, fórma a lingua uma *familia* de palavras *cognatas*, chamada *familia philologica*. Essas familias de palavras, que teem um *thema* commum, podem ser mais ou menos numerosas. Assim da palavra primitiva *ferro*, eliminando-se a *desinencia* *o*, temos o *thema* *ferr*, donde, por meio de *suffixação* e *prefixação*, forma a lingua a seguinte *familia*: *ferrar*, *aferrar*, *desferrar*, *desaferrar*, *ferreo*, *ferraria*, *ferragem*, *ferragista*, *ferradura*, *ferrador*, *ferrugem*, *ferruginoso*, *ferrugento*, *ferrolho*, *aferrolhar*, *ferramenta*, *ferrovia*, *ferroviario*.

Desta maneira, seguindo a analogia latina, a lingua pôde augmentar largamente o modesto fundo lexieologico, que herdara da lingua-mãe. Estudando, porém, o duplo processo da *Thematologia*, não discriminaremos entre vocabulos formados no seio do lat. e os que devem sua origem á evolução vernacula, por ser isso mais do dominio da lexieologia que da *grammatica*.

Convem, entretanto, para cabal intelligencia deste estudo, recorrer-se ao que já dissemos sobre os elementos morphologicos da palavra: *raiz*, *thema*, *affixos* (*suffixo* e *prefixo*) e a *desinencia* (Vid. p. 117-119).



Derivação

292. *Derivação* é o processo pelo qual de um thema comum se fórma uma serie de vocabulos pela adjunção de certas syllabas finaes, denominadas *suffixos*, como de *tinta* se fórma — *tinteiro* = *tint* + *eiro*.

O *thema*, em geral, fórma-se com exclusão da *desinencia* (*tint-a*) da palavra chamada *primitiva* (*tinta*), e a adjunção do suffixo ao thema (*tint* + *eiro*) dá origem á palavra *derivada* (*tinteiro*).

Este processo derivativo, por meio de suffixos, chama-se de *derivação propria*; um outro existe que se diz de *derivação impropria*, que consiste apenas na mudança de categoria grammatical, sem qualquer alteração morphica, como, p. ex., *durante*, que de participio activo do verbo *durar*, passou para a categoria de preposição, pois que neste character é que apparece na phrase.

São, pois, duas as especies de derivação — *propria* e *impropria*.

Derivação propria

293. SUFFIXOS.

1. A derivação propria opera-se por meio de suffixos agglutinados ao thema ou ao radical da palavra. Os suffixos não são palavras, não se empregam isoladamente, não exprimem só por si uma idéa, uma imagem, “são formulas geraes de noções abstractas, que a lingua separa das palavras em que as encontra, e as ajuncta a outras palavras de fórma analogá, de modo tal que se alarga mais ou menos o seu alcance” (Darmest.). Por ex., o suffixo *-eza* tinha em lat. a fórma *-itia*, em palavras como *largitia*, que deu em portuguez *largueza*, e as syllabas *-eza*, segregadas de palavras desta classe, ajunctaram-se analogicamente ao thema de muitos outros adjectivos, que em lat. tinham tal terminação, como — *rudeza*, *belleza*, *firmeza*, *clareza*. E assim *-eza* tornou-se em port. um suffixo productivo para se formarem de adjectivos substantivos abstractos. Do mesmo modo o suff. *-agem* encontrava-se em lat. sob a fórma *-ati-*



cum em certo numero de palavras como *selvaticum* (→ *selvagem*), *viaticum* (→ *viagem*); a lingua segregou as syllabas *-agem* e, unindo-as ao thema de muitas outras palavras, fez dellas uma *suffixo*, como em — *plumagem*, *folhagem*, *lavagem*, *cartonagem*, *braçagem*, *romagem*, etc.

“Assim se estenderam, acerescenta Darmesteter, o emprego dessas terminações, que se poderiam chamar palavras, pois que exprimem idéas, porém que não o são realmente, visto que não vivem em estado isolado e se ajuntam sempre a outras palavras”.

2. Insuladamente, o valor significativo do *suffixo* é vago, é uma noção geral abstracta, porém unido ao thema de uma palavra assume valor positivo, dando sentido especifico á idéa geral do thema: *ferr+eiro*, *+ar*, *+aria*. Nas palavras assim derivadas o *thema* encerra a idéa primaria, fundamental ou geral, e o *suffixo* a idéa secundaria ou especifica. Ha, pois, em todo o derivado uma idéa complexa.

3. A idéa secundaria expressa pelo *suffixo* pôde ser de nome, verbo ou adverbio. Dahi a classifiação dos *suffixos* em — *nominal*, *verbal* e *adverbial*.

a) *Suffixo nominal* é o formativo de nome *substantivo* ou *adjectivo*, p. ex.: os suff. *-eiro*, *-eza*, *-agem*, etc., para subst.: *tinteiro*, *belleza*, *linhagem*; e os suff. *-oso*, *-ense*, *-ino*, etc., para adj.: *formoso*, *forense*, *bovino*.

b) *Suffixo verbal* é o que fórma verbos: os suff. *-ar*, *-ejar*, *-ear*, *-er*, *-ir* formam os verbos — *saltar*, *saltear*, *boquejar*, *temer*, *partir*.

c) *Suffixo adverbial* é o suff. *-mente*, unico que fórma adverbio (de modo), como: *sabiamente*, *vivamente*, *portuguezmente*.

4. Não raro aeonteece que um suff. se sobrepõe a outro, que a uma palavra derivada se ajuncta 2.º e 3.º suff. tornando-a derivada em 2.º e 3.º grau: *bon+dade*, *bondad+oso*, *bondadosa+mente*.

5. Dá-se por vezes a synonymia de suff., quando estes communicam ao thema o mesmo valor especifico, como acontece com os suff. *-ano*, *-ense*, *-ez*, *eiro*: *sergipano*, *sergipense*, *portuguez*, *brasileiro*.



6. Phenomeno contrario ao do paragrapho antecedente observa-se com frequencia: um mesmo suffixo com diferentes valores significativos, como, p. ex.: *-eiro* em *pedreiro, tinteiro, limoeiro*; o suff. *-ada* em *carneirada e paulada*, o suff. *-al* em *cafezal e espiritual*.

7. Os suff. podem ser *populares* e *eruditos*, conforme o voe. derivado é de formação popular ou erudita, p. ex.: *-eiro* e *-ario* (ferreiro e estatuario), *-ado* e *-ato* (professorado e generalato). São, em geral, suff. pop.: *-ão, -inho, -eiro, -ado, -dura, -livrão, livrinho, livreiro, professorado, quicmadura*; são eruditos: *-anzil, -eto, -ário, -ato, -tura—corpanzil, libreto, estatuario, generalato, formatura*.

8. Um mesmo suff. original assume, por vezes, fórmãs divergentes, ordinariamente uma *popular* e outra *erudita*, p. ex.:

- arium \rightsquigarrow arlo (\rightsquigarrow airo) \rightsquigarrow ciro: escriptuario, herbario, e sapateiro, arleiro.
- ense \rightsquigarrow ez: portuguez e francez.
- atum \rightsquigarrow ato \rightsquigarrow ado: baronato e ducado.
- torem \rightsquigarrow tor \rightsquigarrow dor: lector e ledor.
- turam \rightsquigarrow tura \rightsquigarrow dura: quadratura e dictadura.
- orium \rightsquigarrow orlo \rightsquigarrow olro ou ouro: escriptorio e bebedouro.

9. Os suff. *populares* são, em regra, *productivos*, e os *eruditos improductivos*, isto é, aquelles formam classe numerosa de palavras, e estes ou se limitam a um derivado (*easebre, corpanzil*), ou a um numero restricto (*corpuseulo, partieula, minuseulo*, etc.)

10. A vogal átona da desinencia ou se elimina ou se altera ao ajunetar-se o suff.: *guerr-a — guerrcero, guerrilha, guerrilheiro*; *act-o — actual, espirit-o, espiritual*.

11. Ficam inalteradas as vogaes finais tonicas e os diphthongos nas mesmas condições. Neste caso, para evitar o hiato com a vogal inicial do suffixo, insere a lingua uma consoante *euphonica* (*t, z, ou l*): *café — café-z-al, café-t-eira, café-z-inho, chá — cha-l-eira, cha-z-inho, pó — pó-z-inho, pae — pae-z-inho, mãe — mãe-z-inha, orpham — orpham-z-inho, homem — homem-z-inho*.

Entretanto temos: *pó — po-eira, eipó — eipo-al, limão — limo-eiro, algodão — algodo-al*.

12. A fonte original de nossos suffixos é o latim; todavia contam-se alguns que, por intermedio da baixa latini-
dade, nos vieram de fonte estrangeira, taes são:

- **ismo**, — **ista**, — **izar**, — **ia** do grego, que, por inter-
medio do Christianismo, se generalizou nas lin-
guas romanicas: *egoismo*, *egoista*, *baptismo*, *ba-
ptista*, *baptizar*, *clerczia*, *freguezia*, *penedia*.
- **engo**, do alemão, pela invasão dos visigodos na peninsula
Iberia: *verdolengo*, *solarengo*, *judengo*.
- **orro**, do basco: *cachorro*, *cabeçorra*, *modorra*.

Origem e valor dos suffixos

294. SUFFIXOS NOMINAES.

— **ia** ← **iam**, suff. lat. átono, que serve para indicar no-
mes abstractos e de paizes e cidades: *angustia*, *insi-
dia*, *iracundia*, *ansia*, *familia*. — *Italia*, *Grecia*, *Prus-
sia*, *Russia*, *Christiana*, *Livonia*, *Valdivia*, *Bulgaria*,
Romania, *Persia*, *Polonia*, *Varsovia*, *Moldavia*, *Lusi-
tania*, *Iberia*, *Hispania*, *Bohemia*, *Gallicia*, *Syria*,
Babylonia.

— **ia** ← **ia**, suff. greg. tonico, que, como o seu homonymo
lat. — *ia*, indica subst. abstracto e nome de povos
e cidades. Devido a esta synonymia, na b. lat. substi-
tuíu em muitos casos o suff. átono lat. *Necrologia*,
necropsia, *philosophia*, *astrologia*, *phonologia*, *monar-
chia*, *mania*, *astronomia*, *litania*, *baronia*, *mercancia*,
cortezia, *alegria*, *seahoria*, *bizarría*, *folia*, *burguezia*,
villania, *soberania*, *maestria*, *companhia*, *curadoria*,
abbadia, *melhoria*, *peoria*, *capatazia*, *valia*, *gritaria*,
correria, *doutoria*, *algaravia*, *matoria*. — *Turquia*,
Normandia, *Picardia*, *Pavia*, *Antiochia*, *Andaluzia*.
Traz, ás vezes, sentido collectivo: *penedia*, *rapazia*.

Obs. Do século VI da E. C., com o progresso, no Ociden-
te, do Christianismo, cujo livro sagrado, o Novo Testamento,
era originalmente escripto em grego, é que o suff. grego — *ia*,
tonico, começou a supplantar o suff. latino — *ia*, átono. Devido
a esta circumstancia historica, em geral, reeberam o suff.
gr. tonico (—*ia*) os nomes que se incorporaram no lexico roma-
nico depois do sec. VIII e IX: — *Lombardia*, *Normandia*, *Tur-
quia*, *Picardia*, *Andaluzia*, *Hungria*. Obedecem ao suff. átono
latino (—*ia*) os vocabulos de camada anterior: — *Italia*, *Grecia*,
Asia, *Russia*, *Prussia*, *Persia*, *Helvccia*. Além deste phenomeno
geral, o suff. gr., por ser tonico, foi dominando os proprios voc.
latinos, p. ex.: *alegria*, *cortezia*, *valentia*, *soberania*, *Pavia*. Em



alguns nota-se ainda lucta entre os dois suffixos: *Oecania* e *Oecania*, *Tartaria* e *Tartária*, *synonymia* e *synonymia*, *autopsia* e *autópsia*.

— **ário**, ← *arium*, prende-se a *thema nominal* e fôrma substantivo e adjectivo.

SUBST. — Nos substantivos indica duas idéas fundamentaes: a de *agente* e a de *logar* em relação á significação do *thema*: *estatuário*, *lapidário*, *bibliothecario-a*, *antiquário*, *caudatário*, *operário,-a*, *secretário,-a*, *boticário,-a*, *argentário,-a*, *locatário*, *mandatário*, *notário*, *lapidário*, *depositário*, — *armário*, *herbário*, *bibliário*, *campanário*, *sacrário*, — *dicionário*, *vocabulário*, *erário*, *ossário*, *aquário*.

ADJECT.: — *Plenário*, *semanário*, *contrário*, *arbitrário*, *balneario*, *pecuniário*, *asinário*, *refêrendário*, *solitário*, *imaginário*, *originário*, *ordinário*, *argentário*, *monetário*, *frascário*.

— **eiro** (fem. *eira*) ← *airo* ← *arium*, é a fôrma popular do suff. antecedente, que é a fôrma *crudita*, e guarda com este o mesmo valor fundamental, a que ajuneta um terceiro, o de *arvore* que produz o fructo sugerido pelo *thema*.

SUBST.: — *ferreiro*, *sapateiro*, *costureira*, *doceiro*, *cavalleiro,-a*, *romeiro,-a*, *mineiro*, *lenheiro*, *cozeiro*, *estancieiro*, *sendeiro*. — *Tinteiro*, *sementeira*, *arceiro*, *braseiro*, *rotineiro*, *formigueiro*, *polypeiro*, *chaleira*, *pedreira*, *carneira*, *cabeceira*, *cancioneiro*, *viveiro*. — Da idéa de *logar* passa-se facilmente á idéa *collectiva* da multidão dos seres, que ahí se encontram, como: *formigueiro*, *braseiro*, *pedreira*. — *Larangeira*, *pessegueiro*, *pinheiro*, *figueira*, *limeira*.

ADJECT.: — *grosseiro,-a*, *useiro* e *vesciro*, *menineiro*.

— **aria**, é, segundo Mayer Lübke, o suff. lat. — *aria*, modificado pelo suff. gr. — *ia*, tornando-se tónico o *i*, como *cavallaria*, *escadaria*, *livraria*, *pedraria*, *judcária*, *infantaria*, *gritaria*, *fancaria*, *vaccaria*, *ossaria*, *padaria*, *pirataria*, *alfaiataria*, *vigararia*, *ourivesaria*, *velhacaria*.

O suff. assim modificado ou composto, adquiriu sentido abstracto e colectivo. — *Porcaria* perdeu o sentido colectivo, e adquiriu sentido abstracto — pejorativo.

— **eria**, suff. composto de *airo* + *ia* = *eiria* = *éria*, por condensação do diphthongo *ei* na prepositiva *e*. O suff. — *eiro* veio por sua vez de — *arium*, que, por apocope e hyperthese, deu *airo* → *eiro*, como já vimos.

Tendo — *eria* o mesmo valor funcional que o antecedente — *aria*, une-se também a *themas* nominaes. Exs.:

Leiteria, parceria, loteria, lavanderia, bateria (A. C., Fast. 26) *bufoneria* (A. V., S., 1. 2 e A. H.), *grosseria, vozeria, monteria* (cf. *montaria* e *monteria*), *artilheria* ao lado de *artilharia, infantaria, sobrançeria, selvageria* ao lado de *selvajaria*.

Obs. Entre os suff. — *aria* e — *eria* existe íntima relação, como se vê, *morphologica* e *funcional*, e o emprego alternado de ambas, em todas as épocas da lingua, attesta por igual a *vernaçulidade* de ambos esses *suffixos*. E', porém, fortemente contestada a *vernaçulidade* do suff. — *eria* pelo Dr. A. G. R. de Vasconceloz, e pelo Dr. Candido de Figueiredo.

Mayer Lübke (Gr. des L. Romanes, II, 428) quer que — *aria* seja um novo *suffixo* oriundo de — *ária*, a que se uniu, (muito particularmente aos *subst.*) o *suffixo* gr. tónico — *ia*, dando em ital. — *eria*, em fr. — *erie*. De accordo com esta opinião do illustre romanista *viennense*, acham os dois philologos portuguezes, aelma citados, que o nosso — *eria* é mero *gallicismo* (fr. — *erie*), e que correctamente devemos dizer — *grossaria, leitaria, lavanderia, selvajaria, sobrançaria*, etc. Os factos da lingua, porém, põem graves embargos a tal conclusão. Vejamos. Doutrina A. Coelho que o suff — *eria* é composto de — *eiro* + *ia* = *eira* (Dice. Ety., *correria*), como de facto o attesta a forma *peliteiria*, do port. arch., citada por A. Cortesão (*De toda peliteiria da carrerga hãu maravide*. Ined. de h. p., .º, p. 536).

O suff. — *eiro*, oriundo, por *hyperthese*, de — *ario* (➤➤➤) ➤ *airo* ➤➤➤ *eiro*) condensa o *diphthongo* — *ei* em *e*, desde que se desloca delle a *tónica* pela *adjuncção* do — *ia* tónico: *parceiro* = *parceiria* = *parceria*. Contra essa *condensação* são fracos os exs. de *Einês*—*Inês*, *egreja*—*igreja*, onde a *condensação* parece fazer-se em *i* e não em *e*; pois, de um lado encontramos em textos arch. *Encz* e *egreja*, e de outro a *prosodia* popular faz, em geral soar *i* o *e* átono (*egreja* = *igreja*); assim teríamos — *ei* ➤➤➤ ➤ *e* ➤➤➤ ➤ *i*: *correiria* ➤➤➤ ➤ *correria* ➤➤➤ ➤ *corriria* (pop.). E não seria absurda a propria *condensação* *posodica* na *positiva* — *e*, que, allaz, é a *predominante* do *diphthongo*, pois o nosso povo actualmte assim procede *pronunciando* — *manêra, bichêra, carnerada*, por *maneira, bicheira, carneirada*. Adquirido o suff. — *eria* pela *adjuncção* do gr. — *ia* aos *subst. concretos* em — *eiro* para formar-se *subst. abstractos* e *collectivos* (*parceria, vozeria*), a analogia encarregou-se de *generalizá-lo*, como suff. simples: — *loteria, selvageria, ninharia* (*ninharia*), *vesteria, tonteria*. Como, porém, na *prosodia lusitana* o *e* seguido de *r*, por influencia deste, se transforma em *a*: *pera* ➤➤➤ ➤ *para, verrere* ➤➤➤ ➤ *varrer*, e, ainda hoje, entre lusitanos, — *americano* por *americano, numero* por *numero* (Vid. G. Viana, *Apost. I. 438*), segue-se que nada ha de *improvavel* que — *eria* se transformasse em *aria*. Donde se deve concluir, como

plausível, que — *aria* se originou de — *eria*, e que este tem foros de vernaculo pelo menos tão legítimos como aquelle; e isto sem embargo da hypothese de Meyer Lübke, que é mais ou menos a de Diez. O que vem corroborar esta conjectura é a oscillação ou alternação no emprego dos dois suffixos em muitos vocabulos, através de todos os períodos históricos da lingua, podemos dizê-lo. O Dr. He-racilto Graça, membro da Academia Brasileira, em seu livro *Fa-cetos da Linguagem*, pg. 31—67, prova isso mesmo com larga copia de exemplos e citações, desde o sec. XV até hoje. Elle menciona os seguintes abonados por auctores acima de suspeita de galleistas:

Lavanderia	e lavandaria	Feliceria	e felicitaria
Artilheria	e artilharla	Fronteria	e frontaria
Cavalleria	e cavallaria	Galanteria	e galantaria
Infanteria	e infantaria	Glotoneria	e glotonaria
Paneria	e panaria	Monteria	e montaria
Grosseria	e grossaria	Ninheria	e ninharia
Alcalderia	e alcaidaria	Oleria	e olarla
Almoteceria	e almotegaria	Parceria	e parçaria
Aitaneria	e altanaria	Poltroneria	e poltronaria
Arcabuzeria	e arcabuzaria	Selvageria	e selvajaria
Berberia	e barbarla	Sophisteria	e sophistaria
Barganteria	e bargantaria	Tapecerla	e tapaçaria
Baterla	e batarla	Terçeria	e terçaria
Canteria	e cantaria	Voletaria	e volataria
Carniceria	e carnçaria	Vozeria	e vozarla
Chaperla	e chaparla	Lisonjerla	e lizonjarla
Espicieria	e especiarla	Mesquinheria	e mesquinharla

— ouro e — oiro ← orio ← órium, suff. que se prende ao part. pass. dos verbos lat., dahi a sua fórma mais commum — *torio* e — *doiro* ou *douro*. A fórma intermedlarla — *orio* (t' orlo) é erudita, e a formação — *oiro* ou — *ouro* (d—oiro ou d—ouro) accusi, na hyperthese do *i* e no abrandamento do *t* em sua homorganica *d*, a influencia popular. Ambas formam adj. e subst., que designa, em geral, o *logar* ou o *instrumento* em relação á significação do thema:

SUBST.: *matadouro*, *bebedouro*, *ancoradouro*, *mangedouro*, *logradouro*, *sangradouro*, *babadouro*, *estendouro*, *lavadouro* — *lavatorio*, *purgatorio*, *oratorio*, *diversorio*, *suspensorio*, *moratoria*, *directorio*, *locutorio*.

ADJECT.: *vindouro*, *casadoura* (cf. *casadeira*), *duradouro*, *imorredouro* — *transitorio*, *declamatorio*, *diffamatorio*, *dilatatorio*, *obligatorio*, *meritorio*, *expiatorio*, *propiciatorio*, *illusorio*, *venatorio*.

Obs. Prefere-se em Portugal a fórma — *doiro* — *matadoiro*, *imorredoiro*; no Brasil dá-se preferença a — *douro*.

- or ← **orem**, suff. que se prende ao particípio lat., e indica o AGENTE: *factor (factus), leilor (lecltus), escriptor (scriptus), imperador (imperatus), director, leidor, traidor, amador, fallador*. O femin. deste suff. é — *ix* → *ice* → *iz*; *imperialriz (imperatrix), directriz (directrix)* — *ora*: *leitora, escriptora, amadora*.
- ão ← **onem**: *carvão, falcão, sabão, scrvão*; adquiriu em port. sentido *augmentalivo*: *garrafão, facão, portão*. Frequentemente o augmentativo assume sentido *pejorativo*: *mulherão (masc.), homenzarrão, canzarão, chapcirão, narigão, moçalhão, paspalhão*.

Obs. Sobre este suff. — ão, fr. *on*, nota Diez que é augmentativo a este e sudoeste, e diminutivo a nordeste do domínio românico.

- ura → **uram**, suff. lat., que se prende a *themas verbaes* (part. pass.) para formar subst. femin. abstractos: *factura*, de *factus*, *natura*, de *natus*, *escriptura*, de *scriptus*, *inctura* de *inctus*, *junctum* de *junctus*, *estructura* de *structus*. — A' fôrma *t-ura* erudita corresponde a *d-ura* popular pelo abrandamento do *t* em *d*: *queimadura, caladura, semcadura, rapadura*.

Prende-se tambem a *themas nominaes adjectivos* para formar igualmente subst. abstr. femin.: *altura, directura, brancura, brandura, tristura* (cf. *tristeza*), *longura, grossura, formosura*. Ao lado de algumas destas fôrmas, apresentam-se outras em — *or* equivalentes: *alvura* e *alvor*, *fervura* e *fervor*, *amargura* e *amargor*, *candura* e *candor*, *verdura* e *verdor*.

- edo ← **atum**, suff. *collectivo*, indica, em geral, reunião de arvores, cuja especie é indicada pelo thema: *arvo-redo, vinhedo, alameda, figuiredo* (cf. *figueiral*), é tambem — *rochedo, penedo, lapedo*.

- al ← **alem**, prende-se a *thema nominal*, para formar:

a) **SUBST. CONCRETO**: *canal, jornal, lodaçal, lamaçal, signal, caporal*.

b) **SUBST. COLLECTIVO**, quando o thema designa vegetal: *laranjal, cannaval, figuciral, cafezal, algodoal, capimzal, sapezal, feijoal*.

c) **ADJECT.**: *actual, espiritual, ponclual, esla-dual, fatal, final, mensal, semanal, capital*.

- il ← **ilem**, suff. de *themas nominaes*, formativos de:

a) **SUBST. CONCRETOS**: *funil, barril, fusil, quadril, pcrnil, peitoril*.

b) **ADJECT.**: *senil, juvenil, varonil, pastoril, senho-ril, mercantil*.

— **ado, a**, ← *atum, am*, suff. que fôrma:

a) PART. PASS. da 1.^a conjug.: *amado, -a, falado, -a*; muitos adj.: *alaranjado, azulado, nucarado, apalermado*. Em *sensato* guarda fôrma erudita. — Com a vogal *i* fôrma o part. pass. da 2.^a e 3.^a conjug.: *vendido, partido*. A 2.^a conjugação formava no port. arsh. o part. pass. em — *udo*: *sabudo, movudo, eqnheçudo* — *Teudo, mantcudo, conteudo*, são vestígios desse archaísmo.

b) SUBST. COLLECTIVO: *boiada, rapaziada, risada, manada*.

c) SUBST. com a idéa de um conteúdo: *colherada, punhado, braçada, carrada*.

d) SUBST. que exprime resultado de uma acção: *paulada, punhada, cacetada, bofetada, dentada, cabeçada, pilada*.

— **ado** ← *atum*, suff. de origem diversa da do antecedente, que indica *dignidade, profissão*, cuja fôrma erudita — *ato* apparece em certos derivados: *condado, professorado, mestrado, juizado, diaconado, bispado, bacharelado, presbyterado, — baronato, canonicato*.

— **dade** ← *tatem*, suff. de *themas nominacs* para a formação de subst. abstractos: *bondade, maldade, crueldade, lealdade, fcaldade* (cf. *felura*), *beldade* (cf. *belleza*). — Na maior parte dos derivados desta classe a influencia erudita faz apparecer o *i* do voc. lat., a que dão o nome de vogal de ligação: *facilidade* (← *facilitatem*), *auctoridade* (← *auctoritatem*), *actividade, seguridade* (cf. *segurança*), *puridade* (cf. *pureza*), *actualidade, operosidade, grandiosidade, absurdidade, caridade* (cf. *caréza*), *claridade* (cf. *clareza*), *vitalidade, immensidade* (cf. *immensidão*), *pouquidade* (cf. *pouquidão*).

— **cza, iça** ← *icia, itiam — ice, — icie e — cz* ← *ittem*, Ao lado do suff. *itia* apparece no hispano-romano a fôrma — *itie*, para formar de *themas nominacs* subst. abstractos. Ambos os suff., como se vê, produzem fôrmas derivativas *divergentes*, ás vezes, no mesmo vocabulo: *justeza e justiça, nudeza e nudez, malvadez e (pop.) malvadeza, viuvez e viuveza, frieza e frigidez, limpeza e limpidez, morbidez e morbidezca, largueza, fortalezca* (com intercalação de *al*), *belleza* (cf. *beldade*), *pequenez, — estultice e estulticia, immundicie e immundicia, calvicie, malicia, caricias, blandicias, milicia, preguiça, justiça, velhice, doudice, tontice, pieguice, pequice* (de *peco*), *douto-*

*rice, bernadice, meninice e meninez, gabotice, fanfar-
ronice, gutodice, garridice, faccirice, momice, caturri-
ce.* — A forma *-ice* é geralmente pejorativa.

— **ição e ício** ← *itium*, suff. que serve para formar:

a) ADJECT., de *themas* do part. pass.: *levadiço, movediço, feitiço, (ftores feitiças), espantadiço, alagadiço, sumiço, correção, agastadiço, vindico, quebradiço, esquecediço, lembradiço, abafadiço, mettediço, assombradiço, arrufadiço, chegadiço, tomadiço, enconradiço, postiço, passadiço, mestiço, e, por influencia erudita, — factiço, fictiço, meretriciço, patriço, adventiço.*

b) SUBST.: *porcariço (cf. porqueiro), toutiço, chouriço, pathiço, peltiça, tinguica, rabiça, cavallariça.*

— **ivo e ío** ← *irum*, suff. que fórma:

a) ADJECT., de *themas verbaes* (part. pass.): *attractivo (de attractus), descriptivo (de descriptas), relativo, pensativo, defensivo (de defensus), activo, fugitivo, nativo (de natus), accusativo, adhesivo, abusivo, — escorregadio, regadio, erradio, lavradio, ootio (de coctus).*

b) ADJECT., de *themas nominaes*, com a fórma *contracta—io*: *vazio, correntio, batido, bravo, tardio, sombrio, fugidio, sadio, cotio (de cote ← *quotidie*).*

c) SUBST., com a fórma *contracta—io*: *baixio, feitio, cunhado, poderio, estio, morgadio.* Com valor *collectivo*: *rapazio (cf. rapazia), mutherio, pastio.*

— **mento** ← *mentum*, suff. formativo de subst. abstractos com *themas verbaes*: *armamento, (cf. armação), esbanjamento, contentamento, adormecimento, andamento, estremecimento (cf. estremeção), destunbramento, passamento, enterramento.*

Collidiu este suff. com o suff. *-ção*, que tem o mesmo valor funcional, donde algumas fórmas duplas: — *expedimento e expedição, pronunciamento e pronunciação, areh. — fazimento e facção, destocamento e deslocação, agrupamento e agrupação.*

Este suffixo — *mento* era mais productivo no v. port., e vaé perdendo terreno deante de *-ção*.

— **menta** ← *menta*, fórma, com *themas nominaes*, subst. com tendencia *collectiva*, como *vestimenta, ferramenta.*

— **arro, — orro, — urro**, suff. essencialmente hispano-romano, que se creé oriundo do basco, com sentido

de ordinario *depreciativo*, e, ás vezes, *augmentativo*: *chibarro*, *bebarro*, *chapparro*, *naviarra*, *bocarra*, *cachorro*, *mazorro*, *cabeçorra*, *casmurro*, *bezerro*.

— **ico**-**a** ← *īcus*, — *a*, suff. que apparece na pen. Iberica na época lat. romana, (e que não se eneontra em lat.) com valor *diminutivo*: *burrico*, *barbica*, *pellica*, *florica*, *Marica*, *Tonico*.

Provavelmente, como suppõe H. Schuchardt, ap. M. Lübke, creou o romanceo com este modelo: os suff. — *éco*, — *óca*, — *uco*: *Mancco*, *Mincco*, *Zeca*, *boncco*, *soncca*, *Finoça*, *Ritoca*, *abelharuco*, *abejaruco*, *Tuca*.

— **ico**, — **a**, ← *īcum*, suff. atono, e, por isso, só apparece no dialecto litterario, prende-se a *themas nominacs* e fórma *adjectivo*: *saxonico*, *romanico*, *brasilico*, *italico*, *especifico*, *scientifico*, *famélico*, *ferrico*, *sympathico*, *egoistico* (cf. *egoista*), *atheistico* (cf. *atheista*), *capríco*.

— **ático** e **agem** ← *aticum*, fórma erudita, composta de *at*+*ico*: *selvatico*, *viatico*, *erratico*. No dialecto popular, — *aticum* deu — *agem*: *selvagem* (← *selvaticum*), *viagem* (← *viaticum*), *ramagem*, *romagem* (cf. *romaria*), *menagem*, *dosagem*.

— **éolo** — **iolo** ← *eolum* — *iolum* (lat. *areōla*, *faseōlum*, *foliolum*, *gloriolum* suff. erudito, com valor *diminutivo*, proparoxytono: *capréolo*, *nucléolo*, *vitriolo*, *alvéolo*, *gloriola*.

Na b. lat. desloca-se o acento de alguns vocabulos, como — *linteólum* → *lençol*, *lusciniólum* → *rouxinol*, *foliolus* → *filhó*, *aviolus* → *avó*, *tertiólus* → *terçó*. Sob a fórma feminina — *cola* é geral a deslocação: *aldeóla*, *gaióla*, *creangóla*, *graçóla*, *passaróla*, *gubóla*, *farçóla*, *rapazóla*.

— O suff. nestas palavras é antes *depreciativo* que *diminutivo*.

— **vel** ← *bil* ← *bilem* (—*avel*, —*ivel*, —*ovel*, —*uvel* — *amavel*, *punivel*, *movel*, *soluvel*), suff. *adject.*, que communmente se prende a *themas verbaes*, precedido das vogaes *a*, *i*, *o*, *u*, que, em regra, correspondem á vogal *thematica* da conjugação latina:

- *avel*: *amavel*, *prestavel*, *palpavel*.
- *ivel*: *vendível*, *temível*, *punivel*, *passível*.
- *ovel*: *movel*, *inmovel*.
- *uvel*: *soluvel*, *voluvel*.

A fórma — *avel*, que no francez (—*able*) invadiu as outras conjugações, teve em portuguez semelhante tendencia, dahi — *ven-*

davel ao lado de *vendivel*, *solvavel* ao lado de *soluvel*, e *solvivel*. — Em fr. o suff. —*able* pôde-se prender a themas nominaes, como — *charitable*, *veritable*, *viable*. Deste ultimo nos veio *viavel*, que A. Coelho imagina oriundo de *vivable* ou de *vilae habilis*.

Em lat. o suff. —*bilis* forma adj. que exprime uma possibilidade *activa* ou *passiva*; assim *formidabilis* significa o que é apto para amedrontar ou ser amedrontado, *favorabilis*, o que pôde favorecer ou ser favorecido.

O portuguez guarda os dois aspectos significativos, p. ex.: *peessoa responsavel*, pess. que responde, sentido *activo*; *homem temivel*, hom. que é temido, sentido *passivo*. Em geral tem sentido *activo* os oriundos de verbos intransitivos — *perceivel*, *cabivel*, *sensivel*, *possivel*. O sentido *passivo* é a regra nos derivados de verbos transitivos: *amavel*, *estimavel*, *tractavel*, *punivel*, *vendavel* e *vendivel*.

— **oso, a**, ← — *osum*, — *am*, suff. que de themas substantivos forma adj., que exprime posse ou abundancia da idéa do thema: *famoso*, *amoroso*, *estudioso* (*studium*), *bonançoso*, *perigoso*, *difficulloso* (*difficulus*), *caridoso* (fôrma contracta de *caridadoso*), *bondoso* (*bondadoso*), *temeroso*, *medroso* (= *medoroso*, fôrma analogica de *temeroso*), *asqueroso* (por *ascoso*), fôrma analogica, como a antecedente.

— **udo, a** ← — *uto*, **a** ← — *utum*, — *am*, suff. do lat. pop., formativo de adj., que exprime desenvolvimento particuliar de uma qualidade expressa pelo thema; a fôrma —*ulo* é erudita, e a —*udo* popular: *astulo*, *cornulo*, *hirsulo*, *matulo*, — *narigudo* (*nasutus*), *orclhudo*, *cabeçudo*, *pelludo*, *campanudo*, *cârnuudo*, *barri-gudo*, *carrancudo*, *façanhudo*, *beicudo*, *trombudo*, *cabelludo*, *topctudo*, *gordalhudo*, *gordanchudo*. Tem, em geral, sentido pejorativo.

— **ão**, — **ã**, — **ano**, — **ana** ← — *anum*, — *anam*. Suff. que fôrma:

a) ADJECT., que indica relação de *localidade*, *peessoa*, etc.: as fôrmas divergentes — *ão* e — *ano*, esta erudita e aquella popular, formam adj. gentilleos e patrios: *romão* e *romã* (arch.), hoje *romano* e *romana*, *egyptião* (arch. por *egyptano*, *egyptelo*), *alle-mão*, *ã*, *bretão*, *ã*, *pagão*, *ã*, *villão*, *ã*, *beirão*, *oa*, *italiano*, *a*, *prussiano*, *a*, *alagoano*, *a*, *alemtejano*, *a*, *herodiano*, *lutherano*, *agostiniano*, *vergiliano*, *horaciano*, *herculano*, — *leviano*, *ufano*, *serrano*, *humano*, *mundano*.

b) SUBST.: *cidadão*, *capellão*, *castellão*, *decano*, *paisano*, *pantano* (de *palla* = charco).

— **ão**, — **ião** — **ionem**, suff. subst. que não se deve confundir com —ão de —onem, nem com —ão de anum. No masculino assume a forma —ião: *campião*, *lampião*, (cf. *união*), e no feminino —ão (ç—ão): *lição* (*lectionem*, de *lectus*), *facção* (*factionem* de *factus*), *tradição* (*traditionem*, de *traditus*), *nutrição* (*nutritionem*, de *nutritus*), *oração* (*orationem*, de *oratus*), *punição*, *commoção*, *solução*, *perdição* (cf. *percussão*, de *percussionem*), *tradução*.

Dest'arte formou-se o suff. vernaculo —ção (ç—ão), que, unido a themas verbaes, forma subst. abstracto, precedido das vogaes *a, i, o, u*, correspondentes aos respectivos verbos latinos —acção, *transacção*, *formação*, *partição*, *vendição*, *promoção*, *revolução*, *evolução*.

— **ez**, (=ês) ← cse ← ense ← ensem, suff. que se prende, em geral, a nomes de cidades e paizes, ou localidades, para indicar seus habitantes; na dupla forma—ez (pop.) e—ense (erud.): *portuguez* (=ês), *francez*, *javanez*, *chinez*, — *atheniense*, *braguez* e *bracarense*, *parizicense*, *brasiliense* e *brasileense*, *montez*, *cortez*, e os subst. *burguez*, *marquez*, *arnez* (*harnez*).

— **ilho**, — **a** ← iculum, — *am*, com *i* e *ĩ* deu-nos subst. diminutivo em — *ilho* e *elho*, além da forma erudita em — *icula*: *cabecilha*, *cintilho*, *cartilha*, *mantilha*, *peitilho* — *folhelho*, *fedelho*, *rapazelho*, — *pellicula*, *particula*.

— **co**, **io** ← ium, — *eum*, suff. adj.; o suff. — *eo* indica a materia de que alguma cousa é feita, e só subsistiu no dialecto literario: *aureo*, *argenteo*, *plumbeo*, *marmoreo*, *ferreo*, *eburneo*, *arborneo*, *gramineo*, *vitreo*.

Com o suff. — *ium* → *io*, temos do lat. muitos subst.: *naufragio*, *estipendio*, *convencio*, *assassinio*, *adulterio*, *demonio*, *vestigio*.

— **el** ← cillo, — *a* ← cillum, — *am*, suff. que apresenta, ás vezes, a forma — *illum* → *illo*, e que tem frequentemente valor diminutivo: *cordel*, *portello*, *tabella*, *mamillo*, *codicillo*.

Muitos, porém, desses derivados deixaram a significação diminutiva: *martello* ou *martelo*, *vitello* ou *vitelo*, *scillo*, *sigillo*.

— **inho** e **im** ← ino, — *a*, ← inum, — *am*, suff. que, unido a themas nominaes, dá-nos subst. e adj.: *rotina*, *percalina*, *brilhantina*, *morphina*, *aconitina*, *collarinho*, — *alabastrino*, *diamantino*, *argentino*, *levantino*, *bovino*, *mofino*.

DIMINUTIVOS: *pequencino, pequenininho, menininho, garrafinha, — espadinha e espadim, festinha e festim, padrinho, delgadinho, bonitinho, lor-zinha.*

— **ito, — a — ete** ← *ittum*, suff. diminutivo da b. latinitude, que, modificando a vogal inicial, nos deu — *ato* e *ote*: *rapazito, rapazete, rapazote, rapagote, lobato, mulato, chibato, senhorita, joguete, libreto, lembrete, diabrete, Tote, Jovita, Chiquito, Carlito.*

— **simo** ← *timum*, suff. adj. superlativo, cuja forma original (—*timo*) ainda se mostra em *intimo, legitimo*; as formas — *simo, — limo, — rimo*, são assimiladas: *justíssimo, facillimo, integerrimo, humillimo, nigerimo, saluberrimo, miserimo.*

— **nte** (—*ante, — ente, — inte* ← *amante, movente, partinte*), é o suff. do part. presente latino, que, pela obliteração deste em port., tornou-se communmente suff. subst., que, unido a themas verbaes, indica o agente do faeto verbal do thema: *negociante, tractante, traficante, filante, vidente, agente, poente, depoente, intendente, presidente.* Não raro, porém, guarda seu valor de adj.: *fervente, commovente, vulnerante, paciente, constante, valente, percuciente.*

— **ndo** (—*ando, — endo, — indo*) *amando, movendo, partindo*, suff. que tem sua origem no *gerundio lat. (amandum)* e no *gerundivo* ou part. do futuro da passiva (*amandus, — a, — um*). Obliterado na conjug. portugueza o *gerundivo* latino, ficaram-nos delle alguns adject. e subst. com significação passiva: *venerando* (que deve ser venerado), *reverendo, despiciendo, execrando, colendo, miserando, doutorando* (que deve ser doutorado), *examinando, bacharelado, propaganda, offerenda, prebenda, fazenda* (aeto, o que deve ser feito arch.), *vivenda.*

— **engo** ← *ing.* (germ.). Entre os germanos tal suff. (—*ing*) formava especialmente os patronymicos, segundo nos informa M. Lübke, mas o hispano-portuguez delle derivou adjectivos: *flamengo, mulherengo, solarengo, monstrengo, avoengo, perrengue, judengo.*

Obs. O germanico deu-nos ainda o suff. *aldo* e *ardo* de nome proprio de pessoas: — *Reinaldo, Reginaldo, Menaldo, Oswaldo, Bernardo, Ricardo, Eduardo, Eberardo* (Eberhart). Este ultimo é o adj. *hart* = duro, que encontramos em alguns subst. appellativos: *bastardo, goliardo, galhardo, covarde, petardo.*

— **az, — azio, — aço, — a, — aceo** ← *accum, — am*; deus este suff. lat. uma forma quádrupla; a forma — *aceo* é erudita e só apparece no dialecto literario, como adjectivo: *sebaceo, gallinaceo, vinaceo, vinhaceo, setaceo, violaceo* (*chumaco* ← *plumacco*).

As outras fórmãs são *augmentativas*:

— *az*: *canaz*, *ladravaz*, *beberraz* (cf. *beberrão*), *capataz* (b. iat. *capitaceus* de *capito*=*capitão*), *machacaz*, *roaz*, *doudaz*, *linguáraz*.

— *azio*: *balazio*, *copazio*, *demonazio*.

— *aço*, *-a*: *cartapaço*, *mestraço*, *poetaço*, *bagaçõ*, *barcaça*, *barbaça*, *vidraça*, *carnaça*, *mulhreacha*, *vinhaça*, *estardalhaço*.

— **ismo**, suff. grego, incorporado no lexico romanico por influencia de Christianismo e largamente productivo; encerra a idéa abstracta de estado, frequentemente de systema relligioso, philosophico, scientifico, artistico e politico, com tendencia deprecativa em alguns casos, como — *commodismo*, *philosophismo*, *thcologismo*, *egoismo*, *militarismo*, *brasileirismo*, *lusitanismo*, *gallicismo* — *brilhantismo*, *baptismo*, *preciosismo*, *quictismo*, *caiporismo*, *pcssimismo*, *mentalismo*, *ophidismo*, *christianismo*, *paganismo*, *semanatismo*, *calvinismo*, *islamismo*, *theismo*, *confucianismo*, *epicurismo*, *sybaritismo*, *espinosismo*, *occultismo*, *isoterismo*, *estolecismo*, *monismo*, *dualismo*, *darwinismo*, *romantismo*, *indianismo*, *parnasianismo*, *monarchismo*, *republicanismo*, *liberalismo*, *conservatismo*, *capitalismo*, *communismo*.

— **ista**, suff. grego, que penetrou, como o antecedente, no dominio romanico, por intermedio do Christlanismo, e egualmente tornou-se mui productivo. Elle designa substantivos *concretos*, traz a idéa de *agente*, e corresponde, em geral, ao suff. — *ismo*: *egoismo* e *egoista*, *deismo* e *deista*, *epicurismo* e *epicurista*. Este *parallelismo*, porém, nem sempre se dá, p. ex.: *Christianismo* e *christão*, *arianismo* e *ariano*, *caiporismo* e *caipora*. — E, *vice-versa*: *cambista* e *cambio*, *dentista* e *odontologia*, *jurista* e *jurisprudencia*. Em *naturalismo* e *naturalista*, a correspondencia é meramente *morphologica*.

Commodista, *separalista*, *comtista*, *scientista*, *arlista*, *mutualista*, *romanista*, *theista*, *fumista*, *fatalista*, *cartista*, *militarista*, *phantasista*, *espiritista*, *monista*, *dualista*, *ducllista*, *bonapartista*, *apologista*, *oculista*, *epicurista*, *monarchista*, *capitalista*, *occultista*, *comunista*, *diarista*.

295. II. SUFFIXOS VERBAES. A derivação pôde ser *simples* ou *complexa*.

a) *Simples* é a derivação que se faz exclusivamente por meio do suff. da respectiva conjugação, como de *fumo*, *fumar*, de *ronco*, *roncar*, de *gralha*, *gralhar*, de *baixo*, *baixar*.

b) *Complexa* é a derivação em que entre o thema e a desinencia se intercala suff., quē dá ao verbo sentido particular, como *fore-ej-ar*, *flor-ese-er*, *bapt-iz-ar*, *salt-it-ar*, *salt-e-ar*.

- **ejar** (*ej+ar*) \rightsquigarrow **ear** = (*e+ar*): suff. augmentativo, de *spanar spanejar*, de *viço vicejar*, de *cabra cabrejar*, de *corvo corvejar*, de *bravo bravejar*, de *mouro mourejar*, de *pestana pestanejar*, de *estalo estalejar*, de *estrondo estrondar*, de *serpente serpentejar*, de *claro clarejar*.
- **escer** (*sc+er*) — **ecer** (*ec+er*) suf. inchoativo: *florescer*, *envelhecer*, *alvorcer*, *embravecer*, *esclarecer*, *enraivec-er*, *endoucer*.
- **icar** (*ic+ar*), — **inhar** (*inh+ar*), — **itar** (*it+ar*), — suff. diminutivos: *adocicar*, *bebericar*, *depennicar*, *namor-icar*, *tremelicar*, — *choviscar*, *lambiscar*, *namoriscar*, *saltarinhar*, *cuspinhar*, *escoucinar*, — *saltitar*, *dormitar*.
- **izar** (*iz+ar*), suff. gr. frequentat: *baptizar*, *organizar*, *civilizar*, *amenizar*, *latinizar*, *grecizar*, *hellénizar*, *judai-izar*, *germanizar*, *tantalizar*, *catechizar*, *patrizar* (cf. *patrissar*), *escravizar*, *electrizar*, (cf. *pecisar*, de *preciso*, *divisar*, de *divisa*, *electrolysar*, de *electrolyse*).

296. III. SUFFIXO ADVERBIAL. Só existe o suff. — *mente*, que de subst. femin. com a significação de *mente*, *maneira*, como ainda se vê na locuç. adverbial — *de boa mente*, passou a suff. adv. pela juxtaposição a seu adj.: *justa mente*=*justamente*, *sabia mente*=*sabiamente*, *digna-mente*=*dignamente*. Na concordancia primitiva do adj. apposto a seu subst., temos o motivo por que se toma a flexão feminina na formação desses adv. de modo. Dos adject., porém, em *ez* e *ol*, toma-se a fórma masculina, por terem sido genericamente uniformes na época da formação desses adv.: — *portuguezmente*, *franeezmente*, *inglezmente*, *hespanholmente*.

Derivação impropria

297. O processo da *derivação impropria* consiste na mudança de sentido de uma palavra pela mudança de sua categoria grammatical, sem qualquer alteração morphica.

As categorias grammaticaes estão sujeitas a estas permutas, que, accidentaes ou permanentes, facilitam sobremaneira a expressão das idéas.

E' assim que por *derivação impropria*, se formam:

1.º SUBSTANTIVOS:

a) De *substantivos appellativos* derivam-se subst. *proprios*; é o que Whitney chama a *partieularização do geral*: *Carvalho, Innocencia, Raposo, Prado, Porto, Bahia, Estados-Unidos*.

Deste processo nasceram primitivamente os nomes *proprios*: *Adão=homem; Eva=vida; Abrahão= pae de grande multidão; Isaac=riso; Jacob=suplantador; Esther=estrella; Debora=abelha*.

b) De *proprios* derivam-se appellativos, é o que Whitney denomina a *generalização do particular*: *havana* (de Havana, cidade), *damasco* (panno, de Damasco, cidade), *porto* (vinho, do Porto, cidade), *lazaro* (Lazaro, nome do doente da Parabola), *bengala* (Bengala, prov. da India), *hereules* (Hereules, heroe fabuloso), *os Vergilios* (poetas como Vergilio), *os Viciras* (escriptores como Vieira).

E' este um processo semantico de larga applicação.

c) De adjectivo deriva-se substantivo appellativo, é o que se chama a *substantivação* do adjectivo, processo frequente na evolução da lingua, como no uso actual: *o negociante, o presidente, a corrente, o maneebo* (frequentemente adject. no v. port. — a gente maneeba), *o jornal, os moveis, o substantivo* (nomen substantivum), *o adjectivo* (nomen adjectivum), *o seu e o meu, o caudal, o radical, o capital, o moral*.

Esta substantivação do adject. opera-se, em regra, no masculino. Todavia, quando o uso suggere claramente o subst. feminino subentendido, guarda-se esse genero: *a capital* (cidade), *a pastoral* (carta), *a cathedral* (sé), *a deeretal* (carta), *a moral* (philosophia).

d) De *pronomes*: *o eu* (em mim ha dois *eus*), *o tudo, o nada, um quê* (*um quê* que não me agrada), *o nós e o vós* substituiram o *eu* e o *tu*.

e) De verbos: o *fallar*, o *poder*, os *haveres*, os *comes e bebes*, o *recibo*, o *accordo*, a *venda*, o *combate*, o *feito*, o *producto*, os *considerandos*, os *provarás*, a *fazenda*, o *doutorando*, o *examinando*.

c) De advérbios: o *sim*, o *não*, o *além*, o *talvez*.

f) De preposição: os *prós* e os *contras*, o *por* e o *para*, o *com* e o *sem*.

g) De conjunção: os *porquês*, o *mas* e o *porém*, o *quando*, o *senão*, os *senões*.

h) De interjeição: os *ais*, os *vivas* e os *bravos*, o *aqui-del-rei*.

2.º ADJECTIVOS:

a) De *substantivos* derivam-se adjectivos: *sengo* (archaico=sábio) de *Seneca*, mar *oceano* (v. port.), tempo *bonança*, homem *prodigio*, menino *homem*, arvore *gigante*, moço *guerreiro*, *guerreiro moço*, chapéu *monstro*.

b) De advérbios: a vida *além*, a existencia *aqui*, a vida *assim*. São adv. com função de adject.

3.º ADVERBIOS DE ADJECTIVOS: *fallar baixo*, *cantar alto*, *ver claro*, *amar muito*, *comer pouco*.

4.º PREPOSIÇÕES de adjectivos: *conforme*, *segundo*, *durante*, *consoante*, *excepto*.

5.º CONJUNÇÕES:

a) de adjectivos: *conforme*, *segundo*, *consoante*;

b) de verbos: *quer... quer*, *seja que... seja que*;

c) de advérbios: *apenas*, *mal*, *logo*, *ora*, *agora*.

6.º INTERJEIÇÃO de *substantivo*, *adjectivo*, *pronomie*, *verbo*, *adverbio*: *piedade!* *bravo!* *qual!* *qual o quê!* *avante!*

Composição

298. COMPOSIÇÃO E OS ELEMENTOS COMPONENTES.

Composição é o processo pelo qual se formam palavras novas pela união de dois ou mais elementos, que se fun-



dem na representação de uma imagem unica, como *couve-flor*. A analyse, porém, discrimina dois elementos, um dos quaes contém a idéa principal ou modificada, e o outro ou outros, a idéa secundaria ou modificadora, p. ex.: *refazer* (re+fazer), *couve-flor*, *aguardente* (agua+ardente).

Ha, pois, em todo o composto um elemento principal, que contém, a idéa *generica*, e se chama o *determinado*, e um ou mais elementos accessorios, secundarios ou modificadores, que contem a idéa *especifica*, e se chama o *determinante*; assim em — *refazer*, *couve-flor*, *aguardente*, os elementos — *fazer*, *couve*, *agua*, são os elementos principais ou *determinados*, e os elementos — *re*, *flor*, *ardente*, são os elementos modificadores ou *determinantes*. Os primeiros encerram o conceito de *genero*, a idéa *geral* ou *generica*, que é restringida ou determinada pelos ultimos, que encerram o conceito de *especie*, a idéa *particular* ou *especifica*.

No processo *compositivo*, como no *derivativo*, revela-se o caracter genial da lingua portugueza, o seu mecanismo intimo, sua riqueza e plasticidade, com que leva vantagem á propria lingua-mãe.

299. POSIÇÃO DO DETERMINADO E DO DETERMINANTE. A posição do elemento determinado em relação ao determinante dá logar a dois typos de palavras compostas: o typo *synthetico* e o typo *analytico*.

No typo *synthetico* o determinante precede ao determinado, a ordem dos termos é inversa, é o typo classico, das linguas antigas, p. ex.: *mãe-patria*, onde *patria* é o determinado e *mãe* o determinante.

No typo *analytico* succede o contrario, o determinado precede ao determinante, a ordem dos termos é directa, pois segue a ordem logica das idéas, é o typo das modernas linguas neo-latinas, p. ex.: *escola-modelo*, onde *escola* é o determinado e *modelo* é o determinante.

O primeiro typo está de harmonia com o synthetismo das linguas antigas — o *latim* e o *grego*; e o segundo obedece ao analytismo das linguas romanieas.

Assim nos compostos gregos é geral a precedencia de determinante: — *Acropolis* (Aero=alto, polis=cidade), *ichthyophago* (iehthy=peixe, phago=comer), *architecto*.



O mesmo acontece nos compostos latinos: *senatus-consultus*, *plebiscito*, *jurisprudencia*.

O inglez e o allemão seguem esta corrente synthetica na composição de suas palavras.

São estes os typos geraes, que extremam o genio das linguas modernas. Entretanto, se bem que raros, existem typos syntheticos na composição vernacula, como p. ex.: *preamar*, *livre-pensador*, *mãe-patria*, *varapau*. Igualmente existem typos analyticos nos compostos classicos do grego e do latim.

300. **RELAÇÃO DO DETERMINANTE COM O DETERMINADO.** O determinante pôde estar para com o determinado em relação de *coordenação* ou de *subordinação*, que são os dois modos geraes por que as palavras se combinam na phrase; assim os compostos, quanto á relação dos elementos componentes, são de duas especies: compostos por *coordenação* e compostos por *subordinação*.

301. **COMPOSTOS POR COORDENAÇÃO.** Os termos compostos por *coordenação* ou *concordancia* são os em que o elemento determinante ou secundario se acha coordenado ou apposto ao determinado ou principal, sendo um adjectivo ou substantivo apposto. Exs.:

a) *Determinante adjectivo:*

Amor—perfeito	Baixa—mar	Senso—commum
Livre—pensador	Banca—rota	Fogo—fatuoso
Canto—chão	Clara—bola	Gata—borralheira
Sangue—frio	Bom—senso	Cabra—cega

b) *Determinante substantivo:*

Papel—moeda	Madre—silva	Lingua—mãe
Couve—flor	Vara—pau	Redactor—chefe
Mãe—patria	Lobis—homem	Ferro—via
Madre—perola	Gomma—lacca	Carta—bilhete

Estes ultimos são compostos *ellipticos*, pois se formam de uma *ellipse espontanea*, e encerram mais idéas do que as expressas pelas palavras: *papel-moeda* = *papel que tem o valor de moeda*, *couve-flor* = *couve que tem a fórma de uma flor*.

302. COMPOSTOS POR SUBORDINAÇÃO. Os termos compostos por *subordinação* ou *dependência* são os em que o elemento determinante está subordinado ao determinado, em relação complementar, regido de ordinario da prep. de elara ou latente. Exs.:

Terremoto=moto de terra, beira-mar=beira do mar, quartel-mestre=mestre de quartel, mestre-sala=mestre de sala, mappa mundi=mappa do mundo, agricultura=cultura do campo, apicultura=cultura da abelha, cleptomania=mania de furto, fidedigno=digno de fé, semoventes=movente por si, mestre-de-obra, bico-de-papagaio, pé-de-gallinha, alma-de-gato.

303. Os compostos por *particulas adverbias* ou *prefixos* e os compostos por *locução verbal*, que mais adiante estudaremos, são compostos por *subordinação*, visto que essas particulas e os elementos aggregados aos verbos são elementos subordinados ou modificadores, como: *bemfeitor*, *bota-fóra*, *papa-jantares*.

304. GENERO DO COMPOSTO. O *genero* do composto é regulado pelo determinado, que é o elemento principal, cujo conceito proeminente absorve a idéa secundaria ou modificadora, e se esse elemento principal é um verbo, dá-se-lhe o genero maseulino, p. ex.: o *mestre-escola*, o *terremoto* (o *terramoto*, A. V.), a *cosmographia*, o *varapau*, o *pontapé* (o *ponta-pé*=o *pé em ponta*?) o *colera-morbo*, o *pisa-mansinho*.

305. NUMERO DO COMPOSTO. O plural do composto depende da natureza dos elementos componentes (Vid. Gr. Ex., C. Sup., 157).

306. PROCESSOS DE COMPOSIÇÃO. Trez são os processos de composição: *prefixação*, *justaposição*, *agglutinação*.

I. Prefixação

307. *Prefixos* são particulas adverbias, que se antepõem ao *thema*, ajunetando-lhe uma idéa accessoria ou modificadora. Sendo particulas adverbias, isto é, adverbios e preposições, os *prefixos* tem sentido mais definido que os *suffixos*, e constituem sempre o elemento *determinante* do composto; de sorte que os compostos por *prefixação* pertencem ao typo *synthetico* ou á composição classica das linguas antigas. Além disso, sendo essas particulas prefi-



xas modificadores adverbias, pertence o composto ao typo de *subordinação*.

308. A uma palavra já composta por prefixação pôde-se ainda acrescentar segundo e terceiro prefixo, dando-nos um composto em 1.º, 2.º e 3.º grau, p. ex.: *com+pôr*, *de+com+pôr*, *in+de+com+pôr*.

309. A maior parte dos compostos por prefixos recebem-los do lat., e de muitos não recebeu o portuguez a forma simples, p. ex.: *coser* ← *com+suere*, *rc+pellir* (lat. *re+pellere*), *impellir*, *compellir*, *propellir*, *con=vergir* (*con+vergere*), *immergir*, *emergir*, *re+trahir* (lat. *re+trahere*), *contrahir*, *detrahir*, *resumir* (lat. *sumere=to-mar*); *im+plicar* (lat. *plicare=dobrar*), *replicar*, *duplicar*, *treplicar*, *quadruplicar*.

310. Dá-se, por vezes, a synonymia de prefixos, phenomeno analogo ao que observámos com os suffixos: *sobpor* e *sotopor*, *exorbitar* e *seduzir*, *degradar* e *exilar*, *inquieta* e *dêscuidado*.

311. De vez em quando se observa a *polyonymia*, phenomeno opposto ao antecedente, em que o mesmo prefixo apresenta significações varias, p. ex.: *desfazer* e *desmudar*, *imprudente*, *immigrante*, *incorporante*.

312. O mesmo prefixo, como acontece com os suffixos, apresenta a miudo fórmulas *divergentes* ou *duplas*, ordinariamente uma *erudita* e outra *popular*: *sobpor*, *suppor* e *socapa*, *superpor* e *sobrepôr*, *beneficencia* e *bemfazer*.

313. Alguns desses prefixos são meramente de uso erudito e outros de uso popular. Os prefixos gregos e os latinos não modificados são de uso erudito, e só empregados nos compostos do dialecto literario: gr. *accephalo*, *analphabeto*, *epigraphe*, lat. *superpor*, *sotopor*, *supradieto*.

314. CLASSIFICAÇÃO DOS PREFIXOS. Os prefixos podem-se classificar quanto ao *valor*, *uso* e *origem*.

1. Quanto ao seu *valor* significativo o prefixo pôde ser *expletivo* e *inexpletivo*.

a) *Expletivo* é o prefixo que não traz ao thema nenhuma idéa, como o pref. *a*, *em*, nos seguintes vocabulos: *alevantar=levantar*, *acurvar* e *eneurvar=curvar*.



b) *Inexpletivo* é o prefixo que traz ao thema ou á palavra simples uma idéa accessoria, como *a*, *em* e *re* em — *aversão*, *entornar*, *reformatar*.

2. Quanto ao uso, o prefixo pôde ser *separavel* e *inseparavel*.

a) *Separavel* é o prefixo que tambem se emprega como particula separavel ou independente na phrase, como os prefixos *com*, *em*, *bem* (*compor*, *embarcar*, *bemdizer*).

b) *Inseparavel* é o prefixo que só apparece em composição, como, p. ex.: *in*, *re*, *circum*, *soto* (*impor*, *repor*, *circundar*, *sotopor*).

315. Quanto á *origem*, os prefixos são *latinos* e *gregos*.

316. **LATINOS.** *Latinos* de origem são todos os prefixos, que pertencem realmente ao fundo da lingua, pois os prefixos gregos, sobre serem de uso literario, só se ajunetam, em regra, a palavras gregas.

Porém grande numero de prefixos latinos apresentam, ao lado da forma latina, formas *vernaculas*, que são as latinias modificadas. A seguinte lista nos dá os pref. lat. com as respectivas formas *vernaculas*, advertindo-se que as não modificadas são simultaneamente latinias e vernaculas.

F. LAT.	F. VERN.	F. LAT.	F. VERN.
ad	a	pene	pene
ab	a	per	per
abs	abs	pre	pre
ante	ante	pro	pro
ambi	ambi	preter	preter
bene	bem	post	pos
bis	bis	re	re
circum, circun	circum, circu	retro	retro
cum (com)	com (cum)	se	se
de	de	sine	sem
dis, di	dis, di	semi	semi
des	des	sub	sob, so
ex, es, e	ex, es, e	super	sobre
extra	extra	supra	supra
in	em	subtus	soto
inter	entre	sursum	sussum
intro	intro	trans	tras, tra
juxta	juxta	tris, tri	tres
male	mal	ultra	ultra
ob	ob	vice	vice (vizo arc.)

317. GREGOS. *Gregos* são os prefixos que, em geral, nos vieram, por via erudita, da lingua grega, restringindo-se o seu emprego ás palavras dessa origem. Damos a seguir a lista delles:

a, an	dia	ambi	para
amphi	dys	hemi	peri
ana	epl	hyper	pro
anti	eu, ev	hypo	pros
apo, ap	en	meta	syn
cata (kata)			

318. Os prefixos são particulas adverbias, cuja função original é, na sua maioria, determinar a posição e o movimento no espaço. Deste sentido original evoluíram muitas outras relações. Estudá-las em grupos ideologicos, segundo a analogia de suas funções, é fazer delles um estudo comparativo muito mais fecundo, que o seu estudo insulado em lista alphabetica, como se faz geralmente.

1. *Prefixos* que encerram a idéa de *apartamento, separação, procedencia*:

a \rightarrow ab — abs — : aversão, abjurar, abster.

de — : depor, deposição, depolmento, deportar, deportação, demittir, demissão, demissoria, demissivel, degradar, degradação.

dis — : discordar, discordancia, dissolver, dissolução, dissolvel, discriminar, discriminação, disrimen, discriminal, dispensar, dispensatorio, dispensativo, difficil, (dis + facil), differente (dis + ferente), diffundir (dis + fundir), diffusão, diffusivo, divergir (dis + vergir), divergenela, diversão.

ex —, es —, e — : exorbitar, exonerar, exoneração, expandir, expandir, expansão, êxito, expectorar, expectoração, expor, exposição, expropriar, expugnação, expulsar, expurgir, extorquir, extorsão, extirpar, extinguir, extender (estender), ex-presidente, ex-deputado — escorrer, espalmar, estirar, esbater, esbandalhar, esbandulhar, esbarrigar, esbagoar, esbarbar — emigrar, emanar, emergir, emancipar, emittir, emissão, emissario, emissivo, emissor.

se — : seduzir, seducção, seductor, segregar, selecção, selecto, selectar, secessão, separar, separação.

apo —, ap — (grego) : apogeu, apostolo, apostasia, apostropho, apostrophe, apoealypse, aphello, apherese.

2. *Prefixos que encerram a idéa de aproximação, proximidade ou tendência:*

a: —: avocar (←~~advocare~~ advocare, (cf. advogar), averbar, averbação, alinhar, avizinhar, abordar, abordagem, acerear (cercar), aeurvar (eurvar), ajunetar (junetar).

ad — (latino): advogar (←~~advocare~~ advocare), advogado (arch. avogado), adherir, adesão, adjuneto, adjectivo, adquerir, (aequerir, aquisição), addição, addicionar, admirar, agravar (ad + gravare), approximar (ad + proximare), aggregar (ad + gregare), apprender (ad + prendere), aeusar, affecto, affecto, affirmar, alludir, annexo, approvar, arrimar, at-tender.

juxta — (latino): juxtapor, juxtaposição, juxtallnear, juxta-fluvial.

quasi — quasi-contracto, quasi-delicto, quasímodo.

Pene — (latino): península (quasi-ilha), peninsular, penumbra, penúltimo.

para — (grego) paranympo, paracléto, paráclito, paraphraste, paraphrastico, paradigma, paraphernacs.

3. *Prefixos que encerram a idéa de movimento para fóra:*

extra — (latino): extraordinario, extravagante, extravagar, extravasar, extraviar, extravio, extranumeral, extranormal, extramuros, extramundano, extrajudiciario.

ex —, **ec** — (grego) êxodo, êxtase, exegése, exophthalmia, cellpse, eelectico.

exo — (grego) exoterico, exoterismo, exosmóse, exostemma, exotheea, exorrhizo.

4. *Prefixos que encerram a idéa de tendência, movimento para dentro:*

en —, **em** — (vernaculo), entronizar, engarrafar, entapetar, entapizar (tapizar), entalar-se, entallsear-se, entancar, entalhar, ensopar, ensilvar — embainhar, emmalhar, emmalhar, empoçar, empossar, emparedar.

in —, **im** (latino): inuudar, injectar, incorrer, infiltrar, infiltração, — immergir, immigrar, immigrante, im-migração, imprimir, impressão, imprensa.

intro —, **intra** — (latim) intrometter, introdução, intro-missão, introito, introspectivo, introversão, — in-trafollo, intramarginal, intramedullar, intramuros, intramuscular.



en —, em — (grego): encyclicia, entusiasmo, energúmeno, energia, emphase, emphatico, emphatismo, embryão, emblema.

endo — (grego): endocephalo, endosmóse, endoseopio, endocranio, endoearpo, endocardio.

5. *Prefixos que encerram a idéa de um movimento através:*

per —: percorrer, perfurar, perpassar, permear, perdurar, pernoitar, perambular, perlustrar, perserutar, perrenne (per+annum), perfumar (cf. perfazer, perjurar).

dia — (grego): diagonal, diametro, diaphano, diagnostico, diaphragma, diáphora, diástase, diástole, diaphorése, diáphonia, diapnoico.

Obs. Per tem ainda, em composição dois valores: a) de perfeição, augmento, intensidade — *perfazer, perfeito, perdurar, perseguir, perturbar*; b) pejorativo — *perder* (=per+dar), *perverter, perverso, perfíão, perjurar*. — Conjectura Bréal, para explicar sentidos tão diversos, ter havido amálgama de duas ou mais particulas latinas neste prefixo.

6. *Prefixos que encerram a idéa de um movimento para deante:*

pro — (latim): progredir, progresso, profluir, prover, providencia, protrahir, prosternar, prolongar, proerastinar, produzir, procurar (cf. proconsul, pronome, pro=vice), proeminencia.

pros — (grego): prosélyto (o que vem para, um converso), prosodia, prosthese, prosthetico.

7. *Prefixos que encerram a idéa de posição anterior:*

ante — (vernaulo): antepor, anteposição, anteeder, anteedeneia, antedata, antediluviano, antesala.

pre — (latim): prepor, preposição, prever, providencia, predizer, predominar, preambulo, preponderar, preeminencia, prepotencia.

pro — (grego): prólogo, pródromo, programma, prolegómeos, prognotho, prophylactico, problema, prothese, próstata.

8. *Prefixos que encerram a idéa de posição posterior:*

post —, pos — (latim): posthumo, posteridade, pospor, posposição, posponto, (vulg. pêsposito), pospontar, (vulg. pespontar), postergar, posterio (areh.), postumeiro (areh.)



meta — (grego): metaphysica, metamorphose, metaphraste, methodo (meta+hodo), metonymia.

9. *Prefixos que encerram a idéa de posição fronteira, opposição, proximidade:*

contra —, **contro** —: contrapor, contrabalançar, contradizer, contradansa, contracosta, contrafazer, contrafeitoço, contradicta, contramarca, contraabaixo, contra-almirante — controversia, controversista, controverter, controverso.

ob — (latim): objecto, objectar, objecção, oppor (ob=por), opposição, obstar, obstaculo, opprimir, objurgar, objurgatorio, offerecer (ob+ferecer), oblação, occorrer (ob+correr), obsidiar, observar, oppugnar, occasião (ob+casião), occaso (ob+caso), occidente (ob+cidente — de occidere).

anti —, **ant** — (grego): antidoto, antipathia, antinomia, antipoda, antithese, anti-papa, antichristo (anti+christo), antielercal, antagonista, antarectica (polo antarectico=opposto ao arectico), antiphrase.

10. *Prefixos que encerram a idéa de posição intermedia:*

entre — (vernaculo): entrelaçar, entrelinhar, entrever, entrevistar, entrechoçar, entresachar, entreabrir, entreacto, entrecasca, entrecosto, entretanto, entreduvida.

inter — (latim) — interpor, interposição, interromper, interrupção, interpollar, interpellar, interrogar, luterogação, intervaliar, intervenção, intervertebral.

11. *Prefixos que encerram a idéa de anterioridade em relação a um lugar:*

aquém — (vernaculo): aquem-tumulo, aquem-Téjo.

cis — (latim): cisalpino, cisplatino, cisgangetico, cisjurano, cismontano, cispadauo, cisatlantico.

12. *Prefixos que encerram a idéa de posterioridade ou excesso:*

além — (vernaculo): além-tumulo, além-eras, além-mar, além-mundo, além-Tejo, alémtejano, alemteção (arch.)

ultra — (latim): ultramar, ultramarino, ultramontano, ultramontanismo, ultraliberal, ultramonarchico, ultramundano, ultrapassar, ultrarealista, ultrasensível, ultrazodiacal, ultraparadoxal, ultraexistencia.

preter — (latim): preterir, pretérito, preterível, pretermittir, pretermissão, preternatural.

trans —, **tras** —, **tra** —, **tres** — (latim): transitar, transitivo, transir, transido, transito, transfuga, transfiguração, transumar, transumanar, transhumanacia, transgível, transgredir, transmalhar e tresmalhar, transmontano, trasmontano, transbordar e trasbordar, transformação, trasnoltar e tresnoitar, trasfegar e tresfegar, traspassar e trespassar, transpasso, trespasse e trespasso, trasladar, transmudar e trasmudar, tramontar, tramontana (=estrela polar, rumo, perder a tramontana), traduzir, tradução, tradição, tradlelonal, trajecto trajetoria, tresvariar, tresvarlo, tresier, tressuar, treslouear, tresfolgar e tresfolgar.

13. *Prefixos que encerram a idéa de movimento de retrogradação ou afastamento para traz:*

re — (latim): refugiar, refugio, retrahir, reprimir, repelliir, refutar, refutação, refutavel, refundir, renunciar, reduzir, revolver, refrear, revogação, refluxo, repercutir, remanescer, regressar, regresso, regressão, reação, reaccionario, reagir, reverter, reversivo, revelar (afastar o véo).

retro — (reta—retaguarda—latim): retroagir, retroactivo, retroceder, retrocessar, retrogradar, retrogradação, retrógrado, retroverter, retroversão, retroseguir.

14. *Prefixos que encerram a idéa de repetição e reforço:*

re —: refazer, reler, reformar, realçar, rebramar, recontar, rebuscar, recoher, rebater, reatar, rebalzar, re-sim e re-não (A. C.), revestir, revolução, revolver.

bis —, **bi** — (lat.=dualidade: bisavô, bisneto, bissecção, biscolto, bissexual, bissexto, bisannual (que succede de dois em dois annos), bimensal (de dois em dois mezes), bisemanal ou bissemanal, que se publica duas vezes por semana, biennio, bimestre, bisulco, bipede, bimano, binomio, binervo, bimembre, bigorna, bloxydo, biparl, bipartido, bipenne, bireme, bilingoe, bimar.

tris —, **tri** —, **tres** —, **tre** — (latino=triplificação): trisavô e tresavô, trisannual (que se realiza de trez em trez annos), triseccular, trisector, triseccção, tresdobrar, tresdobro, tresjurar e trejurar (*juro, refuro e trejuro*, A. C.), trepllear (*replica e treplica*).

dis — (gr=dualidade): dissyllabo, dilemma, distleco.



tris —, **tri** — (grego = triplicação): trismegisto, trisarchia, trisyllabo, triflogia, tripode, trigonometria, trlsticho, trlstoma.

15. *Prefixos que encerram a idéa de movimento circular:*


circum — (latino): circumferencia, circumloquio, circumscriver, circumdar, circumvallar, circumpolar, circumscripção, circuito (circum + ito).

ambi — (lat. = dualidade): ambiente, ambidextro, ambiguo, ambiguidade.

peri — (grego): peripheria, periphraze, perihelio, pericardio, perigeu, peripatetico, pericarpio, periodo.

amphi — (grego): amphitheatro, amphibio, amphibologia, amphiscios, amphibolia, amphidromia, amphithalamo.

16. *Prefixos que encerram a idéa de movimento para cima:*

sus — (latino — *subsum, sursum* ←  *sub + versum*): sustar, suster, suspender, suspeitar, suspirar, sustentar.

ana — (grego): analeptico, anasarca, aneurisma, anaphonése, anagramma.

17. *Prefixos que encerram a idéa de posição superior:*

sobre — (vernaculo): sobrepor, sobremesa, sobreviver, sobrehumano, sobretudo, sobrestar, sobrepujar, sobresalto, sobrenatural.

super — (latino): superpor, superlativo, superintendente, superlatender, superabundar, superexitar, supernatural, supercellio, supercellioso, supererogação, superfrívolo, superfluo, superflno, superprodução.

supra — (latino): supranatural, suprasummo, supraterraneo, suprarrenal, supranumerario, supradleto, supralapsario, suprajurassico.

hyper — (grego): hyperbólico, hyperbolismo, hypérbato, hyperbilbasmo, hyperborco, hyperchroma, hypercatalectico, hyperchiorato, hyperacidez, hyperacusia, hyperacusico, hyperalgesia, hypercritico, hypercrise, hyperdulfa, hypermetria, hyperemia, hypermnesia, hyperthese, hypersthenia, hyperdulfa.

epi — (grego): epigraphe, epitaphio, epithese, epistola, epistrophe, epístaxe (cs), epilogo, epiphraze, epiphonema, epiphania, epigramma, epiglote, epigastro, epigcnesia, epidemia, ephemero (epi + hemero), epicyclo.



archi —, **arci** — (grego): architecto, architriclino, archanjo, archipropheta, arcipreste, arcebispo, arcediágo.

18. *Prefixos que encerram a idéa de posição inferior:*

sob —, **so** — (vernaculo): sobpor, sobestar, sobgrave, sobnegar e sonegar, sobraçar (sob+braçar), socorrer (sob+correr), socapa (sob+capa), sopé (sob+pé), sorrir (sob+rir), soborda, soborralhar.

soto —, **sota** — (vernaculo): sotopor, sotocapita, soto-almirante, sotomestre, sotavento, sotaventar, sotapatrão, sotapioto e sotoplioto.

sub — (latino): subchefe, subdelegado, subalterno, subjunctivo, subcutaneo, subsolo, subjacente, subjugar, subtração, subtender, subentender, subterraneo, suburbio, suburbano, subversão, suppor (sub+por), supplantar (sub+plantar).

subter — (latino): subterfugio, subterfugoso, subterfugir, subterfluente.

hypo — (grego): hypogeu, hypothese, hypocrita, hypostase, hypocarpo, hypoalgesia, hypoacusia, hypocraniano, hypodermico, hypocondria.

19. *Prefixos que encerram a idéa de mediação:*

meio — (Vernaculo): meio-dia, meio-busto, meio-corpo.

semi — (latino): semicirculo, semicupio, semidouto, semitom, semifusa, semicocheia, semilunio, semilunar, semideus, semivogal, semimorto, semivivo.

hemi — (grego): hemispherio, hemicranaea, hemicyclo, hemistichio, hemiplegia.

20. *Prefixos que encerram a idéa de reunião, ajuntamento:*

com —, **con** —: combater, comparar, commemorar, commungar, communhão, comunidade, commover, commoção, contender, compadre, confrade, confraternizar, connexo, conferencia, convocar, convocação, cooperar (com+operar), coordenar, colaborar (com+laborar), corromper (com+romper).

syn —, **sym** —, **syl** —, **sy** — (grego): syntaxe, synodo, synthetizar, synchronismo, sympathy, symphonia, simbolo, symbolizar, syiaba, syllepse, syllogismo, syllogistico, systema.



21. *Prefixos que encerram a idéa de privação ou negação:*

menos — (vernaeuolo): menosprezo, menosprezar, meuseabo, menoseabar, menospreço, menospreciar.

in —, **im** (latino, anteposto a nomes): injusto, injustiça, inverídico, inverdade, inhabil, inhabilidade, innegavel, inhospito, independente, independência, (cf. independer), inimigo, inimizade (cf. inimistar), incapaz, incapacidade (cf. incapacitar), impertinente, imundo, inverosímil, invio, inviavel, impio, illegal, in+legal), illegítimo (in+legítimo), irregular (in+regular).

des —, **de** —: desfazer, desengauo, desenganar, desculpa, desculpar, desviar, despovoamento, despejar, desanear, descommunal, deshonesto, desleal, desiealdade, desagradavel, destruir (des+struir), dessimilar (des+similar), desavir, desunir, desunião, desmiolar, desmarear, desorden, desmemorar.

a —, **an** — (grego): acatholico, apétaia, aphonia, aphonico, aphasia, acephalia, aepsia, apyro, aptero, átono, atónleo, anervia, anesia, anarchia, anhydro (a—n+hydro), analphabeto, apathico.

22. *Prefixos que encerram a idéa de bom exito:*

bem — (vernaeuolo): bemdizer, bemquerer, bemquisto, bemaventurado, bento (← benedictum), bengam (← benedictionem), benzer (← benedicere).

bene — (latino): benevoencia, benemerencia, benemerito, benepiaeito.

eu —, **ev** — (grego): euphonia, euphono, euphoria, euphonismo, eurythmia, eueharistia, eupepsia, evangelho, evangellzar.

23. *Prefixos que encerram a idéa de mau exito:*

mal — (vernaeuolo): maldizer, maldizente, malquerer, malquisto, malfazer, malfazejo, malfetor, maldieção, malavindo, malferir, malferido, maltraetar, maltraetado (cf. mau traeto, malerear, malereado (cf. malereação).

dys — (grego): dyspepsia, dyspeptico, dysphonia, dystalia, dyspnéa, dyspnesico, dyssuria, dyscrasia, dislexia, dysenteria, dysphagia, dysphoria dysopla.



Juxtaposição

319. A composição por *juxtaposição* consiste na união de duas ou mais palavras para expressar uma só idéa ou objecto, conservando os elementos componentes sua integridade graphica e prosodia, p. ex.: *madresilva, mestre-escola, pé-de-vento, Carlos Magno, Ricardo Coração de Leão*.

Vê-se, por estes exemplos, que os elementos do composto por juxtaposição se unem de três maneiras: *a)* por *contacto* (*madresilva*); *b)* por *hyphen* (*mestre-escola*); *c)* por mero agrupamento (*pé-de-vento, Ricardo Coração de Leão*).

320. ORTHOGRAPHIA DOS COMPOSTOS. Ha uma certa indecisão orthographica quanto a esses modos de se prenderem os elementos componentes. Em geral, nos compostos de uso frequente, onde os elementos tendem a fundir-se num composto perfeito, dispensa-se o *hyphen*, p. ex.: *madresilva, pontapé, varapau, vacvem, guardanapo*.

Aquelles, porém, em que os dois elementos, já na pronuncia, já no espirito do povo, se conservam distinctos, são ligados por um *hyphen*, como — *guarda-ehuva, couve-flor, amor-perfeito, escola-modelo, papel-mocda, papa-figos*. Os que formam por grupos nominaes relacionados pela posição de ordinariamente, são com frequencia escriptos sem qualquer indieação orthographica: *chefe de secção, pé de vento, alma de gato, cabo de esquadra, bacharel em letras*, etc. Ha, porém, toda a conveniência para a clareza, que taes compostos sejam ligados pelo *hyphen*: *chefe-de-secção, pé-de-vento, cabo-de-esquadra, bacharel-em-letras*.

Execeptuar-se-ão as locuções substantivas proprias: *Vaseo Pires de Camões, Ricardo Coração de Leão, Mem de Sá, Estados Unidos da America do Norte* (cf. Estados-Unidos).

Egualmente é commum execeptuar os compostos eventuaes: *menino prodigio, nariz monstro, homem pedra*, e ás locuções adverbias (*de quando em quando*), as *prepositivas* (*além de*), as *conjunctivas* (*além de que*), as *interjectivas* (*ai de mim*, cf. *aquí-d'el-rei*), e as *adjectivas* (*vinete e quatro* (cf. *dezeses, dezenove*). A reforma orthographica portugueza, entretanto, reelama o *hyphen* para to-



dos esses casos, com excepção das locuções de nomes proprios de pessoas (*Pedro Alvares Cabral*).

321. NATUREZA DOS COMPOSTOS. Os compostos por juxtaposição podem ser de formação *popular* ou *erudita*.

Os compostos populares seguem, em regra, a corrente *analytica*, que, como já observamos, é o genio das linguas neo-latinas, e pospõe o elemento *determinante* ao *determinado*, como: *couve-flor*, *amor-perfeito*, *bico-de-papagaio*. Aparecem, entretanto, esporadicamente reincidencias ao *typo* antigo ou *synthetic*, como — *mãe-patria*, *clara-boia*, *varapau*, e, provavelmente, *ponta-pé* (*o pé em ponta*).

Os compostos eruditos, que, em regra, só apparecem na linguagem culta, seguem a corrente *synthetica*, que é o genio das linguas antigas, e antepõe o *determinante* ao *determinado*, como: *agricola*, *agricultura*, *photographia*, *tele-gramma*. Estes compostos eruditos pertencem a duas camadas: os tomados ao latim e ao grego classicos, e outros formados segundo o modelo daquelles.

Grande é a lista, no dialecto literario e na technologia seicntifica e artistica, desses *neologismos*, que desde o seculo da Renaseença tem avolumado consideravelmente o nosso lexico.

322. ORIGEM DOS COMPOSTOS POR JUXTAPOSIÇÃO. Quanto á origem podem os compostos por juxtaposição ser — *vernaculos* (*varapau*), *latinos* (*plebiscito*), e *gregos* (*philosophia*).

No seu processo formativo, em geral, o latim tem o primeiro elemento em *i* (*agri+cultura*), ás vezes em *u* (*usu+fructo*), e o grego em *o* (*photo+graphia*), e o mesmo acontece com alguns compostos vernaculos de fonte crudita (*luso+brasileiro*, *medico+cirurgieo*, *novo+latino* ou *novi+latino* e ainda *neo+latino*).

323. COMPOSIÇÃO VERNACULA. Os compostos vernaculos juxtapostos poderão ser distribuidos em duas grandes classes: os compostos por simples *agrupamento* e por *locuções*.

1. *Agrupamento*. Os compostos por simples agrupamento nominal formam-se de:

Subst.+subst.: pontapé, varapau, terremoto (A V. terramoto), maremoto, guardanapo, lengalenga, madre-

silva, ribatejo, madreperola, mãe-patria, mestre-escola, escola-modelo, mestre-sala, banho-maria, cirurgião-dentista, beira-mar, herva-mate, hortelã-plimenta, café-concerto, quartel-mestre, paletó-sacco, caxeiro-eiajante, areo-irls, peixe-espada, soe6-bol abelha-mestra.

Subst. + adject.: vangloria, cantoehão, ciarabola, gentilhomem, bom-senso, senso-commum, amor-perfeito, obra-prima, padre-nosso ou padrenosso, saivo-conducto, guarda-marinha, baixamar, preamar, baixo-relevo, herva-eldrelra, sangue-frio, café-cantante, estado-maior, João-bobo.

Adject. + adject.: surdo + mudo, medleco-cirurgico, novo-latino, luso-brasilleiro, dezolto, verde-negro, azul-claro.

Verbo + verbo: vaevem e vae-vem, ruge-ruge (pl. ruges-ruges), luze-luze (pyrllampo, pl. luzes-luzes), leva-traz, ganha-perde, es-não-és, ouvi-dizer.

324. 2. **Locução.** Os compostos por *locução* são formados por palavras que se agrupam em phrases, segundo as leis ordinarias da syntaxe, para expressarem uma idéa. São compostos por a) *locução nominal*, b) *verbal*, c) *adverbial*, d) *prepositiva*, e) *conjunctiva*, f) *interjectiva*.

a) *Locução nominal:* pé-de-vento, pé-de-gallinha, pé-de-moleque, pé-de-boi, pé-de-cabra, pé-de-chumbo, pé-de-alferes, cabeça-de-prego, cabeça-de-negro, unhas-de-fome (m. e f.), arco-da-velha, alma-de-gato, alma-de-mestre (Garrett, Cam. 254), alma-de-canto (Lus. 1. 91, vid. Figueiredo), Martim Affonso de Souza, America do Sul, João-de-bárro, vinte e quatro, duzentos e cincoenta e seis mil.

b) *Locução verbal.* Os compostos por *locuções* ou *phrases verbales*, dão-nos numerosos substantivos:

Busca-pé, bota-fóra, beija-flor, beija-mão, bota-abalxo, pica-pau, pinta-monos, pisa-mansinho, papajantares, papa-moscas, papa-figos, papa-terra, lambepratos, traga-mouros, chelra-dinheiro, esfola-gatos, escachia-pecegueiros, pinta-monos, porta-voz, porta-bandeira, para-ralos, para-queadas, para-peito, para-choque, tapa-vento, tapa-olhos, tapa-bocca, talha-mar, frege-moscas, tira-teimas, chupa-mel, cata-vento, salva-vidas, gyra-sol, saca-rolha, saca-trapo, espirra-canivetes, escalda-favaes, saltimbanco (lt. saltare = in-banco), bemtevi (bem-te-vi), valhacouto, viracasa-cas, viravolta, guarda-mão, guarda-roupa (m. e f.), guarda-portão, guarda-livros, guarda-louça, guarda-porta, guarda-voz, guarda-vesta (= pantalha = que-

bra-luz), guarda-chuva, guarda-sol, guarda-vento (ef. guarda-marinha), ganha-pão, quebra-voz, malmequer e malmequeres (ual-me-quer).

- c) *Locuções adverbiaes*: de vez em quando, de quando em quando, de tempos a tempos, de hora em hora, cada vez mais, ás claras, ás rebatinhas, á tripa forra, de longe em longé, de onde em onde; tim-tim por tim-tim, de cocaras, de gatinhas.
- d) *Locuções prepositivas*: além de, longe de, dentro de, dentro em, a ponto de, conforme a, por cima de, por entre, por sobre, para com, em vista de.
- e) *Locuções conjunctivas*: de modo que, além de que, no entanto, visto que, por quanto, com quanto, com tanto que, já que.
- f) *Locuções interjectivas*: ai de mim! aqui d'el rei! eia sus!

Obs. De phrases inteiras formam-se compostos, como, p. ex.: Ella é uma — *Maria-vae-com-as-outras*, e elle um — *Saneto Antoninho onde te porci* — *O bem-te-vi* (bemtevi), um *mal-me-quer* (malmequer).

Agglutinação

325. Os compostos por *agglutinação* são aquelles em que a juxtaposição é mais intima, e o primeiro elemento perde a sua autonomia prosodica, fundindo-se com o elemento seguinte pela modificação de sua desinencia, como se vê nos vocabulos seguintes:

Aguardente (=agua+ardente), vinagre (=vinu+agre), fidalgo (=filho de algo), manobrar (=manu+obrar), puxo-avante (=puxa+avante), petroleo (=petra+oleo), amaria (=amar+havia), manter (=manu+ter), manumittir, manutendir, manufacturar, manutenção, gastralgia, cycloide, hemorrhagia.

Alguns destes já nos vieram da época romana, como:

Ourives (=auri+fex), republica (=re+publica), agricola, manutergio, manustergio ou manistergio, cabisbaixo, agricultura, ouropel, usufructo.

326. Estes compostos são chamados *proprios* ou *perfeitos*, pois os elementos componentes se fundem de tal modo na pronuncia, que o todo composto se subordina a um só *accento tónico*, embora em muitos seja sensível, no primeiro elemento, a *subtónica* ou *accento secundario*, que é a sua tónica enfraquecida pela fusão: *púxavante*, *piñtalegrête*.

327. Em opposição a estes os outros são *imperfeitos*, *espúrios* ou *improprios*, pois cada elemento guarda sua integridade vocabular na pronuncia e graphia (*mestre-escola*, *varapau*, *mestre-de-cerimonia*), com excepção dos compostos por prefixação, que se incluem nos *perfeitos*.

Hybridismo

328. Devemos distinguir entre os compostos os *hybridos*, que são os compostos heterogeneos, cujos elementos procedem de linguas differentes, taes como — *monoculo*, que se compõe de *mon* (*monos*) grego, e *oculo* latino; *cipó-chumbo*, que se compõe de *cipó*, guarani, e *chumbo*, portu-guez.

329. O *hybridismo* (do gr. pelo lat. *hybridus*=*mestiço*) oppõe-se ás normas regulares de composição, que se deve effectuar com elementos homogeneos, tomados a uma mesma lingua; todavia muitos compostos *hybridos* já estão incorporados no lexico vernaculo. A's vczes, as composições hybridas servem de typo a formações grotescas e *depreciativas*, p. ex.: *verborrhagia*, *verborrhéa*, *bestialogia*.

Quando os elementos componentes são de largo uso na lingua, não repugna a sua combinação, embora heterogeneos: *centimetro*, *antisocial*.

330. Já pela razão acima dada, já pela necessidade, são correntes na literatura e na nomenclatura scientifica os seguintes *hybridos*:

Bigamo (*bi* lat., *gamo* greg.), areometro (*areo* lat., *metro* grego), decimetro (*deci* lat., *metro* grego), millimetro (*milli* lat.), pluviometro (*pluvi* lat.), spectroscopio (*spectro* lat., *scopio* grego), terminologia (*termino*, lat. *logia*, grego), mineralogia (*minera* lat.), alcoometro (*alcool* arabe), sociologia (*socio* lat., *logia* grego), sociocracia (*cracia* grego), burocracia (*bureau* fr.), galvanotypia (*galvano* lt., *typia* grego), oleographia (*oleo* lat., *graphia* grego), zincographia (*zinc* allem.).

Parasynthetismo

331. Na formação das palavras distinguem-se entre os *derivados* e *compostos* os *parasyntheticos*, que são as pala-



vras formadas pela synthese de prefixos e suffixos appostos a uma palavra radical, como — *enlaçar*=*en*+*laço*+*ar*, *adoçar* *a*+*doce*+*ar*, *embarear*=*em*+*barea*+*ar*.

332. O phenomeno de *parasynthetismo* (gr. *para*, perto de, apposto + *synthese*) fórma verbos e nomes, donde temos *parasyntheticos verbaes* e *nominaes*.

a) PARASYNTHETICOS VERBAES. Em regra, formam-se de subst. e adj. os parasyntheticos verbaes da 1.^a conjugação. Exs.:

Embarcar (*em*+*barea*+*ar*), *avelhacar* (*a*+*velhaco*+*ar*), *abraçar* (*a*+*braço*+*ar*), *enricar* (*en*+*rico*+*ar*), *pernoitar* (*per*+*noite*+*ar*), *enfumaçar* (*en*+*fumaça*+*ar*), *repatriar* (*re*+*patria*+*ar*), *transbordar* (*trans*+*bordo*+*ar*), *envernizar* (*em*+*verniz*+*ar*), *esfriar* (*es*+*frio*+*ar*), *empoçar* (*em*+*poço*+*ar*), *exorbitar* (*ex*+*orbita*+*ar*), *empregar* (*em*+*pego*+*ar*), *enterrar*.

b) PARASYNTHETICOS NOMINAE. Formam-se os parasyntheticos nominaes pela synthese ou junecção, a um subst. ou adj., de prefixo e de suffixo nominal. Exs.:

Submarino (*sub*+*mar*+*ino*), *subterraneo* (*sub*+*terra*+*aneo*), *embarcação* (*em*+*barca*+*ção*), *sobrenatural* (*sobre*+*natura*+*al*), *sobrehumano* (*sobre*+*hum*(=*homem*)+*ano*, *inter-oceanico* (*inter*+*oceano*+*ico*).

“Os parasyntheticos nominaes adjectivos apresentam antes uma composição logiea de idéa que uma composição material de palavra”. E’ isto visivel em palavras taes como *sobrehumano*, onde a palavra *homem* não se aeha formalmente em *humano*, mas o espirito apprehende o subst. *homem*, regimen da prepos. *sobre*, e um dos suff. *-ano*, determinante do composto *sobrehumano*. (Darmest.)

Compostos latinos

Agricultura, *apicultura*, *avicultura*, *puricultura*, *pedicuro*, *agricola*, *centrifugo*, *vermifugo*, *febrifugo*, *centripeto*, *armigero*, *lanigero*, *lucifero*, *prolifero*, *pestifero*, *mamifero*, *carbonifero*, *estellifero*, *ensifero*, *ignivoro*, *flammiivo*, *carnivoro*, *frugivoro*, *altivolo*, *noctivago*, *undivago*, *oviparo*, *viviparo*, *scissiparo*, *fructificar*, *clarificar*, *liquificar*, *liquidar*, *equivocar*, *mundificar*, *equivaler*, *equianguo*, *equidistante*, *unipessoal*, *unigenito*, *unisono*, *unilateral*, *boquiaberto*, *manivella*, *manietar*, *maniroto*, *torcicollo*,

manufactura, manuscrito, maniluvio, manuductor, usufructo, quadrupede, quadrumano, viaducto, jurisprudencia, senatus-consulto, plebiscito.

Compostos gregos

Orthographia, phonographia, astronomia, hydrocephalo, bibliophilo, encyclopedia, autognosia, geographia, lexicologia, philosophia, photographia, necromancia, sarcophago, megalomania, biologia.

Lista dos compostos gregos

333. Sendo de largo uso nas sciencias e nas artes os compostos de elementos gregos, damos em seguida uma lista delles com a significação do primeiro elemento, e com o valor geral do segundo elemento de alguns:

Acro = *tôpo, extremidade*: acropole (polê=cidade), acrobata, acroterio, acrostico.

Anemo = *vento*: anemometro (metro=medida), anemoscopio (scopio=ver).

Anthropo = *homem*: anthropophago (phago=comer), anthropologia (logia=tractado), anthropomorphismo (morpho=fôrma).

Auto = *mesmo, proprio*: autographo (grapho=escrever), autopsia, autobiologia (bio=vida), autochthone.

Baro = *peso*: barometro, barometrographia, baroscopio.

Biblio = *livro*: bibliotheca, bibliomania, bibliographia, bibliophilo (philo=amigo).

Bio — *vida*: biographia, biologia, biogênese, biometro.

Caco — *mau*: cacophaton, cacophonia, cacographia, cacologia.

Cephalo — *cabeça*: cephalalgia, cephalolde.

Chiro — *mão*: chiromancia, chirographario, chirographia, cirurgia (chiro+urgia).

Chromo — *cor*: chromolithographia, chromophoro.

Chronos — *tempo*: chronometro, chronologico, chronologia, chronogramma.

Chryso — *ouro*: Chrysostomo (bocca de ouro), chrysolitho, chrysiologia, chrysanthemo, chrysópraso.

Cosmo — *mundo*: cosmographia, cosmologia, cosmopolita, cosmopolitano, cosmorama.

Crypto — *occulto*: cryptógamo, cryptogamia, cryptographia.

Cyano (cyan) — *azul*: cyanhydrico, cyanogenio, cyanóse.



- Cyclo** — *circulo*: cycloide, cycloptero, cyclópes, cyclótomo.
- Cyno** — *cão*: cynegetica, cynocephalo, cynoglóssa, cynorrhodo.
- Cysto** (cyst) — *vesiga*: cystocéle, cystotomia, cystalgia.
- Demo** — *povo*: democracla, democrata, democratizar, demagogo.
- Electro** — *electricidade*: electróscoplo, electrólise, electro-dynamico.
- Entomo** — *insecto*: entomologia, entomozoario, entomostraccos.
- Etho** — *costumes, moral*: ethopéa, ethographia, ethologia, ethognosia, ethocracla, ethogenia.
- Ethno** — *povo*: ethnographia, ethnologia, ethnologista.
- Galacto** — *leite*: galactometro, galactographia, galactophoro.
- Gastro** — *ventre, estomago*: gastro-enterite, gsterópodes, gastro-nomia, gastrónomo, gastralgia.
- Geo** — *terra*: geographia, geographo, geologia, geognósia, geodésia, geometria, geomancia, geophagia, geogenia, georâma.
- Gymno** — *nu*: gymnosophista, gymnosperma.
- Gyn, gyneco** — *mulher*: gynandria, gynecocracla, gyneccu.
- Heli, helio** — *sol*: heliocentrico, helioscoplo, heliotroplo, helio-metria, heliographia.
- Hema, hemo, hemato** — *sangue*: hematuria, hematocéle, hemorrhagia, hemoptyse.
- Hetero** — *outro*: heterogeneo, heterorganico, heterodoxo, heterodermes.
- Hiero** (hier) — *sacerdote, sagrado*: hierophante, hieroglypho, hierarelia (jerarchia).
- Hippo** — *cavallo*: hippódromo, hippopótamo, hippomania.
- Homo, home** — *o mesmo*: homogeneo, homorganico, homographo, homonymia, homeopathia.
- Hydro** — *agua*: hydrostatica, hydrographia, hydromel.
- Hygro** — *humido*: hygrometro, hygrosoplo.
- Ichtyo** — *peixe*: ichthyophago, ichthyologia.
- Icono** — *imagem*: iconoclasta, iconographia.
- Idolo** (ido) — *imagem*: idolatria, idólatra.
- Ideo** — *idéa*: ideologia, ideographia.
- Idio** — *proprio*: idlogathia, idiosyncrasia.
- Litho** — *pedra*: lithographia, lithologo.
- Macro** — *grande*: macrobio, macrocephalo, macropetalo.
- Mega, megalo** — *grande*: megatherio, megallithico, megametro, megascoglo, megalomania, megalcephalo, megalophonla, megalosaurlo.
- Micro** — *pequeno*: microbio, microcephalo, microcosmo, microscoplo.

- Meso** — *meio*: mesologia, mesóclise, mesothorax.
Metro — (=metron) — *medida*: metrologia, metronomo.
Metro (=méter) — *mãe*: metropole, metropolitano.
Miso (mis) — *ódio*: misanthrópo, misanthropia, misogamo.
Morpho — *fórma*: morphologia, morphogenia.
Mytho — *fabula*: mythologia, mythologista, mythographia.
Mono — *único*: monarchia, monarcha, monarchista, monographia, monandria.
Necro — *cadaver*: necrologia, necromancia (nigromancia).
Neo — *novo*: neologia, neologismo, neophyto, neo-platonismo, neo-latino (novo-latino e novi-latino).
Nevro — *nervo*: nevroptero, nevralgia, nevrotomia, nevropátha.
Noso — *doença*: nosologia, nosogenia, nosographia.
Odonto — *dente*: odontologia, odontalgia, odontolde.
Onoma — *nome*: onomancia, onomatopéa.
Ophi — *serpente*: ophicleide, ophiolitho.
Ophthalmo — *olho*: ophthalmographia, ophthalmoscopio, ophthalmomotonia.
Ornitho — *passaro*: ornithologia, ornithomancia.
Ortho — *recto*: orthographia, orthologia, orthodoxia, orthopedia.
Osteo — *osso*: osteologia, osteographia, osteophago.
Paleo — *antigo*: paleontologia, paleographia, paleozoologia.
Pan — *tudo*: pantheísmo, pantheísta, panorama, panslavismo.
Patho — *molestia*: pathologia, pathologista, pathogenia.
Philo — *amigo*: philantrópo, philantropia, philologia, philologo.
Phlebo — *veia*: phleborriagia, phlebotomia.
Phono — *voz*: phonographia, phonologia, phonographo.
Photo (phos) — *luz*: photographia, photographo, photo-lithographia, phototypla, photometro, photophoro, photosphera, phosphoro.
Physio — *natureza*: physiologia, physiognomia, physionomia.
Podo — *pé*: podoptero, podocarpó, podagro, podómetro.
Pseudo — *falso*: pseudonymo, pseudopropheta, pseudópodos, pseudelmintos.
Psycho — *alma*: psychologia, psychologo, psychognose.
Ptero — *aza*: pterópodos pterodactilo.
Pyro — *fogo*: pyrotechnia, pyrotechnico, pyrophoro, pyrometro.
Rhino (rhin) — *nariz*: rhinoceronte, rhinoplastia, rhinalgia.
Stero — *solido*: stereoscopio, stereometria, stereotipo.
Strate — *exercito*: estatagema, estratégia, estratocracia.
Tele — *longe*: telegraphia, telegramma, telepathia, telephone.



- Theo** — *Deus*: theologia, theosophia, theocracia, theodicéa.
Thermo — *calor*: termometro, thermo-electrico, thermologia.
Topo — *logar*: topologia, topographia, toporâma, toponymia.
Typo — *modelo*: typologia, typographia, typocromia, typomania.
Zoo — *animal*: zoologia, zoographia, zoophoro, zoophyto, zoolatra, zoolitho .
- Mono**—**mon** — *um, unico*: monosyllabo, monomio, monopolio, mothelsmo, monotonia, monographia, monoptéro, monarchia, monandro.
- Dis**—**di** — *dois*: distico, dissyllabo, diandria, dilenma, diphthongo, diedro, dioico.
- Tri** — *tres*: trisyllabo, triandria, triedro, trigonometria, trilogia, triphthongo.
- Tetra** — *quatro*: tetraedro, tetracordio, tetrasyllabo, tetragramma, tetrâmetro.
- Penta**—**pent** — *cinco*: pentagono, petandria, pentâpole, pentametro.
- Hex** — *seis*: hexametro, hexagono, hexaedro.
- Hepta**—**hebd** — *sete*: heptagono, heptaedro, heptarchia, hebdomadario.
- Octo**—**oct** — *otto*: octogono, octaedro, octosyllabo.
- Ennea** — *nove*: enneâgono, enneapétalo, ennacordio.
- Deca** — *dez*: decâgono, decâlogo, decâmetro, decalidro, decaedro.
- Endeca** — *onze*: endecagono, endecasyllabo, endecandria.
- Dodeca** — *doze*: dodecagono, dodecaedro, dodecardio.
- Ico** — *vinte*: icosaedro, icosandria.
- Hecaton**—**hecato**—**hecto** — *cem*: hecatombe, hecatonstylo, hectolidro, hectare.
- Kilo** (*chilo* é a graphia grega) — *mil*: kilogramma, kilolidro, kilometro.
- Myria** — *dez mil*: myriametro, myriantho, myriapodo.
- Poly** — *multo*: polysyllabo, polyandria, polygamia, polyglotta, polygono, polythelmo, polytechnico, polygrapho.
- Proto**—**prot** — *primeiro*: protomartyr, protocanonico, protótypo, protocóllo, protóxydo, protagonista.

III. Elementos estrangeiros

334. O lexico primitivo latino, ampliado pelos processos vernaculos de derivação e composição, alargou-se ainda com os subsidios fornecidos por linguas estrangeiras, com as quaes veio o portuguez em contacto no decurso de sua historia.



Como um rio, humilde em seu início, se vae engrossando, em longo trajeteo, com o tributo hydrographico de ampla bacia; assim o nosso lexico, humillimo em seu ponto de partida, se foi opulentando, não só com o processo organico de sua evolução genial, mas ainda com os bastos subsidios do elemento estrangeiro fornecido, por diversas causas historicas, no transeurso dos seculos.

A aquisição do elemento estrangeiro para o nosso lexico constitue o que se ehama *importação* ou *emprestimo* de linguas estrangeiras, que, com a *formação popular* e a *formação erudita* de palavras, nos dá a conhecer o triplex processo que enriqueceu progressivamente o lexico primitivo, insufficiente para a expressão das idéas no progredir incessante da humanidade.

O nosso lexico actual consta, pois, de trez eamadas distinctas de palavras: as de cunho *popular*, *erudito* e *estrangeiro*.

1.º LINGUAS PENINSULARES.

335. Duas migrações pre-historicas tinham invadido a peninsula Iberica; eram ellas as dos *iberos* e dos *celtas*, povos que se prendiam ao tronco *aryano*, cuja união posterior produziu os *celtiberos*.

Além destes, lá pelos annos 2.000 antes da E. C., mercaadores *phenicios* de origem *semitica*, e, posteriormente, os *carthaginezes*, seus deseendentes do norte da Africa, vieram estabelecer-se no litoral. No VII ou IX seculo antes da E. C., os *gregos* seguiram-lhes a esteira no afan mercantil dos tempos primitivos.

Quando os romanos, no segundo seculo antes de Christo, penetraram na Peninsula, ahi encontraram varios dialectos *celticos* e *ibericos*. Dos dialectos *celticos* notavam-se, ao norte, o *cantábrico*, e, ao occidente, o *callaico* e o *lusiitano*. Dos dialectos *ibericos*, notava-se principalmente, na região pyrenaica, o *vasconço*, *basco* ou *euskaro*.

Deixando o estudo do elemento grego para o paragrafo seguinte, registramos em nosso lexico os seguintes vocabulos das linguas peninsulares:

- a) Do **basco**, **euskaro** ou **vasconço**: aba, bolsa, bezerro, bizarro, charco, charro, garra, esquerdo, mandrião, morro.



Nota: Segundo A. Coelho, não se limitou ao lexico a influencia de *basco*, mas estendeu-se á grammatica, dando-nos os suffixos: — *arro*, — *arra* (bizarro, bizarra, homemzarrão), — *orro*, — *urro* (cachorro, modorra, pachorra, casmurro).

b) Do **celta**: bacla, bleo, bojo, bragas, carpinteiro, carro, cavallo, cerveja, legua, lança, sabão. — Dos dialectos *celticos* modernos temos: — dolmen, menhir, cromelech, druida, bardo.

c) Do **phenicio**: atum, barca, mamona, mappa.

2.º GREGO.

336. Em quatro épocas differentes tem o *grego* influido no lexico portuguez, chegando sua influencia a attingir o terreno grammatical.

a) Quando os romanos desembarcaram na Hespanha (212 a. C.), havia já uns quinhentos ou setecentos annos que os gregos, á semelhança dos phenicios e earthaginezes, tinham estabelecido no litoral colonias mercantis. Mais chegado ao latim e ás linguas nativas por affinidade genealogica do que o phenicio e o earthaginez, linguas semiticas, deixou o grego dessa época, mais que estas, vestigios em nosso lexico. Pertencem a essa camada primitiva os seguintes termos de origem grega: *ermo*, *sumo*, *tio* (thio), *calma*, *chato*.

b) A diffusão do Christianismo no Occidente, do sec. I, principalmente até o sec. V da E. C., veio pôr novamente o grego em contacto com a evolução do latim.

A fonte immediata do Christianismo é o *Novo Testamento*, escripto originalmente no grego da decadencia chamado *hellenista*. O proprio *Velho Testamento*, fonte do judaismo, escripto originalmente em hebraico, que incorporado com o *Novo*, constitue a *Biblia*, livro sagrado da religião christã, era, nessa época, mais lido em grego pela tradueção dos *Setenta*, effectuada no sec. III antes da E. C., do que o proprio original. Além dessa influencia da *Biblia*, uma circumstancia historica vem explicar a larga influencia do grego na evolução das linguas romanicas em geral, é o facto de ser nesse periodo o grego a lingua official da Igreja, mesmo no Occidente. Do sec. V em diante, é que se opera, nesta região, o advento do latim como lin-



gua official da Igreja, com Tertuliano, S. Agostinho e com a *Vulgata* latina, traducção da Biblia effectuada por São Jeronymo.

Devido a estas circumstancias historicas, o grego chegou a influir na propria grammatica fornecendo-nos elementos no processo de *derivação*, taes são os suffixos: — *-ismo*, *-ista*, *-ia*, *-izar* (*militarismo*, *militarista*, *baronia*, *civilizar*).

A literatura ecclesiastica legou grande copia de vocabulo a nosso lexico. Exs.:

Christo (=ungido), apostolo (=enviado), anjo (=mensageiro), bispo (=vigia), presbytero (=mais velho, official ecclesiastico), arcediogo, archanjo, eucharestia, christa, latría, dulia, hyperdulia, idolo, idolatria (por idolatria), iconoclasta, encyclica, chrysópraso, chrysolitho (=pedra de ouro), Chrysostomo (bocca de ouro), Chrysologo (palavra de ouro), igreja, mosteiro, diocese, diocesano, metropolitá, párocho, parochia, parochiano, monotheismo, polytheismo, pantheismo, atheismo, epiphania, Timotheo (=temente a Deus), Dorothéa, Philippe ou Felippe.

c) O imperio grego bysantino dominou o sul da Hespanha no sec. VI e VII da E. C., não deixando por certo de reforçar a influencia da religião no lexico romanico.

d) Modernamente, por via erudita, incorporam-se em nosso lexico numerosos vocabulos formados com elementos do grego classico e pertencentes á nomenclatura scientifica e artistica, de que já demos larga lista.

Telegramma, telegrapho, telegraphia, telepathia, telescopio, microscopio, cinematographo, glottologia, glossologia, philologia, taxonomia, léxicologia, icxeologia, morphologia, phonologia, phonographo, phonographia, polyglotta, polytechnico, kilometro (por chilometro), kilolitro (por chilolitro), decalitro.

3.º HEBRAICO.

337. Dois factos historicos explicam a presença do elemento hebraico no lexico portuguez:

a) O V. T., parte integrante da Biblia, foi escripto em hebraico, e embora fosse mais largamente usada pela Igreja a traducção grega dos Setenta e, posteriormente, a traducção latina da *Vulgata*, comtudo muitas palavras e locuções hebraicas subsistiram nas traducções, e passaram para o portuguez por via ecclesiastica.

b) A *diaspora* ou dispersão dos judeus por todas as nações, agravada pela conquista da Judéa e destruição do Templo de Jerusalem, por Tito em 70 da E. C., veio dar mais intensidade á influencia do hebreu na formação do lexico romanico.

São dicções hebraicas incorporadas em nosso lexico as seguintes:

Messias (=ungido), messianico, messianismo, rabbino, rabboni, sabbado, alleluia, amen, hosanna, pascoa (=passagem), maná, gehenna, maisim, Goigotha, Jesus (=salvador), Josué, Job, João, José, David, Salomão, Gabriel, Sara, Abrahão, Isaac, Judas, Jacob, Israel, Rachel, Ruth, Maria, Martha, Saul, Jonathas, Ezechiel, Isaias, Daniel, Miguel, Moysés, Satan, Satanaz, Beelzebub e Beizebu.

Além destes *hebraismos* lexicos, temos os seguintes *hebraismos phraseologicos*:

Cantico dos canticos, rei dos reis, senhor dos senhores, filho da perdição, filho do peccado, filho da desobediencia, filhos de Belial (=impjos).

4.º GERMANICO.

338. O elemento germanico de nosso lexico pertence a duas camadas distinctas.

a) Os *visigodos* ou *godos* do Occidente, povo de origem germanica ou teutonica, invadiram a peninsula Iberica em 419 da E. C., descendo, sob o commando de Ataulfo, como uma poderosa avalanche, as escarpas meridionaes dos Pyrreus, e, varrendo, deante de si, alanos, suevos e vandalos, barbaros, que os haviam precedidos, ali se estabeleceram meselando-se com as populações natiyas e accetitando a lingua dos vencidos.

Apesar de não ser tão intensa a sua acção na Lusitania, extremo occidental da Peninsula, todavia o lexico e até a grammatica contem traços de ter elle exercido larga influencia.

Conta A. Coelho não menos que 295 vocabulos de origem gothica certa ou provavel.

Além dessa influencia lexicologica, attribue-se-lhe ainda, na prosadia, a mudança do *v* lat. na guttural *g*, em certas palavras, p. ex.: *væ* deu *ai*, e por influencia gothica *guai*

no v. port., *vomitare* deu *gomitare* no dial. pop., *Wilhelm* deu *Guilherme*.

Na morphologia deu-nos o elemento germanico o suff. *-engo-camarlengo, verdolengo, realengo, judengo*.

Albergue, arcabuz, arreio, arauto, bandeira, abandonar, bahu, balcão, banco, barão, baluarte, brandir, bordo, bragas, banhos (de casamento), brasa, brida, canivete, escuma, elmo, espora, guerra, guisa, feudo, feudal, feudatario, franco, norte, sul, este, oeste, saia, tira, tregua, trapo, luva, orgulho, ufano, trabuco, trica, roubar, vaga, pelourinho, piloto, droga, tocar, marchar, tomar, quilha, rato, roeim, guardar, guarir, (arch.), ganhar, facha, farpa, camisa, Carlos, Astolfo, Ataulfo, Eduardo, Eberardo.

b) Modernamente, a importação é, em geral, feita por intermedio do francez, e são poucos os vocabulos:

Vagão, nickel, talvegue (talweg), quartz, zinco, manganez, cobalto, bismutho, valsa (walsa), talco, gaz (paiav. inventada por Von Heimont).

5.º ARABE.

339. Quasi 300 annos depois da invasão visigothica, appareceram os arabes das bandas da Africa. “Ao furação do Norte, segue-se o vendaval do Sul”, e os visigodos tiveram de, por sua vez, recuar ante as hordas arabes e moureseas, que, traspondo o Gibraltar, veneram Roderico, rei godo, ás margens do Chryssos, em 711, e invadiram a Peninsula como um bando de gafanhotos.

Por mais de 700 annos, em porfiada lueta, Pelagio, que se retirara para as Asturias com o resto dos godos, e seus successores, foram, a pouco e pouco, abatendo o creseente de Islam ante o lábaro do Christianismo, até que, em 1492, as armas victoriosas de Fernando e Isabel varreram do solo da Hespanha os filhos do deserto.

O arabe, lingua semitica, de indole mui differente da da familia aryana, influiu apenas em nosso lexico, apesar do seu longo dominio peninsular, deixando-nos cerea de 300 vocabulos, quasi todos substantivos referentes á administração, agricultura, artes, industrias, cozinha, guerra, jogo, pesca, etc., grande numero delles precedidos do artigo *al* juxta-posto. Exs.:

Alfandega, alcorão (korão), alarido, alambique, alfazema, aifeioa, aifenim, alcatifa, alicouce, aigalla, alarde ou alardo, alar-

ve, arabe, albarda, alface, alfaiate, alfaia, alcool, algarismo, alfange, algebra, alhoz, almoxarife, almondega, alqueire, alviçaras, almenara, alfombra, almocreve, arroba, arratel, armazem, arsenal, atalala, ataúde, azar, azelte, açúcar, azul, azinhavre, andaime, arrais, anexim, bácoro, baraço, borzegum, cáfla, escabeche, fatia, fulano, garrafa, gengivre, julepo, jarra, macio, matraca, mesquinho, oxalá, sáfaro, tarimba, xadrez, xarope, zagal, zero, cifra, zenith, nadir, setim, matraca, aldraba, assassino, mandil.

6.º FRANCÊZ.

340. O elemento francez em trez differentes épocas penetrou em nosso idioma.

a) Do sec. XI ao sec. XIII, dois factos historieos concorreram para que se fizesse sentir largamente o influxo francez.

Em primeiro logar, o casamento do conde D. Henrique de Borgonha com D. Tareja, filha natural de D. Affonso VI, rei de Castella. Reebeu D. Henrique em dote o condado portugualense, na faixa occidental da Peninsula, e para lá attrahiu numerosos fidalgos e guerreiros francezes, que, naquelles tempos de heroismo cavalleheseo, enxameavam á eata de aventuras.

Em segundo logar, o lyrismo provençal do sul da França, que, nesse periodo, se diffundia por toda a Europa, veio, através da Galliza, cujo dialecto era identico ao fallado na região portugualense, exereer largo influxo no desenvolvimento do portuguez. Além da corrente lyrica do sul da França, temos ainda, nesse periodo, a corrente épica do eyelo heroico carlovingiano e arthuriano do norte da França, que veio dar maior intensidade á influencia da lingua franceza sobre o nosso idioma, que apenas sahia da chrysalida medieval com a nacionalidade portugueza, fundada pelo filho de D. Henrique. O vocabulario do portuguez arch. contem fundos traços dessa influencia:

b) No sec. XVIII, a corrente literaria do classicismo francez veio em Portugal reagir contra o gongorismo da eshola hespanhola, e assim o francez se poz novamente em contacto mais intimo com o portuguez.



c) Finalmente, em nossos dias, o francez, por meio de sua exuberante literatura e obras didacticas, exerce amplamente a sua influencia tradicional sobre o vernaculo, logrando extendê-la, além do lexico, á propria syntaxe, e provocando justificados clamores de nossos puristas contra as francezias, que vão mareando cada vez mais o brilho da lingua nacional.

Na *Gr. Expositiva, Curso Superior*, mostrámos essas francezias ou gallicismos viciosos (§§ 506—513); aqui só indicaremos o elemento francez já incorporado em nosso lexico. Exs.:

Paletó, boné, chalet, envelope, jornal, embecil, bonhomia ou bonomia, crachá, chicana, garantia, massacrar, isolado (insulado), pret, aguerrido, pretencioso, emoção, bandido, constatar, instalar, rotina, tartuffo, brochura, tiragem, sangue-frio, rosicler, etiqueta, mediações, susceptível, voluptuosidade, tocante (pathetico), regressar, complacente, domestico (subst.), degelar, felicitar, felicitações, vendaval, comboio, tostão, claraboia, tambor, toesa, framboeza, passamanes, avenida (=alameda), viavel (=exequivel), viveres (=mantimento, comestiveis, virtualhas), interessante (=curioso).

Muitos desses francezismos frequentemente usados entre nós, guardam a orthographia franceza: *chalet, pret, boudoir, bouquet, elite, avalanche, rendez-vous, mis-en-scena, passe-partout, tête-à-tête, blasé, croquis* (=esboço), *cache-nez, cognac*.

7.º HESPAÑHOL.

341. O elemento genuinamente hespanhol em nossa lingua é relativamente diminuto, devido ao facto de ser quasi commum o vocabulario de Portugal e de Hespanha, por causa da contiguidade historica e geographica das duas nações.

São manifestamente de origem hespanhola os seguintes vocabulos:

Abanico, espadilha, el-dorado, fandango, frente, lhano, manilha, muchacho, quixote, sarabanda, seguidilha, caramba, zarzuela, castanhola, cachucha, patulêa, bolero, savanna, trecho.

8.º ITALIANO.

342. O elemento italiano se fez sentir primeiro no sec. XVI pela corrente humanista da Renascença ou o renascimento da literatura classica greco-latina, que teve por fôco a Italia, e dahi, irradiando-se por toda a Europa, veio



influir fortemente nos escriptores quinhentistas e determinar o periodo aureo do portuguez. De então para cá, quer directamente, quer através do francez, tem o italiano contribuido para o lexico com muitos termos concernentes á literatura, á musica e ao commercio. Essa contribuição tende a crescer modernamente com a larga immigração italiana para o sul do Brasil.

Já se acham incorporados no lexico :

Adagio, aglo, banearrota, bussola, arlequim, pasquim, barcarola, gondola, bufo, burlesco, grotesco, cantata, cavatina, cascata, charlatão, elecrone, lazarone, diletante, macarrão, pastel, doge, allegro, arpejo, contralto, soprano, tenor, plano, crescendo, violão, violino, violonecello, duello, tercetto, dueto, aquarella, madrigal, carnaval, gazeta, paladino, banquete, regata, terra-cotta, caricatura, paladino, fanfreluche, alerta, concerto, flasco, soneto, opereta, serralho.

9.º INGLEZ.

343. O elemento inglez nos vem não só da Inglaterra, mas tambem dos Estados Unidos da America do Norte. Tem favorecido essa communicacão as antigas relações politicas da Inglaterra com Portugal, sua riquissima literatura, e, sobre tudo, a largueza de seu commercio. Os anglicanismos de nossa lingua referem-se, em geral, ao commercio, á estrada de ferro, a diversões e á cozinha, como se vê na seguinte lista :

Cheque, dollar, shelling, penny (pl. pence), bill, meeting, club, leader, jury, tillbury, coke, breque, tunnel, tender, tramway, railway, drenagem, jockey, sport, clown, record, foot-ball, cricket, bife (bcef), fanche (lunch), croquet, pudim, spleen, dandy, fillrt, high-life (=hal-lalf), crup, pamphleto, roast-beef, lord, gentleman, fashionable, water-proof, water-closet, great-attraction, confortavel (comfortable—confortabllls), doldo, redingote (rdlug-coat), yacht, bollna (bollne), rum, glu, grog, plck-pocket, sandwich.

10.º RUSSO.

344. E' raro o elemento russo. Conta-se:— *caleche, cosaco, cigano.*

11.º HUNGARO.

345. Como o antecedente, é raro o elemento hungaro:— *coche, cocheiro, sutache, hussardo.*

12.º ASIÁTICO.

346. O elemento asiático nos veio de varias linguas da Asia, por meio das conquistas e commercio dos portuguezes no Oriente, desde o sec. XVI, época do descobrimento do caminho das Indias, por Vasco da Gama, o heroe dos Lusíadas. Os nossos *asiaticismos* são de origem diversas:

Da **Índia**: brahmane, fakir, pagode, nababo, rajah, chatim, cachemira, pariah, saraça, corja, canja.

Da **China**: chá, chavena, mandarim, nankim, leque.

Da **Persia**: bazar, balcão, caravana, divan, damasco, sá-trapa, turbante, taboleiro, tafetá, paraíso, xá.

Da **Turquia**: tulipa, janizaro, odalisca, pachá, padichá, bey, bergamota, caftã, klosque.

13.º AFRICANO.

347. O elemento procedente de linguas africanas nos veio egualmente desde o sec. XVI, com estabelecimento de colonias portuguezas na costa da Africa e das relações commerciaes. Posteriormente, com a introdução da escravidão negra no Brasil, avolumaram-se os *africanismos* no vocabulario brasileiro. Damos a lista de alguns:

Azagala, banzar, banza, banzé, bugio, cacimba, cangica, carimbo, chafariz, calunga, empatar, inhame, lundu, macaco, mono, mulambo, maromba, malungo, mandinga, moxinga, mocama, moleque, maxim, mazombo (?), papagaio, quejlla e quesilla, senzalla, tanga, orucungo, zanga, zebra, zuavo, candongas, matungo, camondongo, quiabo, quibebe, fuia, giló, vatapá, aluá, quingombó, batuque, birimbau, caçula, caruru, marimba, banguê, zambi, mocotó, tarimba, gambá.

14.º AMERICANO.

348. O elemento americano nos veio principalmente do tupi-guarani, e data do sec. XVI com o descobrimento e colonização do Brasil. Grande é a copia de *americanismos* no lexico brasileiro, os quaes designam, em geral, logares, rios, vegetaes, animaes, abjectos domesticos. Damos alguns exemplos.

Pernambuco (=quebra-mar). Pará (=mar, rio grande), Paraná (=rio enorme), Paraguay (=rio do papagaio), Parahyba (=rio ruivo), Pindorama (=palz das palmeiras), Sergipe (=rio dos siris), Goyaz (=gente da mesma raça), Piratininga (=o secca-peixe), Itapetininga (=lagoado enxuto), Cambucy



(=pote), Itu (=cachoeira), Curitiba (=pinhal), Mogy (=rio das cobras), Mococa (=plantação), Yporanga (=agua bonita), (=poranga=bonito) moranga, taba, jaguar, jararacussu, tapeira, capoeira, cipó, abacate, abacaxi, araçá, jaboticaba, gabiroba, capim, catinga, coivara, coera, sapé, mandioca, cará, arara, urubu, sabiá, marimbondo, carioca (=descendente de branco), pipoca, sapiroca, arapuca, cula, culetê, pampas, cochilas, jalapa, alpaca, condor, caimão, caburé, cabreuva, calçara (trincheira), calpira, calpora, cambuquira, capão (de mato), caraguatá, catapora, catête, tamanduá, tijuco, paçoca, pampa, noitibó, jararaca, jatobá, congonha, chuê, perebas, typity, tangará, embira.

SEMANTICA

DO SENTIDO DAS PALAVRAS E DA MUDANÇA DO SENTIDO

CAPITULO I

349. **Semantica** (gr. *semainô*=significar) também *semasiologia* (M. Lübbe), *sematologia* e *semiótica*, é o estudo das leis que presidem á mudança de sentido das palavras.

A evolução linguística attinge a palavra não só em seus elementos *phonicos* e *morphologicos*, mas também em seu elemento *psychologico*, *ideologico* ou *significativo*.

Como acontece com os phonemas, é instavel o sentido das palavras; como aquelle, este evolve. E, se para a evolução phonética ha leis, para a evolução ideologica vocabular, devem ellas igualmente existir; se, pois, a *Phonetica* é uma sciencia constituída, deveria sê-lo semelhantemente a *Semantica*.

Porém, como observa A. Dauzat, os factos dos phenomenos psychologicos são mais fluctuantes, e ainda mais complexos, e, sobretudo, sujeitos a influencia e acções mais diversas, do que o que acontece com os da *Phonetica*. Por isso, apesar dos trabalhos de sabios eminentes, não está ainda constituída a *Semantica* como sciencia.

350. **EVOLUÇÃO SEMANTICA.** A *analogia* está na base de toda a evolução semantica, e a *associação das idéas* é o seu principio dirigente (A. Dauzat).

O sentido da palavra nos é dado pelo elemento *morphologico*, isto é, pela *raiz*, pela *desinencia* e pelos *affixos*.



Raiz ou *radical* é a parte central da palavra, que encerra a idéa matriz, idéa vaga, indefinida, sem categoria grammatical.

A *flexão* ou a *desinencia* determina a idéa ou sentido, dando-lhe categoria grammatical.

Os *affixos* (*prefixo* e *suffixo*) tem a mesma função determinativa em relação á *raiz*.

Assim desses elementos morphicos se pôde deduzir o sentido da palavra, p. ex.: o sentido vago da raiz *am* é determinado pelo *suffixo* nominal *-or=amor*; a palavra assim formada pôde ainda ser determinada ou modificada pelo *suffixo* nominal *-oso=amoroso*; esta, por sua vez, pôde ser modificada pela flexão do plural — *s = amodosos*; ainda pôde trazer-lhe mais uma modificação ou determinação o *prefixo* *des=desamodosos*.

O sentido original de uma palavra é a sua significação *etymologica*.

Raramente se mantem inalteravel a significação *etymologica*. Mais do que os elementos *physiologicos* ou *objectivos* da linguagem, são instaveis, como dissemos, os elementos *psychologicos* ou *subjectivos*.

351. Estudando a constante variação de sentido das palavras, attribue Whitney este phenomeno a dois processos: a *especialização* do geral, e a *generalização* do particular. De facto, em regra, o sentido ora se contrae do geral para o particular, ora se expande do particular para o geral. E' o fluxo e o refluxo da idéa na mobilidade do lexico.

Estudemos, pois, este movimento de contracção e expansão na translação de sentido das palavras.

I. GENERALIZAÇÃO DO PARTICULAR.

352. A lei da generalização do sentido ou *expansão* da idéa é vulgarissima e constante na evolução de qualquer lingua. Examinemos alguns exemplos:

Templum (contracção de *tempulum*, diminutivo de *tempus*=tempo) \rightsquigarrow *templo*, significava primitivamente "o quadrado traçado no céu pelo augur ou agoureiro, e no interior do qual se observavam os presagios



(Bréal)". Generalizou-se posteriormente a qualquer edificio consagrado ao culto da Divindade.

Contemplare \rightsquigarrow *contemplar*, significava originariamente a observação do *templum* ou espaço ceeste delimitado pelo agoureiro romano. Passou depois a significar qualquer observação objectiva ou subjectiva.

Considerare (com + sidera + are) \rightsquigarrow *considerar*, tinha em sua origem o sentido especifico do uso religioso dos astrologos, que liam nos astros (*sidera*) o destino dos homens. Hoje perdeu a lingua a consciencia deste sentido primitivo especial, e dá-lhe o sentido geral de qualquer acto de attenção ou observação.

Palatium \rightsquigarrow *palacio*, era a principio o nome proprio do monte Palatino em Roma. Nero ahi construiu sua residencia, que assumiu o appellido do monte, e esse appellido generalizou-se a todas as residencias reais ou nobres. Em Ovidio já se encontra o sentido geral.

Cesar, nome proprio do primeiro Imperador romano, ampliou-se como nome appellativo de todos os Imperadores ou reis. Delle deriva-se *cesar* e *ccsarismo*, bem como *kaiser* do allemão, e *tzar* ou *czar* do russo.

Assassino (ár. *haschichin*), "nome de salteadores arabes, famosos no Oriente nos tempos das Cruzadas, que traçoeramente tiravam a vida aos que lhes indicava o *Velho da Montanha*, seu chefe". O termo generalizou-se a todos os que erliminosamente tiram a vida a seu proximo.

Carrasco, nome proprio de um algoz em Lisboa (Belehlor Nunes Carraseo), que se generalizou a todos os algozes.

Tartufo, nome proprio de uma das personagens das comedias de Molière, ampliado a todos os que, como esse typo comico, se mostram de insigne hypoecrisia. Dahi *tartufismo*.

Amphitryão, personagem de uma comedia de Plauto, cujo nome se expandiu a todos os que a sua mesa reuñem amigos.

II. ESPECIALIZAÇÃO DO GERAL.

353. Em sua origem primitiva os nomes proprios foram uma especialização ou antes uma individualização do geral, isto é, de nomes appellativos. Assim no hebraico:

Moysés = salvo das aguas, *Jacob* = o supplantador, *Eva* = vida, *João* = o favorecido, *Manoel* = Emmanuel = Deus conosco, *Bethlehem* (Belém) = casa de pão, *Bethel* = casa de Deus, *Bethaven*



= casa da vaidade, Boanerges = filho do trovão, Gabriel = homem de Deus, David = o amado, Daniel = juiz divino.

O mesmo phenomeno observa-se em outras linguas antigas:

Carlos = o forte, Frederico = o governador pacifico, Edmundo = o defensor da propriedade, Eduardo = o guarda da propriedade, Erasmo = o amavel, Gilberto = o famoso, Bernardo = arrojado como o urso, Alfredo = bom conselheiro, Affonso (Alphonso) = Alonso = todo prompto, Alberto = o illustre, Calvino = o calvo, Eusebio = o pio, Alexandre = o defensor dos homens, Athanasio = o immortal, Basilio = o real.

O mesmo processo natural denunciam as linguas de nossos indigenas:

Itá = cachoeira, Tictê = curso d'agua verdadeiro, caudal, Itatiaia = pedra dentada, Itajubá = metal amarello = ouro, Jabaquara = quilombo, Tupi = pat, progenitor, Guarani = guerreiro, Botucatu = bons ares.

Muitos de nossos nomes aceusam flagrantemente este processo:

Innocencia, Constancia, Lobo, Percira, Porto, Bahia, etc.

Pertence ainda a este processo da especialização do geral a restricção que certa palavras tem soffrido na evolução da lingua, como, p. ex.:

Charta = carta, tinha em latim sentido generico de papel, escripto, livro; especializou-se em port. no sentido de epistola.

Britar, no v. port., tinha a acepção generica de quebrar; actualmente restringe-se á acepção especial de quebrar pedras.

Guizado, part. de *guizar*, tinha no v. port. o sentido generico de preparar; hoje restringe-se em geral a um preparado com molho ou refogado.

Divisar, tinha antigamente o sentido amplo de separar, delimitar, assignalar, aprazar, descrever. Modernamente restringe-se a sua significação no uso corrente a delimitar a olho, discriminar, distinguir a distancia.



CAPITULO II

TROPOS

354. Evolução tropologica.

Dentro e fóra dos dois processos, que acabamos de estudar, opera-se, em larga escala, a translação de sentido que obedece ás figuras de pensamento ou *tropos*, que são — *metaphora*, *metonymia*, *synédoche* e *catachrese*.

I. METAPHORA.

355. *Metaphora* (gr. *translação*) é a figura de pensamento que consiste na mudança de sentido das palavras por *analogia* ou *semelhança*. A larga influencia da *metaphora* na mudança do sentido das palavras faz-se sentir não só no movimento historico do lexico, mas ainda no movimento estylistico.

a) No estylo imaginoso, a translação *metaphorica* de sentido das palavras representa papel de bello effeito esthetico. E' commum nesse estylo empregar-se p. ex.: — *anjo* por pessoa bondosa, *leão* por pessoa corajosa, *ferro* por espada, *raio* por grande rapidez, *vibora* por pessoa maligna e traiçoeira, *foguete* por pessoa irrequieta.

b) Na *metaphora* ainda temos a causa da significação de muitas palavras simples e compostas, p. ex.: *serra* (montanha), *lagarto* (do braço), *pé* (de mesa), *perna* (do compasso), *pé-de-gallinha*, *unha-de-gato*, *olho-da-enxada*, *cabeça-de-prego*, *raiz* (de monte), *garganta* (de serra), *organismo* (da linguagem), *vida* (das palavras), *ceder* (a razões).

c) A' *metaphora*, finalmente, devemos o actual sentido de muitas palavras, que originariamente tinham sentido diverso, porém, *análogo*:

Espirito	←	spiritum	=	vento, sopro
Senhor	←	senlorem	=	mais velho
Major	←	majorem	=	maior
Bispo	←	episcopum	=	vigilante
Presbytero	←	presbyteros	=	mais velho

Diacono	←	diaconum	=	servo
Ministro	←	ministerium	=	servo
Padre	←	patrem	=	pae
Pensar	←	pensare	=	pesar
Sargento	←	servientem	=	servo
Cardeal	←	cardinalem	=	importante
Saber	←	sapere	=	provar, gostar

II. METONYMIA.

356. *Metonymia* (gr. = mudança de nome) é a figura de pensamento que consiste na mudança de sentido de uma palavra pelo de outra com que está em conexão constante. Ella tem por fundamento a *continuidade* ou a *coexistencia* de duas noções.

E' frequente essa translação metonymica determinada pelas seguintes relações:

1.^a *A causa pelo effeito.* Quando empregamos a palavra *trabalho* na accepção de *obra*, de resultado do acto de trabalhar, damos-lhe um sentido tropologico, ao *effeito* applicamos o nome da causa. Assim *engenho*, machinismo, resultado de *engenho* humano ou intelligencia; *caridade* em — *practicar caridade*, isto é, *actos de caridade*.

2.^a *O effeito pela causa.* Phenomeno contrario ao antecedente, é egualmente commum. Camões dá sentido metonymico á palavra *trovões*, usando-a pela causa que os produz, no seguinte verso (Lus. 9.7):

Diz-lhe, que vem de gente carregadas,
E dos trovões horrendos de Vulcano.

3.^a *O continente pelo conteudo.* E' frequente esta metonymia não só na poesia, porém no fallar corrente. Quando dizemos — “beber um *copo* d'agua, uma *garrafa* de vinho, os applausos da *platéa*, *Roma* dominou o mundo e a *Grecia* foi celebre na literatura”, as palavras — *copo*, *garrafa*, *Roma*, *Grecia*, indicam o *continente*, que é usado tropologicamente pelo *conteudo*.

4.^a *O conteudo pelo continente.* O phenomeno contrario ao do paragrapho antecedente é de egual frequencia. Quando se diz — “sahir do *correio*, da *eseola*, do *Ministerio* da guerra”, *correio*, *eseola*, *Ministerio*, são empregados figuradamente pelos edificios, onde funcionam essas repartições. Assim em Camões (Lus. 6. 75):

Não menos gritos vão ao ar derrama
Toda a nuvo de Coelho com receio.

5.^a *O logar pelo producto.* Muitos productos são chamados metonymicamente pelo nome do logar que os produz, taes como: *cognac, paraty, champaña, porto, havana, cachemira, damasco.*

6.^a *O producto pelo logar.* Não menos frequente é a metonymia em sentido contrario ao do paragrapho antecedente, como p. ex.: *Agua Virtuosa, Caldas (aguas thermaes), Minas Geracs.*

7.^a *O signal pela coisa significada.* Nas expressões — “defender o *throno* e o *altar*, *obedeccr* ao *sceptro* real, dar as *chaves* do reino dos Céus, “contra ella não prevalecerão as *portas* do inferno”, — *throno* e *sceptro* designam a realza, *altar* a religião; *chaves* a auctoridade ou o poder de introduzir no Reino dos Céos; *porta*, o poder ou o governo, que no Oriente se exereia na *porta* da cidade, dahi a *Sublime Porta*, pelo Governo da Turquia. Todas essas palavras são signaes ou symbolos das idéas, que indicam.

8.^a *O nome abstracto pelo concreto.* A realza pelo *rei*, *vossa senhoria* (V. S.^a), *vossa excellencia* (V. Exe.^a), *sua sanctidade* (S. S.), *vossa alteza* (V. A.), *vossa majestade* (V. M.), pelos individuos a que se referem; *honras, liberdades, infamias*, por *actos* de honra, liberdade, infamia, são frequentes exemplos desta classe de metonymia.

9.^a *O nome concreto pelo abstracto.* Quando S. Paulo ordena que nos despojemos do *homem velho*, e nos revista-mos do *homem novo*, elle emprega o concreto *homem velho* e *homem novo*, pelo abstracto — *natureza humana* velha, corrompida, porém renovada e sanetifieada. Empregamos ainda a mesma figura, quando fallamos de *cultura* pela coisa cultivada, de *divertimento* pela coisa que nos diverte, de *agrupamento* por pessoas ou coisas agrupadas, de *entrada* ou *sahida* pelo logar por onde se entra ou se sae, de *offerta* por coisa affertada, etc.

10.^a *O possuidor pela coisa possuida, e vice-versa.* *Neptuno* pelo mar: “*Neptuno* procelloso, todo tremeu medroso”. *Baionetas*, pelos que as trazem: “Um milhão de *baionetas* apoiavam suas pretensões”.

11.^a *O auctor pela obra.* Em ler Virgílio, Homero, estudar Platão, analysar Camões, os nomes proprios estão pelas suas obras.

Lia Alexandre a Homero de maneira,
Que sempre se lhe sabe á cabeceira.

Lus. 5. 96.

Obs. “Na metonymia, escreve A. Darmesteter em *La vie des mots*, o espirito abarca de um relance os dois termos, em seguida o primeiro é logo esquecido pela lingua, que delle só retem o nome para applicá-lo ao segundo, que elle tem em vista unicamente.” A metonymia é uma figura de largo uso tanto na linguaagem corrente, como na poesia.

III. SYNÉDOCHE.

357. *Synédoche* (gr. = *compreensão*) é o tropo “que toma um pelo outro entre dois termos de extensão desigual”, o mais pelo menos, ou o menos pelo mais, como, p. ex.:

1. *O genero pela especie.* Assim quando nomeamos a *Ceia* pela ultima refeição de Christo, a *confissão* pela confissão auricular, a *estação das rosas*, pela estação das flores, damos ás palavras sublinhadas um sentido especializado.

2. *A especie pelo genero.* Uma translação de sentido inverso ao do paragrapho anteedente é usual: *o homem* pelo genero humano, *o boi* pela raça bovina, *a raposa*, *o elephant*, *o cão*, pela especie inteira.

Por isso, e não por falta de natura,

Não ha tambem *Vergilios*, nem *Homeros*.

Lus. 5. 98.

3. *O plural pelo singular e vice-versa.* Nas expressões “*dizem as Sanctas Escripturas*”, isto é, um passo ou versiculo das S. Escripturas, “*durar cternidades*”, os pluraes estão pelo singular. Em “*proteger o orpham e a viuva*”, o singular está pelo plural.

4. *O todo pela parte e vice-versa.* Se dissermos que a *humanidade* se suicida na conflagração européa, empregamos tropologicamente *humanidade* por uma parte da humanidade. O inverso se dá quando empregamos — *vela* pelo navio, *fogos* pelas casas, os *pelles-vermelhas* pelos indios assim denominados; aqui a parte funciona pelo todo.



5. *O nome commum pelo proprio e vice-versa.* O *Poeta* por Camões, o *Philosopho* por Aristoteles, o *Imperador* por Napoleão, e, inversamente, um *Creso* por homem muito rico, um *Tartufo* por um hypoerita, um *Amphytrião* por um homem que banqueteia convidados.

Obs. "Tem esta figura o nome barbaro de *antonomasia*." Para indicar a especialização ou individualização de um appellativo, é elle frequentemente escripto com letra maluscula. — o *Poeta*, o *Sabio*. Quanto á generalização de um nome proprio, é este ás vezes escripto com letra minuscula, quando essa generalização é habitual — um *hercules*, um *havana*.

IV. CATACHRESE.

358. *Catachrese* (gr.=*abuso, esquecimento*) é a figura que consiste no esquecimento do primeiro termo por parte do espirito para considerar exclusivamente o segundo, p. ex, *folha* de livro veio da extensão metaphorica de *folha* de arvore; ao enunciar, porém, o sentido metaphorico o espirito não se lembra mais do sentido originario. Assim quando dizemos: um *Creso*, um *Tartufo*, *cognac*, *caldas*, *embarear*, *divertimento*, *pé-de-vento*, não nos lembramos, em geral, do termo originario donde tomamos o sentido tropologicio dessas palavras, e a este esquecimento é que, segundo Darmesteter, se deve dar o nome de *catachrese*. Não é, pois, essa figura um *tropo*; é, antes, "a lei que dirige todas as mudanças de sentido. Sem este esquecimento, a designação nova fica sempre dupla, encadeada á sua raiz; a catachrese só é que a destaca... Ella é o acto emancipador da palavra, e, no desenvolvimento do ser por gemação, a força que separa o gomo ou rebento do organismo primitivo. Assim comprehendida é a catachrese uma das forças vivas da linguagem". (Darmest.)

CAPITULO III

OUTROS PROCESSOS SEMANTICOS

359. Notam-se ainda, na translação de sentido das palavras, outros processos particulares, que passamos a enumerar.

I. POLYSEMIA OU RADIAÇÃO.

360. *Polysemia* (gr. *poly*=numeroso, muito, *semeion* =significação) ou *radiação* se produz quando um objecto dá o seu nome a uma serie de outros, por haver um caracter commum. Exs.:

Raiz. A palavra *raiz* (de uma planta) multiplica seu sentido extendendo-se metaphoricamente a *raiz* de uma palavra, *raiz* de um mal (cortar o mal pela raiz), *raiz* algebrica, etc.

Chave. Do sentido proprio passa extensivamente para *chave* na musica, na estrada de ferro, na mathematica, etc.

Flor. Dos jardins o sentido da palavra irradia-se para *flôr* da mocidade, do exercito, da virtude, das aguas (á flôr das aguas). E assim innumeradas outras.

II. ENCADEAMENTO.

361. No *encadeamento* a palavra, ensina o supracitado philologo, esquece seu sentido primitivo, passando a um segundo objecto; depois passa a um terceiro por meio de um caracter commum, que por sua vez é esquecido, e assim por deante. Exs.:

- a) **Romance.** Esta palavra designava na idade-média a lingua vulgar oriunda do latim: depois applicou-se a qualquer composição em lingua vulgar (franceez, italiano, etc.), e, mormente, aos poemas narrativos. "No fim da idade-média significava successivamente antigo poema narrativo em prosa (romance de cavallaria), historia em prosa de grandes aventuras imaginarias, finalmente narrações inventadas com o fim de agradar. — Em philologia ainda hoje — *romance*, *rymance* ou *romanzo* designa a lingua vulgar da época medieval, fallada na França, Italia e peninsula Iberica.
- b) **Rubrica.** Esta palavra significava primitivamente *terra vermelha*; depois *tinta vermelha*; em seguida *titulo* de capitulo com tinta vermelha; finalmente *assignatura*.
- c) **Esposo.** Etymologica e primitivamente era o noivo, o contractado; passou depois a significar o marido.
- d) **Tutaméa.** *Tutaméa* ou *tuta e meia* é, segundo Juilo Moreira, a corrupção de *macuta* e *meia*. "Macuta é o nome de uma moeda de cobre, que tem curso na Africa Occidental Portugueza, com o valor de 50 réis. Ha tambem *meia macuta*. Assim dar e comprar uma coisa por uma *macuta e meia*, seria uma phrase

equivalente a outras em que também entram designações de moeda, como: é um ovo por um *real*; “dar uma coisa por *dez réis* de mel coado”; “não dar por uma coisa um *chavo gallego*”... De *macuta* proveu *matuta* por assimilação do *c* ao *t* seguinte. Depois *uma matuta* transformou-se em *uma tuta*, reduzindo-se a uma só as duas syllabas *ma*, que estavam juntas”. De *tuta e meia*, por contracção, temos, pois, *tutaméa*. (Est. de L. Port., I, p. 214.)

III. CONTAGIO.

362. O *contagio* se produz no desenvolvimento de um sentido novo em um dos termos de uma expressão consagrada, por influencia de outro termo da mesma expressão, p. ex.: *nada* é hoje pronome ou adverbio negativos por influencia da negativa *nulla* na phrase feita — *nulla re nata* = *nenhuma coisa nascida*; resumida a phrase no participio *nata* → *nada*, herdou este por *contagio* o seu valor negativo. — Semelhantemente *algum* posposto ao nome adquiriu valor negativo — *de maneira alguma* = *de maneira nenhuma*, em razão de frequentes phrases negativas como esta: *não fazer coisa alguma*. No sec. XVI não havia ainda adquirido este valor negativo, como se pôde ver em Camões.

Pela lei do *contagio* ainda temos: *a capital* = *a cidade capital*, *a pastoral* = *a carta pastoral*, *o Sena* = *o rio Sena*, *a portugueza* = *a moda portugueza*, *a diagonal* = *a linha diagonal*, *o defunto* = *defunctus vitæ*.

IV. CONDIÇÕES HISTORICAS.

363. Certas condições historicas determinaram o sentido de muitas palavras. Exs.:

- a) **Palavra** nos veio de *parabola* por influencia do Christianismo. Em lât. essa idéa era expressa pelo termo *verbum* (=palavra), que foi adoptado no sec. IX por S. Jeronymo, auctor da Vulgata, para traduzir o *Logos* do texto grego do Evangelho de S. João, applicado á 2.ª Pessoa da SS. Trindade: *In principio erat Verbum, et Verbum erat apud Deum, et Deus erat Verbum* (S. J., I. 1.). — Especializado, desta maneira, o termo latino para esse uso sagrado, foi a lingua buscar o seu substituto no termo de origem grega *parabolam*, que designava, nos Evangelhos, as sentenças ou pequenos quadros narrativos, em que Christo expunha frequentemente ao povo sua doutrina.

na. A corrente erudita, porém, guardou em *parabola* a fôrma e o sentido original do termo.

- b) **Testamento** ← *testamentum*, por influencia da Vulgata, assume, além da sua significação propria, o sentido religioso de *pacto*, *aliança*, *concerto* entre a Divindade e o homem. Assim *Velho Testamento* e *Novo Testamento* indicam a *velha* e a *nova aliança*, ou dispensação da divina graça no mosaismo ou judaismo e no christianismo. Dahi, veio por *metonymia* a significar as duas partes da Biblia, que contém as duas Dispensações.

E como esta e a antecedente, innumeradas outras palavras latinas receberam, por intermedio da religião christã, propagada no occidente da Europa sob o influxo da Vulgata, sensíveis modificações em sua significação original, p. ex.: *creatio*, *creator*, *salvator*, *redemptor*, *convencio*, *gloria*, *devotio*, *proedictio*, *sermo*, *tentatio*, *vocatio*, *indigentia*, *oratio*, *peregrinus*; *remissio*, *virtutes*, *signa*, *peccatum*, *minister*, etc., são palavras latinas de cunho pagão, que passaram para as linguas neo-latinas, tendo recebido o baptismo da concepção christã.

- c) **Côrte** nos veio de *cohortem*, que designava o terreiro ou cercado onde os antigos romanos creavam suas galinhas ou ovelhas; depois a área occupada por uma legião romana recebeu tropologicamente o nome de *côrte*, e também a decima parte da legião. Mais tarde a realza antiga e guerreira dos merovingios apparece na *curtem* ou *cortem*, contracção de *cohortem*. E assim todo o brilho de uma *côrte* real vae-se prender historicamente a um humilde gallinheiro. O francez ainda guarda o sentido original no composto *basse-cour*.
- d) **Condestavel** nos veio de *comitem + stabuli* → *condestabuli* → *condestavel*, que significa originalmente *conde* ou *chefe da estrebaria* (=stabilus). De chefe das cavaliarias reais, o termo passou a designar o chefe superior de exercito nos tempos antigos.
- e) **Marechal** prende-se etymologicamente a *guarda de cavallos*, do antigo alto allemão *marscale* (*mar*=cavallo, *scale*=creado). Desta humilde significação primitiva passou o termo, como o antecedente, a significar a auctoridade superior do exercito.
- f) **Escravo** prende-se ao termo *slavo*=brilhante, com que se nomeiam os povos da Europa occidental. Vencidos estes e capturados pelos francos, o seu nome, alterado em *eslavons* ou *esclaves*, recebeu na lingua dos

vencedores o sentido de *captivo*, que é a idéa que nos desperta o nosso vocabulo da mesma origem — *escravo*.

- g) **Vandalos** são membros de uma tribo germanica, que em 409 invadiu a península Iberica, deixando como signal de sua passagem a assolação e a ruina. Desta circumstancia historica, originou-se o sentido ho-dierno de — *vandalo*, *vandalico*, *vandalismo*.

Obs. Semelhantes condições historicas nos deram: assassino, guilhotina, baloneta, calepino, dédalo, panico, homérico, hercules, epileurismo, phaetonte, jovial, emolumento (*molinum* → *moinho* = pagamento da moedura ao moleiro).

V. DEGENERESCENCIA SEMANTICA.

364. As palavras degeneram eventualmente, recebendo, no uso popular, sentido *pejorativo* ou *depreciativo*. exs.:

- a) **Tratante** era no v. port. o que tractava de seus negoelos; hoje o que o faz fraudulentamente. A degenerescencia não attingiu o verbo cognato *tractar*.
- b) **Traficante** só se emprega hoje em sentido depreciativo, de quem negocia com fraude. A molestia attingiu a familia: — *traficar*, *traficancia*, e mesmo *tráfico* já se sente da infecção evocando de prompto, em nosso meio, o *trafico de escravos*.
- c) **Finta** era antigamente (lançar *finta*) certo imposto ou tributo; modernamente *fintar* é deixar dolosamente de pagar as dividas.
- d) **Libertino** era o escravo liberto na antiga Roma; no correr dos tempos adquiriu o sentido de pessoa liberta de peias moraes, ou pessoa de costumes soltos.
- e) **Corja** é palavra indiana, que significava etymologicamente uma collecção de vinte objectos: “sessenta e duas corjas de roupa de Bengala (Peregr. 1. 160)”; hoje é uma reunião de individuos libertinos: *corja de ladrões*, *de velhaes*, *de tractantes*.
- f) **Mariola** significava *carregador*, *homem de fretes*: entre nós traz hoje a idéa de *brejeiro*, *biltre*, *maroto*.
- g) Muitos augmentativos encerram idéa depreciativa, como: *grandalhão*, *beberrão*, *homemzarrão*, *mulherão*, *mulheraça*, *narigão*, e alguns diminutivos: *liberalote*, *um figurinha*. O mesmo acontece com os substantivos em — *udo*: *cabeçudo*, *orelhudo*, *narigudo*. — A *ironia* não raro agrava o sentido pejorativo: *sanctinho*, *sanctarrão*, *sabichão*, *poetastro*, *ministraço*.
- h) **Sujeito** significava no port. quinhestista *assumpto*, *individo*, *pessoa*: “O padre Gaspar Fragoso, que leu este anno a nona, é sujeito de grande virtude... de

maneira, que são os sujeitos de que se formou a missão A. V., C. 41) — Castilho Antonio usa ainda a palavra neste sentido, porém modernamente entre nós *sujeito* tem, em geral, sentido *depreciativo*.

- 4) **Carroça** ainda no tempo do P.^o A. Vieira servia para reis e patriarchas: *Ante hontem vindo em carroça o patriarcha...* (C. 1. 238); hoje *carroça* só leva materias e fixo.

Obs. Muitos outros casos ha de pathologia verbal, que teem desterrado do uso nobre da lingua termos, que se tornaram torpes ou obscenos pelo failar da plebe.

Sobre este phenomeno das linguas vem a ponto o que escreve M. Bréal em seu *Essai de Sémantique*, p. 310: "Grande e inestimavel beneficio, para uma nação, ter em sua literatura um livro sagrado, e de todos conhecido! Póde a lingua soffrer toda a especie de ataques: haverá para ella uma fonte de purificação. E' o serviço que *the holy Bible* de 1611 prestou ao inglez, e a traducção de Luther ao allemão. Nossos grandes prégadores do XVII^o sec. prestaram á lingua franceza serviço analogo. Ha, ao contrario, recantos da literatura, que polluem tudo o que tocam, e que, se de uma expressão se apoderam, a restituem macuiada e deshonorada".

VI. EUPHEMISMO.

365. *Euphemismo* é a figura com que amenizamos ou disfarçamos a expressão de uma idéa desagradavel ou torpe por um termo ou termos que a dão a conhecer menos directamente, p. ex.: *passamento* por *morte*, *dormir* por *morrer*, *verter agua*, *cheirar mal*, *dar á luz*.

VII. POSIÇÃO DOS TERMOS.

366. A posição dos termos na phrase determina conhecidos phenomenos semanticos curiosos. Exs.:

Homem grande	grande homem
„ verdadeiro	verdadeiro homem
„ simples	simples homem
„ bom	bom homem
„ rico	rico—homem
„ gentil	gentilhomem.
Moço guerreiro	guerreiro moço
Escriptor philosopho	philosopho escriptor
Relogio certo	certo relogio
Meninos diferentes	diferentes meninos
Raças diversas	diversas raças
Flores varias	varias flores
Coisa alguma	alguma coisa

VIII. GENERO.

367. A variação de genero é um outro recurso da lingua para a diversificação de sentido. Exs.:

O corneta	a corneta		O guarda	a guarda
O clarineta	a clarineta		O moral	a moral
O lingua	a lingua		O gula	a gula

IX. NUMERO.

368. Nota-se analogo processo com a variação de numero em certas palavras, p. ex.: *honra e honras, liberdade e liberdades, fumaça e fumaças, ferro e ferros.*

X. DIFFERENCIAÇÃO MORPHOLOGICA.

369. As differenciações morphologicas, nas fórmãs *duplas* ou *divergentes*, trazem de ordinario differenciações semantologicas, como se vê na lista abaixo:

Estimare	→	estimar	e	esmar
Recitare	→	recitar	e	rezar
Comparare	→	comparar	e	comprar
Apprehendere	→	apprehender	e	apprender
Maculare	→	macular	e	magoar
Ministerium	→	ministerio	e	mister
Coronam	→	coroa	e	coronha
Nitidum	→	nitido	e	nedio

XI. DIFFERENCIAÇÕES REGIONAES.

370. Differenciações semanticas operam-se ainda em muitas palavras em diversas regiões de uma área linguistica. Já notámos que entre o Brasil e Portugal palavras ha que ostentam acepções differentes, taes as palavras — *moço, borracho, babado, botas, faceira, fumo, tabaco, etc.*

CAPITULO IV

ARCHAISMO E NEOLOGISMO

I. ARCHAISMO SEMANTICO.

371. No decurso do tempo, por causas diversas, succede desaparecer uma palavra de uso vivo da lingua e tornar-se *archaica*. Dá-se então o archaismo de palavra, que



já estudámos. Outras vezes, porém, não desaparece a palavra, mas apenas o seu sentido torna-se archaico, e opera-se um *archaismo semantico*.

372. O archaismo semantico pôde ser *parcial*, como, p. ex., se deu com a palavra *torto*, que perdeu o sentido de *damno*, *prejuizo* do v. port. (*Noticia de torto* = nota ou escriptura de *damno*), que conserva ainda no francez *tort*; e pôde ser *total*, como, p. ex., a palavra *padre* que no v. port. tinha o sentido de *pae*, e hoje só indica uma função ecclesiastica. Comtudo na oração dominical a expressão *Padre nosso*, conserva o sentido archaico de *pae*.

373. No archaismo semantico a palavra sobrevive a si propria, e, na sua contextura, como que guarda os detritos da época primitiva de sua formação. Assim *considerar* (*con*+*sidera*+*ar*) traz no seio *sidera* = *astros*, que é um como *detrito fossil* (para empregarmos a expressão metaphorica de distincto glottologo), que lembra a época primitiva de sua formação, em que o astrologo romano observava nos *astros* a sorte dos homens.

374. O esquecimento ou a translação de sentido das palavras, isto é, o archaismo semantico realiza-se em todos os periodos da lingua. Exs.:

- a) **Tolher** perdeu modernamente o sentido de *tirar*; "E por esta Ley nom tolhemos a pena que posta per Ei Rey..." (Ord. Affons.)

A's ondas torna as ondas que tomou,
Mas o sabor do sal lhe tira e tolhe.

Lus. 5. 22.

- b) **Gesto**, do lat. *gestus*, tem frequentemente em Camões o sentido de *vulto*, *physionomia*, *semblante*: affeçoada ao *gesto bello e tenro*" (Lus. 1. 16), "O' tu, que tens de humano o *gesto* e o peito (ib., 3, 127)."

"E por melhor teer o astuto engano,
No gesto natural se converteu" (Lus. 1. 77).

Tal accepção archalzou-se na linguagem corrente, onde retém o sentido de *aceno*; porém no dialeto literario com A. Herculano e A. Castilho vigora ainda a accepção camoneana.

- c) **Manha** tem adquirido sentido depreciativo de *má qualidade*, defeito; no v. port., porém, trazia o sentido de *costumes, arte, habilidade*; dahi as *boas manhas* e as *más manhas* das expressões proverbiaes: “Dizeme com quem andas, dir-te-ei que manhas has”.

Vendo varios costumes, varias *manhas*,
Que cada região produce e cria (Lus. 4. 65).

- d) **Qualquer** traz em Camões sentido archaico de *cada um*:

Qualquer em terra salta tão ligeiro,
Que nenhum dizer pôde que é primeiro
(Lus. 1. 87.)

A ancora solta loga a Capitaina,
Qualquer das outras junto della amaina
(Lus. 2. 28.)

- e) **Credo** tinha no v. port. a accepção de *breve espaço de tempo*, o sufficiente para se recitar o *Credo dos Apostolos* “Os Turcos... derão hua grande grita, e em menos de um *credo* se fizeram todos á vela” (M. P. Peregr. I, p. 18).

- f) **Soma** valia por *quantidade* no v. port.: “grãde soma de sacerdote respondia com uma grãde grita” (Ib. I. 36). Tal valor não é hoje admissível.

- g) **Orelha** era de frequente uso no antigo vernaculo por ouvido: “Filho, aseuyta os preceptos do meestre e inelina a orelha do teu coração”. (Regr. de S. B., Q. la L. Port., 81). — “Abri as orelhas, e não vos faças mudos a minhas lagrimas (H. P., Imagem, 1. 243). Tal uso se conserva no proverbio: “Palavras loucas, orelhas moucas”.

II. NEOLOGISMO SEMANTICO.

375. Devemos distinguir entre o neologismo de *palavra* e o neologismo de *sentido*. O apparecimento de uma palavra nova na vida historica da lingua é phenomeno já estudado; estudemos agora a innovação de sentido ou a addição de sentido novo em palavras já existentes, que é o que denominaremos *neologismo semantico*.

“Quando cria *sentidos novos*, escreve distincto philologo, dá ás palavras já existentes funcções que antes lhe eram extranhas. Sem ter apparencia de influir no lexico, ella de facto faz dessa palavra uma palavra verdadeiramente nova, porquanto com uma economia de *som* dá a uma mesma fór-

ma funcões differentes"... "Em todas as linguas falladas, a *palavra* é um som ou grupo de sons a que dão valor intellectual os que fallam. E' um signal sonoro que evoca, por uma associação regular de idéas, ora a imagem de objecto material, ora a idéa de uma noção abstracta. O espirito guarda a noção *constante* dessa relação, e quando apparece a palavra, ouvida ou lida, o espirito evoca a idéa de que ella é o signal, e, inversamente, quando o pensamento evoca a idéa esta surge sob o involuero da palavra, que a representa."

376. Opera-se com o elemento semantologico da palavra o mesmo que se dá com o elemento morphologico. A idéa se contrae ou se expande, o sentido se restringe ou se amplia, como vimos atraz. Não raro uma acepção do termo desaparece, e uma outra surge: a addição de uma idéa nova provoca, muitas vezes, o esquecimento completo da significação primitiva do vocabulo, e o *neologismo* semantico determina o *archaismo*. — *Egreja*, que nos veio do grego por intermedio do latim, já não evoca a idéa primitiva das assembléas populares convocadas, nas cidades gregas, pelo som estridulo da corneta do arauto; mas a assembléa ideal dos *chamados* á voz do Evangelho de Christo. — APOSTOLO, de origem grega, já não mais desperta a idéa classica de um mensageiro e representante de qualquer personagem, ou a idéa posterior de "uma expedição naval, uma frota expedita a serviço estrangeiro"; mas a idéa dos propagandistas de um systema religioso, politico ou philosophico. — SACRAMENTO, do latim *sacramentum*, não lembra mais o *juramento sagrado* do antigo legionario romano ás aguias imperiaes; mas uma instituição religiosa do Christianismo.

SYNTAXE

CAPITULO I

OBJECTO E PROCESSOS DA SYNTAXE

377. Não começaram os homens a fallar, observa judiciosamente K. Brugmann, por palavras, mas por phrases. A constituição mental da raça humana revela-se na linguagem, e esta, em tempo nenhum, se constituiu propriamente de palavras insuladas ou desconexas, mas de palavras relacionadas ou grupos logicos de expressão, a que damos o nome generico de *phrase*.

Syntaxe é, pois, o estudo da phrase, como Lexeologia é o estudo da palavra.

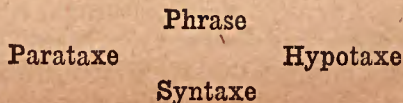
Syntaxe historica da lingua portugueza é o estudo da evolução da phrase latina nos actuaes dominios da lingua portugueza.

Coordenação e subordinação

378. Phrase é a expressão de um pensamento, isto é, de um agrupamento de idéas, ao passo que palavra é, em regra, a expressão de uma idéa simples ou elementar, quer geral, quer singular.

A phrase apresenta-se, em sua fórmula completa, como um grupo logico de palavras, que se combinam de dois modos fundamentaes: ou por *coordenação* ou por *subordinação*. A estes dois processos logicos chama Brugmann — *parataxe*. (gr. *para* = *perto*, *taxis* = *arranjo*) e *hypotaxe* (*hypo* = *sob*, *taxis* = *arranjo*), e ao estudo dos dois processos dá-se o nome de *syntaxe* (gr. *syn* = *com*), que etymologicamente significa *construcção* (lat. *cum* + *structionem*).

Podemos, portanto, representar o estudo grammatical da expressão phraseologica do pensamento, em seu aspecto geral, do seguinte modo:



Donde se vê que o estudo da Syntaxe é fundamentalmente o estudo da phrase nos dois processos *paratactico* e *hypotactico*, ou *coordenativo* e *subordinativo*, em que tão singelamente se resolve, em ultima analyse, a sua admiravel contextura.

CAPITULO II

PROCESSOS PHRASEOLOGICOS DO PORTUGUEZ E DO LATIM

379. A' parte as particularidades, que em seu logar estudaremos, notam-se na enunciação do pensamento em portuguez, como em latim, os mesmos processos fundamentaes de *coordenação* e *subordinação*, de que acabamos de fallar; bem como as mesmas leis geraes de *concordancia*, *regencia* e *ordem*. Ha, porém, dissemelhanças, ou differenciações, que importa notar mais adeante. Desde já diremos, entretanto, que para uma larga differenciação syntactica entre o latim e o portuguez concorreu o desapparecimento das fórmas syntheticas das *declinações* e *conjugações latinas*.

As relações logicas de coordenação e subordinação na contextura da phrase latina eram expressas por desinencias caracteristicas, que constituíam as declinações dos nomes e a conjugação dos verbos em latim. A queda da consoante final, sobre que repousava a distincção dos *casos* e das *vôzes* dos verbos latinos, produziu uma revolução na phrase e nos processos syntacticos. As relações logicas das palavras na constituição das sentenças deixaram de ser expressas pela propria desinencia, tornando-se necessario, para preencher essa lacuna, recorrer a palavras *auxiliares*, taes como as *preposições* e *verbos auxiliares*, e a outros meios.

Os membros das proposições, o *sujeito*, e os *complementos*, que em latim se revelam pelo *caso*, como já vimos, tiveram de valer-se, para se revelar, da *posição* e das *preposições*. Aquillo que em latim era *syntheticamente* expresso por uma só palavra, como, v. gr. (*corona*) *juventutis*, (*amor*) *Petro*, tornou-se *analyticamente* expresso por mais de uma — (*coroa*) *da juventude*, (*sou amado*) *por Pedro*.

O caracter *synthetico* do latim consiste, como se vê, em exprimir uma só palavra mais de uma idéa, como nas phrases acima — *juventutis*, que encerra a dupla idéa de *possuidor* e de *posse*; *amor*, que contem a idéa da *acção* de amar, e a do seu *paciente*; *Petro*, que não só, indica o *individuo*, mas o *agente* da acção verbal.

Por sua vez, o caracter *analytico* do portuguez e das linguas neo-latinas consiste em corresponder cada palavra a uma só idéa, de sorte que a phrase encerra discriminadamente a analyse do pensamento, como se pôde ver na traducção dos exemplos acima.

Assim, pois, ao *synthetismo* latino succedeu o *analytismo* neo-latino.

O caracter *synthetico* dava á phrase latina mais concisão e energia; ao passo que o caracter *analytico* communica á portugueza mais amplitude e clareza. Na força e belleza da expressão leva, pois, o latim vantagem ao portuguez e ás outras linguas neo-latinas; mas em clareza possuem estas decidida superioridade á latina.

380. As flexões casuaes lhe davam liberdade quasi illimitada na collocação de seus termos. Se bem que as linguas romanieas, não possam gosar da mesma liberdade, ellas teem, contudo, uma construcção mais livre que as germanicas, como observa Diez. O mesmo romanista assignala, como causas historicas desta maior liberdade, o movimento poetico do lyrismo provençaleseo, que presidiu ao nascimento das linguas romanieas, e a imitação do estylo latino provocado pelo Renascimento da literatura greeo-romana no sec. XVI. Das romanieas, pondera o mesmo auctor, o italiano é a que mais se approxima da lingua-mãe neste ponto, se bem que na poesia o portuguez, o hespanhol e o provençal em nada lhe sejam inferiores.

CAPITULO III

ESTRUCTURA ORACIONAL ROMANICA

PLANO DA PHRASE

381. A estrutura oracional romanica refere-se ao plano da phrase novo-latina na expressão de um pensamento com-



pleto. O pensamento completo tem a sua expressão na *proposição*, *sentença* ou *oração*.

Na estrutura oracional seguiram as linguas romanicas o plano geral da phrase latina, com restricção na *ordem* dos termos, e ampliação na *regencia* e *concordancia*.

O plano da phrase latina e das linguas congeneres consiste, em seu aspecto geral, na divisão binaria da proposição quanto aos termos essenciaes — *sujeito* e *predicado*.

382. *Sujeito* é o termo syntaetico de que se declara alguma coisa, e *predicado* é a coisa declarada do sujeito. Estes termos essenciaes podem ser ampliados, restringidos ou explicados por termos accessorios ou secundarios, chamados *complementos*. Além destes, um outro termo accessorio apparece nas particulas *connectivas*. E' este o arcabouço ou mechanismo da proposição grammatical, fornecido pelo aspecto completo da phrase latina e neo-latina.

383. Podemos definir a *proposição* como a phrase que contem uma declaração formal. A definição escolastica de que a proposição é "o enunciado de um juizo", e, consequentemente, é uma affirmação da conveniencia ou desconveniencia de uma qualidade ou attributo, em uma substancia ou sujeito, é justamente repellida por C. Ayer, por nem sempre adaptar-se ao conceito de uma proposição grammatical. As orações imperativas e optativas, por exemplo — *Trabalhae — Sejam felizes* — não contem affirmação propriamente, porém mera declaração de desejo.

384. As proposições ou orações constituem os *periodos* grammaticaes, que podem ser *simples*, se contem uma só proposição, e *complexo* e *composto*, se mais de uma.

Os periodos grammaticaes, divisões mais ou menos arbitrarías do discurso, assignalados na linguagem oral por uma pausa mais longa, e na escripta por um ponto-final, ou, ás vezes, por ponto-de-interrogação e exclamação, devem conter uma expressão cabal do pensamento, que não tenha com a subsequente, na sequencia do discurso, laço de intima relação. O *discurso* finalmente se apresenta como uma série de periodos na discussão desenvolvida de um assumpto. O limite e a extensão dos periodos são materia que obedece mais ao



genio do orador ou do escriptor e da propria época, do que a regras. Distinguem-se os periodos de nossos classieos quinhentistas não só pela sua grande extensão, como, não raro, pelo absurdo de seus limites. Hoje os periodos são mais eurtos, embora variem de accôrdo com o temperamento do escriptor, e os seus limites, no corpo do diseurso, são mais racionaes, obedecendo com mais euidado á ligação dos pensamentos.

De resto, é moderna a divisão rigorosa dessas diversas partes do diseurso. Eram, na antiguidade, esessas as notações syntaeticas ou signaes de pontuação. A pontuação dos monumentos escriptos da literatura antiga são manipulações modernas de sabios editores. Com a invenção da imprensa é que se foram inventando e applicando os variados signaes, com que hoje seecionamos o diseurso e o periodo grammatical.

385. PHRASES VERBAL E NOMINAL. Comprehende a proposição doĩs typos — a *phrase verbal* e a *phrase nominal*.

a) O typo da *phrase verbal* consiste em ser o predicado enunciado por um *verbo* unieamente: *o homem vive* = *homo vivit*.

b) O typo da *phrase nominal* consiste em ser o predicado enunciado por um *verbo* e um *nome* referente ao sujeito: *o homem é bom* = *homo est bonus*.

Na phrase verbal o predicado é expresso coneretamente por um verbo, que pôde ser de *predieação completa*, quando *intransitivo*, como: *Os campos floreseem*; ou de *predieação incompleta*, quando *transitivo*, *relativo* ou *de ligação*, como: *O homem ama a verdade, aspira ao ideal, e permanece incansavel na pesquisa do bem*.

Na phrase nominal o predicado é analyticamente expresso por um verbo de ligação e mais um outro elemento ligado ao sujeito, ordinariamente um *nome* adjectivo ou substantivo, ás vezes *pronomes*, *verbo* ou *adverbio*, que constituem *completivos subjectivos*, como se vê em seguida:

VERBO + NOME ADJECTIVO: *A vida é passageira*.

VERBO + NOME SUBSTANTIVO: *As cãs são a gloria da velhice*.



VERBO + PRONOME: *O bem é o que desejamos* -- QUEM é *elle?*

VERBO + VERBO: *Viver é LUCTAR.*

VERBO + ADVERBIO: *A salvação ESTÁ PERTO* — *Elle ESTÁ BEM.*

386. GRUPOS DE COORDENAÇÃO E DE SUBORDINAÇÃO. As palavras formam no seio da proposição grupos logicos, que são de duas categorias: *grupo de coordenação* e *grupo de subordinação*.

a) O *grupo de coordenação* é formado pela *juxtaposição* ou *aposição* de termos expressivos de idéas, que occupam a mesma posição no espirito. Esta equivalencia de posição é revelada na phrase pela concordancia grammatical e pelas particulas coordenativas. Exs.:

SUJEITO + SUJEITO: *DAVID e SALOMÃO foram reis d'Israel.*

SUJEITO + PREDICADO: *OS ALUMNOS SÃO DEDICADOS ao estudo.*

PREDICADO + PREDICADO: *O homem NASCE e MORRE.*

COMPLEMENTO + COMPLEMENTO: *Amamos a PATRIA e A HUMANIDADE.*

SUBSTANTIVO + ADJECTIVO: *O HOMEM BOM do DOM THEOURO de SEU CORAÇÃO tira BOAS COUSAS.*

SUBST. FUNDAMENTAL + SUBST. APPOSTO: *PERNAMBUCO, LEÃO DO NORTE, é uma das glorias do Brasil.*

A coordenação se diz *syndetica*, quando effectuada por conjunção expressa, como — *Pedro e Paulo foram apóstolos*; e *asyndetica*, quando ha suppressão da connectiva, e a coordenação se opera por mera juxtaposição ou collateralidade dos termos, como — *Pedro, Paulo, João, foram apóstolos.*

b) O *grupo de subordinação* é formado pela reunião de termos expressivos de idéas, que occupam posições differentes no espirito. Esta differença de posição é grammaticalmente revelada em latim pelos casos obliquos e nas linguas romanicas pelas particulas subordinativas, que são as *preposições*, as *conjunções* de 2.^a classe, o *adjectivo*, *pronome* e *adverbio conjunctivos*, excepto o objecto *directo*, que se revela pela posição:

AS ESTRELLAS DO CÉU *brilham* — *Elle ESTUDA PARA APPRENDER*
— *QUERO QUE VIVAM felizes* — *E' elle QUEM PAGA* — *Não SEI o*
LOGAR ONDE ESTOU — *O bom filho AMA a SEUS PAES e os paes AMAM*
o BOM FILHO.

Estes grupos logicos de coordenação e subordinação dizem-se *nominaes*, se formados de *nomes*, v. gr.: *homem bom*, *homem de paz*; e *verbaes*, se de verbos, v. gr.: *luctar e vencer*, *estar a luctar*.

O processo de *coordenação* e *subordinação* estende-se não somente aos membros da proposição, mas também ás proprias proposições entre si, que são *coordenadas* (*vim*, *vi e venci*), e *subordinadas* (*vim para que tenham vida*).

Da coordenação e subordinação das proposições, porém, tractaremos quando estudarmos o periodo composto e complexo.

Antes de passarmos ao estudo historico-comparativo dos termos desses *grupos logicos*, vejamos a maneira por que elles se formam em latim e nas linguas romanieas.

CAPITULO IV

PROCESSOS RELACIONAES DO LATIM E DAS LINGUAS ROMANICAS

RELAÇÕES SYNTACTICAS

387. Como vimos, as palavras combinam-se de certo modo, ou relacionam-se no discurso para a expressão do pensamento, formando *phrases verbaes* e *nominaes*, e *grupos logicos de coordenação* e *subordinação*. Na maneira, porém, de se relacionarem as palavras desses typos syntacticos, diverge o latim das linguas romanieas.

No latim as relações syntacticas são determinadas pelos casos de suas declinações, e nas linguas romanieas, não havendo casos, são essas relações indicadas por outros processos.

São trez as relações syntacticas fundamentaes das palavras no plano da phrase latina, de que já fallámos: a relação do *sujeito* ou *subjectiva*, a do *predicado* ou *predicativa*, e a de *complemento* ou *complementar*.

As relações complementares podem desdobrar-se em tantas relações quantos os complementos, a saber, em quatro: a *relação objectiva*, a *terminativa*, a *attributiva* e a *adverbial*. E se, a todas estas relações, reunirmos o *vocativo*, como relação á parte, e o *connectivo*, que tem função especial, chegaremos ao resultado de que toda palavra na phrase

mantem uma ou outra destas oito relações — *subjectiva, predicativa, objectiva, terminativa, attributiva, adverbial, vocativa e connectiva*.

Ora, o latim classico expressava todas essas relações com os seis *casos* de sua *declinação*, exceptuando a relação *predicativa* verbal, que, tanto em latim como nas linguas neolatinas, se expressa pelas fórmulas conjugativas do verbo, e a relação *connectiva*, que, em todo o grupo latino, é expressa por um pequeno numero de palavras indeclinaveis, *particulas de ligação* ou *connectivas*.

Além desses seis casos do latim literario, ha vestigios de ter tido o latim archaico mais dois, o *locativo* e o *instrumental*, herança do tronco primitivo aryano.

Esses casos já menciónados na Morphologia, eram constituidos por seis flexões ou desinencias espeeciaes, que indicavam syntheticamente a relação da palavra, isto é, o papel que ella representava no drama da phrase, como sujeito ou complemento.

388. OS CASOS LATINOS E SEUS EQUIVALENTES VERNACULOS.
Os casos latinos com seus respectivos equivalentes vernaculos são os seguintes:

Nominativo	relação subjectiva
Genitivo	„ attributiva
Dativo	„ terminativa
Accusativo	„ objectiva
Vocativo	„ vocativa
Ablativo	„ adverbial

289. NOMINATIVO (de *nominare* = *nomear*) é o caso do sujeito e do predicado nominal de modo finito: *Animus humanus immortalis est* = *a alma humana é immorttal*.

E' chamado *caso recto* em relação aos outros, que se dizem *obliquos*, e serve para revelar o sujeito seja qual for a collocação deste na proposição.

Perdida a desinencia casual, recorreu o portuguez á *posição* antes do predicado, como expediente para revelar o sujeito, e, no caso de não haver perigo de ambiguidade, ao *sentido obvio*: *O exercito venceu o inimigo* — *O inimigo venceu o exercito* — *immortal é a alma, o mar cortava a armada*.

390. GENITIVO (de *gignere*=gerar), é o caso da relação attributiva, pois em regra modifica um substantivo regente, de origem, posse, etc.: *Rex romanorum* = rei dos romanos, *liber Petri* = livro de Pedro, *oratio Ciceronis* = discurso de Cícero.

A preposição *de* veio supprir no portuguez a falta da desinença genitiva: *rei dos romanos*, *livro de Pedro*.

E' importante assignalar que o *genitivo*, dentro de sua função attributiva geral, continha funções características especiaes, que convem discriminar:

1.^a *Genitivo possessivo* (*genitivus possessionis*), quando indica posse: *Liber Petri* = livro de Pedro — *Domus regis* = casa do rei.

Este genitivo possessivo é usado *predicativamente* nas seguintes phrases: *Miseros consolari humanitatis est* = é da humanidade consolar os infelizes — *E' de cavalleiro usar de cortezia com as damas* — *O que for do pae é do filho*.

2.^a *Genitivo partitivo*, quando traz a idéa de parte de um todo qualquer: *Turma equitum* = uma turma de cavalleiros ou de cavallaria — *Modius tritici* = modio de trigo — *Tertius regum Romanorum* = o terceiro dos reis romanos — *Major fratrum* = o maior dos irmãos — *Maximum oratorum* = o maior dos oradores — *Nada de novo*, assaz de gente.

3.^a *Genitivo appositivo* ou *explicativo*, quando tem o valor de um apposto, ou de mera explicação ao termo regente: *Vox libertatis* = voz da liberdade, *flos rosae* = a flor da rosa (a flor rosa), *virtus justitiae* = a virtude da justiça, *titulo de eleitor*, *grau de approvação*, *posto de coronel*, *cidade de Lisboa*. Não raro, neste caso, se dispensa o genitivo, e se manifesta a opposição franca: *Urbs Roma* (cidade Roma), *flumen Rhenus* = rio Rheno, *rio Amazonas*, *fortaleza Santa Cruz*, *praça Concórdia*.

4.^a *Genitivo subjectivo* (*genitivus auctoris*), quando indica o auctor ou o agente do facto expresso pelo substantivo regente: *Oratio Ciceronis* = discurso de Cícero — *Calamitas belli* = calamidade da guerra, *amor patris* = amor de pae (que o pae possui).

5.^a *Genitivo objectivo*, quando indica o objecto ou paciente de facto expresso pelo substantivo regente: *Amor virtutis* = amor da virtude — *Remedium doloris* = remédio da dor — *Metus hostium* = medo dos inimigos (que se tem dos inimigos) — *Poenā sceleris* = pena de crime — *Dedicatio vitae* = pelega da vida.

Como em latim, é facil a ambiguidade entre o genitivo *subjectivo* e o *objectivo*, toda a vez que a significação do termo no genitivo puder ser agente ou paciente do facto. Se dissermos *amor virtutis* = amor da virtude, não pôde haver ambiguidade, pois o termo em genitivo *virtutis* só pôde ser objecto do *amor*, e não sujeito ou agente. O mesmo não acontece, porém, se dissermos — *amor Petri*, onde o termo em genitivo *Petri*, tanto pôde ser objecto como sujeito ou agente de *amor*.

391. **DATIVO** (de *dare* = *dar*), é o caso da relação terminativa, do objecto indirecto, de attribuição, a que alguma coisa pertence ou tem relação. Seu valor relational é geralmente indicado em portuguez pelas preposições *a* ou *para*: *Patria omnibus cara est* = a patria é cara a todos — *Panem pauperibus dedit puer* = o menino deu pão aos pobres — *Sapientis est naturae convenienter vivere* = é do sabio viver convenientemente (a) com a natureza.

Subsiste ainda o dativo organico nos casos obliquos pronominaes — *lhe* e *lhes*. As fórmulas — *me, te, se, nos, vos, a mim, a ti, a si, a elles, a nós, a vós, a elles*, são frequentemente empregadas com o valor syntactico de dativo: *dar-me os parabens, entregar-nos as chaves, dar-se ares de innocente*.

Convem notar duas especies de *dativos*:

1.^o *Dativus commodi et incommodi*, que indica o interesse ou o desinteresse da pessoa ou coisa em relação a que se pratica alguma acção: *Domus dominis aedificata, non muribus* = a casa é construída para os donos e não para os ratos — *Homo non sibi solus natus est, sed patriae, sed suis* = o homem não nasce só para si, mas para a patria, mas para os seus.

2.^o *Dativus ethicus* (dativo ethico), que indica o interesse, na acção, de quem falla ou a quem se falla, e dá, como

observa Diez, mais calor á phrase: *Quid sibi vult haec oratio?* = *que lhe significa este discurso?* — Olhem-me (dativo) a cara daquelle rapaz. — Em francez: *Regardez-moi la mine de ce garçon?*

E' tal dativo de frequente uso, mormente no v. port.:

Quem m'ora quizesse cruzar
bem assy poderia ir,
bem como foy a Ultramar
Pero d'Ambrosio Deus servir.

O Ant. Vern. 89

Considerae-me o mundo desde seus principios, e vèl-o-eis sempre, como figura no theatro appareendo e desapareendo juntamente, por que sempre passando (A. V., S. 1. 142) — Vê-me esses animaes, suas bellezas compara-as com as tuas (F. Elys., Fab. 33).

392. ACCUSATIVO (de *aecusare* = *accusar*) é o caso do objecto directo, do paciente da acção verbal, bem como do sujeito e do predicado nominal do modo infinito: *Scipio delevit Carthaginem* = *Scipião destruiu Carthago* — *Dicunt Petrum esse sapientem* = *dizem ser Pedro sabio*.

A função do accusativo em portuguez é indicada pela posição immediata ao predicado expresso por verbo transitivo. O nominativo ou o sujeito revela-se, em geral, como vimos, pela sua posição *antes do predicado*, e o accusativo ou o objecto directo pela sua posição *depois*, isto é, o agente e o paciente da acção verbal occupam, de rigor, as posições extremas do predicado: *O exercito venceu o inimigo* e *o inimigo venceu o exercito*. Como se vê, o sentido é dado pela posição dos termos; qualquer outra collocação traria ambiguidade.

Todavia, casos ha em que o *sentido obvio* mostra qual o agente e o paciente, qual o nominativo e qual o accusativo:

Mas já a planeta, que no céu primeiro.
Habita, cinco vezes apressada
Agora pelo rosto, agora intelto
Mostrára emquanto o mar cortava a armada

C. Lus. 5. 24

Além deste caso, tem a lingua a faculdade, recebida da b. latinidade, de assignalar o accusativo ou paciente com a preposição *a*, nas condições que mais adiante estudaremos.



As fórmãs obliquas pronominaes — *o, a, os as* são vestígios do accusativo organico latino. As formas — *me, te, se, nos, vos*, ora funcionam como *accusativo*, ora como *dativo*, por ex.:

Apreço-te e dou-te os parabens, dar-se ao estudo, dar-se ares de importancia, arroguel-me o direlto, proporcionou-nos horas agradaveis.

O lat. admite com certos verbos, como *celo* = *oculto*, *doceo* = *ensino*, *peto* = *peço*, etc., dois *accusativos*, um da *pssoa* e outro da *cousa*; o port. repelle esta syntaxe, e leva ordinariamente o *accus.* da *pssoa* para *dativo*:

Adolecentem litteras docere = ensinar lctras ao moço — *Id te oro* = peço-te (dat.) isto — *Quotidie Coesar Aduos frumentum flagitabat* = todos os dias Cesar pedia trigo aos eduos (Chassang).

No port. arch. apparecem exemplos desse duplo *accusativo*.

393. **VOCATIVO** (de *vocare* = *chamar*), é o caso da interpeção, chamamento e exclamação: *Vincere scis, Hannibal*; *victoria uti nescis* = *sabes vencer, Annibal*; *não sabes da victoria utilizar-te*. — *Quousque tandem abutere, Catilina, patientia nostra* = até quando abusarás, ó *Catilina*, de nossa paciencia.

Em portuguez o *vocativo* se denuncia pela entoação da voz, pela interjeição *ó, e*, no caso de exclamação, *ah! oh!* Na linguagem escripta as virgulas indicam na phrase o *vocativo*: *Eu, Marília, não sou nenhum vaquero, que viva de guardar alheio gado.*

394. **ABLATIVO** (de *ablatus* = *tirado*), é o caso dos complementos circumstanciaes, das circumstancias adverbias de *tempo*, *logar*, *instrumento*, *separação*, *origem*, *companhia*, *modo*, *causa*, *medida*, *preço* *limitação*, etc.

Tempo: *in pace* = na paz, *in bello* = na guerra, *in tempore* = em tempo opportuno, *bis in die* = duas vezes no dia, *primo mense* = no primeiro mez, *nocte* = de noite.

Logar: *terra marique* = em terra e no mar, *humi* = no chão, *vesperi* = á tarde.

Instrumento: *Dolor lenitur tempore* = a dor abrandã-se com o tempo, *pedibus ire* = ir com os proprios pés — *Themistocles divitiis ornavit Athenienses* = Themistocles encheu de riqueza os athenienses.



Separação: *Loco movere*=afastar-se do logar — *desistere conatu*=desistir da empresa — *liberare aliquem metu*=livrar alguém do medo.

Origem: *nobili genere natus*=nascido de família nobre.

Medida: *Magnos homines virtute metimur, non fortuna*=medimos os grandes homens pela virtude, e não pela fortuna.

Limitação: *Nemo tibi par est eloquentia*=ninguém te é igual em eloquência — *Avus materno genere*=avô pelo lado materno — *Homo natione Gallus*=homem gaulez de nação — *Sunt quidam homines non re, sed nomine*=alguns são homens não nos feitos, mas no nome.

Modo: *Cum virtute vivere*=viver (com virtude) virtuosamente — *aequo animo*=com ânimo tranqüillo — *nudis pedibus*=com pés nus, *promino capillo*=com cabelo crescido.

Colhe-se desses exemplos que o ablativo é supprido em portuguez por preposições adequadas ás diversas circumstancias. Porém, não faltam exemplos em portuguez de ser, como em latim, o *ablativo* circumstancial desacompanhado de preposição e ser accusado apenas pelo sentido do texto, p. ex.:

Partiu para Paris via Lisboa — Chegou segunda e partiu terça — Dormiu um dia inteiro — Passou a meditar horas e horas — Foi-se seu caminho — Andou duas horas.

Obs. Em alguns casos a ausência habitual da preposição deu a esses complementos circumstanciaes a apparencia de *objectos directos*, e a lingua chega a eneará-los como taes, dando ao verbo uma accepção transitiva, que lhe era extranha, como prova a conversão passiva: *dormi duas horas*=duas horas foram dormidas por mim.

CAPITULO V

SUJEITO

395. SUJEITO, em grammatica, é a pessoa ou coisa de que se declara aquillo que é expresso pelo predicado. E como o predicado encerra a acção verbal, o sujeito é concebido como o *agente* ou *paciente* dessa predicacão ou acção verbal. Quando o verbo é activo, isto é, quando a acção expressa pelo verbo é franca e manifesta, o sujeito é *sujeito-agente*,

se o verbo está na voz activa, como: — *O menino escreveu o exercicio*; e *sujeito-paciente*, se na voz passiva, como: — *O exercicio foi escripto pelo menino*. De sorte que na voz activa o *sujeito* identifica-se com o *agente*, e na voz passiva delle se distingue, sendo o *agente* expresso por um complemento regido da prep. *por* ou *de*.

Succede frequentemente que a lingua estabelece, por meio de um pronome obliquo da mesma pessoa que o *sujeito*, uma relação de identidade entre o *agente* e o *paciente*, e, neste caso, o *sujeito* se diz *agente* e *paciente*, como: — *O menino levantou-se* — *Nós nos ferimos*.

Quando, porém, a *acção verbal* é velada ou tenue, como acontece com os verbos que exprimem estado, p. ex., — *O homem nasce, vive e morre*, o verbo e o seu *sujeito* dizem-se *neutros* (lat. *neuter* = *nem um nem outro*), *nem agente nem paciente*, *nem activo nem passivo*.

396. OUTROS ASPECTOS DO SUJEITO. Além desses aspectos do *sujeito* em relação ao *predicado*, outros existem que convem aqui consignar.

O *sujeito* pôde ser ainda *expresso* ou *claro*, quando enunciado, v. gr.: *Eu escrevo uma carta* — *Cesar veio a Roma*. — E' ainda commum entre os grammaticos appellidar-se o *sujeito* — *determinado*, quando é ou pôde ser *expresso*, e *indeterminado*, quando não é *nem pôde ser expresso*, é um mero *sujeito psychologico*, que a lingua sempre subentendeu, e nunca enunciou, a não ser por um pronome. Dá-se este phenomeno, commum de todas as linguas aryanas, com os verbos chamados por isso mesmo *impessoaes*: *Chove* e (pop. e arch.) *elle chove* — *Faz calor* — *Dizem, que elle morreu* (cf. *il pleut fr., it rains ingl.*). Estudaremos o ponto mais adiante.

397. SUJEITO EM NOMINATIVO, ACCUSATIVO E DATIVO. O *sujeito* do modo finito vae para *nominativo*, e em port. esse *sujeito-nominativo* se denuncieia normalmente pela sua *posição* anterior ao *predicado*. O *sujeito*, porém, do modo infinito vae em lat. para *accusativo*, ao invés do port. que o leva igualmente para *nominativo*, p. ex.:

Dicunt me esse bonum = dizem ser eu bom, *credo illum erravisse* = creio ter elle errado, *Cæsar jussit castra moveri* = Cesar ordenou serem os abarracamentos (elles) levantados.

Entretanto, seguem a tradição latina, tendo o seu sujeito no *accusativo*, os infinitivos regidos de *fazer*, *deixar*, *ver*, *ouvir*, *mandar*, e outros; com excepção deste ultimo, os outros quatro admittem, em certos casos, o sujeito tambem em *dativo*, p. ex.:

Fazê-lo ou fazer-lhe ir, deixá-lo ou deixar-lhe fallar, vê-lo ou ver-lhe sahir, ouvi-la ou ouvir-lhe cantar, mandá-lo prender — Fez-lhis jurar sobre los santos evangelhos (Chrest. Arch. 42) — Foi mul ledo contra elle, mas viu-lhe fazer mui má contença (cara, cf. ingl. *countenance*) (Ib. 58) — E emfim mandou-os queimar (Ib. 156).

398. SUJEITO LATENTE. O pronome sujeito vinha em lat., ordinariamente, latente no verbo, e só era expressado quando o pedia a *emphase* ou o *contraste*. Segue o port. nesta parte o genio da lingua-mãe: *Laudas=louvas* (tu) — *Ego fleo, tu rides=eu choro, tu ris.* — Em *mandei-lhe que sahisse, ensinei-lhe que fizesse*, etc., o sujeito das elausulas subordinadas, logicamente incluído no objecto indirecto do verbo regente, não se pôde enunciar grammaticalmente.

399. SUJEITO REGIDO DE PREPOSIÇÃO. O sujeito, representando o nominativo latino, não é em portuguez, como não era em latim, regido de preposição; por isso evitam os bons escriptores contrahir a preposição com o sujeito do infinito, ou com qualquer palavra que a elle pertença, ou com o artigo, que modifica o sujeito, p. ex.:

E' tempo *de* elle levantar-se — E' hora *de* os brasileiros erguerem-se — Quando os inglezes se rirem *de* elles terem muito dinheiro e nós pouco, torçamos a orelha e choremos (A. H.)

Comtudo desenvolveu-se no v. port. a regencia preposicional do sujeito, quando este era constituído por uma oração infinitiva, e embora tal praxe anti-latina tenha, em geral, desaparecido do portuguez moderno, todavia escriptores, como A. de Castilho e Garret, a tem perfilhado. Exs.:

Melhor é de seear traedor
ca morrer escumgado.

Chrest. Arch. 201

Pero he-lhe necessario de saber conhescer de que guisa pôde melhor filhar aquelle porco (Tex. Arch. 56). — Sendo ele de



idade, convem a saber de LX anos (Chrest. Arch. 108). — E por esto lhe cumpre de se trabalhar de saber bem conhecer todas estas cousas (T. Arch. 57 — sec. XV) — Era cousa singular de veer (Chr. Arch. 108) — E foi facil de possuir (A. V. — C. 6). — Desaire real seria de a deixar sem premio (G.) — Ainda agora nos não pesa de o havermos feito (A. C.)

400. INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO E DO AGENTE. Chama-se, em grammatica, sujeito indeterminado o sujeito dos verbos impessoaes, reclamado pela analogia syntactica dos outros verbos, e normalmente inexpresso na proposição; é um sujeito psychico, que se annuncia vagamente no dominio do espirito, mas que não faz sua apparição na esphera da linguagem ou no dominio da grammatica. Com certos verbos, empregados impessoalmente na 3.^a pessoa do plural, na voz activa, e na 3.^a pessoa do singular na voz passiva, podemos perceber mais claramente a existencia desse sujeito ou agente indeterminado.

De facto, ha um duplo processo em portuguez, herdado do latim, para quando queremos indicar a *indeterminação do sujeito* e do *agente*. Consiste elle em levarmos o verbo á 3.^a pess. do plur. da activa, e á 3.^a do sing. da passiva com a particula *se*, p. ex.: *Contam que fulano morreu* e *conta-se que fulano morreu*. Na primeira proposição está indeterminado o sujeito-agente de *contam*; na segunda apenas se enuncia o sujeito-paciente de *conta-se*, que é a proposição— *que fulano morreu*. O *sujeito*, ou, melhor, o *agente* destas phrases é reclamado, como facilmente se vê, não só pela analogia syntactica, mas ainda pela propria actividade expressa no predicado, ou, podemos dizê-lo, pelo principio de casualidade. Este *sujeito* ou *agente*, que, embora francamente suspeitado, a lingua normalmente não enuncia, é o que se chama *sujeito e agente indeterminado*. E se, por esse motivo, é indeterminado, deve de ser grammaticalmente *indeterminavel*, pois qualquer determinação analytica é arbitraria e artificial. Portanto, procurar um termo que faça o papel de sujeito ou agente, como fazem Moraes, Sotero e os velhos grammaticos da escolastica, é desconhecer o phenomeno linguistico da indeterminação do sujeito ou do agente, os quaes nessas phrases verbaes se acham ausentes não por uma ellipse conveniente aó estylo, mas pela inconveniencia ou difficuldade de se achar um que possa bem caracterizar o

seu objecto. Apparece, ás vezes, é facto, enunciado um sujeito-agente, como: *muitos, todos, os homens contam que fulano morreu*. Mas essa determinação não se faz espontanea, como o natural supprimento de um sujeito elliptico, e sim ordinariamente como o resultado de uma interpellação: *Quem conta? Todos contam*; ou, como é commum, reduzimos a phrase á forma pessoal no sigular: — *o povo, toda a gente conta*. O genio da ling. ingl. reelama este processo pessoal: *people say, they say*.

Muitos são os verbos que admittem este processo de se deixar indeterminado o *agente-sujeito* na activa, e o *agente-complemento* na passiva, taes como — *dizer, julgar, crer, fallar, soar, etc.*

401. ORIGEM LATINA DO DUPLO PROCESSO DA INDETERMINAÇÃO DO AGENTE. O duplo processo activo e passivo em relação ao agente indeterminado, de que tracta o paragrapho antecedente, reeebemo-lo do latim, como se depreheende dos seguintes exemplos:

Dicunt cum esse sapientem = dizem ser elle sablo; *dicunt* = dizem, *credunt* = crêem, *ferunt* = contam. — *Dicitum* = diz-se, *creditur* = crê-se, *ambulator* = passela-se, *vivitur* = vive-se, *fertur* = conta-se, *bibitur* = bebe-se, *pugnatur* = peleja-se, *pugnatum est* = pelejou-se, *pugnandum est* = deve-se pelejar, *invidetur potentibus* = Inveja-se aos poderosos (ter-se inveja aos poderosos), *sic itur ad astra* (Verg.) = assim se vae aos astros, *hic jam ter centum totos regnabitur annos gente sub Hectorea* . . = por trezentos annos completos reinar-se-á aqui sob a geração hectorca (Os hectorcos aqui trezentos annos já reinarão — O. M.) — *Non potest beate vivere, nisi cum virtute vivitur* = não se pôde viver feliz, se não se vive com a virtude (Não podemos viver felizes, se não vivemos virtuosamente).

402. O lat. possui um outro typo syntactico, em phrases analogas, em que o verbo regente assume fórma pessoal na voz passiva, como se vê no seguinte passo de Vergilio: *Quam Juno fertur terris magis omnibus unam posthobita coluisse Samo* = á qual, se conta, Juno até pospoz a predilenta Samos (O. M. Eneid. I. 23). A' letra diz o lat.: *Juno é rontada ter posposto* . . . O ingl. adopta processo identico, p. ex.: *Peter is said to learn French* (á letra) = *Pedro é dieto aprender franceez*. O port. repelle tal syntaxe com os verbos *contar, referir*, etc.; porém admitte com alguns

outros verbos de construcção semelhante, em que o sujeito do verbo *regido* pôde passar a sujeito do verbo *regente*; pôde-se ver isto nos seguintes exemplos:

Via-se (era visto)... resplandeecerem as eumiadas das montanhas (A. H., Eur. 84) = viam-se resplandecer as eumladas das montanhas — Via-se vaguear ou vaguearem uns vultos negros = negros uns vultos vaguear se viam (Id.) — Via-se brilharem dois olhos reluzentes = Viam-se brilhar dois olhos reluzentes (Id. O. Bob. 31) — Ouvia-se sussurrarem as ribas ermas = as ribas ermas sussurrar se ouvlam (Id.) — Sentiu-se então por toda a rua abrirem-se portas e janellas, e soarem vozes dos vizinhos = Sentiram-se então por toda a rua abrir portas e janellas, e soar vozes dos vizinhos (Souza, V. do Are. 2. 36) — Os carmes do poeta pareceem altear-se mais sonoros = Os carmes da poeta parece altearem-se mais sonoros (L. C.) Cf. lat. Tu mihi vlderis esse doctus = tu me parecees ser douto (M. Barreto, Noviss. Est. 221) — Ouviu-se, em seu vaseongo, os corteãos rugirem (Fab. 276).

403. A INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO-AGENTE COM OUTROS VERBOS. O conceito de sujeito indeterminado estende-se a todos os verbos impessoaes. Dos impessoaes essenciaes (*chover, anoitecer*) fallaremos no proximo paragrapho. Dos accidentaes é largo o uso que o portuguez recebeu da baixa latinidade. A cada passo apparecem na phrase com sujeito indeterminado, isto é, empregados impessoalmente os verbos — *haver, fazer, estar, ser, rir, soar, pesar*, etc.:

Ha homens, faz frio, faz quatro annos, está quente, é tarde, é cedo, é muito dia — Mal vae á casa onde a roca manda á espada — Mal vae á raposa quando anda aos grillos — Onde tem me vae, tenho mãe e pae — Se os aprestos do inimigo, como por eá soa, forem tambem maritimos... (A. V.)

Felipa, como te vae?
Que me proveja
E saiba como me vae (G. V.)

404. Houve uma corrente medieval, que dava a estes verbos um sujeito *ficticio* no pron. da 3.^a pess. em nominativo. O v. port. registra larga copia dessa tendencia, que ainda apparece no dialecto popular e esporadicamente em certos escriptores modernos. Domina ainda no francez e no inglez: *il pleut, il rains*. Exs.:



Senhor, elle parece que aprende a cirurgião (C. Obr. 3. 14) — Elle é ainda muito dila (A. P.) — Elle é certo que muitos se envergonham de fazer oração e penitência (M. B.) — Ella é colsa admiravel, que os conselheiros de Castella se conformam tantô com os nossos (A. V., Obs. C. 1. 192).

405. THEORIA DO SUJEITO INDETERMINADO. A theoria do sujeito-agente indeterminado, que acabamos de expender, tem sido criticada por abalisados philologos, mormente em relação aos verbos essençialmente impessoaes, que exprimem o estado da atmospherã ou phenomenos metereologicos, v. gr., *pluit=chove, tonat=troveja*. “O *pluit* latino é uma adhesão simples”, diz Jac. van Ginneken em seus *Principes de Linguistique Psychologique*. Sobre o ponto esereve, entretanto, K. Brugmann, o prestigiado eorypheu de uma nova esehola de glottologos: “Emfim veem os impessoaes, expressões verbaes eoneebidas como desprovidas de sujeito. Desde o indo-europeu apresentam-se com este earacter verbos, mormente verbos que exprimem phenomenos naturaes (lat. *pluit, tonat*). Psychologicamente *chove*, outra eousa não é senão a exelamação *a chuva!* que contem uma observação sobre o phenomeno atmospherico. Sem duvida estes verbos apresentam-se muitas vezes tambem eom um sujeito expressado, p. ex.: *o céu, um deus (Zeus, Jupiter), a nuvem*, e muitas vezes póde um sujeito ter sido subentendido. Qual é o typo primitivo, o typo eom sujeito ou o typo sem sujeito? E’ o que não nos eompete deecidir; a presença de uma desineneia pessoal nada prbva quanto á prioridade do typo eom o sujeito. Eventualmente, pois, as expressões simples chamadas impessoaes, ainda que já existentes em indo-europeus, podem ter sahido de expressões eom dois membros” (*Abrég. de Grammaire Comparative*, p. 661).

Historicamente, portanto, desde os tempos primitivos das linguas pertencentes ao grupo indo-europeu, houve sempre uma tendencia para se dar um sujeito a taes verbos, a ponto de deelarar Brugmann que é eventualmente possivel ter a expressão sem sujeito proeedido da expressão eom sujeito; donde se póde eoneluir que o genio das linguas aryanãs, arrastado pela analogia syntactica, que offerecem outras categorias de verbos, e pela neecessidade racional de se referir toda acção a um *agente*, não parou no facto observado, não se eontentou eom a simples adhesão ao phenomeno, mas

suppoz uma causa. Espirito philosophico e indagador, buscou sempre o espirito aryano sorprehender no facto o agente mysterioso.

Podemos applicar a esta classe de verbo, bem como a todos os outros verbos impessoaes, a theoria do sujeito indeterminado, o qual se apresenta como uma ellipse original, que a lingua, em seu movimento analytico, busca sempre determinar dando expressão grammatical a sujeitos hypotheticos.

Uma destas tentativas historicas, que actualmente caracterizam algumas linguas aryanas, como o francez, o inglez e o allemão, é a anteposição de um *pronome neutro* com o intuito de representar grammaticalmente esse sujeito tacito, psychico, debalde procurado: *il pleut fr., it rains ingl.* O velho portuguez e o portuguez popular, como já vimos, não é extranho a esta tentativa: "*Elle é ainda muito dia* (A. P.)

Caracterizam, pois, todos os verbos impessoaes a indeterminação do sujeito ou do agente; qualquer determinação destes termos ou faz passar o verbo para a categoria dos pessoaes, desviando-o do seu sentido proprio, como — *o éeo chove, as nuvens trovejam, ekovem pedras, improperios;* ou dá em resultado uma analyse barbara e artificial, como — *ha iguarias (na mesa) — a mesa ha iguarias; ha homens bons — a sociedade ha homens bons.* E' esta a analyse de Moraes e dos velhos grammaticos, que mandam subentender um substantivo adequado ao sentido, embora dê em resultado uma phrase barbara, artificial, inusitada. Sotero dos Reis requintou neste artificio analytico, propondo para sujeitos do verbo *haver*, empregado impessoalmente, os substantivos *numero, especie, quantidade*, sêguidos da preposição *de*, deste modo: *numero, especie, quantidade de homens bons ha!*

Tal modo de conceber a missão da analyse grammatical, leva o alumno a uma gymnastica esteril e absurda.

406. Desenvolveu-se na b. latinidade um processo logicamente equivalente á indeterminação do sujeito. Consiste elle em dar por sujeito da acção verbal de certos verbos o substantivo *homo* = *homem*, com o valor de pronome indefinido, p. ex.:



Non in solo pane vivit homo = não só de pão vive o homem (Vulg. S. Math. 4. 4.) — *Ut inter tabulas aspicere homo non possit* (Gr. Tur. II. F. 4—12, ap. Bourciez).

Tal processo teve largo desenvolvimento no v. port. e no port. class. com o artigo e sem elle:

Não pôde homem acabar hua oração em paz (S. de Mir., Obr. 2. 225) — ... ou por segredo que homem não conhece (Lus. 3. 69) — Anda o homem a trote, por ganhar capote (Prov.) — Deita-so homem no chão, por ganhar gabão (Prov.)

Obs. Como se vê, *homem* usado pronominalmente ora vem precedido do artigo, ora não. Deste uso de *homo* na baixa latindade veio o pronome indefinido francez — *on* = *homo*. Hoje nesta accepção emprega-se — *a gente*: *A' gente que lhe importa que a roubassem ou não...* *E' que a gente estava no quintal* (A. C., Doent., 5) — Já é velho na lingua o emprego de *uma pessoa* em accepção pronominal: *Não havia onde hũa pessoa se pudesse assentar* (F. M. P., Per. 1. 341).

CAPITULO VI

PREDICADO

407. O predicado é o termo que expressa o facto ou a coisa que se declara do sujeito, com o qual se coordena pela concordancia grammatical. E' o segundo membro essencial no plano da phrase latina e novo-latina, e é uniformemente expresso por um verbo ou por um verbo e mais um elemento integrante, como abaixo veremos:

408. A *predicação*, quer expressada syntheticamente por um verbo — *a estrella brilha*, quer por um verbo e mais um elemento — *a estrella é brilhante*, pôde ser *completa* ou *incompleta*, conforme pede ou não um complemento para seu cabal sentido. A predicação expressa por verbos intransitivos é *completa*: — *a cstrella BRILHA*, *a flor MURCHOU*; e *incompleta*, quando expressa por verbos transitivos, relativos e de ligação: *Elle disse...*, *tu irás...*, *vós sois...* *elles queixaram...* O mesmo acontece com o predicado na phrase nominal, quando o ultimo elemento tem significação *absoluta* ou *relativa*: *elle é bom*, e *elle é inclinado...*

409. O predicado apresenta dois typos geraes: o *typo verbal* e o *typo nominal*, que, como vimos, caracterizam a



phrase verbal e a *phrase nominal* na enunciação de um pensamento completo.

410. O *typo verbal* do predicado é constituído por um verbo, e o *typo nominal* por um verbo e mais uma palavra, que se refere ao sujeito através do verbo, expressando alguma qualidade ou estado d'elle. No primeiro caso o predicado é *synthetico, concreto* ou *simples*; o *sol resplandeecc*; no segundo é *analytico, periphrastico* ou *complexo*: o *sol é resplandecente*.

411. O segundo elemento do predicado complexo ou de *typo nominal* se diz particularmente — predicado *nominal, pronominal, verbal* e *adverbial*, conforme for *nome, pronome, verbo* ou *adverbio* esse elemento, o qual modifica o sujeito através do *verbo*, que é o predicado *grammatical*. Exs.:

Predicado	{	Nominal	{	Elle é juiz
				Elle é justiceiro
		Pronominal	—	Quem é elle?
		Verbal	—	Viver é trabalhar
		Adverbial	—	Elle está bem

412. No predicado de *typo nominal* o verbo assume a feição de um connectivo, tornando-se *verbo de ligação*, e a palavra ligada ao sujeito é o elemento principal da prediação complexa. Todo o verbo de ligação (ainda que se apresente eventualmente com tal caracter na phrase) é sempre de prediação incompleta, pois exige para completá-la essa palavra ligada ao sujeito, v. gr.: *elle é, está, fica, permanecee, parecee, torna-se BOM*; o *homem viveu FELIZ e morreu POBRE, as aves voam GARBOSAS*.

Nestes trez exemplos ultimos os adjectivos *feliz, pobre* e *rapidas* estão pelos adverbios — *felizmente, pobremente* e *velozmente*. Ha, comtudo, uma differenciação de sentido entre o emprego do adjectivo e do adverbio nessas phrases, como se pôde verificar; ha mais viveza no adjectivo, que modifica o agente, do que no adverbio que modifica a sua acção. Além disso, esses adjectivos, appostos aos sujeitos, sem a intermediação do verbo, dão outro sentido á phrase: —o *homem pobre morreu, as avcs garbosas voam*. Sendo, pois, modificadores do sujeito através do predicado, são taes

adjectivos *completivos subjectivos*, e como fazem parte integrante do predicado, são igualmente *completivos predicativos*. Dá-se o nome de *hypállage* (gr. *mudança*) a este emprego do adjectivo pelo adverbio.

Verbos ha que se apresentam frequentemente na phrase com um caracter connectivo, e outros esporadicamente. Entre aquelles sobresaem os verbos — *ser, estar, parecer, fiar, andar, tornar*, etc.

413. Todo o verbo de ligação tem, cada um, sua predicção propria, o que torna complexo o predicado total. O verbo *ser*, porém, o mais simples, o que attribue ao sujeito a predicção de existencia, que é de todas a mais geral, vaga e subtil, é geralmente considerado como vasio de predicção, como mero connectivo ou *verbo abstracto*, na phrase nominal: *o céu é azul*. Guarda, porém, sua função primitiva de *verbo conereto* e de *predicção completa* na *phrase verbal*, como: *E' tarde, é cedo; fomos, não somos já* (G. Cam. 50).

414. O *predicado nominal* (completivo *subjectivo e predicativo*) é muitas vezes expresso por uma phrase, ou por um grupo logico de subordinação, equivalente a um adjectivo, p. ex.:

Noemi ficou SEM MARIDO (=desmaridada) — *Era DE ADMIRAR* (=admiravel) *tudo isto* — *Seu coração estava DE LUCTO* (=enluctado) — *O heroe era DE ALTA LINHAGEM* (=nobre) — *Elle está DE CAMA* (=deitado) — *Isto parece DE BOM PROVEITO*.

415. A passiva de certos verbos, como — *chamar, appellidar, nomear, eleger, considerar*, etc., dá-nos um predicado *nominal duplo*, isto é, expresso por dois termos:

Elle foi CHAMADO SABIO — *O heroe da Inconfidencia foi APPELLIDADO TIRA-DENTES* — *Elle foi ELEITO DEPUTADO, NOMEADO LEADER da camara, CONSIDERADO DIGNO de respeito*.

O segundo termo, que está *apposto* ao primeiro, pôde ser reduzido a um grupo logico de subordinação:

Elle foi chamado DE SABIO, appellidado de TIRA-DENTES, eleito COMO DEPUTADO, nomeado POR OU PARA LEADER, considerado POR DIGNO de respeito.



Obs. Na enunciação destes grupos logicos de subordinação, convem evitar a confusão com o agente da passiva, que é sempre regido da prep. POR ou DE: Se dissermos — *elle foi reconhecido por um homem de bem*, ha ambiguidade de sentido, pois o grupo de subordinação — *por um homem de bem*, póde ser o agente ou *caso efficiente* da passiva. Para lhe dar o sentido de *apposto* sem ambigüologia releva dizer — *reconhecido como homem de bem*.

Na voz activa esse *apposto* do particípio, torna-se *apposto do objecto (completivo objectivo)*: *Chamei-o sabio (ou de sabio); nomecou-o general, elegeu-o deputado, considero-o homem de bem, etc.* Assim, pois, o completivo *subjectivo* da passiva torna-se o completivo *objectivo* da activa.

416. PREDICADO INDIRECTO. Nas phrases — *vi a agüia voar, achei-o cahido, ouvi um passaro cantando, fez o jugo agradavel, fez-se velho, encontrei-a doente*, o verbo no infinito, o *participio* e o *adjectivo* constituem um *predicado indirecto* no systema analytico de Mason, pois entre estes termos e o substantivo ou pronome poder-se-ia inserir o connectivo verbal *ser* ou *estar*: *vi a agüia estar a voar, achei-o estar cahido, fez o jugo ser agradavel, etc.* Com outros verbos em construeção semelhante tal phenomeno não se dá, p. ex.: *chamei-o* e *chamei-lhe sabio, nomeie-o general, elegeram Pedro deputado*. Neste easo os adjectivos ou substantivos unidos aos *objectos*, não são *predicados indirectos*, mas *completivos objectivos*; pois não podemos prendê-los por um connectivo verbal.

417. CLASSIFICAÇÃO DO PREDICADO. Além da classificação do *predicado* em — *nominal, pronominal, verbal e adverbial, directo e indirecto*, póde ser elle ainda — *grammatical, total* ou *logico, ampliado, complexo, incompleto, composto*.

a) *Grammatical* é o *predicado* expresso pelo verbo da oração: *O sol BRILHA, a luz SURGE no horizonte, a lealdade é uma nobre virtude*.

b) *Total* ou *logico* é o *predicado* expresso pelo verbo conjunctamente com todos os seus complementos, se os houver. Excluido o sujeito, o resto da proposição é o *predicado total*, que póde coincidir com o *grammatical*, como no primeiro dos exemplos acima.

c) *Ampliado* é o predicado desenvolvido por algum complemento, a que se costuma dar igualmente o nome de *complexo*: *a luz SURGE NO HORIZONTE*; *a lealdade é UMA NOBRE VIRTUDE*.

d) *Complexo*, propriamente, é o predicado expresso por uma phrase: *O sol é BRILHANTE* (predie. *grammatical* + predie. *nominal*), *elle ESTÁ BEM* (predie. *grammatical* + predie. *adverbial*), *a divisa da Belgica é A UNIÃO FAZ A FORÇA*.

e) *Incomplexo* é o predicado *grammatical* desacompanhado de complemento: *O sol brilha, surge a luz*.

f) *Composto* é o predicado *grammatical, nominal, pronominal, verbal e adverbial*, que com dois ou mais termos exprimem conceitos distinctos do sujeito: *O homem NASCE, VIVE e MORRE, a flor é BELLA e ODORIFERA, não sei QUEM e QUAL é ella, viver é LUCTAR e VENCER*.

CAPITULO VII

COMPLEMENTO

418. Dá-se o nome de *complemento* ao membro *accessorio* da proposição, que exerce a função de modificador de outros termos. Este conceito geral de complemento nos é dado pelo proprio sentido da palavra, e é lançar desnecessaria confusão no espirito do alumno restringir-lhe o sentido. O complemento é um determinativo, que completa o sentido de outra palavra, ajunetando-lhe uma determinação.

Sob a designação generica de complementos, outras expressões existem com character ou tendencia especifica, taes são — *regimen, completivo, adjuncto*. Este ultimo termo nos veio por influencia do grammatico inglez C. P. Mason, cujo methodo analytico foi primeiro recommendado, cremos, por Julio Ribeiro em sua *Gr. Portuguesa*.

Classificação dos complementos

419. Grande divergencia e confusão lavram nas grammaticas quanto á classificação dos complementos. Confusão e divergencias advindas não sómente pela variedade das



relações por elles indicadas, mas ainda pela variedade arbitrária e consequente baralhamento de sua nomenclatura.

A classificação simples e analogica de E. Bourciez, em sua excellente obra *Eléments de Linguistique Romane*, veio dar-nos a chave de uma systematização clara e discriminativa no estudo grammatical dos complementos.

Classificam-se elles, em primeiro logar, em dois grupos — *essenciaes e accidentaes*.

Complemento essencial

420. *Complemento essencial* é o complemento exigido pela significação do termo completado.

São esses complementos de duas categorias — *objectivo e terminativo*.

I COMPLEMENTO OBJECTIVO.

421. *Complemento objectivo*, tambem chamado *objecto directo*, *complemento* ou *regimen directo*, é o que reeebe directamente, isto é, sem intervenção de preposição, a acção expressa pelo verbo transitivo: *Pedro cresceu uma carta*. O objecto directo é o *paciente* ou *recipiente* da acção verbal de que o sujeito é o *agente*; estes dois termos se contrapõem, occupando, na ordem regular, as extremidades do predicado. Em latim o objecto se reconhece pelo *accusativo*; em portuguez, em regra, pela sua posição á direita do predicado: *A mãe respeita a filha, a filha respeita a mãe*. Às vezes pelo *sentido obvio*: *Toma a cabra a silva, e a porca a pocúlga* (Prov.) — *O mar cortava a armada* (C.)

422. O *objecto-directo* admite em certos casos a regencia da preposição *a*. Mais tarde estudaremos esta anomalia, que tanta vantagem trouxe á phrase vernacula (469, 783). Vejamos agora os casos desta regencia.

423. REGRAS PARA O EMPREGO DA PREPOSIÇÃO DEANTE DO OBJECTO. Como em hespanhol (*Gramática de la Lengua Castellana por la Real Academia Española*, p. 223), podemos estabelecer as seguintes regras para o emprego da prepos. *a* antes do objecto directo.



1.º Geralmente se emprega a prepos. a quando o objecto directo é nome de pessoa ou de seres vivos:

Eu amo a Deus (hesp. yo amo a Dios) — soccorrei aos necessitados (h. socorred a los necessitados) — Cesar veneu a Pompeu (h. Cesar veneó a Pompeyo) — já temos a Adão eleito (A. V., Ohrs. S. 1. 17S).

a) Esta regra torna-se rigorosa, quando a clareza o exige, para evitar a confusão de *objecto* com o *sujeito*:

Vio Alexandre a Apelles namorado (Lus. 10. 48, 1852); Lia Alexandre a Homero, de maneira que sempre se lhe sabe si cabeceira (Ib. 5. 96).

Segundo a *Academia Española* é preferivel dizer-se — *vonvidé a Lucas* = *convidei a Lucas*, *deseonozeo a Mariano* = *desconheço a Mariano*, do que — *convidé Lucas* = *convidei Lucas*, *deseonozeo Mariano* = *deseonheço Mariano*. Com alguma reserva, podemos adoptar para o port. a opinião da Academia.

b) Casos ha em que a omissão da preposição é de regra não obstante traetar-se de seres vivos, e é quando ha na proposição um *dativo* ou complemento terminativo que reclama a mesma preposição, p. ex.: *Recommende meu sobrinho ao senhor director*, e não: *Recommende ao meu sobrinho ao senhor director* (h. *recomiende usted a mi sobriño al señor director*), pois neste caso haveria confusão entre o *dativo* e o *accusativo*, entre o *objecto directo* e o *objecto indirecto*, e fiaria duvidoso qual o recommendado. Do mesmo modo não se dirá: *Foi forçoso deixar ao inimigo em refens ao Conde*, porém: *Foi forçoso deixar ao inimigo em refens o Conde*, ou — *o inimigo ao Conde*. Por isso escreveu A. Vieira: *S. Matheus antepõe David a Abrahão* (Ohrs. S. 1. 103). — Independentemente, porém, do conflicto entre o *accusativo* e o *dativo*, entre o *objecto directo* e o *indirecto*, sempre que na proposição houver um termo que reclame a regencia da preposição *a*, é de bom aviso que o accusativo abra mão de qualquer direito que tenha a essa preposição, p. ex.: *pôr o menino ao sol*, e não — *pôr ao menino ao sol*; *conduzir o preso ao carcere*, e não — *conduzir ao preso ao carcere*.

c) E' ainda de regra a omissão da preposição, quando a significação verbal reclama, de ordinario, um *accusativo de cousa*, p. ex.: *procurar creado, buscar colonos, grangear amigos, angariar soldados, descobrir conspiradores, formar doutores*. — “A escola da guerra é a que forma os grandes capitães (h. la escuela de la guerra es la que forma los grandes capitanes)”.

2.^a Omitte-se, em regra, a prepos. *a*, quando o objecto directo é nome de cousa: *Colombo descobriu um novo mundo* (h. *Colón descubrió un nuevo mundo*); *Cervantes compoz a Galatêa* (h. *Cervantes compuso la Galatea*); *toma a cabra a silva, e a porca a pocilga*.

a) Deixa-se de observar esta regra, quando o exige a clareza, o que acontece quando o objecto, deslocado, só pôde ser denunciado pela preposição *a*, p. ex.:

Somente *ao tronco*, que devassa os ares, o raio offende G. D.); *á patria* honrou o soldado; *ao dia* segue-se a noite; *á luz* a treva vence.

b) Uma outra excepção pôde dar-se, quando a significação de verbo reclama, de ordinario, *accusativo de pessoa*, p. ex.:

Saudar á aurora, reger ao verbo, suster ao corpo, vencer ao mundo. — “O nome rege ao verbo (h. el nombre rige al verbo) — “A noite segue ao dia” (h. la noche sigue al dia) — “As aves saudam á aurora” (h. las aves saludan á la auror) — “Chamam ao ouro vil metal” (h. llaman al oro vil metal).

c) Os nomes proprios de logar são nomes de cousa, porém podem levar facultativamente a preposição, desde que não admitta o artigo; em hespanhol a regencia da preposição é de regra neste caso:

Ver ã Roma, a Cadiz, a Pariz, a Londres, a Portugal — “O propheta Habauc, quando Deus lhe mandou que fosse a Babylonia... se escusou dizendo que nunca vira a Babylonia” (A. V. S. 2. 238).

Obs. Meyer Lübke, expoude, em sua excellente *Grammaire des Langues Romanes*, o emprego em hespanhol da prepos. *a* na regencia do objecto, nota a influencia no sentido de certas phrases: *Esse hombre ha perdido sus hijos, e esse hombre ha perdido (gatê) a sus hijos*. Em portuguez apenas se esboça a differencia-

ção de sentido entre — *Este homem perdeu seus filhos e esse homem perdeu a seus filhos* (estragou-os). — Deante do exposto não se recommenda a preposição no exemplo seguinte: “Elle pôde suste*r a* todo o corpo” (A. P.).

424. A preposição **de** assumiu no latim medieval o valor de adjectivo determinativo partitivo, e, com este valor, rege ao objecto, quando se quer indicar a parte de um todo ou generalidade: *beber da agua, comer do pão*. Este phenomeno, que se fixou em francez com seu *partitivo* — *du, de la, des*, era de larga frequencia no v. port., como mais adiante veremos (466).

425. CLASSIFICAÇÃO DO OBJECTO DIRECTO. O objecto subordina-se ao verbo transitivo pela posição, ou pelas preposições **a** e **de**, nos casos já indicados. Elle pôde ser *simples, complexo e composto*.

1.º *Simples*, quando representado por um substantivo ou pronome desacompanhado de qualquer modificação:

Pedra movediça não cria bolor — Não bebas cousa, que não vejas, nem assignes carta, que não leias — De gota em gota o mar se esgota — Ao bem buscá-lo; e ao mal, estorvá-lo.

2.º *Complexo*, quando é acompanhado de modificadores ou complementos:

Homem, que madruga, de algo tem cura — Fi-lo pedaços — Se queres ter boa fama, não te toune o sol na cama — Quando vires arder as barbas de teu visinho, deita as tuas em remollo.

3.º *Composto*, quando dois ou mais substantivos ou pronomes coordenados indicam mais de um paciente da acção verbal:

O ruim barbeiro não deixa ouro nem cabelo (Prov.) — Deita-te a enfermar, saberás quem te quer bem, e quem te quer mal (Prov.).

Obs. Além destas noções de *simples, complexo e composto*, pôde-se ainda applicar ao objecto as noções de *grammatical* e de *total* ou *logico*, que geralmente se applicam ao *sujcito* e ao *predicado*. Na verdade, todas essas classificações, que se fazem do *sujcito* e do *predicado*, são applicaveis não só ao objecto-directo, mas a todos os complementos, como membros que são igualmente da proposição.

II COMPLEMENTO TERMINATIVO.

426. *Complemento terminativo*, também chamado objecto ou regimen indirecto, é o termo de relação das palavras de significação relativa — *verbo, substantivo, adjetivo, adverbio* — cujo sentido exija um complemento, que indirectamente, isto é, por meio de preposição, lhe venha inteirar o valor significativo.

427. Os complementos terminativos podem agrupar-se em quatro classes: terminativo de *atribuição*, de *direcção*, de *origem*, de *relação*.

428. 1.º *Complemento de atribuição* é o que indica o termo de relação dos verbos transitivos-relativos, e de outras palavras de significação relativa, regidos da prep. *a* ou *para*, salvo se expressos pelos pron. obliquos — *me, te se, nos, vos*; é o que mais communmente se chama *objecto indirecto*.

Dar o seu a seu dono, consagrar-se ao bem da humanidade, grande dedicação ao serviço da pátria, inclinado ás letras, obedecer aos paes, escrever artigos para o publico, arrogar-se o direito, obedecer-vos, pertencer-lhe, dar-me parabens.

Nota. Em latim taes complementos iam para *dativo*: *Patria omnibus cara est* — *Clives legibus parent.* — *Sapientis' est naturæ convenienter vivere.*

429. 2.º *Complemento terminativo de direcção* é o que indica a direcção pedida pelo termo completado, regido em portuguez pelas preposições *a, para, e*, mais raramente, por — *contra, em*:

Ir á cidade, partir para a Europa, ida á cidade, partida para a Europa, traduzir em portuguez, ou a e para portuguez; viajar contra o sul. — Besteiro torto atira aos pés, e dá no rosto — Em boca cerrada, não entra mosca — Mereceram entrar ás vodas (A. V., S. I. 19) — Vós viraes os olhos para os matos e para o sertão? (A. V., Ib. 44).

Nota. Em latim eram taes complementos expressos, em geral, pelo *accusativo* regido de *ad* (→ *a*) e *in* (→ *em*): *ire ad urbem, venire in castra.*

A prep. *in* (= *em*) tinha em latim duas applicações: com os verbos de *quietação* regia *ablativo*, e indicava logar *onde*: *in terra ponere* = pôr em terra, *in herba accumbere* = recostar-se na gra-



ma; e com os verbos de movimento regia *accusativo*, e indicava lugar para onde: Ex.: *Asia in Aegyptum proficisci*=da Asia partir para (em) o Egypto.

O portuguez adoptou a primeira applicação, e regeitou a segunda, para a qual adoptou a (=ad) e para (=per+ad). Porém, esta selecção da lingua foi paulatina, e dahi trez factos:

a) *Primeiro*, o velho portuguez contem muitas phrases em que se descobre o latinismo da preposição *em* com verbos de movimento, hoje inadmissivel, como mostraremos mais abaixo.

b) *Segundo*, no dialecto popular descobrem-se a cada passo os vestigios desse latinismo: *vou na cidade, cheguei na janella*.

c) *Terceiro*, ha ainda oscillação na lingua entre *a* e *em* com palavras, geralmente verbos, que, indicando movimento, suggere immediatamente a idéa de um lugar onde, como:

Lançar-se no mar ou ao mar, precipitar-se no abysmo ou ao abysmo, entrar no theatro ou ao theatro, traduzir em portuguez ou a portuguez, passar de mão em mão ou de mão á mão, ir de casa em casa ou de casa a casa. — Anda a cabra de roça em roça, como o bocejo de boca em boca (Prov.).

430. 3.º *Terminativo de origem* é o que indica o ponto de partida, reclamado pelo termo completado, regido da prep. *de*:

Vir da cidade, partir do Rio, oriundo de familia illustre, nascido de paes honrados, extrahido da terra, salvo das aguas, receber de Santos noticia. — Quem cabritos vende e cabras não tem, donde lhe vem? (Prov.)

Nota. Em latim eram taes complementos expressos por ablativo, regidos quasi sempre de *ab*, ex.:

. *Accepi a patre epistolam*=recebi de meu pae uma carta, *ex-patria cedere*=retirar-se da patria, *loco movere*=apartar-se do lugar, ex: *Asia in Aegyptum*=da Asia para o Egypto, *serva natus*=de serva nascido.

431. 4.º *Terminativo de relação* indica as relações não comprehendidas nas dos trez paragraphos anteeedentes, e reclamadas pela significação *relativa* do *verbo*, *substantivo*, *adjectivo* e *adverbio*, ordinariamente regido das prepos. *de*, *com*, *por*:

Depender de preparo, tractar de negocio, queixar-se da sorte, descontente com o mundo, condemnado pelo juiz, desejoso de viver, suspeitas de desgraça. — Não te fies em villão, nem bebas aguas de charqueirão — Se queres bem casar, casa com teu igual — A estátua pintada de varias cores cheira ao pinho, e o religioso, inda que ornado de virtudes, não deixa de cheirar a homem (Arraiz, Dial., 100).

Nota. Em latim taes complementos eram variamente expressos, em *ablativo*, *genitivo* ou *accusativo*:

Multi deorum beneficio perverse utuntur — Dolor lenitur tempore — Solus homo rationis est particeps — Memento maiorum fortium — Olere piscem = cheirar a peixe — Sapere vinum = saber a vinho.

Complemento accidental

432. *Complemento accidental* é o que apparece accidentalmente na proposição para mais esclarecer o sentido, sem que seja, em absoluto, reclamado pela significação do termo completado.

São taes complementos igualmente de duas categorias: *attributivo* e *circumstancial*.

I. COMPLEMENTO ATTRIBUTIVO.

433. *Complemento attributivo* é o que modifica o substantivo ou pronome, exercendo a função de um adjectivo *explicativo* ou *restrictivo*. Dahi duas especies: — o *explicativo* e o *restrictivo*.

434. 1.^a *Attributivo explicativo* é o complemento accidental, que apenas explana um elemento *inherente* ao termo completado, e é ordinariamente constituido por um *adjectivo*, *substantivo apposto*, e *substantivo regido de preposição*, v. gr.: *branda VIRACÃO*, *BRANCA neve*, *Alexandre Magno*, *FILHIO de Phelippe*, *REI da Macedonia*, *este relógio DE OURO*.

435. 2.^a *Attributivo restrictivo* é o complemento accidental que restringe ou determina o termo completado, enunciando um elemento, que lhe é *eventual*, e é constituido pelos mesmos termos que o antecedente. *QUENTE viração os homens*, *GLORIA da humanidade*, *são raros*; *relógio DE OURO*.

II. COMPLEMENTO CIRCUMSTANCIAL.

436. *Complemento circumstancial* ou *adverbial* é o complemento accidental que, exercendo a função de um adverbio, modifica o *nome* (*subst.* e *adj.*), o *verbo* e o proprio *adverbio*, para indicar alguma circumstancia de *tempo*, *logar*,



instrumento, meio, modo, causa, companhia, etc., que em latim ia em regra para ablativo:

- De tempo:** *Quando não chove em fevereiro, não ha bom prado, nem bom centelo — Canta Martha depois de farta — Homem nescio dá ás vezes bom conselho — Nem carvão, nem lenha compres quando gea — Longo tempo memoraram — viverá dez annos.*
- De logar:** *O mel, que de tua boca sac, em teu seio cae — Na boca do discreto, o publico é secreto — Da mão á bocca se perde a sopa — Na almoeda, tem a bolsa queda — Em mesa redonda não ha eabeceira.*
- De instrumento:** *Bem cego é quem vê por aro de peneira — Com o vento alimpão o trigo, e os vicios com castigos — Bento é o varão que pro si se castiga, e por outrem não.*
- De modo:** *Na casa cheia, asinha se faz a ceia — Quem a mão alheia espera, mal janta e pcor ceia — Aprende chorando, rirás ganhando — Vende publico, e compra secreto. — Vi correr pela tona da agua, de quando em quando, a saltos, um cardume de peixinhos (A. V. Obs. S. 1. 41).*
- De causa:** *Por cobiça de florim, não te eases eom mulher ruim — Morrer por ter, soffrer por valer.*
- De companhia:** *Cada qual com seu equal — Cresee o ouro bem batido, como a mulher com bom marido — Amigo de bom tempo muda-se com o vento.*
- De preço:** *Melciades fol multado em dinheiro e a sua causa fol avallada em cincoenta talentos (Meltiades pecunia multatus est caque lis quinquaginta talentis stimata est).*
- De materia:** *De bons propositos está o Inferno cheio, e o Céu de boas obras — De ruges-ruges se fazem os cascaveis (Prov.).*
- De distancia:** *Cada um extenda a perna até onde tem cobertura — O campo marathonio distava da eldade cerca de dez mil passos (Campus Marathonijs aberat ab oppido circiter millia passuum decem).*
- De opposição:** *Ir contra a lei (contra legem facere), discurso contra Catilina (oratio in Catilinam).*
- De affirmação:** *Em verdade te digo (amen dico vobis).*
- De negação:** *Cavallo dado, não olhes os dentes — A carne para nada aproveita (caro non prodest quidquam).*
- De duvida:** *Talvez vá, com toda a probabilidade irai.*
- De limitação:** *Ninguem te eguala em eloquencia (nemo tibi par est eloquentia) — Na apparencia é livre, na realidade escravo (specie urbs libera est), re vera omnia*

ad nutum Romanorum fiunt) — Elle é francez de nascimento (*homo natione Gallus*) — Avô pelo lado materno (*avus materno genere*).

CAPITULO VIII

PROCESSOS FUNDAMENTAES DA SYNTAXE

437. Tendo estudado os termos logicos da oração e suas relações na proposição simples, cumpre-nos agora, em breve estudo historico-comparativo, passar em revista os processos fundamentaes da syntaxe em relação a elles.

Consistem esses processos nos diversos aspectos fundamentaes por que se combinam as palavras para conseguirem o seu intuito, que é a expressão intelligivel do pensamento. São elles trez: ORDEM, REGENCIA e CONCORDANCIA.

CAPITULO IX

I. ORDEM

438. *Ordem*, tambem chamada *collocação* ou *construcção* dos termos da proposição, é a disposição desses termos, reelamada pelo genio da lingua, de modo que possamos comunicar intelligivelmente o nosso pensamento.

Pouco ou nenhum valor syntactico tinha a ordem em latim; o mesmo, porém, não acontece em portuguez e nas linguas romanicas. Havia, na phrase latina, ampla liberdade na ordem ou collocação dos termos. Indifferente era para a função syntactica dos termos a sua posição, pois a desinencia casual lhe determinava a relação, e clareava o papel, que representavam na enunciação do pensamento. A ordem, pois, em latim, não influa em geral, na syntaxe da phrase; o seu valor era apenas esthetico ou estylistico.

O mesmo, como dissemos, não se dá com as linguas romanicas, onde a intelligencia da phrase exige uma ordem determinada. A perda das desinencias casuaes forçou-as a recorrer, como já vimos, á posição dos termos para indicar as funções de *sujeito* e *objecto*.

No latim o sentido será sempre claro e o mesmo, qualquer que seja a posição dos termos da proposição: o *nomi-*



nativo revela o sujeito da acção verbal, e o *accusativo* o paciente ou objecto, como se pôde ver nas seguintes construcções:

Brutus occidit Cæsarem
Occidit Brutus Cæsarem
Cæsarem occidit Brutus
Occidit Cæsarem Brutus
Brutus Cæsarem occidit
Cæsarem Brutus occidit

439. Esta ampla liberdade na disposição dos termos não a possui o portuguez certamente, por lhe faltarem os casos que em latim designam as funcções logicas dos termos, e por ser elle, por isso, forçado a fixar o sujeito e o objecto respectivamente *antes e depois* do predicado, dando dest'arte valor syntaetico á posição dos termos. Porém, um phenomeno, que se desenvolveu na baixa latinidade, na península Iberica, veio dar ao portuguez e ao hespanhol, mormente na poesia, a mesma liberdade que havia em latim, quanto á posição do sujeito e objecto.

Consiste este phenomeno já estudado em preceeder o objecto da prepos. *a*. Tal expediente habilita o portuguez a deslocar o sujeito, sem ambiguidade, visto como o accusativo ou o paciente da acção verbal, que no latim se denunciava pela desinencia, em portuguez pôde denunciar-se pela preposição, p. ex.:

Bruto matou a Cesar
Matou Bruto a Cesar
A Cesar matou Bruto
Matou a Cesar Bruto
Bruto a Cesar matou
A Cesar Bruto matou

440. Graças a este recurso da lingua, não ficamos adstrietos, como ficou o francez, á unica construcção admissivel — *Bruto matou Cesar (Brutus tua César)*.

441. Não obstante referir-se de ordinario tal recurso ao *accusativo de pessoas* ou de seres vivos, todavia pôde elle generalizar-se aos nomes de cousas, desde que haja uma exigencia positiva de clareza (*ao papel estraga a penna* ou *á penna cstraga o papel*), e quando a significação do predicado mais frequentemente exija pessoa como *objecto*



(a noite segue ao dia, o verbo rege ao substantivo). Porém este ponto já ficou amplamente estudado, quando tractamos do *objecto-directo*.

442. Embora não influísse para a clareza da expressão a posição dos termos o caracter synthetico da lingua latina dava preferencia á inversão dos mesmos. Quanto aos membros da proposição, observa *Chassang*, que o sujeito vinha no principio e o verbo no fim, e entre elles os complementos. Estes, em regra, precedem ao termo completado, como em geral os determinantes aos determinados. Exemplifica isto o seguinte trecho de Tito Livio:

Jam mitigati animi raptis erant; ac raptarum tum maxime parentes, sordida veste, laerimisque et querillis civitates conclitabant.

Metaphrasticamente se traduz:

Já apaziguados os animos ás raptadas estavam; mas das raptadas principalmente os paes, com sordida vestimenta, e com lagrimas e queixas as cidades conclitavam.

Tal construcção só na poesia é possível em portuguez moderno; porém o portuguez archaico aproxima-se della mesmo na prosa, como se vê do seguinte extracto:

Aquel que casa fezer ou vinha ou sa erdade onrar per I ano en ella sever se depois en outra terra morar quiser, serva a el toda sa erdade u quer morar (Christ. Arch. 24 — sec. XII, 1199) — ...poer em caronyca as estorias dos reis que antygamente en Portugal forom (F. Lopes, sec. XV) — A maneira em que se as mensagens dão (G. de Rezende. Chr. de D. João, sec. XV) — ...quando se della houve de despedir (F. Lopes).

442. VALOR GRAMMATICAL DETERMINADO PELA POSIÇÃO. Outros casos ha, fóra do *agente* e *paciente*, em que a posição determina o valor *grammatical* e *semantico* dos termos em portuguez, como se pôde ver na lista que se segue:

Moço guerreiro	guerreiro moço
Rico avarento	avarento rico
Soldado philosopho	philosopho soldado
Hora certa	certa hora
Flores diversas	diversas flores
Livros differenttes	differentes livros
Fructos varios	varios fructos

444. Mostram os exemplos acima que, quando dois substantivos juxtapostos formam um grupo logico de expressão, o ultimo assume a funecção de um adjectivo qualificativo, o que ainda se vê nos seguintes exemplos :

Menino prodigio, chapéo monstro, arvore gigante, ruço-pombo, povo-rã, povo-rato (F. Elys.).

445. Quando o grupo é formado de um *subs.* + *adjectivo qualificativo*, a posposição do adjectivo, que é a ordem *analytica*, conserva-lhe o sentido proprio, e a anteposição dá-lhe sentido *translato*, p. ex.: *homem bom* e *bom homem*. Se o adjectivo é *determinativo*, o contrario é o que succede, por ser a anteposição a sua posição normal. Assim, *algum homem* e *homem algum*; *homem algum* equivale a *h. nenhum*; em *homem tal*, o *determinativo tal* passa para a categoria do *qualificativo*; o mesmo succede com *motivo outro*, *muito outro*, *homem qualquer*. A anteposição de *certo* dá-lhe o valor de *quidam*; *um só homem* (*unus*) e *um homem só* (*singulus*); *uma andorinha só não faz verão*.

Desta valorização *grammatical* da posição dos termos nas linguas *romaneicas*, naseem grandes recursos para a enuneciação do pensamento, como, p. ex., se pode notar na seguinte sentença :

- 1.º Só Colombo descobriu a America
- 2.º Colombo, só, descobriu a America
- 3.º Colombo só descobriu a America
- 4.º Colombo descobriu, só, a America
- 5.º Colombo descobriu só a America.

A anteposição ou posposição de *só* ao *sujeito* fá-lo mudar de categoria *grammatical*, e variar o sentido: e a sua posposição ao *predicado* dá mais energia á expressão.

446. Cumpre observar que esta larga valorização *grammatical* da ordem das palavras na phrase portugueza foi o resultado de uma evolução paulatina, de um movimento *analytico*, que só modernamente se tem fixado.

Ao v. port. e mesmo ao *quinhentismo*, a evolução *analytica* da lingua não havia ainda fornecido os valiosos recursos de que ora dispomos para a expressão dos variados matizes do pensamento. Em Camões *algum* e *certo* não ha-

viam ainda adquirido acceção differente, quando *postos*:

Desta gente refresco algum (=algum refresco) tomamos, e de rio fresca agua (Lus. 5. 79) — Com estas novas torna á patria cara certos signaes levando (signaes certos) do que achara (Lus. 7. 13).

Esta Ilha pequena, que habitamos,
He em toda esta terra certa escala
de todos os que as ondas navegamos
De Quiloa, de Mombaça, e de Sofala (Lus. 1. 54).

447. POSIÇÃO DO ATTRIBUTO. A posição de *attributo*, isto é, do adj. *qualificativo* e *determinativo* em relação a seu substantivo, como observa Diez, é em geral determinada pelo *accento oratorio* e *rythmo* da expressão, bem que haja no *romance* tendencia para collocá-lo depois do substantivo. No grupo nominal de *subst. + adj.*, o *accento* principal recae sobre o segundo termo — *homem bóm, bom hómem, bello cámpo, campo bello*. Por isso, quando o *attributo* exprime qualidade pouco saliente ou meramente explicativa, a tendencia é collocar o *adjectivo* em primeiro lugar, v. gr.: *branca neve, crua linguagem* (cf. *linguagem crua*).

448. REGRAS PARA A COLLOCAÇÃO DO ADJECTIVO, ADVERBIO, PREPOSIÇÃO E PRONOME.

I POSIÇÃO DO ADJECTIVO.

1.^a Precede ao *subst.* o adj. *explicativo*, isto é, que exprime qualidade inherente ou pouco caracteristica:

Negro corvo, branca neve, doce mel, fresca rosa, timidias ovelhinhas, mansos cordeiros.

Em proverbios e contrastes não se observa este principio:

Agua molle em pedra dura tanto dá, até que fura.

2.^a Precede ainda ao *subst.*, quando este é nome proprio, pela mesma razão da regra antecedente:

O grande Camões, o velho Portugal, o sablo Pasteur, a bella Paris, a celebre Cleopatra.

Pospõe-se, comtudo, quando, querendo salientar o *attributo*, o collocamos como *epitheto*, ordinariamente precedido do artigo:

Alexandre, o Grande; Philippe, o Belio; Carlos Magno.

3.^a Pospõe-se o adj. quando exprime *qualidades materiaes*, como *fórma, cor, sabor*:

Mesa redonda, céu azul, gravata vermelha, vestido branco, vinho moseatel, café amargo, agua quente.

4.^a Pospõe-se o adj. que exprime *relações externas* ou *estados corporaes*:

Opinião commum, genero humano, defeitos naturaes, codigo civil, guerras religiozas, lingua vulgar, homem doente, menino gordo. — Adj. oriundos de *nomes proprios*: leis manoeelinas, bibliotheca camoneana, navio hespanhol, patria brasileira, igreja lutherana, ordem benedictina.

5.^a Pospõe-se o adj., quando *ampliado*:

Menino desejoso de apprender, pessoa inclinada a bem viver, homem consagrado a sua patria.

Obs. Na poesia e no estylo elevado pôde-se deixar de observar estas regras: *Viva a gente que sulca a azul campina* (Fab. 60) — *Soltaste pela azul immensidade* (A. C., Os Fast. 3. 7) — *A consul novo vai o eurl marfim ser nobre assento* (Ib. 1. 11).

6.^a Dois adj. referentes a um subst. admittem a intercalação do subst., quando um delles fórma com o subst. um grupo nominal, sobre que recae ou pôde recahir a modificação do outro, p ex.:

Illustre escriptor portuguez (= illustre + escriptor portuguez), formoso cavallo tordilho (= formoso + cavallo tordilho), valentes soldados brasileiros, bella musica italiana, sabias leis manoeelinas.

A este grupo, pôde-se ainda antepor qualquer adj. determinativo:

A bella lingua latina, este difficil problema arithmetico.

A intercalação nessas phrases é de rigor, e só deixa de ser quando a modificação do outro adj. pôde deixar de recahir sobre o grupo:

A larga senda dolorosa ou a senda larga e dolorosa, a bella canção popular, ou a canção bella e popular.

7.^a Os *numeraes cardiaes* precedem ao subst., excepto quando tem *valor ordinal*:



Vinte e duas paginas, e pagina vinte e dois, quarenta numeros e numero quarenta.

No estylo elevado pôde-se ainda pospor — *venturas mil*.
Ambos pôde-se antepor ou pospor — *ambas as petições* ou *as petições ambas*.

Mui conformes são estas petições ambas ao logar e ao tempo (A. V., Obs. S. I, 9).

8.^a Os *ordinaes* pospõem-se ao subst., excepto quando se quer salientar a ordem expressa pelo numeral. Exs.:

Pedro I (primeiro), Leão X (decimo), capitulo primeiro, livro segundo (cf. o primeiro e segundo Affonsos, primeiro capitulo, o segundo livro), Chronica do Principe Dom Ioam Rei que foi destes Regnos segundo do nome (Damião de Goes) — El Rei Dom Ioam primeiro do nome (Id.) — Nascimento do muito alto e excellente Principe Dom João, o terceiro em Portugal deste nome (Gil Vicente).

9.^a Os outros adj. *determinativos* antepõem-se, em regra ao subst.:

Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso, muita parra e pouca uva, tantas cabeças quantas sentenças.

Muitos delles permitem a posposição, determinando esta inversão da ordem usual a emphase, e, até, mudança de sentido:

Este menino e menino este, aquelle negocio e negocio aquelle, meu filho e filho meu, algum perigo e perigo algum, o homem todo e todo o homem, outro assumpto e assumpto outro, a propria casa e a casa propria.

10.^a Na concorrência de um *determinativo* e de um qualificativo, aquelle precede a este: *este bello livro, meu grande cavallo*.

Esta ordem era frequentemente transgredida no v. port., e mesmo entre os nossos classicos. Exs.:

E pera maior seu contentamento chegaram outros dous navios (Dec. I. 462) — Velo a elle hum cossario, que depois foi grande nosso amigo (Ib. 363) — O padre frei Isidoro da Luz que é grande meu amigo (A. V., C. 107) ...liberdade a todos os christãos e grandes outras esperanças de florescer aquella egreja (Ib. 213).



II POSIÇÃO DO ADVERBIO. O lugar do *adv.* não é fixo, excepto o negativo *não*, que se antepõe á palavra modificada: *não fazer, não bom, não bem, não-existencia.* — Todavia, concorrendo com um pronome obliquo, pôde este interpor-se entre elle e o verbo: — *elle não me fez* ou *me não fez.* A primeira construcção é a mais corrente no Brasil.

Ver-se-hão ermas, e solitarias e que as não pisa a devacção dos fleis (A. V., S. I. 22).

III POSIÇÃO DA PREPOSIÇÃO. Entre as *preposições* e seus consequentes interpõem-se, ás vezes, outros termos. Exs.:

Isto é para elle guardar, é tempo de a nação se erguer (de erguer-se a nação) Depois de os filhos de Israel passarem ás terras ultramarinas do Jordão, avançou parte do exereito... (A. V., S. I. 16) — Em vez de os ladrões levarem os reis ao inferno, os reis levarão os ladrões ao paralso (Ib. 91).

IV POSIÇÃO DO PRONOME. No portuguez archaico e no classico era commum a anteposição dos pronomes obliquos átonos ao sujeito e a outros complementos do verbo. Exs.:

Tanto que lh'eu este cantar ói
Logo lh'eu foy na cima da razón
Por que foy feit'e ben sey por que non

(O. Nibbling, D. J. Gullhade, 51—Cec. XIII)

Antes lh'o eu disse (F. Lopes, Chr. de D. Fern., sec. XV) — ...quando se della houve de despedir (Ib.) — A maneira em que se as mensagens dão (G. de Rezende, Chr. de D. João, sec. XV). — Querendo satisfazer aos serviços, e ajudas, que lhe o Conde D. Henrique nesta guerra dos Mouros tinha feito, e dado, não achou cousa mais digna de sua pessoa, nem de maior galardão, que accitallo por filho (J. de Barros Dec. I, liv. I, 81) — Boca, que erra, nunca lhe pño falleça (Prov.) — E tendo eu na memoria como Vasco da Gama, que está presente em todas cousas, que lhe de meu serviço foram entregues, deo boa conta de si (J. de Barrós, Dec. I. 273).

—Ah si Catilina? Ora bem;
Se xe m'eu isso soubera
Nunea t'eu a roca dera
Que trougue de Santarem (G. Vicente, Ohrs. I, 134)

Taes construcções são extranhas ao fallar no Brasil e aos nossos escriptores, e, mesmo em Portugal, segundo o



testemunho do dr. Leite de Vaseoneellos, se vão arehaizando. Todavia, no dialeto popular lusitano é frequente a seguinte construeção: *Lá se elle vae*. No Brasil se diz: *Lá se vae elle*. Em A. Castilho e Camillo é ella eomum:

Como lhes elles chamavam (A. C., Os F. 171) — Se nos não enganamos (Ib. F. 101) — Conjuuro-te que a não tenhas (C. C. P. O. Jud. 2. 132) — Nem queiras que a sociedade as dê, se tu as não deres (Ib. 79) — Alguns termos populares do judeu (Antonio José da Silva), se os eu trasladasse, fariam que o livro cahisse da mão enluvada e melindrosa que o abriu (Ib. 66).

Topologia Pronominal

449. A *topologia* (gr. *topos* = *logar*, *logos* + *ia* = *tractado*) pronominal estuda o logar que o pronome pessoal deve oocupar na proposição, e como o pronome tem, na phrase, a funeção de sujeito ou complemento do verbo, o seu logar deve, em geral, ser respectivamente antes ou depois do verbo.

Os pronomes pessoases, easos reetos, e os obliquos tónicos (*mim*, *ti*, *si* *migo*, *tigo*, *sigo*) guardam no seio da proposição a autonomia de um substantivo, e resistem faeilmente á attraeção do predicado, podendo delle ser separado por outros termos, por. ex.: *Eu, se quizesse, poderia sahir* — *A mim, enquanto é tempo, reúnam-se os bons elementos*. Quanto ás fórmaz átonas (*me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*), não succede o mesmo; são ellas, em geral, attrahidas para juneto do predicado ao qual se ineorporam na pronuncia, como *procliticas* ou *encliticas* (*elle me contou*, *disse-me elle*), e a sua acertada colloeação tem sido objecto de longos debates. O v. port. a este respeito tinha mais liberdade; porém a lingua evolueu, e eonvem fazer do assumpto breve estudo.

450. HISTORICO DA DISCUSSÃO SOBRE A TOPOLOGIA PRONOMINAL. Á colloeação do pronome obliquo,, em suas fórmaz átonas, na ordem dos termos da proposição, tem sido objecto de larga eontroversia desde 1842 (22 de agosto), época em que sobre tal assumpto esereveu o Snr. Gama e Castro, no *Jornal do Commercio*, segundo nos informa o illustre escriptor José Verissimo. Em 1871, José Felieiano de Castilho, irmão de A. de Castilho, em suas *Questões do*



dia, e, em 1847, Teixeira de Mello, na *Luz!* de Campos, occuparam-se da mesma questão. Em 1880, renovou-a Arthur Barreiros na *Revista Brasileira* (C. V., p. 71). A proposito da redacção do *Projecto do Codigo Civil*, travou-se, sobre o mesmo assumpto, fecunda polemiea entre dois vultos prominentes de nossas letras — o Dr. Ruy Barbosa e o Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro (1904—1905). Finalmente, o Snr. Candido de Figueiredo, tendo-se já occupado da materia em suas *Lições Praticas*, publicou, em Lisboa, 1909, um livro intitulado *O Problema da collocação dos pronomes*. Em 1907 e 1908, publicou o illustrado professor paranaense Paulino de Brito dois bem elaborados opusculos com o titulo de *Collocação dos pronomes e Brasileirismo de collocação de pronomes*, em que se oppõe ás theorias do Snr. Candido de Figueiredo. Responde-lhe o escriptor portuguez, nesse seu trabalho acima citado, com larga copia de exemplos eolhidos pacientemente de abalisados escriptores modernos, portuguezes e brasileiros. — Deu interesse ao debate a visivel differença que entre escriptores portuguezes e brasileiros havia sobre o ponto. Tractando-se mais de uma questão de ouvido do que de syntaxe, deixavam-se os éscriptores respectivamente levar pelas influeneias orthoepicas do seu meio glottico. A diseussão, porém, proveou o estudo dos classicos, e uma reaeção se operou largamente em nosso meio grammatical e literario, no sentido de nos approximar, quanto á topologia pronominal, dos modelos classieos portuguezes. (Gr. Exposit., § 482 — 487).

451. FUNDAMENTO HISTORICO DA TOPOLOGIA PRONOMINAL. No latim medieval encontramos o fundamento historico de certas regras, que sobre esta materia trazem algumas grammaticas modernas.

A questão realmente é uma questão de ouvido ou de rythmo da linguagem, que, em ultima analyse, póde dar logar a regras de syntaxe, determinadas pelos habitos musicas da lingua. E sendo a orthoepia brasileira francamente divergente da lusitana, explica-se naturalmente a profunda divergeneia, no modo de se collocarem na phrase os pronomes obliquos, entre escriptores brasileiros e portuguezes. Travada viva diseussão, era ainda natural que os escriptores brasileiros, abrindo mão, nesta parte, da inter-

pretação, que davam ao genio musical da lingua, herança de nossos avós, buscassem afinar os seus ouvidos ao diapa são dos classieos portuguezes. E' o que se tem dado, a despeito dos protestos de alguns patriotas, alias bem intencio nados. Comtudo, não convém levar a reaeção longe demais, e reduzir as nobres leis da harmonia da linguagem a aper tadas regras de uma syntaxe imaginaria.

A enclise, isto é, a posposição de pronome átono ao predi cado devera ser a regra reelamada pelo caracter analytico das linguas neo-latinas. Porém exigencias, que sobrevieram, de euphonia determinaram, em certos casos, uma cons trueção synthetica, pela anteposição ou próclise da fórma complementar do pronome.

Realiza-se essa infraecção da ordem analytica, e tende a fixar-se a ordem synthetica na collocação do pronome átono, quando, em virtude de sua atonicidade, se incorpora o pronome na pronuncia de certas particulas como adver bios, conjunção, etc., que precedem normalmente ao predi cado (*não-me fallou, quando-o viu, se-te portas bem, nin guem-lhe disse*, etc.). Esta incorporação euphonica é o que se chama attraecção da particula. Por outro lado, a mesma atonicidade do pronome difficulta, na orthoepia lusitana, pela rapidez ou brevidade da pronuncia das syllabas áto nas, inieciar-se phrase com os referidos pronomes (*me pare ee = m'parece, me contam = m'contam*). Tal difficuldade não existe na orthoepia brasileira, onde a pronuncia vaga rosa e demorada dá ao pronome átono um certo valor tónico, que encontramos nos textos arehaieos do portuguez (*me parecee = mi parecee, me contam = mi contam, ca mi mostrou quen oj'eu vi, ũa ren ti direy* (D. Juan de Gui lhade, see. XIII). Essa difficuldade lusitana réquer a en clise obrigatoria, quando a phrase se iniecia pelo predicado.

Ora, vamos encontrar a razão de ser dessa dupla exigen cia da *proclise* e *enclise* do pronome átono, na pronuncia medieval do latim. Logo nos primeiros tempos da baixa lati nidade, como nos ensina o eminente romanista E. Bourciez, estabeleceu-se distineção entre as fórmas pronominaes accen tuadas e as átonas. Não podiam estas, "em virtude do ry thmo da lingua, que era descendente", começar a phrase, e se uniam por enclise á palavra preecedente. Eram, pois, for-

çados a dizer em latim: *Tot-me impediunt curae* (Ter. Andr. 260), *sustuli-me de negociatione* (Petr. 76); ou, ainda, interealando-se varios nomes entre o pronome complemento e o verbo: *Ad hanc-me fortunam frugalitas mea perduxit* (Petr. 75, *Eléments de Linguistique Romanc*, p. 116).

Havia no latim classico, segundo o mesmo insigne romanista, um acento secundario de intensidade, que reahia uniformemente na primeira syllaba da palavra inicial da phrase, e um acento de altura, nota mais aguda, que incidia na antepenultima, se a penultima era breve, e sobre a propria penultima se longa.

Este acento secundario da orthoepia latina determinou o rythmo descendente da lingua, que impediu estarem os pronomes átonos soltos no inicio ou no corpo da phrase, e os constringia a tornarem-se encliticos, incorporando-se na prolação do vocabulo anteedente.

Temos neste rythmo da lingua a explanação historica da *atracção* que certas palavras, que se antepõem ao predicado, exereem sobre o pronome obliquo átono, tornando-o *proclitico*, bem assim como da *enclise* do pronome, quando a phrase se inicia pelo predicado.

O rythmo tradicional affirma-se no portuguez archaico e no classico, bem como nos escriptores modernos de Portugal, e, hodiernamente, em geral, nos do Brasil.

452. REGRAS DA TOPOLOGIA PRONOMINAL. Devido a esse principio de euphonia phraseologica, que acabamos de expor, a topologia pronominal ou a collocação do pronome obliquo átono em relação ao verbo, de que é sempre complemento, sujeita-se, em geral, ás seguintes regras, que ordinariamente determinam a *enclise* (posposição do pronome ao verbo), ou a *próclise* (anteposição), ou, ainda a *mesóclise* (interealção). De sorte que, segundo essas regras, que vamos succintamente expender, taes pronomes são sempre em relação ao seu verbo — *encliticos*, *procliticos*, *mesocliticos*.

I. ENCLISE.

453. São *encliticos*:

1.^a Quando o predicado *inicia* o periodo, pois não se deve iniciar periodo com o pronome átono: *Parece-me que vac chover*, e não *Me parece que vac chover* — *Dizem-me*, e não — *Me dizem*.



No hespanhol, bem como no fallar do povo no Brasil, não se observa esta regra, por lh'o permittir a respectiva orthoepia. Comtudo, transgressões della apparecem, embora eventualmente, em escriptores portuguezes:

Me avisaram em muito secreto, que Hespanha tem resolutio romper a guerra com França, primeiro que ella o faça (A. V., Obs. Cart. 3. 170) — Me mellem se entendo o doutor (A. H., Monast.) — Me mellem se eu percebo o tal conluio (A. C., Obs. Comp. XXXIV 42) — Te vejo, te procuro, teus mudos passos sigo (G. D., Poes. 1. 148).

2.º Quando o pronome se refere a um *gerundio* não regido da prepos. *em*:

O polvo, escurecendo-se a si, tira a vista aos outros (A. V.). Porém — o *polvo*, *em se escurecendo a si*, tira, etc. — Pois, Senhor, em lhe passando o furor, dir-lhe-hei o que me trazia (A. C., O Doent. 142).

3.º Quando o verbo está no *imperativo*:

“Vae, lava-te no tanque de Siloé (A. P.)”. — Notam-se nos classicos constantes violações a esta regra: “Tu, Calliope, me ensina” (C.) — “Em castigar os feitos inhumanos vos gloriae de peito forte e astuto (Lus. 7. 13)” — “Quem he, me dize, est'outro que me espanta (Lus. 8. 10)” — “Musas, vós me inspira, que é vossa a fonte de Hippocrania Aganippe (A. C., Os Fast. 3. 5)”.

4.º Quando o verbo está no *infinito* regido da prepos. *a*:

Attentos só a alcançá-los (A. H. Eur. 220) — O meu tinha sido a Primavera, e continuava a sel-o (A. C.) — Acostumados a soffrel-a (M. B.) — Cf. — ... para que não continuc a o ser (A. V.) — ... muitas vezes chegam a os açoiar (M. B.) — Cessando a possibilidade do *hiato*, cessa esta regra: “...dando logar a te fazerem discursos” (Souza).

II. PROCLISE.

454. São *procliticos*:

1.º Quando a proposição é *negativa*, pois o pronome incorpora-se prosodicamente á negativa, que precede sempre ao verbo:

Não-me contou, nem-me faltou, nenhum-te offendeu, ninguém-se mexeu, nunca-vos vi — Não me confiel de vós (M. B.) — Nenhuma cousa se excluc (A. V.).

Não te esqueção meus duros pezares,
Não te esqueças por ellas de mim,
Não te esqueças de mim pelos mares,
Não me esqueças na terra por fim.

(G. D., Poes., Poes. 1. 115).

2.º Quando outros *adverbios* se antepõem ao verbo, nota-se tendencia para a proclise:

Já lhe fallo, hoje se dorme, aqui se canta — bem o tem visto (A. F.), bem te parece (Id.) — Agora me dizem... (A. V.) Já se sabe (Id.) — Assim me seutia eu levado (A. C.) — Tarde vos comecei amar (M. B.). — São frequentes as transgressões: Antigamente convertia-se o mundo, porque hoje prégam-se palavras (A. V.) — Hoje usa-se outra coisa (A. H.) — Aqui vê-se a luz do céo, e tudo isto vê-se para se ter mais fome (Id.) — Agora estava-as fixando... (A. C.) — Mas ahi resa-se em voz sumida pela Patria (A. C., Q. Hist. 1. 87) — Depois anoiteceu-se ainda mais o siso (A. C.) — Então põe-se em logar de uma viaria gamelão de madeira (A. C., Os Fast. 2. 191) — Hoje usa-se outra coisa (A. V., C. I. 88).

3.º Quando estão nas clausulas subordinadas pelos pronomes conjunctivos ou conjunções subordinativas (*que, quem, o qual, cujo, onde, quanto, quando, emquanto, porque, se, embora*, etc.):

No velho é a primeira treva da noite, de que, minuto para minuto, se engrossa, se esfria, se povoa de medos e phantasmas (A. C.) — Amores menos entendidos das turbas a quem se referiam (Id.) ...quando se tem por mestra uma mulher a que se ama (Id.) — Leva-me para onde te aprouver (A. H.) — Quando a vires (G. D.) — Emquanto a teve (C. C. B.) — Perdoae se vos offendi (G.) — ...segundo se admite (L. C.) — Como se chama (G.) — Cf. — Porque hoje prégam-se palavras (A. V.) — Sejam liberaes porque o povo paga-se muito desta virtude (A. de F.) — Notae que os dois primeiros exeusaram-se com fazenda (A. V.) — Fiquem com o Senhor, que eu vou-me (A. C.) — E' verdade que V. Ex.^a pede-me apenas reflexões (A. H.) — Porque D. Thereza ergueu-se immediatamente (Id.) — Porque mestre João mostrava-se assaz eloso (Id.) — Vae, que eu logo proeuro-te (C. C. B.) — ...porque eu voltava-me para o céo (A. H., Eur. 48).

4.º Quando precedem ao verbo pronomes ou adjectivos indefinidos — *tudo, todo, isto, este, isso, aquillo, muito, pouco*, etc.:

Isto se expllea bem (M. B.) — De todos lhe resultam harmonia (A. C.) — Poucos se lembram hoje (L. C.).

E' frequente a Inobservancia deste principio: Isso pôde-se fazer lá mesmo (A. H., Cart. 182) — Aqui vê-se a luz do céu, e tudo isso vê-se para se ter mais fome (A. II.).

5.º Quando a proposição é *optativa*:

Bom proveito lhe faça (A. H.) — Bons olhos o vejam! — Ventos fagueiros te levem!

III. MESÓCLISE.

455. São *mesocliticos*:

Quando, estando o verbo no futuro do indie. e no imperfeito do condicional, não for obrigatoria a *próclise*:

Far-te-ei, far-te-ia, amar-vos-emos, amar-vos-lamos, dir-vou-ei, dir-vou-lo-ia — Pois, Senhor, em lhe passando o furor, dir-lhe-hei o que me trazia (A. C., O Doent., 142).

Obs. Seria perder de vista os intuitos orthoepicos das regras sobre a topologia pronominal, convertê-las em cânones semelhantes ás leis dos medas e persas. Não se tracta de uma questão de syntaxe, mas de euphonia, e esta é relativa aos hábitos da pronuncia, que differem de época para época, de região para região. Muitas dessas regras accusam apenas tendências, mais ou menos accentuadas, como mostrámos citando exemplos em contrario em bons escriptores.

Posição dos membros da proposição

456. No latim, como já observamos, a ordem typica dos membros da proposição era — o sujeito no *principio* e o predicado grammatical (verbo) no *fim* da proposição, e *entre elles* os complementos: *Brutus Caesaram accidit — Labor omnia vincit.*

Em portuguez a construcção typica deve ser a ordem directa ou analytica — *sujeto + predicado + complementos* (do predicado): — *Bruto matou a Cesar — O trabalho vence tudo.* E' esta a ordem logica, que obedece á sequencia natural das idéas. O uso, porém, de tal modo rompeu com a regulamentação logica na collocação dos membros da proposição, que diffieilmente, como observa Diez, se pôde distinguir entre uma ordem regular e uma inversa ou irregular. Vejamos, entretanto, o que exige a lingua, em casos determinados, sobre a collocação do *sujeito*, *predicado* e *complemento*.



I. PREDICADO.

457. Quando queremos dar proeminência ao predicado, collocamo-lo no topo da phrase, e lhe pospomos o sujeito. Observa-se este principio:

1.º Nas phrases *narrativas*:

Neste momento, por uma das pontes já desertas lançadas na noite anteedente sobre o Chryssus, soava um correr de cavallos á redea solta... Pendia-lhe da direita da sella uma grossa maça ferrada de muitas púas". (A. H., Eur. 261).

2.º Nas proposições *intercaladas*:

Sou, disse elle, um homem pobre (M. B.) — Aparae o cha-pô, disse logo o duque (Id.) — Impossivel é — interrompeu o duque de Cantabria com gesto severo — que haja guerreiros christãos que reusem obedecer-me (A. H., Eur. 261).

3.º Nas proposições *hypotheticas*:

Fôra elle vivo, eu aqui não estaria.

4.º Em phrases *nominaes*:

Bemaventurados (são) os miserieordiosos, porque elles alcançarão miserieordia (A. P.) — Coroa de dignidade é a velhice (Id.) — Mais preciosa é (a sabedoria) que todas as riquezas — Obra é de villão atirar a pedra e esconder a mão (Prov.) — Muitos são os chamados, poucos os aproveitados (Prov.).

5.º Nas proposições *interrogativas directas* ou *indirectas*:

Sabes tu, Hermengarda, o que é passar dez annos amarrado ao proprio cadver?... (A. H., Eur. 281) — Orgulho humano, que és tu mais — feroz, estúpido ou ridieulo? (Ib., 27) — Que fôra a vida, se nella não houvera lagrimas? (Ib. 33) — Imperio d'Hespanha, imperio d'Hespanha, por que foram os teus dias contados? (A. H. Eur. 39) — Pergunto que é isso — Ignoro quem seja elle.

Obs. Succede, ás vezes, nas proposições interrogativas, querermos dar emphase ao sujeito, que, neste caso, é collocado antes do predicado, ou no topo da oração, v. gr. — Estes, que estão cobertos de vestiduras brancas, quem são e donde vieram? (A. P.) — Teu irmão onde está? — Isso que é? (b. lat — Aesdines ubi est?) — Tu não viste dos bosques a eoma sem aragem vergar-se e gemer? (G. D.) — Elle morreu? (R. da Silva, Odio Velh. 75) — Elles não saberão?) Ib. 112) — Eu falava?! (A. H., Eur. 255) — Tu, virgem, porque suspiras? (G. D., Poes. 1. 111).

Quando o sujeito é representado por um pronome relativo, não se desloca do topo da phrase: Quem é hoje christão e godô nesta terra d'Hespanha? (A. H., Eur. 37).

6.º Nas proposições *imperativas*:

Olha tu! (A. H. Eur. 282).

Obs. Não raro entre os classicos transgride-se a regra, chamando-se emphaticamente o sujeito para antes do predicado: Agora tu, Caiope, me ensina (C.) — Tu acompanha nossa avô, tu consola esse infeliz (G., Viag. 2.297) — E tu vae-te com Allah (A. H., Mon. 1. 69).

7.º Nas orações *apassivadas* pela particula SE:

Cortam-se arvores — Alugam-se quartos — Abaixam-se as cadeiras, levantam-se as tripeças (Prov.).

Obs. A emphase pôde chamar o sujeito para a frente nestas phrases verbaes: O amor vende-se? A aima vende-se? (A. C.) — O dia certo ignora-se ainda (Julio de Castilho) — Os burões e os enligadores unem-se (A. H.) — As consciencias esciarecem-se, e não se forcã (Id.) — Assim, as queixas esqueceram-se (A. H., Mon. 11. 132).

Dá-se ás vezes, por emphase, uma deslocação do predicado, e mesmo do sujeito para antes do relativo ou conjunctivo que: Damião e Pythias, discipulos que foram do grande Pythagoras,, abalisaram-se tanto na amizade... (A. V.) por — que foram discipulos; chegados que foram os mensageiros, — por — logo que foram chegados os mensageiros; elles que fujam — por — que elles fujam.

II. SUJEITO.

458. Além dos easos anteriores, que determinam a deslocação do sujeito para se dar saliência ao predicado, existem ainda os seguintes em que o genio da lingua requer de ordinario a posposição do sujeito ao predicado:

1.º Nas orações *infinitivas*:

E' tempo de se erguerem os patriotas — E quando viram levantarem-se os eavalleiros e injuriarem e ameaçarem os procuradores dos conselhos de Portugal, não houve uma voz popular... (A. H., Mon. 1. 67) — Observou timidamente o primo de Fr. Isidoro, que já sentia arrepiarem-se-lhe os cabellos (A. H., Mon. 1, 126).

2.º Nas orações *participiaes*:

Términada a batalha, recolheram-se os trophéos — feitas estas philosophicas reflexões, a tia Domingas partiu (A. H., Mon., 2. 107) — Feito isto, voltou para dentro (Ib. 302).



No v. port. e mesmo no port. quinhentista. a posposição do sujeito nestas orações do part. passado, que é hoje de rigor, não era um facto geral, como mostram os seguintes exemplos:

Isto acabado, tornou-se el-rei D. Fernando para dentro do reino (F. Lopes, Chron. de D. Fern. 131) — Isto acabado, elle e a imperatris comerão na sala imperial (Palm. I. 68) — Isto dito, veloces mais que gamos, se lanção a correr pelas ribelras (Lus. 9. 70, 8. 51. 64, 5. 74, 9. 21, 70).

Cumpre observar que taes participios, quando attributo do sujeito da oração, vem *apposto* a elle:

Alle, sobresaltado pelo subitaneo apparelimento de seu antigo vizinho, fiara pasmado para elle (A. H., O Mon., 103) — Poderia ser: Sobresaltado Alle,... fiara pasmado, ou — Sobresaltado, Alle... fiara...

3.º Nas orações *gerundiaes*, a que muitos chamam do participio presente:

E seendo qles comendo, viron gentes que chamavam esmaelitas (Chr. Areh., 85) — Ouvindo Tobias, que era eego, a voz de um animalzinho balando, advertiu que acaso não fosse furto (A. V. S. 1. 201).

Obs. 1.ª Critica A. de Castilho ao P.º Manoel Bernardes pela anteposição do sujeito na seguinte construcção: *Frei Domingos, vindo de Fortosa... se lhe ajunctou no caminho um moço muito confiado*—, que elle tacha de gallisismo. Devera ter construido: *Vindo Frei Domingos...*

Esta posposição, que é hoje de rigor, não o era no v. port.:

E elles assi fazendo, appareceu-lhe o dito cavaleyro em avito de palmeiro (Chrest. Arch. 110).

2.ª Não se tratando do chamado participio absoluto, o gerundio ou o part. presente pôde ser *apposto*, como acontece com o part. passado: *Ouvindo Tobias a voz de um animalzinho, advertiu...* ou: *Tobias, ouvindo a voz de um animalzinho, advertiu...* e, ainda, anteposto o *apposto*: *Ouvindo a voz de um animalzinho, Tobias advertiu...* Elle em se prostrando, me dizia chorando (A. F., Castro, 45) — Voltando ao refeitório abacial, D. João d'Ornellas, parecia meditando (A. H., Mon. 200) — Fitando a vista no mancebo, o abade ficou' queda e mudo (Ib. 209).

4.º Com certos verbos de *sujeitos oracionaes*:

Convem estudarem elles, ou — convem que estudem — Importa relevar faltas, ou — que se relevem faltas — Conta-se viver elle, ou — que elle vive.

5.º E' costume transpor para a clausula subordinante á guisa de objecto o sujeito da clausula substantiva: "Depois foi ver as mós se tinham grãos" (R. S., Acas. dos fant., ap. M. Barreto — "...cada hun deve a resguardar o cavallo se he boquimolle". Gir. Alv. 12, ap. Epiph.

EVOLUÇÃO TOPOLOGICA.

459. O portuguez tem manifestamente evolucionado para o analytismo na construcção da phrase; muitos hão attribuido este phenomeno á influencia da literatura franceza, onde domina, em regra, a ordem directa ou analytica na collocação dos termos. Independentemente, porém, dessa influencia, o portuguez obedece com suas co-irmãs a corrente analytica, que assignala a evolução das linguas modernas para a clareza na expressão verbal do pensamento. Nesta evolução, que aceusa o progresso do espirito humano, os termos tendem a fixar-se e a desenvolver sentidos novos pelas posições, que podem occupar na sentença. Apesar, porém, desta tendencia genial das linguas neo-latinas, o portuguez, todavia, guarda, para o genio dos estylistas, os recursos preciosos de sua nativa liberdade.

CAPITULO X

II. REGENCIA

460. As palavras combinam-se na formação da sentença em grupos logicos de *coordenação* e de *subordinação*, como já vimos.

Nos grupos de subordinação dá-se a *regencia grammatical*, que é a propriedade de terem certas palavras outras sob sua dependencia, que lhes explanam o sentido. Donde se vê que as palavras *regidas* são complementos das *regentes*, estas se dizem *subordinantes*, e aquellas *subordinadas*. A subordinação ou regencia expressa-se pela *preposição*, p. ex.: *a flor do campo*, onde *flor* (regente) rege *campo* (regido), por meio da prepos. *de*, sendo, portanto, *do campo* complemento de *flor*, antecedente da preposição. Por sua vez a propria prepos. *de* rege o subst. *campo*, que é, por



isso, o seu complemento. — O verbo transitivo, na regencia do objecto, dispensa a preposição, e rege-o directamente, como já temos estudado (*amo o estudo*).

461. As relações regenciaes ou de subordinação em portuguez são logicamente as mesmas que em latim, porém a sua expressão verbal varia grandemente. A obliteração dos *casos* trouxe grande alteração no aspecto estrutural da phrase. A função de regencia ou complementar dos termos accessorios da sentença, tendo deixado de ser *synthetica-*mente expressa pelas desinencias casuaes, passou a sê-lo *analyticamente* pelas preposições. Ampliou-se desta sorte o parco uso que destas particulas subordinativas já fazia o latim.

462. Uma das alterações mais curiosas no processo regencial latino está no emprego da preposição *de* para substituir o *genitivo*. A idéa de *posse* era uma das relações principaes, indicada por este caso latino: *Petri galerus* = *o chapéu de Pedro*.

Desenvolveu-se, no latim medieval, esta idéa na prep. *de* (que a ella era extranha em seu uso classico), como passamos a explanar.

O *genitivo* latino expressava a idéa de *posse* sob aspectos differentes — o *subjectivo* e o *objectivo*. No *genitivo subjectivo* (*Petri galerus*), o substantivo no *genitivo* (*Petri*) era o *sujeito* ou *agente* da posse; no *genitivo objectivo* (*legis timor* = *o temor da lei*), o substantivo no *genitivo* (*legis*) era o *objecto* ou o *paciente* da posse. Neste ultimo caso, o *genitivo* expressa uma causa em relação a certo effeito, uma origem em relação a uma certa consequencia. “Ora, observa Bourciez, já no latim classico, para se extrahir de um todo uma parte, ao lado do *genitivo* (*pars militum*), poder-se-ia empregar — *ex, ab, de* (*pauci de nostris* = *poucos dos nossos, Cæs*). Foi este o ponto de partida, que permittiu levar mais longe as extensões analogicas”.

O movimento psychologico veio auxiliar a evolução da phrase. Uma das idéas classicas da preposição *de* era — *procedencia, origem*, que facilmente se relaciona com a idéa de *posse*, pois a coisa possuida se prende ao possuidor como a sua origem ou procedencia. Na phrase — *de tauro*

corium protulit (Hyg. fab. 195, ap. Bourciez), o *couro que provêm do touro* pôde ser considerado como parte integrante delle ou como por elle possuido. “Dahi resulta que *corium de tauro* substituiu progressivamente o *tauri corium*”.

Mais: a preposição *de* tem ainda no latim classico o sentido de — *em relação a, em respeito de*. Assim da phrase — *De triumpho autem nulla me cupiditas tenuit* (= *a respeito de triumpho nenhum desejo se apoderou de mim*, Cic. ep. ad Att. 7, 2, 6), onde *de triumpho* significa — *a respeito de, em relação a*, pôde-se facilmente extrahir um grupo nominal — *cupiditas de triumpho* equivalente a — *triumphi cupiditas* (= *desejo de triumpho*) com genitivo objectivo.

Por esse duplo movimento psychologico, crearam-se, e pouco a pouco se implantaram nas linguas romanicas esses grupos nominaes de subordinação, que expressam, de modo analytic, as diversas relações do genitivo.

Ao mesmo tempo que se ia envolvendo a phrase, a ordem synthetica — *Petri galerus* ia sendo substituida pela ordem analytica — *galerus Petri* e *galerus de Petro* (Bourciez).

463. Um outro emprego da prepos. *de*, como mera *partícula de realce*, desenvolveu-se, e se fixou em portuguez, em grupos como este: *o pobre do homem*. Consiste elle, como se vê, em se interpor entre o adjectivo e o seu substantivo ou pronome, a prepos. *de*, com o intuito de dar *emphase* áquelle, p. ex.: *o pobre do homem, infeliz de mim, coitado della*. Deste modo o grupo de coordenação (*o pobre homem*) torna-se grupo de subordinação (*o pobre do homem*), não deixando, entretanto, o substantivo de exercer attracção sobre o adjectivo, que com elle concorda em genero e numero.

Em hespanhol tal processo existe — *el bueno del arriero*, e no velho francez temos delle vestigio — *ma lasse d'âme, sa vieille de mère* (Bourciez).

Pois, Senhor, a pura da verdade... é... que a Pulcheria... (A. C.) — Ah! velho parvo de mim (A. Ferr., Cast. 204) — Oh! o cachorro do vizinho (por — o vizinho cachorro) me fez isso? — O diacho do boi não apparece — Coitadinhos de vós! (Fab. 35) —

Que doudo peusamento he o que sigo?
Após que vñõ cuidado vou correndo?
Sem ventura de mim! que não me entendo;
Nem o que calo sei, nem o que digo!

(C., Obrs. 2.61)

464. Phenomenos semelhantes observam-se com certos nomes que designam *quantidade indeterminada*, taes como — *Pouco, algo, nada, que (quid)*. Estes nomes ao lado do grupo de coordenação, comportam grupo de subordinação — *pouca agua e pouco d'agua, algo bom e algo de bom, nada novo e nada de novo, que povo e que de povo, o que ha novo e o que ha de novo*.

Este processo filia-se ao latim, onde os adjectivos qualificativos neutros substantivados e adverbios de quantidade — *nihil, multum, paulum, minus, quid, aliquid, quod, parum, id, satis* — regem *genitivo partitivo*: *Homo sum: humani nil (nihil) a me alienum puto* (Ter.), *multum copia-rum, plurimum auri, parum frondis, plus auri, id temporis*: — *Quod auri, quod argenti, quod ornamentorum in urbibus Siciliae fuit id Verro abstulit*. — A este processo latino podemos ainda filiar nossa expressão familiar: *isto de lucros são conversas fiadas, isto de andar daqui para alli não me agrada*.

Dá-se o *cruzamento syntactivo* entre o grupo de coordenação (*pouca agua*) e o de subordinação (*pouco de agua*), produzindo — *uma pouca de agua, uma pouca de farinha*. No portuguez archaico eram muito mais communs estes grupos de subordinação.

Sen muita de bõa maña
que deu a un seu prelado,
que primade foi despaña
e affonso era chamado

(Q. da L. Port. 98, sec. XIII)

Per muitas de maneiras (Q. de L. Port. Ib. 113) — *Assaz é de pouco saber, quem se mata pelo que não pôde haver* (Prov.).

465. O objecto ou o regimen directo, como já vimos, expresso pelo aceusativo latino, é regido, em portuguez como em latim, directamente pelo verbo transitivo, isto é, sem intervenção de preposição, p. ex.: *Labor omnia vincit*==*o esforço vence tudo*.

Entretanto na península Iberica, já desde o seculo XI, desenvolvia-se um processo novo, inteiramente extranho ao latim classico, de se reger o objecto com a preposição *ad*, processo que se fixou em portuguez com grande vantagem para a clareza e variedade da phrase.

A preposição só se antepunha quando o objecto designava um *ente animado* (*decepit ad suo germano*), e levava o intuito de lhe dar proeminencia, mostrando o seu interesse na acção verbal, “como o ponto a que ella se dirige, ao passo que as cousas e os seres inanimados apenas a recebem pura e simplesmente”.

Subordinando-se a ese processo medieval, o portuguez rege com a prepos. *a* o seu objecto, quando nome de *pessoa* ou de *seres vivos*, tornando-se de rigor a regencia toda vez que o *objecto* ou o *sujeito* desloeados poder-se-iam reciprocamente confundir: *Ao caçador matou o leão*. No caso de confusão ou ambiguidade, é de rigor a regencia da prepos. *a*, mesmo com objecto de seres inanimados: *Ao braço move a machina*.

E ainda com o mesmo objecto de seres inanimados apparece não raro em bons escriptores a regencia da prepos. *a*, toda vez que o verbo exprime acção ordinariamente practiceada por seres animados, pois que, neste caso, ha uma influencia psychologica, isto é, o espirito, por habitual suggestão, communica certa vida ao objecto, interessando-o na acção verbal: *Nao ameis ao mundo* (A. P.), *vence ao mundo* (Id.), *a noite segue ao dia*, *a preposição rege ao substantivo*.

Desapparece a regencia da preposição, quando ha na phrase um *dativo* ou complemento terminativo, que avoea para si caracteristicamente a prepos. *a*, pois haveria então confusão entre o accusativo (*objecto*) e o dativo (*conpl. terminativo*). Dá-se isto com os verbos transitivos-relativos: *elle entregou o filho ao pae*, *e deu Pedro a Paulo*, e não — *elle entregou ao filho ao pae*, *e deu a Pedro a Paulo*.

A regencia da prepos. *a* é indispensavel quando o objecto é representado pelas fórmulas tónicas dos pronomes: *amar a mim*, *a ti*, *a elle*, *a nós*, *a vós*, *a elles*. O dativo, porém, tem preferencia a taes fórmulas, e lhe é vedado fazer de accusativo desde que haja na oração algumas dellas que representem aquelle caso, pois haveria baralhamento de relações, como —



entregar a mim a ella; dir-se-á — entregar-me a ella ou entregá-la a mim.

466. Uma outra regeneia em relação ao *objecto* desenvolveu-se na baixa latinidade, e passou para o portuguez, franceez e italiano. Consistia ella em reger o objecto, que designava eoisas ou seres inanimados, eom a prepos. *de* eom valor *paritivo*, para indiear que não se tractava da totalidade, mas de uma parte da eoisas indieada pelo *objecto directo*:

Da mhi de draps sancto Cæsari; transmissus tibi de illo pane; probato si inde potis manducare (Form. Sen. add. I, 21, ap. Boureiez).

Já no latim classico se encontram exemplos deste processo: *De præda parcus dederat* (Liv. 45. 35).

No latim da decadencia encontram-se delle exemplos mais frequentes, p. ex., na *Vulgata*:

Afferte de piscibus (Joan 21.10); catelli edunt de mielis (Matth. 15. 27) =trazel dos pelxes, os cachorrinhos comem das migalhas.

Tal processo syntactico fixou-se largamente em franceez, onde a prepos. *de* eombinada geralmente eom o artigo (*de, la, les*), eonstituem um adjeetivo *paritivo* (artigo partitivo): *je veux du pain, on mange de la viande, j'ai des choses à te dire.*

Mais largo era o uso que deste processo fazia o v. port. (564).

467. O infinitivo regido de preposição, tão eomum em portuguez, é regeneia extranha ao latim elassico (*cogitar de resistir=cogitare resistere*). Segundo Boureiez, esta syntaxe neo-latina naseeu do *eruzamento* de dois typos latinos. O gerundio latino podia ser regido de preposição:—*Syriam ad diripiendum tradidisses* (Cic.). Entre — *aggredior dicere* e *aggredior ad dicendum*, dar-se-ia um eruzamento syntactico, cujo producto seria um terceiro typo de phrase — *aggredior ad dicere*. Assim, pondera o já eitado auctor, *entre cogitabat resistere e de resistendo cogitabat*. (Cæs. B. B. 2. 34), a fusão podia em principio operar-se e dar em resultado — *cogitabat de resistere*. Taes typos syntacticos, se

bem que raros, apparecem, todavia, no latim da decadencia: *carnem dare ad manducare* (J. C. 52. Itala).

Desenvolveu-se exuberantemente no portuguez archaico e até entre os classicos quinhentistas e seiscentistas o infinito preposicional, e só modernamente, apesar de A. Castilho, Garrett e Filinto, vae a lingua reagindo contra a regencia da preposição após certos verbos transitivos, como — *desejar, prometter, determinar, esperar, ordenár, caber, jurar, ousar*, etc.

Exs.:

Senhor, a mim não cabe de fallar en esto (Q. I. Port. 225)

E depois que foi esperto
Logo de comer pedia — (Ib. 108)

Não euidel eu a desejar
Vosso ben, a vosso pesar — (Ib. 161)

* Senhor que grav oj'a mi é
De me aver de vós a partir — (Ib. 162)

Non avedes muito a viver (Chrest. Arch. 51) — Que avias a veer? (Ib. 51) — Nos, as meninas, punhemos d'andar con vossas madres (Chrest. Arch., 347)

Si, tome-me lá Florença,
E cumpramos a sentença;
Ordenemos de partir (G. V.)

468. Vestigios deste largo uso da prepos. *de* temo-los na dupla regencia de muitos verbos seguidos do infinito: *dever sahir* ou *de sahir*, *precisar fazer* ou *de fazer*, *folgar ver* ou *de ver*, *carecer ir* ou *de ir*, *escusar fingir* ou *de fingir*. Porém, se seguirmos a auctoridade de A. F. de Castilho, Felinto Elysio, Garrett e outros modernos escriptores, que neste ponto se ateam ao uso classico, a lista dos verbos que podem reger facultativamente o infinitivo puro ou preposicional em relação objectiva, alarga-se indefinidamente, como se pôde ver das seguintes amostras:

Não mereca de ter morrido (A. C.) — Usa de sustentar-se com o faeil rebusco de artigos periodicos (Id.) — Determina de se casar com a princeza Julleta (Id.) — Continuarem de consentir (Id.) — Escusa de esfalfar-se (Id.) — Juro de o proserrever (Id.) — Aos que desejarem de o saber (Id.) — Recelo de não responder como deves (F. Elys.) — E vos prometto de estar pelo que elle diga (Id.) — Tenho proposto de o traduzir (Id.) — Affecto de

o tractar de igual a igual (Id.) — Não receio de saltar por cima do cadaver do monge (A. H.) — O tracto mercantll principiou de rasgar mais largo vôo (L. C.) — Succedendo de passar pela ruã de St. Antão, dois mascaras a cavallo o investiram com zombarias e motejos... (L. C., C. 137) — Que fé merecem homens que não duvidam de quebrar as promessas solcmnes feitas ao kalifa (A. H., L. e N. I. 5).

E' frequente a suppressão da prepos. *de* antes de *que*: Eu forgaria muyto... que nos assentassemos (H. P., ap. Epiphanio).

469. *Fazer, deixar, ver, ouvir.* Seguidos do infinitivo, podem estes verbos reclamar no *accusativo* ou no *dativo* o sujeito desses infinitivos, como já vimos: *fazê-lo* ou *fazer-lhe sentar, deixá-lo* ou *deixar-lhe fallar, vê-lo* ou *ver-lhe sahir, ouvi-lo* ou *ouvir-lhe dizer*. Em taes construcções, o *dativo* não vem do lat. class., onde o sujeito do infinit. ia para *accusativo*. O *dativo* é um processo oriundo da b. latinidade, como se vê no seguinte exemplo citado por Diez: *Hac comitibus scire faciant*. Porém, o *dativo* apresenta-se ali, como pondera Diez, com certo caracter de actividade, e por isso é elle repellido toda vez que o verbo no infinit. não comporta este caracter por ser *neutro* ou *passivo*: *fazê-lo prender* (*ser preso*) e não *fazer-lhe prender*; *deixá-lo morrer*, e não *deixar-lhe morrer*; *vê-lo soffrer*, e não — *ver-lhe soffrer*. “Nenhumas outras os façam adoeecer (A. V., C., 1. 203).

470. *Mandar*, como os antecedentes, rege o infinitivo puro com o sujeito deste em *accusativo*: *Mandou-os o Senhor prégar pelo mundo* (A. V., S. 5. 248). Porém, differentemente delles, passa para *dativo*, isto é, para objecto-indirecto esse sujeito, desde que a clausula infinitiva se converta em clausula do modo finito, que neste caso fica com sujeito grammatical latente, inexpresso: *Mandou-lhes o Senhor que prégassem pelo mundo* — *mandou-lhes que levassem dinheiro* (A. V., S. 5. 248). Em a) *mandá-lo enforçar* = *mandar que elle fosse enforcado* e b) *mandar enforeá-lo* = *mandar que o enforcassem*, ha, na coincidencia de sentido logico, a divergencia analytica da voz passiva e da voz activa, sendo no 1.º exemplo *indeterminado o agente* e no 2.º o *sujeito-agente*.



A' porta do passo achel o mestre do navio do Maranhão, que me disse o mandara chamar el-rei para lhe dizer, que o havia de mandar enforçar, se em seu navio fosse o padre Antonio Vieira (A. V. C. 143) — Mandou-os o Senhor prégar pelo mundo e prohibiu-lhes nomeadamente que não tivessem ouro nem prata (cf. prohibiu-os ter ouro ou prata) — Metteu-me na mão um decreto... no qual lhe mandava me dissesse... que lhe fosse fallar (A. V., C. 1. 45).

Cumpre observar que esse *accusativo* (o), sujeito do infinito, passa para *dativo* (lhe), desde que esse infinito reclame a presença de *accusativo-objecto*; mostra esse phenomeno curioso o seguinte exemplo:

Vossa Magestade... tem mandado o governador e os padres a differentes Indios das mesmas nações, para que lhes refiram o novo trato que vossa magestade lhes mandou fazer (A. V., C. 1. 66).

Obs. Este *dativo* no lugar do *accusativo*, tanto neste caso da clausula infinita, como no da clausula correspondente do modo finito acima estudado, corrobora a doutrina de que o portuguez não tolera, como o lat., dois accusativos diversos a um mesmo verbo; por isso diremos — *mandei-o sahir*, porém — *mandei-lhe que sahisse*, *mandei-lhe fazer o trabalho*, *eu lh'o mandei fazer*.

Frequentemente succede que o *dativo* *lhe* juncto ao verbo *mandar* é reclamado como *objecto-indirecto* pelo Infinitivo que o segue, p. ex.:

Emquanto Affonso de Albuquerque não rompeo de todo com elle, secretamente mandou-lhe pedir seguro pera sua pessoa, filhos e genros cõ sua familia (Barros, ap. D. Vieira) — E por este Coge Amir ser homem tão conhecido, lhe mandou dar alguma fazenda d'elRey (Damião de Goes, lb.).

471. *Fazer com que*. Quando convertemos a oração infinitiva do verbo *fazer* (*fê-lo sahir*) em oração do modo finito (*fez que elle sahisse*), póde o verbo *fazer* réger a prepos. *com* (*fez com que elle sahisse*). Este ultimo typo de regencia nasceu de um *cruzamento syntactico*. O v. port. dava a esta phrase um torneio já hoje archaizado, como se vê do seguinte passo das Décadas de João de Barros: “*Pera executar este proposito fizeram com o Catual que os retivesse*”. (Dec. I. Liv. IV, p. 351). Ao lado desta, desenvolveu-se esta outra, que é hoje vigente — *fizeram que o Catual os retivesse*; e da fusão das duas resultou o seguinte typo, em pleno vigor: — *fizeram com que o Catual os retivesse*

Nota. Era corrente entre os quinhentistas esta syntaxe do verbo *fazer*: “E porque ho Rey de Ormuz ja dantes pagava parcas ao dito Sufy, *fez com ho governador Afonso dalbuquerque lhe mandasse cmbaixador*” (Itinerario de Antonio Tenreyro, p. 37, Perigr. de M. Pinto, vol. 4, p. 37). — Já no sec. anterior escrevia Ruy de Pina: “Onde o Ifante com pallavras muy honestas e virtuosas lhe apontou, que por assessego de tantos alvorogos e onyções, *fyzesse* com elles que lhe entregassem o Castelo (Ined. de Hist. Port. I, p. 263, Chr. de D. Aff. V.). — Embora archaica, imitou A. Hereulano a syntaxe de João de Barros no seguinte passo: “*Hizam fez com o amir que accitasse estas proposições*” (II. de Port. 1. 85).

Faz, Senhor d'altos prodigios,
Com que a mente empedernida
Não se aparte desta vida
Sem sentir a saneta fé (G. D., Poes. 2. 11)

472. **SUJEITO REGIDO DE PROPOSIÇÃO.** Por analogia com o *objecto*, regia o v. port. ao *sujeito*, com a preposição (*a*, *de*), quando este era expresso pelo infinitivo: *custa a crer, convem a saber*.

Ca, se verdade quiserdes achar,
outro caminho convem *a buscar*,
ca non saben aqui d'ela mandado (Chrest. Arch. 191)

Compre *de conhescer* as cousas... e por esto lhe compre *de se trabalhar* de saber bem conhescer todas estas cousas (T. Arch. 56, 57 — D. Duarte, sec. XV) — Pero he-lhe necessário *de saber* conhescer de que guisa pode melhor filhar aquelle porco (T. Arch., 56) — Era cousa singular *de vcer* que en derredor do leito estavam moços pequenos muy fortemente eborando (Chrest. Arch., 108) — Sendo ele de idade, conven a saber, LX anos (Chrest. Arch., 108) — Sua alteza estava doente... e foi mais faeil de persuadir... muito mais faeil de conceder (A. V., Cart., 46, 203).

Melhor é de seer traedor
ca (=que) morrer escommungado (Chrest. Arch., 201).

Obs. Tai syntaxe, já hoje archaica, tem sido reproduzida por alguns notaveis escriptores modernos, acerrimos imitadores do fallar antigo, como A. Castilho, Garrett.

Desaire real seria de a delxar sem premio (G.) — E' proposito de mor gloria lhe dar no ignoto oriente (Id.) — A mãe já lhe custa a andar (A. C.) — Ainda agora nos não pesa de o havermos feito (A. C.) — Com certeza; até me custa a fallar (A. C., Doc. O. de se. 141).

473. **CRUZAMENTO SYNTACTICO.** Em um cruzamento syntactico temos a explicação do seguinte typo anormal de re-

gencia — *quando foi da guerra dos francezes*. Tal construcção, segundo Julio Moreira, nasceu do baralhamento de duas construcções normaes equivalentes — *quando foi a guerra dos francezes*; a prepos. *de*, da ultima phrase, attrahida pela equivalencia dos grupos — *quando foi e no tempo*, fixou-se definitivamente depois de *foi*, tomando a primeira phrase pela segunda. A phrase é evidentemente uma contracção de — *quando foi o tempo da guerra dos francezes*. Escriptores ha que ainda a abreviam elidindo o verbo — *quando da guerra dos francezes*.

Aristoteles mal teria a barba russa quando foi d'aquelle seu ultimo namoro (G., Viag. I. 69).

474. Entre os verbos, que admittem mais de uma regencia para complementos reclamados pela sua significação, mencionamos os seguintes:

1. **Assistir** — RELATIVO — *ao enterro, ao doente, ou em algum logar*.

Vierão assistir ao enterramento (apud Moraes) — Embarcou para Tanger onde assistiu nove annos (Ib.)

Dá-lhe Moraes valor *transitivo* no sentido de servir, e de facto elle se presta á conversão passiva:

Fazer competencia de quem mais ha de assistir o principe (A. V., ap. Moraes).

2. **Attender** — TRANSITIVO — *as partes, o requerimento, a pretensão* (Moraes), e RELATIVO — *ao perigo, aos negócios, aos rogos* (Bluteau).

He necessario attender aos negocios domesticos (Bluteau) — Attenda-o (ao herdeiro) donde quer que seja (Ord. Aff. 4. 107, 8, ap. Moraes).

No v. port. era transitivo no sentido de esperar, que ainda conserva em fr. *attendre*: “Vim atendeu meu amigo” (O Ant. Vern. 61).

3. **Chamar** — TRANSITIVO OU RELATIVO — *chamá-lo tolo* ou *chamar-lhe tolo*. Esta ultima regencia é mais usual entre os classicos, e a outra se justifica com a conversão passiva — *ser elle chamado tolo*.

Novidades lhe chamamais (C. Obs. 3. 17) — Como hoje lhes chamariam (A. C., Os Fast. 1. 323) — Com maduros varões por isso elege Romulo entre o mais povo, os chama Padres, e da nascente Roma os encarrega (A. C., Os Fast., 3. 11) — Antes lhe chamarás refugio de todos os males (L. C., Cam. 55).

4. **Filiar** — TRANSITIVO-RELATIVO — *filiar-se* *alguem em alguma sociedade*, e, mais raramente, *a alguma sociedade*.

“O comico portuguez, como o hespanhol, filiam a sua eschola dramatica e a sua fórma literaria nas mesmas tradições e nas mesmas origens (L. C.) — Filiar-se na associação catholica (Aulete) — Filhou-se no partido republicano ou ao partido republicano (E. Carneiro).

5. **Forrar-se** — rege *a* e *de* — *forrar-se aos trabalhos e dos trabalhos*.

Os mais por se forrarem ao descommodo e trabalhos do seculo (L. C., ap. Aulete).

6. **Incorporar** — rege *em*, *com* e, menos frequentemente, *a*, além do *accusativo*, que possa ter.

Incorporou-se na fazenda real o rendimento das terças dos bens dos Concelhos (Art. de Furt., ap. E. Carneiro) — Incorporar no meu dominio uma porção do seu valor (A. H., Hist. de Port. 237) — E incorporaram aquellas pobres mulheres com as reemvindas (A. H., Op. II. 303) — Incorporar uma provincia a um reino, a Igreja de Jesus Christo todos os povos da terra (Dicc. Vieira).

7. **Investir** — TRANSITIVO, ou RELATIVO com a prepos. *com* no sentido de *accommitter*, — *investi-lo* ou *investir com elle*.

O touro arremette contra elle. Uma e muitas vezes o investe cego e irado (R. da Sliva) — Investiram com os bésteiros que desordenadamente recuaram (R. da S., O. Velh. 65) — Investindo com elle a braços, o férlram no rosto (Aulete) — Succedendo de passar pela rua de St. Antão, dois masearas a cavallo o investiram com zombarias e motejos... leva da espada e fere a Gouçalo Borges na refrega (L. C., Cam. 137) — Eis que o investe um grande peixe (A. V.) — Invistamos esta noite com os Fellstheus, e desthronemo-los (A. P., 4 Reis XIV 36).

E' corrente, como attesta o Dr. E. Carneiro, se bem que não abonado em nossos dicionarios, o dizer-se — *investir ao*, *contra* e *para* (o touro).

8. **Responder** — rege *accusativo* daquillo que se responde, e *dativo* daquillo ou daquelle a que se responde — *responder isto* ou *a isto*.

O mouro responde estas palavras (Fr. Gaspar) — Ponho em papel o que de palavra lhe respondi (A. V., C. 2, 1) — Respondo ao restante da carta (Ib. 2. 88) — Acho-me com duas de vossa mercê a que responderei brevemente (Ib. 146) — E depois de lhe responder a certas perguntas... lhes mostrou a carta (F. M. P., Per. 1. 163) — Então te responderemos a tuas perguntas (Ib.) — Ao que elle respondeu que era verdade (J. de B., Doc. II liv. 6. e. 5) — Respondendo ao officio de V. Exc., não pude responder á carta (A. H., C. 1.259, 234).

9. **Presidir** — rege de preferencia *dativo*, e raramente *accusativo*, embora se preste á inversão passiva.

Inquiria aqui o crescimento de uma planta, a cujos principios presidia (L. C.) — Afigura-se-lhe que leis immutaveis e harmonicas presidiam á revolução da humanidade (Id.) — O que presidia o congresso, respondeu (Ap. Moraes) — Aos aditos presidido (A. C., Os Fast. 1. 19) — Póde tambem reger a prepos. *em*: Presidindo na igreja o papa Leão X (L. de S., V. do Arch. 1. 3, ap. E. Carneiro) — Sendo este o officio e obrigação do tribunal em que vossa senhoria preside (A. V., C. I. 179) — Sua dupla regencia já vem do lat.: *ut urbi praesiderent* (Liv.), *praesidere litus* (Tac.)

10. **Satisfazer** — TRANSITIVO e RELATIVO — *satisfazer o desejo* e *ao desejo*, *satisfazê-lo* ou *satisfazer-lhe*.

Esta preza o não satisfez (J. de B., Dec. 1. 93) — ... o qual querendo satisfazer aos serviços, e ajudas que lhe o Conde D. Henrique tinha feito, não achou cousa mais digna... (Id., lb. 8) — Soube bem satisfazer sua tenção (Palm. 1. 3) — Bastam os frilos de Coimbra para satisfazerem á vontade de nossos amigos (A. V., C. I. 108) — Elrei viera satisfazer os odios de D. Leonor (A. H., L. e N. 1. 227).

11. **Deparar**, do lat. *de+parare*. Moraes, seguindo a Bluteau, e Silva Tullio (em seus *Estudinhos*) a Moraes, e o Sr. Candido de Figueiredo a estes auctores, acham incorrecto dar a este verbo a acceção relativa de *deparar com*. Em seu Novo Dice. diz C. de Figueiredos "*Deparar* — fazer apparecer. Apresentar inesperadamente: *deparou-me o acaso um amigo*. — Tem-se usado com a significação de *encontrar algum* ou *alguma coisa, topar*, mas não é correcto." Mostra, entretanto, Heraclito Graça, em sua obra *Factos da*



Linguagem, p. 141—153, que esse verbo admite não só a acepção transitivo-relativa de Bluteau (*deparou-me a fortuna este homem*), perfillhada pelo Novo Dice., mas ainda a acepção transitiva, e a relativa com a preposição *com*. Aulete e Domingos Vieira registram estas acepções.

Qual no mundo o santo que depara as coizas perdidas? (A. V., ap. Dice. Contemp.) — Pedia ao padre Santo Antonio que lhe deparasse a cabra perdida (A. V., lb.) — Depara-nos a caça umas feras (Bluteau) — Oh! que se então meus olhos deparassem com o roubador (A. C., N. do Castello, c. 3, ap. F. da Llng.) — Deparou com uma perla o gallo um dia (Fab. lv. 1, fob. 20) — Deparamos por ventura ainda com algum Viriato...? (G. Catão, c. 5, se. 7.^a) — Deparara co'esses paços da fada Altina (G. Ib. 4, 18) — Deparam com centos de homens cevados na leitura da antiguldade (C. C. B., Os Martyres, t. 1. p. 4, ap. Fact. da Llng.)

12. **Perdoar**, TRANSITIVO-RELATIVO, com accusativo da coisa e dativo da pessoa: *perdoar alguma coisa a alguém, perdoar-lh'a*. No v. port. ia ás vezes a pessoa para accusativo, como acontece ainda hoje no fallar do povo — *perdoar o criminoso* por — *ao criminoso*. Na inversão passiva, tanto o accusativo como o dativo passam para o nominativo-sujeito: *o criminoso* ou *o crime foi perdoado*.

Querla perdoar-lhe o rei benino (C.) — Quem lhe perdoará? (C. C. B.) — Perdo-te o mal que me fazes, pelo bem que me sabes. (Prov.).

13. **Pagar**, igualmente TRANSITIVO-RELATIVO com *accusativo* da coisa e *dativo* da pessoa: *pagar a divida ao credor, pagar-lh'a*. — Na inversão passiva, tanto o objecto directo como o indirecto podem ir para sujeito: *a divida* ou *o credor foi pago*.

Invente-os você, se quizer, que para isso lhe pagam (C. C. B.) — Os gallegos ficaram em terra, para lhes pagar (C. C. B., Novlss. Est., 325).

475. MUDANÇA DE REGENCIA. Nesta instabilidade regencial dá-se a frequente archaização de uma regencia e fixação de outra, do que damos em seguida algumas amostras.

1. **Perguntar** — só admite hoje *accusativo* da coisa e *dativo* da pessoa: *perguntar alguma cousa a alguém*. No v. port. regia *accusativo* da pessoa:



En Santlago seendo albergado,
em minha pousada chegarom romeos,
perguntel-os e dlsserom (Vern. 98).

2. **Replicar** — dá-se eom este v. o mesmo phenomeno que eom o anteedente:

No flguelral flguelredo, a no flguelral entrel
eu la reprlcara: a ml fee nom irey (Ib. 34).

3. **Agradar** e seu composto *desagradar* eram usualmente, até o see. XVII, transitivos *directos* e *indirectos*, regiam accusativo ou dativo da pessoa:

Aos que mals o serlam e o agradavam, pagava-lhe com a sua graça (A. V., S. 2. 81, ap. E. Carneiro) — Todos os outros titulos que damos a esta Senhora, lhe agradam muito (Id. II. 199, ib.).

Predomina hoje nos modernos escriptores de nota o *dativo*:

Muito lhe agradeço asplrar lr á egreja com quem a ama e lhe agrada (A. C., O Doent. 199).

4. **Haver** e **começar**, seguidos do infinito, admittiam no v. port. trez regencias: *haver* ou *começar*, *fazer*, a *fazer* e *de fazer*. Archaizou-se a primeira, e só o verbo *haver* esporadicamente apparece nos modernos escriptores seguido do infinitivo puro: “Como havia resistir-lhe, se ella pedia eorando (G. D.)” — Vingou a tereira em ambos (*haver* ou *começar de fazer*), e a segunda em *começar* (*começar a fazer*).

5. **Obedecer** e seu composto *desobedecer* regiam *dativo* e *accusativo* até Vieira:

Mas esta carta me encontrou de maneira que não pude delzar de a obedecer (A. V.) — Não ful eu o que a desobedecl (A. V., C. I. 18) — Contel este caso pollo meudo, porque se veja eom quanto concerto (accordo) e recado (recato) fazem suas cousas e com quanta dillgencia obedecem os seus mandados (Fr. Gaspar, ap. D. Vieira) — Hla outro Indlo vestido de huma roupa douro, e seda, a palavra do qual o Elephante obedecia (D. de Goes, lb.) — Logo neste conselho lhe obedece (Franc. de Andrade, lb.) — Lugares montanhosos habltados de mouros que lhe não obedecem (D. de Goes, lb.) — Quem é este que o vento e o mar lhe obedecem? (qualls est hlc, qula ventl et marc obedlunt el?) (A. P., Math. VIII. 27).

Hoje emprega-se o *dativo* e é geralmente rejeitado o *accusativo*, apesar de admitir conversão passiva: *ser obedecido* ou *desobedecido*.

6. **Socorrer** — era, ás vezes, seguido de *dativo* (*socorrer-lhe*) com os nossos classicos, hoje domina o *accusativo* (*socorrê-lo*).

As Virgens quero chamar que lhe queriam soceorrer (G. V., ap. D. Vieira) — ...quem pudesse não perder ponto de lhes socorrer (A. Prestes, Autos 83, ib.) — Neste tempo vendo o gigante que os seus eram destroçados de todo, começou concertar na sella com tenção de os socorrer e satisfazer sua ira (Palm., cap. 117) — Quasi tinham desamparado os postos por socorrer o baluarte (J. F. de Andr. ap. D. Vieira) — Este que socorrer-lhe não queria (Lus. 6. 48) — Hoje dizemos *soccorrel-os*, e *socorrer-lhe as necessidades*, ou antes *soccorrel-o nas necessidades* (Dicc. de Moraes).

7. **Succeder** — Ao invés do antecedente regia este *accusativo* (*succedê-lo*) frequentemente, hoje prevalece o *dativo* (*succeder-lhe*).

Dom Theodorico que o succedeu (D. de Goes, ap. D. Vieira) — Succede-o outro Joaquim (A. P., IV R. XXIV) — Succede-lhe Joaccez, e a Joaccez succede Joaquim (Id., ib. XXIII) — Abulhasses succedera a seu pae no vasto imperio da Mauritania (A. H., ap. Aulete).

8. **Resistir** — regê *accusativo* e *dativo*, porém este vac predominando:

E' bom que eu ceda ao meu impulso actual, ou que o resista? (A. C., Faust. 43) — Crês tu que já não foram levantados contra seu capitão, se os resistira (C., ap. Aulete) — Será justo que lhes resistam os seus (A. V., S. 7. 84) — Como havia resistir-lhe, se ella pedia chorando? (G. D. ap. Aulete) — Resistir aos encantos da se-rela não era facil (G., ib.)

CAPITULO XI

III. CONCORDANCIA

476. O processo syntactico de concordancia consiste na accommodação flexional do adjectivo, pronome e verbo com o genero, numero e pessoa grammatical do substantivo ou pronome, com que se coordenam.

477. Do latim herdaram o portuguez e as suas irmãs este processo syntactico; porém, como os outros processos, evolucionou este, desenvolveu-se com o progresso analytico da lingua. No portuguez archaico a concordancia grammatical era, como no latim, simples; não tinha as subteis exigencias da lingua actual, o mechanismo complicado da grammatica hodierna (Vide Gr. Expos. C. Superior pag. 216—232).

478. SYLLEPSE. A certas anomalias deste processo dão os grammaticos o nome de *syllapse* (gr. *comprehensão*), quando a concordancia se opera não com o termo expresso, mas com um termo mental. diverso em genero ou numero, suggerido, aliaz, pelo expresso, p. ex.:

Vossa Excellencia é bondoso (homem bondoso), — gente...
padeçam (Lus. 1. 38).

A concordancia sylleptica é, pois, o que se chama uma concordancia *ad sensum, latente* ou *semiotica*.

479. E' regra da grammatica expositiva que o predicado concorde em numero e pessoa com o sujeito, e que, portanto, o sujeito determine o numero e a pessoa do predicado.

Soffre esta regra duas violações: casos ha em que o sujeito no *singular* tem o predicado no *plural*, e outros em que o sujeito no *plural* tem o predicado no *singular*.

I. SUJEITO NO SINGULAR COM PREDICADO NO PLURAL.

480. 1.º Dá-se o primeiro caso com o sujeito *collectivo*. Não raro um sujeito representado por um substantivo collectivo no singular leva o predicado ao plural, visto que o collectivo é um *plural logico*, e isto se realiza, principalmente, quando a acção predicativa se apresenta ao espirito practica por cada um dos individuos da collecção, antes que pela collectividade como um todo. Exs.:

Aqui dos Scythas grande quantidade vivem (Lus. 3. 9)

Se esta gente que busca outro Hemispherio

Cuja valia e obra tanto amaste,

Não queres que *padeçam* vituperio (Lus. 1. 38)

Povoam os degraus muita sorte de gente (Souza) — Estavam pegados com elle uma infinidade de gente (Id.) — Simão Mago appellidou um dia o povo para o verem subir aos céos (A. V.) — Grande parte, porém, dos membros d'aquella assembléa estavam longe destas idéas (A. H.)—A maxima parte dos homens morrem aos eincoenta annos (Dr. R. Vasconcellos) -- Grande numero de insectos têm vida eurtíssima (Id.) — Dos eavallos que estão na dlanteyra, mais da metade vierão logo ao chão (F. M. P., Per. 1. 257) — Uma parte dos tributos despendiam-se nestas festas disolutas (A. H., H. de Port., 7. 21).

O latim e o portuguez archaico eram mais sensiveis á acção logica do sujeito collectivo, do que o é a lingua actualmente:

Magna multitudo convenerant, turba ruunt, o povo traziam (M. Pinto); povoavam os degraus toda a sorte de gente.

Este phenomeno grammatical explica-se pelo facto que o povo antigo, no inicio, digamos assim, de sua evolução, naturalmente mais se impressionava com a realidade das coisas, do que com a subjectividade representativa das palavras. A concordancia, que assim se opera com a idéa plural, suscitada pela palavra no singular, se diz *logica* ou *mental*; todavia, percebe-se que a idéa se objectiva, ou reflecte directamente a realidade externa. Hoje não differenciamos mais com os nossos classicos — *o povo traziam*. O inglez, porém, que em muitos respeitoos conserva o genio das linguas antigas, diz normalmente — *people say*, com o predicado (*say*) no plural e com o sujeito (*people*) no singular.

2.º Observa-se ainda esta anomalia nas phrases nominaes, quando o sujeito é representado por nome de coisa ou pelos pronomes neutros — *isto, isso, aquillo, tudo*, e o predicado nominal por um substantivo ou pronome no plural: — *O mundo são homens* (M. B.), *isso são ossos do officio*. Dá-se, com o se vê, a attracção do predicado *nominal* sobre o predicado *grammatical*, e esta concordancia é mais comu ur, quando o sujeito é um pronome neutro, do que a regular (*isso são ossos do officio*). Sendo, porém, o sujeito um nome de pessoa ou ser vivo, não abdica o direito de avocar a si a concordancia verbal: *Ovidio é muitos poetas ao mesmo tempo*. (A. C.).



E tudo eram escusas (J. de B. Dec. I. 401) — Eram tudo memórias de alegria (Lus.) — Tudo isso sois vós ou é vós tudo isso, senhora minha? (A. C.) — A humanidade inteira são elles (A. C. Os Fast. I. 208) — Não são isto herdamentos de coração de trinta annos (A. C. Q. Hist. II. 6) — Tudo neste mundo parecem espinhos e dores (A. G. Dec. I. 108) — E' tudo flores (A. C. Os Fast. I. 7) — A sua carne de hoje era ainda vegetaes (A. C.) — O maior trabalho que tenho, é os pastores com quem trabalho (F. R. Lobo).

3.º Em port., como em lat., um sujeito no singular seguido de um complemento de companhia regido de *com*, leva frequentemente o verbo ao plural, quando exprime o complemento uma cooperação ou coordenação logica com o agente:

A Nanea com todos os seus *ficaram* assaz espantados (F. M. P., Per. 2. 7) — Que eu co'o grão Macedonio e com o Romano *demos* logar ao nome lusitano (Lus. I. 75) — Logo se poderão unir o seu grande cavalleiro com o seu christão (M. B., apud M. Barreto) — O vingador de Felipe Osorio com o carcereiro ehegaram são e salvos a Segóvia (C. C. B., ib) — Demosthenes eum coeteris in exillum erant expulsis (C. Nepos, ap. E. Carneiro).

II. SUJEITO NO PLURAL COM PREDICADO NO SINGULAR.

481. A segunda anomalia é a de estar o sujeito no plural e o predicado no singular; offerece ella varios typos syntacticos.

1.º O *primeiro typo* dá-se quando o sujeito plural, indicando quantidade ou tempo, é considerado em seu todo, e não em suas partes, como judiciosamente observa A. Töbler (Mélanges de Gr. Française, p. 298), p. ex.:

Cinco mil libras é muito (A. H., Monasticon); dois capitulos é pouco; quatro oitavos é a metade de um inteiro; quanto é dois terços de um meio? é dois sextos; falta muitos dias para os exames (Julio Ribeiro); basta os dictos que elle atira aos filhos e aos creados (Id.); dois annos em seu sexo é espaço de tempo apreciavel; quatro ou cinco mil contos é somma consideravel.

Em todos esses exemplos o sujeito se apresenta ao espirito em seu todo, como uma unidade, e, por isso, queda-se o predicado no singular; desde que, porém, o espirito os encare em suas partes componentes, o predicado deve ir para o plural, p. ex.:

Cinco mil libras não foram pagas, dois capitulos não foram estudados, quatro oitavos foram contados, dois terços foram separados, faltam muitos dias para se coneluir o praso, bastam as quotas eom que elle tem entrado, dois annos são passados.

E' este um principio que domina em muitas linguas aryanas. Em grego o sujeito neutro do plural deixa o verbo no singular.

Em francez se diz: *Et deux ans dans son sexe est une grande avancee* (Mél., ap. A. Tobler, p. 297); *quatre ou cinque mil éeus est un dénier considérable* (Ib.). Do mesmo modo em inglez: *In Scandinavia, where, on an average, five years is devoted to French by young students preparing for the University* (Ib.).

O nosso dialecto popular leva esta corrente aryanana mais longe do que o literario; pois, como em francez e inglez, é frequente dizer-se em linguagem familiar: *Quanto é hoje? Hoje é sete — Que hora é? E' dez horas (il est dix heurs, it is ten o'clock)*. Encontra-se por vezes reacção contra esses principios:

Obs. Chichelo de Judeo, assi eomo foste pantufo, que te eustava ver, uma bolsa com hum par de reales, que são bons para Eseudelro hypoerita; que são pouco e valem muito. (C. Obs. 3. 7).

2.º O *segundo typo* syntaetico é-nos fornecido pelo sujeito composto de substantivos no singular, que, muitas vezes, quer anteposto, quer posposto ao predicado, deixa-o no singular concordando com o mais proximo. Este phenomeno ainda se observa em bons escriptores hoje, quando o sujeito é posposto e é nome de coisa:

Cantando espalharei por toda a parte, se a tanto me ajudar engenho e arte (C.) — Passará o céu e a terra (A. P.) — E' muda a dor e o goso (A. II.) — *Foge-me a cor e a voz* (A. C.) — Naseu Jacob e Esau (A. V.) — Na estatuaria passou Phidias e Lysippe; na pintura Timantes e Apelles; na architectura passou Meliagones e Democrates; na musica passou Orpheu e Amphion (Id.) — Deste modo entende S. Gregorio e outros muitos Padres aquillo do Salmista (M. B., N. Flor. 4. 347, ap. M. Barreto) — Por este signal saberá minha mulher e filhos o estado em que vim parar (Id., Ib.) — Faltou-me o animo e a falla (C. C. B., N. de Lam. p. 26, Ib.) — David, e a sua gente se retirou a lugares mais seguros (A. P. 1 Reis. XXIV, 23).

3.º O *tereiro typo* nos é apresentado pelos pronomes pessoas *nós e vós*, quando estão por *eu e tu*, os quaes, em-

bora levem o predicado grammatical para o plural, podem, todavia, nas phrases *nominaes*, deixar no singular o predicado *nominal*: — *Antes sejamos breve que prolixo* (J. de B.). A *Gramatica de la Lengua Castellana, da Academia*, requer sempre no singular esse predicado nominal: *vos, D. Pablo, sois docto; vos, Clara, sois virtuosa*. Em portuguez egualmente, desde que se ponha elaro, em vocativo, juneto ao verbo, o nome a que se refere o sujeito pronominal, o singular se impõe: — *vós, Clara, sois virtuosa*, e não *virtuosas*. Quando, porém, apenas se enuncia o pronome-sujeito, não repugna a muitos de nossos bons escriptores levar o predicado nominal para o plural.

Somos chegados com a historia aos annos do Senhor (Souza) — Somos chegados ao ultimo sonho de Xavier (A. V.) — Mui felizes nós (serenos) se fizemos numa ou noutra nota reconhecer a divinatoadá dessas canções inimitaveis (A. C.) — Estamos persuadidos de que, ao menos em grande numero destes, a couversa era fingida (A. H.) — A este digno official somos devedores pelo que nos tem auxiliado (L. C.)

III. DISCONCORDANCIA GENERICA DO PREDICADO NOMINAL COM O SUJEITO.

482. Constitue ainda uma anomalia syntaetica a disconcordancia generica entre o predicado *nominal* de certas phrases e o *sujeito*:

Cerveja não é bom para a saude — Pimenta é usado como estimulante — E' preciso cautela com semelhantes doutrinas (C. C. B., A filha do Dr. N., c. I 27, ap. M. Barreto) — E' necessario uma licença para ella entrar (Id. A cav. do martyr. c. 13, 127) — E' necessario uma determinação invencivel (R. da S., A moç. de D. J. V., t. III, 315).

Este phenomeno,, como nos ensina K. Brugmann (Abr. de Gr. Comparée, p. 681) é aryano, ou das linguas indo-européas. E' elle observado tanto em grego como em latim: *lat. mors omnium rerum extremum*. Como se vê deste exemplo latino, o que em portuguez parece terminação masculina do adjectivo (*é preciso paciencia*), é realmente terminação neutra, e este adj. neutro transforma-se em substantivo, segundo Brugmann, e é empregado para indiar a categoria do conceito a que pertence o sujeito. Ao tractar-

mos mais adiante do genero do substantivo, daremos mais desenvolvimento a este ponto. (521, 4.º).

483. OUTROS TYPOS DE CONCORDANCIA. O verbo *parecer*, seguido de outro no infinito, dá lugar a uma dupla syntaxe de concordancia: *elles pareceem estar doentes* e *elles parecee estarem doentes*; no 1.º caso o verbo é pessoal e concorda com o pronome ou substantivo, que faz de sujeito, tornando-se o verbo infinito um predicado verbal ou completivo subjectivo; no 2.º caso é elle unipessoal, tendo por sujeito a clausula ou o verbo infinito. O 1.º caso filia-se no lat. (*videris mihi esse doetus*).

Syntaxe identica observa-se com o verbo *ver* e *ouvir* em phrases analogas: *Viam-se vagar negros vultos* e *via-se vagarem negros vultos*, — *ouviã-se soar vozes medonhas* e *ouvia-se soarem vozes medonhas*.

Viam-se brilhar dous olhos reluzentes e desvairados, n'um rosto disforme (A. H., Bob. 31) — Um dia ao romper do sol via-se ao longe... *resplandecerem* as cumiadas das montanhas (A. H., Eur. 84) — *Viam-se negrejar* na sua cincta de estreitas cellas as vestiduras severas das monjas (A. H., Eur., 126) — Não é cousa de pasmarmos quando se ouvem *palrar* burros (A. C., ap. M. Barreto, Noviss. Est. 223) — Ouviu-se, a exemplo d'elle, em seu vasconco, os cortesãos *rugirem* (F. Elys., ib.) — Sentiram-se então por toda a rua *abrir* portas e janellas, e soar vozes dos vizinhos (Souza, ib.) — Ouviam-se de noite umas vezes *soar* nella vozes medonhas e sentidas (Souza, ap. M. Barreto).

CAPITULO I

PERIODO GRAMMATICAL

484. O conceito de *periodo*, *proposição*, *oração*, *sentença*, bem como de *phrase* e *diseurso*, é vago em grammatica.

A sua determinação e discriminação practica offerecem, por isso, serios embarços. Todos esses termos teem um conteúdo commum: são todos expressões verbaes do pensamento, e, digamo-lo mesmo, de pensamento completo.

A etymologia de cada um delles, nada nos diz que nos possa levar a determinar, com rigor, o seu valor significativo.



485. PERIODO (gr. *peri* = em torno, *odos* = caminho) dá-nos etymologicamente a idéa de um caminho ao redor de um pensamento, e, provavelmente por isso, é que Chas-sang, procurando interpretar a vaga idéa fornecida pelo etymo, deseenhece o *periodo simples*, e define o periodo grammatical como “uma phrase composta de varios membros ou proposições, cuja reunião fórma um sentido completo”.

486. PROPOSIÇÃO (lat. *pro* = dcante, *positionem* = posição) traz-nos a idéa etymologica de alguma coisa que se põe deante do espirito para se analysar e discutir. E’ termo importado da logica philosophica, e, ainda mal, como pondera Mason e Ayer, que se tenha importado com elle o seu valor philosophico, que não se ajusta ao conceito grammatical, como abaixo veremos.

ORAÇÃO (lat. *orationem*) transmite-nos apenas do latim a idéa de discurso — *oratio Ciceronis*, discurso de Cicero. E’ usado na technologia grammatical como synonymo de proposição.

487. SENTENÇA (lat. *sententia* = decisão) apenas nos suggere, no seu uso grammatical, a idéa vaga de uma declaração. E’ uma expressão ordinariamente empregada, no dominio da grammatica, como synonymo de proposição e oração.

488. Quanto á PHRASE (gr. *phrasis* = dicção, elocução), luctam os glottologos por lhe fixar o valor significativo, e esta incerteza reflete-se naturalmente em toda a literatura grammatical.

489. Em relação a DISCURSO (lat. *discursus* = conversação, practica), tão pouco podemos eolher em seu etymo elementos para precisar o seu valor tecnico grammatical.

490. A difficuldade, porém, de se fixar, com rigor e precisão, o valor significativo desses termos, não está na imperieia dos grammaticos, mas na propria natureza do objecto, que é a determinação dos diversos aspectos ou modalidades do pensamento estampado na phrase. Ora, o pen-



samento, na inessante actividade do espirito, é vário, mo-
vel, irrequieto, como as ondas do mar. Photographá-lo,
pois, na palavra é necessariamente tirar delle uma imagem
indistineta, nebulosa, embaçada. Demais, são estreitos os
moldes da linguagem humana para conter o impeto e a am-
plitude do pensamento. Força, pois, nos é contentar-nos
com definições approximadas, e aceitar o *usus loquendi*,
procurando apenas evitar desnecessarias confusões.

CAPITULO II

DEFINIÇÕES E DISCUSSÃO

491. **DEFINIÇÕES E DISCUSSÃO.** Desses diversos aspectos da expressão verbal do pensamento, daremos em seguida definições, mencionando as difficuldades acerca de cada uma dellas.

492. *Periodo grammatical* é a expressão de um pensamento completo, considerada como o *continente* das proposições. Se o conteúdo do periodo é uma proposição simples, o periodo é *simples*; se é composta, o periodo é *composto*; se complexa, é *complexo*.

- a) **Periodo simples:** Pela bocca se aquece o forno.
- b) **Periodo composto:** Morrem barbas, apparecem cartas.
- c) **Periodo complexo:** Quando vires arder as barbas do teu visinho, delta as tuas em remollo.
- d) **Periodo composto e complexo:** Quem bem está e mal escolhe, por mal que lhe venha, não se anoje.

Como se vê, cada uma dessas designações se applica igualmente á proposição, e muitos grammaticos deixam de mencionar, por inutil, o periodo grammatical. Todavia, ha vantagem, para clareza na exposição dos factos grammaticos, de conservarmos tal denominação, pois ella nos apresenta um aspecto particuliar da phrase, uma secção especifica do discurso.

Porém, a delimitação dessa secção especifica no seio do discurso é vária, não só quanto ás épocas da lingua, senão tambem quanto aos escriptores ou oradores. Em nossos classicos antigos são geralmente longos e cheios de eireum-



staneias os periodos grammaticaes; modernamente são mais curtos ou breves, e a sua extensão maior ou menor depende do estylo do eseriptor.

Materialmente, sua divisão no seio do discurso se faz por uma pausa mais longa na linguagem fallada, e, na eseripta, pelo *ponto-final*, e, ás vezes, pelo *ponto-de-interrogação* ou *exclamação*.

Syntaeticamente não se pôde estabelecer regra segura, senão apenas dizer que não se separam em periodos diversos proposições, que exprimem pensamentos intimamente relacionados, ou que reeiprocamente se reclamam, maximamente as proposições subordinadas em relação ás principais. Assim, embora independentes, não se podiam constituir em periodos grammaticaes distinctos as seguintes proposições:

Vim, vi, venci — Come caldo, vive em alto, anda quente, viverás longamente — O mundo moderno depende do Calvario; a sua origem foi na raiz da cruz; mais tarde ou mais cedo os povos, que se formaram, vieram ali fundir-se e regenerar-se (R. da S.).

Estas noções comessinhas não as possuíam, em geral, os nossos classieos quinhentistas, pois encontramos em alguns delles, a miudo, divisões absurdas deante de nossa actual concepção do periodo grammatical.

493. *Proposição, oração* ou *sentença* é a expressão de um pensamento, a enunciação de um facto, cujo sentido é ou não completo, (conforme a proposição é independente ou subordinada, total) ou parcial. Em outros termos, proposição é uma ou mais palavras que contem uma declaração qualquer.

494. A definição, geralmente adoptada pelos nossos grammaticos, de que — *a proposição é um enunciado do juizo*, é tomada á logica escholastica, e justamente criticada por C. Ayer, como defeituosa por deficiente. De facto essa definição philosophica não se ajusta ao conceito grammatical, porquanto muitas proposições grammaticaes existem que não são propriamente a enunciação de um juizo, p. ex.: as *imperativas* (*trabalhae*), as *optativas* (*seja feliz*), e as *subordinadas* (*desejo — que elle vá*). Tal definição,

pois, encerra uma confusão mui frequente entre a logiea philosophica e a syntaxe grammatical. A logiea da lingua, como pondera Bréal, não é propriamente a da philosophia.

495. Clareado este ponto, ficam ainda de pé certas difficuldades analyticas quanto á discriminação das orações no periodo, quanto a saber-se até que ponto a palavra isolada ou agrupada constitue propriamente uma oração.

Ha, por certo, um criterio geralmente adoptado — a existencia dos termos, chamados por isso essenciaes, *sujeito* e *predicado*. Porém, este criterio não resolve, em absoluto, o problema, pelas seguintes razões:

a) Em primeiro lugar, as fórmias nominaes dos verbos pelo seu caracter duplo de nomes e de verbos, trazem duvidas na discriminação analytica das orações, p. ex.: *posso estudar, devo ir, acertamos de chegar, estão trabalhando, estive a fallar; tendo o orador acabado o discurso, desceu da tribuna; Cesar, passando o Rubicon, marchou sobre Roma*. Existem nessas phrases uma ou duas orações? As opiniões por vezes divergem: a analyse vacilla.

b) Em segundo lugar, negam muitos ás orações dos verbos impessoaes (*chove, troveja, amanhece*) a existencia de qualquer sujeito; são orações *sem sujeito*, são factos em si completos, que não reclama n agente. E os que assim opinam são, muitas vezes, auctoridades na materia.

Porém, com a mesma razão e identieos racioeinios poderiamos negar que o predicado fosse, em absoluto, elemento essencial, pois que existem muitas orações *sem predicado*. Quem ousa, por exemplo, deseonheer que no parallelismo de nossos proverbios, nas expressões syntheticas de nossos anexins, a ausencia do verbo não impede que haja nelles uma *declaração formal*, que é, em ultima analyse, a essencia de uma proposição grammatical? Exs.:

Muito riso, pouco siso — Nem tanto ao mar, nem tanto a terra — Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso — Do bom tudo, do ruim nada — A cavallo roedor, cabresto curto.

Independentemente das phrases proverbias, a lingua se presta a estas construeções de *predicado latente ou indeterminado*. Exs.:



Vós por outrem, e eu por vós;
Vós contente, e eu penado;
Vós casada, e eu cansado,
Polos santos de minha dona. (C. Obs. 3 65.)

No mar tanta tormenta, e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra e tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida! (C.)

Discursos inteiros se teem composto sem a presença de um só verbo ou predicado. Sirvam de exemplo os primeiros periodos de um engenhoso discurso, feito neste proposito, pelo illustre bispo do Pará, D. Antonio Macedo Costa:

“Primeira ragra de estylo, uma das principaes e por ventura mais esquecida de todas: naturalidade, por opposição a affectações ridiculas.

Quanto auctor no galarim da fama, réo deste grande delicto; e quantos oradores, aliás dignos de encomios pelos dotes singulares de seus engenhos e imaginação, responsaveis, perante a critica sisuda, por falta de uma nobre simplicidade no estylo e boleio de suas phrases?

Muita attenção, orador noviço, para este ponto capital.

Nada de ornatos superfluos, nada de epithetos tão frequentes, apegados, como parasitas, a cada palavra; miscravel ouropel, por cima de pensamentos muitas vezes ôcos e sem solidez alguma, só para engano da vista de espiritos superficiaes ou de mau gosto.

Um brilho phosphorescente, e um deslumbramento passageiro, como de um fogo de artifício, tal o unico merito desses campanudos oraçulos do pulpito christão...”

Destes phenomenos da lingua concluímos que não existe um criterio seguro, uma regra uniforme para a divisão das orações no seio do periodo, assim como nos fallece o mesmo elemento para a divisão dos periodos no seio do discurso (Vide *Gr. Expos., C. Superior*, sobre o periodo grammatical, p. 267).

496. *Phrase* é a expressão do pensamento em sua generalidade, sem qualquer limitação de sentido completo ou incompleto; vae desde os grupos logicos de expressão até o agrupamento das proposições no periodo grammatical.

Este é o sentido mais communmente recebido no dominio da grammatica.

497. *Discurso* é, na esphera grammatical, a expressão ampla e total do pensamento, que encerra as expressões contidas nos periodos.

CAPITULO III

PERIODO COMPOSTO E COMPLEXO

498. As proposições, no seio do periodo composto e complexo, formam agrupamentos logicos de *coordenação* e *subordinação*, semelhantes aos termos logicos (*sujeito*, *predicado* e *complemento*); no seio da propria proposição. Ellas, portanto, representam, *mutatis mutandis*, o mesmo papel syntactico com relação umas ás outras, que os seus respectivos membros em suas correlações, e deste modo se caracterizam quanto a suas funções, como abaixo veremos.

499. Como os seus membros, ellas ainda se coordenam e subordinam.

a) A *coordenação* das proposições opera-se do mesmo modo que a de seus membros, *syndetica* e *asyndeticamente*, segundo se acha expresso ou não o connectivo, isto é, a conjunção, p. ex.: *vim, vi e venci — desejo que estudes, aprendas e sejas feliz*. Nestes dois exemplos a segunda se coordena asyndeticamente á primeira, e a terceira syndeticamente á segunda.

b) A *subordinação* opera-se, em geral, por meio de particulas especiaes, que são as *conjunções subordinativas*, e os *adverbios*, *pronomes* e *adjectivos* chamados *conjunctivos*, pela função especial de conjunctar proposições, p. ex.: *quero que vás, dize-me quando vens, sei onde estás, sempre aprende o menino que estuda, não conheço o assumpto do qual tractas*.

A *subordinação* dos membros da proposição, isto é, dos nomes que se acham em relação complementar, opera-se por meio das *preposições*, salvo o caso do objecto-directo; e, como as fórmulas do infinito, são *nominaes*, segue-se que as *orações infinitivas* podem ser subordinadas por meio de *preposição*, p. ex.: *Educa teus filhos para serem felizes — Em amanhecendo o dia, levanta-te*.

CAPITULO IV

CLASSIFICAÇÃO DAS PROPOSIÇÕES

500. As proposições do periodo grammatical, dividem-se, quanto a suas funções, em *independentes*, *principaes* e *subordinadas*

I. INDEPENDENTES.

501. *Independentes* são as que, ou isoladas no periodo simples, ou coordenadas no composto, exprimem pensamento em si completo, embora possa haver, muitas vezes, no conjuncto da phrase, certa relação ou dependencia logica, como se pôde ver nas seguintes orações coordenadas: *vim, vi, venci — estudou, logo sabe*. A independencia grammatical, porém, de orações coordenadas, se caracteriza pela *juxtaposição* ou *collateralidade* da proposição (asyndeton), como em — *vim, vi, venci — veni, vidi, vici*, ou pelas *conjunções coordenativas* (syndeton), como em — *eu entrei e elle sahio, ou elle vem ou elle vac*.

Ha tres casos especiaes das orações independentes, que mostram frisantemente a differença que ha, amiudadas vezes, entre as relações logicas e as relações syntacticas, entre a logica e a grammatica.

1.º O primeiro caso dá-se nas *citações*: *Elle declarou: “Estou prompto”*, e — *Elle declarou que estava prompto*. E' evidente que o sentido das duas phrases é o mesmo, e que as relações logicas do duplo pensamento nellas contido são as mesmas. Syntacticamente, porém, temos uma *coordenação* na primeira phrase, e uma *subordinação* na segunda, por intermedio da subordinativa *que*. Na primeira phrase temos um periodo *composto*, e na segunda um periodo *complexo*.

2.º O segundo caso, semelhante a este, dá-se com as orações *interealadas*. *Faze, disse elle, este favor*. Esta phrase se reduz á primeira do paragrapho anterior — *Disse elle: “Faze este favor”*. Logo temos ahi um periodo composto com duas orações independentes.

3.º O terceiro caso realiza-se com certas orações em *apposição*, introduzidas pelo relativo composto (*o que*), p. ex.: *Elle portou-se mal, o que muito me entristeceu*. Considera Mason a segunda oração (*o que muito me entristeceu*) como uma independente coordenada pelo *o que* = *e isto*; discorda Ayer desta analyse, classificando-a de subordinada *relativa indirecta*. O que parece claro é que realmente aquelle *que* (*o que*) é um pronome relativo neutro, que tem por antecedente o pronome demonstrativo neutro *o*, o qual se acha em apposição á oração antecedente, e se refere a todo o seu sentido. Levada a analyse a estes termos, e separados os dois elementos — *o* e *que*, a oração (*que muito me entristeceu*) apresenta-se com um caracter franeo de *subordinada relativa*. Tomados os dois elementos conjuntamente, a *coordenação* da segunda proposição se offerece ao espirito pela equivalencia, no caso presente, de *o que* = *isto*. Todavia, parece-nos que o grammatico suizo, em sua analyse, einge-se com mais rigor aos processos syntacticos da lingua, do que Mason.

II. PRINCIPAES.

502. As orações independentes, de que traetámos no paragrapho antecedente, assumem duas fórmas, — uma *simples* e outra *complexa*.

a) A independente *simples* é aquella em que existe um só verbo ou predicado, como: — *O habito não faz o monge*.

b) A independente *complexa* é a que tem mais de um verbo ou predicado, e, conseqüentemente, é constituida por um agrupamento de orações, de modo tal que uma tenha o sentido principal, e a outra ou outras, um sentido secundario, subordinado áquelle, p. ex.: *Peço-te que venhas e me socorras*. — *Eu sahia, quando elle chegava*, etc. — *Peço-te, eu sahia*, tem o sentido principal, e, por isso, são chamadas *orações principaes*; *que venhas e me socorras, quando elle chegou*, tem sentido secundario, e são ligadas á principal por partiulas subordinativas — *que* e *quando* sendo, por isso, chamadas *orações subordinadas, secundarias ou dependentes*.



Succede frequentemente que uma subordinada tem outra subordinada sob sua dependencia, p. ex.: *Peço-te que venhas, logo que puderes. Logo que puderes* — está subordinada, por meio da conjunção subordinativa — *logo que*, á proposição antecedente — *que venhas*, e esta, por sua vez, está subordinada á principal, por meio da conjunção subordinativa — *que*. E assim se poderão agrupar muitas orações subordinadas. Aquellas a que estas se subordinam, dizem-se *subordinantes*: a *principal* é a primeira subordinante.

A oração *complexa*, portanto, é uma oração *total* independente, constituida por orações *pareiaes* ou *clausulas*, sendo uma principal e as outras subordinadas. A principal, porém, é eydente, não tem em si sentido cabal ou independente, este sentido se acha no todo complexo.

A oração complexa, que fórma um todo independente, pôde coordenar-se syndetica e asyndeticamente com outra independente no periodo composto. A *coordenação* pôde ainda dar-se com as principaes entre si, quando teem subordinada commum (*quero e ordeno que estudes*), ou com as subordinadas entre si (*quero que estudes e sejas feliz*).

III. SUBORDINADAS.

503. As *subordinadas* são orações *pareiaes* ou *clausulas* subordinadas, que desempenham, no seio da oração *total*, ou *complexa*, o papel de *sujeito*, *predicado* e *complemento*. E como o *substantivo*, o *adjectivo* e o *adverbio*, ou seus equivalentes, são os que exercem essas funcções no seio da proposição simples, segue-se que as subordinadas são na oração *total* equivalentes a um *substantivo*, *adjectivo* ou *adverbio*. Dahi a sua classificação fundamental em trez especies ou *clausulas* — *substantiva*, *adjectiva* e *adverbial*.

1.º **CLAUSULA SUBSTANTIVA** é a que, equivalendo a um substantivo, exerce na oração total ou complexa a funcção syntactica desta categoria grammatical, isto é, de — *sujeito*, *predicado* e *complemento objectivo*, *terminativo* e *attributivo*. Donde a sua subdivisão em — *subjectiva*, *predicativa*, *objectiva*, *terminativa* e *attributiva*.



a) CLAUSULA SUBSTANTIVA SUBJECTIVA: Convem *que* estudes — E' necessario *que* trabalhes — E' incerto *quando* virá — E' verdade *que* elle está muito mudado — Parece *que* vae chover — E' preciso *ter* paciencia — Custa *crer* — Convem *saber* — Parecia *serem* felizes.

Obs. O velho portuguez, como já temos visto, regia alguns desses sujeitos oracionais do infinitivo com a preposição DE ou A, e alguns escriptores modernos ainda seguem esta regencia anti-grammatical, como vimos, tractando da regencia. — Cumpre ainda observar que em muitas orações do verbo *ser* dá-se perfeita equivalencia entre o *sujeito* e o *predicado*, p. ex.: *A riqueza de um paiz é a uberdade do solo* = *a uberdade do solo é a riqueza de um paiz*.

b) CLAUSULA SUBSTANTIVA PREDICATIVA: Educar é *lançar no espirito a semente do bem* — Elles parecem *que estão doentes*.

Obs. Como se vê, a oração predicativa não faz de *predicado grammatical*, mas de *nominal (oracional)*, e é *substantiva* e não *adjectiva*, porque o presente do infinitivo tem o valor de um nome substantivo e não de adjectivo.

c) CLAUSULA SUBSTANTIVA OBJECTIVA: Quero *que estudes* — Não sei *quando virá* — Pergunto *se sabem a lição* — Indaga *como vae elle* — Creio *ir elle bem* — Julgo *estarem estudando* — Affirmam *correrem boatos desagradaveis* — Tenho medo *que elle venha* — Estou com esperanca *que tudo vá bem* — Elle é de opinião *que fiques*.

Obs. São estas proposições também chamadas *completivas* ou *integrantes*, pois que ellas vem compictar ou inteirar o sentido do verbo transitivo. Divide Bourez em tres classes os verbos que em latim se fazem seguir dessas proposições: 1.º v. *intellectivos* = *dizer, crer, saber, julgar (dico, credo, scio, puto)*; 2.º v. *affectivos* = *alegrar-se, sentir admirar (gaudeo, doleo, miror)*; 3.º v. *vollitivos* = *querer, rogar, ordenar (volo, rogo, jubeo)*. Todos esses verbos no latim classico podiam ser acompanhados de um infinitivo, que tivesse por sujeito um accusativo, que originalmente se relaciona como objecto directo do verbo principal: *Credo terram esse rotundam* = *creio a terra ser redonda* (creio ser redonda a terra). Já nesse periodo classico se construiam os v. *affectivos* com a particula *quod*, que indicava a causa (*gaudio quod valeo*); os v. *vollitivos* com *ut, ne, quominus (volo ut mihi respondeas ou volo mihi respondeas)*. A grande mudança, como observou o mesmo auctor, no phrasear do povo, deu-se com os v. *intellectivos*, pela substituição da proposição infinitiva por uma outra do modo finito introduzida pelo conjunctivo *que (quod)*, dando assim mais relevo á expressão (*credo quod terra est rotunda* = *creio que a terra é redonda*). Estudaremos este phenomeno, quando, mais adiante, tractarmos da evolução das proposições.

d) CLAUSULA SUBSTANTIVA TERMINATIVA: Elle se dispõe a trabalhar — Preciso de que venhas — Tenho precisão de que me procures — Estou com a esperança de que tudo vá bem.

e) CLAUSULA SUBSTANTIVA ATTRIBUTIVA: Compre pó de limpar dentes — Conheço a agulha de marcar — E' elle homem de causar medo.

2.º CLAUSULA ADJECTIVA é a que, equivalendo a um adjectivo qualificativo, exerce a função syntactica desta categoria, isto é, de *attributo*, em relação a um substantivo ou pronome da oração subordinante. E' ella sempre ligada a esse termo *antecedente*, pelo pronome ou adjectivo conjunctivos, regidos ou não de preposição. Exs.:

Guarda-te d'homem que não falla, e de cão que não ladra — Não é pobre o que tem pouco, senão o que cobiça muito — Quem me quer bem, diz-me o que sabe e dá-me o que tem.

3.º CLAUSULA ADVERBIAL ou *circumstancial* é a que, valendo por um adverbio, exerce a função syntactica dessa categoria grammatical, isto é, a de complemento circumstancial de algum termo da clausula subordinante. E como são varias as circumstancias expressas pelos adverbios nas orações simples. assim são igualmente as circumstancias expressas pelas clausulas adverbias na oração complexa. Ellas se dividem, pois, em tantas classes quantas forem essas circumstancias, e se ligam ao termo modificado da clausula subordinante por *conjunções subordinativas* e *particulas* equivalentes (pron., adj. e adv. conjunctivos), e, quando infinitivas, por preposição adequada.

a) CLAUSULA ADVERBIAL TEMPORAL: Quando os doentes bradam, os fisicos ganham.

b) CLAUSULA ADVERBIAL LOCAL: Onde força não ha, direito se perde.

c) CLAUSULA ADVERBIAL CONDICIONAL: Se queres ser bom juiz, ouve o que cada um diz.

d) CLAUSULA ADVERBIAL CONCESSIVA: Ainda que sou tosca, bem vejo a mosca.

e) CLAUSULA ADVERBIAL CAUSAL: Não digas mal d'elRey, nem entre dentes, porque em toda parte tem parentes.

f) CLAUSULA ADVERBIAL FINAL: Anda o homem a trote, por ganhar capote.

g) CLAUSULA ADVERBIAL MODAL: Como me cresceram favores, me cresceram as dores.

CAPITULO V

DESENVOLVIMENTO HISTORICO DE ALGUMAS
PROPOSIÇÕES

504. As orações subordinadas do infinito, com sujeito no accusativo, subjectivas e objectivas, do latim classico, como *Phadrum servum fuisse dicitur* = *conta-se ter sido Phedro escravo*, e *Democritus dicit innumerabiles esse mundos* = *Democrito diz serem innumeraveis os mundos*, guardaram em portuguez este typo, e desenvolveram um outro do modo finito com a conjunção *que*: *Conta-se que Phedro foi escravo* — *Democrito diz que são innumeraveis os mundos*.

O desenvolvimento desse typo conjunccional prende-se á b. latinidade, por influencia da Vulgata, segundo Diez. Nesse periodo apparecem taes orações ligadas pelas conjunções — *quod, quia, quoniam*.

A Vulgata, que contem a traducção em latim do Novo Testamento grego, effectuada por S. Jeronymo no sec. IV da E. C., recebeu neste ponto influxo do original grego, onde, segundo o auctor supracitado, o accusativo com o infinitivo é já raro, sendo substituido pela partienla connectiva *ὅτι* = *quod*. Lê-se na Vulgata, p. ex.: *audiret quod regnabat* = *ouvira que reinava* (*ὅτι βασιλευει*); *cæpit dicere ad illos quid hodie impleta este hæc scriptura* = *começou a dizer-lhes que hoje se cumpria esta escriptura*, — *viderat quoniam illusus esset* = *vira que estava enganado*. Nestas phrases o *quid* e *quoniam* latinos são traducções do *ὅτι* grego.

Este processo, acerescenta o illustre romanista citado, communicado ao latim, já se observa empregado com frequencia em escriptores como Petronio (*scio quod, vides quod, dico quod*), e nos mais antigos documentos. E', pois, um processo da baixa latinidade, que tem suas raizes na linguagem popular. A conversão da oração infinitiva em conjunccional deveu produzir-se mui facilmente em virtude da tendencia geral de decompor as expressões simples ou syntheticas em locuções periphrasticas ou analyticas (Gr. de L. Rom. III. 315). A partir de Cicero, como nos ensina Bourciez, era já frêquente tal transformação em auctores tachados de vulgarismo: *Re-*

nuntiaverunt quod Pompeium in potesta te haberent (Bell. Hisp. 36, ap. B).

505. Evolvida a proposição infinitiva latina em conjuncional, produziu-se, com certos verbos, uma construção anômala, que consiste, segundo A. Tobler, na fusão entre uma oração *substantiva* e uma *adjectiva*, p. ex.: *São estas as leis — que elle ordenou — que fossem promulgadas*. A oração *substantiva* objectiva — *que fossem promulgadas* funde-se, de certo modo, com a *relativa* ou *abjectiva* — *que elle ordenou*, cujo pronome relativo *que* é o que *logicamente* a introduz como seu connectivo e sujeito. O que da oração objectiva, que ahí apparece, é uma conjunção, resultante de se haver convertido a oração infinitiva latina em conjuncional, o que não impede a anomalia desse typo phraseologico, no qual o pronome relativo introduz de facto duas orações (cf. *são estas as leis que elle ordenou serem promulgadas*). Felizmente a lingua faeil e frequentemente se desembaraça pela ellipse dessa conjunção, que já de si fraca, o é ainda mais pela dupla funeção que evoca o pron. relativo: *são estas as leis que ordenou fossem promulgadas*.

506. As orações infinitivas não podem, em regra, ser ligadas á sua subordinante por conjunção subordinativa, adverbio ou pronome conjunctivos, visto serem constituídas por fórmãs nominaes do verbo, equivalentes ao nome *substantivo*, e, portanto, só admittirem a regencia de preposições, particulas destinadas a reger o *substantivo*, v. gr.: *estuda para aprender, acabou de estudar a lição*.

Entretanto, apparecem certas orações infinitivas ligadas por eónjunções subordinativas, adverbios e pronomes conjunctivos (*que, quando, como, onde*): *não sei que dizer, tenho que fazer, guarda que comer, não guardes que fazer, ignoro por que estudar tanto, pergunto para que tanto afigar-me, não sei quando partir, sei como principiar, ignoro onde encontrá-lo*. Desfazem alguns esta anomalia grammatical suppondo uma dupla ellipse — de um termo antes da particula subordinativa, e do verbo *poder* ou *dever* depois no modo finito: *não sei coisa que deva dizer, tenho coisa que possa fazer, guarda o que comer, não guardes o que fazer,*

ignoro a causa por que deva tanto estudar, não sei o tempo quando possa partir, sei o modo como devo principiar, ignoro o lugar onde posso encontrá-lo. Deste modo fica tudo normalizado. Porém, tal analyse inventada *ad hoc* não resolve historicamente o problema. A solução no-la dá Boureiez por um *eruzamento* syntactico entre a phrase latina *neseio quid dicam* (*não sei que diga*) mentalmente approximada de outra phrase latina *nescio dicere* (*não sei dizer*), resultando da fusão um typo syntactico novo **neseio quid dicere* (*não sei que dizer*). O *que* dessas phrases é, pois, historicamente o pronome interrogativo (*quid*), que apparece na interrogação indirecta — *não sei que dizer* (*nescio quid dicere*). Estabelecido o novo *typo phraseologico* na interrogação *indirecta*, diffundiu-se promptamente para as outras expressões (*tenho que fazer*), comprehendendo alguns adverbios conjunctivos (*sei quando, como e onde principiar*).

507. As proposições interrogativas indirectas apresentam-se sempre no periodo com sua subordinante expressa: *Dize-me se tu és romano* (*dic mihi si tu romanus est*). O mesmo, porém, não acontece com a interrogativa directa (*Que fazer? quem está ahí? onde está elle?*) E para termos clara a subordinante torna-se mister convertê-la em *indirecta* — *dize-me ou pergunto quem está ahí*. Segue-se que a interrogativa directa tem o character grammatical de independente no periodo.

Entre estas desenvolveu-se uma interrogativa directa dubitativa, que, se bem que rara, se encontra em alguns escriptores, e tem o seu typo no lat., p. ex.:

Se todos os homens serão assim? (G. Vlag. 2.286) — Se viverá (o odio) além do tumulo? (R. da S. Od. Velh., III, 88) — Si ergo videntes Filium hominis ascendentem ubis erat prius? (Vulg. J. 6. 63). Sicut juravi in ira mea: Si introibunt in requiem meam.

508. A *clausula adverbial condicional* subordina-se, em regra, á *clausula principal hypothetica* pela conjuncção *se*, e de ordinario a ella precede: *se elle se movesse, morreria*. Em relação ao modo de se relacionarem, estas clausulas offerecem trez typos logicamente equivalentes.

1.º O primeiro typo é o regular, em que apparece a subordinativa condicional *se*, podendo a correlação dos tempos assumir varios aspectos:

Se a vira, não o mataram (C.), se a visse, não o matariam; se a tivesse visto, não o teriam matado; se a vir, não o matarão; se a vê, não o matam.

2.º No segundo typo a subordinação se faz pela mera posição das orações:

Houvera elle lido os modelos da antiguidade, fora mais correcto (ap. Diez); houvesse elle lido os modelos da antiguidade, teria sido mais correcto; lesse elle os modelos da antiguidade, seria mais correcto.

3.º O tereeiro typo apresenta um certo caracter de anormalidade pelo apparecimento da coordenativa *e*, introduzindo a clausula *hypothetica*: *Lesse elle os modelos da antiguidade, e seria mais correcto*. A presença da conjunção coordenativa embora não destrua a subordinação logica da clausula condicional, tira-lhe, todavia, o caracter de subordinação grammatical, impossibilitando o apparecimento da conjunção subordinativa *se*.

Se houveras estado aqui, não morrerá meu irmão (A. P., Joa. XI. 21 — *si fuisset hic, frater meus non fuisset mortuus*) — Se este não fóra criminoso, não t'o entregaramos nós (Id., Ib. XVIII 30 — *si non esset hic malefactor, non tibi tradidissimus eum*) — Fosse articulada por outrem, e a consciencia do magistrado... hesitaria em rejeitar — (Ruy Barbosa, C. á Nação) — Não fosse a minha campanha destes quatro annos contra ella, e... o que me estaria acontecendo era não poder conciliar o somno com as serenatas desta tuna (Ib.) — Chamasse-lhe eu poeta, e logo a tinha immensa (A. C., O Mis. 38).

Nota. Quando estudarmos as conjunções subordinativas, examinaremos mais algumas clausulas subordinadas.

CAPITULO I

SUBSTANTIVO

509. O substantivo que é a primeira na ordem das categorias grammaticase, origina-se da generalização dos attributos dos seres. A noção do appellativo não é mais do que a reunião mental de certas qualidades apprehendi-



das pelos nossos sentidos, e applicadas a todos os seres de uma classe. Fallece-nos, como já o dissemos, meios intellectuaes para apprehendermos directamente o *substratum* ou a substancia dos seres, e só os conhecemos pelas suas qualidades ou attributos phenomenaes. Póde, pois, o substantivo ser concebido como a synthese das qualidades sensiveis, que determinam a sua *comprehensão*. Uma dessas propriedades ou qualidades sensiveis mais proeminente e caracteristica, terá sido o ponto de partida ou a origem dos nomes substantivos com que designamos hoje as diversas classes de seres, que conhecemos. Assim, p. ex., *terra* (por **tersa*) é, segundo Bréal, o feminino de um antigo adjectivo, e significa literalmente — *o secco (la sèche)*; é, pois, a qualidade proeminente que contrastava este elemento com o outro donde surgia — *o mar*. Por sua vez *mar*, segundo Cörssen e Curtius, vem do sânscrito *maru*, que significa — *o deserto, o elemento morto, esteril* (E. Littré). E igualmente *oceano* tem origem adjectiva, é de origem vedica, e significa originariamente *o que rodeia (entourant, enserrant)*, como ensina Littré. Deste valor adjectivo dá ainda testemunho o v. port.:

Em todo o mar oceano occidental está nossa Europa (Barros, Dec. 1. 3) — Valor este que lhe veio do latim: Cum legione septima proximus mare Oceanum in Andibus hiemaret (Cæs., D. B. C. 3. 72).

510. Do que ficou dieto, conclue-se, como pondera Darmesteter, que a differença entre o substantivo e o adjectivo não é absoluta, e tanto assim é que os grammaticos romanos constituíam de ambos uma só categoria — *o nome (nomen substantivum et nomen adjectivum)*. Este character attributivo inicial do substantivo torna-se proeminente nos substantivos *abstractos* (*brancura, belleza, rapidez*), que logicamente outra coisa não são que adjectivos em fórma de substantivo, isto é, qualidades abstrahidas dos seres, e consideradas mentalmente em separado. A propria formação de muitas dessas palavras já o estão indicando: *branco + ura, bello + eza, rapido + ez*.

Este facto fundamental determina uma consequencia syntactica, que é exereer na phrase frequentemente o sub-



stantivo a função de um adjectivo e, vice-versa, bastando, muitas vezes, para isso a mera posição da palavra nos grupos logicos de expressão, como:— *guerreiro moço* e *môço guerreiro*, *rei propheta* e *propheta rei*, *menino prodigio*, *arvore gigante*, *homens troncos* O substantivo posposto nesses grupos assume o caracter de adjectivo. A este processo de adjectivação do substantivo não era extranho o latim:

Vitrix legio, exercitus victor (T. Liv.), tirones milites, motus artifex (Quintiliano), turba incola (Ovid.).

O mesmo acontece com o substantivo quando occupa o logar de predicado nominal: *elle é JUIZ* e *tornou-se VERDUGO*, *mona de seda*, *MONA se quêda*, *elle parecec HOMEM* e *é MONSTRO*, *isto é VERDADE*, *FORÇA é crer*. Como se vê, a adjectivação do substantivo opera-se pela *aposição* e pela *predicação* nos grupos e phrases nominaes.

Por sua vez o adjectivo substantiva-se facilmente, bastando para isso precedê-lo de um determinativo ou collocá-lo no logar do sujeito: *o pobre*, *este sabio*, *alguns poderosos*, *muitos ricos*, *justo que não practica justiça*, *é hypocrita*.

Tal é, ás vezes, a afinidade ideologica entre estas duas categorias, que muitos collocam francamente certos substantivos appellativos, chamados *moraes*, entre os adjectivos, taes como — *juiz*, *amador*, *moço*, *philosopho*, *guerreiro*.

Os Magos reis vieram e reis tornaram (A. V., S. 2 121) — O vento era galerno e o mar bonança (Ib. 33) — Dizem que é como a ave phenix que nasceu de nossos avós não saberem grego (G., V. Terr. 1. 78) — Haviam de achar homens homens, haviam de achar homens brutos, haviam de achar homens troncos, haviam de achar homens pedras (A. V., S. 1. 251) — A fortuna lhe sorria menos madrasta (L. C., C. 243).

Quando na phrase o substantivo se torna virtualmente adjectivo, a lingua tracta-o como tal, dando-lhe, por vezes, os mesmos graus dos adjectivos: — *isto é muito verdade*, *não és mais homem do que elle*, *não és coisissima nenhuma*.

Obs. Muitos substantivos eram frequentemente empregados como adjectivos na v. lingua, como — *mancebo*, *oceano*, *bonança*: — Era o descobrimento do Oriente por este nosso mar Oceano (J. B. Dec. I. 268) — Acabada esta batalha os cavalheiros mancebos se despedirá (Palm. I. 185) — Navegamos com tempos bonanças (F. M. P., Per. 1, 120).

511. O substantivo desempenha, na phrase portugueza, o mesmo papel que no latim, de *sujeito, objecto, predicado nominal, attributo, apposto, vocativo e complemento*.

Porém, em relação á ultima funcção, foi o seu emprego ampliado em portuguez. Certas idéas que o latim preferia expressar por adjectivos derivados de substantivos, o portuguez prefere expressá-las por substantivos regidos de preposição, p. ex.:

Dies festus=dia de festa, pugna cannens=batalha de Cannes, lac asinum=leite de jumenta.

512. O papel ou a funcção syntactica do substantivo *cra*, na phrase latina, indicado pelas desinencias casuaes; com a perda, porém, dos casos, teve o portuguez de recorrer, para esse fim a outros processos, entre os quaes avulta a *posição* e a *preposição*.

a) O *substantivo-sujeito* revela-se normalmente pela sua *posição* ANTES do predicado, e o *substantivo-objecto* DEPOIS (*o pae ama o filho*), salvo quando se pôde recorrer á *preposição a* ou ao *sentido obvio* (*ao filho ama o pae, — emquanto o mar cortava a armada*). (C.)

b) A relação *complementar* do substantivo manifesta-se pela *apposição*, e pela *preposição*, que o rege (*rio Amazonas, cidade do Rio*).

c) A sua relação *predicativa* se denuncia, em regra, pela sua *posição* em seguida ao verbo de ligação (*isto é verdade*) e sua relação *attributiva*, pela sua *posposição* a outro substantivo (*moço guerreiro*).

d) A sua relação *vocativa* conhece-se ou pela *interjeição* ó, ou por entoação propria (*alegra-te, Sião; vive, ó mocidade, para a gloria da patria*). Na linguagem escripta, a virgula discrimina o vocativo.

513. Em alguns substantivos compostos subsiste ainda o valor relacional dos casos latinos, p. ex.: *terremoto*=*moto de terra* (*terramoto* A. V., e C. Branco); *quartel-mestre* = *mestre de quartel*; *jurisprudencia*, onde o primeiro elemento representa o genitivo latino; *filho-familias*, cujo ultimo ele-

mento é um genitivo lat. archaico; *usufructo, manufactura*, cujo primeiro elemento é um ablativo latino. Em Frei L. de Souza, P.º A. Vieira e outros encontramos *pae de familias* (*pater familias*, cf. *mater familias*).

Assi o disse no Evangelho por boca do Pay de familias, aos que trabalhavão na vinha (D. Bertolameu dos Mart. 1. 9) — Paes de familias... vede o desconcerto (A. V. Ohrs., S. 3. 303) — Advertimos aos pays de familias (D. de P'ayva, C. Perf. p. 142) — Se o mandas, irei... onde quer que algum pae de familias se mostre elemento para comigo (A. P., Ruth II. 2).

Tendo os substantivos perdido as flexões casnaes, guardaram, comtudo, as *genericas* e *numericas*, o genero e o numero do latim.

Genero dos substantivos

514. ORIGEM DOS GENEROS GRAMMATICAES. — *Genero de genus*, latino significa propriamente *classe*. No latim, como no grego, havia trez *generos* ou trez classes de nomes, que se discriminavam por flexões apropriadas, que eram — o *masculino*, o *feminino* e o *neutro*.

Genero grammatical é, pois, a coordenação das palavras e dos seres que ellas nomeiam, em elasse, sob a noção natural do sexo. E como os sexos dos seres vivos são dois, masculino e feminino, dois são igualmente os generos das palavras, que indicam esses seres. As palavras, que nomeiam coisas ou seres *asexuados*, não deveriam ser nem masculinas nem femininas, mas deveriam constituir uma classe á parte ou *genero neutro* (lat. *neutrum*—*nem um nem outro*). Foi talvez este o criterio, que presidiu á creação dos trez generos grammaticaes nas linguas antigas. Modernamente o inglez procura manter ainda esta classificação. Se foi este, de facto, o criterio que presidiu á creação da triplice noção do genero grammatical, bem cedo foi elle frustrado, pois nem o grego nem o latim guardaram a noção logica dessas distincções grammaticaes. Em latim era caprichoso o seu uso, variava de época para época, e do dialecto popular para o dialecto literario.

515. ORIGEM DO GENERO GRAMMATICAL EM PORTUGUEZ. Desappareceu o genero neutro latino na época da elabora-

ção do *romance*, e o portuguez, simplificando essas distincções genericas, extendeu a todos os substantivos a classificação dos generos em *masculinos* e *femininos*.

Nesta classificação serviu-lhe de principio regulador — a *significação* e a *tradição etymologica*.

I. SIGNIFICAÇÃO.

1.^a Pela *significação* regulou a lingua o genero dos nomes de seres vivos ou sexuados, reaes ou ficticios, e dos officios ou estados que lhes são proprios, de accordo com o sexo natural, p. ex.:

O homem, o rei, o moço, o lobishomem (masc.), e a mulher, a rainha, a moça, a sereia (femin.).

2.^a Pela *significação* regula-se ainda o genero de certos nomes proprios geographicos, que recebem, em regra, o genero do nome appellativo, que designa a sua classe, p. ex.:

O (monte) Itatlaya, o (rio) Sena, o (lago) Ládoga, o (vento) Boreas, a antiga (cidade) Carthago, a (ilha) Jamaica.

O corrente Moluca se congela (Lus. 3, 105) — Vereis a inexpugnavel Dio forte (Lus. 2. 50) — O ermo, que em belleza vence a propria Pariz (A. C., o Mis. 161).

Quando, porém, o nome de cidade vem de um appellativo *especializado*, guarda o seu genero, p. ex.:

O Porto, os Açores, o Rio de Janeiro, o Amparo, o Jahu.

Os nomes proprios de *paizes*, *nações* e *regiões* variam; são femininos quando terminam em *a*:

Grecia, França, Italia, Bahía, Bohemia, Siberia (cf. o Sahara).

Quanto aos nomes de cidade, eram masculinos entre os classicos *Jericó* e *Belem*:

Avemos de fazer guerra a Jericó, e vencermolo, sem delle querermos nada (H. P., Imag. 1, 76) — ... para que lhe não falassem naquelle Belém (A. V. Ohrs. S. 28).

Obs. Contesta Andrés Bello qualquer influencia do genero do appellativo da classe para formação do genero dos nomes proprios geographicos em hespanhol. Embora não se possa negar essa influencia quanto a nomes de *ciudades*, *rios*, *montes*, *lagos*, etc., todavia vê-se que essa influencia não foi uniforme, entre os nossos classicos, com os nomes de cidade, não só pelos exem-

plos acima, mas ainda pelo seguinte, que nos fornece Fernão Mendez Pinto:

Esta eidade de Pequim de que promety dar mais algũa informação da que tenho dada (=do que a que tenho dado), he de tal maneyra, e tais são todas as cousas della, que quasi me arrependo do que tenho prometido, porque não sei por onde comee a cumprir minha promessa, porque se não ha de imaginar que he ella hũa Roma, hũa Constantinópla, hũa Veneza, hum Paris, hum Londres, hũa Sevilha, hũa Lisboa... nem fóra da Europa se ha imaginar que é como o Cairo no Egypto... o Gouro em Bengal, o Avaa no Chaleu... porque... todas estas se não podem comparar com a mais pequena cousa deste grãde Pequim (Peregr. 2. 79, 80).

3.^a Pela *significação* são ainda maseulinos os nomes das *letras* e das *notas* de musiea: o *a*, o *b*, o *c*, o *ré*, o *fá*, etc.

II TRADIÇÃO ETYMOLOGICA.

Pela *tradição etymologica* fixou-se, em geral, o genero das outras elasses de palavras. Estas guardaram, em geral, o genero etymologicio ou genero da tradição latina, aliaz perturbada a cada passo pela *analogia* e por outros factores acidentaes.

1.^o Os nomes da 1.^a *declinação latina* eram geralmente femininos, e seu thema terminava em — *a*. Generalizou o portuguez esta terminação como expoente do feminino, para todos os nomes, cujo genero não se regulasse pela *significação*, como — *a hora*, *a mesa*, etc. (cf. *o incola*, *o agricola*, *o agiota*).

Abrem exceção alguns nomes, na sua maioria gregos:

Dia, tapa, thema, problema, theorema, telegramma, enigma, planeta, cometa, dilemma, drama, poema, systema, gramma (m. e f.), diagramma, panorama, trama (m. e f.), decagramma, hectogramma, kilogramma, programma, monogramma, epigramma, trema, proclama, lama (animal), antipoda, clima, cholera (doença), plasma (cf. metaplasma f. e metaplasmo m.), mappa, phantasma (m. e f.), trachoma, earcoma, aneurisma, carcinoma, estigma (cf. zeugma f.), fleuma (m. e f.), dogma, sophisma, epi-phonema, enthyrema, phonema, chrisma (m. ou f.).

Tapa tem em Portugal, mais commummente, o genero feminino.

Planeta era no ant. port. feminino, até o tempo de D. Manoel: ...segundo o dicto dos astrollogos, que as planetas per ordenança de Nosso Senhor o dotarom. (L. Conselh., 133).

Trama é feminino, porém no sentido de *enredo, ardil*, apparece, ás vezes, como masculino em bons escriptores: *Os meus tramas e ardis* (A. C.) — *Defendera suas conquistas contra os assaltos de fóra e os tramas internos* (R. da S.).

Gramma oscilla no fallar commum entre masculino e feminino; porém tem preferença o masculino (cf. grama f.). A fórma *grammo* é erronea — por anti-etymologica.

Cholera, referindo-se á doença, é geralmente masculino no Brasil, e em Portugal ha uma forte corrente, a cuja frente se acha o illustre Snr. Candido de Figueiredo, que a faz feminina com o applauso do Dr. B. F. Ramiz Galvão, digno lente de grego no Gymnasio Nacional. A. Herculano, Garrett e outros lhe dão, de facto, o genero feminino, que é o etymologico: *Com a rapidez da chólera ou da peste corre por todos os angulos de Portugal* (A. H., *O Monasticon*, 1.º volume, p. IX).

Entretanto, cremos que se deve dar preferença ao genero masculino (*o cholera*), embora não seja este o genero etymologico da palavra, pelas seguintes razões:

a) *Cholera* recebe evidentemente o seu genero do composto erudito — *cholera-morbo*, e este deve ser masculino (como é o hybrido latino — *cholera morbus*), pois nas palavras compostas predomina, em regra, o genero do elemento dominante ou do *determinado*, que nos compostos eruditos é o ultimo elemento, e no easo vertente é *morbo* (← *morbum*): além disto, o sentido mostra que *morbo* é o elemento principal e *cholera* o elemento modificador ou determinante; se, pois, por brevidade de expressão dizemos *cholera* por *cholera-morbo*, é natural que, pela *lei do contagio*, receba a parte representativa o genero do todo, donde o *cholera*, como o *cholera-morbo*.

b) Mais: a mudança do genero, neste termo, não é arbitraria e inutil, pois aproveita a) á clareza, discrimina mais promptamente dois homonyms, *colera* ira de *cholera* doença; b) já está largamente aceita tanto no Brasil como até em Portugal (*Vid. Aulete, Moraes, Fr. Domingos Vieira*); c) está na linha da evolução generica de tantos outros termos, como *flm, linguagem, linhagem*, e segue o processo ainda vigente de differenciar dois sentidos de uma mesma palavra pela differenciação do genero: — a *cabeça* e o *cabeça*, a *lingua* e o *lingua*, o *guarda* e a *guarda*.

Por todos estes motivos é preferivel o genero masculino — *o cholera*.

2.º Os nomes da 2.ª *declinação latina* eram na maioria dos casos, masculinos, e o seu thema terminado em *-o*, generalizado, deu-nos a desinenencia *o* como o expoente do masculino, para as palavras cujo genero não se regule pela *significação*, como *banco, muro, vinho*, etc.

3.º Os nomes da 3.ª *declinação* latina tinham menos fidelidade generica, e havia, por vezes, muita hesitação quanto a seu genero. Nomes como — *finis, collis, pulvis, cinis, rumex, serpens*, eram maseulinos e femininos.. Semelhante hesitação observa-se egualmente no genero de outras classes de nomes. Desde a época imperial os nomes de arvores em *-us* (*populus, almus, fraxinus*), que eram femininos, tornaram-se maseulinos. O mesmo aconteceu com *arbor* que de feminina tornou-se maseulina. Os nomes abstractos em *-ore* (*dolore, splendore*) de maseulinos tornaram-se femininos. *Dies* (= dia) é maseulino e feminino. Uma tal hesitação generica passou para o portuguez, e, no decurso de sua história, muitos substantivos teem mudado de genero, e outros ainda oscillam em sua ambiguidade generica.

516. EVOLUÇÃO GENERICA EM PORTUGUEZ. Como em latim, o genero em portuguez tem variado no andar dos seculos. Exs.:

Mar, já foi feminino em portuguez, como se vê ainda nos compostos — *prea-mar (plena-mar), baixa-mar*.

Linhagem era maseulino: *Mays o terceyro linagem muyto espantoso dos monges...* (Ined. de Ale. 1.º 253, ap. Cort.) — O mesmo acontece com *linguagem*: *Nem outro linguagem que eu sayba...* (L. Conselh., 151).

Fim, ao contrario, era feminino até o sec. XVI: *pequeno erro no principio se faz grande na fim* (H. P. Imag. 1. 3).

Tribu guardou o genero maseulino até Vieira, sec. XVII: Elle sabia muyto bem que era do tribu de Levi, e que o Messias havia de ser do tribu real de Judá (A. V., Ohrs. S. 5. 119).

Gente, em F. M. Pinto lemos: "Antonio de Faria... trabalhou por saber deste gente que nações habitavam o sertão daquella terra" (Perigr. 1. 38), e mais adiante: "Vimos tanta gente maneeba em navlos de venlaga" (Ib. 163).

517. AMBIGUIDADE GENERICA. Continúa ainda a hesitação da lingua em fixar o genero das seguintes palavras, que se conservam ambiguas quanto ao genero, isto é, podem ser maseulinas ou femininas; taes são, além das que já mencionámos (*tapa, trama, gramma, phantasma, chólera, fleuma*):

Personagem, pharynge, larynge, phoca, aneurisma, apostema, ceraste, aspide, tigre, atalaia, sentinella, cascavel, genesis ou genese, seisma, sehma, avejão, ágape, phylloxera, reseda, alluvião, leiró, sevandija.



Com *fleuma* ou *phleuma* é mais commum o feminino, e por isso preferível. O mesmo acontece com *personagem*, *pharynge*, *larynge*, *phoca*. Em *aneurisma* ou *aneurysma*, *aposthema*, *tigre*, é preferível o masculino por mais generalizado.

Ceraste tem a forma divergente *cerasta* (vilvora) feminina, deve ser, portanto, este o genero preferido.

Cascavel é feminino no Brasil, e masculino em Portugal e na litteratura portugueza.

Genesis é o primeiro livro do Pentateuco e é masculino; *genese*, origem, é de preferencia feminino.

Scisma no sentido de *preoccupação*, *desconfiança*, *meditação*, é feminino, e *SCISMA* ou *SCHISMA*, no sentido de divisão em uma aggremlação religiosa, é geralmente masculino.

Schema é masculino, embora Moraes lhe dê o genero feminino. — A *ágape*, *phylloxera*, *reséda*, deve dar-se de preferencia o feminino. *Alluvião* tem o genero etymologico feminino, e como tal o dão os dicionaristas, excepto A. Coelho.

O heróe é sempre como nas lendas mythicas da Grecia, um personagem tragico (I. C., Camões, 11) — Como pôde, porém, ser o Camões a personagem, cujas lastimas ali ficam memoradas (Ib. 28) — Uma porta abre-se lentamente, e um novo personagem apparece (A. H., L. e N. 2. 17) — O interlocutor é uma personagem que o leitor conhece (Ib. 38) — Ah! nestas negras tramas tenho-te servido lealmente (Ib. 5) — Defendera suas conquistas contra os assaltos de fóra e os tramas internos (R. da S., ap. Aulete) — Mas como elle era innocente desta trama... (Dec. 1. 428) — Criado ao peito de humna tigre Hircana (Cam. Eleg. apud Moraes) — Traldor! mamaste nas hircanas tigres (O. M.) — Até na relva a cascavel se esconde (G. D., Poes. 2. 172). De ruges ruges fazem-se os cascavels (gallego: de roxe roxe fanse os cascabeles, apud J. Moreira) — Que esse cascavel iria atálhar-lhe? (Fab. 57) — Sim, com esta phantasma ingenua, amavel, bella, é que eu fujo (A. C., O. Mts. 161) — O povo que devia substituir esta primeira alluvião... não tardou a transpor os Pyrineus (A. H., H. de Port., 1. 29) — Peccado torpe e feio, mais que hircanos tigres (A. F., Cast. 40) — Um grito do atalaia o interrompeu (A. H., L. e N. 2. 7) — E' para elles uma especie de genesis historica (A. H., H. de Port., 1. 2) — ...por onde naça a variedade de selmas, com as quaes se perverta a fé, e se rompa a união (M. Lusit., ap. Dicc. Vieira) — Uma epidemia que pôde considerarse o phylloxera da vinha do Senhor (C. C. B., M. da Fonte, 300, ap. M. Barreto) — Patrulhas passavam vagarosas como os avejões de uma ballada (Id. A. Corj. 228, ib.) — Ouvira o nome de Gil Eannes, como quem tinha antigo teiró (A. H., Monast. 1. 201) — O teiró que eu já tinha a tal sciencia, tresdobrou d'esta feita... (A. C. Faust., 137) — Tão mons-

truosa era aquella avejão, que me sentia a par della pygmeu (Id., ib. 42).

Mando mostrar-lhe peças mais somenos
Contas de crystallino transparente,
Alguns soantes caseaveis pequenos,
Hum barrete vermelho, eor contente (Lus. 5. 29).

518. GENERO DE ADJECTIVOS SUBSTANTIVADOS. O adjectivo, como qualquer outra parte do discurso, é, em regra, substantivado no genero masculino, que neste caso é realmente o genero. Por isso, substantivando os seguintes adjectivos adjectivos, diremos: — *o caudal, o radical, o ritual, o temporal, o moral, o cerimonial* (*o caudal dos rios, o radical das palavras, o moral dos soldados*, etc.). Entretanto, por influencia do genero de certos nomes evocados, são femininos — *a pastoral* (carta), *a decretal* (carta), *a moral* (philosophia, sciencia, vida = moralidade), *a diagonal* (linha), *a directriz, a secante*. *Gigante* guarda a fórma masculina adjectivada.

Aureos caudacs do Tejo (G., Cam. I XVI) — Os Moraes de S. Gregorio são as doudas e pias moralidades que este Santo tirou de algds da Sagrada Escriptura (Bluteau) — Ella ali nua e crua, tire o moral della leitor pio (F. Elys., Fab. 175) S. Gregorio nos Moraes diz que ella é a que acende a luz do entendimento (H. P., Im. 1. 53) — O moral se vem nu, nos causa enojo (F. Elys., Fab. 175) — As memorias gigantes da historia do velho Portugal (A. H., Mon. X) — As memorias, os templos, os palacios da cidade gigante (G. D., Pes. 1. 117) — Verde ramo de uma arvore gigante, o ralo no passar queimou-lhe o vigo (Ib. 131).

519. O GENERO NEUTRO. Obliterou-se o genero neutro dos substantivos na época da elaboração do *romance*, absorvido em geral, pelo masculino. Assim do neutro passaram a masculinos os seguintes:

Cœlum — o céu, donum — o dom, vinum — o vinho, tempus — o tempo, regnum — o reino, vitium — o vicio, latum — o lado, pectum — o peito, granum — o grão, vulgus — o vulgo, pelagus — o pégo, animal — o animal, mare — o mar (arch. *à mar*), marmorem — o marmore, cadaver — o cadaver, e de origem grega — poema, estigma, enigma, etc.

520. FEMININOS DE NEUTROS. Na b. latinidade deu-se a confusão dos neutros da 2.^a e 3.^a declinação do plural em *-a*,



com os nomes da 1.^a declinação, que no singular terminavam em *-a*, e assim de plural neutro passaram taes substantivos a singular feminino. Exs.:

festum,	pl.	festa	➡➡➡➡➡	festa
folium	„	folia	➡➡➡➡➡	folha
vestimentum	„	vestimenta	➡➡➡➡➡	vestimenta
pirum	„	pira	➡➡➡➡➡	pera
ferramentum	„	ferramenta	➡➡➡➡➡	ferramenta
mirabile	„	mirabilia	➡➡➡➡➡	maravilha
insigne	„	insignia	➡➡➡➡➡	insignia
—	„	arma	➡➡➡➡➡	arma

521. VESTIGIOS DO NEUTRO EM PORTUGUEZ. Obliterando-se, o neutro lat. deixou largos vestígios em portuguez.

1.^o As 3.^{as} fórmãs — *isto, isso, aquillo*, dos deter. demonstrativos — *este, esse, aquelle*, são manifestamente as fórmãs neutras lat. que, na falta de subst. neutros em port., assumem a função de pronomes neutros. — Do mesmo modo são fórmãs pronominaes neutras — *al, algo, nada, tudo*, dos indefinidos — *outro, algum, nenhum, todo*. A fórmula *tudo* só do sec. XV é que começa a apparecer como differenciada de *todo*. No v. port., como no lat., a fórmula masculina coincidia morphologicamente com a neutra: “*esto certo sey eu, e cõ tod’esto (tudo isto) sey*” (Tex. Port. 130). Em Vieira (sec. XVII) ha ainda incerteza nesta differenciação de categoria grammatical; ahi se lê *tudo o necessario* e *todo o creado*. Esta hesitação prolonga-se até os nossos dias nesses grupos, bem como ainda na locução adverbial *de todo* por *de tudo* do dialecto popular. Um motivo, porém, de clareza leva o dialecto literario a guardar a fórmula archaica neutra (*todo*) na locução adverbial *de todo (totalmente)*, para discriminá-la francamente da expressão *de tudo* = *de todas as coisas: comer de tudo* e *ser de todo comido*.

De outros determinativos taes como — *o* (←➡➡➡ *illum*), *mesmo* (←➡➡➡ *metepsissimum*), *tanto* (←➡➡➡ *tantum*), *quanto* (←➡➡➡ *quantum*), a fórmula neutra identifica-se com a masculina.

Todas essas fórmãs neutras pronominaes reassumem a sua função primitiva de adjectivos, desde que surja deante dellas uma outra fórmula neutra com que possa grammatical-



mente concordar, v. gr.: *tudo isso, isso tudo, tudo o que, isso mesmo, mesmo isso, tudo o al.*

2.º E' frequente em lat. a substantivação do adjectivo qualificativo na fórma neutra, tanto no singular como no plural, p. ex.: *bonum* = *o bom* (o bem), *bona* = *os bens*, *verum* = *o verdadeiro*, *vera* = *as coisas verdadeiras*. Como se vê, o neutro no singular coincide morphologicamente com o masculino. O portuguez adoptou este processo no singular, p. ex.: *o bom, o bello, o verdadeiro, o util e o agradavel.*

O port. archaico conservou estas substantivações neutras no plural: *quanto podessem aver de bonã de seu pãter* (O A. Vernae., p. 19).

3.º O infinito presente e o supino eram em latim substantivos, e, por isso, os adjectivos que os modificavam, assumiam a fórma neutra, p. ex.: *dulce est pro patria mori, mirabile dictu* (Verg.), *turpe est mentiri.*

Quando, pois, dizemos — *o trabalhar é bom, o supposto é verdadeiro*, temos, historicamente, sob as apparencias masculinas, o genero neutro. Póde ser isso demonstrado, e o ro se segue.

Na phrase — *o trabalhar é bom*, o sujeito *trabalhar* não póde ser representado por um pronome masculino, e só por um pronome neutro, p. ex.: *o trabalhar é bom para os que NISSO se empenham honestamente*; não poderíamos dizer com pron. masc. — *para os que NELLE se empenham...* Mas se substituirmos *trabalhar* por *trabalho*, poderemos dizer: *o trabalho é bom, para os que NELLE se empenham honestamente*. Semelhantemente, diremos: *o supposto é verdadeiro, porém nem sempre acontece ser ISSO assim*, e não = *ser ELLE assim*. Se, entretanto, substituirmos o particípio substantivado pelo subs. *supposição*, diremos: *a supposição é verdadeira, porém nem sempre acontece ser ella tal*, e não — *ser isso tal*. Donde se vê que a lingua encara esses substantivos virtuaes, como neutros, por isso que só podem ser representados na phrase por pronomes neutros. Todavia, o epitheto ou o determinativo anteposto assume fórma masculina, p. ex.: *este trabalhar insano, nenhum supposto*, etc.

4.º Descobre-se ainda vestigio do neutro em portuguez em um outro processo eurioso da lingua, o qual podemos filiar no



antecedente. Dá-se este nas phrases nominaes com a discordancia grammatical entre o predicado nominal e o sujeito, p. ex.: *E' preciso paciencia*, onde o predicado nominal *preciso* discorda do genero grammatical do sujeito *paciencia* (482).

a) Observa-se, em primeiro logar, este phenomeno com os sujeitos representados por subst. abstractos, que figuram na phrase sem determinação ou com determinação fraca. v. gr.: *E' preciso paciencia na vida — E' prohibido entrada nesta repartição*. Os substantivos abstractos sujeitos nestas phrases, tomados indeterminadamente em toda a sua extensão, assumem genero neutro, accusado pelos respectivos predicados nominaes — *preciso* e *prohibido*.

Podemos ainda approximar este processo do typo antecedente, se dermos a esses sujeitos força verbal latente, suppondo a ellipse do verbo *ter* no primeiro exemplo, como fazem alguns grammaticos, de sorte que teriamos: *E' preciso paciencia=é preciso ter paciencia, é prohibido entrada=é prohibido entrar*.

Em todo caso, o caracter neutro do sujeito nessas phrases evidencia-se pela substituição pronominal, como acontece igualmente com o typo do paragrapho antecedente, p. ex.: *E' preciso paciencia, porém ISSO* (e não *ELLA*) *não se obtem facilmente — E' prohibido entrada, ISSO* (e não *ELLA*), *porém, só aos extranhos*. Donde se vê que a lingua recusa a dar a esses substantivos-sujeitos substituto pronominal feminino, e o pronome neutro *isso* denuncia o genero neutro nos sujeitos dessas phrases typicas.

b) Este curioso phenomeno grammatical é ainda observado ás vezes quando o sujeito é *concreto*, porém tomado em toda a sua generalidade, sem qualquer determinação, e, consequentemente, em uma acepção abstracta, p. ex.: *Cerveja não é bom para a saude — Pimenta é usado como estimulante — E' necessario agua para a vida dos seres organizados*.

Os sujeitos neste typo de phrase, tomados em toda a sua generalidade abstracta, são considerados igualmente do genero neutro.

Desde, porém, que nestes dois typos o sujeito reciba qualquer determinação positiva, desfaz-se sua neutralida-

de generica, e o adjectivo-predicado accusa logo esse phenomeno assumindo flexão feminina, p. ex.: *E' precisa a paciencia na vida — E' prohibida a entrada — Esta cerveja não é boa para a saude — A pimenta é usada como estimulante — E' necessaria a agua pura á vida dos seres organizados.*

Em muitos de nossos escriptores a neutralidade latente do sujeito persiste a despeito da determinação, isto, porém, se dá quando esta é fraca. Exs.:

Bem, sabia eu, senhor Floramã, que pera vos se guardava esta aventura: e na verdade pera eu o crer nã era necessario nenhuma outra experincia, se nam a fé, q'ẽ vossas cousas tenho (Palm. de Ingi. 2. 111) — E' necessario uma determinação invencivel (R. de S., ap. M. Barreto, N. Est. 285) — Tem-me sido preciso muita energia para domar o soffrimento (Id. ib.) — E' preciso a physica para explicar os movimentos das caras, onde não ha metaphysica nenhuma (Id. ib.) — E' preciso cautela com semelhantes doutrinas (Id. ib.) — Se for preciso alguma coisa, o Norberto está aqui (C. C. B. Ib.) — Sim, tu: é preciso coragem (Id. ib.) — E' necessario uma licença para ella poder entrar (Id. ib.) — O' monstro de ignorancia! quando has de comprehender que para a concordancia dos termos entre si, foi sempre necessario a Grammatica (A. C., ap. M. Barreto N. Est. 285).

Vai ver, Luisa, vai, se da tua janella
avistas novidade; é bom toda a cautela (A. C., O Av.)

522. Filia-se historicamente este processo não só no latim, mas no aryanos, segundo nos informa Brugmann (Gr. Comp. 680). E' frequente em latim um predicado *neutro* referindo-se a um sujeito *masculino* ou *feminino*, p. ex.:

Eia, age, rumpe moras: VARIUM ET MUTABILE SEMPER FEMINA (Verg., Æneid. Lu. IV, 569) — *TRISTE LUPUS stabulis* (Verg., Egi. III. 80). *DULCE satis HUMOR depulsis arbustus hocdis* (Id. S2) — *TURPITUDO PEJUS est quam dolor* (Cic. ap. M. Barreto, N. Est., 284) — *MORS omnium rerum EXTREMUM* (Ap. Brugmann).

Esta anomalia das linguas aryanas, “repousa, diz Brugmann, na transformação dos adjectivos neutros em substantivos; empregava-se este neutro substantivado quando se tractava de indicar a categoria de conceito á qual pertencia o sujeito”.

O eminente glottologo allemão vê, pois, no curioso phenomeno uma como immobilização do adjectivo-predicado



na forma neutra transformado em substantivo; a nós, porém, nos parece que a explicação devemo-la procurar numa como *neutralização* do substantivo-sujeito tomado em aceção abstracta e geral, em que a lingua perde de vista o objecto nomeado para indiar vagamente suas qualidades. E' possivel que ambas as explicações tenham sua realidade no movimento historico das linguas.

523. O GENERO DOS COMPOSTOS. O genero dos substantivos compostos é regulado pelo genero do elemento predominante, que é o *determinado*. Em relação á posição do determinado, dois typos de compostos se offerecem: a) typo *classico* ou *synthetico* das linguas antigas, em que o elemento *determinado* se pospõe ao *determinante* (*terremoto*); e b) o typo *neo-latino* ou *analytico*, em que o elemento *determinante* ou modificador é que se pospõe ao *determinado* (*carta-bilhete*). Assim temos:

a) **Typo synthetico**: o terremoto, a astronomia, o cholera-morbo (o *cholera-morbus*), a ferro-via, o ponta-pé, o vara-pau.

b) **Typo analytico**: o mestre-escola, a escola-modelo, o papel-moeda, a moeda-papel, a carta-bilhete, o mestre-sala, o povo-rã.

524. Abrem excepção á determinação generica do composto pelo *determinado*, os seguintes:

Ribatejo = *Riba do Tejo* onde o determinado *Riba* se deixa influir pelo determinante *Tejo*, que é masculino. Talvez concorresse para isso o genero de *Alemtejo*, como suspeita o Dr. L. de Vasconcellos, e, tambem, como declara o mesmo auctor, "o designar tal termo o nome de uma região, e poderem taes nomes ser já femininos, já masculinos.

Ponta-pé. Acha ainda o Dr. Vasconcellos que *ponta-pé* é outra excepção. Porém o que parece mais provavel é que *ponta-pé*, como *vara-pau*, (cf. *mãe-patria*) sejam especímenes curiosos do typo *synthetico*, que se interpreta não *ponta de pé*, nem *vara de pau*, mas — *pé em ponta*, *pau em forma de vara*. Neste presupposto, o ultimo elemento é o *determinado*, e dá regularmente o seu genero ao composto. E' o que succede com *cholera-morbo*.

Guarda-roupa é geralmente feminino entre os nossos classicos, quando designa a camara ou armario: "a guarda-roupa de Sua Majestade" (Die. V.), e masculino quando designa o homem encarregado da rouparia.

Guarda-louça é masculino, se bem que Auiete e D. Vieira aucterizem o feminino.

Guarda-prata é dos dois generos.

Guarda-linha é masculino, porém Figueiredo, D. Vieira e Moraes auctorizam o feminino. *Guardamoria* é femin. *Guarda-porta* é mascul. segundo Figueiredo e Aulete, e femln. segundo Moraes e D. Vieira (pl. — *guarda-portas*). Os outros compostos de *guarda* são masculinos: — o *guarda-joias*, o *guarda-lama*, o *guarda-luz*, o *guarda-mão*, o *guarda-marinha*. — Os compostos por loc. verbal são masculinos: — o *porta-voz*, o *saca-rolha*, o *para-queda*, etc.

Numero dos substantivos

525. O sânscrito, o grego e outras linguas antigas possuíam trez numeros grammaticaes: o *singular*, o *plural* e o *dual*. O latim possuía apenas dois numeros — o *singular* e o *plural*, que passaram para o portuguez.

Para indiear a pluralidade adoptou o portuguez o expoente *s*, tomado do aeensativo plural dos nomes latinos, do qual essa letra ou phonema era a desinenencia earacteristia nas ineo deelinacões, exeeção feita dos neutros.

526. O CONCEITO DE PLURALIDADE. O conceito ou a noção logiea de plural consiste na somma ou reunião dos seres, que se apresentam á nossa perecepção externa como unidades diseriminadas.

Em relação aos substantivos *concretos* é elara esta noção; não assim em relação aos *abstractos*. Estes, por sua propria natureza, repellem a noção de pluralidade. Impossivel é sommar *prudencias*, *justiças*, *odios*, a não figurarmos *actos* de *prudencia*, *justiça*, *odio*, etc. Coisa semelhante aeontee com os substantivos que indieam certos productos naturaes, como — *agua*, *vinho*, *leite*, *trigo*, *farinha*, *pó*, *café*, *ouro*, *prata*, que se apresentam ao espirito como uma massa informe, onde impossivel ou diffieil é destaear individuos para reuni-los ou sommá-los no conceito de pluralidade, a menos que não enearemos as diversas porções ou qualidades, v. gr. — *as aguas*, *os vinhos*, *as farinhas*, *os cafés*, *os ouros*, quando queremos indiear as diversas porções ou qualidades desses productos.

Todavia, levados pela analogia, muitos abstractos tanto em latim como em portuguez são usados frequentemente no

pural, taes como *vita*, *mortes*, *odia*, etc., e *odios*, *esperanças*, *fraquezas*, *embriaguezes*, *desesperos*, etc. E o mesmo acontece com alguns nomes de productos naturaes — *aguas*, *azeites*, *ferros*, etc.

527. PLURAL DOS CONCRETOS EM SENTIDO GENERICO E ESPECIFICO. Os appellativos concretos podem designar o *genero* ou a *especie*, conforme são empregados em sentido generico ou especifico. Se dissermos — “comer laranja”, *laranja* designa o *genero*; se, porém, dissermos “comer algumas laranjas”, *laranja* designa a *especie*. Com o singular indica a lingua o *genero* e com o plural a *especie*.

No grupo — “geléa de marmello” levanta-se a duvida se marmello designa o *genero* ou a *especie*, se deve ir para o singular ou para o plural.

Os Dice. da Academia Franceza, de 1798 e 1835, escrevem — *pâte d'amende ou d'amendes*, *geléa de pomme et marmellade de pommes*, *un pied d'ailllets et d'aillet*.

Em geral o portuguez prefere o *genero*, e diz:

Geléa de marmello, pastel de camarão, bala de ovo, conserva de pimenta, cultura de batata, lavoura de canua, plantação de mandloea, viver de peixe, reunlões de oração, acções de graça.

Comtudo, quando o princiro elemento está no plural, dá-se ás vezes a attracção para o plural; como, p. ex., em — *fios d'ovos*, *balas d'ovos*.

Na generalidade dos casos o sentido mostra se o *genero* ou a *especie*, se o singular ou plural, devem ser empregados, p. ex.:

Uma duzia de chiearas, um môlho de chaves, uma juneta de bois, um tiro de cavallos, uma parelha de garrotes; uma grossa de pregos, um raneho de prophetas, um grupo de rapazes, uma alcateia de lobos, um cardume de peixes, um bando de aves, uma vara de catetos, uma manada de porcos, uma récua de camellos, uma malta de velhacos, uma sucia de tractantes, — um molho de trigo, uma nuvem de pó, trez litros de feijão, um alqueire de farinha, um selamim de milho, cinco metros de pauno, quatro peças de chita, duas garrafas de viuho, quatro litros de leite, duas latas de kerozene, um magote de povo, uma multidão de gente (cf. uma multidão de pessoas), duas bandas de musica, cinco arrobas de açúcar. — *Cafillas* de alifantes, e de bois, e de cavallos (Per. 1.151) — *Todas* ás sortes de caças e carnes (Ib. 2. 27).

528. O PLURAL DE ALGUNS SUBSTANTIVOS:

a) **Calças e ceroulas**, são usadas no plural por nossos classicos para designar um só objecto, devido isso á dualidade de suas fórmãs. Exs.:

Hum Fidalgo de primelra nobreza... mandou fazer humas calças altas, no tempo que se usavão (A. de F., p. 336) — Trazia vestida uma saia de valenciana reforçada, calças de bifa, sapatos de pelle de gamo, chapcirão de rugres... (A. H. L. e N. I, 138) — Ceroulas são huma vestidura interior de panno de linho, que a modo de calçoens cobrem o corpo da cinta até os joelhos, ou mais abalxo (R. Bluteau).

b) **Bragas e alforges** são geralmente termos usados no plural: Não se apanhão trutas a bragas enxutas — Ida de João Gomes, foi em sella, e tornou em alforges (Adagios) — Encontram-se tambem no sing.: Lançou-se a gente na agua que lhe dava pela braga (Castanheda, Hist. da Ind. V. 59) — Fazer o alforge, lr de alforge (= a ilgeira, escoteiro, Dlec. D. V.).

c) **Narizes** é empregado pelos classicos no plural, pelo motivo que nos leva a empregar no plural *ventas*, como attesta o seguinte passo de Camões, que tracta de Zopyro, cortezão de Darlo, rei dos persas, que se eortou o nariz e orelhas, fingindo que assim o mutilara seu amo, para poder enganar os babilonios, que lhe entregaram a cidade, a qual elle franqueou a Darlo.

Oh grão fidelidade Portugueza
De vassallo que a tanto se obrigava!
Que mais o Persa fez naquella empreza,
Onde rosto e narizes se eortava?

Do que ao grande Darlo tanto peza,
Que mil vezes dizendo susprava,
Que mais o seu Zopyro são prezára,
Que vinte Babilonias que tomára (Lus. 3. 41).

d) **Proximos**, palavra hoje ordinariamente empregada no sing. com sentido colectivo: *amar o proximo como a si mesmo*; entre os classicos é frequente o plural:

Aquelle se pode chamar bom que usa de bondade nam somente para si, mas para os proximos (H. P., Imag. 1. 309) — Compassivo por extremo nos trabalhos que vla nos proximos (Souza) — O que importa é salvar a alma propria e a dos proximos (A. V., C. 49) — Quem habitará no seu tabernaculo? O que não fez mal a seu proximo, nem consentiu que se infamassem seus proximos (lat. Quis habitabit in tabernaculo tuo? Qui non fecit proximo suo malum, et opprobium non accepit adversus proximos suos (Vulg. Salm. XIV, 1. 3).

e) **Cães** é substantivação do adjectivo archaico *cão* = *branco*, do lat. *canus*, -a, -um, como se vê da seguinte citação: Vilhainham muitos velhos cães (de cabellos brancos) fazendo grande chanto (=pranto) por don Tello e fazendo dizer missas (Chrest. Arch. 108).

CAPITULO II

ADJECTIVO

529. O *adjectivo*, como indica o seu etymo (lat. *ad* + *jacere* = *lançar para, ajunctar*), tem na phrase a funecção syntactica de se ajunctar a um substantivo para lhes restringir e determinar o sentido. Elle, pois, não se apresenta isolado na phrase, mas sempre como modificador de um substantivo, ampliando ou restringindo a sua *compreensão* e *extensão*. De duas maneiras prende-se elle ao substantivo: ou immediatamente, por meio de mera apposição — *bonus homo* = *homem bom*; ou mediatamente, pelo verbo de ligação — *bonus est homo* — *o homem é bom*. Dahi uma dupla relação do adjectivo para com o seu substantivo na phrase:

1.^a *Relação attributiva* em que o adjectivo, modificando directamente o substantivo, se constitue o seu *attributo*, *adjuncto* ou *complemento attributivo*, é o que alguns chamam o *epitheto* do substantivo: *homem bom*, *alto mar*, *chamar-lhe sabio*, *considerá-lo preso*, *meu pae*, (*pater meus*), *aquelle dia* (*dies illa*).

2.^a *Relação predicativa*, em que o adjectivo, modificando o substantivo-sujeito por intermedio dos verbos de ligação, se constitue seu *predicado nominal*, tambem chamado *completivo* ou *complemento subjectivo*: *a vida humana é breve* (*brevis est humana vita*), *o homem é mortal*, *porém a sua alma (é) immortal*. E' igualmente *predicativo* em — *vê-lo prostrado*, *fazer-se vermelho*, *deixá-lo doente* (416).

Obs. Em vez do substantivo apparece frequentemente na phrase o seu substituto — o *pronome*; isto em nada modifica a funecção do adjectivo, p. ex.: *nós, brasileiros, tudo supportamos*, *elle é paciente*. Sómente devemos observar que, como *epitheto* ou *attributo*, o adjectivo não se prende com tanta liberdade ao pronome como ao substantivo. — Além dos verbos propriamente de ligação, é frequente em portuguez, encontrar-se pospostos a outros



verbos o adjectivo em vez do adverbio, como referencia ao sujeito: *Os mensageiros partiram velozes* (=velozmente).

530. EMPREGO DO ADJECTIVO. Os adjectivos qualificativos podem ser substituidos: a) por um *substantivo* regido da preposição *de*: *banquete principesco* = *banquete de principe, palacio real* = *palacio de rei*; b) por uma *periphraze*: *talento sem rival, belleza sem egual*; c) por uma *proposição relativa*: *uma voz encantadora* = *uma voz que encanta, pessoas amantes* = *pessoas que amam*.

531. Fazia o latim mais largo uso do adjectivo do que o portuguez. Os adjectivos, que exprimiam a ORIGEM (*aquatius color*), MATERIA (*statua argentea*), ESPECIE ANIMAL ou VEGETAL (*lac. asininum, glandes quernæ*), TEMPO (*menses hiberni, dies festum*), LOGAR (*pugna Cannensis*), são, em portuguez, expressos por substantivos regidos da preposição *de*: *cor d'agua, estatua de prata, leite de jumenta, bolotas de carvalho, mezes de inverno, dia de festa, batalha de Cannes*. — A linguagem popular perdeu a grande variedade das terminações adjectivas latinas, que os eruditos do sec. XVI em diante tecm procurado restaurar. Só no estylo poetico podemos, para taes expressões, valer-nos dos adjectivos, que tenha introduzido na lingua a reacção latinista. Exs.:

Felit (Jeroboam) duos vitulos aureos = fez Joroboão dois bezeros de ouro (aureo) (Vulg. III Reg. XII. 28) — In arca autem non erat aliud nisi duæ tabulæ lapideæ = na arca porém não havia senão as duas taboas de pedra (lapideas) (Ib.). VIII 9) — Sed et omnia vasa aurea, et argentea, et ænea consecravit David = consagrou tambem David todos os vasos de ouro (aureo), e de prata (argenteo), e de bronze (bronzeeo) (Ib. 1 Paral. XVIII. 9).

532. MUDANÇA DE CATEGORIA GRAMMATICAL. A intima relação grammatical entre o substantivo e o adjectivo, dá causa a frequentes permutas entre as duas categorias.

Não só é frequente a substantivação do adjectivo, por meio do artigo ou outro determinativo, mas tambem a adjectivação do substantivo, pela *apposição* de um substantivo a outro em relação *attributiva* ou *predicativa*. Exs.:

Havia de achar homens homens, haviam de achar homens pedras (A. V. S. 1. 251) — O povo-rã (povo asno, povo timi-

do) nas aguas, entre juncos e caniços... (F. El., Fab. 91) — A fortuna lhe sorria menos madrasta (L. C., Cam. 243) — ... em todo o mar oceano occidental a esta nossa Europa (J. de B., Dec. 1. 130) — Era o descobrimento do Oriente per esta nosso mar oceano (J. de B., Dec. 1. 268) — E em nove dias de tempo bonança nos pusemos na altura de Massuaa (M. P., Per. 1. 10) — E velejando desde hũa hora ante menhan, que saymos do porto, fomos com ventos bonanças ao longo da costa até quasi a vespora... (Ib. 1. 17) — Corremos a costa do mar Oceano em distancia de vinte e seis leguas (Ib. 63) — O vento era galerno e o mar bonança (A. V., S. 2. 33) — Acabada esta batalha, os cavalleiros manebos se despedirã (Palm. 1. 185) — Cavalgava em hũ cavallo ruço pombo (Ib. 139) — Já de mnceba gente me aparelho (Lus. 4. 82) — Sendo o lago-sinho o mar oceano (A. V., S. 2. 309).

Concordancia do adjectivo

533. O *adjectivo* concorda na phrase em *genero* e *numero* com o seu substantivo, ou pronome, que equivale a um substantivo. Chamam-se, pois, *genero* e *numero* do adjectivo as flexões que este assume para se pôr de accordo com o genero e numero do substantivo, com o qual se coordena, quer como *attributo*, quer como *predicado*: *uma boa idéa e esta idéa é boa*. No latim opera-se a concordancia do adjectivo com o substantivo em *genero*, *numero* e *caso*. Obliterado este, ficou-nos a concordancia apenas em *genero* e *numero*.

534. A concordancia do adjectivo com o substantivo apresenta duas difficuldades: *a*) concordancia de um adjectivo com mais de um substantivo, e *b*) a de mais de um adjectivo no singular com um substantivo no plural.

1.^a *Concordancia de um adjectivo com mais de um substantivo*. Esta concordancia offerece dois typos, conforme o adjectivo se antepõe ou se pospõe aos substantivos:

a) Quando o adjectivo se antepõe aos substantivos, que modifica, é mais euphonico e commum que a concordancia se opere com o primeiro substantivo, que é o mais proximo, subentendendo-se em relação ao outro ou outros. Exs.:

E' este o logar e a occasião que el-Rey escolheu para declarar o segredo (A. C., Q. Hist. II. 6) — Escolhestes mau logar e

hora para renovar a requesta (A. H.) — Mudo está o arraial, mudo o céu e o rio (A. C.) — Estava Moysés só de uma parto e da outra todos os magos do Egypto, presente o rei e a côrte, suspenso elle e toda ella na espectação do successo (A. V. S.) — A Fortuna guardava para dar descanso que a seu pae e mãe negava (C., Ohrs. 3. 225).

No v. port., encontramos tendencia erudita para se operar neste caso a concordancia no plural com os substantivos subsequentes. Exs.:

D. Beatriz, filha primogenita e herdeira dos ditos rei e rainha de Portugal (F. Lopes, Chr. de D. Fern., 158) — Então disse outra vez aos ditos senhores pae e mãe seus della (Ib. 145) — ...de consentimento dos ditos rei e rainha, pae e mãe meus, que presentes estão (Ib., 147) — ...assi pela situação desta entre as correntes dos notavels Indo, e Ganges (J. de B., Dec. I, 323).

Imitaram alguns escriptores modernos esta concordancia semi-barbara: "A mão esquerda entre cujos indice e pollegar pendia o pergaminho" (A. H., Monasticon) "...pelas exigencias cada vez maiores destas devoradoras e insaciaveis fome e sede de leitura" (A. C., Os Fast., I. 315).

b) Quando o adjectivo se pospõe aos substantivos, a concordancia se opera ou no singular com o ultimo, ou no plural e no masculino, se forem diversos os generos dos substantivos). Exs.:

E então disse outra vez aos ditos senhores pae e mãe seus della (F. Lopes, Chr. de D. Fern. 145) — ...de consentimento dos ditos reis e rainha, pae e mãe meus (Ib. 147) — Preço e estimação ordinaria (A. V.) — Prodigios de bondade e omnipotencia divina (M. B.) — Leitura e escripta nova... leitura e escripta velha (A. C.) ...cujo saio e cavallo negros (A. H. L. II, 83) — As calças e o jubão de ouro lavrados (C. Real).

2.º Concordancia de mais de um adjectivo no singular com um substantivo no plural. Não raro na phrase um substantivo no plural vem modificado por adjectivos no singular, que exprimem partes de que o substantivo é o todo. Exs.:

Nenhuma das invasões celta, phenicia, carthaginesa, pudera domar (A. H., Hist. de Port 21) — As literaturas grega e latina (Id.) — Os poderes temporal e espirital (Id.) — As raças phenicia, grega e carthagineza (Ib. 2) — O primeiro e o quinto Affonsos (C.) — A 1.ª, 2.ª e 3.ª Brigadas formaram uma columna (Euclly. Cunha, Sert. 371) — Varios portos das cos-

tas setentrional e occidental (A. C., Q. Hist. III 37) — A's vezes vem no singular o substantivo e o artigo repetido ou não. Exs.: Emquanto passarão estes quatro imperios que foram a terceira, quarta, quinta e sexta idade do mundo (A. V. S. 145) — Sei eu que se a primeira, e a segunda, e a terceira parte do mundo tiveram reis, tambem o teve a quarta (Ib. S. 2. 88) — Na primeira e na segunda tentação tentou o demonho (Ib. 5. 185) — ...indagar o direito publico e privado (A. H. Hist. de Port. 1. 12) — ...no tempo dos celtas e do dominio cartaginês e romano (Ib. 11) — O pae da vossa D. Beatriz o desbaratou com a fidalgula portugueza e castelhana (A. H., Monast. 1. 239).

Obs. Um tercelro typo ainda mais anômalo eneontra-se em alguns escriptores, em que o artigó e respectivo substantivo vão para o plural, e os numeræes, que exprimem as partes, fieam interpostos no singular. Exs.:

Ficou o quartel-general protegido pelos 14.º, 32.º e 34.º batalhões (E. Cunha, Sert. 466, 2.ª ed.) — Os 7.º, 14.º e 30.º batalhões de infantaria constituem a 1.ª Brigada (Ib. 371) — ... o grosso da columna constituído pelas 1.ª e 3.ª brigadas (Ib. 382). Melhor se dirá — *pelos batalhões 14.º, 32.º... os batalhões 7.º, 14.º... pelas brigadas 1.ª e 3.ª*

535. OUTRAS DIFFICULDADES NA CONCORDANCIA DE ADJECTIVOS. Além das duas difficuldades atraz estudadas, outros factos curiosos existem no uso e concordancia do adjectivo, de que passamos a tractar.

1.º Como em latim, converte-se o adverbio em adjectivo, que passa a concordar com o sujeito, tornando-se o adjuncto predicativo em adjuncto subjectivo, e dando-se mais vivacidade á expressão: *Os navios singraram velozes por velozmente* — *Elle levantou-se jubiloso*, por *jubilosamente* (cf. lat. *tacita secum gaudet*, Diez). Exs.:

Commetterão soberbos os Gigautes

Com guerra vã o Olympo elaro e puro (Lus. 3. 112)

E para que mais *certas* se conheção

As partes tão remotas oude estamos (Lus. 5. 25)

2.º O adjectivo *juncto* era mais frequentemente empregado como adverbio do que hoje, com o valor do lat. *junctim*. Exs.:

Rompem malhas primeiro, e peltos logo:

Assim recebem *juncto* e dão feridas.

Como a quem já não doe perder as vidas (Lus. 4. 30)

Não esperão os ventos indignados
Que amalhassem; mas *unctos*, dando nella,
Em pedaços a fazem, c'hum ruído
Que o mundo parece ser destruído (Lus. 6. 71)

3.º Ao invés do que acontece com *uncto*, o adjectivo *só* é modernamente com mais frequência empregado como adverbio, do que no v. port., p. ex.:

Em pouco mais de dous credos ficarão no cãpo quarenta e cinco mortos, dos quais *sós* os oito foram nossos (F. M. Pinto, Perlgr. 1.33) — O Hidalção respõdera... que *sós* dois dias avia que a nao era partida (Ib. 23) — Durou a quetação desta paz por tempo de *sós* dous meses e meyo (Ib. 44) — Não tinha mais de meu que *sós* cem cruzados (Ib. 47) — E' assaltando á escalla vsta... a entrou sem perder dos seus mais que *sós* trinta e sete (Ib. 56).

Vês aqui as mãos e a lingua delinquentes;
Nellas *sós* experimenta toda sorte
De tormentos, de mortes, pelo estylo
De Selns, e de touro de Perlllo (Lus. 3. 39).

4.º Os demonstrativos — *este, esse, aquelle*, em função pronominal como sujeitos, concordam, por atracção, com o predicado nominal quando substantivo: *Esta é a casa, estes são os homens, aquellas são as mulheres*. Do lat. nos veio este processo: *hæc est vita mea*.

Se, porém, o predicado é adjectivo ou substantivo abstracto, o demonstrativo assume a forma neutra — *isto, isso, aquillo*: *isto é claro, isso é verdade, aquillo é coisa incrível*.

Em sentido pejorativo apparece o neutro mesmo com predicado concreto: *isto não é um homem, aquillo não é a mulher que eu pensava, isso são difficuldades com que não contavamos, isto são os ossos do officio, isto não é sessão, não é nada*.

Este processo tambem se filia ao lat., onde o demonstrativo-sujeito assumia por vezes a forma *neutra* a despeito do genero masc. ou femin. do predicado: *Nec sopor illud erat* (Verg.)=*nem aquillo era somno*.

5.º O adjectivo regido de preposição (*de, em, por*) em certas phrases, concorda, por atracção, com o substantivo, sujeito ou complemento, a que se refere, e conserva-se invariavel se modifica o predicado:

Ella, de esperta, não appareceu; elles, de velhaços, não acceitaram; a sociedade de alta só tem o nome (só tem o nome de alta sociedade) — Ella, de bonito, só tem os olhos; este povo, de bom, só possui a fama; elles por doentes não comparecerem.

Por os raros extremos que mostrou
Em sabia Pallas, Venus em formosa,
Diana em casta, Juno em animosa,
Asia, Europa, e Asia as adorou (C. Obrs. 3. 27)

Está a gente marítima de Luso
Subida pela enxarcia, de admirada,
Notando o extrangelro modo e uso (Lus. 1. 62)

Tentou Pirithoo e Théseo, de Ignorantes
O reino de Pintão horrendo e escuro (Lus. 2. 112)

Postoque em todo o mundo, de affrontados,
Resuscitarem todos os passados (Lus. 2. 55)

Sabe que quantas naos esta viagem,
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
Inimiga terão esta paragem (Lus. 5. 43)

Perdidas e tracilhadas
As tuas ovelhas vejo,
Dellas morrem de cansadas,
E tu tens morto o desejo
D'acudres as coitadas (B. Rib., Men. e Moça, 270)

6.º Nota-se a mesma concordancia por *attracção* no grupo *a olhos vistos*, que sendo logicamente um grupo de *subordinação* (visto a olhos), tornou-se grammaticalmente de *coordenação*:

Todas e cada uma destas causas, a olhos vistos, hão mister (Lucena, VIII. 8) — Grande quebra na estatura dos corpos, que a olhos vistos... (Ib. III. 9).

Obs. Critica o Sr. José Feliciano de Castilho esta phrase de Lucena, ainda hoje geralmente empregada, pela razão obvia de não obedecer tal grupo nominal (*a olhos vistos*) aos principios da grammatica philosophica. E seu illustre irmão Antonio de Castilho, cedendo ás mesmas considerações, escreveu: *O tempo cahuria a olhos vista a por nenhum modo renovada substancia da cidade* (Q. IIst., III. 57). Em que pese a tão grandes auctoridades, a phrase de Lucena é vernacula e corrente, e se não obedece aos principios da grammatica philosophica, obedece aos da grammatica historica, isto é, á euphonia analogica. Tal phrase traz, por certo, o cunho da ordem synthetica do velho portuguez, antepondo o regimen (*a olhos*) ao termo regente (*visto*); porém a proximidade do substantivo plural (*olhos*) exerceu natural at-



tracção sobre o adjectivo, que foi, por uma *confusão euphonica*, para que assim o digamos, considerado como seu attributo. A phrase assim estereotypada é intelligivel, homologada peio uso geral, e preferivel á phrase reaccionaria do Sr. José de Castilho. Exs. :

Mayor bem vos quero eu a vós que a elle, e se o nam visse perdido por vós a olhos vistos, não mentaria tão sois (Euphr. 64). — A olhos vistos a nau se ia afundando (J. de B., ap Serões 604) — Mas a oíhos vistos cresceram neite todas as virtudes (Souza, ib.) — Dissimulado á evidencia e encoberto a olhos vistos (A. V., ib.) — Os campos, cobertos aqui de relva, acoiá de scaras, que cresciam a olhos vistos, verdejavam ao ionge (A. II., ib.)

7.º Entre os classicos é frequente flexionar-se *meio* e *todo*, em função adverbial, por *attracção*; hoje é menos generalizada a flexão de *meio* nesta acepção.

Convez cheio de corpos *meios* mortos (Lucna) II, 2) ...meios enterrados nas iapas ...meios comidos de bichos (Id.) — Uns caem meios mortos e outros vão a ajuda convocando do Alcorão (C.) — Estes rudes combatiam meios nus (A. II., Eur. 94) — Cadaveres meios enterrados nas ruinas (C. C. B.) — E assim eram meios fids e meios gentios (A. V., S. 2. 126) — Que funebres aias são essas de homens todos lucto (G., Cam. C. II, I) — E era eia bella de uma belleza toda judaica, toda arabe (Ib. O Arc. de S. A. II. C. 28) — Agouravam a possibilidade de uma cura por meios todos moraes (Ib., ap. M. Barreto, N. Est., 262) — Elle é todo dogura, eia é toda ouvidos (A. C.) — Uma princeza, toda suavidade e virtude; um príncipe todo virtude e talento; um frade, todo talento e majestade (Id.) — Chegaram aos ouvidos as estrophes meio zombeteiras e meio graves de ousado reprehensor (I. C.)

Graus

536. O latim possuia, fóra o *positivo* ou *normal*, dois graus de significação do adjectivo qualificativo, que passaram para o portuguez, a saber — o *comparativo* e o *superlativo*.

537. COMPARATIVO. O eomparativo latino de superioridade tinha a fórmula *organica* ou *synthetica*, na desinencia — *ior, m e f e — ius n. : justus — justior, justius*. Quando, porém, o thema terminava em *i* ou *e*, como *pius, idoneus*, recorria o lat. a uma fórmula *inorganica* ou *analytica*, por meio do adverbio *magis*: *pius — magis pius, idoneus — magis idoneus*. O latim pop. empregava tambem nos compara-

pequeno. Comtudo, encontram-se exemplos auctorizados daquellas fórmas analyticas:

Não ha mais mau conselho, que ter um villão destes mimoso (C., Obs. 3. 8) — He o mais mau hereje, que vomitirão neste mundo as Fúrias de Babyionia (A. de F., 205).

2.º As fórmas *syntheticas*, porém, são excluidas e sómente são admittidas as *analyticas*, quando a comparação reeáe entre duas qualidades:

Pedro é mais bom do que sabio, mais grande na coragem do que nas forças — El-rei D. João era mais grande que pequeno (G. Rezende) — Duas canastras mais grandes que pequenas (A. de F., 368).

3.º *Melhor e peor* são egualmente adverbios comparativos de *bem* e *mal*. As linguas romanicas, de accordo com a tradição latina, servem-se dos adjectivos *bom* e *mau* para indiar o caracter das pessoas, e dos adverbios *bem* e *mal* para indiar o estado, p. ex.:

Fulano é bom e está bem, é mau e está mal. — Estar bem de saude = bene valere, bem rico = bene nummatus — Quem é bom de contentar menos tem que chorar. —

Para designarem o estado de saude, empregam naturalmente os adverbios *bem* e *mal* e os comparativos — *melhor* e *peor*, p. ex.:

Os doentes estão bem ou estão mal, estão melhor ou estão peor — Aquelle que se vai achando melhor (de saude) ha de fazer exercicio = Qui meliuseulus esse cepit, adiecere debet exercitationes (Bluteau).

Porém, a phrase — *fulano está bem* tem adquirido um sentido especial de *estar bem de cabedades* ou *de posição social*. Dahi uma certa perturbação em portuguez quanto ao uso do adv. *bem* para indiar o estado de saude. Para obviar uma tal ou qual confusão, é corrente no fallar commum: — *o doente está bom, eu já estou bom (restabelecido)*. Raramente se diz: *o doente está bem, eu já estou bem*, no sentido da recuperação da saude. Este desvio, por parte do portuguez, da tradição romanica é, pois, determinada pelo instineto da clareza. Mas esta intromissão do adj. *bom* na esphera do adv. *bem*, vae repercutir natu-




ralmente no respectivo comparativo *melhor*; e, por isso, não raro se diz no fallar quotidiano: *os doentes estão melhores, nós já estamos melhores*, ao lado de — *os doentes estão melhor, nós já estamos melhor*.

A analogia tende a communicar ao comparativo *peor* este novo sentido do seu antonymo (*melhor*), se bem que o positivo *mal* não tenha soffrido alteração no seu sentido generico, de sorte que se diz: *os doentes estão mal, estão peor*, e, vulgarmente, *estão peores*.

540. A LIGAÇÃO DOS TERMOS DO COMPARATIVO DE SUPERIORIDADE. Dois eram os processos do latim na ligação do segundo termo de um comparativo de superioridade: ou ia o segundo termo, em geral, para o mesmo caso do primeiro, a que se ligava pela conjunção *quam*, ou ia para *ablativo*, sem qualquer connectivo, p. ex.: *Paulus doctor est quam Petrus*, ou — *Paulus doctior est Petro* = *Paulo é mais sabio que ou do que Pedro*. — *Non est servus major domino suo*.

O v. port. empregava largamente em taes casos dois processos correspondentes a esses processos latinos.

a) *Primeiro processo de ligação dos termos do comparativo*. Este processo correspondia ao primeiro latino, que consiste em ligar o segundo termo com a conjunção archaica *ca* (←  *quam*), e mais tarde *que*. Exs.:

Quando vos amava mais ca si (Chres. Arch. 306) — Melhor o fezo ca o non disse (Ib. 271) — E que peor poss'aver ca seu desamor? (Ib. 231) — Ca lhe quero melhor ca mim (Ib. 221) — Mui maior mal avedes ca el, que morrer vedes (Ib. 305) — Quando vos el amava mais ca si, por que lhi nou fezeste ben enton? (Ib. 306) — Quand'eu perdi aquella que amar sabia mais que min, nem outra ren (Ib. 228) — Sonhei que me vëra dizer aquel que me milhor que a si quer: falade mig', ai meu lum'e meu ben!... o que me sabe mais que si amar (Ib. 286) — Cousas mais altas que ty não buscarás (L. Conselh. 314) — Porque mataste aquelle mouro que era melhor que ti (T. Port., Liv. de Linh., 255) — Meus filhos que eram já melhores que mim (Ib. 246).

Obs. Este processo, com o connectivo *que*, ainda é vigente; o que é archaico é o emprego do pronome obliquo tónico (*mim, ti, si*), onde hoje empregamos o caso *recto eu, tu, elle*, ou os mesmos obliquos preposicionalmente, conforme funcionam, no segundo termo de comparação, como sujeito ou como complemento do predicado elliptico.

b) *Segundo processo da ligação dos termos de comparativo*. Este processo correspondia ao segundo processo latino, e consistia em ligar o segundo termo de uma comparação por meio da preposição *de*. Era largamente usado no v. port. e, se bem que archaizado, temos delle muitos vestígios no uso actual da lingua, como abaixo veremos. Exs.:

Aquela por que trobado avedes e que amastes vos mais doutra ren (=de outra cousa=do que outra cousa) (Chrest. Arch., 261) — Amigo, nunca eu euidel que vos perdesse, come vos perdi por quen non parece milhor de mi (=melhor do que eu) (Chrest. Arch. 275) — Pois mi dezedes, amigo, ca mi queredes vos melhor de quantas eno (=no) mundo son (me quereis mais do que quantas no mundo existem) (Chrest. Arch. 293) — Ouveran de vos peor reposta com obra da que ouveron esses outros del-rel don Affonso, vosso avoo (do que a que houveram) (Ib. 161) — E os eristãos pereceron melhor (=mais) da quarta parte (=do que a quarta parte) (Ib, 123) — Pero são certão (estou certo) que mi queredes peor d'outra ren (T. Arch. 22) — Eu, senhores, sam hũa dona senhora deste castello, que já em outro tempo vivi alegre, e com menos dor da que agora tenho (do que a que agora tenho — Palm. I. 238) — Com mais pressa da que trouxera (do que aquella que...) se tornou para elles (Lucena, I, 98) — Maior espectáculo, ó Tibre, vês estes dias daquelle que viu antigamente o Jordão (=do que aquella que viu... A. V., Obs. S. 3. 141) — Se o cabelo tirar a amarelio e estiver mais delgado do ordinario (*solito subtilior*=do que o ordinario), elle os declarará immundo A. P., Lev. XIII. 30) — Porque razão está hoje o vosso semblante mais triste do costumado (do que o costumado) (A. P., Gen. XL. 7) — Não vos ha de valer mais d'aquillo que eu quizer (G. V., ap. J. Moreira).

Nota-se em alguns desses exemplos *melhor* valendo por *mais*: *Ca MELHOR poder tecdes vós ca elle* (Cortesão).

Obs. Este segundo processo, archalizado em portuguez, manteve-se normalmente em italiano, e o exemplo de Vieira acima citado é de um sermão seu, escripto e prégado em italiano, e pelo mesmo vertido em portuguez. Largos vestígios temos ainda hoje dêsse processo comparativo nas seguintes expressões ainda vigentes: *maior de 20 annos, mais de 2 leguas, e notarão muito MENOS daquillo* (do que aquillo) *que querião* (Lus. 2. 9), *maior da marca*. E em Portugal ainda se ouve entre o povo: é melhor ca mim, é mais felo ca ti (Cortesão) E ainda, segundo J. Moreira, apparece hodiernamente a mesma preposição *de* introduzindo o segundo termo de comparação em phrases semelhantes a estas: *O que não significa que dahi lhe venha mais responsabilidade da que lhe pudesse advir do facto de pôr a sua assignatura nesses diplomas* (Estudos I, 56). Confirma o que diz J. Moreira o seguinte passo de Herculano: Desde então poderoso vassallo da coroa...

ARCH (greg.): — archi-sabio, archi-são (hybridismos depreciativos).

RE: — re-são, re-tolo, re-seu.

Quem assim resiste a morte é são, re-são e archi-são (A. C., Doent. 158) — Você lá, meu neto, é tolo e re-tolo (Id., ap. E. Carneiro) — Isto é seu e re-seu.

547. SUPERLATIVO ABSOLUTO, ANALYTICO. Ao lado do superlativo organico em latim, havia um outro *inorganico*, *analytico* ou *periphrastico*, de uso restricto na linguagem culta, mas, com toda a probabilidade, de largo uso no lat. pop., onde o impulso analytico já ameaçava o synthetismo official do fallar da nobreza romana. Consistia este processo, empregado para evitar o hiato em certos adjectivos, em encarecer a significação de adjectivo por meio de um adverbio adequado, p. ex.: — *pius* — *maxime pius* (por *pissimus*) *noxius* — *maxime noxius*, *idoneus* — *maxime idoneus*.

Esta syntaxe foi seguida em portuguez, e o adverbio *muito* e outros equivalentes foram aproveitados para a formação dos superlativos absolutos. — Generalizando este processo analytico, a lingua teve a vantagem de poder graduar o superlativo absoluto por meio da variedade de adverbios de que dispõe, v. gr.: *muito justo*, *multissimo justo*, *extremamente justo*, *excessivamente justo*, etc.

No portuguez archaico a preposição *per* funcionava, ás vezes, como adverbio de encarecimento ou reforço: *Mays do que dixes gran favor per ey* (Nobiling. D. J. de Guilh., p. 34 = hei muito grande favor — *per gran*)

548. REDUPLICAÇÃO. O methodo de reduplicação na formação do superlativo nos veio do lat.: *multo formosissimus*, *longe nobilissimus*, *multo pulcherrimus*. O v. port. e mesmo os nossos classicos imitaram-n-o mais largamente do que hoje se faz. Exs.:

Dos mui muito ciumes nace o mui muito amor (G. V.) — Por muito minimo que fosse (F. M. P., Per., ap. E. Carneiro) — Muito reverendissimo padre Fr. Thomé (A. V., C., ib.) (cf. mui sapientissimo senhor) — Artifice mui primo neste genero (Serões 341) — Hoje ainda dizemos em linguagem familiar: — isto é muito muito difficil, é feio feio até onde pôde ser; processo paralelo aos dos subst. — *horas e horas*, *noites e noites*, e

semelhante ao hebraísmo — *senhor dos senhores, cantico dos canticos*. E' corrente na mesma linguagem a reduplicação organica de *grande*: "No teu tempo, grandessissima alcalota, não tinham os sgraes mancebos mouros" (A. H., Mon. 1. 75).

549. SUPERLATIVO RELATIVO. O latim não possuía fórma especial para o superlativo relativo; empregava para esse effeito o superlativo absoluto seguido de genitivo: *maximus oratorum* = *o maximo dos oradores*. — Quando o superlativo latino vinha desacompanhado do genitivo, o sentido absoluto confundia-se com o relativo: *carmina pulcherrima* = *bellissimos cantos*.

Desappareceu esta syntaxe, que só subsiste na linguagem culta, como um latinismo literario: *Brandão, o judiciosissimo de nossos historiadores, provou...* (A. C., P. Hist. 1. 101).

550. A lingua vernacula substituiu esse processo latino por um outro, que evolueu do comparativo de superioridade e inferioridade com o desenvolvimento do artigo. Consiste elle na anteposição do artigo definido ao comparativo de superioridade ou inferioridade, e da prep. *de* ao termo de relação: *o mais eloquente dos oradores, a maior das virtudes, o menor sabio dos homens*.

Obs. A particula relacional *de* dos superlativos relativos é a ligação archaica do comparativo, de que já tractámos. Esta particula sobrevive não só nos superlativos relativos, mas ainda, como vimos, em algumas phrases meramente comparativas, como — *mais de um metro, maior de vinte annos, menos de cinco leguas*. Póde esta particula nos superl. relativos ser substituida por — *entre* ou *d'entre* os oradores, como, allaz, em lat. o genitivo podia ser substituido pelo ablativo ou accusativo, regidos respectivamente de *ex* e *inter*: *Allissima arborum*, ou *ex arboribus*, ou *inter arbores* (Chassang). — Não se repete em portuguez o artigo, como se faz em francez, quando o substantivo anteposto ao seu adjectivo no grau superlativo já vem acompanhado dessa determinativo — *a flor mais bella de todas é a rosa, e não: a flor a mais bella de todas...* E' frequente a ellipse do termo de relação: *Não discordaram os mais intransigentes*.

551. Certos adjectivos, pela sua propria significação, não podem *logicamente* ter graus de significação, tacs como:

Redondo, quadrado, circular, infinito, angular, immenso, enorme, infallivel, lateral, mortal, immortal, argenteo, aúreo, plum-

beo, ferreo, eburneo, cuprico, duplo, triplo, medio, maternal, filial, hybernal, morto, vivo, casado, solteiro, nocturno, diurno, dluturno, diario, nascido, francez, brasileiro, bahiano, americano, absurdo, eterno, illimitado, moral, divino, preferivel, principal, physico, arterial, perenne, latino, perfeito.

Porém *grammaticalmente* muitas dessas palavras, no caso de emphase, mormente no v. pórt., assumem flexão e fórma gradativa — *perfeitissimo, vivissimo, enormissimo, immensissimo, principallissimo, portuguezissimo, redondissimo*. — Commetteu o mais enorme de todos os erros (A. V., S. 5. 6) — Ao que Epirantes Delfim de França que era pessoa muy principal respondeo (Tav. Redond. 30) — Fica aqui a mais principal desta lição na Historia (J. B., Dec. ap. Serões 341) — Não desmerecia no mais minimo o conceito, que nestes pontos de herolea impavidez havia conquistado (L. C., ap. Serões 341) — E' o homem na pequenez da mais miserima e limitada existência (C. C. B.) — E o que á vontade se faz mais impossivel, mais deseja (A. Ferr.).

552. AUGMENTATIVOS E DIMINUTIVOS SUPERLATIVOS. A mpitos adjeetivos dá a lingua graus do subst. — *augmentativo* e *diminutivo* equivalentes ao *superlativo*: *feanção, pobretão, santarrão, soberbaço, toleirão, parceirão, seccarção, grandalhão, ignorantão, fracalhão, velhacão, atrevidação, bonitinho, bonitote, bomzinho, quietinho, quentinho, pequenito, pequerrucho, pèquerruchinho, pobrete, sozinho, junctinho, chegadinho, agarradinho, soegadinho, caladinho, escondidinho, baixinho, deitadinho, dormindito, maiorzinho, menorzinho, peorzinho, melhorzinho, maiusculo, minusculo.*—Os diminutivos teem sentido *affetivo*, e os augmentativos são *depreciativos*. Com igual valor de enareamento depreiatiivo dispõe a lingua do suffixo-udo: *orelhudo, cabeçudo, olhudo, ossudo, cspadaudo, cabelludo, gordanchudo, testudo, barrigudo, façanhudo, sanhudo, nari-gudo, beçudo, forçudo, peitudo.*

Adjectivo e pronome determinativos

553. Os adjectivos determinativos, que se diseriminam dos qualifieativos em terem por função modificar a *extensão* do substantivo, figuram frequentemente como pronomes, bastando a ausencia, na phrase, do substantivo. Muitos delles, além disso, teem fórmãs espeeiaes, que com o desaparecimento dos substantivos neutros, assumiram funções pronominaes exclusivas ou quasi exclusivas. Nes-

te estudo especial, eneará-los-emos no duplo aspecto *adje-ctivo e pronominal*.

Artigos

554. Não possuía o latim artigos; dahi a falta de precisão em certas phrases, como: *lego librum*, que pôde ser — *leio livro*, *leio o livro* e *leio um livro*. O progresso de espirito eritico, na evolução analytica das linguas romanieas, determininou o apparecimento dos *artigos definido e indefinido* por uma attenuação no valor significativo dos determinativos latinos — *illum* e *unum*.

555. ARTIGO DEFINIDO. O artigo definido (*o, a, os, as*) desenvolveu-se do demonstrativo latino *illum* = *aquelle* (*illo* → *lo* → *o*, *illa* → *la* → *a*, *illos* → *los* → *os*, *illas* → *las* → *as*), com o enfraquecimento successivo de seu valor demonstrativo, a tal ponto que o julgam alguns *vasio* de sentido, como que tendo exgottado, em seu esvasiamento progressivo, todo seu conteudo significativo. Phenomeno este que se dá egualmente com o numeral *um*, quando funeeiona como artigo indefinido. Provam, entretanto, os celebres grammaticos de Port-Royal, que elles conteem em si valor determinativo ou conteudo significativo, com as seguintes phrases: *Luiz, filho de Carlos*; *Luiz, o filho de Carlos*; *Luiz, um filho de Carlos*. Evidentemente a presença dos artigos traz sentido novo: no primeiro caso, a auseneia do artigó deixa indeterminado o substantivo *filho*, que pôde ser unico ou não; no segundo, a presença do artigo definido indiea que o *filho* é unico; no terecio, que é um dentre outros.

Como no hespanhol e no italiano, a primeira syllaba do original latino *illum*, deu no portuguez medieval, o artigo *el*, cujo emprego se restringiu á palavra *rei* (*el-rei declarando todo esto el rey seu marido* (F. Lopes).

556. Originaram-se os artigos da necessidade de determinação e clareza na enunciação do pensamento; porém, só paulatina e gradualmente se foram elles generalizando ao largo uso que delles faz a lingua actual. No v. port. nota-se muitas vezes a auseneia de artigo, onde o reelama hoje a lingua. Exs.:

Trabalhade em quanto haveades lume de vida (Reg. de S. Bento) — Parte-te de mal e faze bem (aparta-te do mal e faze o bem (Ib.) — Deu-lhe hũa tal vestidura que trouxe de parayso (Aff. o Sabio) — ...seguir de yoõtade comprimento de maldade (D. Duarte, L. Cons.) — Adoeceo logo nesse dia e enyo em cama (F. Lopes, Chr. de D. Fern.)

557. Ante os nomes geographicos era frequente a ausencia do artigo. Exs.:

As terras viciosas de Africa e Asia andaram devastando (C. Lus.) — Vitorias que Italia nã nega (Ib.) — Sujeitos ao imperio de Alemanha (Ib.) — Longe de Macedonia estão as gentes.

558. USO DO ARTIGO NO V. PORTUGUEZ. Nos proverbios, que são preciosos legados da antiga linguagem, e em certas *phrases feitas*, que resistiram ao desenvolvimento do artigo, temos authenticas amostras de seu emprego restrieto no v. port.:

a) **Proverbios:** Mais val amigos na praça que dinheiro na arca (J. de Vase., Eufrosina) — A ma capelão, ma sacristão; a ma amo, ma moço; a ma ehaga, ma herve, que avarento rico nam tem parente nem amigo (Ib.) — Comadres e vizinhas a vezes hão farinha (Ib.) — Mais val roim asno, que ser asno, e asno é quem asno tem, mas mais asno quem o nam tem (Ib.) — Guarte de homem, que não falla, e de cão que não ladra (Adag. F. R. I. L. E. L.) — Delta-se homem pelo ehão, por ganhar gabão. — Agua e pão de corrida se vão — Mais apaga boa palavra, que caldeira de agua — Asno com fome bugalhos come — Raposa, que muito tarda, eaga aguarda.

b) **Phrases feitas:** Faliar verdade; vir de casa, ir para casa, sahir de casa; ter coragem, medo, vergonha, fome, sede, tempo, razão; pôr fim, pôr em duvida, estar em perigo, entrar de posse, fazer face, fazer frente, declarar guerra, tomar posse, dar licença, achar melo; traduzir de franeez em ou para portuguez; pôr joelho em terra; passar a nado (*a la nage*); vir a voga surda (Academia Real de Selencia) — Esta omissão do artigo dá-se principalmente com os termos abstractos.

Mui cedo se começou a desenvolver o artigo nas linguas romanicas, pois já documentos do sec. VI offerecem numerosos exemplos, segundo Diez, em que o demonstrativo *ille* se apresenta com um valor articular, isto quer dizer, com sua força demonstrativa de logar ou posição no tempo e no espaço, attenuada ou enfraquecida.



559. POSIÇÃO DO ARTIGO. O artigo precede sempre o nome, bem como qualquer adjectivo ou complemento anteposto ao nome modificado: *o rio, o grande rio, o das aguas gigante*.

Abrem excepção a esta regra os adjectivos *todo* e *ambos*, que reclamam a posposição do artigo: *todo o homem, todos os homens, ambas as mãos* (cf. *o homem todo, as mãos ambas*).

No v. port. apparece frequentemente omittido o artigo com o determinativo *todo*, quer no singular, quer no plural, e igualmente com *ambos*. Exs.:

Nellas sós experimenta toda sorte de tormentos (Lus. 3. 39) ... e segura toda Hespanha da juliana mã, e desleal manha (Lus. 4. 49) — ... e nunea faltaram huns aos outros em todo perigo (J. F. Vaseone. Tav. Redonda 2) — ... guardada de toda e conversação averá tres annos (Ib. 35) — ... caminhando com toda pressa (Ib. 36) — ... grandemente destro em todas armas (Palm. 1. 13) — O de salvage vendo que o outro vinha tras ella armado de todas peças sahio a recebello (Ib. 205) — Nos vemos aqui todo mundo jazer morto, a niarteiro e a door (de martirio e de dor) (Chrest. Areh. 47) — Começa-se a travar a incerta guerra, de ambas partes se move a primeira ala (Lus. 4. 30) — E dizem que esta foy uma das perfladas batalhas que se viram no mundo, em que dambas partes se pelejou igualmente (Tav. Red. 9).

Quando Roma a todas velas
Conquistava toda a terra,
Todas donas e donzellas,
Davam suas joias bellas
Para manter os da guerra
G. Vleente, Ohrs. 2. 362)

Obs. Quando o v. port. interpunha o artigo no plural, havia assimilação e aglutinação — *todolos membros* (todos los m = todollos m = todolos m), *totalas partes, totalas cousas* (Palm. 1, 12, 20, 29). — O adjectivo *só* admittê em certos casos a posposição do artigo, como *todos* e *ambos*: *só o homem, quem de só o amor se pagava*.

560. Hoje a omissão do artigo no plural não mais se tolera por anti-cuphonica, embora Fylynto e A. Castilho empreguem ás vezes esse archaismo.

Quanto á omissão no singular, só é admissivel quando *todo* tem o sentido distributivo de *cada*: *todo homem é mortal, mas todo o homem (= homem todo) não é mortal*. Não havendo sentido distributivo, é de rigor o artigo. Exs.:

De mais sciencia, tacto e agudeza não cremos que se ache em todo o mundo (no mundo inteiro), sem exceptuar o reino de Pegu, a Polynesia e a Cafraria (A. II., Mon. 1. 181) — Estes diziam respeito ás necessidades... de cada concelho; aquelles aos de todo o paiz (Ib. 184) — Uma pessoa como vós é sempre desejada e bem vinda em toda a parte (em cada parte) em que houver espiritos grands... (A. II., Monast. 1. 189).

561. EMPREGO DE ARTIGO DEFINIDO. No meio da diversidade arbitraria, que reina no emprego de artigo definido, podemos comtudo, escudados muitas vezes em Diez, estabelecer os seguintes principios:

I. Os només *proprios* só admittem, em geral, artigo nos seguintes casos:

1.º Quando no plural em accepção appellativa: *os Albuquerquees, os Prados, os Vieiras, os Scipiãoes, os Vergilios.*

2.º Quando modificados por adjectivo ou complemento: *o bom Ricardo, a infeliz Dido, o Homero de Portugal, a Galatêa de Cervantes, o Moysês de Miguel Angelo, a Beatriz de Dante, a Natereia de Camões, o divino Platão, o sabio Affonso.* Quando o adjectivo se pospõe, leva comsigo o artigo: *Alexandre o grande, Affonso o sabio, Philippe o bello, Pedro o eruel.*

Exceptuam-se, entretanto: *Carlos Magno, Alexandre Magno, Pedro segundo (II), D. João terceiro (III), Pedro hespanhol, Manuel portuguez,* (Dom João o terceiro em Portugal deste nome, Gil Vicente), *o Camões, o Dante,* etc.

No estylo poetico omittre-se geralmente o artigo: *Roma saneta, Mavorte valoroso.*

Têm valor de adjectivo os *prenomes*, e, por isso, reclamam o artigo: *o Dr. Sylva, o duque Affonso, o rei Eduardo, o P.º Franeiseo, o Rev. Franeiseo de Paula.*

Abrem excepção alguns *prenomes* e o adjectivo apocopado *São* (= *saneto*) e *saneto*: *Frei Germano, Soror Maria, Dom Pedro, D. Luiza, S. Paulo, S. Pedro, Saneto Antonio.*

II. Os substantivos que designam *idéas genericas* em sentido colectivo, isto é, o *genero* ou a *especie* reclamam o artigo:

O homem é mortal, o cão é fiel, o insensato descobre sua ira (stulti in ipsa die cognocetur ira), a mulher diligente é a

coroa de seu marido (mulher diligens corona est viro suo) (Prov. XII. 4, 16).

III. Os nomes *abstractos*, que exprimem qualidades intellectuaes, corporaes ou modo de ser, em sentido absoluto, recebem geralmente o artigo:

Melhor é a sabedoria que o ouro precioso, o somno é a imagem da morte, a justiça é o fundamento da sociedade.

Quando personificados nas ficções poeticas, os nomes abstractos muitas vezes dispensam o artigo. Exs.:

Depois que quiz Amor que eu só passasse

Quanto mal já por muitos repartio.

Entregou-me á Fortuna, porque vlo

Que não tinha mais mal que em ml mostrasse

C. Obs. 3. 7)

IV. Os nomes de *materia inorganica* levam o artigo definido, quando considerados em seu conjuncto: *a sabedoria é melhor do que o ouro, branca como a neve, duro como a pedra.*

Não raro apparece o artigo indefinido: *duro como uma pedra, estúpido como uma porta.*

Às vezes, porém, não apparece nem um nem outro artigo: *claro como agua, negro como carvão.*

V. Omittese, em geral, o artigo ante os substantivos *abstractos* ou *concretos*, quando unidos a verbos formam com elles expressão, que contem uma idéa uniea:

Correr perigo, dar resposta, ter compaixão (=compadecer) pôr peito, pôr nome, metter mão, ter paciencia, ter esperanza (=esperar), ter medo (=temer), ganhar tempo (=contemporizar), pôr fim (=finalizar), prestar juramento (=jurar), fazer festa (=festejar), fazer face, tomar cuidado, sentir fome, causar damno (=daminificar), pedir perdão, travar combate.

O substantivo nestas locuções encerra a idéa principal, e frequentemente podem ser ellas expressas por um verbo que contem a idéa do substantivo como acima se vê. Todavia apparece ás vezes o artigo em phrases semelhantes a estas: *pôr o coração, pôr a mente, cingir a espada*, (ao lado de *cingir espada*), *brandir a lança*.

VI. Semelhantemente em *locuções adverbiaes*, mais que hoje, era, na antiga linguagem, commum a ausencia do artigo:



A pressa, a vozes, a vezes, a occultas, a certas, de joelhos, com espada felta, ouro e flo, de golpe, a corso, a compasso — E a vezes acordava, a vezes esmorecia (T. Port. 137) — D. Fernando, casado, segundo se dizia, a occultas com ella (A. H., L. e N. I. 66) — A certas, falar e ensinar convem ao mestre (Chrest. Arch. 27) — Flecou-se em joelhos ante ella (F. L. Chr. de D. F. 74) — Ao sahir do sol dá de golpe sobre a cidade (A. P. Juiz. IX. 33) — E quando andassem a corso os advertisse (Fab. 57) — A compasso com as glorias de sua gente, namora-o a natureza, o amor, a humanidade (L. C., Cam. 309).

VII. Omittte-se geralmente o artigo definido ante os substantivos *appostos*, e outros que servem de *attributo* ou *predicado*:

S. Paulo, capital do Estado; elle é filho de fidalgo, mesa de marmore, barril de vinho, relógio de ouro, armazem de generos, juncta de bols, elle se mostra homem de coração, nasceu rei de Roma, e morreu coronel austriaco, sou brasileiro (cf. elle é um francez sem luxo, um israelita sem dolo) julgo-o homem de procedimento irreprehensivel.

Notam-se, entretanto, algumas excepções:

Rio das Pedras, lagoa dos Patos, largo da Liberdade, praça da Republica, a mulher do leite. — E para discriminar sentidos: Luiz, filho de Carlos, o filho de Carlos e um filho de Carlos.

VIII. Com os verbos *ter* e *haver* e outros formam-se dois typos de phrase equivalentes, conforme antepomos ou omittimos o artigo definido ao objecto:

A mãe hebréa teve (Lus. 1. 53), e teve mãe hebréa, tem dura a cabeça, e tem cabeça dura, tem os olhos encovados, e tem olhos encovados, trazia longa a barba, e trazia barba longa, tem os olhos pretos, e tem olhos pretos, sereno o tempo tens (Lus. 2. 61), e sereno tempo tens, recebeu com os braços abertos, e com braços abertos (adhuc cæcatum habetis cor vestrum).

IX. Desenvolveu-se no port., bem como no hesp. e ital., o uso do artigo antes do *possessivo* (*o meu chapéo*), como reforço de determinação. Tal uso, porém, é facultativo, salvo o caso de *emphasis*, em que a presença do artigo se impõe (*este é meu livro, e aquelle é teu, este é o meu livro e aquelle o teu*), e o de nomes de *parentesco*, *titulo* ou *dignidade*, em que se impõe, em geral, a omissão, salva a *emphasis*: *meu pae, meu senhor, sua senhoria*. Exs.:

Tanto quome uno de suos fillos, de quanto podessem aver de bona (bens) de seu pater e fillos seu pater e sua mater... foram fiadores de sua Irmanã (Not. de Torto, sec. VII) — El-Rei meu senhor e padre... pensel que Nosso Senhor me dava tanta pena (D. Duart, L. Conselh. sec. XV) — O nosso Ioseph, que até agora encobrio seu amor e represou seus desejos (Balthazar Paes) — Quasi que vosso pae não podia estar uma hora com D. Vivaldo... Ia ainda ver o meu pobre pae, rezar um *pater* juncto á lousa de minha mãe, abraçar Beatriz, minha irmã, tão linda! tão meiga! (A. II, Monasticon) — ...por que de vossas aguas Phebo ordene (Lus. 1) — Fr. Bernardo de Brito... conversa o mesmo logar classico que lhe adquiriram as suas obras... e acham em seus versos o mesmo polimento... que admiram nos seus escriptos... em qualquer das suas obras (F. J. Freire, Reflex.) — Cal-te, satanaz enganador e bulcão, que erêste comprar-me com as tuas promessas e com o teu ouro (A. II, Monast.)... sem respeitarem o bom nome de sua linhagem, o seu grau de cavallaria (Ib.) — Sim, são: são meus fillos, mas não são o meu filho; não o negara Jacob: mas o seu filho era José. Vae muito de ser filho a ser o seu filho (A. V., S.).

X. O mesmo phenomeno de reforço de determinação se observa com outros *determinativos*: *o mesmo homem, o tal homem, o outro homem, o qual homem, os primeiros homens, os dois homens.*

O v. port., como actualmente o fr. e contrariamente ao port. moderno, admittia o artigo antes de *um, uma, uns, umas.* Exs.:

All cavam cavalleiros e cavalos mortos da huma e da outra parte... os hunos partirom a huma parte, e os outros aa outra... os hunos na deanteira e os outros na costaneira (Bat. de Salado) — O ãu ficou por lavar... e o outro er ficou polo matar (Chrest. Arch. 101) — Os que tinham espritos de cavaleiros á huma, e os de piães á outra (Tav. Red. 39) — ...julgando as hũas per verdadeiras e duraveis e as outras per cadueas e vãas (Ib. 271) — ...as demandas que se fazem os hunos aos outros. (Portugalla Monumenta 1. 224).

Ficase porém, julgando
Entre a ãa e outra sorte
Se deis vida dando a morte
Que fareis a vida dando?

S. de M. 52, ed. Michaëlis)

Do sec. XVI foi-se archaizando o *artigo* antes de *um*, porém conservou deante de *outro* na expressão — *um... o outro*, como se vê em Camões:

Assi que hum pela infamia que arreceia
E o outro pelas honras que pretende,
Debatem e na porfia permanecem (C.)

Nem sempre, porém, apparecia o artigo em qualquer desses termos correlativos: *Ho prometerse huma a outro eterno amor* (Tav. Redonda, 95).

Obs. A esta época em que o artigo definido se combinava com o indefinido devemos attribuir a crase da locução adverbial *á uma*. — No fallar do povo descobre-se ainda hoje, aqui como em Portugal, o emprego do artigo antes de *um*, em phrases semelhantes a seguinte, dada por Julio Moreira: “Não escrevi ha mais tempo á uma porque tenho andado bastante adocentado, e á outra porque não tinha grandes novidades para dar. (Est. da Ling. Port. I. 2).

XI. O artigo supprime o *possessivo*, quando se falla das diversas partes de um ser ou de cousa que lhe pertença:

Elle perdeu a fortuna (a sua fortuna), o juizo, a saude e a vida; cortel o dedo (o meu dedo), quebraste a perna (a tua perna); o boi perdeu o chifre; a flor perdeu o viço; doe-me a cabeça, os olhos, os ouvidos; beijo-lhe as mãos; não lhe gabo o gosto; tomou-te a bengala; inflammou-lhe a coragem; esmagou-me o coração.

XII. O portuguez, como o hesp. e o ital., gozam da faeuldade de desembaraçar-se tanto do artigo definido, como do indefinido, mormente no estylo poetico, dando á expressão mais concisão e elegancia, p. ex.:

Elle é estrangeiro e homem de experiencia, expõe principios sublimes de sã philosophia — Galas e mais galas para o corpo, sedas e mais sedas para o corpo, ouro e mais ouro, joias e mais joias, vaidades e mais vaidades para o corpo (A. V., ap. Serões 673).

562. ARTIGO INDEFINIDO. O artigo indefinido desenvolveu-se do numeral *um* (*unum* → *uno* → *ũo* → *un* → *ũ* → *um, unam* → *una* → *ũa*), com o enfraquecimento de seu valor numeral. Com o desenvolver-se do espirito analytico das linguas romanieas attenuou-se em certos casos a idéa numerica, e *um* passou a designar *uma certa coisa*, sem intenção de numero, como — *colhi uma flor, comi uma laranja*. Desde, porém, que na phrase transluz a intenção numerica, conserva *um* a sua categoria primitiva de adjectivo determinativo nume-

ral, como p. ex.: *colhi uma só flôr, comi uma laranja e não duas.*

563. EMPREGO DO ARTIGO INDEFINIDO. O seu emprego, como o do definido, desenvolveu-se gradualmente na linguagem, e, como este, não se submete ainda hoje a regras seguras. Apenas observaremos o seguinte:

1.º Como o definido, o indefinido se antepõe aos outros adjectivos, e só se pospõe a *todo*: *um bom menino, um mesmo homem, todo um mundo.* Exs.:

O que a sua voz havia valido com toda uma Nação, o clamor de toda uma Nação não o pôde acabar com elle (A. C. Q. Hist. 2. 35).

2.º Os substantivos em relação attributiva e predicativa, só levam artigo indefinido, quando seguidos de um complemento, que restringe o seu sentido a uma classe determinada:

Este menino, um alumno do gymnasio, que sempre se distinguu (cf. este menino, alumno do gymnasio, sempre se distinguu); sou um francez expatriado (cf. sou francez, sou brasileiro), és um homem de responsabilidade, és um homem feito (cf. és doutor e deves saber, és doutor em Israel ou és um doutor em Israel, e não sabes estas coizas?)

3.º Existia no v. port. o emprego *partitivo*, hoje arcaico, do indefinido, como se lê em Camões:

Huns vão nas aimadras carregadas,
Hum corta o mar a nado diligente;
Quem se afoga nas ondas encurvadas,
Quem bebe o mar e o deita juntamente

(Lus. 1. 92)

564. ARTIGO PARTITIVO. No v. port. a preposição *de* só ou combinada com o artigo definido ou com outro determinativo, regendo o objecto de um verbo transitivo, adquiriu o valor de um determinativo de quantidade indeterminada, a que os grammaticos francezes deram o nome de *artigo partitivo*, p. ex.:

Comerás do leite, ouvirás dos contos, e partirás quando quizeres (R. Lobo) — Desta agua não beberei (cf. *je veux du pain*).

565. ORIGEM HISTÓRICA DO PARTITIVO. A syntaxe do parágrafo antecedente desenvolveu-se do latim popular, que ao lado de — *edere panem* (comer pão), criou a phrase *edere de pane* (comer do pão), com valor francamente partitivo (Darm.). St. Agostinho escrevia em seu latim medieval: *Sacrificare de animalibus*. (Conf. III. 7). Tal phenomeno, aliaz, se explica facilmente, segundo Brunot, com a phrase ainda vigente — *dois de entre elles*, onde o valor partitivo da preposição *de* abre logicamente o caminho para vir a significar *uma certa quantidade de* (alg. coisa). (466).

Além disso, como observa Diez, em latim empregava-se a preposição *de* após alguns verbos para indicar a subtração de uma parte de um todo material, como em grego *ἀπο* e em allemão *von*. O v. port. com o francez estendeu este uso ás idéas abstractas, dando amplo emprego á prep. *de*, acompanhada ou não do artigo, com valor partitivo.

Esta syntaxe, que se fixou em francez, foi-se restringindo em portuguez, de sorte que hoje não é tão corrente como na velha lingua. Exs.:

Tomade das melhores sementes desta terra e das outras especies (Chrest. Arch. 92) — E depois que foi esperto logo de comer lhe pedia (T. Port. 108) — E elle pediu-lhe per aravia da agua... ca sse nom podia d'alli levantar (T. Port. 251, Liv. de Linhagens) — All poderia omen veer de bôos cavaleiros d'ũa parte e doutra (Chrest. Arc. 45, Morte do Rei Artur) — Aeho do pão onde quer a troco ou doutra maneira (S. de M. Obs. 397) — Comem trigo e nós d'avea (Ib. 389) — Desque me roubaste da aima do corpo, e da fazenda (Id. 2. 188). — E mandar-m'heis das cebolas (G. V., Rubena).

Obs. Ao mesmo processo syntactico pertence o pronome partitivo *delles* tão commum no antigo portuguez. Exs.:

Saem todos juntamente deles em magotes e deles em aazes (em fileira) longas, e deles em aazes de coinha (cunha ou triangulo) e lidam com o poder dos turcos (T. Port. 283-234, Liv. de Linhagens) — Deles levantaram pedras, e çambarcos e paos (F. Lopes, Chron. de D. Fernando) — Delles mettidos até a elnta, delles até o pescogo (S. de M. Obs. 2. 205).

Todalas cousas criadas
Tem seu fim determinado:
Dellas per tempo alongado.

Dellas mais abreviadas
Dellas per curso meado.

(G. V. Ohrs. 2. 486)

Eu tenho multos thesouros,
Que lhe poderão ser dado,
Mas ficarão encantados,
Delles de tempo de Mouros,
Delles dos antepassados.

Ib. 484)

Demonstrativos

566. ORIGEM HISTORICA DOS DEMONSTRATIVOS ESTE, ESSE, AQUELLE. Possuia o latim trez demonstrativos, que se relacionavam respectivamente com as trez pessoas grammaticaes, a saber: *hic* = *este*, *aqui perto de mim*; *iste* = *esse*, *ahi perto de ti*; *ille* = *aquelle*, *lá perto delle*.

Rejeitou o portuguez *hic*, e *iste* assumiu o seu papel syntactico; e, para preencher o logar deste, tomou a lingua *ipse* (☞→ *esse*), que era demonstrativo de identidade (*ipse* = *o mesmo*).

Conservou *ille* o seu valor syntactico, porém passou para o portuguez na fórma reforçada *aquelle* ←☞ *accu* + *ille*. Além desta fórma reforçada, deu-nos ainda *ille*, em sua fórma simples accusativa (*illum*, *illam*, *illos*, *illas*), os demonstrativos attenuados — *o*, *a*, *os*, *as*, *o* (neutro).

Guardam, pois, os demonstrativos — *este*, *esse*, *aquelle* o valor locativo de — *hie*, *iste*, *ille*.

567. *Este*, *esta*, *isto*. Possui este demonstrativos trez fórmas genericas oriundas das fórmas genericas latinas: masculina — *iste* ☞→ *este*, feminina *ista* ☞→ *esta*, neutra — *istud* ☞→ *esto* ☞→ *isto*. Com o desaparecimento do neutro latino, esta terceira fórma assumiu em portuguez, função pronominal, e só readquire sua função original de adjectivo, quando anteposta a outras fórmas pronominaes neutras, legadas pela lingua-mãe, p. ex.: *isto tudo*, *isto mesmo* (cf. *tudo isto*, *mesmo isto*).

568. Guarda este demonstrativo, na evolução da lingua, o valor syntactico de demonstrativo da 1.^a pessoa grammatical, em contradistineção de *esse* e *aquelle* que res-

pectivamente se relacionam á 1.^a e 2.^a pess. grammatical: *este livro* (perto de mim), *esse livro* (perto de ti), *aquelle livro* (perto delle ou afastado da 1.^a e 2.^a pessoa). Por analogia, na ordem dos termos no discurso, *este* se oppõe a *aquelle*, designando este um termo mais *proximo*, e *aquelle* mais distante:

Pedro e Paulo foram apóstolos; este dos gentios e *aquelle* dos judeus.

A quem trarão
Rosas a roxa Cloris,
Conchas a branca Doris;
Estas flores do mar,
Da terra *aquellas*. (C. ap. Serões 351)

Obs. A fórma archaica *esto*=*isto* apparece nos documentos de nossa lingua até o sec. XV: Além d'esto este senhor se abstinha de todas las viandas e cheiros (Fr. J. Alvarez, Chron. do Infante Santo).

569. *Esse, essa, isso*. A triplice fórma deste demonstrativo da 2.^a pess., tem a explicação e applicação, de que tratámos no paragrapho antecedente (*ipse* \rightsquigarrow *esse, ipsa* \rightsquigarrow *essa, ipsum* \rightsquigarrow *esso* \rightsquigarrow *isso*). Como *isto*, passou *isso* (arch. *esso*) para a categoria de pronome, e só readquire sua função adjectiva primitiva deante de um outro pronome neutro (*isso tudo, isso mesmo*).

570. Cumpre, porém, observar, com o eminente grammatico o Dr. Ernesto Carneiro; que em referencia a um pensamento que se vae enunciar emprega-se *este* e não *esse*, contrariamente ao que fez o P.^o Antonio Vieira, no seguinte trecho (Serões 352), o que demonstra que a evolução analytica não havia completado o seu cyclo em relação a esses demonstrativos:

Essa era a obrigação de fiel ministro: adorar a seu Senhor e adoral-o sempre!! Porque *essa* era a bizarra natureza dos raios: ferir e executar primeiro!! *Essa* differença houve entre Christo e os outros homens: que os outros começam a vida pela idade do homem

571. *Aquelle, aquella, aquillo*. No latim popular, como na baixa latinidade, era habito syntactico iniciar a phrase com a particula reforçativa *ecce* (= *cis*). Já na época de Plauto se encontra *eccille* (= *eee* + *ille* = *ekille*), *ceciste*,

ecum (= *ecce eum* = *ei-lo*). O mesmo valor reforçativo tinha em latim *atque*. Da fusão de *atque* e *ecum* teríamos, segundo Boureiez, *aeu*, que do *romance* passou, combinado com *iste* e *ille*, para o v. port. nas fórmulas de — *aqueste*, *aquesta*, *aquesto*, *aquille*, *aquella*, *aquello* = *aquillo*.

As fórmulas *aqueste*, *aquesta*, *aquesto*, arcaizaram-se, e desaparecem no sec. XV, porém, *aquelle*, *aquella*, *aquillo* vingaram. Quanto á syntaxe, dão-se com ellas os mesmos phenomenos já estudados nos paragraphos antecedentes.

Das fórmulas reforçadas de *este* (*aqueste*) e hoje rejeitadas, damos os seguintes exemplos, extrahidos das Regras de S. Bento, um dos monumentos do portuguez archaico:

Quem ouve aquestas mhas paravras, e as faz, semelharey a el o barom sages, que eivigou (edificou) a ssa casa sobre a pedra, veerom os rrios; soprarom os veentos, e impetarom (fizeram impeto) naquela casa, e não caeou, a certas era fundada sobre pedra. E nostro Senhor complinte todas estas cousas esguarda (olha) de cada dia aquestes seus sanctos amoestamentos nós, per feyços dever responder (T. Port. 84) — E por aquesto a loemos, mais (=mas) quem a non loará (C. Arch. 173).

572. *Isto, isso, aquillo, o*, assumem, por attracção, a fórmula adjectiva, quando na phrase ha substantivo, a que se possa referir, v. gr.: *Este é o motivo; censura deste que se chama costume.* (A. V., ap. E. Dias).

573. Percebe-se em certas phrases da v. lingua a attenuação de *aquelle*, que nos deu, da fórmula simples — *ille*, o pronome *elle*, p. ex.:

Primaliã vio hũa estatua a manelra de home tã natural como Dom Duardos que por vezes o pos em duvida se poderia ser *aquelle* (=elle) (Palm. I. 33) — Depois de partido ficou a eidade de Constantinopia tã erma, que parecia não ser *aquella* (=ella) (Ib. 28).

574. *O, a, o*. Esta tripliee fórmula do pronome demonstrativo, tem a sua origem etymologica no mesmo termo latino, que o demonstrativo *aquelle*, excluido o reforço, isto é, no accusativo do demonstrativo *illum* (☞→ *ello* ☞→ *lo* ☞→ *o*), *illam* (☞→ *la* ☞→ *a*), *illud* (☞→ *ello* ☞→ *lo* ☞→ *o*). Tem, pois, syntaeticamente o valor attenuado de — *aquelle*, *aquella*, *aquillo*. Além disso, a sua derivação etymoogica coincide com a do *artigo definido*,

com o qual morphologicamente se confunde, e do qual syntacticamente apenas se discrimina pela ausencia do substantivo a que se refere: elle não é mais, portanto, do que um *artigo pronominado*.

Do artigo definido, entretanto, elle se distingue facilmente não só avocando a si a função pronominal, mas podendo ser substituído por *isso* ou pelo seu cognato reforçado — *aquelle, aquella, aquillo*, p. ex.: *O (aquelle) que semeia espinhos, colhe abrolhos — O (aquillo) que eu te digo, o (isso) não sabes agora, sabê-lo-ás (saberás isso) depois.*

Importa ainda não confundir este pronome demonstrativo com o pronome pessoal, caso obliquo da 3.^a pess.: — *o, a, os, as*, cuja origem etymologica é egualmente identica a delle.

O pronome pessoal (*o, a, os, as*) apresenta-se na proposição como accusativo de verbo transitivo, a que vem *enclitico* ou *proclitico*, ou ainda *mesoelitico*, tendo sempre referencia a um substantivo enunciado antecedentemente; e pôde ser substituído por — *a elle, a ella, a elles, a ellas*: *amo-o = amo a elle, venero-as = venero a ellas.*

O pronome demonstrativo (*o, a, os, as, o*), porém, não se refere a nome antecedentemente expresso, pôde funcionar como sujeito do modo finito, e é conversivel em *esse, isso, aquella, aquillo*. Serve frequentemente de antecedente ao relativo *que*, e a fórmula neutra tem sempre referencia a um attributo ou predicado ou sentido antecedente, p. ex.:

E porque os Reys são *os* a quem mais neste mundo se furta, porque tem mais de seu; ou por que não se resguardão porisso tanto como *os* que tem menos: seja-me licito dar aqui huma palavra a ElRey nosso Senhor (A. de F.) — Honrae as viuvas que o são verdadeiramente (A. C., ap. Serões 680) — Que doudo pensamento he o que sigo? (C.) — O espaço que estava por passar-lhe parecia mayor do que de seu natural o era (Palm. I. 135).

575. O demonstrativo *o* neutro pôde referir-se a um substantivo conereto tomado em sentido generico, e, consequentemente, *abstracto*: *Sois mãe? Sou-o. — São ellas donas desta casa? São-n-o.*

Se, porém, estes substantivos forem tomados em sentido especifico e determinado, o pronome assume a fórmula

masculina ou feminina para os effeitos da concordancia: *Sois a mãe deste menino? Sou-a — São ellas as donas desta casa? São-n-as.* — A's vezes, porém, e apesar do artigo, o sentido é *abstracto*: *Sois a mãe dos pobrcs? Já o fomos.* — *Fostes os donos desta casa? — Não o somos, porém, sê-lo-emos.* — “Nós os homens costumamos dizer que as mulheres são curiosas. Nós é que o somos” (A. H., ap. Serões 679) — “Mas durarão por muito tempo esses restos das mais formosas de todas as artes? Não o esperamos” (Id. ib.)

576. O demonstrativo *o, a, os, as*, antepõe-se, muitas vezes, a um *genitivo*:

A grammatica de Pedro e a de Paulo, o trabalho do alumno e o do professor, a coragem do soldado e a do capitão, a morte da mãe e a do filho, as opiniões da imprensa e as da nação, a auctoridade do rei e a do Imperador, amo o amigo da verdade e não o da popularidade.

Póde-se supprimir o demonstrativo, quando não ha contraste, e necessidade ou intenção de se discriminar os dois *genitivos*, mormente quando constituidos por substantivos abstractos, e assim dois *grupos de coordenação*, assignalando idéas distinctas, convertem-se em um *grupo de subordinação*, assignalando uma idéa complexa:

A morte da mãe e a do filho encheram de tristeza toda a familia, ou — a morte da mãe e do filho encheu de tristeza toda a familia; a proclamação do direito e da liberdade humana effectuou-se no Calvario; o amigo da verdade e da caridade tem em si o espirito do christianismo; a coragem do soldado e do capitão é admiravel; o trabalho do alumno e do professor é grande — O furor de offender ou veneer o duro imigo, faz não sentir, que he perda grande e rara, (a) dos membros corporaes, da vida ehara (Lus. 4. 39) — A esse ruldo assoclava-se o do patear de mulas de pagens e de hecaneas de donas e donzellas e o de muitas vozes que se eruzavam (A. H., Mon. 2. 162) — As historias de duendes e espectros e almas penadas e possessos e diabretes constitulam na edade media um systema de doutrina (A. H., Mon. 2. 168).

577. Aparece ainda o demonstrativo *o, a, os, as* anteposto pleonasticamente a um *genitivo*: *José Bonifacio, o da independencia; Judas, o da traição; Pedro princiro, o do Brasil.*



578. O demonstrativo *o, a*, indica a *ellipse* de um substantivo (em geral *homem*), deante de um complemento attributivo: *os de Luso, os de vossa nação; os que sabem, esperam; os que morrem, revivem.* — “O da fortuna o deixou, partindo-se d'elle alegre de o vencer, porque sabia camanho era o preço deste cavalleiro” (Palm. I. 148).

579. *Mesmo*. Anteposto, tem *mesmo* o valor de *idem*, indica identidade, e reclama o artigo ou outro demonstrativo: *o mesmo homem, este mesmo homem, as mesmas palavras*; posposto, corresponde a *ipse*, e tem o sentido de *proprio*: *o homem mesmo, este homem mesmo, eu mesmo, nós mesmos.*

Funciona tambem como adverbio com o valor de *até*: *Convem mesmo não discutir, mesmo ella não pôde crer, chegaram mesmo a entrar.* Observa, entretanto, E. Dias que “os classicos não empregam *mesmo* adverbialmente, senão, por ventura, juncto de adverbios pronominaes: *aqui mesmo, já mesmo, agora mesmo (nunc ipsum)*.”

No *port. arch.* *esso mesmo, esse mêdês*=isso mesmo era empregado como o valor de — *tambem*.

Conjunctivo ou relativo

580. Chamam-se *conjunctivos* ou *relativos* certos adjectivos (*o qual, cujo, quanto*), e pronomes (*que, quem*), que tem por função ligar uma proposição a um termo enunçado na proposição antecedente, representando-o como *sujeito* ou *complemento* da proposição ligada. Ao adjectivo e pronome, que assim serve de connectivo e se relaciona com um substantivo da proposição ligante ou subordinante, dá-se appropriatedamente o nome de *conjunctivo* (de *conjun-gere* = *conjunctar, ligar*) e de *relativo* (de *relativum, que se refere ou relaciona*). Taes palavras, que desempenham na syntaxe o duplo papel de particula relacional e de membro da proposição relacionada, pedem dois termos, um chamado—*antecedente* e o outro *consequente*, que occupam respectivamente posição importante nas proposições ligadas: o *HOMEM, o qual (HOMEM) practica o bem, é bom, ou quem practica o bem, é bom, o HOMEM, cuja PRACTICA é boa, não é hypoerita*, ou — *a practica do qual é boa, não é hy-*

pocrita. Dos exemplos se vê que o *consequente* do adjectivo (o *QUAL*), é idéntico ao *antecedente* (HOMEM), e vem quasi sempre occulto, execto quando queremos dar emphasis; que o *pronome* (*que*) não admite consequente elaro, e é conversivel no adjectivo *o qual*; que o adjectivo *cujo* tem consequente (*practica*), diverso do antecedente (*homem*), e é equivalente a — *do qual*. Exs.:

Arremeteo contra ho gigante, o qual vinha cavalgado em uma besta fera (Tav. Redonda), — E d'aqui en diante vus direi en quaes cousas segundo rason (Chrest. Arch. 183) — Ouvlia ao longe uns brados de feras espantosos, cujo medo me arreplava toda (A. F., Castro 44).

Amor é um fogo que arde sem se ver;
He ferida que doe e não se sente;
He um contentamente descontente;
He dor que desatina sem doer. — (C. Sonetos)

581. *Que*. Este pronome relativo, como já vimos, revela-se pela sua posição na phrase depois de um substantivo seu *antecedente* e pela sua conversibilidade na forma composta do adjectivo seu equivalente (*o qual*, *a qual*, *os quaes*, *as quaes*). Elle se colloca sempre á testa da proposição por elle ligada, da qual é um membro (*sujeito* ou *complemento*).

Sendo *que* invariavel em genero e numero, pôde muitas vezes haver duvida quanto a seu antecedente, desde que, haja dois ou mais substantivos antecedentes, em *grupo de coordenação* ou de *subordinação*.

1.º *Em grupos de coordenação* podem-se apresentar varios substantivos coordenados antes do *relativo*, e haver duvidas se a referencia deste diz respeito a todos ou só ao ultimo, p. ex.: *São sentimentos perigosos a ira, a impaciencia e a inveja, que todos detestam*. Neste exemplo, apesar da virgula antes de *que*, ou da pausa, que ella indiea, poderia ainda haver alguma duvida sobre se o antecedente do relativo é apenas *inveja* ou igualmente os outros dois termos coordenados (*impaciencia* e *ira*), como a posição da mencionada virgula ou pausa parecee indiear. Se jogassemos a virgula para antes da conjunção *e*: *São sentimentos perigosos a ira, a impaciencia, e a inveja que todos detestam*, o sentido determinado por essa virgulação ou entoação



propria, indicaria *inveja* como o antecedente exclusivo e o unico objecto da detestação de todos. Porém, em ambas as pontuações, a construção deixa a interpretação duvidosa, e mais seguro é mudar-se a ordem dos termos, e dizer-se, conforme o sentido que á phrase quizermos dar: *São sentimentos perigosos, que todos detestam, a ira, a impaciencia e a inveja*, ou — *São sentimentos perigosos a inveja, que todos detestam, a ira e a impaciencia*.

2.º *Em grupos de subordinação* pôde dar-se a mesma confusão, quando os substantivos *subordinante* e *subordinado* forem ambos determinados, p. ex.: *Cónsignamos a gloria da virtude que é constante*, onde ficamos em duvida sobre qual dos dois termos determinados (*gloria* e *virtude*) é o antecedente do relat. *que*, e, portanto, a qual delles attribuir o predicado *constante*. Se, porém, um delles for indeterminado, não haverá ambiguidade, pois o relativo se refere ao determinado, como se vê nas seguintes phrases: *Tenho o vestido de seda, que comprei*, e — *Tenho vestido da seda que comprei*: na primeira phrase é evidente que comprei o *vestido*, e no segundo a *seda*.

Quando o relativo *que* é sujeito, e os antecedentes são de diversos numeros ou generos, frequentemente o verbo ou o predicado nominal clareiam a referencia: *o orgulho e a inveja que é detestada, a inveja e o orgulho que são detestados; a gloria do homem, que é vã; os livros do alumno, que se perderam*.

Além desses expedientes para elueidar qual o antecedente do pron. *relativo*, possui a língua um outro processo, que consiste em se empregar pelo pronome o adjectivo relativo seu equivalente (*o qual, a qual, os quaes, as quaes*), que pela concordancia pôde revelar o antecedente em muitos casos embaraçosos.

No latim não se produz tal amphibologia, pois as flexões genericas e numericas do pron. relativo (*qui, quæ, quod*) accusam logo o antecedente: *Tumens inani Graculus superbia*, PENNAS, *Pavoni quæ deciderat, sustulit* (Phedro).

582. Quando o antecedente do pron. *que* é o demonstrativo *aquelle*, é corrente hoje a precedencia immediata

deste, p. ex.: *E' justo aquelle que practica a justiça, ou — aquelle que praetiea a justiça, é justo.*

A v. ling. nem sempre assim se portava, e frequentemente distanciava o relativo do demonstrativo seu antecedeente, p. ex.: *Aquelle é justo que praetiea justiça.* Desta construeção são abundantes os exemplos em escriptores quincentistas, e nas maximas populares, que estereotypam as fórmãs da antiga linguagem. Exs.:

Bias diz que aquelle he desventurado que não pôde sofrer a desaventura. Diogenes diz: *Aquelle he mais infelice q mays trabalha por ser mays felice* (H. P., Imag. 1. 35, 268) — *Aquelle é guardado, que Deus guarda* — *Aquella é boa e honrada, que está viuva sepultada* — *Aquella é bem casada que não tem sogra nem cunhada* — *Aquelle é teu amigo que te tira do arrokdo* — *Aquelles são rleos que teem amigos* — *Aquelle vae mais são, que anda pelo chão* — *Aquelle ha de chorar, que teve bem, e veio a mal.*

583. *Quem.* Este pronome relativo só pôde ter antecedeente expresso, quando regido de preposição: *o homem de quem fallei.*

Fóra deste caso, *quem* emprega-se em sentido *absoluto*, contendo em si o *relativo* e o seu *antecedente*, é uma *expressão synthetiea* equivalente a—*o que, aquelle que, a que, aquella que, os que, aquelles que, as que, aquellas que*, p. ex.:

Quem semela ventos, colhe tempestades= o que semcia ventos... aquelle que semela ventos... a pessoa que semela ventos...; não sei quem irá= não sei aquelle que irá; sou eu quem falla=sou eu aquelle que falla. E não saberem quem é por quem molro (T. Arch. 20).

Pelejo com quem trata paz comigo;

De quem guerra me faz não me defendo (C. Obs. 2. 61)

Em sentido absoluto *quem* vale, pois, por — *homem que*, e interrogativamente vale por — *que homem* (ou *que pessoa* :

Ide-vos, varom, quem vos foy aqul trajer? (T. Arch. 24) — Quem de meu proprio mal me faz amigo? (C.).

584. EMPREGO DOS PRONOMES RELATIVOS. A fórmã *quem* do relativo emprega-se hoje quando o antecedeente é nome

de *pessoa*, e *que* quando é nome de *coisa* ou *pessoa*: o *homem* de quem se *traeta*, o *negocio* de quem se *traeta*, a *coisa* ou a *pessoa* que *vi*.

O v. port., porém, não se subordinava a estas regras, e o *que* preposicional referia-se mais vezes do que hoje a *peçoas*, e o *quem* a *coisas*. Exs.:

A bella dona por que eu trovava e que não dava nulha ren (nada) por mi (J. de Guilhade) — ...vivendo muito contente com sua mulher Druslanda a que querla muyto (Tav. Renonda) — Foi bem recebido dos irmãos e d'outros, a que prouve com sua vinda (F. Lopes, Shrs. de D. Fernando) —

Andando, as lacteas tetas lhe tremião,
Com quem (=que) amor brineava e não se via
(Lus. 1. 49)

Eu sou aquelle occulto e grande Cabo
A quem (=que) chamais vós outros Tormentorio
(Ib. 174)

Obs. Modernamente escreveu A. Castilho imitando o uso archaico: "Não lhes basta para miseria o andarem quasi sempre malavindos com a fortuna? o duvidarem a miudo da gloria por quem se matam?"

585. Além da equivalencia entre *que* e *quem*, dava-se ainda no portuguez archaico a equivalencia entre — *que* e *qual*, o *que*, o *qual*.

Com dous mil homes se lhes pôs deante, pelo qual (=pelo que) a briga tornou ao primeiro estado (Peregr. 1. 54) — Ti-nhame grande inveja pelo qual (pelo que) mastigava (S. de M., Obs. 2. 90) — Soube logo a danada tenção de Telorique da que (da qual) se rlo muyto (T. Redonda, 2).

586. QUE E QUEM COMO INTERROGATIVOS. Empregam-se como interrogativos *que* e *quem*, tanto na interrogação *directa*, como: — *Que faze?* — *Quem está ahí?* — como na *indirecta*: *Pergunto que fazes* — *Quero saber quem está ahí* — *Dize-me quem és.* — Seguido de subst., *que* assume função de adject.: *Que homem é esse?*

Na interrogação *directa* são empregados em sentido absoluto, sem antecedente; porém na *indirecta* podem vir com antecedente expresso:

Vêde o que faria (A. V.) — Dize-me o que queres de mim, que será tudo feito a teu talante e vontade (A. H., L. e N. 1,

36) — O Callidio, amigo da minha alma, que te drey? que te drey? que te fárey? por taes novas e a tal tempo? (S. de M. Obs. 2. 152) — Quem pôde livre ser, gentil Senhora, vendo-vos com julzo soegado? (C. Obs. 2. 35) — Quem he, que tão gentil louvor derrama? (Ib., p. 22)

Se pena por amar-vos se merece,
Quem della estará livre? quem isento?
E que alma, que razão, que entendimento
No instante em que vos vê não obedece?
(C. Obs. 2. 46)

Que sonha a donzella
Tão vaga, tão linda
Bemquista e bemvinda,
Na terra ou no céu?
Que faz? que medita,
Que scisma? que pensa?
Que o selo lhe agita
Tão bravo escareáo
(G. D., Poes.)

Que doudo pensamento é o que slgo?
Apoz que vão euidado vou correndo? (C. Obs. 2. 61).

587. Existiu na lingua uma tendencia para se reformatar o interrogativo directo *que* pelo demonstrativo neutro (o que?), tendencia que é hoje um facto não só no fallar do povo, mas no uso frequente de abalisados escriptores modernos. A pequena extensão desse interrogativo e a sua atonicidade em posição proclitica reclamavam esse natural reforço, aliaz favorecido pela analogia da interrogação indirecta (*dize-me o que queres de mim* (A. H.).

Se bem que rarissima, encontra-se entre os nossos classicos a fórma *o que* interrogativa, indicando, por ventura, esses exemplos esporadicos que não era tal fórma extranha ao fallar do povo. Em Sá de Miranda lemos: *O que farey a estes rostos que tão asinha se mudam?* (Obs. 2. 98), e em A. Vieira: *Cortam-se as amarras, embareae-vos: e o que succede?*

Hodiernamente essas fórmas compostas interrogativas superabundam em bons escriptores. Exs.:

O que? o que? — perguntaram varias vezes (A. H., Monast. 1. 216) — O que será felto de Frei Timotheo (Ib.) — O que é o direito de propriedade? (A. H.) — Castello de S. Angelo, castello de S. Angelo, o que dirias tu se fallasses? (Id. Cas. Civ. 122) — Logo se não é drama, o que é? (A. C.) — Sel. O quê?

O que tu não tens animo para me dizer, Carlos (G. Viag. 2. 167) — Tudo o que, Georgina? (Ib., 211) — O que vae por essa alma, ó Rei? (G.) O que será, padre? (Ib. 21. 122) — E' verdade. O que será? (R. da S. Odio 48) — E o que lhe pôde fazer a gente? (Ib. 57) — Meu rico papázinho! — O que ha de responder-lhe (A. C., O Doente, 64) — Agora, com licença, pergunto-lhe uma coisa. — O que é (Ib. 26) — Vá, que malvado? — A Antonia. — O que te fez? (Ib. 40) — O que é isto? que temos? que foi Simpliciozinho? (Ib. 48) —

O que te fez meu filho, o que os Troianos,
Que após tragos lethaes, não só de Italia,
Do universo os cancellos se lhes trancam?

(O. Mendes, Eneid., 1. 245)

588. Frequentemente apparece no v. port. o relativo *que* com antecedente elliptico, e *que*=*o que* :

Ela disse aa donzela que lhe non dêsse que (=o que) comesse, nem que bevesse (Chr. Arch. 67) — Mays cada que (=cada vez que) que quiserdes cavalgar... e cada que vós audardes senheira (J. de Guilh. 70. O. Nobiling) — Bofá não fei que cuida? (Euphr.) — ...seria necessario despovoarem-se todas as cidades, e irem-se todos aos desertos, que (=o que) seria grande inconveniente (H. P. II, 10, ap. E. Dias)

Vem tão ledo — sus cear!

Como se tivesse que;

E eu não tenho que (=o que) lhe dar

Nem elle tem que lh'eu dê. — (G. V. Obrs. 3. 8).

Ella com tristes e piedosas vozes,

Sahidas só da magoa, e saudade

Do seu Principe e filhos, que deixava,

Que (o que) mais que a propria vida a magoava

(Lus. 6. 124)

589. *O que*. Na fórma composta *o que*, discrimina a analyse funcções distinctas, recalindo entre os dois pronome os limites das duas proposições: — *não sabes o que dizes*. Sendo *que* complemento do 2.º verbo, a elle deve reger a preposição reclamada pelo seu verbo, p. ex.: *não sabes o de que tractei*. Entretanto, é commum, neste caso, recuar-se a preposição regente para o primeiro elemento — *não sabes de que tractei* — “Eis de que nos accusa o Sr. Visconde (A. H., Cas. civ., 8, ap. E. Dias), por — *Eis o de que nos accusa...*” — ...“replicar seriamente a homens, não só ignorantes e ineptos, do que elles não tem culpa, mas que falsificam, truncam, omittem as palavras do adversario (Id, ib.)”.

590. Empregavam nossos elassieos *quem* em sentido *partitivo*:

Quem lhe dava uma ovelha, quem um carneiro, quem um novillo (S. de Menezes, ap. Scrões 354) —

Huns vão nas almadias carregados
Hum corta o mar a nado dligente;
Quem se afoga nas ondas encurvadas,
Quem bebe o mar e o delta juntamente (Lus. 1. 31).

591. PESSOA, GENERO E NUMERO DE QUE E QUEM. O relativo *que* é sempre da pessoa, genero e numero do seu antecedente, para os effeitos da concordancia com o verbo e predicado nominal, quando sujeito: *A vida, que é rapida, foge; os instantes, que passam, voam.*

Esta attracção do sujeito, pôde ainda operar-se no relativo através de um predicado, como se vê no exemplo de Camões: *Eu sou aquelle occulto e grande Cabo, que nunca... fui notorio*, onde *que* attrahido pela pessoa do sujeito *eu*, através do predicado-antecedente *aquelle Cabo*, leva o verbo *fui* para a 1.^a pess. No caso da suppressão desse predicado, a attracção é de regra: *sou eu que pago, és tu que pagas, é elle que paga, somos nós que pagamos, sois vós que pagaes*; expressões que analyticamente se resolvem em: — *eu sou o (ou aquelle) que pago, tu és o que pagas, elle é o que paga*, etc.

592. O relativo *quem* guarda, em regra, a sua autonomia de pronome da 3.^a pessoa, maseulino, singular: *Mas eu sou quem me faz a maior guerra* (C., Ohrs. 2. 65) e — *Quem não é com meu mal engrandecido* (Ib. 80).

Entretanto, quando posposto immediatamente ao pronome pessoal, pôde deixar-se attrahir por elle e impor ao verbo, de que é sujeito, o numero e a pessoa do pronome antecedente. Exs.:

Não foram elles só quem vos mataram (M. B.) — Sou eu quem fallo (J. S. Barbosa) — Na innocencia do infante és tu quem fallas (G. D. Poes. 2. 312) —

E' meu poder quem apura
Os vicios que a mente encerra
Ao fogo da minha dor.
Sou eu quem prende aos céus a terra,
Sou eu quem ligo a creatura

Ao ser do seu Creador. — (G. D. Poes, 2. 18)
Eu, porém, no peito amante
Sou quem fomento a paixão — (Ib. 238).

593. *Qual*. *Qual* é a forma primitiva, que é posteriormente reforçada e diferenciada pelo artigo definido — *o qual*.

Nos primeiros documentos da lingua do sec. XII e XIII, apparece *qual* com o valor de *que* e de *o qual*:

E fezeles ajudas, quales aqui oviredes (Notiela de torto) —
Qui a morador over a firmar ou jurar jure ou firme com moradores ó con vizinhos quaes over (T. Port., Tor. do Cast. de Rodrigo).

No sec. XIV já apparece a forma composta:

E mandou vir comigo ãa mui onrada dona... a qual, quando veo achou jazer aos pees do santo bispo Nono (Ohrest. Arch. 105).

Até o seculo XVI encontra-se *o qual* = *o que*.

Pela grande mercê que lhes fizera em lhes restituir suas fazendas, *pelo qual* (= *pelo que*) todos lhe ficavam... por subditos e vassallos (Peregrin. 1. 273).

594. EMPREGO DE QUAL. O relativo *qual* assume, no desenvolvimento da lingua, varios aspectos syntacticos, como passamos a mostrar:

1.º No periodo inicial da lingua escripta, *qual* assume o valor syntactico de *que* e *o qual*, isto é, exerce francamente as funções de adjectivo relativo, como fizemos ver no paragrapho antecedente: *E fezeles ajudas, quales* (= *quaes*) *podedes saber; firme con vizinhos quaes over*.

Do sec. XIV em deante esta função adjectiva começa a ser exercida pela forma composta *o qual*, *a qual*, *os quaes* e *as quaes* :... *ãu mui onrada dona,, a qual achou jazer aos pees do santo bispo Nono* (Vide § antecedente).

2.º Serve ainda *qual* para discriminar entre dois ou mais objectos, mormente em phrases interrogativas:

Quando estes souberam quaes eram as intenções dos arabes... a atrocidade do sacrilegio afugentou-lhes a menor sombra d'hesitação (A. H., Eur. 139) — Qual é o teu nome? Qual dos dois? Qual delles? — Mas, em qual coração resta hoje virtude e esforço, no vasto imperio d'Hespanha? (A. H., Ib. 29)

Não me lembra em que escriptura
Nem sei em quaes distincções
Nem a copia das razões — (G. V. Obs. 1. 99)
Onde porei meus olhos que não veja
A causa de que nasce o meu tormento?
A qual parte me irei eo'o pensamento,
Que para deseansar parte me seja? (C., Obs. 2. 60)

Oh! mar! oh céu! oh minha escura sorte!
Qual vida perderei que valha tanto,
Se ainda tenho por pouco o viver triste? (Ib. 90).

3.º Em phrases parenthesisas: "...os transe, qual mais doloroso, por que successivamente passava (A. H. Eur. 228).

4.º Desenvolveu-se largamente *qual* como correlativo de *tal*, maxime nos anexins populares e nas ampliações dos poetas.

Qual o rei, tal a grei — Quaes palavras te dizem, tal oração te fazem — Qual pergunta farás, tal resposta terás — Qual o tempo, tal o tento — Qual é o eão, tal é o dono — Qual é Maria, tal filha cria — Qual contra a linda moça Polyxena... o duro Pyrrho se aparelha... taes contra Ignez os brutos matadores... se encarniçavam (C.).

5.º Entre os correlativos *tal* e *qual*, *tal* é o termo regente e a sua posição é na oração *subordinante*, e *qual* é o termo regido e a sua posição é na oração *subordinada*; entretanto, de accordo com o caracter synthetico da lingua archaica, nota-se nos exemplos acima a precedencia de *qual*. Esta inversão generalizou-se.

E' mui commum no v. port. a ellipse do correlativo *tal*.
Exs:

Senhor, não me matedes, ea eu farei qual preito (=tal preito qual...) — Des all em diante fez el rei en toda sa terra arcebispos e bispos quaes el quis, (=taes quaes el quis) (Chrest. Arch., 72, 73) — Soldados briosos, quaes (taes quaes) são os portuguezes, não usão cousa de fayança (A. de F.) —

Ful dos filhos asperrimos da terra
Qual (*tal qual*) Encelado, Egeo, e Centimano
(Lus. Obs. 171)

Alexandre, Marilla qual (*tal qual*) o rio
Que, engrossando no inverno, tudo arrasa,
Na frente das ehortes



Cerca vence, abrasa
As cidades mais fortes — (Gonzaga)

Ah! não sabia. Estimo.
Se for qual m'o hão pintado, é'um optimo arrimo
que te fica no mundo; e rapagão perfeito

(A. C., O Doente, 20)

6.º No port. arch. apparece ás vezes *qual* como termo de ligação do comparativo de egualdade:

Am (=hãõ) tam gram colta no seu coraçõ, *qual* m'eu por mia (mia=minha) senhor vejo levar (T. Arch. 23).

7.º Como correlativo de *tal*, *qual* é adjectivo qualificativo, e conserva o valor do original latino *qualis*. Entretanto, quando a correlação não se refere a dois termos expressos na clausula subordinante e subordinada, mas ao sentido de ambas, *tal* e *qual* assumem as funcções de adverbio de modo, e ficam invariaveis: *Tal correm os annos, qual as aguas para o oceano.*

8.º E' de uso classico o emprego de *qual* como partitivo ou distributivo, quando, como *quem*, é repetido em phrases coordenadas, com o valor de — *este, esse, aquelle*.
Exs.:

Qual mais, qual menos, toda a lã é pelos (Prov.)

Qual vai dizendo: O' filho a quem eu tinha
... ..
Qual em cabello: O' doee e amado esposo
... ..
(Lus. 4. 90)

A hum Cochim, e a outro Cananor
A qual Chalé, a qual a ilha da Pimenta,
A qual Coulão, a qual Cranganor,
E os mais, a quem o mais serve e eontenta (Lus. 7. 35)

Dos eavallos o estrepito parecee
Que faz que o ehão debaixo todo treme;
O eoração no peito que estremeee
De quem os olha, se alvoroga e treme.
Qual do eavallo voa, que não dece,
Qual co'o cavallo em terra dando, geme,
Qual vermelhas as armas faz de braneas,
Qual co'o penacho do elmo açouta as aneas.
(Lus. 6. 63)



Qual trementes no espeto enrosea os lombos,
Qual fogo atíça aos caldeirões na prala
(O. M. Eneld. I. 226)

9.º Preeceido de *cada*, fôrma o pronome composto *cada qual*:

Bem como a cada qual eoubera em sorte (C.) — Cada qual mais pasmado que medroso, se estranha a força que no outro encontra (G. D. Poes. 2. 158).

Com o mesmo valor de *cada qual*, emprega-se *qual* preeceido de preposição *a* — *a qual*. Exs.:

Construi passarolas de Iearo, para andar a qual mais depressa, estas horas eontadas de uma vida toda material (G. Viag. 1. 22) — A qual mais prestes, os Gamos, os Veados, vão busear outros elimas (Fab. 154) —

Vinha um velho borraeho, e uma borraeha
Velha tambem com maternal carinho
a sustel-o, a gual-o, a qual mais tropego.
(A. C. Os Fast. 2. 61)

Est'outro manjar tereeiro
Foi guizado
Em tres logares de dor,
A qual maior
Com lenha de madeiro
Mais prezado — (G. Vie. Obsr. 1. 208)

Alvorocados, soffregos, regressão
a qual mais prestes se apresente em Roma
a qual nos maternaes saudosos lablos
colhendo um beijo eolherá um imperio.
(A. C., Os Fast. 1. 116)

10.º *Qual a qual* é locução pronominal, que, como *cada qual* e *a qual*, tem valor distributivo. Exs.:

Que ellas só doze são: e descoberto
Qual a qual tem cahido das eonsortes,
Cada uma escreve ao seu por varlos modos,
E todos a seu Rei, e o Duque a todos (C., Obsr. 1. 208)

11.º *Qual* une-se ainda com o verbo *querer* para formar o adjectivo — *qualquer* (pl. *quaesquer*):

No portuguez archaico os dois elementos apparecem separados. Exs.:

Por todo ome por que prindaren, de qual parte quer (de qualquer parte), vaya e saque prinda (T. Port. 79, Foros de Castello Rodrigo).



Podera Sancta Maria
grande os seus acorrer
em qual logar quer que seja
e os de mal defender (T. Port. 119)

Em Camões *qualquer* assume frequentemente o sentido distributivo de *cada um*:

Qualquer em terra salta ligeiro,
Que nenhum dizer pôde que he primeiro (Lus. 1. 87)

Qualquer então consigo eukda e nota
Na gente e na maneira desusada (Lus. 1. 57).

Assi que lum pela infamia que arrecea
E o outro pelas honras que pretende,
Debatem e na porfia permanecem:
A qualquer seus amigos favoreceu — (Lus. 1. 34).

Mas por não darem no penedo immoto,
Onde pereão a vida doce e chara,
A âncora solta logo a Capitaina,
Qualquer das outras junto della amaína. (Lus. 2. 28)

12. *Qual* emprega-se ainda como interjeição: *Qual!* não acontecerá isso.

595. *O qual*. Esta fórma composta com o artigo definido, que já apparece nos documentos do sec. XIII, assume desde logo o character de um adjectivo relativo equivalente ao pronome relativo *que*, com o qual alterna, no discurso, as suas funcções.

Não ha eousa a qual natural seja (que natural seja), que não queira perpetuo o seu estado (C.) — Cessem as navegações grandes que fizeram (as quaes fizeram) (Id.).

Este adjectivo relativo tem, em regra, no uso actual, o seu *antecedente* claro, e o *consequente* occulto, como se vê no exemplo supra de Camões, e, só no caso de emphase, torna-se expresso o consequente.

Mais commum que hoje era vir no v. port. expresso o consequente. Exs.:

El meteu um camafeo na boca, o qual camafeo avia partido com sua mulher (Chrest. Arch. 66) — Dou ao mōasterio de Santa Oufemea un casal pola alma de mia madre, dona Mariã Rodriguez, o qual casal ela avia en Meoma (Chrest. Arch. 18).

596. EMPREGO DO RELATIVO O QUAL. Sobre o emprego do relativo *o qual* importa observar:

1.º Até o sec. XVI encontra-se muitas vezes *o qual* empregado pela fôrma neutra *o que*:

Pela grande mercê que lhe fizera em lhes restituir suas fazendas, *pelo qual* todos lhe ficavam por subditos e vassallos (Peregr. 1. 273).

2.º Um outro uso mui frequente no port. arch. e hoje raro era empregar o relativo *o qual* com o consequente claro, sem antecedente expresso, ou talvez, melhor, o consequente pelo antecedente. Exs.:

Vimos surtas multíssima quantidade de vellas... *a qual vista* (vista a qual...) nos meteu em tamanho temor... que nos tornamos a sahr muyto ealadamente (Peregr. 2. 296) — Havla um homem poderoso chamado Abed Ramon, filho Manhyá, e neto de Daxon, e bisneto de Abbedelmelec, o qual avô e bisavô foram tambem Calyfas (Dec. 1. 6) — Sempre inquiria dos Mouros as cousas de dentro do sertão da terra... A qual diligencia (diligencia a qual...) lhe respondeo com o premo... (Ib. 19) — O testemunho da qual verdade se vio no que lhe fizeram em Moçambique... o qual engano e tração nunca achara (Ib. 348) — Não assim a maravilhosa historia da Senhora de Nazareth; a qual lenda foi refutada (A. C., Q. Hist., 2. 78).

3.º Sendo *o qual* apenas uma variante syntactica do pron. relat. *que*, só é preferivel ao pronome nos seguintes casos:

a) Para evitar ambiguidade, e clarear a referencia do antecedente. Exs.:

Descobrimos... ha terra rasa, a modo de lizra, situada no melo do rio a qual podia ser de poueo mais de hũa legua (Peregr. 1. 300) — Os echristãos veem deseer... um rio de fogo que se precipita em turbilhões, contra o qual não valem armaduras de ferro (A. H., Tomada de Silves).

b) Para dar emphase ao antecedente avocado, e neste caso, poder-se-á reforçar a emphase, expressando-o como consequente. Exs.:

Fol delle senhor ho gigante Aldemburque... filho de Burquedal... *o qual* Burquedal ouve este filho (T. Ded. 39) — Entramos dentro no porto, *o qual* era uma formosa angra... fizeram saber a Antonio de Faria, *o qual* eo supito (subito) daquella nova ficou tão fora de sy que quasi perdeu de todo a pacienela, e por se temer de algum motim, *o qual* se começava já de yr ordenando (Peregr. 1. 288) — Larga e memoravelmente se pugnou... com

grande perda... particularmente dos Francos, os *quaes*, mais leões que soldados, corriam a esgrimir mais perto dos muros (A. C. Q. Hist., 2. 45) — Ainda mais aterrada com esta apparição aerea, a *qual*, sem azas e suspensa no vaeuo, a contempla absorta (Ib. 26).

c) Para amenizar o estylo, fugindo á monotonia da repetição de *ques*, os *quaes* por vezes sobrecarregam a plirase. Exs.:

E quanto a te dizerem que te faço agora esta viagem mais comprida do que em Llampos te promety, tu sabes a rezõ porque o fiz, a qual no tempo que te dey, te não pareceo mal (Peregr. 1. 235).

4.º Quando preposicional, o *qual* póde substituir *quem*, dando mais variedade ao discurso:

Em minha vida avia de vingar a sua morte, pelo sangue do qual (de quem) juro diante de todos vosoutros (Peregr. 1. 101).

597. *Cujo*. Este adjectivo relativo ou conjunctivo reclama, no uso vivo da lingua actualmente, *antecedente*, e *consequente*, expressos e differentes, que tanto podem ser *peessoa* como *coisa*. Elle evoca a idéa do genitivo latino, e é conversivel analyticamente em — *de que*, *de quem*, *do qual*, *dos quaes*, *das quaes*. A sua concordancia se opera com o seu consequente. Exs.:

E tu nobre Lisboa, que no mundo
Facilmente das outras és prneeza,
Que edificada foste do facundo
Por eujo engano foi Dardania acesa (Lus. 3. 57)

Entrando a boca já do Tejo ameno
Co'o arraal do grande Affonso unidos,
Cuja alta fama então subia aos céos,
Foi posto cereo aos muros Eliseos (Lus. 3. 58)

Na dura Moçambique em fim surgiras,
De euja falsidade e má vileza
Já serás sabedor... (Lus. 5. 84).

598. ORIGEM DE CUJO. Opinam alguns que o etymo deste adjectivo relativo devemos buseá-lo, não no genitivo *cujus* de *qui*, *qua*, *quod*, mas no adjectivo cognato — *cujus*, *cuja*, *cujum*, que emprega Cicero no seguinte trecho:

Ut optimam conditione sit is cuja res sit, eujum periculum (Verr. 2. 1. 54) = Esteja nas melhores condições aquelle cuja é a causa, cujo é o risco.

O que torna possível esta origem é apparecer o mesmo adjectivo latino nas comedias de Plauto, denunciando este facto que tal vocabulo fazia parte do lexico popular (que, aliaz, é realmente a fonte historica de nosso vocabulario), como se vê no seguinte exemplo citado por A. Pimentel:

Is Helenam abduxit, cuja causa nunea facio absido Illo (Bacch. 4. 9. 24) — Argentum pro Istisee ambabus, cuje erant domino dedi. (Id.)

599. EMPREGO DO CUJO. Fundamentando-se nesta origem, opina o sr. Adriano Pimentel que *cujo* deve restringir o seu emprego á idéa de posse. Assim, pois, na phrase latina: *Magnus Dominus, cujus timor initium est sapientie*, aquelle *cujus* não corresponde ao nosso *cujo*, e erro seria, segundo o abalisado latinista acima citado, traduzir-se — *O senhor altissimo, cujo temor é o principio da sabedoria*, pois o Senhor não *possue* o temor, não é o *sujeito* de temor, mas o *objecto*.

Neste caso o emprego correto de *cujo* deve preencher tres condições:

1.^a Importa que o *antecedente* e o *consequente* sejam diversos (*o homem, cujo caracter...*).

2.^a E' necessario que *cujo* seja conversivel em *do qual, da qual, dos quaes e das quaes* (*o homem o caracter do qual...*).

3.^a Importa igualmente que o antecedente seja o *possuidor* e o consequente a *cousa possuida*; assim em *homem cujo caracter*, está correto o emprego, porque o antecedente *homem* é o possuidor e o consequente *caracter* é a cousa possuida; porém, já não se dá o mesmo em *cholera cujo temor...*, pois que *cholera* não é possuidor ou sujeito de *temor*, mas a causa ou objecto de *temor*.

Entretanto, o uso classico e corrente da lingua não auctoriza esta 3.^a condição, mas sanciona as duas primeiras.

Cujo é syntacticamente um genitivo, e, como o genitivo latino, póde elle ser *subjectivo*, em que ao *antecedente* se



liga a idéa de posse, é o *possuidor*; e pôde também ser *objectivo*, em que o *antecedente* repelle a idéa de posse, e se apresenta como a causa ou *objecto* de facto expresso pelo consequente (*remedium doloris* = o remedio da dor, a dor cujo remedio..., *amor virtutis* = o amor da virtude, a virtude cujo amor nos leva a lanços de heroismo).

O que repugna, porém, no uso do genitivo objectivo em certas phrases, é a natural confusão, que já em latim, se dava, entre o *genitivo subjectivo* e o *genitivo objectivo*, confusão que convem obviar, nos casos particulares, sem contudo proserver da lingua o emprego do genitivo objectivo em relação ao *cujo*. Aparece sempre a ambiguidade de sentido, proveniente da confusão entre os dois *genitivos*, toda vez que o *consequente* for um termo de significação relativa e o *antecedente* puder ser razoavelmente *objecto* ou *sujeito* da significação desse termo, p. ex.: se dissermos — *o homem, cujo temor...*, ha ambiguidade de sentido, pois o *homem* pôde ser o *objecto* ou o *sujeito* do *temor*, pôde ser a *causa* ou o *possuidor* do *temor*; a ambiguidade persiste, ainda que convertamos *cujo* em *do qual* — *o homem, o temor do qual*, ou *do qual o temor*; se, porém, dissermos *o cholera, cujo temor...*, não ha ambiguidade: *cholera*, não pôde ser razoavelmente o *possuidor*, só pôde ser o *objecto* de *temor*; o *genitivo*, no caso vertente, ha de ser forçosamente o *genitivo objectivo*.

Não ha, pois, erro em se empregar *cujo* como genitivo objectivo, desde que não haja perigo de confundir-lo com genitivo subjectivo. Esta é a theoria que resalta do uso classico e dos modernos escriptores abalisados. Exs.:

Ouvia ao longe uns brados de feras
espantoso, cujo medo me arriplava toda
A. F., Castro 44

Oh! quanto fenecceo naquelle dia,
Cuja triste lembrança arde em meu peito!
Pois se a Fortuna o fez deseontentar-me
Aquelle gosto em cujo sentimento
A memoria não fez senão matar-me (C. Obs. 2. 90).

Eis-aqui se descobre a nobre Hespanha
Como cabeça alli da Europa toda
Em cujo senhorio, e gloria estranha
Muitas voltas tem dado a fatal roda (Lus. 3. 17)

Desta o pavor nasceo, que no seu nome
Se vê que de homem forte os feitos teve;
Cujá fama ninguem virá que dome,
Pois a grande de Roma não se atreve (Lus. 3. 22).

De repente desapareceu... sustentando outros que fôra chorar longe da terra natal a mulher, cujo amor valla para elle mais do que a luz e a vida (R. da S., Od. 1, 185) — Uma maravilha daquella noite cuja narração parece procedera da propria tenda do Principe (A. C., Hist. II. 40).

No polo extremo ao occupado pelo snr. Adriano Pimentel collocam-se Filinto Elysió e outros, que dispensam, para o uso correcto de *cujó*, não só a 3.^a condição, mas as duas outras, dando a *cujó* o duplo valor de *do qual* e *o qual (que)*; é assim que escreve Filinto:

Tracta da batalha contra Philippe *cujá* (a qual) nós perdemos — Fez-me o mais iisonjeiro cumprimento, *a cujo* respondi friamente (ap. Serões 678) — Ah! tendes esse famoso Carlos, *de cujo* nos remetteram os signaes. (Ib.)

Tal emprego, porém, não se justifica nem perante a etymologia, nem perante o uso dos bons escriptores, se bem que o encontremos esporadicamente em nossos velhos escriptores:

...hũa pedra, que aa de longe parecya gallee, por cuja razom (pela qual razão) d'alli adyante chamaram aquelle porto o de gallee (Azurara, ap. Dicc. Vieira) — Muito poderoso senhor, o cavalheiro da fortuna, cujo eu sam (o qual sou eu), beija vossas reaes mãos (Palm. 225).

Tal emprego nota-se ainda no povo inculto, em phrases como estas: *Devo uma quantia cuja pagarei, é meu conhecido o homem cujo eu vi.*

600. O emprego de *cujó* era muito mais amplo no v. port. do que o é hoje, se bem que A. Herculano, A. Castilho e outros escriptores conceituados se tenham esforçado por lançar na corrente moderna da linguagem literaria certos usos já obliterados desse adj. relativo. Vejamos alguns delles.

1.^o Era commum na lingua antiga o emprego de *cujó* com o valor pronominal de — *de quem*, sem consequente expresso. Exs.:



Elle disse que vindo em companhia de hũa donzella cujo era, tres cavalleiros a tomaram per força (Palm. I. 148) — Tive que nada fazia em emprehender esta jornada por serviço e mandado da formosa Ariudella cujo sou (=de quem sou) (T. Re donda, 35) — E pondo sua força teve maneira de lhe dar com a ponta da espada pella garganta que lhe fez render o infernal espirito, a cujo era per suas obras (Ib. 225) — Dar o seu a cujo é. (H. P., I, 157)

Nem o meu (coraçon), dixi-lh'eu, ja,
Senhor, nom se partirá
de vós, por cujo s'el tem
(por de quem se tem elle) (T. Arch., D. Diniz)

Ca voss'amor me forçou
Assy, que por vosso m'ey,
Cujó sempre eu já serey (T. Port. 136)

A dama cujo naci
O mor prazer que sente
He dizer-me mal de mi (G. V. Obrs. 2. 501)

Ireis ao porto de Guiné;
Perguntae-lhe cujo he,
Que o não. pôde negar (G. V. Obrs. 3. 61)

O' Alma bem aconselhada,
Que dais o seu cujo he;
O da terra á terra:
Agora ireis despejada
Pela estrada
Porque venceste com fé
Forte guerra (Id. Ib., 1. 209).

2.º Era igualmente frequente o emprego de *cujó* sem antecedente expresso, modificando de ordinario o predicado nominal:

- E perguntou-lhe cuja filha era (Chrest. Arch. 82) — Depois que soubessem cuja aquella povoação era, então responderia (Dec. I, 293) — Logo quis saber cujo era aquelle assento (Palm. I. 5) — A hũa tempo cayram no chão... sem a victoria daquella differença (lucta) se conhecer cuja fosse (Palm. I. 100) — ...franqueasse á Santa Fé, cujo era patrono as ferrenhas portas daquella barbarie (A. C., Q. Hist. II. 40) — Os frades benedictinos, cujo era o couto da Foz, pagaram as restantes despesas (C. C. B., Mosaico 13) — Bem sabe o asno, em cuja casa rosna (Prov.) — Bem sabe o gato, cujas barbas lambe (Prov.) — O sangue que ha de correr será dos vassalos e dos peões, cujo principe sois (A. H., Bobo, 215) — Sendo a memoria rapida como o pensamento, cuja ella se faz traductora (A. C. ap. Serões, 777) — O auctor cuja se diz uma obra (Ib.).

3.º Mui frequente era tambem o emprego interrogativo de *eujo*. Exs.:

Dize: *Cujo filho és?* (C. Obs. 3. 11) — *Cuja é esta caveira?* (A. V., Serm.) — *E cujo é esse nome?* — Insistiu com voz firme o Lldador (A. H., Bobo, 185) — *Cujas scão estas tyrannias?* (Ib., ap. Serões, 677).

Possessivo

601. Os *adjectivos possessivos* — *meu, teu, seu, nosso, vosso*, prendem-se morphologica e syntacticamente aos pronomes obliquos — *me* (a mim), *te* (a ti), *se* (a elle, a si), *nos* (a nós), *vos* (a vós).

Em virtude desta relação, o possessivo *meu* corresponde na phrase ao pronome da 1.ª pess. sing. *eu*; *teu*, ao da 2.ª pess. sing. *tu*; *seu* ao da 3.ª pess. sing. e plur. *elle* ou *elles*; *nosso* ao da 1.ª pess. plur. *nós*; *vosso* ao da 2.ª pess. plur. *vós*. Assim sendo, diremos: *Tracta de tua saude, de sua saude, de nossa saude, da vossa saude*, conforme a pessoa e o numero do possuidor

602. A idéa de *posse*, reelamada pelo adjectivo possessivo, exige, pois, dois termos correlativos: o *possuidor* e a *coisa possuida*. Por isso, tem o possessivo, na phrase, dupla referencia syntactica, que resalta de seus mesmos elementos morphologico: refere-se ao possuidor pelo *thema*, e a coisa possuida pela *flexão*. O *thema*, ou, melhor, a consoante radical indica a pessoa e o numero do *possuidor*, e a *flexão* (*generica e numerica*), o genero e o numero da *coisa possuida*, p. ex.:

meu	llvro e meus	llvros-que pertencem	a mim
teu	" " teus	" " "	a ti
seu	" " seus	" " "	{ a elle ou ella
			{ a elles ou ellas
nosso	" " nossos	" " "	a nós
vosso	" " vossos	" " "	a vós
seu	" " seus	" " "	{ a elle ou ella
			{ a elles ou ellas

Do exposto se collige que fallece á lingua, no possessivo da 3.ª pess. (*seu*), o meio de indiar pela consoante radical o numero grammatical do *possuidor*, pois *se* donde se deriva, é de ambos os numeros. Dahi para a elareza, grave

inconveniente, que não raro surge na phrase: *seu pae* pôde ser — *pae delle* ou *delles*, bem como *della* ou *dellas*. Para indicar a referencia e clarear o sentido a lingua archaica servia-se de dois expedientes pleonasticos: ou repetia o nome do possuidor (*seu pae de Pedro*), ou o pron. da 3.^a pess. regido da prepos. *de* (*seu pae delle, delles, della* ou *dellas*). Exs.:

Dom Alcorae, o tureo, e o Infante Cazayne, seu filho d'el Rey, encaçaranno e fillharono pela redea do cavallo (P. Port. 242, B. de Salado) — Assi andaram ferindose... posto que o gigante andava pior; porque a sua ligeireza de Primalliam o defendia (Palm. I. 60) — ...bem certos eran que non demandaria senon todo agulsado e sua honra deles (Chrest. Arch. 122, A morte do Lid.) — E depois seu padre della fillharom-lhe seus geniros a terra (T. Arch. 32, L. de Lear).

Deste ultimo recurso continuou a lingua a lançar mão para obviar confusões ou duvidas em relação ao *possuidor*. Exs.:

O' pois que musica a sua delles? (S. de Miranda, Ohrs. 2, 78) — Antonio Faria se recusou com palavras de grandes cõpimentos ao seu modo delles (F. Mendes Pinto, Peregr.) — ...o seu amigo della (G. Vlag. 1. 62).

603. O possess. *seu*, oriundo do reflexivo *se*, encerra valor reflexo, que faz reambiar a *posse* para o sujeito da 3.^a pess., porém esse valor em port. se achá quasi obliterado; dahi a inevitavel ambiguidade toda vez que houver um complemento da 3.^a pess. a disputar com um sujeito de igual pessoa á idéa de posse, p. ex.: *David matou o gigante com sua espada*, onde se fica em duvida sobre o *possuidor* da *espada*. Póde ás vezes a ambiguidade ser desfeita por circunstancias extranhas á contextura grammatical da phrase, como no seguinte passo do P.^o Antonio Pereira de Figueiredo:

E como David não tivesse espada á mão, correu e se lançou sobre o phillsteu, e pegou da *sua* espada, e tirou-a da bainha; e acabou de lhe tirar a vida e lhe cortou a cabeça (I Reis XXII. 50, 51).

Já o mesmo não ocorre com o seguinte trecho do P.^o Antonio Vieira:



Cortou Judith a cabeça a Holofernes com *sua* propria espada — . . . Isto que fez Judith com Holofernes, fez David com o gigante, cortando-lhe com a sua propria espada a cabeça . . . David dedica a espada no templo, por que matou o gigante com suas proprias armas (A. V., S. 5. 103).

Apesar do reforço do adj. *proprio* com que esse grande classico procura fugir á ambiguidade, esta persiste para os que ignoram a historia do facto mencionado.

Do lat. herdou o portuguez esta desvantagem. Porém na lingua-mãe, ensina Rieman, é de ragra *se* empregue *suus*, *-a*, *-um*, quando o possessivo recambia a posse para o sujeito da oração; *canis in aqua imaginam suam vidit*—um cão viu sua imagem na agua. Sendo o *possuidor* um outro que não o sujeito, recorre o lat. ao genitivo do demonstrativo — *is*, *ea*, *id* (*este*, *esta*, *isto*), para indicá-lo: *magister discipulos amat, at vitia eorum odit*—o mestre ama os discipulos, porém odeia os vicios destes (ou delles). Este recurso, bem como o do expediente pleonastico, servem egualmente para o portuguez.

Sobre este ponto observa judiciosamente Diez que o possessivo *suum*, como o pronome *se*, é reflexo em latim, e recambia a posse para o sujeito da oração: *bestiis homines ad utilitatem suam utuntur*—os homens empregam os animais para utilidade sua (delles homens, sujeito). — Quando não ha reflexão, isto é, quando não ha recambio da posse para o sujeito, o latim classico empregava *ejus*: *Cleopatra sibi aspidum admisit, et veneno ejus extincta est*—Cleopatra applicou a si uma aspide, e com o veneno desta morreu.

Não havendo, porém, confusão, *suus* podia tomar o lugar de *ejus*: *Scipio suas res Syracusanis restituit*—Sci-pião restituiu aos syraeusanos seus bens. E' elaro que esta suspensão logica do rigor grammatical devia trazer entre *suus* e *ejus* a hesitação que, segundo Diez, remonta aos mais antigos monumentos da baixa latinidade: *habeat casa (casam) cum adjacentia sua, vir autem suus (ejus) in grandem tributacionem erat*.

O portuguez, como suas irmãs, herdou esta hesitação da latinidade, e o possessivo *seu* deixa quasi sempre ambiguo o sentido, quando além do sujeito da oração existe um re-

gimen do verbo da mesma pessoa: *elle levou o menino para sua casa*, onde não se sabe se para a casa d'elle ou para a do menino. Temos, porém, neste como noutros casos semelhantes, a faculdade de lançar mão do expediente de que se servia o latim classico: *elle levou o menino para a casa deste*.

Além disso, o *sentido obvio* vem muitas vezes em socorro da lingua para indicar logicamente o possuidor, p. ex.: *elle levou o filho a seu pae, o tigre lançou-se á presa e bebeu o seu sangue, o fogo devorou a cidade e seus habitantes*.

604. EMPREGO DO POSSESSIVO. Resta-nos ainda mencionar alguns usos historicos do possessivo.

1.º Era muito usual entre os quinhentistas o emprego da expressão *de seu*, com o valor de — *de si*, emprego que aliaz não é extranho ao fallar hodierno. Exs.:

De seu está entendido (Ulys. 55) — Cheguey aquella porta... que tambem parecia que já me conhecia, e que se me abria *de seu* (S. de Miranda, Ohrs. 2. 134) — Os trabalhos, sem os chamarem, *de seu* se vem seu pé, que seu nome é (C. Ohrs. 3. 9).

2.º Usual egualmente, era o emprego das expressões — *de meu, de seu*, com o valor de pronome possessivo. Exs.:

Nesta yda foy tambem necessario yr o pobre de mim por me ver sem um só vintem *de meu* (Peregr. 1. 139) —

Eu não tenho mais *de meu*,
Somente ser comprador
Do Marichal meu senhor,
E sam esuedeiro seu (G. V. Ohrs. 3. 138)

Porque elle não tem *de seu*
Meu pae deu-me, e fugi (Ib.)

Tres cousas acho que fazem
Ao doudo ser sandeu
Hũa ter pouco sizo *de seu*,
A outra, que esse que tem
Não lhe presta mal nem bem (G. V. Ohrs. 1. 98)

Hũa ter pouco siso *de seu*,
Sendo tantas as batalhas,
Nem recontros se perdeo!
Aquelles padres coltados,
Não tinham tempo *de seu*;
Louvavam todos cantauo
Louvores ao pay do céo (G. D., Sex. de Frel Antão)

3.º Encontra-se ainda no v. port. a expressão *pelo meu, pelo vosso* no sentido de *por minha e por vossa causa*.

Santa Ursula não converteu
Tantas eachopas como eu;
Todas salvas *pelo meu*,
Que nenhuma se perdeu (G. V. Ohrs. I. 233)

4.º Emprega-se familiarmente, segundo Julio Moreira, a expressão elliptica *na sua* com o valor emphatico de — *na sua opinião, na sua idéa, no seu modo de ver*, frequentemente com ironia: *LA entendeu na sua que era melhor assim* (J. Moreira).

5.º Emprega-se ainda o possessivo no feminino plural, (*suas, vossas*) em acepção geralmente pejorativa, concorrendo com algum substantivo latente adequado (*artes, proezas, etc.*) na phrase — *fazer das suas*. A preposição *de* tem valor partitivo.

Lá ha Indias mui fermosas;
Lá farleis vós *das vossas*
É triste de mim cá,
Encerrada nesta casa,
Sem consentir que vizinha
Entrasse por huma brasa,
Por honestidade minha. (G. V. 3. 41)

6.º Como em latim, adquire o adj. possessivo, em certas phrases, o sentido de *apto, commodo, grato*:

A seu tempo o farel, Judas foi para *seu* logar, achei *minha* vocação, tiveste *tuas* duvidas. Vendo-o, o adoraram, ainda que alguns tiveram *sua* duvida (A. P.) — Em latim: vere suo ducent examina reges (Verg.) = os novos reis salirão á frente dos euxames, nos primeiros dias da querida primavera (Chassang), Loco aqno, tempore tuo pugnasti (T. Liv.) = pelejaste em logar favoravel, nó teu tempo, no tempo opportuno, proprio; suo loco, em seu logar, que lhe conven; suo tempore, em seu tempo, tempo conveniente ou opportuno. — O mais que nisto fez, se dirá a *seu tempo* (Palm. I. 254).

7.º Emprega-se ainda o possessivo para indicar numero approximado:

Teria seus quarenta annos, colheu suas duzentas arrobas, expressões equivalentes a—uns quarenta annos, umas duzentas arrobas: — Entretanto passaram-se os seus tres annos (A. V., C. 34).



8.º Emprega-se ainda o possessivo, na linguagem familiar, nas seguintes e semelhantes phrases: *seu tractante, seu maroto, seu garoto, seu compadre, seu José* (confusão com *seõ* = *senhor* (cf. *sea comadre, sea Maria*).

9.º A posição dos termos na proposição foi, com o desenvolvimento analytico da lingua, diversificando sentido, e assim o possessivo, posposto ao substantivo, adquiriu matiz especial: a) posposto a certos nomes *concretos* exprime *posse carinhosa*: *filho meu, patria minha, penhores nossos*; b) posposto a certos nomes *abstractos*, tem valor de *genitivo objectivo*, ao passo que *anteposto* tem valor do *genitivo subjectivo*: *saudades minhas e minhas saudades, piedade sua e sua piedade, noticias nossas e nossas noticias*.

Saudades minhas, são saudades que se tem de mim; e *minhas saudades* são saudades que eu tenho de outrem.

Saudades minhas, noticias tuas, equivalem a *saudades de mim, noticias de ti*, porém o mesmo não acontece com *minhas saudades e tuas noticias*. Em grego os possessivos da 1.ª e 2.ª pess. são muitas vezes substituidos pelo genitivo dos pronomes/pessoas. Em latim se diz — *pater noster*, em portuguez — *pae nosso* ou *nosso pae*, porém em grego é corrente — *pater êmôn πάτερ ἡμῶν* literalmente — *pae de nós*. Seria, pois, um *hellenismo* inadmissivel o dizer-se em portuguez — *livro de mim, casa de ti, patria de nós, vida de vós*; dir-se-á: *meu livro, tua casa, nossa patria, vossa vida*. Todavia, tal construcção com o pronome pessoal no genitivo é admissivel na 3.ª pessoa: *seu livro* ou *livro d'elle*, e com pron. da 1.ª e 2.ª do plur. modificados: — *de nós* — *outros, de vós mesmos, de nós ambos*.

Em se tractando, como vimos, do genitivo *objectivo* e não *subjectivo*, isto é, não propriamente de *posse*, mas de *objecto* a que se dirige a significação relativa de certos substantivos abstractos, como — *saudade, piedade, lembrança, amor, noticia*, emprega-se o pronome obliquo regido da prep. *de* (*de mim, de ti, de nós, de vós*); porém desde que o portuguez admite, como acima mostrámos, o pron. da 3.ª pess. — *delle*, para exprimir o *genitivo subjectivo*, segue-se que a expressão — *saudades d'elle, saudades do filho*, é ambigua pela confusão dos dois genitivos (*objectivo* e *subjectivo*), pois tanto podem ser *saudades de que*

o filho é o *sujeito* (possuidor), como *saudades* de que o filho é o *objecto*.

Em regra, a anteposição do adj. possessivo a certos nomes de significação relativa determina sentido *subjectivo* e a posposição sentido *objectivo* (*sua lembrança* e *lembrança sua*). Entretanto, ás vezes, temos sentido *objectivo* com a anteposição, p. ex.: *nada dizer a meu respeito*, e, *vice versa*, sentido *subjectivo* com a posposição: *o amor meu é fiel*. Exs:

Quero esquecer-me de meu odio por amor *de ti* (A. H., O Bobo, 251) — O filho ama a seu pae e o servo reverencia a seu senhor: se eu pois sou vosso Pae, onde está a minha honra? e se eu sou vosso senhor, onde o *temor* (*meu*) que se me deve? (A. P., Mal. I. 6) — *Filius honorat patrem, et servus dominum suum: si ergo Pater ego sum, ubi est honor meus? et si Dominus ego sum, ubi est timor meus?*

A estas crlanelinhas tem respeito,
 Pois o não tens á morte escura della:
 Mova-te a piedade *sua* e *minha*,
 Pois te não move a culpa que não tinha (Lus. 3. 137)

10.º O dativo do pron. pessoal pôde elegantemente substituir o adj. possessivo, quando não se quer insistir sobre a posse; o mesmo phenomeno observa-se em latim: *foi-lhe Sieheu esposo* = *huic conjux Siehæus erat* (Verg.) = *foi Sieheu seu esposo; foi-me elle poderoso auxilio; elle te foi pae* = *elle foi teu pae*. Com o dativo a idéa de posse atenua-se de modo que em certas phrases o sentido differencia-se, p. ex.: *elle me é pae* e *elle é meu pae*, a primeira indica apenas que *elle me serve de pae*.

E' largo o uso que fazemos do dativo do pron. pessoal pelo possessivo, sempre que não queremos insistir sobre a idéa de posse: *levou-me a bengala, feriu-me a cabeça, o vento arrebatou-lhe o chapéo*.

11.º A anteposição do artigo definido ao adj. possessivo (*o meu, o teu, o seu, o nosso, o vosso*) é phenomeno que se foi generalizando desde o sec. XIII. Como, porém, esta anteposição era um reforço de determinação, repelliu-se, por excusado, este uso ante nomes que por sua natureza já trazem em si certa determinação, taes os nomes de *parentesco, titulos e dignidades*. A estes, em geral, só no easo

de querermos dar emphase é que anteporemos o artigo ao possessivo (*este é meu filho, o meu filho é este*), como já explicamos tractando do artigo definido.

O emprego do artigo antes do possessivo, embora mais largamente observado pelos escriptores modernos que pelos antigos, comtudo não é de rigor, salvos os casos emphaticos, e os em que o possessivo é substantivado ou pronominado, p. ex.: *os meus e os teus vão bem, o direito do meu e do teu, este é o meu e aquelle é o vosso* (cf. *este é meu e aquelle é vosso*), *dar o seu a seu dono*.

Obs. O artigo definido é absolutamente necessario ao possessivo grego — o *sos doulos* (ὁ σὸς δούλος) = o teu escravo. O francez não admite a anteposição do artigo ao adj. possessivo. Em portuguez não só o definido, senão tambem o indefinido, o demonstrativo, e os quantitativos indefinidos: *um meu amigo, este nosso patricio, outros meus amigos*.

12.º Em G. Viconte (sec. XVI), encontramos frequentemente o possessivo, hoje archaico, — *enho, enha, enhos, enhas*, equivalentes a *meu, minha, meus minhas*.

Digo agora que casei
Sem lieença de meu pae
E d'enha mãe: eu herdarei,
Ou sabes como isto vae? (G. V. Obras. 1. 126)

Entrará *enha* sobrinha
E Constança das Ortigas. (Id., lb. 127)

Compadre, *enha* mulher
He muito destemperada (Id., lb. 165)

13.º Em se tractando das partes do corpo ou qualidades de espirito ou, em geral, quando a idéa de posse é evidente, é de praxe supprimir-se o possessivo, excepto no caso de emphase, sendo tal suppressão de mais amplo uso no lat., p. ex.:

Elle cortou o braço, quebrou a perna e perdeu o juizo —
Bole o rabo o eão, não por ti, senão pelo pão — Manus lavare
= lavar as mãos (as proprias), patrem amisit = elle perdeu o
pae, matrem deligo = amo (minha) mãe.

Numeraes

605. Prefere grande numero de conceituados grammaticos chamar aos adjectivos numeraes *nomes de numeros*,

pois, de facto, o que chamamos adjectivos numeraes (*um, dois, tres, etc.*), são nomes substantivos de numeros, e, como taes, os tracta a lingua fazendo-os preceeder do artigo — *o um* (arch.), *o dois, o tres, o dez, o zero*. Porém, unidos a um substantivo, como frequentemente se acham na phrase, funcceionam elles francamente como adjectivos (*dois livros, dez dias*), e, por isso, são usualmente denominados adjectivos numeraes.

606. CLASSIFICAÇÃO DOS NUMERAES. Oriundos do lat., desenvolveram-se em portuguez os numeraes — *cardinaes, ordinaes, fraccionarios e multiplicativos*.

I. Cardinaes

607. EMPREGO DOS NUMERAES CARDINAES. Sobre o emprego dos cardinaes na evolução da lingua, observamos:

1.º Era usual nos velhos textos apparecer o artigo definido com os cardinaes, em condições hoje inadmissiveis. Exs.:

Todo o ebão ficou coberto do nosso sangue em tanta quantidade, que dos onze que eramos, milagrosamente escapamos os nove com vida, por que os dous com mais um moço morrerão daly a tres dias. (Peregr. 1, 342) — E se acharam dos oitenta soldados, os quinze mortos, e elneoenta e quatro feridos, dos quaes os nove ficaram depois alejjados (Ib. 35) — Nesta eidade nos deu o Chifuu lieença para que dos nove que eramos, fossem os tres pedir esmolla (Ib. 356) — E como a elles chegasse o Portugues, e visse q falavam ambos a lingua Itallana, o hum por ser sua natural, o outro pola ter adquerida... saudou os cortosamente na mesma language (H. P., Imag. 1. 305) — Per maneyra que da batalha morreram da gente dos Gigantes cento e tantos homens: de que os trinta eram cavaleyros (T. Red. 226) — Hontem foram os 20 de setembro ...o successo de Alentejo fol aos nove (A. V., C. 189, 191).

2.º Nos documentos do portuguez archaico eram indicadas as datas como se vê abaixo:

E isto foi felto no mes d'oitubro en era de Mil e cccª e VIIIº (1308) (Chrest. Arch. 18) — Dante en Santaren tres dias do março (Ib. 19) Era Mª CCCª Lª II, años (era de 1352 annos) (Ib. 19) — Don Afonso poborou (povoou) Santa Cruz de Coimbra en tempo que andava e era en mil e cento e seteenta años

(Chrs. Arch. 2. 17) — E foron feitas em Colmbria IIII^{or} (quatuor) dias por andar de junho. Era MCCLII, (Chrest. Arch. 17).

Obs. Sobre o modo de datar nos velhos documentos da lingua escreve Viterbo (Eluc. 79): "Em os secs. XIII, XIV, XV, era muito frequente contar os dias do mez até quinze *andados*, e dahi até o fim *por andar*, v. gr.: *Sete dias andados de Junho, aos 7 de Junho. Sete dias por andar de Junho, aos 23 de Junho. Quatro dias por andar de Junho, aos 26 de Junho, etc.*"

3.º Nas expressões compostas dos numeræes cardinaes segue o portuguez archaico a ordem analytica do portuguez actual — as centenas seguidas das dezenas e estas das unidades:

Josep, filho de Jacob, avia dez e seis anos e andava guardando o gaado de seu padre (Chrest. Arch., 84) ...andava a era em mil e cento e setenta annos (Ib. 117).

A's vezes, porém, invertiam a ordem:

Os anos de minha vison trinta e cento anos, pequenos e maos, e non chegaron aos dias de meus padres (Ib. 96).

Cento (← centum) proclitico (cento anos) apocopouse em *cem* (annos), e actualmente só conserva sua fórma completa, *a*) quando não proclitico (*cento e cincoenta annos*), e *e*) quando substantivado (*um cento de laranjas*).

O mundo em menos de cento annos fazia fym (L. Cons. 306) — Com cent'açoutes no lombo, e hũa carouha por capella (G. V. Ohrs. 3, 87).

4.º As formulas ainda hoje usadas no estylo forense, para a enumeração de capitulos, datas, etc., eram na velha lingua largamente empregadas. Exs.:

E aos quarenta e seys capitulos estão estas palauras... Diz o propheta Ezechiel aos quarenta e hũ capitulos de suas visões, que vio nũ templo pintados muitos cherubims (H. P., Imag. 1. 47, 165) — Aos dois dias depois de se irẽ da cidade de Constantinopla, vieram ter a hũ valle tres legoas dahi (Palm. I. 148).

5.º NUMEROS INDEFINIDOS. Desde a mais remota antiguidade os numeræes cardinaes *dez e mil* foram empregados figuradamente por um numero indefinido ou indeterminado. Já no anno mil antes de Christo, quando o jovem David fez baquear o orgulho dos philisteus, lançando por terra o gigante Goliath, as mulheres judias, dançando, cantavam:



Saul matou mil e David dez mil (perussit Saul mille, et David decem millia) (Vulg. 1 Reis XVIII. 7) = Cambiando cores mil do Sol opposto (de Verg., Enclid. IV. 702) = mille trahens varios adversa Sole colores) — Non mille carius est opus in Teucros (Enclid., 9. 145) = não mil quilhas hel mister contra os teucros (O. M.)

Por analogia, com as outras fórmãs, *mil* assume na linguagem familiar, a fórmula *milhenta* em accepção indefinida: *milhentas vezes*.

O numero *sexcenti* (seiseentos) era entre os latinos frequentemente usado por um numero indeterminado: *Sexcenta licet ejus modi proferri* (Cic.) = pôde-se eitar mil (seiseentos) easos desta qualidade. Não é inteiramente extranho ao portuguez o emprego de *seiscentos* com valor indefinido (*com os seiseentos!*). Plauto nos revela que *quingenti* (*quinhentos*) e *tres* eram tambem entre os romanos usados nesse sentido: *quingentos coeos, te tribus verbis volo* (quero dizer-te trez palavras). Em portuguez, além de *dez*, *cem*, *mil* (milhentas), *seiseentos*, empregamos, para numeros pequenos, *dois*, *meia duzia*: *direi duas palavras, darei dois dedos de prosa, contou meia duzia de historias*. Exs.:

Tan casados, tan chorosos,
da morte mais desejosos
cem mil vezes que da vida
(Chrest. Arch. 256)

Se as matas estrujo
Co'os sons do Boré,
Mil arcsos se encurvam
Mil setas lá voam,
Mil gritos reboam,
Mil homens de pé
Els surgem, respondem
Aos sons do Boré (G. D., Poes. 2. 90)

6.º No v. port. era frequente a reunião pleonastica de *ambos* com *dous* em grupos como se seguem: *ambolos dous*, *ambos os dous*, *ambos de dous*, grupos imitados modernamente por A. Hereulano, Camillo Castello Branco, A. Castilho e outros. Exs.:

Com traves pregadas ambas de duas (Castanhedas, ap. Serões, 363).

D'ambos de dous a fonte coroadã
Ramos não conhecia e hervas tinha (Lus. 4. 72)



As mais vezes ambos os dois residiam na pousada (A. C.), ap. Serões 363) — Ambos os dois ganhavam na prorrogação da lucta (A. H., Ib.) — Ambos os dois monges tão amigos caminhavam juntos (Id., ib.) — Acho que se emborracharam ambos de dois (C. C. B., ib.) — Quebradas tivesse eu as pernas ambas de duas, quando casei com este moicante (C. C. B. Corja, 43) — Progenie grega não são ambos os dois? (A. C., Os-Fast., 2. 111).

Obs. A v. ling. supprimia frequentemente o artigo reclamado pela euphonia entre *ambos* e o substantivo: E tomando a maça com ambas mãos, se foi a elle... era tã pesado que o nã pode fazer senã cõ ambas as mãos... tomando as mãos ambas Iras cortou (Palm. I. 167, 168, 188).

7.º Empregava o v. port. o numeral *conto* (*computum*) para designar “mil vezes mil coisas ou pessoas”, termo que só applicamos hoje para designar cem vezes cem mil réis”. Exs.:

Diremos que nesta diseripção se acharam dentro em Portugal cinco contos e sessenta e oito mil pessoas, cabeças de familias (Frei B. de Brito, Mon. Lusit. I. 553) — Concorre a ella tanta gente, que se affirma que passa de tres contos de pessoas (F. M. P., Per. CVIII, (ap. C. de Figueiredo).

II. Ordinaes

608. Os *numeraes ordinaes* exprimem a ordem no tempo e no espaço. Na dialeetação do portuguez soffreram elles alterações, já na morphologia, já na syntaxe, que eonvem estudar.

609. EMPREGO DOS NUMERAES ORDINAES. Sobre o emprego dos ordinaes em seu desenvolvimento historico, temos os seguintes factos:

1.º Rejeitou o portuguez, na linguagem eommu, as fórmulas latinas *primum* (*primo*, *primeiro*) e *tercium* (*terço*, *terceiro*), substituindo-as no emprego destes dois ordinaes pelas fórmulas *primarium* \rightsquigarrow *primeiro*, *terciarium* \rightsquigarrow *terceiro*. A fórmula *primo* ficou relegada ao dialecto literario (*hora prima*, *materia prima*, *obra-prima*), e *terço* apparece em *terça-feira* (*feira terceira*), no estylo elevado (*hora terça*), e como substantivo nos numeros fraccionarios (um terço, dois terços). No port. archaico apparece a fórmula *tercer* proelitica.

Sobrevierão os homens mais sutis, e mais primos na Arte (A. V., ap. Bluteau) — Tod'ome que bestia over a meter cada tercer dia (For. de Castello Rodrigo) —

Aquí se lhe apresenta que subia
Tão alto que tocava a prima esphera (Lus. 4. 69)

2.º Empregaram nossos classieos quinhentistas fórmias compostas ordinaes mais ehgadas ao typo synthetico latino — *terciodecimo*, *quartodecimo*.

Tratou divnamente esta materia Augustinho no livro terciodecimo da cidade de Deus... No quarto decimo capitulo de Genesis... diz a escriptura que pediu el Rey daquella terra a Abraham a gente (H. P., Imag. 1. 47).

Hoje prefere a lingua, por brevidade, em longas series, empregadas eom o valor de ordinal o cardinal, que permanece invariavel nas fórmias flexionadas: *pagina vinte dois*, *paragrapho treze*, *casa noventa e um*, *capitulo quatorze*. Na enumeração de reis e papas, empregamos o ordinal até dez, dahi por deante o cardinal: *Henrique terceiro*, *D. João quarto* (*Principe Dom João, o terceiro em Portugal deste nome* — G. V.), *Leão decimo*, *Luiz onze*, *Luiz quatorze*. Assim tambem — *seculo primeiro* ou *primeiro seculo*, até *seculo decimo*, e dahi, de preferencia, *sec. onze*, *sec. doze*, *sec. vinte*.

3.º O v. port. empregava habitualmente os *distributivos latinos* (*septeni*, *noveni*) eomo ordinaes. Sobre este ponto, temos um precioso documento mencionado pelo dr. J. L. de Vaseoneellos, em suas Liç. de Philologia, que é a *Practica d'Arismetica*, Lisboa, 1540, cujo auctor, o quinhentista Ruiz Meendez, expõe a fl. I e IV os numeraes ordinaes de seu tempo, do seguinte modo: *primeiro*, *segundo*, *terceyro*, *quarto*, *quinto*, *seisto*, *septimo*, *oytavo*, *noveno*, *dezeno*, *onzeno*, *dozeno*, *trezeno*, *quatorzeno*, *quinzeno*, *desaseszeno*, *dezaseteno*, *dezoiteno*, no feminino: *novena*, *dezena*, *onzena*, *dozena*, *trezena*, *quatorzena*, *quinzena*.

As fórmias ordinaes, oriundas do distributivo latino (*noveno*, *dezeno*, etc.) tornaram-se privativas do estylo elevado; na linguagem corrente as fórmias femininas (*novena*, *dezena*, *quarentena*, *centena*), passaram a ser substantivos collectivos determinados, se bem que frequentemente



alguns delles sejam empregados como collectivos indeterminados, p. ex.: *dezenas e dezenas pereceram, eentenas de passaros voaram, fazer o navio quarentena* (cf. *milhares de homens*).

Tu viste de teu sobrinho sair um lago e dele sairen nove rios, e os oito eran todos eguaes, o *noveno* (nono)... era tan fermoso e tan grande como todos os outros (Chrest. Arch. 61).

Porem despois que a escura noite eterna
Affonso aposentou no Céu sereno,
O Principe, que o reino então governa,
Foi Joanne segundo e Rei *trezeno*. (Lus. 4. 60)

Do principio antes, hospede, as insidias
Graias, dice, nos conta, e o patrio excidio
E errores teus; que já *seteno* estlo
De prala em praia todo o mar voltêas

(O. M. Verg. Bras. 243)

4.º A ling. arch. possuia o numeral distributivo *senhos* do lat. *singulos*, com o sentido de *cada um, outros tantos, cada um seu*, vocabulo que subsistiu até o sec. XVI.

O qual (eântigo) seja departido in *senhas* glorias (In. de Aleob. 1.º 273, ap. Cortesão) — Levaram aqueles entropetadores pera hñas casas apartadas... e deran *senhas* eelas (Ib. 3.º 162) — Foram ambos bem aprisionados com *senhas* grossas adovas e cadeia pelas pernas (F. Lopes, C. de D. Fern. 85).

Andamos todos cansados,
O gado seguro está:
E nós aqui abrigados
Dormamos *senhos bocados*
Que a meia noite vem ja (G. V. 1. 115)

Aparico, mat'esses eães,
Ou vae dá-lhe *senhos pães* (Id. 3. 14)

5.º E' frequente entre antigos classicos apparecerem os numeras ordinaes substantivados regidos da preposição — *a hora de nãa* (hora nona), *a hora de terça* (hora terça ou terceira). Exs.:

Assim esteve até que foi ora de nãa (Chrest. Arch. 57) — A hora já de noa que a calma mostrava alguma força, dado que temperada... foy dar de improviso Florismarte (Tav. Redonda 89) — O perro pagará a noveado o que deve (F. M. Pinto, Per. 1. 225) — Eram isto horas de sexta, e ho dia mostrava-se mais claro e aprazível que os passados (T. Red. 96).

III. Fraccionarios

610. As fracções eram indicadas em lat. pelos cardinaes como numerados e pelos ordinaes como denominador, concordando ambos com o substantivo *pars*, expresso ou elliptico, p. ex.: $1/3 = \textit{tertia pars}$, $3/5 = \textit{tres quintæ}$ (sc. partes) = *trez quintas partes*, $7/9 = \textit{septem nonæ}$ (sc. partes) = *sete nonas partes*, $8/9 = \textit{octo nonæ partes}$. Para $1/2$ (um meio) tinham a expressão — *demidia pars = meia parte*.

O portuguez modificou este processo, adoptando para denominador o ordinal substantivado até o numero 10 ($1/2$ um meio, $1/3$ um terço, $3/5$ trez quintos, $7/9$ sete nonos, $4/10$ quatro decimos. De 10 para cima, por brevidade, destacou *avos* de *oitavo*, que se suppoz composto de *oit'avos*, tornando-se este suffixo (*avos*), um substantivo ficticio: $1/11$ um onze avos, $3/14$ trez quatorze avos, $4/32$ quatro trinta e dois avos. Já na Pract. d'Arismet. de Ruy Meendez (1540) se encontra *avo* e *avos*: *dezaseis avo*, *trinta dous avo* = *dezaseis avos*, *trinta e dous avos*. (Dr. J. L. Vasconcellos, Lic. de Phil. 311).

Todavia nas dezenas desacompanhadas de unidade, e nas centenas desacompanhadas de dezena e unidades usa-se tambem o ordinal substantivado: $1/20$ avos ou um vigesimo, $1/30$ avos ou um trigesimo, $1/100$ avos ou um centesimo.

IV. Multiplicativos

611. Os multiplicativos lat. em *plex*, *simplex*, *duplex*, *triplex* (arch. *simpres*), *duplice*, *triplice*, *septemplice* e *multiplíce*, e dos proporcionaes em *-plus* (*duplus*, *tripulus*, *quadruplus*), passaram — *duplo*, *triplo*, *quadruplo*, *quintuplo*, *sxtuplo*, *septuplo*, *octuplo*, *nonuplo*, *decuplo*, *undecuplo*, *duodecuplo*, *centuplo* e *multiplo*. Com excepção de *simples* (pop. e arch. *simpres*), os outros, em geral, só se usam no dialecto literario.

Adjectivos e pronomes indefinidos

612. *Adjectivos indefinidos* são os que modificam na phrase os subst. junctando-lhes uma determinação attenua-



da de quantidade indefinida, por isso são chamados *quantitativos indefinidos* ou *indeterminados*, por opposição aos numeræes, que são *quantitativos determinados*.

Muitos desses adjectivos possuem fórmæas pronominaes exclusivas, que morphologica ou ideologicamente correspondem ás respectivas fórmæas adjectivas, como se vê em *alguem e algo*, fórmæas pronominaes, e *algum*, fórmula adjectiva.

613. CLASSIFICAÇÃO. Esses quantitativos indefinidos evocam idéas especiaes, que podem ser distribuidas em quatro classes:

1.º **Partitivos:** *Algum, alguem, algo, outro, outrem, al, tanto, quanto, muito, pouco, mais, menos, os demais, delles, tal, quejando, certo, bastante, assaz, diversos, varios, diferentes.*

2.º **Distributivos:** *cada, cada um, cada qual, a qual, qualquer, quemquer que; e quando repetidos na phrase: quem, qual, tal.*

3.º **Collectivos universaes:** *todo, tudo (positivo), nenhum, ninguém, nada (negativo).*

4.º **Correlativos:** *tanto... quanto, tal... qual, tal... tal, um... outro, nem um, nem outro.*

614. *Algum.* O adjectivo *algum* adquiriu, do sec. XVII para cá, quando posposto ao substantivo, o valor negativo de *nenhum*: *cousa alguma = cousa nenhuma* ou *nenhuma cousa*, *homem algum = homem nenhum* ou *nenhum homem*.

Esta aequisição de sentido negativo foi determinada pela *lei do contagio* (Bréal), isto é, pelo apparecimento constante de *algum* como *pospositivo* em phrases negativas, taes como: *não fez cousa alguma, não conheço homem algum*. Este contacto frequente com a negativa *não* em taes phrases, communicou-lhe paulatinamente o valor negativo na posição mencionada.

Até o sec. XVI, não havia ainda *algum* adquirido sentido negativo, como demonstram os seguintes exemplos:

Desta gente refresco *algum* tomamos,
E do rio fresca agua; mas com tudo
Nenhum signal aqui da India achamos
No povo, com nós outros quasi mudo (Lus. 5. 60)

Alegria mul grande foi por certo
Acharmos já pessoas que sabião
Navegar; porque entr'ellas esperámos
De achar novas *algumas*, como achámos (Lus. 5. 75)

Ethiopes são todos, mas parecee
Que com gente melhor communicavão:
Palavra *alguma* arabia se conhece
Entre a linguagem sua que fallavão (Lus. 5. 76)

615. *Alguem, ninguém, outrem*. São estas hoje fórmãs pronominaes exclusivas, que se referem a *pessoas*, ao passo que as fórmãs eognatas — *algo, nada, al*, são fórmãs neutras que se referem a *coisas*: *alguem* = *alguma pessoa*, *algo* — *alguma coisa*, *ninguem* = *nenhuma pessoa*, *nada* = *nenhuma coisa*; *outrem* = *outra pessoa*, e *al* = *outra coisa*.

No v. port. apparecem essas fórmãs pronominaes com o caracter de adjectivos, modificando outras fórmãs analogas, como *outrem ninguém*, o que é hoje archaismo inadmissivel. Exs.:

Vós, senhor, e outrem ninguém a podees poer em liberdade (Tav. Red., 51) — Sahio logo el em terra... mandandó que ninguém outrem desembarcasse (Ib. 74).

616. *Algo, al*. Estes pronomes teem seu etymo nas fórmãs neutras latinas — *aliquot* e *aliud*. Com a obliteração do genero neutro em portuguez, passaram estas fórmãs adjectivas neutras a funcionar como pronomes neutros, que só pôdian nomear *coisas*. Ambos estes termos se archaizaram no fallar vivo do povo, e só se mantem escassamente no dialeto literario.

Algo frequentemente assume o papel de *adverbio* juneto a um adjectivo, eom a significação de algum *tanto*, v. gr.: *algo indisposto*.

Al passa com frequencia para a categoria de *substantivo* preedido do artigo (*o al* = *a outra cousa*).

Mas *al* cuidava a fortuna (Tav. Redonda, 104) — Deixaram aquillo e fallavam em *al* (F. Lopes, Chron. de Pern. 75) — ... como quem já não podia fazer *al* (Tav. Redonda, 51) — E do *al* que succedeo se dirá a seu tempo que este é doutrem (Ib. 59) —

Já me vou lidar em guerras
You-me á India Occidental;
Hei de ter novos amores...
De guerras... não temas *al* (G. D., Ioes. 1. 42)

617. *Nada*. Esta fórma neutra pronominal correspondente ao adjectivo *nenhum*, tem sua origem etymologica no particípio latino *natus*, -a, -um, que significa *nascido*. Da phrase negativa emphatica — *nulla re nata* = *nenhuma coisa nascida*, que da baixa latinidade passou para o portuguez archaico, nasceu, pela *lei do contagio*, o valor pronominal negativo do particípio na fórma feminina — *nada* ← *nata*. Este particípio absorveu o sentido da phrase, que desapareceu. A palavra negativa franceza *rien* teve origem na mesma phrase.

Como *al*, *nada* facilmente se substantiva sob o influxo dos artigos: *o nada, um nada, um nadinha*. Reforçado pela negativa *non* (= no'), temos o substantivo *nonada* (*coisa de nonada*).

O céu era *nada*, a terra era outro *nada*, os quatro elementos quatro *nadas*, e toda essa infinidade de cousas, uma infinidade de *nadas* (A. V., S. 5. 15).

Obs. Entre os pronomes indefinidos devemos contar *que* quando em sentido absoluto serve de objecto a certos verbos, como — *sinto não sei quê*. A formula latina — *nescio quid*, pondera Diez, serve para designar alguma coisa desconhecida, tal formula é tabmem romanica. De facto, em portuguez é corrente o emprego de *que*, em phrases semelhantes, como pronome indefinido, como se vê no seguinte exemplo de Camões:

Hum não sei *que*, que nasce não sei onde;
Que dias ha que na alma me tõe posto
Vem não sei como; e doe não sei porque.

C. Obs. 2. 12 Son. XV.

Frequentemente ao *que* nesta accepção acompanha o artigo indefinido, ou adj. possessivo; *um quê mal definido* (G. D.), — *isto de sangue é burundanga que tem seu quê* (A. C.).

618. *Muito, tanto, mais, quanto* As primeiras são fórmas gradativas: *muito*, positivo, *tanto*, comparat. de egualdade, *mais*, comparat. de superioridade, *muitissimo*, superl. synth., e *nni muito* arch. superl. analyt.

a) *Tanto*, como outros comparativos, apresenta-se, ás vezes, na phrase com o caracter de superlativo absoluto:

No mar *tanta* tormenta, *tanto* damno,
Tantas vezes a morte apercebida!



Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida! (C.)

Tanto, como comparativo de egualdade, modifica substantivo ou verbo, e correlaciona-se com — *quanto, como e que*:

Tantas sentenças, *quantas* cabeças — *Quanto* sabes, tanto vales — Tanto val a eousa, *quanto* dão por eila — Tantos morrem dos cordeiros, *como* dos carneiros — Tanto pão, *como* um polegar, torna a alma a seu lugar — Doze galinhas e um gallo comem tanto *como* um eavallo — Ao avaro tanto lhe falta o que tem, *como* o que não tem — Tanto é agraz *que* já despraz — Tanto pica a pega na ralz do trovisco, *que* quebra o bico — Tantas vezes vae o cantarinho á fonte até *que* quebra — Tanto dá a agua na pedra, até *que* quebra.

b) Quanto não raro traz elliptico seu correlativo *tanto*: fez *quanto* quiz = fez *tanto* quanto quiz.

Nas phrases *interrogativas, exclamativas e dubitativas* apresenta-se *quanto* com character absoluto:

Quantos dias faz? *Quanta* guerra!

As ondas que batlão denodadas!

Quantos montes então que derribarão (C.)

e) *Mais* pôde modificar *substantivo, adjectivo, verbo e adverbio*; porém como acontece com os seus congeneres, só é adjectivo quando modifica substantivo: *mais amor, menos confiança*.

Mais vozes *que* nozes — *Mais* barato é o comprado, *que* o pedido — *Mais* sabes *do que* te eu ensinel — *Mais* val easa donde a roca manda, *que* a espada — *Mais* faz quem quer, *que* quem pôde — Multo pede o sandeu, mas *mais* o é quem lhe dá o seu.

Obs. Faz engano o eminente philologo portuguez Adolpho Coelho na analyse da phrase — *amar muito a alguem*. “A analogia, diz elle — tem tambem grande influencia na syntaxe. Eis um exemplo interessante: “Na eonstrução *amar muito a alguem*, *muito* pôde ser grammaticalmente o reglme directo (objecto directo), *a alguem* o reglme indirecto, como prova o conhecido exemplo *pelo muito que amava a seu filho*, no qual *que*, pronome relativo, é o objecto grammatical, representando *muito* como nome. Essa construção resulta da influencia da analogia do verbo *querer*.

“Diz-se *querer bem, querer mal a alguem, querer muito bem, querer muito mal a alguem*, ellipticamente *querer muito* (= *querer muito bem*) *a alguem*. Assim *querer* e *muito* fixa-se no sentido



de amar e ficam com a construcção determinada pelo caracter objectivo (grammatical) de *muito*; dahi por analogia *amar muito* com a mesma construcção" (*A Língua Portuguesa*, 3.^a ed., pag. 82).

Na phrase *pelo muito que amava a seu filho*, **que** não pôde ser *objecto de amar*, por avocer a si essa funcção manifestamente o termo — *a seu filho*, como se vê substituindo-o pelo pronome accusativo — *pelo muito que o amava*. A ausencia de preposição que lhe dá essa apparencia pôde explicar-se por uma ellipse: *pelo muito com que amava a seu filho*, *pelo muito amor com que amava a seu filho*. A ellipse da preposição antes de *que* é commum: *ha muito que moro aqui* = *ha muito desde que moro aqui*; " *ha mais de sessenta annos que nasci* detraz daquelle penedo" (F. R. L.) = *desde que nasci*; já cineo soes *eram passados que dalli nos partiramos*" (C.) = *desde que dalli. . .* " *lembra-te que és pó* = *de que és pó*." — Na phrase — *amar muito* (=com muito amor a alguem), *muito* é *adverbio* ou *adjuncto adverbial*, e *a alguem* é o *objecto*, a presença da preposição *a* não lhe tira o caracter de regimen directo (422), como prova a construcção: *amá-lo muito*. Em — *querer muito a alguem*, *muito* é pronome adjectivo indefinido e *objecto*, e *a alguem* complemento terminativo, como se prova com a substituição pronominal; *querer-lhe muito* (*bem*). A presença do dativo *lhe* neste caso e a do accusativo no outro indicam que não houve influencia analogica deste para aquelle.

619. *Pouco, menos*. *Menos* é o comparativo de superioridade synthetico de *pouco*; a fórma analytica — *mais pouco* é plebéa.

a) *Pouco* é partitivo frequentemente substantivado e seguido de *genitivo*, a semelhança dos partitivos latinos: *um pouco d'agua*, *o pouco de recursos que lhe resta*. — E' usual nesta phrase a attracção do substantivo regido sobre o regentê: *uma pouca d'agua*, *uns poucos de soldados bastaram*.

Pouco damno espanta, *muito* amansa — *A muito* entendimento fortuna *pouca* — *De muitos poucos* se faz *um muito* — *Melhor é muitos poucos*, *que poucos muitos* — *Pouco* fel *damna* *muito* mel.

b) *Menos* é de origem adverbial (lat. *minus*), e, como *pouco*, *muito*, *mais*, *quanto*, etc., é adjectivo deante de um subst., e adverbio sempre que modifica *adjectivo*, *verbo* e *adverbio*. Adquire valor de preposição synonyma de *excepto* (*præter*), quando liga dois termos. Exs.:

Todas as estrelas, *menos* duas, são maiores que a terra (A. V., ap. Bluteau) — *Em menos* de vinte dias (Bluteau) = *minus*

diebus viginti (Cle.) — Com muito *menos* confiança (Ib.) = minus multo audacter (Terent.) — He um estrangello, o qual tem menos poder, menos conhecidos, e menos amigos que vós = peregrinus est, minus potens, quam tu, minus notus, amicorum habens minus (Ib.).

620. *Delles, dellas*. Evidentemente *delles* é a contração da prep. *de* e do pron. pess. *elles*. Na v. ling. era frequente o emprego deste partitivo, que é, com certeza, um fragmento e o herdeiro do grupo logico de expressão — *alguns dellas, uma parte d'elles*. A conveniencia de brevidade na expressão e a lei do contagio deram origem ao partitivo *delles*, hoje inusitado, porém em plena vigencia até o sec. XVI.

Saem todos juntamente d'elles em magotes e d'elles em aazes longas e d'elles em aazes de coinha e lidam com o poder dos turcos (T. Port., Livr. de Lnh., p. 238).

Delles fazem que não ouvem,
E elles ouvem muito bem;
Delles fazem que não vem,
E dellas que não entendem
O que vai nem o que vem (G. V. Obs. 1. 119)

621. *Certo, diversos, diferentes, varios*. Estes adjectivos qualificativos, quando antepostos aos respectivos substantivos, assumem o caracter de determinativos, e de qualificativos quando pospostos, como se vê em *certa verdade e verdade certa, diversas pessoas e pessoas diversas, diferentes coisas e coisas diferentes, varias flores e flores varias*. Esta differencição de sentido determinada pela posição começou a operar-se do sec. XVII para cá; nos escriptores anteriormente a esse seculo, como em Camões e outros quinhentistas, tal evolução não se tinha operado. Na accepção de determinativo indefinido *certo* admite a anteposição do artigo indefinido: *certo homem, um certo homem*. Já em latim se descobre este valor significativo de *certo*, que mais tarde tem de se desenvolver no portuguez, como nas outras linguas romanicas — *certi homines* (Diez). Entretanto, no portuguez até o sec. XVI, não se revela este novo sentido. Exs.:

Alli, tua frota alegre recebendo,
Hum rei, com muitas obras de amizade,
Gasalhado seguro te daria,
E para a India *certa* e sabla guia (Lus. 2. 63).



Mas tu, em quem mui certo confiamos
Achar-se mais verdade, ó Rei benino,
E aquella *certa* ajuda em ti esperamos,
Que teve o perdido Ithaco em Aicno. (Lus. 2. 82)

622. *Cada, cada um, cada qual.* Só no singular se empregam estes distributivos; porém no port. arch. pluralizava *cada um* em *cada uns*.

Quando o Nuno Alvares viu... que cada uns capitães se tornavam a suas fronteras foi mui anojado (F. Lopes, Chron. de D. Fern., 21) — E já não he de negar que, pelejando tantas por tantas, cada huus haveriam que fazer por sua honra (Id. lb., 31) ...cada hũs cuidavã que a outra parte seria mais fraca (Palm. I. 237).

Nota-se ainda que *cada um* era mais frequentemente no v. port. seguido de um substantivo expresso do que hoje:

Quando cada hum Rey eomeçou de regnar (T. Arch., 33) — ... e que em cada hum anno pudesse empregar na India duzentos cruzados em mercadorias (Dec. 371) — Diversos dões reparte o Céu benino, e que cada uma alma hum só possuua (C. Obsr. 2. 76).

623. *Cada qual* só funciona como pronome, e *cada um* mais frequentemente apresenta-se neste caracter:

Cada qual com seu igual — Cada qual sente o seu mal — Cada qual no seu officio — Cada um dança como tem os amigos na sala — Cada um falla como que é — Cada um sente o frio, como anda vestido — Cada um aeode aonde lhe mais doe — Cada um diz da feira, como lhe vae nella.

624. *Todo, tudo.* Este determinativo *collectivo universal* não discriminava morphologicamente no v. port. a fórma masculina (*todo*) da fórma neutra (*tudo*). A discriminação é relativamente moderna, e, em certos casos, ainda hoje oscilla o uso entre *todo* e *tudo* (*todo o necessario* e *tudo o necessario*). Na lingua archaica a fórma *todo* exercia tanto a função adjectiva (*todo*), como a função pronominal (*tudo*). Do sec. XVI em deante a metaphonia do *o* em *u* dá-nos a fórma neutra pronominal (*tudo*) differenciada da fórma masculina (*todo*).

Leixando *tudo* ho mais necessario per um longo cerco (T. Red., 18) — E ben assi era todo (=tudo), como lhi dizia o ardeiro, e quero vos contar como (Chrest. Arch. 4, sec. XIII). — Seja teu todo o que vestes (tudo o que vestes) (T. Arch., 63, sec. XV) — ...sem o qual (o que) todo (tudo) é nada (L. Cons., 15, sec. XV) — O seu tudo é Tartuffo (A. C.).

625. EMPREGO DE TODO E TUDO. *Todo*, anteposto a um substantivo, reelama posposto o artigo definido, mormente no plural: *todo o homem, todos os homens*.

Porém este collectivo universal, do lat. *totus*, adquiriu nas linguas romanicas, quando no sing. e anteposto, o valor *distributivo* de *cada*, approximando-se do lat. *omnis* ou *quisque*: *todo homem é mortal* = *cada homem é mortal*. Existe em portuguez a manifesta tendencia de dispensar, nesta acepção, o artigo: *toda cidade pôde ser destruida por um incendio* (cf. *toda a cidade foi destruida por um incendio, a cidade toda*), *todo homem honesto paga suas dividas*. Esta tendeneia das linguas romanicas, que em portuguez ainda vacilla em nossos bons escriptores, tem-se fixado na grammatiea franceza (*tout homme*), hespanhola (*toda muger*); estas linguas não toleram o artigo, quando *todo* assume acepção distributiva.

No plural, porém, ou na acepção do lat. *totus*, o artigo é indispensavel: *todo o homem não é mortal* = *o homem todo não é mortal, toda a cidade foi saqueada* = *a cidade toda...* (cf. *nem toda cidade tem sido saqueada*), *todos os homens são mortacs, nem todas as cidades tem sido saqueadas*.

No v. port., não raro, appareee, tanto o singular como o plural sem artigo — *todas partes, todas cousas*, o que é um archaismo, imitado ás vezes por A. Castilho, e que, aliaz, se ouve no dialecto popular (*todas coisas*).

Os defensores que todallas avântageens ja declaradas com todos privilegios querem possuir (L. Cons. 34) — Caminhando com toda pressa, ao segundo dia de sua jornada foy a nevoa tam espessa, que lhe causou errar ho caminho (T. Red., 36) — Elle encomendou-se de todo coração (Ib., 77) — Grandemente destro em todas armas... dandolhe licença a todo desenfadamento (Palm. I. 13).

626. Em vez do artigo definido era eomnum o *indefi-*
nido, entre os classicos:

Hum só grão podre corrôpe todo hum cacho, (H. P., II. 307)
— Huma traição forjada com malicia degola de hum golpe todo hum Reyno, o Imperio (A. de Furtar, 298).

627. *Um... outro, um e outro*. Nos velhos textos da lingua apparecem estes correlativos acompanhados do artigo definido em ambos os elementos: *o um... o outro, o*

um e o outro, das hūas e das outras. No evolucionar da lingua desaparece o artigo do primeiro elemento, e conserva-se no segundo: *um... o outro, um... e o outro.* Hoje, porém, com o progresso analytico da lingua, guardamos, em regra, o artigo do segundo elemento, quando temos necessidade de individualá-lo, de torná-lo saliente:

Um morre... outro nasce, um dos dois morreu... o outro se salvou — Entre o povo ainda se ouve — *á uma... e á outra:* Não escrevi ha mais tempo á uma porque tenho andado bastante adoentado, e á outra porque não tinha grandes novidades para dar (J. Moreira) — Hum me envergonha e outro me injuria (C. Obs., 2. 53) — Assi que hum pela infamia que arrecea, e o outro pelas honras que pretende (Lus. 1. 34).

Pronomes pessoaes

628. Os *pronomes substantivos* ou *pessoaes* teem por função taxonomicia não só substituir, na expressão do pensamento, o nome para evitar a sua repetição, mas ainda teem a função, que propriamente os caracteriza, de indicar a pessoa grammatical do nome por elle evocado. Deste modo elle se discrimina do substantivo como categoria grammatical, com o qual, entretanto, teem intima affinidade, pois que assume, no mecanismo da linguagem, a feição de um substantivo *subjectivo*. Dahi o facto de sua destinação syntactica, de representar, nas relações logicas do discurso, os mesmos papeis que a primeira categoria grammatical. E' assim que, como o substantivo, exerce o pronome, na proposição, as funções de *sujeito*, *complemento* e *predicado*.

629. DECLINAÇÃO DOS PRONOMES PESSOAES. A declinação latina, obliterada nos nomes, tem nos pronomes pessoaes claros vestigios de sua passada existencia. Dos seis casos da declinação latina, quatro nos ficaram para indicar as relações syntacticas do pronome pessoal:

NOMINATIVO: *eu, tu, elle, nós, vós, elles.*

DATIVO: *me, mim, te, tí, se, si, lhe, nos, vos, se, si, lhes.*

ACCUSATIVO: *me, mim, te, tí, se, si, o, a, nos, vos, se, si, os, as.*

ABLATIVO: *migo, tigo, sigo, noseo, vosco, slgo.*

Os *casos do nominativo* são chamados *casos rectos* ou *subjectivos*, porque figuram como sujeito da proposição, e os outros são *obliquos* ou *complementares*, porque estão sempre em relação complementar.



Obs. O portuguez ampliou, com as linguas romanicas suas congeneres, o quadro das fórmas pronominaes, enriquecendo-o com o pronomo da 3.^a pess. — *elle, ella, ellecs, ellas*, e com as variações da mesma pessoa — *o, a, os, as, lhe, lhes*, que, como pronomes pessoais, não existiam em latim. Do adjectivo-pronome demonstrativo — *ille, illa, illud*; como já ficou demonstrado, alargou o portuguez, com grande vantagem da clareza e precisão da linguagem, o eschema pronominal na 3.^a pessoa. — No V. port. apparece frequentemente o obliquo tónico *mi* e *ti*, por *eu* e *tu*. . . *mais o coração podc mais ca mi*. (Long. 57, ap. E. Dias).

630. Sobre as fórmas obliquas convem observar:

1.^o As fórmas obliquas tónicas — *mim, ti, si*, são *preposicionacs*, e veem na phrase regida de qualquer preposição, excepto *com*, que rege, agglutinada, os ablativos — *migo, tigo, sigo, nósco, vósco* (*commigo, contigo, comsigo, cõmnõsco, comvosco*). No port. arch. estas e aquellas apparecem na phrase frequentemente sem preposição.

O que me sabe mais que si amar (Chrest. Arch. 286) — O que eu amo mais ca mi, dizem que cedo será aqui (Ib. 289) — E, pois dizedes ea (que) poder non avedes d'al tant'amar, come min (Ib. 293) — Senhor, des quando vos vi, e que fui voseo falar. (T. Port. 127) — Bon dia vi, amigo, poys seu mandad'ey migo (Ib. 138).

2.^o As fórmas abliquas átonas — *me, te, se, nos, vos* e as fórmas tónicas, regidas da preposição — *a* — *a mim, a ti, a si*, egualmente — *a elle, a nós, a vós*, podem funcio-
nar como *dativo* ou como *accusativo*, conforme sua relação com a palavra regente; na terceira pessoa, porém, temos — *lhe, lhes*, que são, exclusivamente *dativo* ou *objecto indirecto*, e *o, a, os, as*, exclusivamente *accusativos* ou *objecto directo*.

Accusativo	Dativo
Amar-me ou amar a mim	Obedecer-me ou obedecer a mim
Estimar-te ou estimar a ti	Perdoar-te ou perdoar a ti
Dar-se ao trabalho	Dar-se os parabens
Vê-lo fazer ou ver a elle fazer	Ver-lhe fazer ou ver a elle fazer
Deixar-nos ver ou deixar a nós ver	Deixar-nos ver ou deixar a nós ver
Ouvir-vos contar ou ouvir a vós contar	Ouvir-vos contar ou ouvir a vós contar
Ouvi-los contar ou ouvir a elles contar	Ouvir-lhes contar ou ouvir a elles contar

3.º As fórmãs obliquas são chamadas *pronomes pessoas conjunctivos*, pois que sempre se acham na phrase em conjunção com outras palavras, de que dependem; as fórmãs rectas são chamadas *pronomes pessoas absolutos*, pelo facto de figurarem de sujeito, termo principal e independente da proposição. Claro está que, quando as fórmãs rectas da 3.ª pess., e da 1.ª e 2.ª pess. do plural veem regidas de preposição, perdem o seu caracter de pron. *absoluto*, e se põem em relação de dependencia com um outro termo da proposição: *indagar delle, dirigir-se a nós, depender de vós.*

631. EMPREGO DO PRONOME PESSOAL. O estudo da syntaxe historica dos pronomes pessoas offerece phenomenos curiosos, quer em relação aos casos *rectos*, quer em relação aos casos *obliquos*.

631. CASOS RECTOS. O caso *recto* ou o *caso-sujeito* exerce em port., como em lat., a funecção *subjectiva*. E' o caso nominativo, creado para assignalar o sujeito do verbo. A este destino, porém, nem sempre obedece a lingua archaica, pois não raro apparece nos velhos documentos a fórmula recta do pronome exercendo a funecção de *accusativo* ou *objecto directo*, sem preposição. Exs.:

Nem veerei ja, em quant'eu vivo for, u. (onde) nom vir vós, que eu por meu mal vi (T. Arch., 21). — ...mays mentr'eu vós vir, mha senhor (=mas, enquanto eu vos vir, minha senhora) (O. Nobiling, 29) — Item mandamos que todolos poreariços que texerem porcos no campo dem eles a seus senhores... E todolos mançebos que servirem a plaso in gaídos paguem eles a rrazum d'este preço de suso dito... Item mandamos e outorgamos que os mançebos que morarem nas lavoiras... paguem eles de suas soldadas... (T. Arch., 30, sec. XIII) — E aquesto foy começo de minha cura, porque sentindo ella, leixei de sentir a mym (L. Conselh. 120, sec. XV) — E Judas dezia a Josep que tomasse elle per servo, quo era millhor para servir, e que leixasse Benjamin ir pera seu padre (Chrest. Arch., 94) — Nunca eu depois vi prazer, nen jamais non o veerei, se non vir ela, d'outra ren (Ib. 291) — Porém possam estes moços, teus netos, defender-me, elles fallem por mim, elles sós ouve (A. Ferreira, Cast. 58) — Mais ós de Bar eran tan alongados pelo mar, que eles non vliam os da terra, nen os da terra eles. (Chrest. Arch., 99) — ...um pauno d'ouro tendido em hastes, que cobria elle e o cavallo (F. Lopes, C. D. Fern. 164).

633. No Brasil ainda é frequente, no fallar do povo, este uso, do caso *recto* pelo *obliquo*, do caso sujeito pelo caso objecto, em phrases como as seguintes: *eu vi elle, ouvi ella, chama elles para almoçar*. Poder-se-ia suppor que a anomalia destas expressões tanto no portuguez archaico, como no uso brasileiro, consiste na ellipse da preposição *a*: *eu vi a elles, vi a ellas, chama a elles para almoçar*, porém entre nós, o povo leva a anomalia, se bem que mais raramente, para a 1.^a pessoa, que não admite preposição: *chama eu*.

Este emprego, entretanto, do pronome *recto* não obedece no Brasil sómente á antiga tradição da lingua, mas tambem á necessidade de clareza, pelo menos em relação ao pronome átono — *o, a, os, as*. Este accusativo, sobre fraco, é ainda attenuado na pronuncia brasileira, de sorte que se tornam obscuras ou ambiguas certas phrases de uso frequente, taes como: *vi-o, vi-a, eu o vi, ouvi-o, ouvi-a, eu o ouvi*. Na linguagem familiar difficultosamente articulamos sem confusão, taes grupos (*vi-o* e *viu, vi-a* e *via, eu o vi* e *eu ouvi, ouvi-o* e *ouviu, ouvi-a* e *ouvia, eu o vi* e *eu ouvi*). Urgidos pela lei suprema da linguagem, que é a clareza, remove o povo a difficuldade lançando mão, por instincto ou atavismo, do uso archaico do pronome *recto*: *vi elle, vi ella, ouvi elle, ouvi ella, eu ouvi elle*. Todavía, a grammatica continúa a considerar abuso tal uso.

634. Phenomeno contrario ao do paragrapho antecedente, isto é, o emprego do caso *obliquo* pelo *recto*, offerecem-nos ainda os velhos documentos da lingua. De facto, assim como se encontram pronomes na fórma nominativa servindo de *objecto*, assim tambem se encontram pronomes no caso *obliquo* servindo de *sujeito*. Exs.:

Os grandes nossos amores, que mi (mim=eu) e vós sempre ouvemos (O. Nobiling, 49) — A' feira, compadre — Assi; ora vamos eu e ti! longo desta ribeira (G. V., Ohrs. 1. 165) — Casmemos eu e ti (Id., 137).

635. Entre nós é tambem corrente, no dialecto popular, empregar-se *mim* com funcção subjectiva, quando este pronome é sujeito do infinitivo, regido da prepos. *para*: *laranja para mim comer, trabalho para mim fazer*, em vez

de — *laranja para eu comer, trabalho para eu fazer*. A razão obvia deste desvio syntactico está na presença da prepos. *para*, que ao povo parece reger o pronome (cf. *esta laranja é para mim*), quando rege de facto o verbo.

636. As fórmãs reetas são empregadas muitas vezes emphaticamente no topo da phrase, como um caso especial de anaeoluthia, onde o francez emprega as fórmãs tónicas — *moi, toi, lui: eu, nada sei; tu, nunca o viste; elle, não o vi mais; nós, não nos aecusará*. A este typo deve de pertencer a phrase tão commum: *eu parece-me* — “eu parece-me que he muito cedo pera vossa idade” (T. Redond. 115).

637. *Lhe, lhes*. Proeedem estas fórmãs pronominaes de dativo latino (*illi* \rightsquigarrow *lhe*, *illis* \rightsquigarrow *lhes*), e guardam em portuguez o valor syntactico desse caso. Em certo periodo da lingua até os seiscentistas, *lhe* era uniforme numericamente como o é genericamente, era singular e plural. Exs.:

Aeontece-*lhe* aqui aos moradores o mesmo que aos pilotos (A. V., ap. Serões, 325) —

Comendo alegremente perguntavam
Pela arabica lingua donde vinham.

Os fortes Lusitanos *lhe* tornavam
As discretas respostas que convinham (C.)

Qual parida leoa, fera e brava,
Que os filhos, que nos ninhos sós estão,
Sentiu que, emquanto pastos *lhe* buscava,
O pastor de Marsilha lh'os roubava (C.)

Obs. Desta invariabilidade numerica de *lhe*, em certa época, vieram as fórmãs *lh'o = lhes o*, e *lh'os = lhes os*. Na contracção destes dois pronomes, elimina-se excepcionalmente a desinencia plural do primeiro, produzindo isso a confusão entre o plural e o singular. Tal irregularidade, porém, é apenas a vigencia de um archaismo, a transmissão de um synalepha regular em passado periodo da lingua.

638. **FUNÇÕES DE LHE.** Morphologica e syntactieamente corresponde *lhe* ao dativo latino, e funceiona em portuguez como *objecto indirecto* ou *complemento terminativo*: *dou-lhe os parabens, dizer-lh'o, obedecer-lhe, responder-lhe,*

perdoar-lhe a falta, perdoar-lh'a. Excusado é dizer que a funcção dativa de *lhe* se estende ás fórmãs — *me, te, se, nos, vos*, que podem ser igualmente accusativas.

1.º O dativo *lhe*, bem como os seus correspondentes — *me, te, se, nos, vos*, ou os seus equivalentes — *a elle, a mim, a ti, a si, a nós, a vós*, substituem elegantemente os respectivos possessivos:

Arreatou-lhe a bengala, levou-lhe a palma, pagou-te as dívidas, ganhou-nos o coração, cegou-me os olhos, por— arreatou a sua bengala, levou a sua palma, pagou tuas dívidas, ganhou n'osso coração, cegou meus olhos.

Todavia, o dativo pôde ahí apparecer não como substituto, mas como reforço, p. ex.:

Os homens perseguiam a Antonio, por que lhes reprehendia seus vicios (A. V.).

2.º Como em lat., o verbo *ser* pôde vir acompanhado do pronome no dativo pelo possessivo correspondente:

Silchen era-lhe espôso (hule conjux Sicæis erat. (Verg.) — Que tal marido lhe fosses tu, como te ella é mulher. Tal mulher me fosse ella, qual lhe sou eu marido (A. Ferr., C. 86).

3.º Com os verbos *chamar*, no sentido de *appellidar*, bem como *fazer, ouvir, ver* e *deixar*, pôde-se empregar o dativo *lhe* pelo accusativo *o*, em expressões como as seguintes: *chamar-lhe* ou *chamá-lo tolo, fazer-lhe* ou *fazê-lo ver, ouvir-lhe* ou *ouvil-o dizer, ver-lhe* ou *vê-lo partir, deixar-lhe* ou *deixá-lo ehorar*, excepto quando regem infinitivos de verbos neutros — *deixá-lo morrer*, e não *deixar-lhe morrer*.

639. *O, a, os, as.* Estas fórmãs pronominaes, átonas são oriundas do accusativo latino (illum \rightsquigarrow *o*, illam \rightsquigarrow *a*, illos \rightsquigarrow *os*, illas \rightsquigarrow *as*), e conservam em portuguez o valor syntactico d'esse caso. Devido a essas relações morphologica e synthatica com o accusativo, taes pronomes só podem funcionar na oração como *objecto directo* (amá-lo) e como *sujeito do infinitivo* (vê-lo morrer, fi-lo prender=fi-lo ser preso).

E' praxe corrente nos bons escriptores, enunciar este pronome-objecto una só vez procliticamente, quando re-

clamado por dois ou mais verbos coordenados, p. ex.: Eu *o vejo, respeito e admiro*. No caso, porém, de ser elle collocado encliticamente, é de regra repeti-lo após cada verbo: *Vejo-o, respeito-o e admiro-o*. — As fórmias preposicionaes — *a elle, a ella, a elles, a ellas*, substituem ou reforçam este pronome, como fórmias explanatorias delle: *vejo-o a elle*, ou *vejo-a a ella*.

640. *Me, te, se, nos, vos*. Estas fórmias pronominaes átonas, bem como as fórmias tónicas, que as explanam — *a mim, a ti, a si, a nós, a vós*, podem funcioneer na proposição, conforme já vimos, como *dativo* e como *accusativo*, quer isto dizer que podem ser *objecto indirecto* ou complemento terminativo e *objecto directo* ou complemento objectivo, segundo a natureza do verbo regente, v. gr. *amar-me* e *obedecer-me*, *dar-te á patria* e *dar-te os parabens*, *dar-se ao estudo* e *dar-se ares de sabio*, *tirar-nos do perigo* e *tirar-nos o direito*, *querer-vos bem* e *querer-vos para genro*.

Como se tem visto, entre as fórmias átonas da 3.^a pess., ha uma para *dativo* (*lhê*), uma para *accusativo* (*o, a*), e uma para *dativo e accusativo* (*se*).

641. **DATIVO ETHICO.** De vez em quando, as fórmias átonas da 1.^a e 2.^a pess. funcionam na proposição como *dativo ethico* (*dativus ethicus*). Este dativo em portuguez, como no latim e no grego, tem unieamente por fim dar mais valor á expressão, p. ex.:

Olhae-me aquelle assoviar! (G. V. Obs. 2. 157) — *Olhae-me a cara daquelle capaz.* (cf. fr. regardez-moi la mine de ce galand) — *Que me está fazendo aquella creança?* — *Quem m'a matou?* (A. F., Cast. 76) — *Leitão?* Isso vos era elle (G. V.) — Assim como vo-lo eu rezo, esta, vos é Anna Diz (Id., ap. J. Mor. 1. 26) — *Que culpa te tõe teu avô nos desfavores que te tua dama dá?* (C., El-Rel Sel., ap. J. Mor., 26).

Obs. Não se confunda o *dativus ethicus* com o que em latim se chama *dativus commodi* e *incommodi*, que "designa a pessoa ou coisa em cujo proveito ou desvantagem se verifica a acção" verbal: *Non eschole, sed vitæ discimus* = *apprendemos não pera a escola, mas para a vida*.

642. Estes pronomes obliquos átonos, bem como as fórmias tónicas correspondentes — *a mim* e *commigo*, *a ti*

e *contigo*, mencionados no paragrapho anteedente, tornam-se *reflexivos*, toda vez que forem da mesma pessoa grammatieal que o sujeito de seu respectivo verbo, por isso que reebiam a acção verbal para o sujeito: *eu me levanto, tu te levantas, elle se levanta, nós nos levantamos, vós vos levantaes, elles se levantam, eu fallo comigo*. Os verbos assim empregados dizem-se *pronominaes*.

Este volver da acção verbal para o mesmo sujeito que a praetiea, pôde ser *claro* ou evidente, como aeontee com os verbos activos transitivos (*eu me levanto, os meninos se levantam*), ou pôde ser *obsuro* como aeontee com os verbos neutros e intransitivos (*eu me arrependo, os meninos morrem-se de frio, elle se sahii bem*). A idéa reflexa, porém, provoeada pela presença desses pronomes obliquos da mesma pessoa que o sujeito, se bem que obsura ou atenuada, revela-se dando ao sujeito interesse mais intenso no faeto verbal; é o que os grammatieos ehamam a *espontaneidade do sujeito*. Essa espontaneidade ou participação mais viva do sujeito no faeto verbal perebe-se comparando as seguintes phrases: *Pedro sahii bem* e *Pedro sahii-se bem, José morre por laranja*, e *José morre-se por laranja*.

643. E' frequente o uso pleonastieo do pronome obliquo, quando á testa da phrase collocamos o complemento, que queremos salientar:

Os sinos, já não ha quem os toque (A. H.) — Ao doente não se lhe ha de fazer a vontade (S. de M.) — As mercês os reys as dão (Canelon. Geral) — a mim me parece.

O latim medieual offereee exemplo do mesmo proeesso: *ipsam civitatem restauramus eam* (Esp. Sagr. 40, 365, an. 760).

644. *Sc, si, sigo*. Estes easos obliquos do pronome da 3.^a pess. differçam-se dos outros em ser exclusivamente reflexivos, isto é, em reebiam normalmente a acção verbal para o sujeito. *Sigo*, embora este pron. já contenha historicamente a preposição *com* (*secum* \rightarrow *sigo*), como — *migo, tigo, noseo, vosco*, todavia tal conteudo oblitrou-se, e hoje a lingua só o emprega com a agglutinação pleonastiea de *com* — *comsigo*. No port. archaieo ainda não se havia perdido de todo a noção do seu conteudo histori-

co, pois é frequente a alternção da fórma simples com a pleonastica. *Si* é preposicional; embora nem sempre assim se apresente nos textos da lingua.

O abba de ergue-o até *si* (A. H.) — O bom por *si* se gaba, o tolo por *si* se acaba — E elas enton quelmen eandeeas por nos e por *si*, (Chrest. Arch. 347) — ...estes olhos meos, que vos viron por mal de *sy* (T. Part. 131) — Os negros tanto que os viram correr contra *si*, como eram ligeiros... puzeram-se em salvo (Dec. 1. 112) — E' a mesma Venus a qual... se mostra dobradamente maior que *si* (A. V., C. 188) —

Amiga, vos non fezeistes rason
de que perdeste voss'amig'assi;
quando vus amava mais ea *si*
porque lhi fezeistes ben'enton. (Chrest. Arch.)

Ha modernamente uma franca tendencia a se empregar *si* e *sigo*, no estylo familiar, sem valor reflexo, quando de tal uso não advem amphibologia. A. Hereulano não foge a este emprego, como se póde ver do exemplo abaixo; não era o v. port. extranho a esta tendencia.

Ha dous periodos em sua carta que me affligem não por mim, mas por *si* (A. H., Cart. t. I, p. 10).

el por mi morr'e eu ando de *si*
Amigo, des que meu amigo vi
namorada (Chrest. Arch. 290)

645. O PRONOME REFLEXIVO NA CLAUSULA SUBORDINADA. Em latim, quando o reflexivo se acha na clausula subordinada, a acção é recambiada para o sujeito da principal, o que em portuguez, em regra, não acontece, p. ex.:

Rogavit Philippum ut ascenderet, et sederet secum (Vulg. Acts. VIII. 31) = rogou (o Eunueho) a Philippe que subisse e se assentasse com elle (lat. *comsigo*) (A. P.) — Et vidit virum Ananiam nomine, introeuntem et imponentem sibi manus ut visum recipiat (Vulg. Acts. IX. 12) = e viu um varão de nome Ananias, que entrava e lhe (lat. *a si*) impunha as mãos para que recebesse a vista (A. P.).

Em portuguez, como se vê nos exemplos supra, se a referencia é feita ao sujeito da clausula principal ou subordinante, emprega-se pronome não *reflexo*, pois o emprego do reflexivo recambiaria a acção para o proprio sujeito da subordinada, o que se vê traduzindo-se literalmente o lat.:

Rogou a Philippe que (o mesmo Philippe), se assentasse consigo, viu Ananias que (o qual Ananias) impunha a si as mãos. — O mesmo se dá na seguinte phrase citada por Diez: *Multi nil rectum nisi quod placuit sibi, ducunt* = *muitos nada fazem bem feito, senão o que lhes agrada* (lat. *agrada a si*).

Nota-se, entretanto, no proprio latim, como observa o douto romanista citado, uma certa hesitação quanto á referencia do reflexivo na clausula subordinada, hesitação, que se reflecte no possessivo *suus, -a, -um*, como já notámos. Para evitar ambiguidade, o latim muitas vezes empregava um pronome não reflexo (*is, ea, id*) para elueidar a referencia ao sujeito da oração principal, p. ex.: *Helvetii persuadent Tulingis, oppidis suis exustis, una cum iis proficiscatur*. (Ces.)=os helvecios persuadem aos tulingios que, queimadas suas cidades, partam com elles. Neste exemplo nota Chassang que *suis* refere-se ao regimen da clausula principal (Tulingis), e que o demonstrativo *iis* (=com elles) refere-se ao sujeito (Helvetii) da mesma, e não ao da subordinada.

A hesitação ou vacillação do latim classico no emprego do pronome reflexivo na clausula subordinada com referencia ao sujeito da subordinante, produziu no latim da decadencia uma tendencia crescente para substituir, neste caso, o reflexivo pelo demonstrativo (*is, ea, id*): b. lat. *orans, ut sibi sanctus succurreret, atque ei (sibi) considerat gratium*. (Gr. Tur. 5. 14)=orando para que o saneto o (=sibi) soccorresse, e lhe (ei=sibi) concedesse graça.

Todavia, em nossos escriptores classicos encontramos por vezes a syntaxe latina com respeito á referencia ao sujeito da principal:

Os negros tantos que os viram correr contra si. (contra elles negros, sujeito da principal *viram*), como eram mais ligeiros... puzeram-se em salvo" (Barros, Dec. 1. 112) — O sogro o deteve, e fez ficar consigo (*ob nix cum socer tenuit, et apud se fecit manere*, (A. P., Juiz., 19.7) — Isto é, com elle sogro, sujeito da principal *fez*, e não com o proprio genro, sujeito da subordinada *ficar*.

646. O SE PARTICULA APASSIVADORA. Dá-se a designação de *particula apassivadora ou apassivante* ao pronome reflexivo *se*, toda vez que a acção verbal por elle recambiada

é recebida, porém não praticada pelo sujeito, como: *cortam-se arvores, alugam-se salas, os mares se navegam pelo feio phoca* (C.).

Quando a acção recambiada é recebida e praticada pelo sujeito, que é então *agente* e *paciente*, a voz do verbo se diz *média* ou *reflexa* (*o menino se corta*); quando, porém, é apenas recebida pelo sujeito, que, ou por incapacidade ou por outra eircumstancia, deixa de ser *agente* e se constitue apenas *paciente*, a voz do verbo assume o character de *passiva*, e o pronome reflexivo, de *particula apassivadora*: *cortam-se as arvores, convidam-se os moços*.

647. Acontece com certos verbos *transitivos*, empregados impessoalmente, que a acção devolvida pelo reflexivo *se* não encontra sujeito conhecido ou determinado que a pratique, como em — *come-se bem, ama-se a Bernardes* (A. C.), *teme-se ao deus Término* (Id.), *respeita-se aos doctes* (A. Paiva). Neste caso, a acção suppõe-se apenas *recebida*, o valor syntactico é *passivo*, e a particula *se*, incorporada no verbo, mantem, portanto, o seu character apassivador.

Extende-se este phenomeno aos proprios verbos *intransitivos*, embora ahi o conceito de reflexibilidade accional seja obscuro, e a prova desta extensão temo-la na fórma passiva latina por taes verbos assumida: *vive-se, passeia-se, vac-se ao céo, entra-se nesta sala=vivitur, ambulatur, sic itur ad astra* (Verg.).

648. Igual phenomeno apassivante, se bem que menos frequente, póde dar-se com os outros pronomes obliquos (*me, te, nos, vos*), quando empregados reflexivamente, p. ex.:

Chamo-me Pedro e elle se chama Paulo, baptizamo-nos no mesmo dia (sou chamado Pedro, elle é chamado Paulo, fomos baptizados no mesmo dia) — Não vos consumaes de tristeza, nem vos devoreis de zelos (não sejaes consumidos, nem sejaes devorados).

No estudo das vozes dos verbos examinaremos mais particularmente esta funcção do *pronome reflexo*.

649. PRONOMS DE REVERENCIA. Tinham no latim classico os pronomes pessoaes seu valor proprio sem qualquer

idéa accessoria de reverencia ou irreverencia. Os imperadores romanos, de Deocleiano em diante, começaram a usar de *nos* em logar de *ego*, e passou assim o pronome plural *nos* a indiar uma pessoa proeminente, que representava uma collectividade. Os príncipes e os bispos reclamaram para si o mesmo emprego desse plural, que se tornou *plural de majestade*. Arrastado pela analogia o pronome *tu* começou a ser substituído pelo pron. *vós*, nas linguas romanicas, sempre que se queria mostrar deferencia ao interpellado. Degradado deste modo o pron. *tu* de sua primitiva dignidade, passou a ser, por um lado, a expressão de inferioridade, de desprezo ou de odio, e, por outro, no circulo de relações intimas, a expressão de amor e de familiaridade.

Todavia, por influencia da *Vulgata*, o pron. *tu* ainda conserva sua dignidade primitiva na linguagem religiosa, quando nos dirigimos á Divindade, como se póde ver na oração dominical:

Pater noster, qui es in caelis, sanctificetur nomen tuum, Adveniat regnum tuum. Fiat voluntas tua, sicut in caelo et in terra. Panem nostrum supersubstantialem da nobis hodie. Et demitte nobis debita nostra, sicut et nos demittimus debitoribus nostris. Et ne nos inducas in tentationem. Sed libera nos a malo. Amen.

O P.^e Antonio Pereira de Figueiredo assim traslada a portuguez esta oração:

Padre nosso, que estás no Céu: santificado seja o teu nome. Venha a nós o teu reino. Seja feita a tua vontade, assim na terra como no Céu. O pão nosso que é sobre toda substancia, nos dá (tu) hoje. E perdoa-nos as nossas dividas, assim como nós tambem perdoamos aos nossos devedores. E não nos deixes (tu) cair em tentação. Mas livra-nos do mal. Amen.

Observa-se, entretanto, em nosso meio, na liturgia catholica, uma certa reacção contra o emprego da 2.^a pess. sing. nas orações cultuaes; é assim que muitos preferem, na oração dominical, mudar os pronomes, os possessivos e os verbos para a 2.^a pess. do plural:

Padre nosso, que estaes no Céu; santificado seja o vosso nome... venha o vosso reino... (vós) perdoaes as nossas dividas... não nos deixeis (vós) cair... (vós) livrae-nos do mal.



650. Além da linguagem religiosa, no estylo elevado os poetas e os oradores empregam o pron. da 2.^a pess. sing. e o respectivo possessivo (tu e feu), em suas interpellações ou apostrophes. Exs.:

Agora tu, Calliope, me ensina
O que contou ao Rei o illustre Gama,
Inspira immortal canto e voz divina
Neste pecto mortal que tanto te ama (Lus. 3. 1)

Que levas, cruel Morte? Hum claro dia.
A que horas o tomaste? Amanhecendo.
E entendes o que levas? Não o entendo.
Pois quem t'ó faz levar? Quem o entendia.
(C. Obs. 2. 46)

O' mar, o teu rugido é um echo incerto
Da creadora voz de que surgiste:
Seja, disse; e tu foste, e contra as rochas
As vagas compelliste.

E á noite, quando o céu é puro e limpo,
Teu chão tinges de azul, — tuas ondas correm
Por sobre estrelas mil; turvam-se os olhos
Entre dois céos brilhantes (G. D., Poes. 1. 296)

651. Desenvolvida na b. latinidade a idéa accessoria de deferencia ou dignidade no emprego dos pronomes da 1.^a e 2.^a pess. do plural (*nós, vós*), requintou em nossa lingua o espirito de eortezania, promovendo a ereação de certo numero de pronomes ou expressões pronominaes de traetamento, taes são:

Vossa Mercê (V. M.), Vossa Senhoria (V. S.^a), Sua Senhoria (S. S.^a), Sua ou Vossa Excellencia (S. ou V. Exe.^a), Reverendo (Rev.), Sua ou Vossa Reverendíssima (S. ou V. Revd.^{ma}), Sua ou Vossa Alteza (S. ou V. A.), Sua ou Vossa Majestade (S. ou V. M.), Sua ou Vossa Mercê (S. ou V. M.).

Vossa Mercê deu-nos, contrahido, *voeê* (V.), com mudança de sentido, pois *voeê* equivale a *tu*, no uso actual, e se refere a eguaes ou inferiores, indieando, ás vezes, no circulo domestico, carinho e confiança de filhos para com seus paes.

Da natureza e significação dos substantivos de taes expressões se deduz o processo da formação dellas. Consiste o processo em abstrahir da pessoa uma qualidade caracteristica, constituir desta um substantivo abstra-

eto, precedê-lo do possessivo *seu* ou *vosso*, e dar-lhe valor de pronome da 3.^a pess., mesmo quando serve para se interpellar a 2.^a pess.: *V. Exc.^a queira sentar-se.* Quando se interpella, é preferivel antepôr-se o possessivo *vossa*, noutros casos é de rigor *sua*: *Queira dizer a S. Exc.^a que aqui estamos ás suas ordens.* — *S. S. não respondeu a meu artigo, que quer elle agora?*

São, pois, todos esses pronomes da 3.^a pess. grammatical, embora, no caso de interpellação, sejam logicamente da 2.^a pess. e, por isso, quando sujeitos, levam o verbo e o possessivo que a elles se referem para a 3.^a pess.: *V. Exc.^a ou S. Exc.^a perdeu seu tempo* — *V. A. ou S. A. não se engana em suas previsões* — *V. S.^a ou S. S.^a queira servir-se por suds proprias mãos.*

Nota. A oscillação que em certos casos se nota entre o possessivo da 2.^a pess. (*vossa*) e o da 3.^a (*sua*) é devido á natural confusão que nesses casos se dá entre o aspecto logico e o aspecto grammatical do pronome, confusão, allaz, que não lhe tira, em hypothese alguma, o seu caracter de 3.^a pess. para os effeitos da concordancia.

652. OUTROS PRONOMES. Além desses *pronomes de tratamento*, que acabamos de expor, de data relativamente recente, empregou sempre a lingua certos substantivos com o caracter de pronome indefinido, taes são: *fuão, fulano, beltrano, sicrano, homem, coisa* (arch. *ren.*), *um, outro, gente, uma pessoa*. Os quatro primeiros são empregados exclusivamente como pronomes, e os outros o são accidentalmente. Exs.:

Chegou aqui don' *foão*
e vêo mul' ben gulsado — (Chrest. Arch. 198)

Ca vedes que ouço dizer
que mingua de sen fez dizer
a 'om' o que não quer dizer — (Ib. 222)

Homem que vai donde eu vou
Não se deve de correr (G. V., Obs., 3. 128).

E não põe *coisa* a guardar,
Que á tope quando á cata;
E por mais que *homem* se mata
De birra não quer fallar (G. V., Obs., 1. 106).

Pero sei eu dela, de pran
ca non m'enviou *ren dizer* — (Ib. 227).

Fuão, melo-burguez, melo-camponio,
Possula em certa Aldêa
Um casal com Jardim, Vergel e Horta — (Fab. 115)

I-vos asinha (de pressa)...
Nunca *uma pessoa* tem
Hãa hora para fallar (C. Obsr. 3).

O que lhe pôde fazer *a gente*? (R. da S., Od. 57) — *A' gente* que lhe importa que a roubassem ou não... *E'* que a *gente* estava no quintal (A. C., O Doente, 4, 5) — Cuida o *outro* que quando dá esmola, que a dá para o perder (A. V., S. 1. 221) — Não sejaõ como *hum*, que vendeo por seis mil réis huma amarra del Rey, que tinha custado setenta mil (A. de F., 326) — Lá chorou o *outro*, que por poupar hum eravo de huma ferradura, perdeo huma gloriosa victoria (Ib. 329).

653. Frequentemente é o substantivo *coisa* empregado pronominalmente como *predicado*, p. ex.: *E' coisa admiravel que elle tenha feito isso*. Em Vieira encontramos um facto isolado em que, como em francez, apparece um pronome como sujeito grammatical reforçando o sujeito lógico, porém, differentemente do francez, attrahido pelo predicado pronominal *coisa*:

Ella é *coisa* admiravel, que os conselheiros de Castella se conforme tanto com os nossos. (A. V., Obsr. C. 192, 215)

Não raro no dialecto popular supprime-se *coisa*, e só apparece seu adjuncto attributivo no mesmo genero, em concordancia latente, p. ex.: *Esta é boa!* — *E' boa!* A's vezes a phrase torna-se ainda mais contracta com a ellipse do proprio verbo: *Ora, essa!* — *Homem, essa!*

Obs. I. *Homem*, sem artigo empregado pronominalmente, era de uso frequente no port. arch. nas fórmãs — *ome*, donde o francez tirou o seu pronome indefinido, de largo uso, *on*. Em portuguez esse emprego pronominal do subst. *homem* foi-se restringindo, e é modernamente substituido por — *a gente*, *uma pessoa*, e, menos frequentemente, por — o *homem*. Nos *Adagios, Proverbios, Rifões, e Aneãs da Lingua Portugueza* por F. R. J. L. E. L. (1891); encontra-se o pron. *homem* com artigo e sem elle: "Anda o homem a trote, por ganhar capote"; e "Delta-se homem pelo chão, por ganhar gabão".

Obs. II. *Coisa* é frequentemente usado hoje em accepção pronominal: *não dizer coisa com coisa*. No *Cancelheiro* apparece a

miude *ren* ← *rem* = coisa: *Nunca eu depois vi prazer... d'outra ren.* Unido a *algo* deu-nos pron. indefin. arch. *algorren* (*algo rem*) = alguma coisa.

CAPITULO III

VERBO

654. THEORIA DO VERBO. O verbo (lat. *verbum* *pallavra*), palavra por excellencia, tem por funcção fundamental, na expressão de pensamento, indicar a actividade, o movimento ou a vida dos seres. E', pois, elemento característico do verbo exprimir a *acção*, porém a acção sob as relações de *tempo*, *modo*, *numero* e *pessoa*, indicadas pelas variedades de suas flexões.

O ser, de que o verbo enuncia a actividade, é o que se chama o seu *sujeito*.

O verbo, portanto, como o adjectivo, é uma palavra modificativa de um nome, com o qual se coordena. A modificação do adjectivo se diz *attributo* no dominio da syntaxe, e a do verbo *predicado*. Esta distincção entre o *attributo* e o *predicado* obedece á corrente grammatical moderna, que veio alterar os moldes dos grammaticos de Port-Royal. Já os antigos grammaticos, observa C. Ayer, se serviam da palavra *predicado* para indicar aquillo que se declara do sujeito, de accordo com a etymologia do termo (lat. *prædicatum* = *enunciado*), que significa *o que se diz do sujeito*, sendo este o seu verdadeiro sentido na analyse do pensamento.

A acção verbal, porém, contida no predicado e attribuida ao sujeito, é clara e formal nos verbos chamados *activos*, como acontece com os verbos *transitivos*, onde a acção manifesta passa do *sujeito* ou *agente* para um *objecto* ou *paciente*, p. ex.: *Elle partiu o pão*; e é ainda elara em alguns verbos intransitivos, embora a acção não passe do sujeito, que a practica, p. ex.: *O menino anda, a lebre corre e a aguia voa*. Nos verbos chamados *neutros*, a acção que, segundo C. Ayer, A. Darmesteter e outros, caracteriza o verbo, está attenuada, e concebida como latente ou inherente no sujeito, p. ex.: *O homem, nasce, vive, sofre e morre*.



DEFINIÇÃO. Em face da theoria exposta, podemos definir o verbo como: — a palavra que exprime a acção attribuida ao sujeito sob as relações de tempo, modo, numero e pessoa. Ou, com Darmesteter: — a palavra que exprime por flexões diversas o modo de actividade que apresentam as pessoas ou coizas de que se falla.

655. VERBO SUBSTANTIVO E ADJECTIVO. De aeordo com esta theoria e definição, todo o verbo é essencial e primitivamente *adjectivo*, por isso que modifica um substantivo-sujeito de que é o predicado. Assim sendo, a proposição comporta uma divisão binaria em — *sujeito* e *predicado*.

Entretanto, o commum dos grammaticos, orientando-se ainda, sobre o ponto pela corrente escolastica da edade-média, divide o verbo em — *substantivo* e *adjectivo*, e os elementos da proposição em — *sujeito*, *verbo* e *attributo*.

Esta orientação que reinou incontrastada até nossos dias, reeebeu origem e impulso systematico dos sabios grammaticos de *Port-Royal*, Arnold e Lancelot, em sua celebre *Grammaire générale et raisonnée*, publicada em 1660. Larga foi a influencia desses grammaticographos; a corrente especulativa, porém, no estudo geral da lingua-gem por elles despertada, era inteiramente extranha ao criterio historico, e levava muitas vezes a conclusões erroneas, na confusão natural da logica do pensamento com a logica da lingua-gem.

Para os grammaticos-philosophos dessa corrente espeeculativa o verbo *ser* era, em rigor, o unico verbo, o verbo primitivo, essencial a todas as linguas para a expressão do pensamento, o verbo abstracto, liame necessario ás idéas, que constituem o fundamento da proposição, o verbo que subsiste por si só, o *verbo substantivo*. A elle, diziam, vieram agglutinar-se, antepondo-se e apocopando-se, elementos adjectivos, que constituiram os outros verbos. Assim *movente*+*ser* deram *mover*; *amante*+*ser*, *amar*; *partinte*+*ser*, *partir*; *poente*+*ser*, *pôr*. Dest'arte se formaram os typos das conjugações e todos os mais verbos, que, por isso, são chamados *verbos adjectivos* ou *concretos*, por opposição ao verbo *substantivo* ou *abstracto*. Para taes grammaticos todo predicado grammatical se desdobra uniformemente em dois elementos: — a *affirmação*, contida na *de-*

sincencia, e o *attributo* encerrado no *thema*; e toda a proposição possui tres termos logicos — *sujeito*, *verbo* e *attributo*.

Tal theoria, observa A. Darmesteter, é falsa deante do *desevolvimento historico* das linguas, e da *analyse* dos factos.

a) Com effeito, a grammatica historica não revela em periodo nenhum da lingua tal combinação. Nos mais antigos documentos da lingua os verbos se apresentam em sua forma concreta. Os dois elementos logicos, contidos no verbo, que a abstracção separa, a *affirmação* (que, segundo a theoria de P. Royal, é caracteristica do verbo e se contém na desinencia verbal) e o *attributo* (contido no *thema* verbal) sempre apparecem em sua forma *concreta*: a expressão funde os dois conceitos logicos, e separá-los grammaticalmente é confundir o dominio do philosophia com a sphera da lingua.

b) Corroborá ainda as considerações acima o facto de que o mesmo verbo *ser*, chamado abstracto ou substantivo, é, como os outros, verbo *concreto* ou *adjectivo*, e como tal apparece proeminentemente em latim, e em todas as épocas do portuguez. Exs.:

Et campos ubi Troja fuit (Verg.) = campo onde foi Troia (O. M.) — Fuit, fuit ista quondam in hac republica virtus (Cic.) — Entra Almeida, saudosa do marido, que he na guerra (C. Obs. 3. 50) — Era sobre a tarde (Souza) — Tomados sem o soccorro das artilharias, que ainda então não eram (A. C.) — Era por uma dessas noites vagarosas do inverno em que o brilho do céu sem lua é vivo e tremulo (A. H.) —

O' mar, o teu rugido é um echo incerto

Da creadora voz de que surgiste:

Sejá, disse; e tu foste, e contra as rochas

As vagas compelliste. — (G. D.)

656. E' evidente que em todas estas phrases o verbo *esse* ou *ser* tem o valor attributivo de *existir* (*ser existente*, *é=é existente*), encerra em si latentemente o attributo de *existencia*: é, como os outros, um verbo *predicativo*, *attributivo* ou *adjectivo*. Sómente a sua predicção ou o seu attributo é o mais geral de todos os seres, e, por isso, mais tenue e menos apreciavel que todos os outros.

Nas phrases *nominaes* (*o homem é mortal*), em que um

nome como que absorve a idéa predicativa, mais se attenua a predicacão do verbo *ser*, a ponto de se perder della a consciencia, assumindo, então, um caracter *abstracto* ou de mera *relação*. E', porém, este um phenomeno de evoluçãõ, que não destroe o caracter concreto primitivo do verbo *ser*.

e) Acresce ainda a circumstancia, fatal á theoria do verbo substantivo, de que o verbo *ser*, no sentir de Darmesteter, parece ter sido um dos ultimos productos da abstracção da linguagem, é desconhecido em muitas linguas, taes como nas lingas primitivas, e muitas outras na China, Africa, Polynesia e America, segundo C. Ayer.

d) Finalmente, as phrases verbaes (*o sol brilha*) não são equivalentes ás nominaes (*o sol é brilhante*), como deveriam ser, se aquellas fossem apenas a contracção desta, como quer a theoria de Port-Royal. De facto — *o sol brilha* não é a mesma coisa que — *o sol é brilhante*: ha naquella phrase uma acção verbal, que não apparece nesta. E', pois, absurdo dar-se esta como a origem daquella.

A classificacão, portanto, do verbo em *substantivo* e *adjectivo* tem sido modernamente abandonada deante da evoluçãõ historica das linguas e da analyse racional dos factos da linguagem. Com ella desaparece tambem a divisãõ ternaria dos membros essenciaes da oraçãõ — *sujeito, verbo e attributo*, para dar logar á divisãõ binaria — *sujeito e predicado*.

SER E ESTAR

657. EMPREGO DE SER E ESTAR. Tem predicacão semelhante estes dois verbos, ambos reclamam a predicacão de existencia; porém, *ser* é mais geral, amplo e indefinido em seu conceito predicativo; ao passo que *estar* é menos vago, mais especifico, e isto se torna evidente, quando, nas phrases nominaes, ambos ligam ao sujeito um predicado nominal, p. ex.: *o menino é doente* e *o menino está doente*. O predicado latente no verbo *é*, nessa phrase, é a existencia em toda sua extensãõ, a existencia simples e indefinida; no verbo *está* é a existencia limitada, actual, especifica: dahi a differença do sentido das duas phrases.

Para os estrangeiros, cujas linguas não possuem o verbo *cstar*, como o francez, o inglez e o allemão, é, em geral, difficultoso discriminar o valor de *ser* e de *estar* nas phrases nominaes; para nós, porém, salvo certos casos em que os dois verbos parece confundirem-se, a distineção é obvia.

O verbo *ser* exprime um *estado inherente*, permanente, indefinido, do sujeito, e o *cstar* um *estado accidental* e transitorio, como se pôde ver nas seguintes phrases:

Ser	Estar
O homem é mortal	O homem está morto
O cão sempre foi fiel	O cão sempre esteve preso
O sol é brilhante	O sol está brilhante
A vida é cara	A vida está cara
A navegação é perigosa	A navegação está perigosa
Elle é sabio	Elle está agora sabio
Eu sou um desgraçado	Eu estou desgraçado

658. A's vezes, porém, a inherencia ou permanencia do predicado expressa pelo verbo *ser*, não se differença da actualidade ou transitoriedade expressa pelo verbo *cstar*, ou o matiz de differença é tão apagado que mais se sente do que se expliea, como se dá nas seguintes phrases: *O decreto é referendado pelo Presidente* e *o decreto está referendado pelo Presidente* — *A carta é escripta em francez* e *a carta está escripta em francez* — *Isso é claro* e *isso está claro*.

659. O VERBO SER NO VELHO PORTUGUEZ. A distineção que hoje nitidamente se faz entre *ser* e *estar* nas phrases nominaes, é o resultado do movimento analytico da lingua, pois o v. port. fazia mais largo uso do verbo *ser*, do que o fazemos hoje, e onde hoje de ordinario apparece o verbo *estar* empregava *ser*. Exs.:

Quando Mordaret viu que a terra *era* em seu poder, logo pensou que faria de guisa (modo) que seu tio non ouvesse a tornar a ela (Christ. Arch., 43) — ...a maior parte dos quaes não era presente (Doc. 1. 400) — Entra Alemena, saudosa do marido, que he na guerra (C. Obs. 3. 50) — Ah! deixem-me enganar, que eu sou contente (C. Obs. 2. 75) — Chamei-me Adamastor, e fui na guerra contra o que vibra os raios de Vulcano (C.) — Depois da frota ser dentro (D. de Goes, ap. Serões, 379) — E ainda vos digo que as pessoas que lhe bem queriam não devem ser tristes (B. Ribeiro, ib.).

Obs. E' frequentissima a ellipse do verbo *ser* depois de certas *preposições, conjunções e verbos*: "Apesar de gordo, os seus movimentos não eram acanhados nem desairosos (R. da S., Mocid., l. 4, ap. E. D.) — "Depois de esposo, cuida que será o mesmo" (Id., ib.) — "... a muitos navios meteo nas mãos dos piratas, não a carga por muita, mas por descompassada (A. V., ap. E. D.) — "... nom foy tam notado de bebedo (H. C., I. 530, ap. ib.) — O Governador depois de o louvar de eurioso, e bem occupado, lhe mandou dar trinta pardas (J. F., ap. ib.) — Lisboa não dá mostra de quebrantada (A. C. ap. ib.) — As raposas são muito astutas, e se não se tomam em quanto pequeninas, depois de grande não se podem tomar (A. V., ap. ib.) — O ar, posto que frio, estava manso e diaphano (A. H., Eur. 230) — "...aviam mister publicamente castigados (H. P. I. 343) — "Presumíveis de entendidos" (Celta, 86 v., ap. E. D.).

660. Não só pelo *estar*, senão pelo *haver* no sentido de existir, a v. lingua emprega frequentemente o verbo *ser*.

Um Rei, por nom Affonso, foi (houve) na Hespanha (Lus. 3. 23) — Depois d'el-rei D. Affonso ser vindo de França (G. de Rez., ap. Serões 379) —

Antes que fosse Lisboa,
Nem houvesse aqui cidade,
Fão todos a Trindade (G. V. Obs. 2. 306).

661. O uso do verbo *ser* pelo *estar* e *haver* apparece hoje no estylo elevado, como elegancia de linguagem.

A fé que, no melo do ruido, quasi me esqueceu que creis aqui (A. H. L. e N. 1. 75) — Já de Ceuta o Camões era volvido á patria em 1550 (L. C., Cam., 131) ...ratificando-lhes a promessa de muito cedo ser com elles por qualquer via (A. V., C. 45) — Amanhã pois tu e teus filhos sereis commigo (A. P. 1 Reis. 28. 19).

TER E HAVER

662. Os verbos *ter* e *haver*, empregados como *auxiliares*, não eram como taes empregados na v. ling. Até o sec. XVI guardaram elles o valor que tinham originalmente em latim de verbos *concretos*, isto é, conservavam o seu conteúdo significativo. Sómente depois do sec. XVI é que se foram esvasiando de sentido, e se foram tornando meros verbos de relação ou *abstractos*, quando seguidos de particípio passado e infinitivo preposicional (tenho estudado, tenho de estudar). Deste modo foram-se, pouco a pouco, entrando na categoria de verbos *auxiliares*,

Quando, porém, esses dois verbos não se acham em conjunção com o particípio do passado ou com o infinitivo regidos da prep. *de*, nas expressões periphrasticas de tempos verbaes, conservam o valor predicativo original, como em — *tenho livros, ha homens*.

Na perda paulatina de seu conteúdo significativo, como dissémos, taes verbos se tornaram simples auxiliares na formação de tempos compostos, alheios ao latim, servindo apenas para indicar relações de — *têmpo, modo, numero e pessoa*.

Com a obliteração do seu valor significativo, immobilizou-se o particípio passado, que antes desse phenomeno concordava em genero e numero com o objecto no caso de verbos transitivos. Assim, a phrase — *tenho escriptas as cartas, havia comprados os livros*, evolueu em — *tenho escripto as cartas, havia comprado os livros*.

Nesta evolução da phrase houve desenvolvimento analytico, e a lingua guarda as duas fórmas, a antiga e a moderna, com sentido diferenciado; pois é evidente a differença que fazemos hoje entre *tenho escriptas as cartas e tenho escripto as cartas, haviam os livros comprados e haviam comprado os livros*. Tal distincção é, pois, o resultado do progresso analytico da lingua.

Até aos quinhentistas, porém, o v. port., como o latim, não podia expressar com esses verbos senão o sentido do primeiro typo (*tenho escriptas as cartas*). Exs.:

Mui maa cousa avedes feita (C. Arch. 94) — E esta partida dizem que foi por mandado d'el rei de Castella, que tinha eereada Almeida (F. Lopes, C. de D. Fern. 50) — E assi tem mortas muytas donzelas sem alguma piedade, dizendo que com ellas aplacam as almas dos pays (T. Red. 144) — Dizendo mil magoas ao longo das conevidades, que o mar tinha feitas (Palm. I. 15) —

Se tanta pena tenho merecida

Em pago de soffrer tantas durezas:

Próvaí, Senhora, em mi vossas cruzas,

Que aqui tendes uma alma offerecida (C. Obs. 2. 21)

E se inda não ficarem deste feito

Destruidos ou mortos totalmente,

Eu tenho imaginada no conceito

Outra manha e ardil que te contente (Lus. I. 81)

Obs. Phenomeno identico deu-se nas outras linguas romaneas, tendo o francez apenas coiservado a concordancia generica e numerica do particípio com o *objecto* no caso de preceder este ao verbo, p. ex.: *La lettre que j'ai écrite* (cf. *Soube a vida que me tinha destinada*, C. Ohrs: 2. 28).

663. Não obstante a obliteração de sentido e o consequente valor identico dos dois auxiliares, a lingua faz hodiernamente nitida discriminação entre *ter* e *haver* nas locuções infinitivas preposicionaes, v. gr., entre — *ter de partir* e *haver de partir*. Nestas fórmãs periphrasticas, chamadas de *linguagem projectada*, não ha mera expressão de futuridade, mas á idéa de futuro aggrega-se, com o verbo *ter*, a idéa de *dever* ou *obrigação*, e com o verbo *haver* a de *promessa* ou *resolução*: a futuridade indicada pelo primeiro é *obrigatoria* e a indicada pelo segundo *promissiva*: *tenho de partir* e *hei de partir*, *eu tinha de partir*, e *eu havia de partir*, *eu tive de partir* e *eu houve de partir*, etc.

A distincção continúa na 2.^a e 3.^a pess., porém attenuada, porque nessas pessoas um é o que falla e outro é o *agente*, que executa a obrigação ou promessa, o que não acontece com a 1.^a pess., na qual coincidem o que falla e o agente.

Tal phenomeno de nossa lingua traz frisante analogia com o que se dá em inglez em relação aos auxiliares *shall* e *will*, que formam o futuro do verbo: *I shall go*, *I will go*, *he shall go*, *he will go*.

664. Modernamente o verbo *ter*, como auxiliar, é de mais largo emprego que o verbo *haver*; o contrario dava-se na v. ling. Até o sec. XV o verbo *haver* apparece quasi exclusivamente nas expressões verbaes, de que vimos tratando, e apparece não só seguido da prep. *de*, mas (o que é hoje archaico) da prep. *a*. Exs.:

Deseg'eu (desejo eu) mul' a veer mia Senhor, e pero sel que pois ant'ela for non lh' ei a dizer ren. (não lhe hei de dizer nada) (Chrest. Arch., 219) — Cuidando em vos, ouye a morrer assi (houve a = tive de) — cuidando em vós, senhor, guarecí (sarei) (Ib. 225) —

Noutro dia quando m'eu espedi
de mia senhor, e quando mi ouve a ir (ouve a = tive de)
e me non falou, nem me quis oir
tan sen ventura foi (ful) que non morri (Ib. 226).

E se vós sois das gemenhas,
E houverdes d'atatar

Se quer, Senhor, tanger bem,
Hade haver mister tercelros (C. Obs. 3. 140)

665. HAVER E TER COMO IMPESSOAES. Desde os primeiros documentos da lingua, o verbo *haver* apresenta-se com caracter impessoal como succedaneo de *esse (ser)* no sentido de *existir*.

Sunt homines=ha homens — Est genus quoddam hominum (Nep.)=ha uma certa classe de homens — Homo nequissimus omnium qui sunt, qui fuerunt, qui futuri sunt (Cic.) — o homem mais perverso de quantos ha, houve e haverá.

Do sec. XVI para cá, vem o verbo *ter* ganhando terreno sobre *haver*, não só na formação dos tempos periphrasticos, mas até no emprego predicativo ou concreto do dicto verbo.

O verbo *ter* é actualmente mais popular e o *haver* mais literario, como se vê logo na feição das seguintes phrases: *tenho trabalhado e hei trabalhado, terei feito e haverei feito, tenho por certo e hei por bem*. Raramente, no Brasil, em linguagem familiar, deixar-se-á de substituir o verbo *haver* pelo *ter* nas expressões impessoaes de existencia, p. ex.:

Teve muita gente na festa, tinha muitas creanças no jardim, tem gente ahi. —

Lá detraz daquelle serro
Tem um pé de lirio só,
Faço carinhos a todas,
Mas quero buscar a ti só.

Quanto a este uso do verbo *ter* pelo *haver*, ainda reagem os grammaticos, catalogando-o de *barbarismo*, e os que bem fallam procuram evitá-lo. Isto, porém, não impede que continue elle dominante no fallar do povo. A *Arte de Furtar*, geralmente attribuida ao P.^o A. Vieira, já accusa essa tendencia do verbo *ter* no sec. XVII: *A um Mester de Lisboa ouvi dizer que bastava numa Camara tres vereadores e que TINHA sete*.



666. A mesma tendência a se substituir o *haver* pelo *ter* nessas expressões impessoaes, é manifesta, no indo-portuguez do Norte, conforme prova J. Moreira com os seguintes exemplos:

Tem um hom' que tanto se ell corrê, su barrig nunc ha carregá ou enchê (=a mó do molinho) — Tem um hom', que por ell noite e di nu tem sucego (=um relógio) — Tem um hom', por ell tem set ovid (=uma candela ou candelero de bronze).

Vozes do verbo

667. A acção expressa pelo verbo é normalmente attribuida na phrase a um *sujeito*, que pôde, em relação a ella, assumir trez attitudes: a de *agente*, a de *paciente* (*recipiente*) e a de *agente e paciente*, ao mesmo tempo. Esta tripliee relação do *sujeito* para com o seu *predicado* dá origem ao que se chama em grammatica *vozes do verbo*, que são fundamentalmente trez:

1. *Voz activa*, quando o sujeito é *agente* da acção verbal: *Carlos ama os livros*.

2. *Voz passiva*, quando o sujeito é *paciente* ou *recipiente* da acção verbal: *Os livros são amados por Carlos*.

3. *Voz reflexiva, média* ou *médio-passiva*, quando o sujeito é *agente* e simultaneamente *paciente* da acção verbal: *Carlos ama-se*.

Voz activa

668. A *voz activa* caracteriza-se pela agencia do sujeito, agencia claramente perceptivel nos verbos chamados *activos* (*amar, andar, ferir*), e obscureamente apprehendida nos chamados *neutros* (*viver, estar, fiar*).

Os verbos na *voz activa* revestem trez fórmãs — *transitiva directa, transitiva indirecta* e *intransitiva*.

669. VERBOS TRANSITIVOS DIRECTOS. O verbo transitivo directo ou simplesmente *transitivo* reclama um *objecto directo*, subst. ou pron., em que se emprega a acção verbal. E', pois, um verbo de *predicação incompleta*.



Nesta fôrma a acção expressa pelo verbo revela-se em sua plenitude: ella parte de um *sujecito-agente* para um *objecto-paciente*. Este *objecto* paciente da acção verbal; que em latim se revela pelo *accusativo* sem preposição, em portuguez revela-se pela sua posição immediata ao verbo, a que se prende directamente, sem particulas prepositivas (preposições), p. ex.: *O pae ama o filho e o filho ama o pae.*

Na baixa latiniidade, entretanto, como já mostrámos, apparece, ás vezes, o *accusativo (objecto directo)* reforçado pela preposição *ad* (← a), mormente quando o accusativo é nome de pessoa.

Este costume generalizou-se, e o verbo *transitivo directo* em portuguez admite hoje que o seu *objecto* appareça regido da prep. *a*, e, ás vezes, da prep. *de*. Os casos em que a lingua permite *objectos directos preposicionaes* com verbos transitivos podem reduzir-se aos seguintes, como, aliaz, já estudamos traetando do complemento objectivo:

1.º O *objecto-directo* vem regido da prep. *a*, quando nome de *pessoa*, de *scres vivos* e de *paizes* ou *idades*, e isto é de rigor quando possa haver confusão entre o *agente* e o *paciente*: *Achilles a Heitor matou.*

Tras elle (el-rei) armou (cavalleiro) Graciano seu neto; a Beroldo principe da Espanha; Omistaldo; e Dramante seus irmãos; a Estrelante, filho do principe Ditreo (Palm. 1. 67). — O propheta Habacuc, quando Deus lhe mandou que fosse lá a Babilonia, se eseusou dizendo que nunca vira a Babilonia (Id., S. 2. 238) — Teve Grecia Themistoeles famosos; os Sciplões a Roma engrandeceram (C. Ohrs. 2. 15).

2.º Dá-se ainda a regencia da prep. *a*, quando, apesar de ser o *objecto* nome de coisa, a significação do verbo emprega-se habitualmente em nome de pessoa, p. ex.:

A noite vence ao dia, o verbo rege ao substantivo — O sol excedia a tudo quanto havia no céu (A. V., S. 2. 301).

3.º O mesmo se realiza quando se pôde desconhecer de momento o *objecto* e confundi-lo com o *sujecito*: — *ao tronco fere o raio, ao dia segue a noite.*

Obs. Póde-se dispensar a preposição, quando o sentido obvio mostra o paciente da acção verbal, como no passô dos



Lusladas — Quando o mar cortava a armada, onde manifestamente se vê que o mar apesar de occupar o lugar do sujeito é evidentemente o *paciente* ou *objecto*. Já em A. Ferreira, no poema Castro, pag. 11, não se justifica tão bem a ausencia da preposição: — Vence a dor a razão, vence amor força? (A. Ferreira, Cast.).

4.º Póde o objecto ser regido da prepos. *de* em sentido partitivo: *beber desta agua, comer do pão*, etc.

670. O verbo *poder* tem de ordinario por aecusativo um infinito, com o qual fórma uma conjugação periphrastica, a que os inglezes chamam *modo potencial*: *posso fazer, podes fazer, podia fazer, etc.* Além disso tem este verbo a singularidade de reger *objecto neutro*, isto é, pronome neutro:

Ainda que eu queira não posso, o que quero. (C. Obs. 3. 235)
— O que já pude, posso-o ainda hoje (A. C.).

Entretanto, como observa Andres Bello, tal verbo não se presta á inversão passiva, como acontece aos verbos que regem *aecusativo*, por falta de part. passivo (*podido*). No lat. encontra o citado auctor em Lucrecio o verbo *posse* (b. lat. *potere* \rightsquigarrow *poder*) com inflexão passiva: *Quod tamen expleri nulla ratione potestur*.

671. Os verbos — *fazer, deixar, ver e ouvir*, seguidos do infinito, podem ter, como vimos, em *aecus.* ou *dat.* o sujeito desse infinito — *fazê-los ver* ou *fazer-lhe ver*. Sobre esse phenomeno curioso da regencia *de* — *fazer, deixar, ver e ouvir*, nas linguas romanieas, esereve Diez: “Todas essas phrases contem dois verbos com duas pessoas activas, das quaes uma (na qualidade de sujeito) *faz, deixa, vê e ouve*, e a outra age em relação ao querer ou á sensação da primeira. Se esta sensação cessa de operar sobre o infinito, a segunda pessoa é posta em *aecusativo*, com um regimen neutro. (Gr. des L. R. III 123)”. Em outros termos, quando o infinito é um verbo neutro ou de sentido passivo não permite a lingua que se passe esse *aecusativo-sujeito*, para *dativo*, p. ex.: *vi-o morrer* e não *vi-lhe morrer, fi-lo ligar (ser ligado)* e não — *fiz-lhe ligar, vejo-o cahir* e não — *vejo-lhe cahir*. O *dativo* parece neste caso ter um earacter do actividade extranho ao *aecusativo*. Tal

processo nos veio da baixa latinidade, onde já se encontra o *dativo* sujeito do infinito:

Hæc comitibus seire faciant (Ib.) —

Que m'ela ten, pero que al
ouço eu a muitos dizer
que lhes faz gran coísta sofrer
Amor, onde lhes ven gran mal (C. Arch. 230).

Peró... sendo entre estas lhas lhe deo um tempo, que lhe fez perder o navio (Dee. I. 386) — E quem *lhe* fazia ter maior cuidado (Ib. 423) — A enveja os fazia desejar a partida mais prestes (Paim. I. 179) — Fez-lhis jurar sobre los santos evangelhos que o levassem a Roma (C. Arch. 42).

Obs. Entre nós a ignorancia destes factos, leva muitos a pôr o sujeito do infinito não em *accusativo*, como é de regra, ou em *dativo*, mas em *nominativo*. Ainda ha poueo braduo um dos nossos representantes na Camara Federal: *Deixe elle vir! deixe elle vir!* — Este erro frequente vem por analogia com muitos outros verbos, que regem infinitivos, cujos sujeitos, contrariamente ao latim, vão para *nominativo*, p. ex.: *ercio estar doente* (estar elle doente), *affirmo terem elles estado aqui*, *duvido podermos nós conseguir isso*. — *Chamar* admite igualmente *accus.* e *dat.* no sentido de *appellidar* — *chama-lo* ou *chamar-lhe justo*.

672. VERBOS TRANSITIVOS-INDIRECTOS. A acção verbal emanada do sujeito apresenta, em uma outra classe de verbo de *predicação incompleta*, um aspecto differente da dos verbos transitivos-directos: ella se dirige a um termo de relação, que ao verbo se prende indirectamente, isto é, por meio de preposição adequada; este termo é o seu *objecto-indirecto* ou *complemento terminativo*, e o verbo se diz *relativo* ou *transitivo indirecto*, v. gr.: *depende de alguem*, *sahir de casa*, *entrar na sala*, *gostar de estudar*, etc. — Quatro aspectos fundamentaes assume o *objecto-indirecto*, já estudados: *attribuição*, *directão*, *origem*, *relação* (427).

673. Muitos verbos desta classe incluem-se ao mesmo tempo na classe dos *transitivos*, e são verbos de *predicação* duplamente incompleta, reclamam ao mesmo tempo um *objecto directo* e outro *indirecto*, aos quaes alguns grammaticos chamam *bitransitivos*, taes os verbos — *dar*, *negar*, *dizer*, *retribuir*, *dever*, *conceder*, *prometter*, *attribuir*, *escrever*, *offerecer*, *levar*, *conferir*, e muitos outros, que vem,



na phrase, quasi sempre acompanhados do *accusativo* da coisa e *dativo* da pessoa (*alguma coisa a alguém, aliquod alicui*): *dar esmola ao pobre* (= *clemosynam pauperi dare*), *tributar honra a alguém* (= *alicui honorem habere*).

Podem, entretanto, ambos os casos ser de *peessoas* ou de *coisas*: *cgualar alguém a outrem*, ou *uma coisa a outra* — *rem rei aquare*.

674. Muitos verbos assumem accidentalmente a fórmula relativa, fazendo-se acompanhar de um *dativo*, que substitue um *possessivo*:

Sou-lhe filho (sou seu filho), sablu-lhe peor a emenda que o soneto, cahiu-lhe em graça, matou-me a esperança, morreu-lhe a alegria.

675. VERBOS INTRANSITIVOS. Nesta classe de verbos a acção verbal não passa do sujeito, são verbos de *predicção completa*, visto que o espirito nada exige para cabal intelligencia de seu enunziado, p. ex.:

A arvore cresce, a semente germina, brotam as plantas, vive o homem, progride a humanidade, dorme a creança, resuscitam os mortos.

676. VERBOS TRANSITIVOS EMPREGADOS INTRANSITIVAMENTE. E' phenomeno frequente empregarem-se verbos activos transitivos em sentido absoluto ou intransitivo, p. ex.:

Foi poeta, cantou e amou na vida — Elle estudou em Coimbra.

677. VERBOS INTRANSITIVOS EMPREGADOS TRANSITIVAMENTE. Não menos frequente é o phenomeno inverso de empregar a lingua o verbo de sua natureza *intransitivo* como *transitivo*, dando-se-lhe um *accusativo*.

Dá-se a passagem do *intransitivo* para *transitivo* nos seguintes casos:

1.º E' commum em lat., como nas linguas neo-latinas, dar-se a certos verbos um *accusativo* pleonastico de substantivo cognato ou synonymo do cognato modificado por um adjuncto attributivo, v. gr.:



Viver larga vida ou largos annos, morrer morte tranquilla, guerrear duras guerras, pelejar asperas batalhas, sonhar aureos sonhos, cavalgar fogoso ginete, ferir fundos golpes, contar um conto e acrecentar um ponto, pescar grandes peixes, brincar mats brinquedos, vestir alvo vestido.—Crem tanto de verdade que morrerão mil mortes por cada uma dellas (Peregr. 1. 362) — A's vezes o pleonasmio é auctorizado por um contraste: Podem-se pescar peixes, homens não se podem pescar (A. V.).

2.º Não raro a lingua elegantemente torna um verbo *intransitivo* em *transitivo*, dando-lhe por objecto *ficticio* o termo que é logicamente uma circumstancia modificadora da acção verbal:

Ir seu caminho (por seu camiinho), respirar ameaças, amear mortes, arrotar grandezas, andar longes terras, lidar cruas guerras, dormir duas horas, subir escadas, descer ladciras, passar pontes, frio e fome, correr a cidade, gritar o cão (pelo cão), navegar mares procellosos, saltar muros, entrar o porto, bradar armas, roncar bravuras, clamar soccorro — No tempo em que os infieis entrará este reyno (Palm., I. 233) — Eu repetirei as suas vozes, elle bradará os meus sileucos (A. V. Obrs. S. II. 86) — E até vossa mulher brilha diamantes, rubis, e perolas sobre estrados borlados? (A. de F., 285).

3.º Outros verbos, intransitivos tornam-se *transitivos factitivos* ou *causativos*, quando podem ser paraphraseados com os verbos *fazer* ou *tornar*.

Seccar a roupa = fazer seccar a roupa, entrar estaeas no chão = fazer entrar estaeas no chão, correr alguem a caça = fazer alguem correr a caça, crescer alguem o ordenado = fazer alguem crescer o ordenado, calar razões = fazer calar razões, enxugar as mãos = tornar as mãos enxutas.

4.º Os verbos *custar*, *valer* e *pesar* tornam-se transitivos quando se lhes dá por objecto directo o *custo*, o *valor* e o *peso*: *isto custa dois mil réis e vale dez, o fardo pesa duas arrobas*. Taes accusativos (o *custo*, o *valor* e o *peso*) não são propriamente *pacientes*, mas antes tem valor adverbial.

Voz passiva

678. A voz passiva caracteriza-se pelo facto de ser o *subjeto paciente* da acção verbal. O agente della é expresso por complemento regido da preposição *por* ou *de*:



O soldado, que era de todos admirado pela sua bravura, foi morto pelo inimigo.

Não temos em nossa lingua forma especial ou simples para se exprimir este facto syntaetico, sendo nós, por isso, forçados a lançar mão de fórmulas complexas ou periphrasticas, como — *ser elle amado*.

O grego possuia forma organica ou synthetica para exprimir a passividade do sujeito, p. ex.: *philcô* = *eu amo*, *philcomai* = *eu sou amado*. O latim possuia igualmente fórmulas simples ou syntheticas passivas, porém só nos tempos derivados do *thema do presente* (pres., imperf. e fut. imperf.): *amo* = *eu amo*, *amor* = *sou amado*, *amabar* = *eu era amado*, *amabor*, etc.

679. Em sua marcha evolutiva do *synthetismo* para o *analytismo*, o portuguez rejeitou as fórmulas organicas do primeiro grupo, e generalizou, para todos os tempos da conjugação passiva, as fórmulas periphrasticas do segundo.

680. PROCESSOS APASSIVANTES DO PORTUGUEZ. Varios são os processos que se desenvolveram no portuguez para expressar a voz passiva dos verbos.

I. Possui o portuguez, em primeiro lugar, o processo com o verbo *ser* e o *participio passado* variavel de verbos activos transitivos, processo que lhe veio pela generalização analogica dos tempos da 2.ª série ou grupo: *ser amado*, *ser conhecido*.

II. O pronome reflexivo, com o nome de *particula apassivadora*, indica, em certos casos, a passividade do sujeito, e forma, independentemente do verbo *ser*, a *voz passiva*, v. gr. — *cortam-se arvores*.

a) Esta propriedade decorre de seu mesmo caracter reflexo. E' função essencial do pronome *se* (e eventualmente de *me*, *te*, *nos*, *vos*) recambiar a acção verbal para o sujeito do verbo, a que se juneta (*Catão matou-se*). Quando, porém, esta acção recambiada só pôde ser recebida pelo sujeito e não practicada, por incapacidade inherente nelle ou eventual, a voz torna-se por isso mesmo passiva. Assim em as *arvores cortam-se*, a acção de cortar é recambiada para o sujeito *arvores*, que, sendo incapaz de ser *agente* da

acção, fica mero *paciente*: *as arvores cortam-se*, ou, mais communmente, *cortam-se as arvores* vem a equivaler a — *as arvores são cortadas*. Nota-se, é certo, no typo *cortam-se as arvores* um quê de *dynamico*, que apparece destoar do earacter passivo do sujeito, o que, aliaz, não se nota em *as arvores são cortadas*, e, mesmo, em — *as arvores cortam-se*. Este phenomeno, porém, devemos attribui-lo á função primitiva do pronome *se*, que é indicar uma *acção reflexa*, acção que se apresenta dê prompto ao espirito e que só se desvanee quando o sujeito posteriormente enunciado se manifesta incapaz de a exercer. Esta é, por certo, a razão pela qual esse movimento *dynamico* proprio da voz activa, não se apresenta quando se antepõe o sujeito ao predicado: *as arvores cortam-se, as raizes pisam-se* (D. de Goes), *o amor vende-se?* (A. C.).

b) Este *quê dynamico*, contrastando com o caracter *estatico* da passiva, é o que tem levado muitos a negar passividade ás proposições — *cortam-se arvores, alugam-se quartos*, etc., impellindo-os a dar o *se* como sujeito e o plural do predicado um effeito da attracção do objecto directo (*arvores, quartos*, etc.). Já impugnamos esta theoria, e aqui consignamos a causa que tem lançado a perturbação no espirito dos que sustentam a subjectividade do *se*.

c) Invocam ainda os adeptos desta impugnada theoria o facto de apparecer esporadicamente, em escriptores classicos, o verbo no singular com o *sujeito* no plural, como no seguinte passo do *Palmeirim de Inglaterra* (I. 203): “e sospeitando que aquelle dia podia ser Diliarte do valle escuro, duvidava pollo ver tam mancebo, que de tã poucos dias não *se esperava* tamanhas obras”.

Appellam ainda para os cartazes de annuncios, onde frequentemente se lê: *Compra-se livros velhos, tinge-se roupas, concerta-se relgios, ferra-se cavallos*. E tiram destes factos argumentos para affirmar que nesta phrase o *se* é sujeito, equivalente ao *on franeez*, e a voz é activa. A conclusão, entretanto, não se contém nas premissas. O caracter esporadico desses exemplos classicos e a categoria dos annunciantes os tornam mais que suspeitos para estabelecerem a subjectividade do *se*; mormente

attendendo-se a que mui facil é pesquisar disconcordancias nos velhos documentos, e mui difficultoso é explicar o nominativo neo-latino da palavra a que o latim negou esse caso.

d) A passivação do verbo dá-se normalmente quando o sujeito por natureza é incapaz de ser *agente*, o que se dá se o sujeito é *ser inanimado*; entretanto, pôde não haver tal passivação mesmo neste caso, como, p. ex., em — *o sol levanta-se, o rio precipita-se*; ahí os sujeitos (sol e rio) apresentam-se á vista como *seres animados*, e, portanto, como *agentes* e *pacientes* da acção verbal, e a voz dos respectivos verbos é *média* ou *reflexa*. A lingua não indaga da realidade seientifica, basta-lhe a apparencia.

Ao invés deste phenomeno, dá-se, ás vezes, a passivação verbal com seres animados como sujeito, sempre que o sentido mostrar que o sujeito é apenas o *paciente* da acção reambiada, p. ex.: *Condemnou-se o réo a galés, convidam-se os patriotas, esses povos chamam-se romanos*. Existe nessas phrases e outras semelhantes uma incapacidade eventual de os sujeitos (*réo, patriotas, povo*) serem *agentes*, embora representem entes animados. O caracter passivo de taes construcções frequentemente se revela na velha lingua pela enunciação do agente da passiva:

E as que se acharam per Christovão Colon (Dec. I. 387) — mares que se navegam pelo feo phoen (C.) — Sahio da sua tenda acompanhado de sua mãe, pela qual tudo se governava (F. M. .P, Per 2. 9).

e) Se bem que, menos frequentemente, tal passivação pôde ainda operar-se na 1.^a e 2.^a pess., com os pronomes — *me, te, nos, vos*, empregados reflexivamente.

Eu me baptizei em creança=eu fui baptizado, nós nos consumimos de tristezas=nós somos consumidos, eu me chamo Antonio=sou chamado Antonio (ego vocor Antonius) — Onde se castigavam desafios com mercês? (Lue. L. Cl. 1. 5) — Nos Brasis, nas Angolas, o rei se conhece só por fama, e se obedece só por nome (A. V., S. 2. 308) — As culpas por que se condemnam os réos são as que se contem nos relatorios das sentenças (Id., ib. 182) — Quebram-se as immuniidades da egreja, maltratam-se os ministros do evangelho, impedem-se as conversões dos gentios (Id., ib. 186).

III. Com os verbos transitivos — *dizer, contar, referir* e outros semelhantes, emprega a lingua este processo apassivador dando por sujeito uma oração infinitiva ou do modo finito, introduzida pelo *que*, deixando indeterminado o agente: *Conta-se ter elle morrido* ou *conta-se que elle morreu*.

Este processo *passivo* com indeterminação do *agente* pôde ser substituído por um outro na voz *activa* com indeterminação do sujeito-agente, isto é, com esses verbos empregados impessoalmente na 3.^a pess. do plural: *Contam ter elle morrido* ou *que elle morreu*.

IV. Com outros verbos transitivos *directos*, que não os do paragrapho anterior, presta-se a lingua a este processo apassivante impessoal, com o sujeito *indeterminado*, levando-se para *dativo* o termo que seria *objecto directo* ou *accusativo* da voz *activa*. Assim se diz — *ama-se aos paes, previne-se aos alumnos, respeita-se ao juiz, pune-se aos vieios*, com sujeito indeterminado. Os verbos *personaes* e transitivos *directos* tornam-se nesse typo de phrase — *impessoaes* e *transitivos-indirectos*. Que a voz desses verbos é *passiva*, é evidente pelo facto de não se lhe poder dar *accusativo* ou *objecto directo*, que caracteriza a voz *activa*, como prova o caso obliquo unico admissivel nessas phrases, que é o *dativo* *lhe*, e nunca o *accusativo* *o*: *ama-se-lhes, previne-se-lhes, respeita-se-lhes, pune-se-lhes*, e não: *ama-se-os, previne-se-os, respeita-se-os*, etc. Tal syntaxe encontramos-la no lat.: *invidetur divitiis*, que, como observa o Dr. Ernesto Carneiro, pudera ser — *invidentur divitiæ*.

A este typo de apassivação, que apresenta no hespanhol tão largo desenvolvimento, pertencem os seguintes exemplos de nossos bons escriptores:

Teme-se muito á Siella, que tambem comsigo não está pacifica (A. V., C. I. 252) — E' muyto justo e conveniente que se respyte tambem aos dotes (D. de Paiva, Cas. Perf. 138) — Por tudo isto se admira a Vieira; a Bernardes admira-se e ama-se (A. C. Livr. Class. M. Bern. II. 285) — Louva-se ao deus Termino (A. C., Os Fast. I. 149).

a) Offerece as seguintes vantagens esta construção *passiva* de verbos transitivos *directos* com *dativo*:

1.^a Evita a eventual confusão do *objecto* com o *sujeito* nas orações de sujeito indeterminado, p. ex.:

Nesta terra punem os vícios, amam os pais, castigam os filhos, respeitam os juizes; com mais clareza se dirá: Nesta terra punem-se aos vicios (ou punem-se os vicios), ama-se aos paes, castiga-se aos filhos, respeita-se aos juizes.

2.^a Evita-se ainda a natural confusão, que, em certas phrases, pôde dar-se com as fórmulas *reflexas* ou *reciprocas*, p. ex.:

“Nesta terra ama-se o homem, respeita-se o juiz, reprehende-se o criminoso, punem-se os malfetores, previne-se o publico”; o que sem ambiguidade se dirá: “Nesta terra ama-se ao homem, respeita-se aos juizes, reprehende-se ao criminoso, pune-se aos malfetores, previne-se ao publico”.

b) Os verbos *transitivos-indirectos* e os *intransitivos* prestam-se igualmente a ser construidos na passiva impessoal na 3.^a pess. do sing. com o pronome reflexo *se*: “*Aqui se resiste aos soberbos e se attende aos humildes; nem sempre se gosta do que é bom; tracta-se hoje de negocios; entra-se na sala; falla-se de politica; vive-se, passeia-se e dorme-se bem*”. Exs.:

Tambem em Roma se morre (A. V.) — Não se sabe delle (Id.) — Queremos ir por onde se vae ao céu (Id.) — A morte tem duas portas; uma de vidro por onde se sae, outra porta de diamante por onde se entra á eternidade (Id.) — Sae-se por onde se entra (A. C.).

c) Esta passiva impessoal dos verbos *transitivos-indirectos* e *intransitivos* filia-se ideologica e syntacticamente no latim, onde era commum a passiva impessoal de taes verbos:

Vivitur (vive-se), ambulatur (passeia-se), pugnatum est (pelejou-se), sic itur ad astra (Verg. = assim se vae aos céos), eurritur (corre-se) — Vivitur parvo bene (Hor.) — Vivitur a raptu (Ov. ap. Serões 690) — Itum est in viscera terrae (Id., lb.)

d) A analogia tem impellido este processo de passiva impessoal com o reflexivo *se* até aos proprios verbos *ser* e *estar* e os outros verbos de ligação, embora repugne aos grammaticos reconhecer o eunho de vernaculidade em expressões como estas: — *Quando se é bom, é-se obrigado a*

ligar duas palavras (O. Mendes). Séria difficuldade já existe, entre os grammaticos, em se conceber a passiva impessoal de verbos neutros, *relativos e intransitivos* (*vive-se, vac-se ao céu, passeia-se*); cresce sobremanceira, com os verbos *ser e estar*, o embaraço para ajustarmos taes expressões ao nosso conceito grammatical da voz passiva. A lingua, porém, não raro faz timbre em desprezar os apuros dos grammaticos. Já agora parece inutil erguer protestos contra este *quinto typo* do uso da particula apassivadora, e nem é preciso buscarmos no malsinado gallicismo a razão do seu actual desenvolvimento, pois, como se vê dos paragraphos antecedentes, a corrente analogica no seio da propria lingua o explica sufficientemente. Não só em escriptores de ordem secundaria, mas ainda em outros de maior tomo encontramos modernamente homologado tal uso. Exs.:

Assim se era amado, porque se amava, e se amava, porque se era amado (A. C. Felic. pel. Agricult., 25) E'-se inclinado a admittir (Id.) — Lá se era e se fazia tudo isso fadadamente, como fadadamente se é e se faz hoje o diverso ou o contrario (Id.) — E'-se invadido do humor no restaurante de Star and Garter (C. C. B.) — Não se é grande no mundo, senão quando se é fanatico por uma idéa (P. Chagas) — E nunca se é assim: é-se invariavelmente assado, como dizia o padre Marques (Eça).

e) No proprio latim temos a origem de tal processo apassivador com o reflexivo *se*, quando o sujeito está inhibido de ser agente. A seguinte phrase offerece um typo classico: *Valvulae se aperierunt*=*abriram-se as valvulas*, onde o sujeito *valvulae* é apenas paciente, tendo, portanto, a expressão verbal valor passivo. Na propria lingua-mãe, consequentemente, encontram as linguas romanicas o typo original, de um processo apassivante, a que, entre nós, o quinhentismo deu largo desenvolvimento. Desde os primeiros documentos da lingua encontramos delle amiudados exemplos.

Mordaret, muito mal me ás feito, mas nonse vos tornou a prol (Chrest. Arch. 45) — screva cousas de boa sustancia claramente, pera se ben poder entender (Ib. 30) — A causa principal... fora estarem em seu poder a maior parte das especia-rias, que por mãos dos Mouros se navegavam pera as partes da Christandade (Dec. I. 339) — ... e as que se acharam per

Christovam Colon (Ib. 387) — ... dia em que se viram passarem algumas cousas, de que lhe parecia a elle capitão poder ter algum desprazer (Ib. 420) — Sua determinação era nam parecer ante elle, te passar o perigo da aventura que da Grã Bretanha se soava (Palm. I. 178) — Isso quero eu lr saber, pois que tal coisa se soa (C., Amph., act. 5, sc. 4) — Neste mesmo tempo se descobriiram as Ilhas, a que se chamam de Cabo Verde, por Antonlo de Nólle (Dec.).

Obs. I. As construcções *impessoacs* da 3.^a pess. do slug. eha-ma Andres Bello, em sua *Gramática Castellana, construcciones irregulares cuasi-reflejas*, “que son las que tienen el acusativo reflejo *se*, l pertenecen todas a la tercera persona de singular: *se duerme, se canta, se baila*”. O unico sujeito que se offerece á mente, acrescenta elle, é a mesma acção do verbo, como se dissessemos — *crecuta-se o dormir, o cantar, o bailar*. Já Presclano, grammatico latino, por elle citado, assim pensava: *Cum dico curritur, cursus intelligitur, et sedetur sessio, et ambulatur ambulatio*. “Estas construcções anómalas quasi-reflexa da 3.^a pess. pôde-se dizer que entram no processo ordinario da conjugação; porque são poucos os verbos que não se conjugam alguma vez deste modo; são reflexos na fórma e passivos no sentido”. Em portuguez como vimos, até o verbo abstracto *ser* está sendo arastado a esta apassivação Impessoal, a que o illustre grammatico venezuelano, chama — *construccões irregulares ou anômalas quasi-reflexas*.

Obs. II. E' geralmente desconhecida de nossos escriptores a construcção Impessoal na 3.^a pess. do slug. dos verbos *transitivos directos* (*admira-se a Vieira, honra-se aos magistrados*), e um illustre professor, respondendo pelas columnas de um dos diarios da Capital Federal, a nma consulta que se lhe fazia sobre o ponto, mostrou ignorar esse processo da lingua e a differença entre — *previnem-se os deputados e previne-se aos deputados*. Entre os professores, tem causado graves perplexidades e, mesmo, determinado conversões á subjectividade do *se*, a phrase de A. Castilho, em sua Noticia da Vida e Obras do Padre Bernardes: “Por tudo isto se admira a Vieira; a Bernardes admira-se e ama-se” (M. B. Exs., II. 285) — Em hespauhol é de largo usa este processo, e sobre elle discorre Andres Bello em sua conceitadissima Gr. de la Leng. Castellana, ps. 243, 244, nos seguintes termos, que se ajustam ao nosso idioma:

“El verbo de construccion impersonal puede llevar su acostumbrado réjimen *“Se pelea por caballo”; “Se vive com zozobra”; “Se trata de un asunto importante”*. Pero aqui se ofrece una duda: el complemento acusativo subsiste tal en la construccion impersonal quasi-refleja, o varia de naturaleza? Cuando decimos, *“Se admira a los grandes hombres”; “Se colocó a las damas en un magnífico estrado”*, debemos mirar estos complementos *a los grandes hombres, a las damas*, como verdaderos

ausativos. Yo me inclino a creer que nó; lo primero, por la modificación de significado que esta construcción produce en el verbo: *se admira* es *se siente admiración*; *se coloca* es *se dá colocación*; *se alaba* es *se dan alabanzas*; sentido que parece pedir más bien un dativo. Lo segundo, porque si el complemento se tiene por término el demostrativo *él*, no le damos otras formas que las del dativo: “Se les admira” (*a los grandes hombres*), no *se los admira*. Lo tercero, porque si el complemento lleva por término un nombre indeclinable, es de toda necesidad ponerle la preposición *a*, que en el dativo de estos nombres no puede nunca omitirse, como puede en el acusativo; así, o decimos “Se desobedece *a los preceptos*” de la ley divina”, en construcción impersonal; o “Se desobedecen los preceptos”, en construcción regular, haciendo *a los preceptos* sujeto; pero no podemos decir: “Se desobedece los preceptos”. Contra esto puede alegarse que el verbo en la construcción impersonal pide las formas femeninas *la, las*: “Se la trata con distinción”, “Se las colocó en los mejores asientos”. Pero esta razón no es decisiva, porque *la* i *las* son formas que se emplean (emplegan) frecuentemente como dativos. De manera que la regla es emplear en la construcción impersonal como dativo el que en la construcción regular es acusativo, pero con la especialidad de preferirse *la* i *las* a *le* i *les* en género femenino (No faltan, en la construcción impersonal de que se trata, ejemplos autorizados de *le, les* femeninos).

Si el término del complemento es *persona*, se prefiere la construcción anómala cuasi-refleja, convirtiendo el acusativo en dativo: “Se invoca a los santos”; “Se honra a los valientes” (honra-se aos valentes); “Se nos calumnia” (calumnia-se-nos); “Se les lisonjea” (lisonjeia-se-lhes). Pero si el término es de *cosa*, la construcción que ordinariamente se emplea es la regular cuasi-refleja: “Se olvidan los beneficios” (olvidam-se os benefícios), “Se fertilizan los campos con el riego” (fertilizam-se os campos com a irrigação). “Se olvida a los beneficios” (olvida-se aos benefícios) i “Se fertiliza a los campos” (fertiliza-se aos campos), serían personificaciones durísimas; pero la más intolerable sería, “Se olvida los beneficios” (olvida-se os benefícios), “Se fertiliza los campos” (fertiliza-se os campos).

V. Existe ainda um terceiro processo da passiva em português, que se filia á *depoencia* latina. Dá-se isto com certos verbos transitivos directos no infinitivo, collocados como complementos de adjectivos, ou de verbos como — *fazer, deixar, ver, ouvir, sentir, mandar*.

Osso duro de roer = de ser roído, lção difícil de estudar, fi-lo prender (ser preso), deixel-o amarrar (ser amarrado), fazê-lo carregar pela artilheria, não ser isso para lutar, estar a casa para alugar, mandá-lo prender — Isso de tirar e pôr príncipe

pelo povo, são opiniões mal soantes (A. H.) — A guerra faz-se para ter paz (A. de F.) — ... a qual gente sempre ouvira nomear por guerreira (Dec. I. 364).

Voz reflexiva

681. A *voz reflexiva* ou *médio-passiva* é apenas uma variante da voz activa, e dá-se quando o objecto-directo está em relação de identidade com o sujeito, isto é, quando é representado por um pronome da mesma pessoa e numero que os do sujeito: *Pedro se feriu, nós nos ferimos*. Por esta razão dá Darmesteter apenas duas vozes ao verbo — a *activa* e a *passiva*.

Não possui o portuguez fórma synthetica para esta voz, mas serve-se, como o latim, de um pronome obliquo da mesma pessoa que o sujeito para indicar a reflexibilidade da acção verbal: *Cesar louva-se* (*Cæsar laudat se*).

O grego possuía uma fórma organica para esta voz médio-passiva, que quasi não se differenciava da passiva.

682. Os verbos conjugados na voz reflexa, por isso que são sempre acompanhados de um pronome obliquo, denominam-se *pronominaes*, e delles existem duas classes: a) os pronominaes *essenciaes*, *proprios* ou *subjectivos*, e b) os pronominaes *accidentaes*, *improprios* ou *reflexivos*.

683. PRONOMINAES ESSENCIAES, PROPRIOS OU SUBJECTIVOS. — São estes os que veem sempre acompanhados do pronome obliquo, nos quaes a reflexibilidade da acção é obscura, tendo o pronome reflexo que os acompanha, um simples valor subjectivo, como — *arrepender-se, condoer-se, queixar-se*.

A Darmesteter repugna a designação de *essenciaes*, visto que a historia da lingua mostra que o pronome obliquo não é exigido pela natureza do verbo, não pertence á sua essencia, e, no decurso do tempo, muitos dos que se apresentam com o caracter de pronominal essencial em uma época, passam posteriormente para a categoria de pronominal accidental, como actualmente notamos com *lembrar-se, esquecer-se*, que apparece frequentemente sem o pronome reflexo, ou perdem inteiramente a feição pronominal. Vejamos alguns exemplos:



Mordaret, vosso sobrinho, se jurou eon todolos omens boos da terra contra vos (Chrest. Arch., 43) — Quando eles viron que non ficou i 'homem con que se combater podessem (Ib. 47) — Assi, disse Giflist, en vão me trabalharei de preguntar como rel Artur morreu (Ib. 55) — E já que fallamos de precauções, não esqueça o que diz Plonio (A. C.) — Cumpre não esquecer que essa lingua devla ser a quotidiana (A. H., H. de Port. 1. 41) —

Não te esqueças meus duros pesares
Não te esqueças por ellas de mim.
Não te esqueças de mim pelos mares,
Não me esqueças na terra por fim. (G. D. Poes. 1. 115).

684. O poderem eonjugar-se verbos *intransitivos*, que expressam em si acção completa, com um pronome reflexivo, veio ao portuguez, não do lat. elass., mas do lat. pop. E' um phenomeno commum das linguas romanicas, e esse pronome, euja reflexibilidade é obscura, "tem por unieo objecto pôr em evidencia o earaeter intimo e espontaneo da acção".

685. Esta pronominalidade dos verbos *intransitivos* e neutros era muito mais abundante na antiga linguagem do que actualmente. Este pronome reflexo, que arbitrariamente aeompanha essa classe de verbo, representa, segundo Diez, não o objecto directo ou *accusativo*, mas o *dativo*. Esta anomalia é um phenomeno neo-latino, que vicejou exuberante no periodo medieval e que o portuguez moderno tem restringido mais que o hespanhol, e no fallar do Brasil mais que no de Portugal. Como se vê nos exemplos do paragrapho anteedente e nos que aqui damos, era frequente nos textos archaieos encontrar-se: *jurar-se, trabalhar-se, combater-se, subir-se, descer-se, morrer-se, soffrer-se, cahir-se, partir-se, vir-se, ir-se, ficar-se, estar-se, começar-se, lembrar-se, esquecer-se, arrepende-se, condoer-se, apiedar-se.*

Obs. Não se confunda o *dativo* destes verbos *intransitivos* e neutros, que tem por fim unieo sallentar o earaeter intimo e espontaneo da acção, ou, como dizem nossos grammaticos, a *espontaneidade do sujeito*, com o *dativo ethico*, que acompanha eventualmente verbos *transitivos* com o fim de dar mais calor á acção verbal e alludir ao interesse que nella tem o que falla: *Olhae-me a cara duquelle tractante. — Quem m'a matou.* (A. F. Castr. 76).



686. Dos verbos *pronominaes* no v. port. vária é a sorte no estado actual da linguagem, em verbos já de formação antiga, já de formação moderna.

1.º Uns conservam *habitualmente* o pronome, são os chamados *pronominaes essenciaes*:

Arreponder-se, condoer-se, apledar-se, abster-se, atrever-se, gloriar-se, persignar-se, dignar-se, indignar-se, queixar-se, amercear-se, encanizar-se, apavonar-se, abespilhar-se, comprazer-se, aeacapar-se, alapardar-se, agalatar-se, e outros.

2.º Outros guardam a fôrma reflexa facultativamente:

Sorrir-se ou sorrir, rir-se ou rir, encontrar-se (com alguém) ou encontrar (alguem), ir-se ou ir, partir-se ou partir.

Muitos destes, por menos usual na fôrma reflexa, quando nella empregados, dão mais graça e energia á expressão. O pronome reflexo tem o effeito de salientar o interesse mais vivo e espontâneo do sujeito no facto verbal; dahi a sensível differença no valor expressivo das seguintes phrases:

Sahir bem e sahir-se bem, ir embora e ir-se embora, morrer de tristeza e morrer-se de tristeza, estar descansando e estar-se descansando.—Alma minha gentil, que te partiste (C.)—Os peixes pelo contrario, lá se vivem nos seus mares e rios (A. V., S. 1. 35) — Elle se estava muy descansado em seu palaeo (A. V.) — Se poesia se vive entre estes aldeões (A. C.) — Mas eu me sahi, e me fui embarcar a toda pressa (A. V., C. 1. 43) — No mesquinho paul dos humanos enredos se andavam rebolando os contemporaneos (L. C., Cam. 199) — A poesia moderna produziu seu mundo, viu que estava bem, e nessa visão beatifica se ficou (A. C., Am. de Ouvido 19) — Levantou-se Jacob, e veo-se ao Egipto com toda sua geração (Chrest. Arch. 96) — Com elle se sahio fóra da casa (G. de Rez. 288) — Era tão baixinho, que uma vez para ser ouvido se atrepeou a um cepo (M. B. 1. 225) — Siga-se rei a rei (Id. 1. 275).

687. Repugna á lingua a fôrma pronominal reflexa nos infinitivos regidos pelos verbos — *fazer, deixar, ver, ouvir*: “*Fazei-os sentar* (e não *sentar-se*), *fazei-os arrepende*r, *deixae-os queixar, vi-o partir, ouvi-o rir*”.

688. PRONOMINAES ACCIDENTAES, IMPROPRIOS OU REFLEXIVOS. São estes geralmente verbos transitivos cujo objecto, *directo* ou *indirecto*, conforme o sentido, é represen-



tado por um pronome obliquo, em *accusativo* ou *dativo*, que mantem relação de identidade com o sujeito: *dar-se ao trabalho* e *dar-se os parabens*, *ferir-se na face* e *arrogar-se o direito*.

689. PRONOMINAES RECIPROCOS. Acontece, ás vezes, que o sujeito é duplo ou multiplo e a acção *reciproca*, e, neste caso, é usual chamar-se o verbo *reciproco*: *Pedro e Paulo encontraram-se*. E' antes uma *voz reciproca* que um verbo reciproco.

Sendo o processo da *voz reciproca* identico ao da *voz reflexa*, é claro que em muitas phrases haveria ambiguidade, se algum adverbio ou explicação não viesse elucidar o sentido, v. gr.: *Elles feriram-se*, onde tanto pôde ser cada um ferir-se *a si proprio*, como *uns aos outros*. Dahi a necessidade de acerescentar *reciprocamente*, *um ao outro*, *uns aos outros*, ou *a si propios*, *cada um a si proprio*, conforme for a *voz reciproca* ou meramente *reflexa*.

Permitte, entretanto, a lingua indicar a reciprocidade por outro meio que não o da fórmula reflexa. Exs.:

Um feriu ao outro, uns feriram aos outros (cf. ferindo-se uns aos outros), este desaveio com aquelle (cf. ambos se desavieram), Pedro encontrou-se com Paulo, ou encontrou a Paulo (cf. Pedro e Paulo encontraram-se) — Encontram-se por um instante os olhares, trocam-se por um sanctiament as improvisas e fataes inclinações (L. C.).

Verbos impessoaes

690. São verbos impessoaes os que expressam factos sem referencia a sujeitos determinados. São *peessoaes* os verbos "que apresentam a acção em relação com a pessoa ou coisa que a produz"; são *impessoaes* os que a exprimem sem relação com a causa productora, taes como — *chove*, *amanhece*, *troveja*. Do latim herdou o portuguez, com as linguas romanicas, tal processo grammatical.

691. CLASSIFICAÇÃO. Dos *impessoacs* apresenta a lingua dois typos: *impessoal essencial* e *impessoal accidental*.

I. *Impessoal essencial*. Verbo impessoal essencial é o que designa phenomeno de natureza inorganica, ou meteorologio, e que, tanto em lat. como em port., apparece na

phrase sem relação com a causa productora do facto verbal, isto é, sem sujeito determinado, taes são: *chove* (lat. *pluit*), *amanhece* (lat. *lúcescit*), *troveja* (lat. *tonat*).

De dois modos a lingua, dando-lhes sujeitos expressos, torna *pessoaes* estes verbos impessoaes:

1.º Em sentido *factitivo*, dando-se-lhes por sujeito o que se apresenta ao espirito como a *causa* ou *origem* do facto verbal:

Chove o céu (o céu faz chover), troveja Jupiter (Jupiter faz trovejar), amanhece o dia (o dia faz amanhecer), o céu de todas partes chovendo lanças e fulminando raios (A. V., ap. Serões 395) —

Ela, ás aras pacíficas vos chamam;
Sacerdotes, voae, chovei-lhe incenso

(A. C., Os Fast. 1. 77)

2.º Em sentido *figurado*, dando-se ao verbo, empregado com significação analogica ou figurada, por sujeito o que se offerece á mente como a *fonte* ou o *resultado* do facto verbal:

Trovejam os canhões, chovem protestos, amanhece-lhe a intelligencia, anoitece-lhe a vida; “muitas bençams, muitas graças chovam nesta habitação (A. C.) — E se em vez de bolotas me chovessem cabacas (Fab. 315) — Da espessa nuvem settas e pedradas chovem sobre nós sem medida (Lus. 5. 33) — Chovam as nuvens o justo (A. P.) = Nubes pluunt justum (Vulg.).

Obs. No latim se diz — *pluit sanguinem* = *chove sangue*; *sanguinem* (Liv.) em accusativo mostra que a lingua latina o considera *objecto directo*, que vae sempre para accusativo: *Pluit ignem* (= *chove fogo* — Hier), *sanguinem pluisse annunciatum est* (Cic.). — A’ svezes levavam para ablativo o resultado do facto verbal: *Saxo pluunt* = *caem pedras como chuva*; *bellaria adorca pluebant* = *choviam os bolos*. — Differentemente do lat., o port. encara como *sujeito*, e põe em nominativo o que o lat. leva para *accusativo*: *chovem canivetes*, *chovem setas* o *pedradas* (C.), *chovessem cabacas* (F. Elysis), *chovam graças* (A. C.).

II. *Impessoal accidental*. Além dos impessoaes proprios, estudados no paragrapho anterior, desenvolveu-se com certos verbos pessoaes um emprego *impessoal*, sem referencia a sujeito determinado.



Os impessoaes deste typo desdobram-se em dois grupos: os de fôrma *activa* e os de fôrma *passiva*.

1.º *Impessoaes de fôrma activa*. Estes por sua vez se distribuem em duas categorias: *os da 3.ª pess. do sing.* e *os da 3.ª pess. do plural*.

a) *Os impessoaes da 3.ª pess. do singular*. Dá-se este phenomeno com os verbos — *haver, fazer, ser, estar, ir*, etc.

Ha homens, faz dois annos, faz frio, é tarde, está quente. — Mal vae á casa onde a roca manda á espada — Onde bem me vae, tenho mãe e pae — Mal vae a quem suppõe que possa dar de si ternura (A. C., Q. D. 115). Felipa, como te vai? (G. V., 2. 429).

b) *Os impessoaes da 3.ª pess. do plural*. Dá-se este phenomeno com os verbos — *dizer, contar, relatar, referir, fallar, ensinar*, e muitos outros.

Dizem que elle vive, contam que morreu, ensinam o que não se deve, fallarem-me de herdar são facadas mortaes (A. C., D. 61).

2.º *Impessoaes de fôrma passiva*. Este phenomeno já estudado, quando tractámos da voz passiva, realiza-se com os verbos quando *intransitivos* e *relativos*, empregados na 3.ª pess. do sing., acompanhados do pron. reflexivo *se* e sem sujeito determinado (680).

Entra-se constantemente nesta sala, falla-se em guerra, ama-se a Vielra, vive-se bem, morre-se aqui de tristeza, passela-se, come-se, bebe-se, regala-se.

Esta fôrma de passiva impessoal corresponde, como mostrámos, ás fôrmas latinas da passiva: *curritur, ambulatur, vivitur, bibitur, pugnatum est, pugnandum est*.

692. ALGUNS VERBOS QUE SE TORNAM IMPESSOAES. Merecem especial estudo alguns verbos que, no desenvolvimento historico da lingua, assumiram em certas phrases feição impessoal.

1.º *Haver*. Para designar a existencia empregava o latim o verbo *esse* (= *ser*) na fôrma pessoal: *sunt homines* = *ha* ou *existem homens*. O inglez, como o latim, empregava o mesmo verbo *ser* = *to be* nessas phrases de existencia,



ajunetando-lhe o adverbio *there* = *ahi*: *there are men* = *ha homens*. Lá pelos fins da época latina, começa o verbo *habere* → *haver*, seguido de *accusativo* e empregado pessoalmente, a substituir o verbo *esse* nessas expressões. Já no latim da Vulgata (see. V) lê-se: *Quia jam multum tempus haberet* = *já muito tempo houvesse*. O mesmo traductor da Vulgata, S. Jeronymo, esereve (epist. 129. 9): *...in arca Noé habuit homines* = *na area de Noé houve homens*. Esse typo de expressão generalizou-se no Occidente. Aparece amiudadas vezes, como no inglez, o adverbio de logar na fórma — *ibi habet*, que se tornou em francez — *il y a*, e no port. arehaieo — *ha hi, a y, hai*.

Houve muitos e diferentes votos (Dec. I. 268) — Ha hi ave, nos Céos, melhor prendada? (Fab. 78) — Que geração tão dura ha hi de gente (Lus. 2. 81) — Cá e lá más fadas ha — Multos ministros ha no mundo, e em Portugal mais que multos (A. V., S. 2. 317) — Em mim ha dous eus (H. P., Im. 1. 11) — Oh! elle ha frade no caso (G., Vlag. 140).

Obs. Contrariamente ao francez, o adverbio *hi* ou *ahi* não é obrigatorio, e só apparece no caso de emphase. — Na linguagem popular e nos escriptores que a imitam, costuma dar-se, como em francez, o pronome *elle* por sujeito grammatical ficti-cio: Não que elle ha marotos grandes na tropa (C. C. B., Corj. 24) — Elle ha de haver muitas boas, mas lá outra como aquella... (A. C. O Doent. 201).

O facto raro de apparecer em alguns auctores o verbo *haver*, nessas *phrases de existencia*, no plural, empregado pessoalmente, dando-se-lhe por sujeito o que é historicamente o objecto, deve ser lançado a conta de deslize do auctor ou do typographo: “O remedio que... procuram dar... a esta tyrannia, foi mandar totalmente cerrar os sertões e prohibir que não *houvessem* resgates” (A. V., C. I, 22).

2.º *Fazer*. A' b latinidade pertence egualmente o emprego do verbo *fazer* como impessoal nas expressões *faz frio, faz cinco annos*. No seculo V, St. Agostinho eserevia: *Nunquam fecit tale frigus* (Serm. 25. 3). E Gregorio Tur. H. F. 3. 37, mais tarde tambem eserevia: *...gravem eo anno hiemem fecit* — *fez nesse anno rigoroso inverno*. *Frigus* e *hiemem* são objectos-directos, pois estão em *accusativo*, que em latim é o caso do paciente da voz activa, ficando indeterminado o sujeito. Desse processo medieval

herdamos a impessoalidade do verbo *fazer*: *Faz muitos annos que não o vejo*.

3.º *Ser*. Apparece frequentemente o verbo *ser*, como impessoal, sem sujeito determinado, em certas phrases, taes como — *é tarde, é cedo, é claro, era já escuro, é quente, é frio aqui*. — Na linguagem popular e em alguns auctores ás vezes apparece, como em francez, o pronome *elle* como sujeito grammatical ficticio: *Elle é ainda muito dia* (A. P.).

4.º *Estar*. Como impessoal é de uso frequente o verbo *estar*, em expressões como estas — *está quente, está frio, está elaro, está cseuro, está tarde* (cf. *é tarde, é cedo*).

Verbos periphrasticos

693. Para exprimir certas modalidades da acção, assumo o verbo fórmãs complexas, constituídas por certos *auxiliares* e o *gerundio* ou o *presente do infinito*. Estas linguagens ou *verbos periphrasticos* não se devem confundir com os tempos compostos ou *conjugações periphrasticas*, formadas pelos auxiliares *ter, haver e ser* e o particípio passado dos verbos, que se conjugam.

Na conjugação dos verbos periphrasticos, como nas outras, discrimina-se a *voz activa da passiva*.

Nestes verbos o *auxiliar* caracteriza a modalidade da acção, e o *gerundio* ou o *infinitivo* presente encerram o conteúdo significativo do verbo. — Estudemos alguns auxiliares dessas expressões verbaes periphrasticas.

1.º *Estar*. Juncto a *gerundios*, *estar* indica *actualidade, continuidade* ou *frequencia* da acção verbal, e fórmã os *verbos periphrasticos frequentativos*, a que outros chamam *voz frequentativa*: *estar fallando, estar trabalhando, estar partindo*.

Com o presente do infinito regido da preposição *a*, exprime-se, em geral, o mesmo sentido: *estar a fallar, estar a trabalhar, estar a partir*. Esta fórmã, porém, é menos expressiva e precisa, para indiciar a actualidade e continuidade da acção, que a gerundial, pois a preposição *a*, nes-



sas phrases, indica em rigor não a actualidade, mas a proximidade e imminencia da acção, de sorte que ha sensível differença entre — *o vapor está partindo* e *o vapor está a partir*, *o muro está cahindo* e *o muro está a cahir*, *ella está expirando* e *ella está a expirar*.

Em Portugal, entretanto, preferem geralmente a fórma infinitiva para essas locuções verbaes frequentativas; aqui no Brasil, porém, é mais eomum a gerundial.

Na exuberancia de suas flexões verbaes, possui o portuguez fórmias simples ou *syntheticas* para essa modalidade de acção frequentativa: as desinençias verbaes — *-ejar* e *-ear* unidas ao thema de muitos verbos, trazem essa idéa: de *espanar* *espanejar*, de *saltar* *saltear*, de *estrondar* *estrondear*, de *viçar* *vicejar*, de *passar* *passear*, e assim tambem — *manejar*, *manusear*, *folhear*, *pompear*, etc. Concorrem muitas vezes estas fórmias *syntheticas* com as *analyticas* ou *periphrastieas* em reforçada expressão: *a seara está vicejando*. Fórmia-se a *voz passiva* desses verbos *periphrastieos*, quando transitivos directos, do mesmo modo que as dos verbos simples, com o auxilio de *ser* ou da particula *apassivadora*:

Estou escrevendo uma carta = uma carta está sendo escripta ou está-se escrevendo uma carta (estão-se escrevendo duas cartas).

2.º *Andar*. Este verbo, com o *gerundio* ou com o *infinito* regido de *a*, expressa, com mais precisão, a *continuidade* ou *frequencia* da acção do que o antecedente, que, entretanto, melhor exprime a *actualidade*:

Andar fallando ou *a fallar*, *andar trabalhando* ou *a trabalhar*, *andar lendo* um livro (cf. *estar lendo* um livro).

A *voz passiva* forma-se do mesmo modo que a do antecedente:

Ando lendo livros, *livros andam sendo lidos*, *andam-se lendo* livros.

3.º *Ir*. Com este verbo e o *gerundio* de outros formam-se *periphrases* verbaes, que indicam o começo de acção, a que chamam os *grammaticos* *voz* ou verbo *periphrastico inchoativo* (lat. *inchoare* = *começar*):

Ir apprendendo, *ir crescendo*, *ir vencendo* as difficuldades, *ir ganhando* fama.



A voz *passiva* fórma-se como a dos antecedentes:

Vou vencendo as difficuldades = as difficuldades vão sendo vencidas por mim, e vão-se vencendo as difficuldades.

Além destas fórmas *analyticas*, vieram-nos do latim fórmas *syntheticas inchoativas* com o suffixo inchoativo *-scer* (← ~~scere~~ *escere*), *-cer*: *florescer* (← ~~scere~~ *florescere*) = *começar a florir*, *embarbeecer* = *começar a barbar*; *enriqueecer* (cf. *enricar*), *amanheecer*, *anoiteecer*, *cseureecer*, *envileecer*, *entristeecer*.

A noção inchoativa dessas fórmas *syntheticas* é, na actualidade da lingua, attenuada ou obscura; dahi certa necessidade de clarear a idéa inchoativa com o reforço das fórmas *analyticas*:

A seara vae amadurecendo, vae amanhecendo, elle foi empobrecendo até final miseria.

4.º *Vir*. Entra este verbo em composição com o *gerundio* de outros ou delle proprio para formar verbos *periphrasticos* de acção *começada e continuada*, formando a *synthese* das duas noções *inchoativas e frequentativa*:

O navio vem chegando ao porto, ha muito vem elle dissimulando seus intentos; o dia vem vindo.

Com o infinito regido da prepos. *de*, fórma elle uma *periphrase* verbal *indicativa* de acção recente:

O correio vem de chegar — Ho esforçado Polendos, que era capitã da galee, que vinha de correr e atravessar todosos mares (Palm. I. 42).

5.º *Fazer*. Com o *infinitivo* puro de outros verbos ou delle proprio, fórma este verbo locuções verbaes ou verbos *periphrasticos factitivos*: *fazer seccar*, *fazer enxugar*, *fazer fazer* (o mestre fez ao alumno fazer o que devia).

6.º *Ter e haver*. Como já vimos, auxiliam estes verbos a outros e a si proprios no infinito regido da prepos. *de*, na formação de *conjugações periphrasticas*, communicando a todos os tempos a idéa de *futuridade*, chamadas por isso *linguagens projectadas*, p. ex.: *tenho de estudar* e *hei de estudar*, *tinha de estudar* e *havia de estudar*, etc.; *tenho de ter* ou *de haver*, e *hei de haver*, etc. Nas *conjugações* ou

verbos periphrasticos assim formados differencia-se o *futuro obrigatorio*, auxiliado pelo verbo *ter*, do *futuro promissivo*, auxiliado pelo verbo *haver*.

No v. port. dos ceneoneiros, o infinitivo era frequentemente regido da prepos. *a*, hoje archaica, e o verbo *ter* só mais tarde apparece em ceneorrença com *haver*. Exs.:

Que avias a veer... non avedes muito a viver (C. Arch. 51) --

Senhor, que grav'-oj' a mi é
de m'aver de vos a partir. (Chrest. Arch. 231).

Vou m'eu a la corte morar:
por vos, u for, ei a penar (Ib. 238).

Que coita (pena) tamanha ei a sofrer
por amar amigu' e non o veer! (Ib. 311).

Se quer, Senhor, tanger bem,
Ha de haver mister terceiros (C. Ohrs. 3. 140)

Obs. I Ainda hoje apparece esporadicamente em bons escriptores essa periphraze com o verbo *haver* sem a regencia da prepos. *de*, como acontecia com a v. ling., apesar de tachada de *solecista* por alguns. — Non foi u ir avia (C. Arch. 272) — Havia deixar (C., O rei Seleueo) — Não havia faltar entre tantas opiniões quem dêsse o seu voto (A. V.) —

Havia-lhe perguntar:
Senhora, de que comels? (C. Ohrs.)

Obs. II A preposição *de* incorpora-se no verbo *haver* na pronuncia de tal modo que persiste ainda quando soffra ellipse o infinitivo ou se interponha pronome obliquo: "O que hei-de, lá isso hei-de, é rezar uma eeroa (A. H. Mon. 2. 167).

Renunelava o metal.
Qu'em rifüezinhos como estes
Ha-se de pôr tal como tal. (C. Ohrs. 3. 77).

Modos

694. MODOS nos verbos são as condições em que a acção verbal se realiza, ou são "o aspecto geral em que ella se apresenta". Cinco são os *modos tradicionaes* — *indicativo*, *condicional*, *imperativo*, *subjunctivo* e *infinitivo*. Estes, excepto, o *condicional*, que é uma creação romanica, nos vieram do latim.



Estes cinco modos podem reduzir-se a dois — o *finito* ou *definito*, e o *infinitivo*, *infinito* ou *indefinito*.

695. INDICATIVO. O indicativo é o modo da realidade, como diz Darmesteter; “exprime elle um facto real, um juizo affirmativo ou negativo, sob a fórma positiva ou negativa, nos diversos momentos da duração”.

O seu uso era mais geral no portuguez classico e ante-classico do que modernamente. No progresso analytico da lingua o subjunctivo foi-lhé invadindo a esphera, e hoje empregamos este modo onde antigamente preferiam aquelle: “*Que os havia de afogar a todos elles e aos montes, e ao mundo, se se não emendavam* (A. V., ap. Serões 410); *se se não emendassem*, diremos hoje.

696. CONDICIONAL. Impugnam Adolpho Coelho e outros o caracter modal do condicional. De facto, oriundo do imperfeito do *indicativo* (*amare* = *habebam* \rightsquigarrow *amaria*), como ficou demonstrado na Morphologia, é elle mais um tempo do indicativo, do que talvez um modo verbal. E’ esta a razão por que os seus tempos são frequentemente substituidos ora pelo *imperfeito*, ora pelo *mais-que-perfeito* do indicativo. Exs.:

Se a inveja fosse tinha, muita gente era (seria) careca (Prov.) — Na quarta parte nova os campos ara; e se mais mundo houvera (houvesse), lá ehegara (ehegaria) (Lus. 7. 14) — Eu se fosse a senhora, atrava paixões p’ra trás das costas, punha um luctozinho d’anno, por decenela; e, entretanto, ia-me plano, plano, buscando outra fortuna (A. C., Faust.) — Se você vem mais cedo, via coisas bonitas, ou se você tem vindo ou tinha vindo... (J. Moreira).

697. IMPERATIVO. E’ o imperativo “o modo da necessidade”. Elle exprime a ordem e o commando, ou o desejo e a supplica. O tom de voz é o que discrimina entre esses varios sentimentos, p. ex.: *Parti* (eu ordeno), *parti* (eu desejo), *parti* (eu supplico).

O latim possuia dois tempos no imperativo — um *presente* e o outro *futuro*. O *presente* possuia apenas a 2.^a pess. do singular e a 2.^a do plural: *ama* = *ama*, *amato* = *amae*; o futuro possuia a 2.^a e 3.^a pess. do singular, e a 2.^a e 3.^a do plural: *amato*, *amato* = *ama*, *ame elle*, *amatote*, *amanto* = *amae*, *amem elles*.



Só a forma do *presente* passou para o portuguez, que o emprega ora com o seu valor proprio, ora com valor de *futuro*, v. gr.: *Faze isto agora, faze-o quando puderes.*

Frequentemente emprega o portuguez o presente do subjunctivo pelo imperativo, e isto não só para supprir a 1.^a e a 2.^a pess., que lhe faltam, mas ainda para abrandar a força imperiosa deste modo, tornando-se dest'arte o presente do subjunctivo, a miudo, um *imperativo brando*, em todas as pessoas grammaticaeas, p. ex.: *Faça cu isto, façaes tu, faça elle ou você, façamos nós, façaes vós, façam elles.* Esta substituição é de rigor, nas phrases negativas, pois o genio da lingua repelle o imperativo negativo: *não façaes isto, não façaes isso*, e nunea — *não faze isto, não fazei isso.* Mais adeante, tractando dos *tempos*, estudaremos estas substituições.

698. SUBJUNCTIVO. “O subjunctivo é o modo da possibilidade”. E' ehamado *conjunctivo* por isso que apparece na phrase quasi sempre em conjunção com o verbo de outra proposição, de que depende, e tambem *subjunctivo* (*sub-junctus* = *posto abaixo*) por estar, em regra, na proposição subordinada: *Duvido que elle venha.*

699. SUBJUNCTIVO INDEPENDENTE. Apesar de seu caracter subordinado, apparece, entretanto, o *subjunctivo* em certas proposições simples ou independentes nos seguintes casos:

1.º Com o valor de *imperativo*:

Cumpra elle ou você o seu dever e será acceto — Não façaes mal a ninguém.

2.º Para indiciar *concessão*:

Seja como queres, vá e aconteça o que acontecer.

3.º Com valor optativo, para indiciar desejo:

Seja feliz — Bons ventos o levem! — Viva a patria! — Mellem se eu entendo este doutor (A. H.).

700. SUBJUNCTIVO NAS CLAUSULAS SUBORDINADAS. Nas proposições complexas, o subjunctivo da subordinada exprime *duvida* ou *incerteza*; desde que, porém, a subordina-

da encerre uma declaração positiva, de accordo com a natureza do verbo da subordinante, é o subjunctivo substituido pelo indicativo.: Exs.

Subjunctivo	Indicativo
Duvido que venhas	Sei que vens
Reccio que vá	Declaro que vae
Quero que fique	Penso que fica
Aconteceu que chegasse	Aconteceu que chegou
Digo que faça	Digo que faz
Ignoro que seja rico	Sei que é rico
Não é evidente que aconteça	E' evidente que acontecc
Não vejo como elle possa	Não vejo como elle pôde
O operario que trabalhe, ganha sua vida	O operario que trabalhe, ganha sua vida
Mostra-me um caminho que conduza ao Céu	Mostra-me o caminho que conduz ao Céu
E' o melhor homem que se possa achar	E' o melhor homem que se pôde achar
E' o unico que possa dar	E' o unico que pôde dar
Ide para onde quizerdes	Ide para onde quereis
Como tivessimos sahido, não nos encontrou	Como tinhamos sahido, não nos encontrou
Procurou, até que encontrasse	Procurou, até que encontrou
Não é que o desejemos	Não é que o desejamos
Contente serci, si ficardes	Contente serei, se ficades
Se fizeres, sahirei	Se fazes, saio

Obs. Em certas clausulas introduzidas por *quem* prevalece o subjunctivo: ex.: "Muitas leis sem haver quem as guarde, são grandes lixurias sem leitores" (Bluteau, ap. E. Dias) — "Ha quem dê por falsa a historia... (A. C., ib.) — "Ha quem pense que a historia serve... (A. V., ib.) — Entre os classicos, entretanto, não é raro o indicativo; ex.: ... houve quem louvou (A. V. I. 462, ap. E. Dias)... ouve quem lhe ouviu dizer... (Souza, ib.).

701. Devido ao desenvolvimento do espirito analytic, e não á influencia franceza, como querem alguns, é actualmente mais empregado o modo subjunctivo, do que o era no periodo classico e ante-classico. Em muitas phrases, em que, até Vicira e Bernardes, a lingua preferia o *indicativo*, tem hoje preferencia o *subjunctivo*. Exs.:

Prometteu-lhe ser sua mordoma, se elle dava saude (se elle dêsse) (Souza, ap. Serões 410) — E' possivel que havemos de fazer tanto pela vida temporal (A. V., ap. Serões 434).

702. INFINITO. O *infinito* é constituído pelas *fórmulas nominaes* do verbo: é mais um nome verbal do que um modo de acção.

Vêdes vós todo aquelle bolir, vêdes todo aquelle andar, vêdes aquelle conecorrer ás praças e cruzar as ruas; vêdes aquelle subir e deseer as calçadas, vêdes aquelle entrar e sair sem quefiação nem soego? Pois tudo aquillo é andarem buscando os homens como hão de comer, e como se hão de comer (A. V., S. 44).

703. AS FÓRMAS NOMINAES DO INFINITO. As fórmulas nominaes simples do infinito são: o *presente*, o *participio* e o *gerundio*.

a) O *presente* tem valor de *substantivo*, e como tal é frequentemente tractado na phrase: *um sabio parecer*, *um bello fallar*, *o continuo murmurar*, *o poder*, *o prazer*, *o saber*.

O *presente* do infinito, assim substantivado, pôde ser tractado inteiramente como substantivo, ou pôde-se-lhe deixar o valor regencial de verbo, p. ex.: *o passar da ponte* e *o passar a ponte*, *o relatar dos factos* e *o relatar os factos*, *o cahir das folhas* e *o cahirem as folhas*, *o pôr do sol* e *o pôr o sol*, *o despontar a alva*, *o desejar da felicidade* e *o desejar a felicidade*, *o eserever da historia* e *o eserever a historia*.

b) O *participio* funciona como *adjectivo* e o *gerundio* como *substantivo*. De seu valor syntactico tractaremos mais adeante.

c) Muitas palavras classificadas entre os substantivos e adjectivos não são mais do que fórmulas verbaes infinitivas, que mudaram de categoria pela frequencia com que eram empregadas como nomes, taes são: — *poder*, *dever*, *haveres*, *viveres*, *salvo*, *eseuro*, *obseuro*, etc.

704. INFINITIVO PURO E PREPOSICIONAL. A fórmula typica infinitiva, chamada *presente do infinito* ou *infinitivo presente*, está, em geral, na phrase, subordinada a um verbo regente, a que em latim se prendia directamente, de sorte que se apresentava sempre *puro*, não *preposicional*, isto é, não regido de *preposição*. Na passagem do latim para o portuguez, operou-se uma mudança neste sentido, e mui-

tos infinitivos passaram a ser regidos de preposição. Quer isto dizer que seu caracter de substantivo se torna proeminente na nova lingua.

705. INFINITIVO PURO. Após certos verbos que exprimem — *declaração, desejo, affecto*, etc., conservou o portuguez a tradição latina no *infinitivo puro*, taes os verbos — *declarar, crer, saber, imaginar, querer, desejar, sentir, estimar: declaro estar contente, creio irem elles, sei cumprir meus deveres, quero ficar, sinto andarem as coisas ás avessas*. Estes infinitivos puros, regidos por taes verbos, constituam as orações infinitivas caracteristicas do lat. class. *Democritus dicit innumerabiles esse mundos* (Cic.) = *diz D. screm innumeraveis os mundos*. O port. adquire a facilidade, extranha ao lat. literario, de reduzir essas orações do modo infinito ás orações do modo finito, introduzidas pela conjunção *que*: *declaro que estou contente, creio que elles vão, sinto que andem as coisas ás avessas*.

Veio-nos esta faculdade de redução, que dá maior variedade á phrase vernacula, da b. latinidade, pois ahi já se encontram construeções, como esta — *non scio quod dicam*. Esta redução, porém, não é possível com os verbos — *poder e dever*, que, seguidos do infinitivo, se constituem auxiliares de *modo* e formam *conjugações periphrasticas*: *posso fazer, podia fazer, tenho podido fazer, etc., devo estudar, devia estudar, deverei estudar, etc.*

Obs. E' de notar que nestas conjugações periphrasticas com o verbo *dever*, são inusitados os tempos compostos com o particípio *devido* — *eu tenho devido estudar, é raro o preterito — devi estudar, deveu estudar*.

706 INFINITO PREPOSICIONAL. Rompendo com a tradição latina, o port., e, com elle, as outras linguas romanicas admittem o infinitivo preposicional (*lembro-me de ter lido* = *memini me legere*). Quando em lat. apparecia a preposição, o verbo ia para o gerundio: *potestas liberandi captivos a vineulis* = *o poder de libertar os captivos das prisões, sapientia est ars vivendi* = *a sabedoria é a arte de viver*.

Desenvolveu-se, porém, no *romance* largamente o infinitivo preposicional, maxime com a prep. *de* e *a*, de que dão



testemunho os textos arcaicos do portuguez, como vimos na regencia.

Tempos

707. *Tempos* do verbo são as diversas épocas em que se póde realizar a acção por elle expressa.

Os tempos verbaes apresentam dois aspectos syntacticos distinctos, que se referem á *fórma* e ao *valor significativo*.

I. TEMPO EM RELAÇÃO Á FÓRMA.

708. Em relação á *fórma*, os tempos dividem-se em dois grupos que ideologicamente se correspondem: tempos *simples* e tempos *compostos*.

Já vimos na Morphologia que as linguas romanieas, em seu movimento analytic, crearam, ao lado de cada tempo simples da conjugação latina, um tempo composto como os verbos *ter* e *haver*, transformados de verbos *concretos* em verbos *abstractos* ou *auxiliares*, como se vê em seguida:

Amo — tenho ou hei amado
Amava — tinha ou havia amado
Amel — tive ou houve amado
Amara — tivera ou houvera amado
Amarel — terel ou haverel amado
Amaria — teria ou haveria amado
Ama — tem amado
Ame — tenha ou haja amado
Amasse — tivesse ou houvesse amado
Amar — ter ou haver amado
Amando — tendo ou havendo amado

II. TEMPOS EM RELAÇÃO AO SEU VALOR SIGNIFICATIVO.

709. Os tempos indicam as diversas épocas da duração, em que se realiza a acção verbal, e, como são trez essas épocas, que correspondem ao tempo em que se falla, ao anterior e posterior a este, segue-se que são os tempos *fundamentaes* — o *presente*, o *passado* e o *futuro*.

Cada um desses tempos fundamentaes offerce aspecto secundario e empregos varios, que passamos a estudar.

Antes, porém, releva observar que as diversas épocas da duração, expressas no *presente*, *passado* e *futuro*, só se fa-



zem sentir com rigor no modo *indicativo*. Nos outros modos a noção de tempo é mais determinada pelas circunstâncias da phrase, do que pela fórma verbal.

710. TEMPOS DO INDICATIVO. O modo *indicativo*, como já nos dá a entender o seu nome, é o modo da realidade, os seus tempos indicam épocas definidas da acção verbal como *presente*, *passado* e *futuro*.

1. PRESENTE. O presente exprime a acção verbal no momento em que se faz, no acto da palavra: *eserevo*, *estudo*. Sendo momentanea a acção, é ella indivisivel: não é *perfeita* ou acabada, nem é *imperfeita* ou inacabada, é *actual*.

Sem embargo de seu valor actual, pôde o *presente* do indicativo, por extensão, indicar o *passado* e o *futuro*, bem como um facto permanente nas trez épocas.

a) Indica o *passado*, quando o narrador, querendo tornar a acção mais viva, se transporta em espirito ao passado e descreve os factos como se presentes fossem, p. exa.: "Assume Caxias o commando das tropas, ataca o inimigo, vence-o, e põe termo á prolongada guerra".

b) Indica o *futuro*, quando queremos expressar com mais segurança um facto a realizar-se em futuro proximo: *Eu lá vou daqui a pouco, parto para a Europa no proximo paquete. — No sabbado vou a Val-de-Lobos, a ver se o campo me restitue o antigo vigor* (A. H., C. 3 66).

c) Indica uma verdade permanente, um facto que se realiza em qualquer das épocas da duração:

O mal existe — asno com fome bugalhos come — o homem vive, luta e morre — Na vida são os Mecenas que dou-ram com os brilhos mundanos, que lhes sobejam, os louros altivos dos Vergillos; na morte são os Vergillos, que illuminam e perpetuam com os reflexos de sua gloria os vultos secundarios dos Mecenas (L. C.).

8. PASSADO. O tempo passado é a época indefinida anterior ao acto da palavra. E' elle divisivel, porque a acção passada pôde ser considerada nos diversos momentos da duração com relação ao maior ou menor afastamento do acto da palavra, e, ainda, com relação a um outro facto, a que a acção verbal é contemporanea ou an-



terior; dahi a subdivisão do passado em — *perfeito*, *im-perfeito* e *mais-que-perfeito*.

Do latim recebemos estes trez aspectos secundarios do passado, a que demos, com a creação das fórmulas compostas ou periphrasticas, mais precisão analytica.

A. *Perfeito*. Perfeito, como soa a palavra (*per* + *feito*, *per* com valor intensivo), designa a acção verbal *feita*, *acabada*. Passado *perfeito*, ou *preterito perfeito*, como mais geralmente se chama, é, pois, o tempo que indica uma acção completa no acto da palavra:

Porém, o espirito romanico, em sua evolução analytica, discriminou nesse preterito perfeito dois aspectos, a que os grammaticos francezes chamam *preterito definido* e *preterito indefinido*.

a) *Preterito definido* ou *definito* é o passado absoluto, expresso pela fórmula simples, recebida do latim: *comi* (*comedi*), *amei* (*amavi*). A acção é nelle representada como tendo origem e conclusão em um momento no passado sem outra relação com o presente se não a de simples anterioridade.

b) O *preterito indefinido*, porém, exprime uma acção que não só é anterior ao presente, mas cujos resultados duram até o presente: *tenho comido laranjas*, *tenho lido o livro*, *tenho dicto* = *tenho acabado de fallar neste momento*, *tenho chegado neste instante*, *hei concluido neste momento*. Esta relação com o tempo actual lhe é dada pela propria fórmula de auxiliares (*tenho* e *hei*, pres.), e suggerere naturalmente uma certa continuidade de acção.

A esta theoria dos dois tempos, que corresponde ao seu genio historico, conserva-se ainda fiel o portuguez, onde é clara a distincção entre — *comi pão* e *tenho comido pão*. O francez moderno, porém, como observa Darmesteter, os tem confundido, e á fórmula composta (*passado indefinido*) dá o sentido absoluto da fórmula simples (*passado definido*), p. ex.: *j'ai mangé mon pain*, cujo sentido não é (como de-vera ser) — *tenho comido meu pão*, mas — *comi meu pão*. Apenas resiste, mantendo a distincção historica entre esses dois passados, o francez literario, que prolonga artificial-



mente, no dialecto culto, o valor de um tempo votado ao esquecimento no uso vivo da lingua.

Faz-se mister, portanto, na traducção do francez, verter a fôrma composta pela simples em portuguez, salvo quando algum adverbio ou circumstancia da phrase vier suggerir o sentido primitivo da fôrma periphrastica.

B. *Imperfeito*, como soa a palavra (*in + per — feito = não feito*) designa a acção verbal não feita, inacabada. *Passado* ou *preterito imperfeito* é, pois, o tempo que enuncia uma acção *passada* quanto ao acto de palavra, e *contemporanea* a um outro facto, expresso ou não (ordinariamente expresso) na phrase, p. ex.: *Partia o trem, quando cheguei*. A partida do trem, passada em relação ao acto da palavra, ao momento em que fallo, é, entretanto, contemporanea ao facto de minha chegada á estação. Se se quizer dar mais calor á phrase, levar-se-á o segundo verbo ao imperfeito: — *Partia o trem, quando eu chegava á estação*. Neste caso, a reciproca contemporaneidade dos dois factos verbacs, passados ambos em relação ao acto da palavra, é vivida ou intencionalmente enunciada.

a) O *preterito imperfeito*, é, por consequente, um tempo de *dupla relação*: relaciona-se como *passado* ao acto da palavra, e, como *presente*, a um acontecimento no passado; é, como diz Brunot, um *presente no passado*.

b) Além deste sentido primordial, evolueu-se um outro analogo, que consiste em exprimir um *facto habitual*, uma *acção frequente*:

Os antigos deitavam-se cedo e levantavam-se de madrugada, e eram, por isso, robustos e alegres — O doente estava abatido e o medico o animava — Em sua mocidade, era elle pobre.

c) Finalmente, um terecero emprego do *preterito imperfeito* se nos offerece, inui commum entre os classicos quinhentistas e seiscentistas, e que ainda hoje encontra apoio em bons escriptores e no fallar commum, consiste elle no emprego deste tempo pelo *imperfeito do condicional*:

Se elle viesse, eu sahria (sahiria) — Se no outro mundo não houvera inferno, e neste mundo não houvera justiça, era (seria) muito bom (A. V.).

Um tal phenomeno explica-se pela afinidade lexicogenica do imperfeito do condicional com o imperfeito do indicativo, visto ter aquelle sua origem neste, bem como pela afinidade ideologica com o lat. class. Em lat., o sentido de nome condicional era expresso pelo *imperfeito* e *perfeito* com verbos designativos de obrigação ou possibilidade:

Pompelius erat diligendus = dever-se-ia escolher Pompeu —
Deleret exercitus potuit = o exercito teria podido ser destruido.

C. *Mais-que-perfeito* e *perfeito anterior*. Intima é a relação entre o *mais-que-perfeito* (*tinha estudado* ou *estudara*) e o *perfeito anterior* (*tive estudado*), e subtil é a differença entre elles, de modo que a lingua os confundiu, obliterando-se o segundo no uso moderno.

a) O *mais-que-perfeito*, quer em sua fórmula simples (*estudara*), quer em sua fórmula composta (*tinha estudado*), enuncia uma acção duplamente passada (é um tempo de dupla relação): passada em relação ao acto da palavra e passada, ainda, em relação a um outro facto expresso na phrase ou subentendido: *Eu tinha concluido (ou concluíra), quando elle chegou.*

b) O *perfeito* ou *preterito anterior* enuncia tambem uma acção duplamente passada, é igualmente um tempo de dupla relação, porém differença-se do *mais-que-perfeito* em indicar a acção passada recentemente ao facto enunciado na phrase: *Eu tive concluido a leitura, quando elle chegou.* A chegada delle foi immediata á conclusão da leitura, ao passo que esse character recente não se deduz do *mais-que-perfeito*: *Eu tinha concluido a leitura, quando elle chegou.*

O *preterito anterior* subsiste em francez, porém em portuguez apenas apparece e raramente na linguagem litteraria. Temo-lo substituido pelo *mais-que-perfeito* e, mais commummente, pelo *perfeito* simples: *Conclui a leitura, quando elle chegou.* De um outro processo dispõe a lingua para exprimir o sentido do desusado *preterito anterior*, que consiste em dar ao verbo *ter* valor concreto e ao particípio variavel valor de adjectivo: *Eu tive concluida a leitura, quando elle chegou.*



No v. port. era de largo uso o preterito anterior, e hoje só esporadicamente é elle encontrado em alguns escriptores modernos, que procuram, na assidua conversação dos classicos, reagir contra o esquecimento de termos e expressões antigas. Exs.:

Depois que Hercolles *ouve feyta* aquellas duas ymagees... ouve sabor de veer toda a terra d'Espanha (T. Arch. 45) — Tanazinha como houve feito o sinal da cruz, non viu omen nem molher na nao nen no leito (C. Arch. 59) — E quando o omen isto teve feito, falou a el-rei (Ib. 60) — E depois que lhes esto ouve dito, desapareceo-lhes (Ib. 110) — Depois que el-rei teve falado com João Fernandes tudo o que lhe cumpria... fello tornar encobertamente (F. Lopes, C. de D. Fernando, 7).

Obs. O *mais-que-perfeito* simples tende a desaparecer do uso vivo da lingua, supplantado pela fórma composta, e a restringir-se ao dialecto literario. No Brasil já é desconhecido no fallar do povo, porém resiste ainda em Portugal.

3. FUTURO. O *futuro*, conforme o seu etymo (*futurus* = *o que ha de ser*), exprime a acção em um tempo por vir. Possui elle duas fórmas, uma *simplex* (*amarei*) e a outra *composta* (*terei amado*). A fórma *simplex* (*historicamente composta* = *amare* + *habeo* = *amar* + *hei* = *amarei*) é chamada *futuro imperfecto*; porque indica mera futuri-dade, enuncia uma acção realizavel, contemporanea, ás vezes, com um outro facto a realizar-se: *Irei*, ou *irei quando elle vier*.

A fórma composta é chamada *futuro perfeito*, por isso que enuncia um facto anterior a um outro mais afastado, procede dessa circumstancia a razão dos diversos nomes com que é conhecido em grammatiea — *futuro perfeito*, *anterior* ou *passado*: *terei* ou *haverei amado*.

Em sua fórma *simplex*, tem o *futuro* duas applicações secundarias:

a) Pelo imperativo, em prescripções ou mandamento:

Amarás o teu proximo como a ti mesmo, não furtarás, não matarás.

b) Para exprimir duvida ou affirmação attenuada:

Elle é homem de bem. Será ou não — Não sei se acabará a guerra este anno — Esse será o sentido de suas palavras.

Obs. Por arrojo de linguagem, para exprimir a segurança absoluta de um facto que se ha de realizar, pôde o futuro ser expresso pelo *preterito perfeito*:

Se resistir uns dois mezes,
Affirmo ihe que *escapou* (A. C., O. D., 192).

711. TEMPOS DO IMPERATIVO. O imperativo, por sua propria natureza, só tem por esphera de acção o *presente* e o *futuro*, e para essa dupla esphera, possui uma só fórma temporal para a 2.^a pess. do siug. e do plur. O latim, como vimos, dispõe de duas fórmas: uma para o *presente*, e a outra para o *futuro*. O portuguez adoptou aquella e rejeitou esta.

712. *Presente e futuro*. Com a unica fórma derivada do presente latino (*ama, amae—ama, amate*) exprime o portuguez as duas épocas — o *presente* e o *futuro*, e quando queremos frisar o futuro, reeormos a adverbios, locuções ou elausulas adverbias: *Faze amanhã o que te digo — Cumpre para o futuro o teu dever — Obedece, quando fores chamado*. De sorte que o unico tempo que possui o imperativo é *presente*, quanto á sua origem etymologica, e pôde ser *presente* ou *futuro*, quanto á sua significação.

713. Os tempos do *imperativo* podem ser substituidos:

a) Pelo presente do subjunctivo, não só quando queremos supprir a 1.^a e 3.^a pess., que lhes faltam, mas quando queremos attenuar o seu rigor:

Cumpra o seu dever, cumpramos o mosso dever, aeontega o que acontecer — Faça o favor de ouvir-me — Attendam ao meu direito.

No v. port. é frequente esta substituição na 2.^a pess.
Exs.:

Sejaes benta do Senhor (G. V., Ohrs. 2. 39).

Venhais muito embora meu Rei sabedor,

Venhais muito embora, Rainha esmeralda,

Venhais muito embora, eorte desejada

Venhais com a benção de nosso Senhor (Id. ib. 203).

Venhas embora, Fernando!

Eu t'esperarei á portella. (Id. ib. 1. 133).

b) Pelo *presente do subjunctivo* ainda, e isto de rigor, nas phrases *negativas*, visto não admittir o port. imperativo negativo:



Não faças o mal, não digas mal de teu proximo, não julgues e não serels julgado.

c) Pelo *futuro imperfeito*, quando queremos enunciar preceitos em tom categorico:

Não matarás, não furtarás, não cubiçarás, não dirás falso testemunho, honrarás teu pae e tua mãe, amarás a teu proximo como a ti mesmo.

d) Pelo *presente do infinitivo*, quando queremos enunciar vagamente nossas ordens e desejos:

Direita volver! por — A' direita volvei! — Passar bem, por — passae bem! — Carregar! — Descançar!

714. TEMPOS DO CONDICIONAL. Relacionados etymologicamente ao *imperfeito do indicativo*, os dois tempos do condicional, a elle se prendem tambem ideologicamente. E por isso são frequentemente substituidos pelo *imperfeito* e *mais-que-perfeito* do indicativo, como veremos.

715. EMPREGO DOS TEMPOS DO CONDICIONAL.

a) A noção de tempo é muito vaga tanto na fórmula *simples (amaria)*, como na *composta (teria amado)*, se bem que nesta se possa discernir mais claramente a noção do *passado perfeito*. Os dois tempos apresentam-se, em geral, como um *futuro no passado*. Quando dizemos *julgava que elle viria*, a acção de julgar é passada, a de *vir* é futura em relação a ella, e ambas são passadas em relação ao acto da palavra. O mesmo se pôde dizer, *mutatis mutandis*, a respeito da fórmula composta: *Julgava que elle teria vindo*.

b) A's vezes, em vez de preterito, traz a idéa de *futuro*: *Creio que viria elle amanhã, se fosse chamado*.

e) A's vezes, ainda, traz a idéa da presente, de actualidade: *Eu fallaria agora mesmo, se me fosse permitido*.

d) Entre os classicos quinhentistas e seiscentistas era frequente empregar-se o *mais-que-perfeito* na fórmula *simples* e na *composta* pelos tempos do condicional, e, neste caso, geralmente, o verbo da oração condicional punha-se no mesmo tempo: *Se fôra nobre, eu o fizera*, (se fosse no-

bre, eu o faria); *se tivera sabido, t'o houvera dicto* (se tivesse sabido, ter-te-ia dicto). Ainda hoje na linguagem literaria, em se tractando de assumpto elevado, não raro se emprega o *mais-que-perfeito* pelos dois tempos do condicional, conservando ou não o imperfeito do subjunctivo: *Se o nobre deputado fôra* (ou fosse) *menos partidario, fallára com mais justiça*. A vigencia deste uso tem levado os grammaticos a incluir o *mais-que-perfeito* do indicativo como 2.ª fórma dos tempos do condicional e do imperfeito do subjunctivo. Exs.:

Vendo o triste Pastor que com enganos
Assim lhe era negada a sua Pastora,
Como se a não tivera merecida;
Começou a servir outros sete annos,
Dizendo: Mais *servira*, se não *fôra*
Para tão longo amor tão curta a vida (C. Obrs. 2. 19)
Oh! quem tornar pudêra a ser nascido!
Soubera-me lograr do bem passado,
Se conhecer soubera o mal presente (Id., ib. 19).

e) O *imperfeito* substitue constantemente os tempos do *condicional*, que, aliaz, se prendem áquelles por affinidade etymologica: *Eu ia, se me convidassem*, por — *Eu iria, se me convidassem*.

716. TEMPOS DO SUBJUNCTIVO. O subjunctivo é o modo da possibilidade, e, por isso, seus tempos devem encerrar em si uma certa idéa de futuridade, a despeito de seu valor particular de *presente, passado e futuro*.

Além disso, em virtude do caracter geral de subordinação, que distingue o modo, seus tempos figuram, em regra, nas clausulas subordinadas em relação de concordancia com o verbo da clausula principal. Esta feição de futuridade e correspondencia pôde-se ver nos exemplos abaixo, onde os tempos do subj. de *temer* correspondem a tempos do fut. de *afirmar*.

Pres.:—temo *que venha*
Perf.:—temo *que tenha vindo*
Imp.:—temia *que viesse*
Fut. imp.:—affirmo *que virá*

Fut. imp.:—affirmo *que virá*
Fut. perf.:—affirmo *que terá vindo*
Imp. condic.:—affirmava *que veria*

M.-q.-perf.:—temia *que tivesse vindo*.

Perf. condic.:—affirmava *que teria vindo*.

717. O futuro do subjunctivo desdobra-se nas duas concepções da acção verbal — *imperfeita* e *perfeita*. O futuro imperfeito é simples (*vier*) e o perfeito composto (*tiver vindo*).

718. Apesar da indole dependente do subjunctivo, emprega-se muitas vezes o *presente* e o *imperfeito* deste modo em orações independentes, ora em sentido *imperativo*, ora em sentido *optativo*:

Levante-se! — Bons olhos o vejam — Oh! fossem elles felizes! —

Venhais em tal hora como elle encarnou,
Venhais em tal hora como elle naseo,
Venhais em tal hora como elle esclarecco
Aquella manhan em que resuscitou (G. V. Obrs. 2. 293)

Que formosa caravela!
Quem fosse o capitão della! (Id. ib., 304).

Infinitivo

719. TEMPOS DO INFINITO. Os tempos do infinito comprehendem — o *presente*, o *perfeito*, o *participio perfeito*, o *participio imperfeito*, o *gerundio*. Todos esses, porém, são fórmias nominaes do verbo, em que a noção de tempo é vaga e indefinida.

720. O PRESENTE E O PERFEITO DO INFINITO. O presente do infinito é a fórmula typica do verbo, que assignala pela sua desinencia a conjugação a que elle pertence. E' com o perfeito, uma fórmula *nominal*, e como tal é obscura em ambos a noção de tempo, embora, em geral, indique um o *presente* e o outro o *passado*.

721. O INFINITO PRESENTE E PERFEITO REGIDOS DE PREPOSIÇÃO. Como nome verbal, podem estas duas fórmias do infinit. ser regidas de *preposição*; entretanto, apesar de seu caracter nominal, apresentam-se ellas em certas phrases regidas de *conjunção*, p. ex.:

Não ha como trabalhar, não sabe elle como sair deste aperto, não tem que fazer, não sei que dizer, não ha que ver, tem que fallar, não tem eomer, dá muito que pensar — que fazer?

Repugnando tal anomalia, visto que as particulas conjuncionaes tem por função característica ligar proposições no modo finito, supõem muitos uma ellipse, e analysam:

Não ha como ha trabalhar, elle sabe como pôde sahir desta difficuldade, não tem coisa que possa fazer, não ha coisa que possa ver, tem coisa que pôde fallar, não tem coisa que possa comer, etc.

E' inutil a supposição de taes ellipses, ainda mesmo que a evolução historica pudesse justificá-las, pois a lingua já dellas não tem consciencia, e as excepções nunca destruíram a regra. Tal regencia são, pois, factos excepçionaes, que se fixaram na lingua.

722. CORRESPONDENCIA DO INFINITIVO PRESENTE. A noção do tempo no chamado *presente do infinito* é vaga, e pôde corresponder ás diversas épocas e modo nas clausulas subordinadas, conforme a natureza e tempo do verbo regente. Torna-se isto evidente fazendo-se a *reducção* da oração infinitiva para a do modo finito, como se vê em seguida:

Elle affirma	estar	=	que está
„ duvida	estar	=	„ esteja
„ affirmava	estar	=	„ estava
„ duvidava	estar	=	„ estivesse
„ promette	estar	=	„ estará
„ promettia	estar	=	„ estaria

Do quadro se vê que o infinitivo presente pôde corresponder ao *pres.* e *imperf.* do indicativo e subjunctivo, ao *fut.* do indicativo, e ao *imperf.* do condicional.

723. CORRESPONDENCIA DO INFINITIVO PERFEITO. Por semelhante modo o *perfeito* tem as seguintes correspondencias:

Elle affirma	ter estado	=	que estava
„ duvidava	ter estado	=	„ tenha estado
„ affirmava	ter estado	=	„ tinha estado
„ duvidada	ter estado	=	„ tivesse estado
„ espera	ter chegado	=	„ terá chegado
„ esperava	ter chegado	=	„ teria chegado

Ahi se vê que o infinitivo perfeito pôde corresponder ao *perf.* e *mais-que-perf.* do indicativo e subjunctivo, e ao *perf.* do condicional.



724. FLEXÃO PESSOAL DO INFINITO PRESENTE. Phenomeno singular deu-se em portuguez com este tempo do infinitivo: é a sua flexão pessoal.

E' este phenomeno extranho ao latim, bem como ás outras linguas neo-latinas, e só o possui o portuguez e o dialecto gallego, que, em tempos passados, era identico ao dialecto portugualense, que deu origem ao portuguez.

725. ORIGEM DA FLEXÃO PESSOAL DO INFINITIVO. Como se originou tal flexão verbal na faixa occidental da península Iberica?

Provavelmente esse *idiotismo do portuguez* teve origem na coincidência morphologica do infinitivo (*amar*) com o futuro do subjunctivo (*amar, amares, amar, amarmos, amardes, amarem*), sob o impulso analytico, que regia a evolução dialectal das linguas romanicas. A analogia de fórma da 1.^a pess. do fut. com a fórma infinitiva, e a marcha progressiva da analyse phraseologica na traducção do pensamento teriam levado a lingua a indiciar, pela flexão pessoal, o sujeito do infinito: — *amar* (eu), *amares* (tu), *amar* (elle), *amarmos* (nós), *amardes* (vós), *amarem* (elles). O movimento analytico é a tendencia para a clareza na expressão do pensamento, e a indicação do sujeito, no caso vertente, favorecido, aliaz, pela flexibilidade da conjugação vernacula, traz incontestavelmente poderoso subsidio para clarear o sentido da phrase; p. ex.: *Creio estar doente, creio estares doente, creio estarem doentes*. Um tal idiotismo dá decidida vantagem á nossa lingua sobre suas irmãs, tornando-a mais variada; concisa e clara.

726. DIFFICULDADES NO EMPREGO DO INFINITO PESSOAL. Nascido provavelmente da analogia morphica sob o influxo de movimento analytico, o emprego do infinitivo pessoal tem resistido a todas as tentativas de rigorosa systematização. O uso classico é sobremodo vário, e offerece, a miudo, exemplos incongruentes, difficultando, se não impossibilitando, a indução de leis ou regras, que sirvam de guia segura para os modernos escriptores. O uso classico evidentemente oscilla entre a immobilidade original do infinitivo presente e a flexibilidade extraordinaria do modo finito.



727. EMPREGO DO INFINITO PESSOAL E IMPESSOAL. Do uso classico do infinito pessoal e impessoal um grammatico portuguez, Jeronymo Soares Barbosa, e um glottologo allemão, Frederico Diez, nos dão respectivamente duas regras, que até o presente nos tem servido de fio conductor no labyrintho do emprego do infinito pessoal.

I. REGRAS DE JERONYMO SOARES BARBOSA.

728. *Jeronymo Soares Barbosa*, em sua *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*, ou *Principios de Grammatica Geral*, escripta em 1803 e publicada em 1822, dá, á pag. 199, as seguintes regras e observações sobre o emprego do infinito pessoal e impessoal:

1.º Todas as vezes que o sujeito da oração regente é o mesmo que o da oração regida, usa a *Lingua Portugueza* do impessoal desta sorte: *eu quero fazer, tu quizeste fazer, nós queremos fazer*.

Não devia, portanto, dizer Camões:

De folgarás de veres a polleia (Lus. XII. 72)

Nem:

...não te espantes

De a Bacchó nos teus reinos receberes (Ib. XI. 15)

Devia dizer *ver, receber*, porque os sujeitos destes verbos regidos são os mesmos que os de seus regentes, *folgarás, espantes*.

2.º Emprega-se igualmente o *impessoal*, todas as vezes que lhe basto exprimir a coexistencia do attributo em um sujeito qualquer sem o determinar; e, então, é elle empregado como substantivo verbal, que é, para todos os officios a que se prestam os mais nomes, servindo-se delle, já para *sujeito*, já para *attributo* da oração, como: *mentir é faltar á verdade*; já para *complemento objectivo* de outro verbo: *não querer mentir*; já para *complemento* de varias preposições, como: *em mentir ha peccado*; *entre mentir e não mentir ha meio*; *sem mentir posso dizer: de mentir se passa a jurar falso*; *para mentir, etc.*

Usa-se do *pessoal*:

1.º Quando o sujeito do verbo infinito é differente do do verbo finito que determina a linguagem infinita, ou pôde haver equivoação sobre qual é o de quem se falla, ainda que seja o mesmo. Então esta linguagem infinita para distincção dos dois sujeitos toma differentes terminaões pessoaes, com as quaes se tira o equivoeo. Por exemplo: *julgo seres tu sabedor, creio termos sido enganados. A haverem de chegar á manhã, está tudo preparado.*

2.º Quando a oração do infinito, ou como sujeito ou attributo de outro verbo, ou como complemento de alguma preposição, se toma em um sentido não já abstracto, mas pessoal, v. gr.: *o louvares-me tu me causa novidade. Para me louvares* com verdade farei aquillo de que me louvas. Os maus, *com se louvarem*, não deixam de o ser... Aqui ainda que o sujeito de ambas as orações parece ser o mesmo, não o é. O pessoal *louvarem-se* era necessario para exprimir o sujeito, que reflecte sobre si a oração ou a reciproca com outro”.

729. Tacs são as celebres regras do illustre representante em Portugal da corrente philosophico-grammatical do sec. XVIII e XIX. Obedecendo á indole de sua eschola, estabelece elle regras e distincções, que, embora uteis, estão longe de se conformar com os factos no uso classico do infinito pessoal.

730. As regras de Soares Barbosa eiphram-se em:

a) Emprega-se o *infinito pessoal*, quando tem elle sujeito proprio, diverso do de seu verbo regente (*julgo seres*), e, quando empregado como sujeito ou predicado (attributo), lhe dermos sentido, não abstracto ou vago, mas conereto ou determinado (*luctarmos é o nosso dever, faell é vencermos*).

b) Emprega-se o *impessoal*, quando tem sujeito identico ao de seu verbo regente (*quero estudar*), e quando empregado como sujeito ou predicado, o tomamos em sentido *vago* (*viver é luctar*).

II. REGRAS DE FREDERICO DIEZ.

731. *Frederico Diez*, celebre philologo allemão (1784-1876), em sua admiravel *Grammatica das Linguas Romanicas* (1836-1843), em que estuda comparativamente as linguas neo-latinas, demonstrando a sua origem commum no

troneo latino, assim se expressa sobre o idiotismo de nosso infinito flexionado (Tom. III, pg. 202):

“O portuguez apresenta um traço especial, que já se encontra nos mais antigos textos. Dá elle ao infinito, para designar relações pessoaes, uma flexão inteiramente *verbal*, mas como o provam as preposições, que o precedem, este modo não se torna por isso um verdadeiro tempo. Contudo este infinito só se emprega no caso em que é possível substitui-lo por um modo finito, onde, consequentemente, elle póde eximir-se da relação de dependencia, que o prende ao verbo principal. E' indifferente que este infinitivo tenha sujeito proprio ou não. Exemplo em que o sujeito só pertence ao infinitivo: *tempo hê de partires* (isto é, *tempo he que tu partas*), *Deos te dê o juizo para te remediaries* (*para que te remedies*); *basta sermos dominantes* (*que somos dom.*); *não me espanto fallardes tão ousadamente* (*de que falleis*); *vio nascerem duas fontes* (*que naseião*). Exemplos em que o sujeito é commum aos dois verbos: *não has vergonha de ganhares tua vida tão torpemente* (*de que ganhás*); *todos são alegres por terem paz* (*porque tem*); *este não podeis achar sem me matardes* (*sem que me matéis*). Este infinitivo com flexão, como o infinitivo sem ella, unem-se ao pronome pessoal emquanto sujeito ou regimen, como se vê nas seguintes phrases: *não é uecessario pedires me tu isso* (*que tu me peças isso*); *vimos as ursas banharem-se* (Lus. 5. 15). Se falha esta condição, se o infinitivo depende de auxiliares de modo, não se conjuga: *pudeste ouvir, sabes dar, queres erer*, da mesma maneira *pareem veneer, vereis vir, pretendem vingarse*. Supprime-se por vezes a flexão, quando por isso não soffre a clareza da phrase, p. ex.: *deves buscar outro modo para vos mays deseansar* (por *deseansardes*). Cane. Gen. II. 270. ás vezes flexiona-se arbitrariamente: *de morrermos desejando* (*desejando morrer*) I. 293; *nam eures de mays ehorardes*, *ibid.* 289, e o contrario: *não eures de te queixar* (Rib. Egl. 3)”.

732. Taes são as palavras do sabio allemão, que, mais que o grammatico lusitano, proeou, seguindo a corrente historica, a solução do intrineado problema, nos factos da lingua. Observa elle, ainda, em nota que o gallego conjuga



tambem esse modo, e eita: *para sairem e entrarem* (Esp. sagr. XLL. 351. O hespanhol literario não pössue esta fauldade, e Gil Vivente enganou-se, quando, escrevendo nessa lingua, disse: *tencis gran razon de llorardes vuestro mal* (II. 71).

733. As regras de Diez, mais comprehensivas e consentaneas com o uso geral dos classicos, que as de Soares Barbosa, resumem-se nas seguintes:

1^{aa} Emprega-se o infinito pessoal toda vez que é elle conversível no modo finito sem modifiação de sentido:

Crelo saberes	=	que sabes
„ saberemos	=	„ sabemos
„ saberdes	=	„ sabels
„ saberem	=	„ sabem
Folgo de veres	=	de que vejas
„ „ vermos	=	„ „ vejamos
„ „ verdes	=	„ „ vejaes
„ „ verem	=	„ „ vejam

Entretanto, *sabes dar parabens*, e não — *sabes dares parabens*, embora possamos dizer — *sabes que dá parabens*, pois esta phrase não tem o mesmo sentido daquella. Todavia poder-se-á dizer — *sabes estares docente* = *que estás docente* (aqui tambem pôde dar-se diversifiação de sentido entre *sabes estares* e *sabes estar*).

2.^a Emprega-se o *infinito impessoal* quando o infinito não é conversível no modo finito sem alteração de sentido, o que eomunmente se dá quando o verbo regente é um auxiliar de modo, como — *dever, poder, querer, desejar, acertar*: *deves estudar, podeis fallar, queremos eontar, desejamos partir, acertaste de chegar.*

Obs. Reeonhee Diez que, quando a elareza da phrase não exige, deixa-se frequentemente, apesar da regra, de se empregar o pessoal, que, entretanto, apparece muitas vezes contra a regra.

734. O USO CLASSICO DO INFINITO PESSOAL E DO IMPESSOAL. Como já notámos, o uso classico é vario, e não só se regia pelos principios, que o eminente romanista allemão synthetizou nas regras, que acabamos de estudar, mas ainda pela euphonia da phrase e clareza de sentido, afóra a incongrueneia e arbitrariedade, que é muitas vezes patente. E' o que observamos na seguinte lista de alguns exemplos de escriptores de todas épocas do portuguez



Infinitivo impessoal

1. Quando fallecermos, ou nos tentares, sabermos donde vem para nos corregar e avisar. (L. Cons. 45)
3. Agora... vos contaremos os inhagens... dos que devem a armar e eriar e que andarão a la guerra a filhar o reyno de Portugal (Port. Mon., Liv. de Linh., 175)
5. Mandou aiearae Reis e Infantes e outros ellos homees aometer os cristaños (Ib. 1. 86)
7. Fizerão eom o Catual que os retivesse e obrigasse a fírar os navios em terra (Dec. I. 351)
9. Nem são dignos de ser chamados homes. (H. P., Imag. I. 57)
11. Nam os deixa sahir do ninho e voar ao ar aberto: mas depois de bem empennados os lança fóra do ninho a voar. (Id. lh., 483)
13. Somente para que lançando-as logo a voar, os torne a pôr em sua lberdade. (L. C., 1. 15)
15. Permittte os homês peccar. (A. Arraiz. D. 556)
17. O sec. 12 viu puilular muitas-discordias (A. H.)
19. Convida os homens a perseverar na continuação do peçado. (A. V., S. 3. 8)
21. Os velhos, as mulheres, os meninos que não teem com que se defender, morrem como ovelhas innocentes. (A. V., C. 87)
23. E nos estados deste mundo a muytos faz aerecentar em bcês e virtudes. (L. Cons., 90)
25. São os principes obrigados a mandar pôr o fogo a algumas easas. (Lue., 1. 16)

Infinitivo pessoal

2. E assi digo que he hem de iavrar e criarem bestas e gaados, mas nom de tal guisa que se desemparem de serem prestes para bem servirem (L. Cons. 37)
4. Poede en vossos corações de husardes do que husarom aqueles donde vïdes (Port. Mon., Livr. de Linh., 186)
6. Nuica pensemos scermos hastantes para vïr a perfeiçom. (L. Cons., 219)
8. Traalharam-se todos.. de guardarem todas suas eoussas e eolherem.. por não serem achados... e eom elles se supportarem. (F. Lopes, C. de D. Fem., 11)
10. Tinham por costume não irem ante o Prineipe, se não quando os mandava chamar. (Dec. I. 337)
12. Tinham licença para andarem peia Cidade. (Ib. 422)
14. Não vos esqueçais de agradecerdes a Deos o bõ successo que tivestes no vosso negocio. (Peregr., 2. 67)
16. O' puras aguas cristalinhas, quanta rezão tendes de serdes pera mim turbas. (T. Redonda, 93)
18. E porque vy muytos homeês errarem per mingua de querer, ou saberem assy reger seus eorações. (L. Cons., 70)
20. Peccar é apagam-se as aiampadas ás virgens neccias; peccar e emmudecer é apagar-se-ihes as iampadas, e fechar-se-ihes a porta. (A. V. S. 2. 292)
22. Tudo são patranhas indignas de se relatarem... obrigando-os a lh'as fazerem

... lançando-os a voar. (Ib. 15)

27. Mais promptos a buscar o perigo que a saúde... as vozes incitavão a outras a escalar os baluartes (J. Freire, 106, 107)

29. Senhor vos soubestes bem o que fazieys em deyxar esta batalha, por nam comprar guerra com vossa prima. (Palm., I. 53)

31. E já que acharã em desposiçã pera tomar armas, se forã aa corte del rey por ver a orde de sua vida. (Palm. I. 91)

33. Entã se arredaram a fora por descansar do trabalho passado. (Palm., I. 140)

35. Obrigados são os amigos a permanecer em suas amizades e favorecer os miserios. (Arraiz, Dr. 4) — Os Judeus eram obrigados a fazer (Id. 221)

37. Deixou Deos totalas gerações andar seu caminho. Permittê Deos os homêes pecar. (Arraiz Dia, 534)

39. E assi em pena de sua desobediencia nos obrigou a todos deixar em terra os corpos. (Ib. 593)

41. Os príncipes... servissem de lhe dar o desengano de seus profundos enganos (H. P.; Im. 1. 41)

43. Por vos sempre obedecer eles non cessam chorando (Chrest. Arch. 225)

45. Pois nos dá causa a não dissimular quantos enganos ha tres mezes que soffremos (J. B., Dec., 438)

47. Estão arriscados a buscas todos os meyoys possíveis para executar sua vontade. (D. de Payva, Cas., 112)

49. As danças, as chaco-tas, as figuras truancescas e

nas praças. (Luc. 1. 14, 17)

24. E coeste os criou a o leite de seus peitos, tee que a hidade os ensinou a sustentarem se de outro mantimento (Palm. I. 24)

26. Glorfiãose os Judeus de crerem e conhecerem, o verdadeyro Deos (Arralz., Dia. 208)

28. Pera dar e nã pera se guardarem as riquezas mundanas se hã de desejar (Palm. I. 142)

30. O perigo, em que se poem os desconfiados de lhe fazerem tudo o contrario (D. de Payva, Cas. 109).

32. Isto obrigou os Apostolos a se acharem juntos em Roma (Arralz, Dia. 466)

34. Paraque daly por diante os não constangesse a pagarem tributo (Peregr: 1. 183)

36. Em Candia nascem ciprestes sem se plantarem, e de meus olhos manão lagrimas sem nunca eansarem. (Arraiz, Dial. 11)

38. Trabalha por não fazeres forçado o que necessariamente ha de ser. (Arraiz, Dia. 572)

40. Suspirareis por lua hora mais de vida, para fazerdes penitencia. (Arraiz, Dia. 592)

42. Era mais serviço d'El Rey seguirem sua viagem (J. B., Dec. I. 403)

44. Elle estava um pouco descontente do dia em que se viram passarem algumas cousas (J. B., Dec. I, 420)

46. Os nossos tinham licença para andarem pela Cidade (Ib. 422)

48. Entraram todos de volta, sem lhe darem tempo... (Ib. 435)

theatraes.. a serpear brilhante ao sol estivo nas ruas. (L. C., C. 133)

51. Os bésteiros ... promptos a desfechar ao primeiro refulgir dos montantes nus (A. H., L. N., 1. 109)

53. Mandou Rumeção entrar quinhentos tureos pelas minas dos baluartes abraçados. (J. Freire)

55. Os sanetos a prégar pobreza, e segull-a em tudo; e eu que me metta em fausto. Os sanetos a persuadir-me humildade, e a metter-se debaixo dos pés de todos, e eu que mostre bríos e ufanias (Souza)

57. Os velhos, as mulheres, os meninos que não teem forças, nem armas com que se defender, morrem como ovelhas innocentes. (A. V., S. 1. 7)

59. Trabalhar, meus irmãos. (A. C.)

61. Provoea os filhos a voar (Souza)

63. Estanelas de proposito fabricadas para hospedar os peregrinos. (Id.)

65. Fazemos trabalhar aos elementos. (A. V.)

67. Verão morrer com fome os filhos charos. Em tanto amor gerados e nascidos;

Verão os Cafres asperos e avaros
Tirar á linda dama os seus vestidos.
(Lus. 5. 47)

69. Entre ellas esperamos de achar novas algumas, como achamos. (Lus. 5. 75)

71. Até o sol e a lua e as estrellas não deixamos estar ócelosos. (A. V.)

73. Deixae-os morder uñas aos outros. (A. H., L. e N., 113)

50. As tres naos, depois de venderem aly bem suas fazendas, se foraõ para Goa com sós os officiaes dellas (Peregr. I. 8)

52. Os soldados tomaraõ para se vestirem (Peregr. 12)

54. Bastam os frios de Coimbra, para satisfazerem a vontade de meus amigos (A. V.)

56. Obriga os juizes a condemnarem (F. M. de M.) Deviamos de satisfazermos (Id.)

58. Moulana provocava os ouvintes a darem muytos louvores a Mafamedes (Peregr. I. 19)

60. Ganhavão indulgencia plenaria em nos vituperarem e maltratarem. (Ib. 19)

62. Desejos que todos tinham de se verem (Ib. 39)

64. Estiverão por duas vezes em risco de perderem (Ib. 57).

66. Oh! Neptuno, lhe disse, não te espantes De Baecho nos teus reinos rebeberes (C.)

68. E folgarás de veres a Portugueza na paz e na milicia (C.)

70. Deleites que servem de escureerem a razão, e apagar de todo a noticia da eternidade (Luc., ap. Serões 649) carne

72. Tentaram diffes filhos de mim para indig V. Alteza (Coute ajudavam-nos qual esperavam. (Ib. 51). (Id., ib.) os ceentauros, os

74. Car visagens truanescas Saxia o esculptor, escarneerem Serões 649)

tendem a se irmanarem. (A.



75. Todas as corporações eram obrigadas a contribuir para aquella pomposa festividade. (L. C., 133)

77. Não nos deixeis cahir em tentação. (A. P., Matth. VI.)

79. Delxae vir a mim os pequeninos (Id. Ib.)

81. Fazei-os sentar (Id., Ib.)

83. As lagrimas a cahir-lhe... aquelles cavalleiros a pelejar. (A. C., Cam.)

85. Enormes caldeirões a ferver (G.) — E tu a reprovar (C. C. B.)

87. Eram obrigados a recolher-se. (A. H., Mon. 1.144)

89. Lá nessas eras do porvir longinquo, vejo altares incognitos erguer-se. (A. C., Os Fast., 1. 57)

91. Obrigando-os por via de tormento a restituir aquillo que tinham occupado. (A. H.)

93. Andavão em competencia com frey Bertolameu as honras, elle a aborrecellas, ella a entrar-lhe por casa (Souza, S. Fr. Bert. 1. 44)

95. Andavam com ella em os bens da terra: ella a engental-os, elles a buscal-os (Id.)

97. Mais vale um passaro f. mão que dois a voar não. (Id.)

ganos ha ^{to} não he que queiramos recommendarmo-nos (A. fremos (J. ^{h.} V. 12)

47. Estão ar. ^{ento}... de tanta excellencia, que excita aos cas todos os mey ^{erem} a fazenda por alcançarem a honra. (H. para executar sua vol ^{de} Payva, Cas., 112)

49. As danças, as chaco ^{se} não sintam de. haverem de ^{das} suas industrias. (A. V., S. (Ib.)

deraõ pela defenderem (Ib. 127).

78. Pararão... como es- pantados de nos verem da ma- neyra que estavam em joelhos. (Ib. 134)

80. Catorze Reys peque- nos... craõ obrigados a lrem pessoalmente... levar estas parcas que craõ obrigados pagar e fazerem lhe a çum- baya, que era beljarem-lhe o treçado (Ib. 130)

82. Determinamos q tanto que viesse a viração entrar- mos para dentro (Ib. 131)

84. Nas brutas feras... vio a gente terem tão pleioso sen- timento. (Lus. 3. 126)

86. Tenhão Religiosos ex- erclelos de rogarem por vosso regimento (Lus. 10. 150)

88. Podeis dizer o que qu- zerdes, sem nos pedrdes as vontades. (H. P., Imag. 1. 6)

90. Foram dous amigos á casa de outro aflm de passar- rem as horas de sesta (M. B.)

92. Verdades sem traba- lhares e padecerem, não as verás tu jamals (M. B.)

94. Obrigou os que sobre- viveram á destruição de sua raça, a buscarem o amparo dos suevos. (A. H. Hist. de Port., 29)

96. Não tive de as cons- tranger a darem esse passo (Ib. 38)

(A. H.)

(B.)

103. E instantes destes a perderem-se. (A. C.)
104. Era a revolução e a democracia a enfiltrarem-se em toda a parte. (L. C.)
105. Pareciam serpentes negras a collearem pela ribanceira. (C. C. B.)
106. Bem a ponto acodem os loiros, mestre, para vos desenganarem. (A. C.)
107. Aqui alguns mancebos mais destros fingiam accommetter-se, pelejarem, vencerem, serem vencidos. (A. H.) — Assaz mostraste seres cabal para dizer verdade. (A. C.)
108. Miquêas, devemos nós ir pelear contra Ramoth de Galaad, ou ficarmos quietos? (A. P.)
109. Affirmavam os zagaes terem visto. (A. H.)
110. Os conflictos deviam ser ahí mais frequentes, e ligarem-se de modo mais directo. (A. H.)
111. Nste ultimo caso, o do contacto imperfeito, podem ainda os orgams factores interceptar a passagem do ar em um ponto, e deixarem-na livre no outro. (G. Viana, Pron. Nor.)
112. Possas tu, descendente maldicto
De uma tribu de nobres guerreiros,
Implorando crueis forasteiros
Seres presa de vis Aymorés. (G. D., Poes. 2. 129)
113. Encantadas allí as almas grandes.
Dos vencidos Tapuyas, inda chorem
Serem gloria e brasão d'inimigos feros. (Ib. 120)
114. O habito em que ellas estavam de receberem do Tibre as suas leis, e de aguardarem sempre do Capitolio o seu destino. (A. C., Os Fast., XXXI.)
115. A superabundancia e horrorosa miserla da escravidão estava multiplicando ao infinito o numero dos predispostos para abraçarem, com entusiasmo, confessarem e defenderem até ao martyrio, uma crença. (A. C., Os Fast., XXXII.)
116. Templos e templos cahiram para se levantarem casaria. (Ib. XXXVIII.)
117. A A feita de christãos habilitados para tractarem materias de fazenda publica obrigou os reis portuguezes a esquecerem a lei das côrtes de 1211, que os inibia de empregarem judeus em seus serviço. (A. H., L. e N. I. 138)
118. Chegou o povo a miserla horrivel de devorar carne humana, e as mães a cevarem-se nos cadaveres dos filhos. (A. H., H. de Port., 1, 28)
119. Os judeus... unindo-se aos vencedores ajudavam-nos a apodêrarem-se das povoações que combatiam. (Ib. 51).
120. Os animaes monstruosos e hybridos, os centauros, os satyros e os demonios... pareciam, com visagens truanescas que nas faces mortas lhes imprimia o esculptor, escarnecerem da colera popular. (A. H., ap. Serões 649)
121. A maior parte dellas tendem a se irmanarem. (A. C., Ib.)

122. Eis de improviso... á sestra parte... nuvens densam a revolver-se! a crepitarem! (A. C., Os Fast. 1. 131).

123. Ao mesmo instante, do álveo fundo dois gemeos pelxes surdem, a ampararem-lhe a quéda, a sotoporem á deusa, ao filho aos seus recurvos dorsos. (A. C., Os Fast. 1. 128)

Obs. Aos exemplos acima collegidos, sobre o uso do infinito pessoal, ajunctamos aqui outros apresentados por E. Dias á pag. 245 e 246, de sua "Syntaxe Historica Portugueza". "Assy tristes caminhando | póla gram estrelidade | de *morrermos* desejando." (D. de Brito, Canc. Gol., I, 293) — "...costumã todos *arrancarem* a barba" (P. de M. Gondado, Hist. da Prov. de S. C., 35) — Costumavão no dia da sua festa levarem-na em procissão pola cidade" (Souza, V. do Are. I, 281) — "Nem tomem por esto occasion alguns de nom *satisfazerem* pollos serviços que lhes som feitos" (V. Bemf., 127) — "nom filhedes tristeza..., ca tempe averedes para *filhardes* vingança (L. de Linh., 188) "... desejão as mulheres *serẽ* mãis (Barros; Esp. de Cas., 52, v.) ...os mouros farião aquillo pera *verem*" (Castanh. I, 43) "... estiverão em risco de se perderem" (Aff. de Albuquerque, Comm. 25) ... "não se contentavão de o *verem* hũa vez" (Souza, I, 411) — Para os coustranger a *acompanharem-no* (A. H. lb. 246, 247) — "Bemaventurados sam os que sam perseguidos por *fazerem* justiça (H. P. I. 262) — Os Neros e os Doleclanos nam atormentavam os Christãos, para lhes *tirarem* a vida, senão para lhes matar a fé (A. V., XI. 528) — Dez vezes que tenhamos lido o Dante, ao chegarmos á descripção da torre de Ugolino, erriçam-nos os cabelos (H. A., Op. I. 193).

735. De todos esses exêmplos, colhidos como amostra do uso que d oinfinito *pessoal* e *impessoal* faziam os classicos, desde as primeiras épocas da lingua até hoje, colhe-se a impossibilidade de formularem os grammaticos regras seguras sobre o assumpto. As regras formuladas por Jeronymo Soares Barbosa e Frederico Diez, atraz expostas, ficam a quem dos factos que, em sna variedade e incerteza, reagem contra toda systematização grammatical. São ellas, todavia, de grande utilidade, como fio conductor no labyrintho desse uso; completam-se, quando não se contradizem, encarando por duas faces differêntes o mesmo problema. Contra as theorias do grammatico Lusitano insurgem, em barda, factos de ineontestavel vernaculidade, muitos dos quaes vão fazer rosto ao glottologo allemão, p. ex.: *Não nos deixeis cahir em tentação, deixae vir a mim os pequeninos, fazei-os sentar, provoca-os a voar*, etc. Não é, pois, para extranhar que no emprego dessas duas fórmas infinitivas tropecem a maior parte de nossos escriptores.

A clareza e a harmonia da phrase são elementos de primordial importancia para a determinação do infinito *peçoal* ou *impessoal*.

A' grammatica, pois, apenas compete rastrear, no uso vario e incongruente dos bons escriptores de todas as épocas, o intuito genial deste idiotismo vernaculo, e prescrever alguns preceitos, que melhor se coadunem com a generalidade dos factos. E' o que vamos fazer firmado no uso geral e orientado pelos dois citados mestres sobre o ponto.

736. REGRAS PARA O EMPREGO DO INFINITIVO PESSOAL E IMPESSOAL.

I. Toda vez que um verbo no infinitivo puro ou preposicional vier na phrase regido de outro verbo, empregar-se-á o *peçoal*, se o seu sujeito for diverso do do verbo regente, ou, sendo identico, for elle conversivel no modo finito; no caso contrario empregar-se-á a fórma *impessoal*.

PESSOAL:

O bom cavalleiro sentiu as asas roçarem-lhe frias pela fronte e gelarem as bagas de suor (A. H.) — Trabalha, meu filho, para agradarem tuas obras a Deus (F. M. P.) — Assaz mostrastes seres cabal para dizer verdades (A. C.) = que eras cabal... — Affirmavam os zagaes terem visto... (A. H.)

IMPESSOAL:

Correram a defender Saragoça (A. H., Hist. de Port. 1. 65) — Os que buseam recamar-se de avelorios (Ib. XV) — Brados selvagens de guerra começavam a soar ao longe como um trovão rebombando no valle (Id., Bobo 218).

II. Esta regra, entretanto, está sujeita a frequentes restricções nos seguintes casos:

1.º Quando o sujeito do infinitivo vier claro em *accusativo* ou *dativo*, emprega-se de preferencia o *impessoal* não obstante ser o sujeito proprio ou diverso do do verbo regente, o que de ordinario se dá com os verbos — *deixar, fazer, ver, ouvir, mandar, obrigar, levar, provocar*, etc.; seguidos de um infinitivo.

Não nos deixeis cahir em tentação (A. P.) — Deixae vir a mim os pequeninos (Id.) — Fazei-os sentar (Id.) — Ainda assim mesmo não vê erguer-se deante de seus olhos os homens,

as scenas dos tempos que foram: se não ouve falar as pedras, bradar as inscripções, levantar-se as estatuas dos tumulos (G., Viag. II. 171) — Obrigando-os a restituir... um combate que se viram constringidos a aceitar (A. H., de Port., 1. 55, 74) ...o moço guerreiro vira submergir todas as suas esperanças (A. H., Cur., 10) — Fazemos trabalhar aos elementos (A. V.) — Permite os homens peear (Arralz. Dia. 556) — O sec. XII viu pullular muitas discordias religiosas (A. H., ap. Serões 645) — Ensina-os a aprender (L. C., *ib.*)

Observa o Dr. E. Carneiro que a interposição de um sujeito no plural nestes casos, arrasta frequentemente para o *peçoal*:

“E o ardiloso cardeal vira os ventos *rondarem* a outro quadrante (L. C.) — “Vi multos peregrinos *fazerm* itinerarios de sua peregrinação (Paul. d’Aveiro).

2.º Quando o infinitivo vier antes do verbo regente e do sujeito deste, a necessidade da clareza aconselha em qualquer hypothese o *peçoal*:

Para se consolarem, os infelizes dormiam tranquillos em seus leitos maelos (A. H., ap. Serões 644) — Ao ehegarem allí, os inglezes conheceram quão necessaria fóra a sua vinda (Id. *ib.*) — Outros ha que, com serem mais leaes, furtam a trecheio com unhas mentirosas. (A. de F., *ib.*)

3.º Quando o infinitivo se distancia do verbo regente, ainda a clareza aconselha o *peçoal*, mormente quando um substantivo interposto poderia confundir-se com o sujeito. Casos ha em que o *peçoal* apparece, apesar das regras, requerido ou pela harmonia ou pela clareza da phrase, ou, ainda, pelo arbitrio do escriptor:

a) *Foram* dois amigos á casa de outro afim de *passarem* as horas de sesta (M. B.) — Bem a ponto acodem os loiros, mestre, para vos desenganarem. (A. C.) “Nem tomem por esto occasion alguns de nom *satisfazerm* pollos serviços que lhes som feitos” (V. Bemf., 127 — “...estiverem em risco de se perderem. (A. de Alb., Com. 25) — “...não se contentavam de o *verem* (Sousa, ap. E. Dias). b) Temos *poder* para nos *conservarmos* inteiros (Serões 644) — Temos *auctoridade* para nos *mantermos* em nosso posto (Ib. 644). c) Miquéas, devemos nós ir pelear contra Ramoth de Galaad, ou *ficarmos* quedos (A. P.) — Possas tu, descendente maldito de uma tribu de nobres guerreiros, implorando cruels forasteiros, *seres* presa de vis Aymorés (G. D.) — Neste ultimo caso, o do contacto imperfeito, *podem* ainda os orgams factores interceptar a passagem do ar em um ponto e *dei-*

rarem-nã livre no outro (Gonc Viana, Pron. Norm.) — Os conflitos *deviam* ser ahi mais frequentes e *ligarem-se* de modo mais directo (A. H.) — ...costumã todos *arrancarem* a barba (Gondavo, H. da Prisão S. Cruz, 35 ap. E. Dias), — “desejã as mulheres *serẽ* mães (Barros, E. de Cas. 52, ap. E. Dias).

III. O infinitivo regido de *a* sem a regencia expressa de outros verbos, que se podem subentender, fica de preferencia na fôrma impessoal:

Els todos a *bater* nos feitos, eis as lagrimas, eis os alaridos... que é isto? (A. V., S. 1. 260) — Os sanctos a *prégar pobreza*, e segull-a em tudo; e eu que me metta em fausto: os sanctos a *persuadir-me* humildade, e *metter-se* debaixo dos pés de todos; eu que mostre brilos e ufanias (R. de S.) — E lá Entre-Douro-e-Minho aquelles cavalleiros a *pelejar* (A. C.) — as lagrimas a *cahir-lhe* (Id.):

IV. O infinitivo na funcção de *sujeito* ou de *predicado* poderá ir para o *pessoal*, se quizermos determinar e dar relevo a seu sujeito; no caso contrario ficará *nõ impessoal*. O mesmo acontece com os infinitivos *complementos* de substantivos e adjectivos, que encerram a idéa de sujeito.

a) O passarmos todas as manhãs naquelle bairro era-nos habitual (Dr. E. Carneiro) — O *passar* em manhã fresca e serena nos é muito delectoso (Id., Serões, 646) — E' eondão inseparavel dos talentos... o *conglobarem* ao mesmo passo, na sua admiravel unidade, o Bello, o Justo e o Verdadeiro (I., C., ib.) — Viver é luctar (G. D.) — E' forçoso partirmos (Dr. E. Carneiro, ib. 648) — Poucas vezes ou nunca succedeu a Roma *enviarem* principes christãos tão magnífico apparatus (M. B. id.) — E' mister *trabalhardes* dia e noite, releva, *saldarmos* esta vida de honra (Id. Ib.). b) Olhos tão cansados de a chorarem (A. C.) — Mulheres applicadas... a grangear com trabalho (Souza, ib.) — Estanelas de proposito fabricadas para *hospedar* os peregrinos (M. B.)

Obs. Se em — *é forçoso partirmos, releva saldarmos* — exprimirmos o sujeito pelo pronome obliquo da respectiva pessoa empregaremos o *impessoal*: *é-nos forçoso partir, releva-nos saldar...*

V. O infinitivo com sentido *depoente* fica de rigor no impessoal.

“Os Santos não se consentem *rogar* (Souza)” — Mandã-los prender — Ossos difficéis de *roer*. — ...façanhas asperas de *cometer* (H. P. I. 140) — Não ha cabeças mais duras de *penetrar* e *converter* que as coroadas (A. V., op. E. Dias).

VI. Não raro a clareza e a harmonia levam escriptores de boa nota á incongruencia de empregar infinitivos na mesma relação simultaneamente no *pessoal* e no *impessoal*.

Aqui, alguns mancebos mais destros fingiam *accommetter-se, pelear, vencerem, serem vencidos* (A. H.) — Os Titães modernos não sobem ao céu para *reptar*, como os antigos, as divindades, senão para a adorarem de mais alto e lhe poderem com a sciencia de suas maravilhas entoar o cantico de seus louvores (L. C., ap. Serões, 643) — Emquanto aos deseuidosos desembargadores se não deparava lazer e occasião para *folhearem* os processos e *lavar* os seus accordãos criminosos (Id., ib.) — Os conegos, porém, segundo parece preferiam *desfructar um terço* das rendas episcopaes em liberdade, a *viverem* claustralmente (A. H. ib.) — Parecia-me a mim, que se haviam de *levantar* todos, e *viram-se* lançar todos aos pés de Christo (A. V., II. 181, ap. E. Dias) ...bem lhe pode o Príncipe negar o que pedirem e elles *prezarem-se* muito dessas negações (A. V. II. 101, ib.) — ...vlu *alvejar* os turbantes, e, depois *surgirem* rostos tostados, e, depois, *reluzirem* armas. (A. H., Cur., 257).

VII. São sempre *impessoaes* os infinitivos *independentes*, como: — *direita volver!*, e os que alguns chamam *infinitivos de narração* (Dr. E. Carneiro, Serões, 640):

Porque favas contadas, elle a dar-me com a cadeira e eu a procurar-lhe a barriga com uma navalha (C. C. B.)

Els que estala por todo o monte o incendio
E as feras a fugir, fugir as aves;
E as feras a temer na baixa veiga (F. Elys.)

737. INFINITIVO INDEPENDENTE. Emancipa-se o *infinitivo* de sua indole subordinada, e constitue orações independentes nos seguintes casos:

a) Em orações *imperativas*:

Direita volver! — Trabalhar, meus amigos! — O Amazonas desfralda aos ventos o terrífico signal: — Preparar para o combate (V. de Ouro Preto) —

b) Em orações *interrogativas directas*:

Trahir eu? Nunca! — E dizer que eu lá estive?

c) Em orações *exclamativas*:

E escapar-se ao cerco de Santarem! Não haver uma seta que me varasse em Sylves!... Era melhor! (R. da S. Od. 44)

Hãa forneira pellada,
E um ferreiro pellado
Terem coração ousado,
Com lingua excommungada
Fallar no Varão sagrado! (G. V. Obs. 482)

Cresce o fumo, augmenta, augmenta,
Tolda-se tudo no ar;
Retine o gladio, e a tormenta
Do fogo e do fumo a estrondar! (Cons. J. Bonifacio)

d) Em orações *optativas*:

Toca, toca, avança, avança!
São horas de combater;
São horas ninguem descança,
Ninguem... vencer ou morrer! (Cons. José Bonifacio)

738. PARTICIPIOS, GERUNDIO E SUPINO. A conjugação latina possuía tres participios correspondentes ás tres épocas do tempo: *o presente* — *amantem* → *amante*, *o passado* — *amatum* → *amado*, *o futuro da voz activa* — *amaturum*, e da voz *passiva (gerundivo)* — *amandum*. Além destas fórmias nominaes, contava ainda o *gerundio amandum* → *amando*, e o *supino* — *amatum, amatu*.

O *participio do futuro* e o *supino* não passaram para a conjugação portugueza. Existem, é certo, em nosso lexico palavras oriundas do part. do fut. da voz activa, como — *vindouro, morredouro, perecedouro*, e da voz passiva, como — *venerando, reverendo, colendo, despieiando, examinando, doutorando*; porém taes palavras perderam o seu valor verbal original, e funcionam em portuguez como meros adjectivos ou substantivos.

O *participio passado* ou *passivo latino* passou para conjugação portugueza, com aquisição do sentido activo.

O *participio presente* e o *gerundio* figuram ainda em nossa conjugação.

739. O PARTICIPIO PASSADO. O *participio passado* tinha em latim sentido passivo e era declinavel no singular e no plural. Elle conserva em portuguez esse sentido e a fórma declinavel em genero e numero sempre que está só ou em composição com *ser* e *estar* na formação dos tempos da voz passiva: *Concluidos os negocios, elle partira; somos amados; estão acabados os trabalhos.*

Dá-se, entretanto, em portuguez, como em latim, o phenomeno da *depoencia* de certos particípios, que consiste em ter sentido activo debaixo de fórma passiva.

a) Assim em latim os particípios passados — *veritus* (temido), *ausus* (ousado), *ratus* (julgado), *solitus* (acostumado), *confisus* (confiado), *diffisus* (deseconfiado), *cœnatus* (jantado), *pransus* (almoçado), *imitatus* (imitado), são *depoentes*, e não tem na phrase o sentido passivo de suas fórmas, mas o sentido de *participio activo* (de *participio presente*), indicando o que teme, julga, se acostuma, confia, desconfia, janta, imita.

b) Semelhantemente o portuguez, emprega o particípio passado de muitos destes com sentido *depoente*; quando dizemos, p. ex., *uma pessoa lida, viajada, almôçada*, exprimimos um sentido activo de *uma pessoa que lê, viaja, almoça*; ao passo que, se dissermos *uma pessoa opprimida, ultrajada, açoutada*, exprimimos o sentido passivo, proprio dos particípios passados, de uma pessoa que é *opprimida, ultrajada, açoutada*.

Os seguintes são alguns dos particípios passados que o portuguez emprega ordinariamente em sentido *depoente*:

Acreditado	Cansado	Dissimulado	Pausado
Almoçado	Commedido	Engraçado	Precatado
Agradecido	Conflado	Esquecido	Precavido
Arriscado	Costumado	Esforado	Presumido
Arrojado	Crescido	Lembrado	Recatado
Arrufado	Desconflado	Lido	Sabido
Arrepellido	Desesperado	Moderado	Sentido
Atrado	Despachado	Occupado	Soffrido
Atrevido	Determinado	Ousado	Valido
Calado		Parecido	

c) Dá-se ainda o phenomeno da *depoencia*, quando com verbos *neutros* ou *intransitivos* empregamos, pelo auxiliar *ter* e *haver*, os verbos *ser* e *estar*:

Eram chegados os tempos, são chegados os visitantes da idade, é nascida a liberdade, está chegando o instante, é vindo o momento.

740. ORIGEM HISTORICA DO SENTIDO ACTIVO DO PARTICÍPIO PASSADO. Com os verbos *ter* e *haver* na formação dos



tempos compostos adquiriu o particípio passado exclusivamente sentido activo tornando-se indeclinavel em genero e numero. Este phenomeno se operou lentamente, e consummou-se nos seculos XVI e XVII, sendo o resultado o esvasiamento significativo dos verbos *ter* e *haver*, que passaram, deste modo, para a categoria de verbos *abstractos* ou *auxiliares*. Até essa época, taes verbos guardaram seu valor de verbos attributivos ou predicativos, e os particípios, que a elles se aggregavam, mantinham-se *passivos* e *variaveis*, concordando sempre com o objecto dos verbos transitivos: *Elles teem collocados seus cabedacs na Asia* (*suas in Asia pecunias collocatas habent*). Com o progresso do espirito analytico, desenvolveu-se um sentido novo com a attenuação ou esvasiamento do verbo e consequente immobilização do particípio: *Elles teem collocado seus cabedacs na Asia*, onde *teem collocado* equivale approximadamente a *collocaram* (*collocaverunt suas in Asia pecunias*).

Até o seculo XVI e, mais raramente, no sec. XVII, encontramos o particípio variavel.

E quando daquí passares, averás *passadas* as grandes tribulações (C. Arch. 57) — Mui maa cousa avedes *feita* (C. Arch. 94) — Achou o don... em essa mão que tinha *metuda* em seu seo (C. Arch. 100) ... el-rei de quem vosso pae e vós e toda vossa linhagem tantas mercês haveis recebidas (F. Lopes, C. de D. Fern. 112) — Pera gratificação da qual mercê, que tinha *recebida* —

Grão tempo ha já que soube da Ventura
A vida que me tinha *destinada* (C., Obs. 2. 28)
São offerecimentos verdadeiros,
E palavras sinceras, não dobradas,
As que o rei manda aos cavalleiros,
Que tanto mar e terra tem *passadas*. (Lus. 2. 76)

Nota. O particípio passado, construido sem auxillar, guarda sua indole primitiva, é *passivo* e *variavel*: Acabada a missa, sahú o povo.

741. PARTICÍPIO PRESENTE. O *particípio presente* ou *particípio activo* era em latim um *adjectivo verbal* da 3.^a declinação — *amans*, *-antis*, *debens -entis*, *audiens*, *-entis*. Como adjectivo concordava com o seu substantivo em genero e numero, e como verbo regia o mesmo complemento que as fórmãs do modo finito: *Ranæ petentes regem*. Po-

rém, já no lat. class. se empregava o participio presente como mero adjectivo, sem força verbal, seguido de genitivo, para exprimir não a *acção*, mas o estado do substantivo. Dizia-se *amans virtutis* e *amans virtutem*; no primeiro caso, seguido do *genitivo* (*virtutis*), *amans* perde a força verbal, e só guarda valor nominal de um adjectivo, que exprime a qualidade ou estado de um substantivo, e corresponde exactamente á nossa actual construcção — *homem amante da virtude* (*homo amans virtutis*); no segundo caso, *amans* conserva o seu valor de *participio*, isto é, participa da natureza do verbo e da do adjectivo, de sorte que a phrase — *homo amans virtutem* = *homem que ama a virtude* (*h. amando a virtude*) não exprime só o estado ou qualidade de um homem que tenha *amor á virtude*, mas a acção de um homem que exerce actualmente esse amor. Esta construcção do participio presente dos verbos transitivos com genitivo, fazendo-o perder o valor verbal e tornando-o mero adjectivo, era restricta no lat. class., tendo tomado maior desenvolvimento de Taesito em diante, como nos informa Chassang (*N. Gram. Lat.* 415, 416). Nella temos o germe da lucta que se travou entre o *participio presente* e o *gerundio*, que deu em resultado a victoria deste e o desaparecimento quasi completo do *participio presente*. A lucta iniciou-se na b. lat., onde o gerundio substituiu por vezes o participio do lat. classico.

Até o sec. XVI, o participio presente, com a sua respectiva força verbal, resistiu, como se vê dos seguintes exemplos:

E nostro Senhor *complinte* todas estas cousas, esguarda de cada dia aquestes seus santos amoestamentos (Regr. de S. Bento, sec. XIV, XV) — E assi *fugintes* aas penas do inferno, que a vida perduravel possamos pervir (Ib.) — Eu rei don Affonso... sendo são e salvo, *temente* o dia de mia morte, a saude (salvação) de mia alma, e a proe (proveito) de mia molher... fiz minha manda (testamento) (Test. de D. Affonso II, 1214) — *Cobiçante* nos pôer cima (terno) aas demandas... estabelecemos... (C. Arch. 24, sec. XIII) — En outro dia de janeiro tomou Monte Moor, o velho, *rompente* o alvor (C. Arch. 133, sec. XIV) — Mandou recados a certos Mouros *estantes* em Cananor (Dec. I. 429, sec. XVI).

742. Deste uso archaico do participio presente sobreviveram alguns vestigios em phrases feitas, taes são: *te-*



mente a Deus, não obstante isso, tirante isso, mal soante, bem fallante, dependente de, adherente a, passante de (J. Moreira, Est. da L. Port., I. 93). — Em *lugartenente* (fr. *lieux-tenant*), *mão tente* ou *tenente*, temos visiveis fragmentos da antiga regencia do part. presente em ordem synthetica. — Fôra estes resquícios da antiga syntaxe, o particípio presente deixou-se inteiramente dominar pelo gerundio.

Gerundio

743. O *gerundio* ou o *gerundivo verbal* da conjug. latina passou para a portugueza, onde se distingue do partic. presente (*amante*) não só morphologicamente (*amando*), mas ainda funcionalmente em ser um *substantivo verbal*, ao passo que o particípio é um *adjectivo verbal*.

744. Do conflicto travado entre essas duas categorias grammaticaes, coube a victoria, do sec. XVI em deante, ao gerundio, que absorveu grande parte das funcções do particípio, passando este já para a classe dos substantivos, como — *o lente, o negociante*, já para a de meros adjectivos, como — *peessoa bem fallante, assembléa constituinte*. Dest'arte ampliou o gerundio a esphera de sua actividade funcional, o que o compensou das perdas que vinha soffrendo em favor do infinito presente.

745. Dada a invasão do gerundio na esphera do particípio do presente, duvidas se teem levantado sobre até que ponto se operou este phenomeno, até onde lhe faculta a lingua vernacula esta invasão, ou qual o valor syntactico della. Absorvendo o gerundio certas funcções do particípio, renunciou acaso as proprias? Lavra sobre estas questões profunda confusão e grave hesitação analytica. Procuremos estudá-las.

746. O gerundio é em lat. um substantivo verbal declinavel em quatro casos: *gen.* — *cantandi*, *dat.* — *cantando*, *accus.* — *cantandum*, *ablat.* — *cantando*. O *nominativo* ou o *caso-sujeito* era supprido pelo infinitivo *cantare*. O *accus.* podia ser regido da preposição *ad* ou *inter* (*cantandum*), e o *ablativo* por *de*, *eum* ou *sine* (*cantando*).



Passou para o port. o *gerundio* em *-do* (ablat), que na v. lingua podia ser regido de — *sem, de, em* :

Estas danças eram a soom dhuumas longas que estonees husavom, *sem curando* doutro estormento posto que o hl ouvesse (F. Lopes, Chron. de D. Pedro I, p. 35).— Semelhante he em fillharem sandia delleltaçom em alguas cousas, com peccado, *sem esperando* boa nem vlrtuosa fym (L. Cons., 318) — Alevantou como de boamente a estas palavras como *d'acrescentundo* o desejo ao peddo (B. Ribeiro, M. e Moça, 112) — *E em começando* de reynar o muy nobre e vertuoso Rey dom Eduarte, finou-se o mestre da cavalaria do meestrado da ordem de Avys (D. Fr. J. Alvarez, Chron. do Inf. Sanet. D. Fern. p. 19).

Desta regeneia só se tolera hoje a prep. *em*. Com as outras, o infinitivo substituiu o *gerundio* — *sem curando* = *sem curar*. Igual phenomeno se deu na passagem do *genit. dat. e accusat.* do *gerundio* latino:

Sum cupidus te audiendi=estou desejoso de te ouvir — Aqua utilis est bibendo=a agua é util para beber — Homo ad intelligendum et ad agendum natus est=nasceu o homem para pensar e agr.

Além dessas perdas em favor do infinito, outras ainda se notam, como se pôde ver do seguinte trecho do port. arehaieo, onde, em vez do *gerundio chorando*, diriamos *de chorar*.

Por vos sempre obedecer
eles não cessan chorando (Chrest. Arch. 255)

747. O *gerundio* exerce actualmente na phrase as seguintes funcções:

1.^a SUJEITO. O lat. classico não empregava o *gerundio* como sujeito, a funcção subjectiva podia ser exercida pelo *infinitivo*: *scribere est utile*. O port. mais frequentemente dá ao infinitivo essa funcção subjectiva: *escrever é util*, e raramente ao *gerundio*, do que, entretanto, encontram-se alguns exemplos:

Naas... respondera que o partido havia de ser *tirando*-lhes a todos os olhos (A. V., ap. O. Motta, Q. Philologicas). Em A. Pereira se lê: "A alliança que farei comvosco será tirar-vos a todos os olhos direitos" (Reis XI, 2) — Parece (perguntou Plndaro) que *nomeando* logo as pernas dos homens não será erro (R. Lobo, ap. O. Motta, Q. Philologicas) — Pois, attentosios lel-

tores, seria não corresponder a vossa reconhecida bondade, *omitindo-vos* a interessante nova (C. C. B., *ib.*) — Se elles talvez errão, he buscando a Deos, e desejando-o ahear (*et hi enim fortasse errant, Deum quocrentes, et volentes invenire*). A. P., Sa- bedoria XIII. 6.

Nota. A rara subjectividade de gerundio em portuguez descobriu-a o abailsado prof. Othoniel Motta nos exemplos acima citados de seu eurioso opuseulo “Questões Philologicas”, que mereceu palavras encomiasticas do eximio philologo viennense Meyer Lübke.

2.^a PREDICADO NOMINAL. E’ menos raro o emprego do gerundio como predicado:

Eu estava orando na cidade Joppe — (ego eram in convitate Joppe orans A. P., Vulg. 1 cts. XI, 5,) — Foi trabalhando que elle conseguiu veneer a pobreza — E o modo com que elle toma este tempo é não lh’o dando (A. V., ap. O. Motta, *ib.*) — Estar partindo.

Em *estar partindo* e *estar a partir*, ha notavel differença: aquella expressão indica *actualidade* da acção, e esta *imminencia*. Demais, com o verbo *estar* o gerundio vernaculo substitue o participio latino — *casas cahindo* = *ades labentes*. (Hor.)

3.^a PREDICADO GRAMMATICAL. O v. port. como o lat., empregava o participio do presente nos chamados *participios* ou *ablativos absolutos*: *En outro dia de janeiro tomou Monte Moor, ROMPENTE o alvor* (Chrest. Arch., p. 133). Posteriormente foi tal participio substituido pelo gerundio, que guarda neste caso francamente seu caracter fundamental de verbo ou de adverbio verbal, como lhe chama M. Lübke, e constitue o predicado grammatical de uma clausula adverbial: *Reinando Tarquinio Soberbo, veio Pythagoras para a Italia* = *Pythagoras, Tarquinio Superbo regnante, in Italian venit*.

Dá-se, pois, neste caso franca invasão do gerundio na esphera do participio, sem nenhuma modificação de seu valor de subst. verbal, denunciado facultativamente pela preposição *em*, e pelas seguintes circumstancias que expri-me:

1.^o — **tempo**: A’ noite recebemos recado que fossemos embarcar, em amanhecendo (A. V., C. I. 16) — Os Portuguezes vendo estas memorias, dizia o Cotual ao Capitão (C.)

2.º — **causa:** Frollalta, como fleava Antiochò em te tu vindo? (C.) — Com os olhos vagando (eu) por este quadro immenso e formosissimo, a imaginação tomou-me azas e fugiu pelo vaga indefinido das regiões ideaes. (G., V. 2. 183)

3.º — **condição:** Tudo quanto ha na capital de Pará, tirando as terras, não val dez mil cruzados (A. V., I. 27)

4.º — **concessão:** Chovendo embora, irei.

Obs. Em taes clausulas gerundiaes é de rigor posposição do sujeito ao predicado. Até o sec. XVI, porém, tal posposição era facultativa: E cles assí fazendo, appareceu-lhe o dito cavaleiro em avito de palmeyro (em habito de peregrino) (Chrest. Arch., 110). Em Camões se lê: — *prosperamente os ventos assoprando, os portuguezes vendo estas memorias, dizia o Calual...* (cf. isto feito). Em Manoel Bernardes (sec. XVII), encontra-se ainda a mesma collocação, que Antonio de Castilho, criticando, tacha de gallicismo: “Frei Domingos vindo de Tortosa para Valença... se lhe ajuntou no caminho um moço mui confiado, etc.” Havia de dizer: *Vindo Frei Domingos*, etc. Tal construcção, accrescenta o insigne mestre, “mais soa a francez que a portuguez genuino, e se deve evitar com grande escrupulo” (M. B., Excerptos, II. 304). Entretanto, mais parece soar a *archaismo*, como dos exemplos citados se vê. E’ possível, porém, que o *gallicismo* do P.º M. Bernardes se originasse na confusão da phrase de *participio absoluto* com a de que em seguida passamos a traetar.

4.ª **ADJUNCTO ATTRIBUTIVO DO SUJEITO.** O portuguez arch., como o lat., empregava o participio presente como *adjunctos attributivos* do *sujeito* da oração, porém a lingua emprega hoje o *gerundio*:

Cobiticante nos põer cima aas demandas... estabelecemos que... seja peado em V maravedis d'ouro (Port. Mon. Hist., L. et Cons., p. 167) = *Descjando* nós pôr termo ás demandas... decretamos que... seja punido em 5 maravedis d'ouro) — Mas, os Apostolos Barnabé e Paulo, quando isto ouvrão, *tendo* rasgado as suas vestiduras, saltarão no meio das gentes, *clamando* e *dizendo*: Varões, porque fazeis isto? (A. P.) = *Quod ubi audierunt Apostoli, Barnabas et Paulus, concessis tunicis suis, exillerunt in turbas, clamantes et dicentes: Viri, quid hæc facitis?* (Vulg. Aet. Apost., XIV. 13).

Ha aqui igualmente uma flagrante invasão do gerundio na esphera do participio. A funcção attributiva deste passa para o gerundio, que se torna *aposto* do *sujeito*, sendo conversivel na *oração adjectiva* ou *relativa*, p. ex.:

Frei Francisco, vindo de Roma, encontrou-se no caminho com um moço mui confiado”, ou — Frei Francisco, que vinha de Tortosa, encontrou-se, etc.

Como no caso antecedente, assim neste, era frequente, na v. lingua e hoje no dialecto literario, vir o gerundio regido da preposição *em*.

Tudo, em me vendo chegar, me perguntava por ella (A. C.) — Subamos aquella escaada que é estreita, pera a qual *descendentes* e *ascendentes* a el eram mostrados os anjos (Chrest. Arch., 28) = eram mostrados anjos subindo e descendo — Ho qual em chegando tocou uma corneta (T. Red. pag. 277) — O Sol logo em nascendo vê primeiro (C.) — Pedro em tomando do Reino a governança, a tomou dos fugidos homicidas (C.) — Em vendo os mensageiros, lhes disse (C.) — Mas logo, em não vos vendo, entristecida se murcha (C.) — Comendo alegremente perguntavam (C.) — Dessem-me uma capa de tal condão que, em me emboscando nella, me visse por encanto em longes terras (A. C.) — Depois, tirando o chapelrão, cortejou a turba multa por um e outro lado (A. H.) — A febre, havendo entrado com grande vigor, não quer despedir-se de todo (A. V.) — Chega esfaimado um lobo, *andando* a corso (F. Elys.) — Ha hi uns que *calando* fallam e outros que *fallando* calam (H. P.) — Permanecei na mesma casa comendo e bevendo do que elles tiverem (in eadem domo manete edentes et bibentes, que apud illos sunt. (A. P., Vulg.)

5.^a ADJUNCTO ADVERBIAL DO PREDICADO. O gerundio se apresenta ainda na phrase como *adjuncto adverbial* ou *circumstancial* de modo ou instrumento do predicado: *Elles fortaleceram a conjuração nascente não CRENDO = conjurationem nascentes non CREDENDO corroboraverunt* (Cic.)”.

Aqui, é evidente, não houve invasão da espera do participio, e o gerundio guarda a sua função primitiva. Cumpre, porém, observar que, em razão da solidariedade entre o predicado e o seu sujeito, isto é, em razão da intima relação que ha entre a acção verbal e o seu agente, é facil confundir-se o *adjuncto adverbial* do predicado com o *adjuncto attributivo* do sujeito, pois não se póde modificar a acção sem que se resinta o seu agente. Conhece-se, todavia, que o gerundio pertence ao predicado quando não admite a regencia da preposição *em*, sendo em geral conversivel no infinitivo regido de *a*, p. ex.: O *poeta espalha a fama cantando* ou *a cantar*. E assim: *viver curando* ou *a curar*, *andar pensando* ou *a pensar*, *dormir roncando*, *morrer vencendo*, *fallar gritando*, *pedir chorando*, *ficar dormindo*.

Os gerundios das vozes *inchoativas* (Vid. Gr. Exp. C.

Sup.) não admittem redução a fórmãs infinitivas: *ir chegando, vir vindo*.

A este caso podemos reduzir os gerundios isolados, que apparecem como epigraphes de artigos — *respigando, viajando, meditando*.

Emquanto indifferente a natureza vae toreando no fuso o eterno flo (A. C.) — Martha vae enfeltando Margarida com joias, emquanto esta se está narcizando ao espelho—Ensinando, apprendemos=docendo diselmus — Vinham multos velhos cãos (=de cans) *fazendo* grande chanto (=pranto) por don Tello e *fazendo* dizer missas (Chrest. Arch. 108)—E esse tambem que me esquecla anda bebendo as ares por mim (Jorge Ferrelra)—Querendo allena, propria amlst=buscando o alhelo, perdeu o proprio (A. V., S. 1. 216).

6.^a ADJUNCTO ATTRIBUTIVO DE UM COMPLEMENTO. E' frequente entre nossos bons escriptores encontrar-se o gerundio como *adjuncto* de um *termo complementar*. Neste caso o gerundio exerce claramente a função attributiva do participio, e é conversivel na proposição adjectiva: "Pare a terra gigantes *ameaçando* Jove (A. C.), (ou *que ameaçam* Jove). Como o emprego do gerundio nesta relação participial tem sido fortemente contestada, damos aqui exemplos de nossos melhores escriptores.

De repente un tlnr de espadas, *roçando* (que roçava) pelas armaduras... velo distrahir a attenção do trovador (A. H.) — Mando que me tragas já um copo *tranbordando* da sabida mixtela (A. C.) — O poeta é a propria naelonalidade *incarnando* num só homem, *respirando* um só espirito, e *soltando* por uma só bocca as expansões de suas glorias (L. C.) — Podemos ver ao longe contornos indefinidos, o vulto de Camões *meditando* e *carpindo* suas desditas na grande Macau (Id.) — E para concluir, accreseentae ainda a pintura da scena *representando* um estelro do Tejo ao longo do valle (A. C., Q. Hist. 2. 15) — Fazemos o milagre de Amphião *arrastando* as pedras (C. C. B.) — Ouvindo Tobias, que era cego, a voz de um animalzinho *balando* (A. V., S. 1. 201) — Do lado do primeiro Adão *dormindo* fol formada Eva (A. V., S. 5. 264) — Ouml a Isaias *fallando* com a mesma republica de Jerusalem (Id. S. 3. 301) — Falla do duque de Coimbra *recusando* a estatua (Garção, ap. C. C. B.) — Ao Infante D. Pedro não *consentindo* que se lhe levantasse uma estatua (Id., lb.) — Se encontrarem um homem *morrendo* ao desamparo, ou o virem lançado por terra pisar dos que passam, nem o ajudarão levantar, nem porão somente os olhos nelle (Luc. 1. 15) — O quarto animal era semelhante a uma aguiã *voando* (*aquiloe volanti*) (A. P.) — Acharam Vaseo da Gama, e o

Catual com alguma gente mais limpa *esperando* por elle (Barros, Dec. I) — Esta primeira foi representada de camara, pera consolação da muito catholica e sancta Rainha Dona Marla, *estando* enferma do mal de que falleceu (G. V. Ohrs. 1. 212) Fama, *guardando* patas (Ib. 3. 44) → A seguinte comedia foi feita ao muito poderoso Rei D. João III, sendo principe (Ib. — Será a primeira figura lã e molinha chamada Portugueza 2. 5) — Elles vos levantarão nas lanças e metterão as vossas reliquias em caldeiras fervendo (reliquias vestras in ollis fermentibus) (A. P., Vulg. Am. IV. 2).

748. CONCLUSÕES. Deste breve estudo podemos chegar ás seguintes conclusões, quanto á funcção e emprego do gerundio:

1. O *gerundio* só é facultativamente regido da prepos. *em*, quando *predicado grammatical* e *adjuncto attributivo* do sujeito, como vimos nos paragraphos 3.º e 4.º

2. Dos seis casos em que se emprega o *gerundio*, em dois apenas exerce elle a funcção attributiva do *participio presente*, e é quando modifica um substantivo ou pronome, que faz na proposição de *sujeito* ou de *complemento*, como se pôde ver nos paragraphos 5.º e 6.º. O gerundio ahi assumindo a feição de *adjuncto attributivo* do sujeito e do complemento, é conversivel na *oração relativa* ou *adjectiva*.

3. Não obstante a conversibilidade do *gerundio* na *oração relativa*, nesses dois casos, nem sempre ha perfeita equivalencia entre esta e aquelle, e a pureza da linguagem pôde reelamar um ou outro na tradueção do *participio latino*. Do acertado da escolha depende o emprego eorrecto do gerundio. Qual o criterio? A falta desse criterio, é que tem dado origem a toda a confusão e incerteza no emprego do gerundio. Para resolver, em grande parte o intrineado problema, devemos procurar esse criterio no proprio earaeter grammatical do *gerundio* e da *oração relativa*. O gerundio, retendo sempre scu earaeter de facto verbal, evoca espontaneamente a noção de *tempo*, de actualidade de acção, o que não acontece com a *oração relativa*. Esta exprime meramente a idéa adjectiva do *participio*, a simples qualidade ou estado, sem qualquer circumstancia temporal. Em geral, este matiz de differença se descobre ao primeiro relance; embora seja ella, ás vezes, quantidade desprezivel. Exs.:



“Fazemos o milagre de Amphião arrastando as pedras (C. C. B.)” e “fazemos o milagre de Amphião, que arrastava as pedras” — “O sol nascendo vê primeiro (C.)” e “o sol, que nasce, vê primeiro” — “Em vendo os mensageiros, lhe disse” e “elle, que viu os mensageiros, lhes disse” — “A seguinte comedia foi feita ao muito poderoso Rei D. João III, sendo principe” (G. V.) e “a seguinte comedia foi feita ao muito poderoso Rei D. João III, que era principe”.

4. Do exposto conclue-se que o emprego correcto do gerundio, nos dois casos em que tal emprego pôde offerecer difficuldade, depende de o sentido da phrase reelamar ou permittir uma *circumstancia adverbial de tempo*. Toda vez, pois, que não fôr admissivel a noção de tempo actual, empregar-se-á de rigor a oração relativa, sendo incorrecto o emprego do gerundio. E essa noção de tempo elucidada pelo adverbio conjunctivo *quando* ou pelo infinitivo regido da prepos. *a*, p. ex.: *Fazemos o papel de Amphião, arrastando as pedras*, isto é, *quando arrastava* ou *a arrastar* — *A seguinte comedia foi feita ao muito poderoso Rei D. João III, sendo principe*, isto é, *quando era principe* ou *ao ser principe*. Não se dirá, entretanto: *Foi comprada a casa tendo o n. 40*, mas — *que tinha o n. 40*. *Enéas*, escreve Vergilio, *lança por terra, com suas flechas certeiras, os cervos, que traziam elevadas cabeças com arboreos chifres — capita alta ferentes cornibus arboreis* (Eneid. I. 193, 194). O particípio *ferentes* não se pôde ahi traduzir pelo gerundio *trazendo*, mas pela oração relativa — *que traziam*. A razão é que não ha nesses exemplos a noção de tempo, porém apenas a expressão de um estado ou qualidade inherente. Parecem, entretanto, destoar deste criterio as seguintes construcções correntes: — *Foi promulgada a lei creando escolas ruraes, foi expedido o decreto aposentando o juiz, comprei uma casa tendo muitos moveis, publicou-se um dicionario contendo duzentos mil vocabulos, foi encontrada uma bolsa contendo 500 francos*. Em todas essas expressões ajusta-se bem a oração relativa, e porque o gerundio não é nellas conversivel em clausula adverbial temporal, contestam muitos a sua vernaculidade, mormente a dos dois ultimos exemplos. Manifestamente a ninguem repugna o uso do gerundio nas duas primeiras phases, e á sombra dellas as outras podem abrigar-se. Comtudo, talvez taes expressões possam justi-



fiear-se deante do eriterio estabelecido, pois o gerundio exprime ahi uma certa *actualidade* contemporanea ou coexistencia do facto attribuido ao substantivo a que elle se refere. Existe ahi uma noção de tempo, embora não possa ella ser francamente declarada.

Fóra, porém, destes easos, muitos outros existem em que seria abusivo o emprego do gerundio pela *oração relativa*. Damos em seguida uma lista desses casos extrahida da *Vulgata*, onde o particípio do presente latino é vertido pela *oração relativa*, por seu eminente traductor o P.^o Antonio Pereira de Figueiredo.

Suseperunt me sicut catulus
leonis *habitans* in abditis
Salm. XVI. 12

Elles me reeebêrão como hum
caehorro de leão, *que habita*
nos logares occultos

Hostes justi *accipientes* munus
et pauperes *deprimentes* in
porta

Inimigos do justo *que accipiaes*
dadivas e *opprimis* os pobres
na porta...

Amós V. 12

...et eornu illo quod habebat
oculos et os *loquens* grandia

... e deste corno que tinha
olhos e tinha boca, *que fal-*
lava com insolencia

Dan. V. 20

Facientem Arcturum et Ori-
ontem, et *convertentem* in
mane tenebras, et diem in
noctem *mutantem*

Buseae aquelle *que creou* a es-
trela da Ursa, e a estrela
do Orião, e o que *troca* em
manhã as trevas, e (*que*)
muda em noite o dia.

Amós V. 8

Timeat Dominum omnis ter-
ra: ab eo autem commove-
antur omnes *habitantes* or-
bem

Toda a terra tema ao Senhor:
todos os *que habitão* o uni-
verso tremão deante delle

Salm. XXXII. 8

Dedisti metuentibus te signifi-
cationem; ut fugiant a facie
areus.

Dêste aos *que te temem* hum
signal para que fugissem da
face do areo.

Salm.

Ego seiô quoniam intrabunt
post dieessionem meam lu-
pi rapaces in vos non *par-*
centes greges. Et ex vobis
ipsis exurgent viri *loquentes*
perversa, ut abducant disci-
pulos post se

Porque eu sei que depois de
minha despedida hão de en-
trar a vós certos lobos ar-
rebatadores, *que hão de per-*
doar o rebanho. E que d'entre
vós mesmos hão de sahir ho-
mens *que hão de publicar*
doutrinas perversas com o

Acts. XX. 20, 30



*Ille erat lucernas ardens et
lucens*

Joa. V. 35

Omnem palmitem in me non
ferentem fructum, tollebat
eum

Joa. XV. 2.

Et adimpletur in eis prophetia
Isaia *dicentis*: auditu audie-
tes et non intelligetis

Matt. XIII. 14

Iterum simile est regnum cœ-
lorum homini negociatori
querenti bonas margaritas
(Ib. 46)

Iterum simile est regnum cœ-
lorum sagenæ missæ in ma-
re, et ex omni genere pi-
scium *congreganti*

Ib. 47

intento de levarem após si
muitos-discipulos

Elle era uma luzerna *que ardia
e allumiava*

Todas as varas *que não de-
rem fructo*, elle as tirará

De sorte que nelles se cumpre
a prophécia de Isaías *que
diz*: Vós ouvireis com os ou-
vidos, e não entenderéis

Assim mesmo é semelhante o
Reino dos Céos a hum nego-
ciante *que busca* boas pe-
rolas

Finalmente o Reino dos Céos
he semelhante a huma rede
lançada no mar, *que toda a
casta de peixes colhe*.

Obs. O que ahí fica dicto deve servir de criterio aos traductores de francez, onde a coincidência morphologica do particípio presente e do gerundio, dá largas ensanchas á invasão do gallicismo. Em phrases semelhantes á seguinte, a presença de nosso gerundio seria inadmissivel: "Le crétien croit à un Dieu possédant toutes les 'perfections'"=crê o christão em um Deus *que possue* (e não *possuindo*) todas as perfeições". Deante do que ficou exposto, resentem-se de exagerado dogmatismo as seguintes palavras do illustre philologo Epiphanyo Dias, a pag. 249, de sua obra pósthuma, Synt. Hist. Port.: "E' mero gallicismo o emprego do particípio em—ndo como equivalente de uma simples oraç. qualificativa (relativa), v. g.: "Requereu para ser anulada a lei promovendo-o ao posto immediato."

5. Ha um caso particular em que a clareza da phrase pôde excluir o emprego do *gerundio* e impôr a *oração relativa*, onde o lat. usa o particípio do presente. Dá-se quando um adjuncto attributivo do *complemento* se poderia confundir com um adjuncto attributivo do *sujeito*, e haver assim duvida sobre a referencia do gerundio. Dicz e Mayer Lübke citam o seguinte exemplo: *regem vidi equum condescendentem*=*vi o rei montando a cavallo*, onde ha duvida, em portuguez, se o gerundio *montando* se refere ao sujeito

eu ou ao complemento *rei*. Em lat. o caso indica que a referencia é ao *rei*; nesta hypothese diremos — *vi o rei que montava a cavallo*, ou *quando elle montava a cavallo*. Sendo a referencia ao sujeito, o lat. dirá: *regem vidi equum conscendens*, e o port., para evitar equivooco, diria: *montando eu a cavallo, vi o rei*. Em francez o primeiro sentido é expresso do seguinte modo: *j'ai vu le roi montant à cheval*, e o segundo: *j'ai vu le roi en montant à cheval* (M. Lübke, III. 560).

Obs. Julio Moreira, distincto prof. de portuguez ha pouco arrebatado ás letras patrias, critica em seus primeiros *Estudos da Língua Portuguesa* (1907), a pag. 95—97, "a grande tendencia moderna para largo emprego abusivo das fórmãs do gerundio", attribuindo essa perversão da lingua á influencia da ling. franc., onde a coincidência morphologica do particípio do presente e do gerundio determina um emprego muito mais largo dessas fórmãs que em port. O seu eminente discípulo, o Dr. José Leite de Vasconcellos, em sua importante obra *Lições de Philologia Portuguesa* (1911), a pag. 389, endossa a critica do mestre, dizendo: "Em resumo: O particípio português em *—ndo* só exprime circumstancia, e não mero apposto. O particípio presente francez é o latino; o particípio presente portuguez é o gerundio latino, que não tem nominativo, e só emprega como complemento". — De nosso estudo se collige que é justa a critica desses illustres mestres contra uma corrente abusiva no emprego do gerundio, porém ella pecca por excessiva.

749. NUMEROS E PESSOAS. O *numero* e a *pessoa* do verbo na phrase são determinados, em portuguez como em latin, pelo numero e pessoa do sujeito respectivo: é o phenomeno da concordancia do verbo com o seu sujeito em numero e pessoa.

Esse factó grammatical, observado em todo o curso da lingua, não escapou á lei do desenvolvimento analytico, que domina todo o campo da evolução glottica nas linguas aryanas.

A concordancia é hoje mais complicada que na velha lingua. Já estudamos isto quando tractámos do phenomeno geral da concordancia, e na "Grammatica Expositiva, Curso Superior", expuzemos as regras particulares, que regem o numero e a pessoa do verbo. (Gr. Expos., C. Sup., pg. 216—224, 5.^a edic.)

CAPITULO IV

ADVERBIO

750. O *adverbio* tem por função taxonomica modificar o *verbo*, o *adjectivo* e outro *adverbio*. A denominação de adverbio (*ad+verbum = juncto ao verbo*) não corresponde, pois, á extensão de suas funções. E' o adverbio, como o adjectivo, uma palavra modificadora, que serve na phrase para qualificar o *predicado*, o *attributo* ou *alguma circumstancia* modificadora desses termos.

751. FUNÇÃO SYNTACTICA DO ADVERBIO. A função syntactica do adverbio, como a do adjectivo, é uma função complementar: elle está sempre na phrase desempenhando o papel de complemento circumstancial ou de adjuncto adverbial ás tres categorias acima referidas.

752. De sua analogia funcional com o adjectivo nasceem relações entre estas duas categorias, que convem estudar:

1.^a Não raro passa um adverbio a exercer as funções de um adjectivo:

Rio acima, rio abaixo, barra fóra, uma vida assim, sua residencia aqui, até Bruto contra Cesar, a epigraphe supra, houve bem gente, além-tumulo.

Bem contestada a Causa,
Bem replieas, *bem* gritos, *bem* balburdia,
Bem certo o Juiz das manhas d'um e d'outro (Fab. 59)

Fallemos do homem d'além eras (A. C., Os Fast. 1. 308) — Homens assim não se podem aturar (J. Moreira),

2.^a Inversamente é frequente passar o adjectivo a exercer a função do adverbio sem qualquer alteração de fórma: *fallar alto*, *ler baixo*, *contar certo*, etc., á imitação do lat.

Ella, *certo*, não é mulher em cujos labios só mentira e tração eterno habitam (G. D., Poes. 1. 64) — Doce tanges, Pierio, doce eantas (Ferr., ap. Serões 520) — E nesta toada há ladrões que, não furtando nada, porque nada lhes fleia, furtam quasi *infinito* (A. de F., lb. 521) — Vão molle molle uns laços invisíveis prendendo os corações (A. C., ib.) — Dulce ridentem Lalagen amabo, dulce loquentem (Hor., lb. 521).

Largo era esse processo no v. port.: E *semelhante* faz ella quando de nós se assenhora por qualquer causa (Leal Cons. 97) — ... vindo a ser *rijo* tentado (Ib. 79) — ... de que ajamos de ser *ryjo* sentydo (Ib. 128).

3.^a Outros adjectivos, apesar da funcção adverbial, fle-xionam-se por *atraacção* — *toda molhada, meios mortos*.
p. ex.:

Ella de bonitos só tem os olhos — Está a gente maritima de Luso sublda pela enxarela, de admirada (Lus. 1. 62) — Tentou Pirithoo e Théseo, de ignorantes, o reino de Plutão horrendo e escuro (Lus. 2. 102).

Nota. Encontram-se mesmo nos classicos *atraacções* hoje veda-das: Estas segundas redempções das esmolos... são *muitas* mais em numero (A. V., ap. Serões 523).

753. ORIGEM DOS ADVERBIOS. Varias são as fontes de nossos adverbios:

1. Do lat. nos vieram grande numero, como já vimos no logar proprio. Muitos adv. e locuções são ainda usados em nossa literatura em sua fórma primitiva latina:

Ibidem, exclusive, inclusive, primo, secundo, gratis, infra, supra, retro, maxime, bis, allunde, intestato, Ab-eterno, ab-Inlelo, ab-ovo, ex-cathedra, ex-offlelo, ex-vi, ex-corde, ex-abrupto, ex-professo, extra-muros, intra-muros, corrente calamo, pari passu, in totum, per summa capita, à priori, à posteriori, à fortiori, ad nutum, nemine discrepante, invlta Minerva, statu quo, in-extremis, motu proprio, more fluentis aquae.

2. São de origem romanica os adv. formados com o suff. — *mente* (268):

Sablamente, saplentissimamente, maximamente, optimamente, outramente, mesmamente, mesmissimamente, tal qualmente (vulg.).

3. Grande numero de adv. e locuç. adverbiaes são de origem vernacula como — *talvez, todavia, acaso, de tempos a tempos, de hora em hora, pouco a pouco*.

Aqui damos una lista de nossas locuç. adverbiaes, algu-mas das quaes se teem antiquado:

De quando em quando, de onde em onde, de ponto em branco, de seguro, de ligeiro, de caminho, de Joelho (arch. em Joelhos),

de outiva, de ouylda, de ouvidas, de vista, de vistas, de pé, em pé, a pé, de pé, ante pé (de a pé, pop.), á pata, de leve, ao de leve, mais e mais, a occultas, ás escondidas, em secreto, em segredo, em barda, á gineta, á larga, ao largo, á tripa forra, á bocca aberta, ás rebatinhas, ás vezes (arch. a vezes), a esmo, á toa, á uma, a talho de foice, a lança, á competencia, á complita, a socapa (=sobcapa), ás tontas, a surrelfa, a seguro, de industria, de juro, de facto, de golpe, a olho, ao vivo, a pressa, de longe em longe, de primeiro, a granel, á bala, de roldão, de rondão, de chofre, a deshoras, hoje em dia (arch. og' este dia), a destro, á direita, ás direitas, a sestro, á esquerda, á escala-vista, a olhos vistos, espada felta (levantada), acerca (arch.=perto), neste comenos, a sós, a bandelras despregadas. neste Interim, a furto, ás furtadellas, ás furtadas, a furta passo, a revés, a reverses, ao revés, de revés, ao luvés, ás avessas, a mancheias, a mão tente ou tenente, a flux, de rojo, de afogadillo, ás caladas, de cocaras, de molde, de geito, a gelto, de momento, de subito, ás subltas, a fundo, a flo, de flo a pavio, a cito, á revelia, a sabendas, de bruços, senão quando, vae senão quando, tim tim por tim tim, de ponto em branco, a bom recado ou recato, ás mãos ambas, sem tirar nem pôr, a surda, a surdina, ás surdas, á soldada, de espaço, a primor, a sabor, de mão beijada, de mão posta, mão por mão, de mãos dadas, de boa mão, de viva voz, de barriga chela, a pedaços, ás mãos lavadas, a grandes brados, a ponto, ponto por ponto, a tiracollo, a qual mals, qual a qual, a qual melbor, a quem melhor, alto e bom som, ao compasso, á espora fita, a todo o panno, a todo o transe, por um triz, de palanque, ao claro, em som de guerra, vae não vae, por um és não és, por dá cá aquella palha, a trecho, a trechos, ás cavallinhas, a cavalleiro, ás cavalleiras, por arte de berliques e berloques, de cabo a cabo, de cabo a rabo, a pés junctos, aos pés junctos, de bocca em bocca, da mão a bocca, as mais das vezes, as mals vezes, o mais das vezes, afinal de contas, por fim de contas, a queima-roupa, por millagre, por maravilha, de maravilha, a gros, de arrancada; de cote, de cotio, a la par, a la fé, a l'obra, de rota batida=de pressa, á ventura, de já hoje.

De quando em quanto, o vociferar affrontoso da gentallha era afogado do ruído de risadas descompostas (A. H., L. e N. I. 115) — *Donde sahla de vez em quando* uma exhalação de carníça (Id. ib. 197) — *Volta o Mestre a taes brados*; e *a deshoras* com tom grave em argull-o se espanjeja (Fab. 50) — *Davã sinal de quã nobre cousa foram e a lugares* avia çotocos e casas (Palm., I. 112) — *A graça e o bom humor andavã á competencia* com a dicacidade e ironia (L. C., Cam. 205) — *E' porém crível que um homem, como Barreto, orgulhoso como fidalgo principal, elegesse ao justo* aquelle ensejo (L. C., Cam., 210) — *Todos á uma entendemos que deveis ser vós, mestre Fernão Vasques* (A. H., L. e N. I. 61) — *Nom me queredes a mil melhor, do que vus eu quer'*, amigo e senhor (C. Arch. 258) — *E a vezes* acordava, a

vêzes esmorecia (L. Port. I, 137) — *Neste comenos*, havia el-rei mandado a Sevilha por duas galés e gentes (F. LoLp., C. de D. Ferndo., 132) — Comem Lobos á *soffrega* (Fab. 98) — Feliz quem só *de ouvida* o sabe (Fab. 100) — Mandou-lhe dar outro andor que trazia *adestro*, melhor concertado que aquelle em que vinha (Barros, Dec. I. 333) — Os seus feitos antepassados que haviam por muy graudes, naquella ora os julgava *ao revés* (Palm. I. 261) — ...Dae-me a entender, como se ereo *tão de ligeiro* o Senhor Dom Lusidardos de quem isso contou (C. Obrs., 3. 226) — De todas as quaes Deus ha de pedir conta a vossa magestade, muito maior depois de chegarem ás reaes mãos de vossa magestade estas notielas não *de ouvidas*, mas *de vistas* e experiencias (A. V., C., I. 26) — Ho sentimento que de seu desastre tive ficou *ouro e fio* com o gosto de Dricamandoro (Tav. Red., 117 — O louvor ergueria sua voz pondo *ouro fio* a balança dos bens duradouros e erros transitorios (C. C. B. Lit. Port., 1. 20) — Não era ésta *de seguro* moeda de boa lei, com que ainda os poetas hajam de satisfazer os seus compromissos (L. C., Cam. 240) — Ora sus, ha *hi* quem dê mais? que ainda vos veja todos á mim *ás rebatinhas*, ora sus veuha *de mano em mano*, ou de mana em mana (C. Obrs. 3. 10) — Assaltando-a *á escala vista* com obra de setenta ou oitenta escadas, a entrou sem perder mais que sós trinta e sete (Peregr., 1. 56) — Só, e *a occultas* do Príncipe, sae-se da villa ao campo dos contrarios (A. C., Q. H. I. 105) — E quanto mais olhava pelos mouros tanto lhe *mais e mais* crescia e esforçava o coração (Ling. Port., 234) — Por al descera elle amauhã galopando em seu cavallo branco, *de lança feita* e semblante alvorçado (A. C., Q. H. 2. 21) — Poz-se Adão *em pés* (A. V., S. 227) — Eis por si mesma se me clarea *a subitas* a estancia (A. C., Os Fast., 1. 55) —

Vira uma rã um Boi formoso, e nedlo,
E ella, que em talhe (*ao muito!*) um ovo iguala,
Estende-se, invejosa, incha-se, esforça-se;
Quer e'o Boi confrontar-se (Fab. 29).

754. CLASSIFICAÇÃO DOS ADVERBIOS QUANTO AO SENTIDO. O destino syntactico do adverbio é qualificar, na expressão do pensamento, a acção ou a qualidade dos seres e, ainda, as diversas condições em que esta acção ou qualidade se realizam. Estas qualificações do adverbio são as *circumstancias*, que determinam as *classes* em que elle se distribue, taes são as circumstancias de — *afirmação, duvida, negação, logar, tempo, quantidade, modo, ordem, designação*, etc.

755. ADVERBIOS DE AFFIRMAÇÃO. Varios são os adverbios e locuções adverbias de que se serve a lingua para

exprimir *afirmação*: *sim* (arch. *si*), *certamente* (arch. *certas*, *a certas*, *certās*), *tambem* (= *realmente*), arch. *bofá*, *bofé*=*boa-fé*, *a la fé*. — Já entra muitas vezes como reforço em phrases affirmativas.

Este amor é verdadeiro:
Isto *si*, *si*, que me apraz,
E não amor de sequelro,
Que emfim por derradeiro
Quanto faz tanto desfaz (G. V. Ohrs. 2. 66)

Eu trago na phantesla
De casar eom Madanela;
Mas não sei se querrá ella;
Perol, eu, *bofé*, querla. (Id., lb. 420)

Grumetes! *Bofá* mel amigo
Dou ó (ao) demo a grumetada! (Id., lb. 463)

A *la fé*, dlsserou, se non... buscaremos nos outros que relne sobre nós (C. Arch. 160) — *Certas*, vos lhe dades a cabeça (C. Arch. 72) — A *certas*, falar e lnsinar conven o maestro (Ib., 227) — Isso agora *tambem* é de mals (J. Moreira) — (cf. — Aquelle homem é muito abrutalhado eom os cavallos. *Tambem* tem apanhado cada trambulhão! J. M.)

JÁ REFORÇATIVO:

Já você vê que não tinha razão (J. Moreira) — Já agora não se pôde retroeeder, temos de executar até o fim o nosso plano (Id.) — Antonio é muito travesso, já o Augusto não é assim (Id.) — Fulano devla proteger aquelle rapaz, já *mais* sendo parente (cf. eom *jamaiz* negatlva. Id.)

Sim traz implicita a oração responslva: *Escreveste? Sim* = *escervi*.

756. ADVERBIO DE DUVIDA. Rejeitadas as particulas dubitativas latinas, o portuguez creou outro processo nos adverbios — *talvez*, *caso*, *acaso*, arch. *casuso* e *cajuso* (= *acaso*), *quiçá*, *por ventura* (arch. *pola ventura*, *pela ventura*), *qual o quê* (cf. *vae não vae*, *ês-não-ês*).

Talvez anteposto ao verbo leva-o ao subjunctivo: *talvez fosse*, *talvez vá*; porém, foi *talvez*, *vae talvez*. Anteposto traz implicita a oração principal — *talvez vá*=*póde ser que vá*.

Quero esperar pelo remate de suas quelxas, e *quiçá* desabafará eom ellas (A. Arraiz, D. 6).

Eu vou *casuso* no eabeço
Por ver se vejo o meu gado. (G. V. Ohrs. 2. 424)

757. ADVERBIO DE NEGAÇÃO. No processo de negação apartou-se o port. largamente da syntaxe latina. Em lat duas negativas se annullavam, e equivaliam a uma affirmativa: *non nullus* = *aliquis* = *alguem*, *non nemo* = *alguem*, *non nihil* = *aliquid* = *alguma coisa*. No port., mormente no v. port., as negativas se accumulavam como reforço:

Os biseainhos quando viram que *nenhum* não sahira a elles, tornaram-se a seus bateis (F. Lop., C. de D. Fern. 62) — As portas eram guardadas, por que *nenhum* não sahisse pera o avisar (Chrest. Arch. 155) — Certas *non*, diss'elrei, *jamais* ora *non* me veerdes (Chrest. Arch., 53) — *Nem* eu não vo-lo requeiro; a *ninguem* não me descubro; e Gonçalo não me quer, *nem* eu não quero Gonçalo (G. C., Ohrs. 2. 40, 48, 427)

758. O port. moderno restringiu algo esta exuberancia negativa, e não admite antes do predicado reforço negativo. Só por imitação de syntaxe archaica esereveu nosso Gonçalves Dias:

Mojacã, Mopereba, irmãos nas armas,
Sempre unidos ninguém não foi como elles (Poes. 2. 63)

a) *Não*, *non*, *nom*, *no* (arch.) é frequentemente reforçada:

Não quero não — *No mais*, Musa, *no mais* (Lus. 10. 145) — A vella acenando com a mão nos disse: *no mais*, *no mais*, porque me doe vevos chorar (Peregr. 1. 334) — *Não* vacillam um ponto na fé (A. V.) — *Não* deixel na materia *udo nem miudo* (A. C., ap. Serões) — Compadre, nó mais soffrer... Queremo-la ver, nó mais, para ver em que tractais... (G. V. Ohrs. 1. 170)

b) *Nem* sempre não é negativo, mormente depois do verbo *prohibir*, *impedir*:


Pouco faltou que não perdesse o siso (Mal. conq. 3.98, ap. E. D.) — Defendi-lhe que não fosse daqui (Lang. 99, ap. ib.). — Não deixa de não ter razão. Quando tantos deleites ha na terra, que não será no Céu! (A. C., ap. Serões 721) — Eguamente outras negativas: *Viu-se nunca* beleguim de tão feia catadura? (Dr. E. Carn.) — Foi o homem mais pusillanime que *ainda* vi, ou *já* vi (Id.) ou *jamais* vi.

c) A *negativa* na clausula subordinada ao verbo *temer* e outros semelhantes implica desejo, e a sua ausencia implica o inverso:

Teme que não venha e teme que venha, receio não alcançar o fim e receio alcançar o fim. No lat. dava-se o contrario: *Vereor ne laborem augeam* (Cic.)=*receio augmentar meu trabalho*; *timeo ut laborcam sustineas* (Cic.)=*temo que não supportes a fadiga.*

d) A loc. archaica — *não que equivale pudera não que* (E. D.) “Por quem vós hys sospirando, senhor Jorge da Sylveira? — Nam que eu sospiro indo por quem cuydados me dá (J. da Silv., Canc. Ger. 1. 1, ap. E. D.)

760. ADVERBIOS DE LOGAR. Dispõe a lingua de adverbio simples oriundos do latim e de locuções adverbias para indiar as varias circumstancias de logar: *onde* (arch. *aonde, adonde* (arch.), *aqui, ali, cá* (arch. *acá*), *la* (arch. *alá*), *acerea* (arch. = *perto*), *alhur* (arch. = *alhures*), *algur* (arch. = *algüres*).

761. *Onde* (←  *unde*). O nosso actual adv. conjunctivo *onde*, nos veio de *unde* latino, que significa *donde*. Em latim o logar *onde*, *donde* e *para onde* exprime-se respectivamente por — *ubi, unde, quo*:

Ubi est ille?=*onde está elle?* — *Scio unde veni, et quo vado*=*sei donde vim e para onde vou* (S. Jo. VIII. 14, IX, 12) *Ubi* deu no velho portuguez *hu, u*: O meu, diss'ellé, será u fol sempre u está (T. Arch. 25) — Elle (estava) em Estremoz com suas jentes *hu* chegou o primeiro dia de setembro (Ib. 65)

Unde, nos primeiros documentos da lingua, apresenta-se com seu valor etymologico: ... e de VII e medio casaes antre Coina e Batuzio *unde* li nunca deru quinõ (N. de torto, T. Arch. 15) = e de sete e meio casaes *donde* (dos quaes) *nunca lhe deram quinhão*. — Posteriormente desappareceu *hu, u* (*ubi*) da lingua, e *onde* (*unde*) veio preencher-lhe a falta. Destes factos historicos, resultou o não distinguirem os nossos classieos entre — *onde, aonde, donde* e *adonde*. A fôrma *áonde* naseeu de uma prothese expletiva de *a*, como de *si, inde, fora* veio — *assi ainda, afora*, etc. A fôrma *DONDE* lembra o valor etymologico de *unde*, e muitas vezes, como a fôrma simples *onde* (*unde*), preenche simplesmente a funeção de *hu, u, archaizado* (*ubi*), e assim temos *donde* = *onde* = *hu*. Da obliteração do valor etymologico de *donde*, naseeu a necessidade da expressão, que se

encontra nos classicos e no povo — *de donde*. A fórma *adonde*, que se encontra ainda em Camões e ainda hoje na ling. popular, é fórma prothetica (*adonde* = *donde*). Dahi a synonymia de todas essas formas no velho portuguez, como se vê nos seguintes exemplos de nossos classicos e nos velhos proverbios da lingua.

Podesse acertar com o logar aonde sua gente ficava (Palm. 1. 3) — Dar vos hey conta de donde ella vem (Ib. 31) — Dondé foste passageiro, não serás escondeiro (Prov.) — Donde muitos coespem, lama fazem (Prov.) — Cuidando donde vás, te esqueces donde vens (Prov.) — Donde te querem, ahí te convidam (Prov.) — Aonde o ouro falla, tudo calla (Prov.) — Aondé te conhecem honra te fazem (Prov.) — Onde fores tarde, não te mostres covarde (Prov.) — Donde te vás mal? Onde ha mais mal? (Prov.) — Onde não val o dono, vai o dolo (Prov.) —

Si, mas porem nunca vemos
A natureza esmerar
Aonde haja que taxar (C. Obs. 3. 17)

762. A' critica que ao uso classico dessas fórmas de adv. *onde*, fazem nossos dicionaristas, fallece evidentemente critério historico. Garrett e outros guardam ainda a synonymia classica entre *onde* e *aonde*; porém modernamente existe a corrente que busca aproveitar as fórmas *onde*, *aonde* e *donde*, fazendo-as corresponder: *onde* = *ubi*, *aonde* = *quo* (para *onde*); *donde* = *unde*. A corrente embora não seja historica, é logica e, por isso, aceitavel: *onde* *estou*, *aonde* *vou*, *donde* *venho*.

763. *Aqui*, *cá*, *ahí*, *ali*, *lá* e *acolá*. Designam respectivamente logar proximo á 1.^a pess. grammatical (*aqui*, *cá*), á 2.^a (*ahí*), e afastado de ambas (*ali*, *lá*, *aeolá*).

Delles faz um bellissimo uso Camões no seguinte soneto:

Aqui á vi os cabellos concertando
Alli com a mão na faee, tão formosa;
Aqui fallando alegre, alli euidosa;
Agora sentando quêda, agora andando.
Aqui esteve sentada, alli me vio,
Erguendo aquelles olhos tão lsentos;
Commovida aqui um pouco, alli segura.
Aqui se enristeeeo, alli se rio:
E, emfim, nestes cansados pensamentos
Passa esta vida vã, que sempre dura (Obs. 2. 22)

764. *Ali* e *lá* indicam muitas vezes tempo — *lá*, remoto, e *ali*, proximo: *Lá para o anno irei ver-te — Ali pelo Natal conversaremos — Já lá vão muitos annos.*

Cá e *lá*, *esta* indica afastamento e aquella aproximação da 1.^a pess. grammatical:

Cá e *lá* más fadas ha — Eu *cá* me entendo — Eu *lá* comprehendo o que elle quer? — Eu sei *lá* o que elle pensa? — *Lá* isso é verdade — *Lá* que os filhos não teem culpa nos erros dos paes, é certo (J. Moreira) — Eu *lá* vejo (Ironico) como você cumpre o que promette (Id.)

Dentro, fóra, são adverbios de logar frequentemente reforçados pelos adverbios *cá* e *lá*: *cá dentro, lá dentro, cá fóra, lá fóra.*

765. ADVERBIOS DE TEMPO. Muitos são os adverbios e loc. adverbias de tempo, taes como: — *agora, ora, hoje, já, nunca, sempre, amanhã, hontem, cedo, tarde, então* (arch. e pop. *entonces*), *depois, entrementes, a deshoras, de quando em quando, de tempos a tempos, a hora-dada.*

766. *Agora* e *ôra* indicam o momento actual de accordo com seu valor etymologico (*agora* = *hae hora*, *ora* = *hora*) e são frequentemente empregados com valor conjuncional. E' usual em Camões a repetição de *agora* com bello effeito:

Agora lhe pergunta pelas gentes
De toda a Hesperia ultima, onde mora;
Agora pelos povos seus vizinhos;
Agora pelos humidos caminhos (Lus. 2. 108)

767. *Hoje*. Reforçamos actualmente este dizendo *neste dia de hoje*; a velha lingua dizia: *oge este dia*:

E por en te demando e te rogo que oge este dia me queiras bautizar (Chrest. Arch. 105) — E se tal he, eu daria por conhecer a donzella a razão d'hoje este dia (C., Obs. 3. 139)

768. *Já*. Este adverbio entrava na velha lingua como reforço de muitos outros adverbios: *já sempre, já nunca, já mais* (ef. *já agora, já então, já hoje, pop. de já hoje, já hontem*). Exs.:

... e já sempre Deus amarei (Cans. da Vat., ap. J. Morelra) — Ja mays nunca lhi par vi (Ib. 150).

769. ADVERBIO DE QUANTIDADE. Pertencem a esta classe — *muito, pouco, mais, menos, quasi*, etc.

Muito. No v. port. encontramos comparativo analytico de *muito*—*tão muito*=*tanto*, e superl. analytico *mui muito*=*muitissimo*. Entre a fórma apocopada *tão* e a completa *tanto* não faz o port. arch. a distincção que hoje fazemos. Exs.:

Ca tã muyto desejey aver ben de vós, senhor (Líng. Port. 127)
— ... a mia senhor, que eu vi, mui mui fremosa en si (Chrest. Arch., 243) — ũ serpente... jazia tanto frio con o regelado, que não sabla de si parte (Chrest. Arch., 74) —

Das outras que será? pois poder teve
A morte sobre cousa tanto bella,
Que ella cecipsava a luz do claro dia (C., Obs. 2. 143)

770. ADVERBIOS DE MODO. São numerosos os adverbios e locuções que exprimem modo, taes como: *bem*, *mal* e seus comparativos — *melhor* e *peor*, *tudo*, *tal*, *qual*, *acinte*.

Os formados de adjectivo com o suffixo — *mente*, *sabiamente*, e as locuções formadas com as preposições — *a*, *de*, *em*: *á uma*, *á fidalga*, *de joelhos*, *de pé*, *em pé*, *em barda*.

a) *Bem* tem por comparativo analyt. *mais bem*, e synthetico *melhor*. Recommenda-se geralmente preferir-se o analytico antes do part. passado: — *mais bem feito* e não *melhor feito*. Os classicos, entretanto, não tinham essa preferencia.

b) *Mal*, comparat. — *mais mal* e *peor*. — *Malferido* é em nossos bons escriptores equivalente a *muito ferido*: *Já malferido de eiva de morte, arqueja o imperio d'Asia* (G. Cam. 57).

Satisfazendo a vosso desejo, consilirei que seria melhor feicto em forma de hũa soo tractado com alguns adimentos (L. Con. 1) — Está o animo mais prompto e melhor disposto para entender em os altos... A alma sendo enferma em nenhum logar está peor aposentada que em corpo sano (Arraiz Dial. 106) — Hajão festas de prazer, as que melhor possão ser (C. Obs. 3. 48) — ... nunca melhor ganhados, nem mais bem empregados (A. V., C. I. 49) —

Que seja melhor purificado

No immenso resplendor de um ralo esquivo
C. Obs. 2. 56)

E quem fóra está do jogo

Enxerga o lanço melhor (C. Obr. 3. 61)

771. ANTIGOS ADVERBIOS E LOCUÇÕES ADVERBIAES.



Acerca e cerca: E vendo quã acerea todos estavão de morrer (Pal. I. 248) — Os mouros vinham tan cerea... (Chrest. Areh., 121).

Hu, u, do iat. *ubi* (fr. *ou*): Preguntou-lhis u iam (Chrest. Areh. 121) —

Amaina! — áquideirei!
Que nos imos aiãgando,
— Per hu puxaremos nós?
Gregorio puxa per hi (G. V., Ohrs. 2. 468)

Ogano, do iat. *hoc anno*= *neste anno* (cf. *cadanho, cadanno*).

Que amor aquil non ehogou
que tanto ogano d'ei ievou
e non veo... (C. Areh. 187)

Antano e antanho, iat. *ante anno*= *anno passado, tempos passados*, empregado geralmente como subst. regido de *de*: Importar-se com as neves de antanho= *affligir-se com o mal que já passou* (D. Vieira) — E cada vez que me derdes huma hora de bom acerto, eomo o do antanho, rio-me dos triunfos de Roma (Jorge Ferreira, ap. D. Vieira) — A auteridade em tempos de antanho como norte á lei divina (C. de Laet).

Toste, do iat. *tostus, -a, -um*= *apressado* (fr. *tôt=cedo*). Aeorreram o mais *toste* que puderam (F. Lop., Chr. de D. Fern. 72) — Dos que ora son na oste amigo querria se se verran tard'ou *toste* (Chrest. Areh., 275).

Acá, cá: Amigo quen sodes ou que buscades *acá* (Chrest. Areh. 172).

Samicas= *talvez*: Vos sameas euidavels que sou eu parvo Darouca (Euphr. 8).

Alhur= *alhures*: Disseron todos alhur ia buscade, ca de tal guisa se foi a perder (Chrest. Areh. 208 — Amigo, pois me iei-xades, e vos ides alhur morar (Chr. Areh., 275).

Juso, do iat. *deorsum=jusum*= *para baixo*. **Suso,** do iat. *sursum=susum*= *para cima*: Juso da querida, Mendo, jases... a suso em pases (O Ant. Vern., 41) — Levem doze reaes e da sua nota dezeseis reaes, e assy d'ahi a juso per esse respeito (Ord. Aff., ap. Serões, 535) — E este *suso* dito he dos mestel-raes (Ib.)

Embora= *em boa hora*, este sentido, já obliterado, vê-se nos seguintes versos de Gil Vicente:

Tu, prima, naseeste *embora*,
Se viras o eachopinho,
Tão fermoso e sesudinho,
Filho de nossa Senhora! (Ohrs. 1. 141)
Senhores, *embora* estedes:
Com saude, com prazer
Multos annos vós logredes. (Ohrs. 3.º 90)

Ieramá, eramá=*ora má, em hora má*, empregado frequentemente, como *embora*, com valor interjectivo, e ás vezes reforçado — *multieramá*: Alii multieramá! agora ha de tornar cá (G. V., Obrs. 3. 27).

A que vens, Fernando honrado?
Ver Felipa, tua senhora?
Venhas muito da má hora
Pera ti e pera o gado.
— Catalina! Catalina, assim
Tolhes-me a fallia, Catalina?
Oiha *ieramá* pera mi;
Pois que me tu ses assi
Carrancuda e tão mofina,
“Quem te disse mal de mi?”
“Com que olhos me olhaste? (G. V. Obrs. 2. 425)

Da morte venho eu cansado
E cheio de refregereo,
E não posso, mal peccado.
— Põe *eramá* hi o arado.
— Perém esse he gran mestereo (Id. 1. 247).

Tamalavez=*tão a la vez=um tanto, de algum modo*: com arroz... cozido... *tamalavez*, sabe-lo seco (Fr. Gaspar, ap. C. de Figueiredo).

S'eu trouguera mais vagar
Sorrira-me eu *tamalavez*.

A's rebatinhas (de *rebater*)=*em competencia*: “Estou nas minhas tres quintas, quando vejo acudir-me gentios *ds rebatinhas*... esmurrarem-se á pesca de um bilhete (A. C., ap. Serões 540) — Ora sus, ha hi quem dê mais? que ainda vos veja todas a mim *ds rebatinhas*: ora sus, venhão de mano em mano, ou de mana em mana (C. Obrs. 3. 10).

A **sabendás** (do *part. do fut. passivo de saber*)=*scientemente — de proposito, acinte*: ...“e bem assy se a Madre a *sabendás* ouve ajuntamento... (Ord. Aff., liv. 4, tit. 100, ap. D. Vieira).

A' **mão tente** ou á **mão tenente**: Ferir á mão tente — A' mão tente o matirão os Mouros (Barros) — Vierão pelejar com os nossos á mão tenente, querendo subir per as tranqueiras (Barros). — Não atina Bluteau com o exacto sentido desta expressão adverbial, que Candido de Figueiredo registra com o significado de *mão firme*. — *Manteniente é*, em hesp., segundo Cobarrubias, citado por Blut., — *descarregar el golpe de alto a abaxo con ambas manos*. Querem outros, accrescenta o mesmo lexicographo, que tal expressão equivalha ao lat. *manu tenente*, e que matar á mão tenente seja segurar a victima com uma mão e com a outra metter-lhe o punhal. “Finalmete, termina elle, nas conferencias discretas, que se fizeram em Casa do Conde de Ericeira, foy determinado, que a *mão tente*, era o mesmo, que livremente, sem embaraço, com toda a segurança.

772. O FEMININO E O S ADVERBIAL. O emprego do adj. na fôrma masc., ou, antes, neutra, na funecção de adv. é processo do port., filiado no lat., como já o mostrámos (*fallar alto, baixo, certo*). Se bem que menos frequentemente apparece desde os mais antigos documentos da lingua a flexão feminina com igual funecção — *certa e certas* (arch.), *á larga, a occultas, a sabendas*. Poder-se-ia suspeitar a influencia do neutro lat. plural (ef. *bona arch. =bens*); porém é mais provavel que o subst. femin. *mente*, que já em lat. se unia a adj. para indicar circumst. de *modo*, determinasse esse phenomeno grammatical. De facto, temos a velha expressão — *de boa mente*, já usada por Quintilhana *bona mente*, e nos antigos textos da lingua apparece *mente*, como nessa loeuç., separado do adj. — *fera mente, rija mente*.

Muitos adv. apresentam um *s* desinencial nas linguas romanicas, que Brunot julga inexplicavel. Temos em port. — *antes, entonces* (arch. e pop.), *algures, nenhures, alhures, certas* (arch.), *a occultas, a sabendas*, etc. E ha actualmente entre o vulgo certa tendeneia para esse *s* adverbial (*somentes*). E' possivel que tal facto ahe sua explicação em certos adv. lat. terminados em *s* — *foras, satis*; uma generalização analogica implantaria a corrente no fallar do povo.

CAPITULO V PREPOSIÇÃO

773. *Preposições* são particulas adverbias connectivas, que indicam as relações complementares, expressas em lat. pelos *casos obliquos*.

Eram as preposições de uso restricto em lat., que dispuinha dos *casos* para assignalar as relações logicas das palavras; seu emprego apenas se restringia a discriminar e reforçar as diversas relações de *accusativo e ablativo*. Com a perda, porém, dos casos no lat. popular da idade-média, ampliou-se o uso das preposições, que vieram analytieamente supprir a falta das expressões syntheticas dos casos obliquos.

774. As preposições exprimem fundamentalmente as mesmas circumstancias, que os adverbios, — *de tempo*,

logar (*onde, donde e para onde*), modo, causa, meio, fim; porém delles se discriminam pelo seu caracter de *connectivo intervocabular*. Ellas relacionam, pois, dois termos (o *antecedente* e o *consequente*), o segundo termo ou o consequente é o termo regido, que pôde ser — *substantivo, pronome, verbo no infinitivo, e adverbio*.

775. EMPREGO DAS PREPOSIÇÕES. As nossas preposições nos vieram do latim; porém foram largamente ampliadas em seu emprego e significação. Esta evolução syntactica e semantica das preposições não só se nota entre o lat. e o port., mas ainda do port. antigo para o actual. E' o que rapido estudo nos revelará.

A

776. Esta preposição, que nos veio de *ad*, indica, como no latim:

a) **Movimento** para algum lugar, em geral *directão*: ir á cidade, correr ás armas (eo *ad* patrem).

b) **Proximidade**, — como estar á porta, á janella, á rua tal (*ad* portas hostis est, *ad* levam=á esquerda).

c) **Atribuição**, expressa pelo *dativo* lat.: dar ao pobre, dizer a Pedro, responder á carta (dicit el Marta=diz-lhe Martha).

Este *dativo* de *atribuição* do lat. class. passou na b. latinidade a ser muitas vezes expresso pelo *accusativo* regido de *ad*. A Vulgata nos fornece deste facto larga copia de exemplos: *Dixit Thomas ad condiscipulos* = disse Thomé aos condiscipulos (Jo. XI. 16) — *Dicebat ergo ad eos* (Ib. id.) Desta circumstancia nos veio a prepos. *a* para indicar *dativo* de *atribuição*, a qual, entretanto, não deve ser confundida com a prepos. *a* do *accusativo* de *directão* e do *accusativo-paciente*; o *dativo* de *atribuição* pôde ser expresso pelo pron. *lhe*, e o *accusativo-paciente* pelo pron. *o*: *dizer a Pedro* (=dizer-lhe, dat. de attrib.), *amar a Pedro* (=amá-lo, accus. paciente), *ir a Pedro* (accus. de direct.).

777. Das trez relações fundamentaes indicadas pela preposição *a* — *directão, proximidade e atribuição*, desenvolveram-se muitas outras:

1.^a **Tendencia:** inclinado ao estudo, propenso ao bem. Nesta accepção é muitas vezes substituída pelas prepos. *para, de, para com*: olhar *para* o mar, amor da virtude, respeito *para* com os paes. — “Aos infleis, Senhor, aos infleis, e não a mim, que crelo e que podeis” (Lus. 3. 45).

2.^a **Fim:** promovido a general, destinado ao estudo. — Disser-lhe que por então se fosse a repousar” (Dec. 336).

3.^a **Distancia:** daqui a duas leguas, a trez braças.

4.^a **Tempo:** daqui a dois dias, a primeiro de janeiro, a doze de abril, aos dez dias de agosto, ás duas horas.

5.^a **Modo:** Vender a praso, a retalho, a credito, emprestar a juro, vestir á moda, calçar á Luiz XV, poetar á Camões, cozinhar á portugueza, beber a goles, andar a pé (cf. de pé), a cavallo, a carro, a bonde (mais usual entre nós — de carro e de bonde), cavalgar á redea solta, clamar á uma, andar a corso, andar á pressa, morrer á fome, receber á bala, cheirar a vinho, barco a vapor, navio a vela (cf. de vela), equação a duas incognitas (cf. de duas incognitas), salvar-se a nado, viver á fidalga, andar ás apalpadelas, fallar á bocca cheia, emmagreecer a olhos vistos, subir á escala vista, ler a fio, andar ás rebatinhas, beber ás canadas, chover a cantaros. — “Quando Roma a todas velas, conquistava toda a terra...” (G. V., Obs. 2. 362). — Cheirar ao alho (S. de Miranda, ap. E. Dias) — “Querem que os limões... saybam a açucar” (H. Pinto, ib.) — “A cabeça toma-lhe a vaslo ()”.

6.^a **Instrumento:** matar á bala, a chumbo, á fome, picar á faca, pintar a pinecl.

7.^a **Materia:** pintar a oleo, — á aquarella, bordar a ouro, — a seda.

8.^a **Objecto directo:** amar a Pedro, matar ao veado, prender ao criminoso, reger ao substantivo — “Lia Alexandre a Homero” (Lus. 5. 96).

ATÉ

778. A preposição *até*, do lat. *haecenus*, que reveste no v. port. as fórmãs — *attá, attens, té*, indica o termo exacto de uma acção, quer quanto ao tempo, quer quanto ao espaço: *até o mez de janeiro, até o rio Amazonas*.

Apparece frequentemente reforçada com a prepos. *a* (*até ao mez de janeiro*), excépto quando a palavra regida não admitté artigo (*até Lisboa, até Pariz, até aqui, até hoje*). Sobre este ponto escreve o Snr. Epiphanio Dias, em suas notas aos *Lusiadas*, que *até* o sec. XVII não se encontra o tal reforço da prepos. *a*, e só dessa época em diante é que começa a apparecer a fórma composta *até a* com o artigo feminino (*até á, até ás*), e posteriormente com o

artigo masculino (*até ao, até aos*), e que os escriptores aprimorados seguem a practica antiga.

ANTE

779. A prepos. *ante*, do lat. *ante*, traz a idéa de *posição fronteira*, e determina a mesma relação que as compostas — *deante de, perante: estar ante e perante o juiz, ou deante do juiz.*

Entra em composição — *ante-hontem, ante-manhã, ante-camara (pé ante pé).*

A fôrma *antes* é *adverbio*, e fôrma a *loc. prepositiva* — *antes de, ante.* — “*Não queiraes julgar ante tempo*” (A. V., S. 2. 103).

APÓS

780. A preposição *após*, do lat. *ad+post*, traz a idéa de *posterioridade*, no espaço e no tempo: *após o sequito, após um dia.* E’ equivalente ás *loc. prepositivas* — *depois de, após de, e depós (de+post).*

Fui insensivelmente depós o coração (G., Cam. 5) — A morte corre após de nós (A. V.) —

Que doudo pensamento é o que sigo?

Após que vão cuidado vou correndo? (C. Obrs. 2. 61)

COM

781. A preposição *com*, do lat. *cum*, traz a idéa geral de *ajuntamento*, e indica as seguintes relações:

1.^a **Companhia:** viver com seus paes, andar com cuidado, estar com a razão, pensar comsigo.

2.^a **Encontro, mistura:** encontrar com alguém, defrontar com difficuldades, café com leite.

3.^a **Modo:** fallar com presteza, andar com a fronte erguida, gritar com força.

4.^a **Instrumento:** pegar com ambas as mãos, ferir com vara, ganhar a vida com a penna, comprar com dinheiro.

5.^a **Meio:** aprender com o mestre, — com o tempo, ganha a vida com sua diligencia, amor com amor se paga.

6.^a **Causa:** chorar com dores, amollecere com o calor, irar-se com justiça.

7.^a **Conteúdo:** copo com agua (cf. copo d’agua), barril com vinho (cf. barril de vinho), uma barrica com cimento (cf. uma barrica de cimento).



8.^a **Atribuição:** ter cuidado com alguém, ser generoso com o inimigo, ser prudente com elle.

9.^a **Opposição:** investir com alguém, lutar com a sorte.

Synonymia. Para indicar *oposição* é mais commum a prepos. *contra*: *investir contra o inimigo*. Na relação de *atribuição* é frequentemente reforçada pela prepos. *para*: *ser generoso para com o inimigo*. Emprega-se ás vezes com valor *concessivo* a prepos. *com*: Com ser sabio, não deixa de errar. — Em toda essa novidade, com ser tão grande, nenhuma coisa direi de novo (A. V.).

Dest'arte a gente fôrça e esforça Nuno,
Que com lhe ouvir as ultimas razões,
Removem o temor frlo, importuno,
Que gelados lhe tinha os corações. (Lus. 4. 21)

CONTRA

782. A prepos. *contra*, do lat. *contra*, indica varias relações:

1.^a **Opposição:** lutar contra a maré, estar contra a opinião, levantar-se contra o projecto, investir contra o inimigo.

2.^a **Posição fronteira:** estar contra o sul, olhar contra o norte — “Trento é cidade situada na raia da Allemanha contra Italia” (Souza, ap. Serões, 495).

3.^a **Direcção:** ir contra o sul, voltar-se contra o norte. — Caminhou contra onde lhe pareceo que sua gente fiara (Palm.)

CONFORME

783. A prepos. *conforme*, bem como — *segundo*, *consoante*, *salvante*, *mediante*, *durante*, *excepto*, *tirante*, *salvo*, *não obstante*, e, seguidos de verbo, — *visto*, *posto*, *attento*, *supposto*, são primitivamente adjectivos, que antepostos a seus substantivos ou verbos, deixaram de concordar com elles, e assumiram o caracter de connectivo preposicional, p. ex.:

Conforme as ordens, segundo os desejos, durante annos, excepto a virtude, consoante os pareceres, salvante o caso, mediante a fé, salvo melhor opinião, tirante isso, não obstante os perigos, visto estar aqui, posto achar-se doente, supposto estar fóra, attento haver elle dicto. — Apparece por vezes reforçado com a prepos. *a*: — conforme ao modelo.

Até Vieira, *excepto* guarda ainda seu valor de adjectivo: “Na segunda provincia de Hollanda, excepta Dorth, nenhuma cidade houve que não fosse conquistada (A. V.,



S. 1, 154) — Seguidos de subst., *visto, supposto, attento*, guardam seu valor de adj. verbaes — *Vistos os autos, supposta a fuga, attentas as razões.*

DE

784. A prepos. *de*, do lat. *de*, substitue no portuguez dois easos latinos — o *genitivo*, e, frequentemente, o *ablativo*, tendo adquirido novas e variadissimas relações. Todavia, sua idéa fundamental é o *apartamento* de um ponto, p. ex.: *vir da cidade (de monte decurrere).*

Suas principaes relações são:

1.^a **Procedencia, origem:** vir do Oriente, arribar de Tyro, chegar do Rio, nascer de tronco illustre, ser de Lisboa, tirar do thesouro, extrahir da boeea, de hoje em deante, de escravo a Senhor, de loão a cordeiro, libertado do Egypto, — da escravidão, — dos velos.

2.^a **Posse**, correspondente ao genitivo latino: livro do alumno, herança do filho. — “A nação toma vulto entre os estados da península ao compasso das emprezas (L. C., Cam. 15).”

3.^a **Apposição:** cidade de Roma, nome de Pedro, rio de S. Francisco, serra do Cubatão, eabo da Boa Esperança, republica do Brasil, mez de abril.

O lat. punha os dois termos no mesmo caso — *urbs Roma*. A's vezes, porém, apparecia o *aposto* em genitivo — *urbs Romoc*. Esta eonstrução eom genitivo foi-se generalizando, mormente depois do Imperio, e triumphou nas linguas romanleas (cidade de Roma). Comtudo, oseilla ainda quanto a *lagos, montes, cabos, rios*, etc.: lago Ládoga e lago de Constança, rio Amazonas e rio de S. Francisco, monte Etna e monte do Itaitaya, etc.

4.^a **Determinação de sentido:** mal de sorte, bem de saude, ligeiro de mãos, bello de rosto, tachar de injusto, accusado de traição, fazer-se de tolo, tractado de resto, mudar de roupa, fallar de politica, baldo de recurso, fazer-se de medico. — No Brasil dizemos — *fazer-nos de tolos*, e em Portugal — *fazer de nós tolos*.

5.^a **Posição ou estado:** estar de traz, de costas, de pé, de eama, de foelinho, pôr-se de frente.

6.^a **Tempo:** (atmosphérico): de tarde, de manhã, de noite, de dia, de madrugada, de inverno de verão.

7.^a **Materia:** (constituente, continente e contéuda): mesa de marmore, eopo de crystal, chavena de chá, garrafa de vinho, feito de ouro, lavor de prata.

8.^a **Meio ou instrumento:** viver de esperanza, sustentar-se de fructas, eerear de arame, — de difficuldades, saciar-se de pão, fornecer-se de dinheiro, vestir-se de purpura, alimentar-se de ralzes.

Obs. O valor *instrumental* da prepos. *de*, como observa Diez (III, 153), desenvolveu-se extraordinariamente no *romance*, e veio assim enconstrar-se com o *instrumental com*: sustentá-lo de peixe ou com peixe, manter-se de pouco ou com pouco.

9.^a **Modo**: matar de fome (cf. á fome), andar de carro, — de bonde, de trolley, de gatiuhas, estar de cama, — de lucto, — de joelhos, — de pé, amar de coração, — de verdade, servir de creado, audar de companhia, — de mãos dadas, estudar de boa vontade.

10.^a **Causa**: morrer de fome, — de febre, — de tristeza, gritar de dor, saltar de alegria, chorar de inveja.

11.^a **Agente da passiva**: estimado de todos, visto de al-gunus, querido do povo, navegado de phocas, cercado de soldados.

12.^a **Quantidade e medida**: exercito de dez mil soldados, torre de cem metros, medida de um litro.

13.^a **Sentido partitivo**: beber da agua, comer do pão, colher das flores, tomar dos fructos, assaz de gente.

14.^a **Sentido reforçativo**: pobre do homem, triste de mim, o bom do burguez, o ladrão do rapaz, o cachorro do vendeiro.

Obs. I Da b. latinidade veio o uso de inserir a prepos. *de* entre o adjectivo e seu substantivo para salteutar o attributo: o pobre homem = o pobre do homem. Tal processo extendeu-se entre dois substantivos em locuções taes como estas: o *ladrão do moço*, o *diabo do rapaz*, o *exquisição do velho*.

Synonymia. O largo desenvolvimento que teve no romance a prep. *de* e os variadissimos aspectos de suas relações abriram-lhe ampla synonymia.

a) Concorre com a prepos. *a* para exprimir relação de *modo*: matar de fome e matar á fome, andar de carro e andar a cavallo. Entre *de pé* e *a pé* ha differença de *modo*, que desaparece na combinação popular — *de a pé*, que, allaz, encontramos em Vieira. A tendencia é fixar-se uma ou outra dessas locuções adverbias de *modo*: andar de carro (no sul) e a carro (no norte), — a cavallo, e — de cavallo (pop.).

b) Concorre com a prepos. *per* e *por* para indicar o agente da passiva, com os verbos que exprimem affecto e alguns outros: amado por mim ou de mim, querido por todos ou de todos, cercado por soldados e de soldados, acompanhado por Pedro ou de Pedro. Esta concorrencia era mais frequente no v. port., Lus. 1. 50.

DESDE

785. A prepos. *desde*, da b. lat. *de+ex+de*, como se depreheende de sua propria formação etymologica, indica, com precisão mais rigorosa que *de*, o ponto de partida no tempo e no espaço: *Chove desde hontem até agora*, ou *de*

hontem até agora — Veio a pé desde o Rio até S. Paulo, ou do Rio a S. Paulo.

A fôrma *des* é archaiea.

EM

786. A prepos. *em*, do lat. *in*, indica hoje a relação fundamental de *logar onde*.

Em lat. ella designava duas relações: a) *logar onde*, regendo ablativo — *Sum in Italia* = *estou na Italia*; b) *logar para onde*, regendo *accusativo*: *Devenit in Italiam* = *veio á Italia*.

Na ling. antiga subsistiram as duas construeções; porém actualmente, no dialceto literario, só subsiste a primeira, a de ablativo ou de *logar onde*: *estar na sala, ficar em casa, correr na raia, andar em terra, viajar no mar, ir no bonde, subir na escada*.

“Na cabeceira do molmento do dito cavaleiro se levantou na palma semelhavil a esta que tragen os romeus que van en Jerusalem” (C. Arch., 113). — O povo, acerrimo conservador das tradições da lingua, ainda guarda no seu fallar esta construeção archaiea: *vou na cidade, chegou na estação*.

Todavia, na lingua moderna ficou este uso da prepos. em algumas phrases feitas e com alguns verbos de movimento:

Passar de mão em mão (de mão a mão), traduzir em portuguez (traduzir a portuguez), passar em limpo (A. V.) (passar a limpo), de bocca em bocca, de cidade em cidade — “E vou de dia em dia, de anno em anno. apoz hum não sei quê”. (C. Obs., 2, 98) — “O sermão se começa a tirar em limpo” (A. V., 1, 135) — “A Alemene, que torne em si” (C. Amph., act. 1.º, se. 6.ª) — “Indo dar em uma fonte” (Id., Filod.)

Destas duas relações fundamentaes de *logar onde* e *para onde*, muitas outras relações se desenvolveram, de sorte que as principaes relações indicadas pela prepos. *em*, são as seguintes:

1.ª **Logar onde**: *estar na sala, viver no campo, dormir em terra, volver-se no lamaçal, viajar em vagão de 1.ª classe, navegar em mar de rosa, dar com a lingua nos dentes.*

2.ª **Tempo em que**: *naseer em janeiro, — em 13 de maio, — em 1800, viajar em dias feriados, descansar nas ferias, es-*

tar na primavera, acabar em trez dias, chegar em uma semana, — em tempo, — em hora marcada, em janeiro, em 1915.

3.^a **Materia essencial** ou **virtual**: gravar em ouro, trabalhar em madeira, meditar em seu destino, pensar em negocios, fallar no mau e preparar o pau.

4.^a **Modo**: fallar em voz alta, pagar em ouro, viver em luctas, conversar em francez, pôr-se em pé, estar em paz, dividir em capitulos, separar em partes, ter em muito, — em pouco, dar em dote, — em refens, avaliar em pouco, — em um real, — em dez mil réis, calcular em duas arobas, — em cem braças.

5.^a **Fim**: fazer em honra, declarar em abono da verdade, arvorar em chefe, eleger em rei (Lus. 2. 20).

6.^a **Movimento proprio** ou **figurado**: com certos verbos e em phrases feitas, destroços como vimos, de passadas regencias: — verter em francez, converter em penedo, fazer em pedaços (fazer pedaços), precipitar-se no abysmo, cahir em pobreza, entrar em convalescença, — em casa, — nos quarrenta, metter-se em difficuldades, — em questões, de foz em fóra, andar de Ceca em Mecca, trasladar em lingua extranha, baldear em vaso proprio, dar em pantanas, — em agua de balela, — em falso, — em nada; cahir no laço — no engano, — em si, — em terra, fazer-se em copas (= ficar caçado) — em papos, entrar na igreja. — Dá-se em *precipitar-se no mar*, segundo E. Dias, uma antecipação do *logar onde*, uma como *prolepse* do pensamento.

ENTRE

787. A prepos. *entre*, do lat. *inter*, traz a idéa de posição intermedia de alguma coisa entre as coisas designadas pelo termo ou termos regidos: *ser elle encontrado entre dois outros; vê-lo posto entre mim e ti, descobri-lo entre a multidão, entre agradecido e queixoso.*

Quando a intermediação não se refere tão somente a dois objectos, a prepos. *entre* pôde ser substituida pela loc. prepositiva *no meio de*:

Descobri-lo no meio da multidão — Porque interpões um instrumento de morte entre mim e ti" (A. H., L. e N. I 97).

PARA

788. A prepos. *para*, do b. lat. *per+ad* (arch. *pera*) traz como a prep. *a*, que encerra em si, a idéa fundamental de direcção e movimento para alguma parte. As seguintes são as principaes relações que indica:

1.^a **Direcção:** olhar para o norte, — para a morte, — para as dificuldades, voltando para a direita, — para a esquerda.

2.^a **Movimento para um ponto no tempo ou no espaço:** ir para a cidade, — para a Europa, — para o sul, para aqui, e para ali; dirigir-se de um lugar para outro, entrar para o theatro (cf. ao theatro e no theatro); de hoje para amanhã.

Obs. As relações de *direcção* e *movimento* podem, quasi sempre, ser igualmente indicadas pela prepos. *a*; com a differença, porém, que *para*, por força da prepos. *per*, que encerra, indica essas relações com mais intensidade ou demora. Em virtude deste facto, dir-se-á: *A estatua de Cabral olha para o mar, e não ao mar; elle foi para o outro mundo, e não, ao outro mundo* (cf. rumo ao mar). Quanto ao movimento, *para* desperta a idéa de *demora* ou *permanencia*, e a ao contrario: *ir para o Céu e ir ao Céu, ir para o Rio e ir ao Rio. Entrar para o theatro*, suscita a idéa de permanencia, profissão, e *entrar ao theatro ou no theatro*, apenas a idéa de penetrar no edificio. No fallar pausado do Brasil, emprega-se mais frequentemente o dissyllabo *para*, que os portuguezes, os quaes dão preferencia em certas phrases ao monosyllabo *a*.

3.^a **Fim:** comer para viver e não viver para comer, collector para papéis, pó para dentes, estudar para saber, obedecer para evitar castigo, crer para a salvação, destinar para a marinha, eseva para cabelo.

Nota. Não raro a prepos. *a* e *de* concorrem com *para* para exprimir esta relação: *destinar a marinha, eseva de cabelo*.

4.^a **Tempo futuro:** isso só para o anno, lá para o mez que vem, — para daqui a pouco, estar para partir.

Obs. Com *estar* e algumas outras palavras, seguidas do infinito, concorre com *para* a prepos. *a*, denotando esta futuro mais proximo: *Estar para sahir e estar a sahir, ficar para arranjar os negocios e ficar a arranjar os negocios*. Com o gerundio a acção se annunela francemente actual ou presente: *estar sahindo, estar arranjando os negocios*. Deste modo distinguimos, no fallar do Brasil, tres momentos: *O navio está para sahir, a sahir e sahindo, o muro está para cahir, a cahir e cahindo*.

5.^a **Proporcionalidade:** a luz está para as trevas como o bem está para o mal; dois está para quatro, assim como quatro está para oito.

6.^a **Avaliação approximada:** vae para trez dias, lá para agosto; de quatro para (ou a) cinco leguas, de seis para (ou a) sete arrobas.

7.^a **Atribuição:** amor para a caça, respeito para os paes, inclinação para a pesca, gosto para as letras.

Obs. Nesta accepção pôde ás vezes ser reforçada com a prepos. *com*: respeito para com os paes, e soffre larga concor

rença da prep. *a*: amor á caça, respeito aos paes, inclinação á pesca. Ha tendencia para substitui-la pela prepos. *por* e *per*: respeito pelos paes.

POR e PER

789. Estas duas preposições são primitivamente distinctas não só quanto á sua origem etymologica, mas ainda quanto á seu valor significativo: *por*, lat. *pro*, indica como o francez *pour*, o *motivo*, o *objecto*, ao passo que *per*, lat. *per*, como o francez *par*, designa o *agente*, o *instrumento*, o *meio*. E' esta a distincção no lat. classico entre *pro*, que rege *ablativo*, e *per*, que rege *accusativo*. Porém, já na b. lat. estabeleceu-se confusão no emprego das duas particulas, como attesta Diez com a seguinte citação: *Per montes ac pro illis locis*. O conflicto declarou-se no v. port. c, já no sec. XVI, *por* supplantava *per*, que só se conservou na phrase feita — *de per si e de per meio*.

790. Debalde teem alguns escriptores, como Santos Sa-raiva em sua *Harpa de Israel*, procurado modernamente restitui-las a seu uso antigo, que se vê no seguinte passo de Leal Conselheiro de D. Duarte, sec. XV: *Per estas virtudes nos retemos de seguir as trees voontades desordenadas, e nos regemos per a quarta virtuosa* (L. Cons., 39). Sobre o ponto escreve José da Fonseca, auctor do dicio-nario, que traz o seu nome:

“Ha differença entre as preposições *per* e *por*. *Per* indica o *agente*, o *meio*; e *por* denota o *objecto*, o *motivo*, etc., como em francez *par* e *pour*. Os modernos escriptores confundem estas preposições; e, ignorando este principio logico, commettem anomalias absurdas. O nosso illustre Hieronymo Osorio, em uma de suas cartas, dá-nos um exemplo assáz notorio da differença das sobredietas preposições, e numa só phrase: “E viu o rei que as pessoas *per* que se governa el-rei, eram da Companhia, da sua cevadeira e feitas *per* ella, e *por* ella, e *para* ella ser tudo em tudo.”

791. Desapparecida a prepos. *per*, enriqueceu-se *por* com o seu valor significativo. Na phrase — *vou por agua* ha ainda hoje conflicto entre o valor original de *por* e de *per*: o portuguez interpreta a phrase, ao primeiro lance, dando a *por* o seu valor etymologico, primitivo; para o brasileiro a primeira idéa evocada é a do valor original



de *per*; para o primeiro *agua* é o *objecto*, o que elle busea; para o segundo *agua* é o *meio*, por onde vae, em contraste com — *por terra*. O portuguez guarda na dicta phrase o valor classico de João de Barros e Camões:

E tambem sei que tem determinado
De vir por agua á terra muito cedo (Lus. 1. 80)

Cabelos, los meus cabelos,
el-rei me enviou por ellos

(Dr. S. de Alm., O Ant. Vern., 55)

792. *Por*, enriquecida com a herança de *per*, que, entretanto, reaparece ante o artigo por euphonia, indica as seguintes relações:

1.^a **Substituição:** fallar por elle, comparecer Pedro por Paulo, — o advogado pelo réo, substituir um por outro.

2.^a **Estimação:** comprar por dois mil réis, avaliar por grande preço, estimar por sabio, ter por tolo, — por homem de bem, adoptar por filho, receber por esposa, tomar por gatinho, passar gato por lebre.

3.^a **Favor:** ser pela republica, não ser nem por um, nem por outro, luctar por um ideal — pela patria.

4.^a **Logar por onde:** passar por Lisboa, errar por montes e por valles, viajar por mar e por terra.

5.^a **Distribuição:** ponto por ponto, um por um, a tanto por dia, — por mez, — por anno, repartir por pobres.

6.^a **Extensão no tempo e no espaço:** viver por longos annos, parar por duas horas, viajar por longos mares, caminhar por duas leguas, por seculos dos seculos.

7.^a **Modo:** cantar por musica, dividir por partes, contar por partidas dobradas.

8.^a **Meio ou instrumento:** conseguir por influencia alheia, vencer por armas não carnaes, communicar-se por signaes, matar pela fome. — Sofre concorrência de *com* e *por meio de*: conseguir com influencia alheia, ou — por meio de influencia.

9.^a **Causa:** ausentar-se por doente, calar por prudencia, — por acanhado, fugir por temor (ou de acanhado, de temor).

10.^a **Agente da passiva ou causa eficiente:** ser venellido pelo inimigo, — preso pelo soldado, — torturado pela dor, — opprimido por cruéis suspeitas.

11.^a **Attestação:** affirmar por sua honra, declarar pela memoria de seus paes, — pelas cinzas de sua mãe.

Obs. Do paragrapho 6.^o em deante o valor significativo pertence, em geral, á prepos. *per* absorvida. Outras relações exprime ainda, taes como — *estar por concluir, agarrar pelos cabellos*. A prepos. *per* uão raro em composição tem valor de ad-

verbo intensivo, p. ex.: perfeito, perdurar, percorrer, perseguir, a que se aggrega, por vezes, sentido pejorativo: perverter, perder (perdar), perjurar. No port. arch. apresenta-se, ás vezes, separadamente, com simples valor adverbial.

SEM

793. A prepos. *sem*, do lat. *sine*, é antonyma de *com*, e designa *falta* ou *privação*: *estar sem recursos*, *fallar sem malícia*, *andar sem companhia*, *sem eira nem beira*.

SOB

794. A prepos. *sob*, do lat. *sub*, v. port. *sô*, antonyma de *sobre* e synonyma da loc. *debaixo de*, traz idéa de *posição inferior*: *estar sob a mesa*, — *sob ameaça*, — *sob o jugo*, — *sob o governo*; *disfarçar sob boas apparencias*.

SOBRE

795. A prepos. *sobre*, do lat. *super*, antonyma de *sob* e synonyma da locuç. *em cima de*, traz idéa de *posição superior*. Donde as seguintes relações:

1.^a **Situação superior**: *estar sobre a mesa*, *virem males sobre nós*, *ouro sobre azul*.

2.^a **Tempo**: *sobre a tarde*, *sobre o escurecer*, *sobre a manhã*, *sobre a noite* — Quasi *sobre a noite* houve vista delles (Barros).

3.^a **Excesso**: *sobre quêda colce*, *sobre uma catastrophe outra*, *sobre feio mau*, *sobre as forças*.

4.^a **Assumpto**: *fallar sobre politica*, — *sobre religião*, *discorrer sobre a guerra*, *escrever sobre moral*, *disputar sobre sciencia*.

TRAZ

796. A prepos. *traz*, do lat. *trans*, antonyma de *adeante* e synonyma de *após* e da locução prepositiva — *atrás de*, indica *posição anterior* ou *posposição*: *ir traz elle*.

Trazia dols pagens traz si (Barros, ap. Serões) — Caminhavão todos enfiados uns traz outros (L. de S.) — E traz ella vem logo oito mundanos (C. Obs. 3 1) — E' hoje pouco usual.



CAPITULO VI

CONJUNÇÃO

797. *Conjunção*, do lat. *conjunctionem*=união, é uma particula connectiva, que tem por funecção ligar entre si as proposições, que se agrupam para formar o periodo composto e complexo. E' ella, como a preposição, uma particula connectiva ou de ligação, porém distingue-se em ser um connectivo *proposicional*, ao passo que a preposição é um *connectivo intervocabular*. As proposições são membros do periodo, assim como os termos logicos são membros da proposição; estes se combinam para formar a proposição, e aquellas para formarem o periodo. Na combinação destas intervem a *conjunção*, e na daquelles a *preposição*. Dahi eerta analogia de funecção das duas classes de particulas.

Ainda um outro ponto de semelhança encontramos no caracter adverbial de ambas as particulas. Como as preposições, as conjunções exprimem eireumstancias de *tempo*, *logar*, *modo*, etc.; porém, como aquellas, distinguem-se estas do adverbio propriamente dito pelo seu caracter de ligação. E tão proeminente é, em algumas dellas, o caracter adverbial, que são por alguns catalogadas entre os adverbios, taes como — *quando*, *emquanto*, *como*. A connectiva *onde* é geralmente incluída entre os adverbios. Algumas outras são classificadas como adverbios, ou conjunções, conforme o seu papel na phrase de connectivo ou não, como — *tambem*, *finalmente*, *ora*, *logo*.

798. CARACTER EVOLUTIVO DAS CONJUNÇÕES. Dá-se com as conjunções o mesmo phenomeno evolutivo que se observa nas preposições, o qual consiste no esvaziamento paulatino de seu conteudo adverbial, no movimento historico de seu valor primitivo concreto para um sentido abstracto ou de mera relação. Nesta evolução historica, a approximativa *e* e a subordinativa *que* são as que teem chegado ao maximo grau da abstracção.

799. CLASSIFICAÇÃO DAS CONJUNÇÕES. Como as palavras no seio da proposição, assim as proposições no seio do periodo, combinam-se de dois modos na expressão comple-

ta do pensamento: a) por *coordenação*, e b) por *subordinação*. As conjunções, que teem por officio expressar essa dupla combinação, distribuem-se naturalmente em duas classes — as de *coordenação* ou de 1.^a classe, e as de *subordinação*, ou de 2.^a classe.

Coordenativas

800. As *conjunções coordenativas* approximam preposições que desempenham no periodo grammatical equal função logica, ou o mesmo papel syntactico; porém, apesar dessa egualdade de função, dá-se quasi sempre um augmento de sentido na coordenada em relação á coordenante, e esse augmento é expresso pela conjunção, que, nesse caso, não pôde ser eliminada. Succede, entretanto, ás vezes, que essa equivalência logica é completa, e, neste caso, a ligação é expressa pela approximativa *e*, que pôde ser supprimida sem alterar o sentido, deixando que a coordenação se effectue por mera *juxtaposição*.

801. CLASSIFICAÇÃO DAS COORDENATIVAS. As conjunções coordenativas, como se mostra no paragrapho anterior, ligam proposições de valor *equal* ou *desequal*. Dellas, pois, temos duas classes: a) a primeira é constituída pelas conjunções *approximativas* ou copulativas, e approximam ou unem meramente as proposições; b) a segunda é constituída por outro grupo de conjunções, eujos nomes assignalam o caracter da desigualdade da *coordenada* em relação á *coordenante*, taes como — *as adversativas, illativas, continuativas, etc.* (Vid. Gr. Expos. C. Superior).

Approximativas

802. A conjunção *e*, do lat. *et*, é de todas as coordenativas a mais simples, a mais abstracta, que indica, em geral, relação de mera approximação, e, por isso, pôde, sem offensa do sentido, ser supprimida, juxtapondo-se os termos coordenados em mera *collateralidade (asyndeton)*: *vim e vi e venci*, ou: *vim, vi, venci*. A conjunção *e* exerce a função das approximativas latinas — *et, ac, atque, que (pospositiva)*.



803. SENTIDO ADVERSATIVO E ILLATIVO. Não obstante o seu caracter geral abstracto de mera approximativa, apresenta a conj. *e*, ás vezes, na phrase, o sentido adversativo e illativo que tem *et* em latim e *kai* grego:

Nós neselos e vós sabios; nós fracos e vós fortes; vós nobres e nós desprezíveis (nos stulti, vos autem prudentes; nos infirmi, vos autem fortes; vos nobills, nos autem ignobiles) (A. P., 1. Cor. 4. 10) — Corra e não cala; a Egepeia linda e não pudica (C.) — “Tu crês que ha um só Deus: Fazes bem: mas tambem os demonios o erem e estremeçam” (A. P., Tiag. II. 19). Texto lat.: *Tu credis quoniam unus est Deus: Bene facis: et daemones credunt, et contremiscunt.* — Texto grego:

καλῶς ποιεῖς” καὶ τὰ δαίμονια πιστεύουτιν καὶ φρίσσοσιν.

Quando a coordenada negativa não tem expresso o verbo, *e* póde ser substituido por *que*:

D'ouro erão que não d'ai (G. V. 3. 56) — Maravilha feita de Deus que não de humano braço (Lus. 8. 24).

804. EXUBERANCIA NO USO DE *e*. No texto da Vulgata, guardou S. Jeronymo a exuberancia do emprego desta conjunção no original grego, e o P.^o Antonio Pereira de Figueiredo fez o mesmo, vertendo o lat. para portuguez, p. ex.:

Até esta hora padecemos até fome e sede, e desnudez, e somos esbofeteados, e não temos morada segura, e trabalhamos obrando por nossas proprias mãos (usque in bane horam et esurimus, et sitimus, et nudi sumus, et colaptilis credimur, et stabiles sumus; et laboramus operantis manibus nostris) (A. P. 1. Cor. 4. 11).

Chamam alguns a isto *estyllo biblico*. Independentemente, porém, deste uso biblico, bons auctores lançam mão desta exuberancia para pintar ao vivo uma certa agglomeração de cousas, como, p. ex., no seguinte trecho do Monasticon de A. Herçulano:

Porém, de gente de guerra e de hostes e de arraneada e de cavallarias e de besteiros e de frecheiros e de azes e de trous e engenhos, disso sei eu mais a dormir do que vós acordado, mestre João das Regras.

805. *Nem*. Esta conjunção, do lat. *nec*, é approximativa negativa; porém o seu sentido negativo original atte-



nua-se e, não raro, desaparece completamente nos velhos documentos da lingua, como observa Brunot:

Mais largamente e melhor que elles sabem demandar nem pensar (L. Cons. 55) — Apenas tem havido purpura antiga neu moderna, que por leves suspensas neste genero não se tingisse com sangue (A. V., S. 1. 123).

Nem tem muitas vezes o valor de *e não*: *Ali o deixei nem sei se vivo ou morto*. Porém, se o contraste é positivo, é vedado o emprego de *nem*: *Ali o deixei vivo e não morto*.

Adversativas

806. *Mas* (←≡≡≡ *magis*), *porém* (←≡≡≡ *proinde*), são conjunções synonymas, que pertencem á classe das *adversativas*, porque indicam que a *coordenada* por ellas exprime sentido contrario ou adverso ao da coordenante. Apesar, porém, da synonymia, distinguem-se em ser *porém* mais forte que *mas*, no contraste que exprime, apesar da opinião contraria de Epiph. Dias, e em ser *pospositiva*. Ambas são creações vernaculas, pois *mas* evoluiu do advérbio lat. *maigis*, que, entretanto, guardou seu valor de advérbio na forma divergente menos contracta *mais*; *porém* originou-se da combinação da prepos. por (←≡≡≡ *pro*) com o adv. do v. port. *en* (←≡≡≡ *ende* ←≡≡≡ *inde*), *por+en*:

Desafiade e mostrate
per mim esta razom,
se quizerem per talho
de reino de Leom,
fllhem *por en* Navarra
ou o reino de Aragon. (O Ant. Vern. 45)

807. REFORÇO. Era commum em lat. reforçar certas conjunções coordenativas com advérbios ou outras conjunções, como — *sed etiam, et enim, aut vero, et ideo, at tamen*. A semelhança do lat., reforçamos tambem algumas, como:— *mas tambem, e comtudo, e mais, e tambem, e pelo contrario, mas pelo contrario, mas antes*. O v. port. era mais abundante nesse reforço, e frequentemente empregava as seguintes combinações archaicas: *mas porém, e porém*.

E porém esta desesperança he bũa grande parte do seu sentimento (L. Cons. 117) — E porém vos peço por mercê que me deis licença (F. Lopes, Chr. de D. Fern. 23) — Aceitei este degredo voluntario, cuidando de achar nelle algum contentamento: mas porém bastalhe o nome para ser descontentativo (A. Arralz, 7).

Subordinativas

808. As *conjunções subordinativas*, como já o indica o nome, ligam proposições, subordinando-as. A sua função, portanto, na phrase é analoga á das preposições: estas indicam a subordinação de palavras, e aquellas a de proposições.

Esta segunda classe de conjunção tem por officio indicar uma relação complementar do sentido da proposição a que se prende, de sorte que a proposição subordinada por ella exprime sempre um termo logico da subordinante, estando sempre para com ella em relação de *sujeito*, *predicado* ou *complemento*.

809. VALOR ADVERBIAL. Esta classe de conjunção guarda mais que a primeira o seu conteúdo adverbial, que caracteriza os grupos em que ella se divide: *integrantes*, *temporaes*, *causaes*, *condicionaes*, *concessivas*, *modaes*, *finaes*, *comparativas*, *consecutivas*.

Integrante

QUE

810. De todas as conjunções da segunda classe é que a mais abstracta e a menos adverbial. E' ella, no dizer de Diez, uma simples palavra formal, sem significação sensível, mero connectivo da proposição subordinada. Não é facil, como reconhece o abalizado romanista supra citado, determinar a origem latina de tão prestadia particula, visto que as relações, que ella exprime em port., eram expressas por diversos modos em lat. Provavelmente (conjectura Diez) veio ella do pronome interrogativo *quid*, que, transformado em um pronome relativo neutro, tornou-se conjunção. Ligando sempre clausulas subordinadas ou pro-



posições completivas, indica a conjunção *que* as seguintes variadas relações:

1.^a *Relação subjectiva ou nominativa*, quando liga uma proposição-sujeito ao predicado:

Convem que elle vá, succedeu que elle foi, importa que elle viva, releva que elle fique, é necessario que elle estude, apraz-me que isso aconteça, é justo que nos levantemos, é força que eu eeda, é impossivel que vençamos, está decretado que morramos, é de justiça que o faça, é verdade que elle veio, é certo que virá, ficou assentado que pagasseis, tornava-se difficil que pudessemos veneer.

Nota. Estas clausulas conjuncionaes integrantes subjectivas podem ser reduzidas a fórmas infinitivas: *Convem ir elle, succedeu ter elle ido*, etc.

2.^a *Relação objectiva-directa ou accusativa*, quando liga uma proposição-regimen ao predicado:

Desejo que elle vá, quero que fique, affirmo que elle irá, prometti que elle iria, rogaria que elle fosse, estimei que isso apparecesse, fiz que apprendesse, vi que foi, senti que não achasse, mandei-lhe que se retirasse.

— E' frequente a ellipse de *que*, nesta relação: *Peço-vos mandeis, requieiro consintam*. (Vide Gr. Exp. C. Sup. § 471).

Nota. Algumas dessas proposições conjuncionaes objectivas comportam igualmente redução á infinitiva: *Affirmo ir elle, estimei apparecer isso, fi-lo aprender, vi-o ir, senti não ter eu achado, mandei-o retirar-se*. —

3.^a *Relação terminativa* que póde ser *genitiva e dativa*, quando liga a nomes e a verbos de significação relativa proposições, que são seus termos de relação:

a) *Genitiva*, quando vem regida da prepos. *de* (*de que*), após certos adjectivos e substantivos:

Elle é digno de que faça (equivalente á phrase verbal — merece que faça), estae certos de que eu estarei comvoseo (=asseguro-vos que eu estarei comvoseo), tenho esperança de que venhas (=espero que venhas), tenho medo de que isso se realize (=receio que isso se realize), convem notar o facto de que elle não estava prompto (=convem notar que elle não estava prompto).

Por influencia da phrase verbal equivalente, apparece quasi sempre elidida a prepos. *de*, e o mesmo acontece com muitos verbos. Exs.:

“Ela tinha esperança que se elle este fizesse que seu filho averia perfeita saude” (Mil de S. Ant., 22, ap. E. Dias) — “homem que faz sinal, que nega alguma eoussa” (Ib.) — “Pregador que pelega com as armas” alheyas, não hajais medo que derrube gigante” (A. V. I. 54, ib.) — “Estou certo que nenhum entendimento que tenha Fé, lhe pode achar resposta” (Id., ib.) — “Não ha duvida que os homens são peyores inimigos que os Demonios (Id., ib.) — “Eu folgaria muyto... que nos assentassemos” (II. P., ap. E. Dias) — “...hham outros queixar-se que ho Arcebispo hos desertava e tomava suas fazendas” (Diego Aff., 77, ib.) — “Admiras-te, Jacob, que eu... me deixasse vencer de ti?” (A. V. VII, 4, ib.) — “...todos concordão que...” (A. V. ap. E. D.) por — concordão *em que*. — Foi D. servido, que se achasse este padre em sua morte (*ser servido de ou em que*).

b) *Dativa*, quando vem regida da prepos. *a* (*a que*):

Exhorto-o a que obedeça, obrigaram-n-o a que fosse, impelliram-n-o a que partisse, forçaram-nos a que sahissemos.

Nota. Tanto as proposições de relação *genitiva* como as de relação *dativa* são reductiveis a clausulas infinitivas.

4.^a *Relação consecutiva*, quando liga a substantivos, a certos adjectivos e adverbios de significação *intensiva* ou *relativa*, uma clausula subordinada, que “exprime a acção do attributo” comprehendido na clausula subordinante; taes os subst. — *sorte, maneira, modo*, nas expressões — *de sorte que, de maneira que*: os adj. *tal, tanto, tamanho*, nas expressões *tal coisa... que, tantas coisas... que, tamanho... que*, e os adverbios — *assim, tal, tanto, tão*, nas expressões — *assim que, tal que, tanto que, tão (alto) que*.
Exs.:

Luctei de sorte que venel, lê de modo que se entenda, proferiu palavras taes que todos se admiraram, disse tantas cousas que fiquei maravilhado, causou tamanho abalo que ficamos aturdidos, dir-lhe-ei assim que elle venha, elle portou-se tal que todos o desconheceram, chorou tanto que não o puê supportar, sublu tão alto que o perdi de vista — “E chegou por tal guisa (arch. *maneira*) e assim caladamente que nenhum por então soube parte de sua vinda” (F. Lopes, Chr. de D. F. p. 6). — “... dizendo algum tanto alto que ouvisse ho Arcebispo” (Diego Aff., ap. E. Dias) — (Dante) deu catanada que se regalou nos inimigos da liberdade de sua patria” (G. Vlag. 41, ap. 8 ib.)

Relações analogas a estas temo-las nas seguintes phrases:

(que) esteja a padecer” = “—de que estar a padecer” (E. D.) — E’ corrente a ellipse, no dialecto literario, da conjunção *que*, quando introduz clausulas substantivas objectivas: “Temo se venha a descobrir quem fez o furto” (M. B., P. part., 2, § 7, ap. E. D.) — “...nem serei de parecer, se lhe negue o commungar cada dia (Id., ap. ib.) — Phenomeno contrario, isto é, o emprego pleonastico de *que*, era no v. port. mui frequente: “Alli se acordarom os Capitães *que* posto que as fustas fossem partidas per tempo contrairo humas das outras, *que* até que tornassem aquele mesmo Porto *que* a qualquer bom aviaamento, que lhes Deos dêsse *que* todo fosse comum...” (Azurara, Chr. de D. Pedro de Menezes, C. 42) — E’ corrente ainda hoje o emprego de *que* expletivamente, como mera *particula de realce*: “Quantos montes então *que* derribarão | As ondas que batiam denodadas (C., Lus. 6. 79) — “Desde o alvor da manhã *que* vos procuro (G., Cam. 10. 117, ap. E. D.) — “Desde muito que o somno é sempre breve para mim” (A. H. Eur. 268, ap. ib.) — Talvez *que* vá, certamente *que* irei, oxalá *que* elle viva, ah! *que* é muito!

2.^a No port. medio encontra-se outro... *que*, *igualmente que*: “Não de *outra* sorte a timida Maria | Fallando está, *que* a triste Venus quando | A Jupiter seu pae, favor pedia | Pera Eneas (Lus. 3. 106)” — *Igualmente que* linda lastimosa | Aljofar de seus olhos distillava (C., Son. 254).

Temporal

QUANDO

811. A relação de tempo, expressa em lat. por *quum*, é nas linguas romanieas expressa por *quando*, que, como conjunção latina, possui significação causal, já se resentindo, porém, do valor temporal de *quum* na época do lat. classico, valor que se desenvolveu e se impoz em toda a esphera do romance. Nos proverbios, e, em geral, no estylo elevado, é mais commum a anteposição da clausula subordinada pelo *quando*:

Quando não houver mais lenha, apagar-se-á o fogo, e des-terrado que seja o mexeriqueiro, apazlguar-se-ão as contendas (Cum defecerint lingua, extinguetur ignis. Prov. 26. 20) — Quando elle te fallar num tom humilde, não te fles nelle, porque tem sete malicias no seu coração (Quando submiserit vocem suam, ne credideris ei. Prov. 26. 25) — Quando os impios forem elevados, esconder-se-ão os homens (Cum surrexerint impii, abscondentur homines. Prov. 28. 28) — Quando o enfermo diz ai, o medico diz dae — Quando os doentes bradão, os fysicos ganhão.

Póde tal conjunção temporal ser precedida de uma preposição exigida por um termo da clausula subordinante: “Guarde isto para quando elle vier”, “mencionou factos de quando era elle menino”.

Obs. Ideologicamente *quando* corresponde a — *no tempo em que*; é, pois, em geral, uma palavra synthetica que logicamente encerra em si o *relativo* e o seu *antecedente* (*que* e *tempo*). Por isso repugna ao portuguez o emprego de *quando* com antecedente expresso, mormente se esse antecedente marca época ou tempo definito; neste caso deve *quando* ser substituido por — *em que*; não se dirá, pois — *o dia quando nasci, o momento quando morreu, o anno quando terminou a guerra*, mas — *o dia em que nasci, o momento em que morreu, o anno em que terminou a guerra*. — Senão *quando* traz a idéa de *quando subitamente*.

COMO

812. *Como* é largamente empregado como temporal no v. port. Veio-nos do latim *quomodo*, que da relação de semelhança desenvolveu no lat. *postclassico* a de tempo simultaneo ou successão immediata (M. Lübke):


Elle sahia, como eu chegava — Como El-Rey estava occupado com outras guerras, os subditos se rebelarão (Subditi rebellant, occupato aliis bellis Rege. Justin. ap. Bluteau) — O Cautal, como lhe encheram as mãos, e as orelhas, começou logo a fazer seu officio (Barros, Dec. p. 342) —

Como lhe vem amores novos,
Logo fazem outra banda (G. V., Ohrs. 2. 318)

Causal

PORQUE

813. Esta conjunção, formada no romance pela junção da prepos. *por* e da conjunc. *que*, expressa relação de — *causa, occasião* ou *motivo*: *Saiamos, porque é necessario, ou porque cessou a chuva*.

O lat. possuia duas particulas explicativas destas relações — *quia* e *quoniam*: a primeira indieava simples explicação do porque da acção, e a segunda a sua razão determinante. O port. guardou até o sec. XVI a fórmula *ca* ←  *quia*: *Ca lhe quer melhor ca my* (Chrest. Arch. p. 221).

814. Além de *porque*, outras combinações vernaculas



vieram substituir as conjunções *causales* lat., taes como: — *visto que, pois que, já que, porquanto*, etc. Entre os classicos não raro apparece a modal *como* com valor *causal*. Exs.:

Vallam naquelle tempo os livros muito como não havia impressão (Souza, H. S. D. 1. 9) — Como esteve dous dias sem comer cousa alguma, a febre lhe passou de repente (Cùm biduum ei abstinuisset, subito febris decessit, Cic., ap. Blut.) —

E *como* o Gama muito desejasse
Piloto pera India que buscava,
Culdou que entre estes Mouros 'o tomasse
Mas não lhe succedeu como cuidava. (Lus. 2. 70)

E, *como* hia affrontada do caminho,
Tão fermosa no gesto se mostrava,
Que as estrellas, o céu, o ar vizinho,
E tudo quanto a via namorava. (Lus. 2. 34).

Final

PARA QUE

815. Para as relações de finalidade não possui o portuguez, senão combinações vernaculas, taes como — *para que, afim de que*, e, ás vezes, *que*. A latina *ut*, que ligava causas finaes, foi, na b. lat. do see. V em deante, substituida por *quo*, depois por *quod*, e finalmente por *quid* (M. Lübbe). Esta ultima reforçada ordinariamente pela preposição (para, afim de), deu-nos as finaes vernaculas — *para que, afim de que, que*. Não raro no dialecto literario apparece a preposição *por* reforçando *que*, e dando-nos *porque* com o valor de conjunc. *final*. Exs.:

Tu, que as gentes da terra toda enfreias, que (=afim de que) não passe o termo limitado (Lus. 6. 27) — Sabedes... en como el Rei dom afonso anriquiz... lhis deu onras e coutos e liberdades e contias porque (=para que) vivesem honrados (Q. da L. Port., p. 235).

Obs. As clausulas finaes conjuncionaes são reductiveis a clausulas infinitivas regidas de preposição *para*: *enfreias as gentes da terra toda para não passarem* o termo limitado — E se alguma cousa hy á pera emendar, eu o coregerel se me deus d'aqui tira (Q. da L. Port., p. 235).

Condicional

SE

816. Do lat. *si*, com a transformação natural do *i* em *e*, nos veio a condicional *se*, que liga uma clausula subordinada condicional a uma subordinante hypothetica, tendo esta geralmente o verbo no modo condicional e aquella no conjunctivo imperfeito: *eu faria, se pudesse; eu teria feito, se tivesse podido*.

Entre os classicos era mais commum empregar-se na proposição condicional e na hypothetica o *mais-que-perfeito* do indicativo, que por isso é considerado em nossas conjugações como a 2.^a fórma do imperf. do condicional, e a 2.^a fórma do imperf. do conjunctivo: *eu fizera, se pudera; eu tivera feito, se tivera podido*. Exs.:

Não teve resistencia, e se a tivera, mais damno resistindo recebera (Lus. 2. 69) — Se a vira o caçador... nunca os fâmilhos galgos o mataram (Lus. 2, 35).

817. Quando á hypothetica queremos dar caracter menos vago, podemos empregar o fut. do indic. correlacionado com o fut. do conjunct.: *eu farei, se puder*. E ainda, com este mesmo intuito, podemos empregar o imperat. na hypothetica correlacionado com o indic. pres. na condicional: *faze, se podes*. Aparece, ás vezes, o indic. pres. da condicional correlacionado com o indic. fut.:

E se alguma coisa hy á para emendar, eu o coregerei, se me deus d'aqui tira (Q. da L. Port. p. 235) — Se as esperam, esperarei tambem caso que não prefiram o estarem-se aqui sós (A. C., O Mis. p. 23)

818. A temporal *quando* funciona ás vezes como *condicional*: *Quando me dessem o mundo inteiro, não iria*. Já no lat. observava-se phenomeno identico com a temporal *quum*: *quis non, quum hæc videat, irriserit* (Diez, Gr. L. R. III. 327).

Nota Diez que casos ha em que a propos. hypothetica se annuncia pela simples ordem das palavras: *houvesse elle lido os modelos da antiguidade, fora mais correto*. (Cf. o lat. *Volueris, de bulha faeiet piscem*. Petron. 70).

Nota. No v. port. *senão* (se + não) = *excepto*: ... todos vão *senão* eu (G. V.)

Concessiva

AINDA QUE

819. As conjunções concessivas em geral, são locuções vernaculas: *ainda que*, *embora* (em boa hora), *se bem que*, *posto que*, *por mais que*, *por menos que*, *por pouco que*, *por muito que*, *mesmo que*, *desde que*, *seja que*... *seja que*, *quer*... *quer*, *em que*, *que*. Também funcionam ás vezes como concessivas — *embora*, *quando*, *quando mesmo*. As concessivas approximam-se ideologicamente das *condicio-naes*, e, por vezes, o matiz de differença é subtil.

As clausulas concessivas, em geral, teem o seu verbo no conjunctivo; comtudo o indicativo é muitas vezes empregado, quando o facto apresentado na clausula concessiva é encarado como real. O indicativo é mesmo mais commum entre os classicos. A concessiva *ainda que*, que leva hoje, em regra, o verbo ao conjunctivo, rege frequentemente, em nossos classicos, o indicativo, e entre os quaes é commum a fórma — *em que* = *ainda que*. Exs.:

Ainda que a malicia *escurcece* a verdade, não a pôde apanhar (Bluteau) — Ainda que *somos* de Beja, não nos lançam da Igreja (Prov.) — Ainda que *sou* toska, bem vejo a mosca (Prov.) —

Se algum-hora meu cuidado
Vos der dor, *em que* pequena;
Peço-vos, pois, fui culpado,
Que vos não peze da pena
De quem vos foi tão pezado (C., Ohrs. III, 108)

Não raro no v. port. emprega-se *que* como concessiva.

Foy e serey sempre d'ela:
meu corraçam esquece-la
nam quer, nem pode, *que* queyra
(Canc. Geral, II, 172, ap. E. D.)

O delfim de meu sentido,
no Nilo *que* está mettido,
i-lo-hel ver por baixo d'agua (Prestes, ap. lb.)

As conjue. *se bem que, posto que*, prestam-se elegantemente á elisão do relativo:

“E’ exactamente o quinto canto dos Lusíadas aquelle em que o vate revelou as mais intensas faculdades de sua creadora phantasia, *se bem* não soube libertar-se das cadeias mythologicas na soberba feição do Adamastor (L. C., Est. Ae. I. 108) — “...calumnias vertidas sobre as cinzas de indivíduos que não se podem defender, mas que as academias de hoje, *posto* valham menos do que elles, não devem deixar sem pleno desagravo.” (A. H., ap. E. Dias)

Algumas concessivas assumem, com bom effeito estylistico, a função de adverbio pela elisão do verbo em phrases nominaes:

O juiz ainda que (seja) severo, parece justo (hesp.: el juiz aunque severo parece justo; fr.: la pièce a reussie quoique faible de style, Diez).

Nota. *Sem embargo que, não embargando que, não embargente que*, eram concessivas do v. port.

820. Independentemente de conjunções concessivas, podemos enunciar a idéa por ellas expressas de um outro modo; empregando-se, p. ex., a prepos. *por* antes de um adjectivo ou substantivo seguido de *que*: *por bella que seja* ou *por mais bella que seja, não o encanta; por douto que sejas, não me podes convencer; por mais disereção que tenhas, não lhe agradará* (ef. hesp. *por docto que seias, non me puedes convencer, por mas diserecion que tengas, fr. pour grands que soient les rois, ils sont ee que nous sommes* (Diez).

Semelhantemente: — *Seja quem for que o diga, não o creio; quem quer que seja, não deixe de entrar; seja qual for o seu merito, não o recebas; livre ou captivo, ouvi-me; ceda ou resista, será preso; quer ceda quer resista, será preso; fosse ao fim do mundo, eu o acharia; desabasse o céu sobre mim, eu fallaria* (fr. *dût tout cet appareille retomber sur ma tête, il faut parler, Raë., ap. Diez*.

Modal

COMO

821. Para indicar a relação de *modo*, dispunha o lat., segundo M. Lübke, de cinco conjunções: *ut, quem, admodum, quasi, quomodo, quam* (comparativo). Destas o port.



guardou como ← quomodo, para introduzir as clausulas modaes: *Portou-se como devia — Folgara eu saber, como vae o negoeio (Seire aveo, quomodo res se habeat. Cic., ap. Bluteau).* E' ella tambem empregada, como vimos, para indiear relações de tempo, mormente no v. port. E' igualmente aproveitada para introduzir as clausulas comparativas de egualdade, e não é isso de extranhar visto a grande afinidade ideologica entre as relações de modo e as de comparação de egualdade: *Saul foi tão orgulhoso, como David foi humilde.* — Não raro é reforçada com o adv. tambem: *Eu mesmo tenho experimentado na pessoa de teu filho, como tambem na de teus irmãos (Sensì ego eum in filio tuo, tum in fratribus tuis, Cic., ap. Bluteau).*

Fórma muitas vezes locução com *que* — *como que: estava como que arrependido (Moraes).* A loc. *como se* é frequente: *Eu lhe quero, como se fora meu irmão (hunc amo perinde atque si frater meus esset, Cic., ap. Blut).* Porém, nesta combinação a analyse descobre a ellipse da clausula modal, p. ex.: *Eu lhe quero, como quereria se fora meu irmão.* Logicamente as duas conjunções introduzem proposições.

Obs. No v. port. emprega-se *como que* equivalente a *como se*: *Como que as minhas não bastassem (B. Rib., Ech. I. 15 v., ap. E. Dias) — “Bati com o punho em meu peito como que me confessava”. (S. de M., Cart. 384, ap. lb.) — Tambem se encontra segundo como, segundo que, conforme como: “Segundo que ho Papa lhe tenha mandado” (D Aff., ap. E. D.) — “desejar as cousas conforme como deve ser” (Fr. A. de S., ap. E. D.)*

CAPITULO VII

INTERJEIÇÃO

822. A *Interjeição* propriamente dicta, é uma exclamação monosyllabica e viva, e mais parece voz de instinetto animal que expressão verbal de uma idéa. Apesar, porém, de sua manifesta semelhança com os gritos animaes na expressão rapida de uma commoção momentanea, ella se differencia profundamente destes em ser o grito de uma alma racional, que traduz, com a viveza do sentimento, uma noção synthetica da actividade intellectual.

Razão tiveram os antigos romanos para incluí-la no domínio grammatical, contra os que lhe negam os foros de palavra.

E' ella, entretanto, uma palavra *sui generis*, não, por certo de “um caracter logico ou didactico, mas de um caracter rhetorico e dramatico”; uma palavra collectiva, synthetica, onde se fundem muitas idéas na rapidez da expressão; palavra lançada, como nos diz o seu etymo (de *interjicere*=lançar entre), entre os termos da phrase, com caracter independente, sem relação syntactica; em regra, com as outras. Manifestação subita do pensamento, é ella uma linguagem universal, pois ha, em geral, uma semelhança instinetiva entre as interjeições originarias de todas as linguas. Dahi a sua importancia, como alguém já o disse, do ponto de vista philosophico, como exacto psychographo do espirito humano.

Na ordem genealogica das categorias grammaticaeas, deve ella occupar o primeiro logar, como manifestação espontanea do pensamento.

No desenvolvimento posterior que ella foi adquirindo na evolução da linguagem, temos mais uma prova de seu caracter intellectivo. Neste seu desenvolvimento historico podemos basear a seguinte distribuição em trez grupos.

823. CLASSIFICAÇÃO QUANTO Á ORIGEM. Quanto á sua origem, as interjeições podem-se agrupar em trez classes:

- 1.^a **Instinctivas:** ai, ah! oh! eh! lh, hul! hum! ha ha! ho ho! ó, chi! irra! arre, (arab. harre), apre! upa! holá! olá! olé! eh! eh! eh! heim?!
- 2.^a **Onomatopicas:** tá, pá, tic tac, bum, zás trás, chape, ufhh!
- 3.^a **Convencionaes:** qual! avante! eis, eia, sus (← sursum), sio! psio! silencio! bravo! viva! coragem! basta! que massada! mau! bom! peor! melhor! bis! hom'essa! alto lá! mal peccado! (arch.=por mal dos peccados! ou dos meus peccados!) chiton! (fr. chut donc), caluda! oxalá! (do ár. in-xa'llah =queira Allah), tomára! A estas devemos acrescentar as seguintes de moderna importação: — hip! hip! hurra! halló!

824. CLASSIFICAÇÃO QUANTO Á NATUREZA. Quanto á sua natureza ou sentido as interjeições, como vimos na *Gramm.*

Expositiva, classificam-se conforme a natureza dos sentimentos, que expressam: de *dor*, *alegria*, *desejo*, *animação*, *applauso*, *aversão*, *appello*, *silencio*. Cumpre, porém, advertir que em muitos casos é mais a entoação da voz que decide da categoria do sentimento. Fóra, entretanto, dessa classificação da grammatica expositiva, devemos ainda distinguir dois grupos de interjeição, que tem deixado traços na historia da lingua:

- 1.ª **Deprecativas:** bofá! bofé! (=boa fé), adeus! (a+Deus ou, segundo outros, ay-Deus), tomára! tomára elle! oxalá! embora! (arch.=em boa hora).
- 2.ª **Imprecativas:** Cruz! credo! cruz credo! avemarla! mal-peccado! t'arrenego! abrenunco! vade-retro! arreda! leramá, eramá, aramá, (arch.=em hora má, lat. mala hora) maôchas (arch.=má hora: Maôchas, que eu diga isto=má hora seja em que eu disser isto, Bluteau).

825. CLASSIFICAÇÃO QUANTO Á FÓRMA. No desenvolvimento historico das interjeições devemos incluir as *locuções interjectivas* ou interjeições compostas:

Aquí d'el-rei (arch. aque d'el-rey), hom'essa ! ora sus! hou lá! olá! ô de casa! ô lá de casa! ô de fóra! ô lá de fóra!

826. Quanto ás relações propriamente syntacticas das interjeições pouco ha que dizer, Palavras autonomas na phrase, raramente assumem ellas uma feição relacional, que é da essencia da syntaxe. Podemos, entretanto, notar que algumas dellas assumem character adverbial, p. ex.: *eis*, *eis-aqui*, capituladas por alguns em adv. de *designação*; *oxalá*, chega, até, a levar o verbo para o subjunctivo, e não raro aggrega a si a connectiva *que*: *oxalá que seja feliz!* *Ai* rege a prepos. *de*: *ai de mim!* A interjeição *ó* denuncia vocativo. Exs.:

O' menino, vem cá! — Maochas que eu cukde tal (longe *absum ab illa cogitatlone* (Bluteau).

Hou da barca, hou lá. — Quem me chama? (G. V., Ohrs. 1. 229) —

Hl, hi, hl. De que me rlo? (G. V. Ohrs. 3. 16)

Amainae! áquedelrei!

Que nos imos alagando (G. V. Ohrs. 2. 468).

Ora, sus, sem mais debate
Dize o A. B. C. D. E.
Arre, arre, cedo é (Ib. 496)

Onde vás? Por esse chão
Quereis bailar? Bofá, não. (Ib. 513)

Hui, e elle falla aravia!
Olhade o nabo de Turquia!
Falla aramá Portugal. (G. V. Ohrs. 3. 96)

E não posso, mal peccado.
Põe cramá hi o arado. (Ib. 1. 347)

Jesu! Jesu! que he ora isto?
Ave Maria!! Ave Maria!
Qu'he de meu cão qu'eu trazia?

Ay flores, ay flores do verde pyno!
Se sabeodes novas do meu amigo!
Ay deos! E hu é?

Ai! cal-te, mulher, cal-te!... Oh! sacratissima Virgem!...
Peior, peior! acudiu a rodeira (A. H., Mon. 165, 166) — Cal-
iuda, frade! rugiu elrei (Ib. 287) — Pfhhh! assoprou a beata...
Coitada! Muito calma? Heim?... E' de frigrir ovos! T'arrene-
go! Pfh! (Ib. 96) — "Olé, Ruy!"... "Psio, Ruy Casco, dia-
bo!" "Estás louco, maldicto?" "Fuso!" "Oh! excommunga-
do!"... "Fóra bêbados!" "Oh, uh, uh!" — uivaram os dous...
(Ib. 86 e 88).



PRINCIPAES OBRAS CONSULTADAS

- F. DIEZ — Gr. des Lang. Romanes.
W. MEYR LÜBKE — Gr. des Lang. Romanes.
E. BOURCIEZ — E'léments de Ling. Romane.
M. BRÉAL — La Sémantique, Diction. Etym. Latin., Caus. sur.
l'Orthographe.
A. HOVELACQUE — La Linguistique.
A. DARMESTETER — Cours de Gr. Historique.
F. BRUNOT — Précis de G. Historique.
K. BRUGMANN — Abrégé de Gr. Comparée.
C. P. MASON — English Grammar.
A. TOBLER — Mél. de Gr. Française.
J. V. GINNEKEN — Princip. de Ling. Psychologique.
C. AYER — Gr. Comp. de la Lang. Française.
A. BELO — Gr. de la Lengua Castellana.
VITERBO — Elucidario.
J. M. GUARDIA e J. WIERZEISKI — Gr. de la Langue Latine.
CHIASSANO — N. Gr. Latine, Gr. Grecque.
RIEMAN — Gr. Latine.
ACADEMIA ESPAÑOLA — Gr. de la Lengua Castellana.
DR. LEITE DE VASCONCELLOS — Liç. de Philologia Portugueza,
Text. Archaleos.
G. VIANA — Ortog. Nacional, Vocabulario, Pronuncia Normal,
Apostilas.
JULIO MOREIRA — Est. da Ing. Port.
A. CORTESÃO — Subsídios.
SOARES BARBOSA — Gr. Philos. da L. Port.
J. J. NUNES — Chrestomathia Archalea.
DR. ERNESTO C. RIBEIRO — Serões Gram. 2.ª edição, A Red. do Proj.
do C. Civil.
A. COELHO — Questões da L. Portugueza, Text. Port.
A. RIB. DE VASCONCELLOS — Gr. Historica.
MARIO BARRETO — Noviss. Estudos.
JOÃO RIBEIRO — Gr. Port., Dicc. Gram.
PACHECO JUNIOR — Gr. Port.
F. JOSÉ FREIRE — Reflexões.
HERACLITO GRAÇA — Factos da Linguagem.
H. BRUNSWICK — Dicc. da Antig. Ling. Port.
CANDIDO DE FIGUEIREDO — O Probl. da Collocação dos Pronomes
D. NUNES DE LEÃO — Orthographia.
OSCAR NOBILINO — As Cant. de D. Joan G. de Guilhade.
DR. SILVIO DE ALMEIDA — O Antigo Vernaculo.
DR. RUY BARBOSA — Projecto do C. Civil Braz.
WITHNEY — La Vie du Langage.

- GIACOMO DE GREGORIO — Man. da Sciencia da Linguagem.
DOMENICO PEZZI — Introduction à l'étude de la Science du Lan-
gage.
ALBERT DAUZAT — La Vic du Langage.
RAMIZ GALVÃO — Voc. etym., orthogr. e prosodico.
F. R. DOS SANTOS SARAIVA — Nov. Dicc. Lat. Port.
P.º RAPHAEL BLUTEAU — Voc. Port., 10 vols.
DOM DUARTE — Lcal Canselheiro, ediç. de Roquete (1842).
LUIZ DE CAMÕES — Ohrs. 3 vols. (1852), Lus., ediç. de E. Dias.
P.º ANTONIO VIEIRA — Ohrs. 11 vols. (1954).
P.º A. PEREIRA DE FIGUEIREDO — Tradução da Biblia Sagrada.
FRANCISCO M. DO NASCIMENTO (F. Elys.) — Fabulas.
P.º MANOEL BERNARDES — Excerptos, por A. de Castilho.
FRANCISCO DE MORAES — Chron. do Palm. de Inglaterra (1869).
J. F. DE VASCONCELLOS — Seg. Tavola Redonda, Euphrosida.
GIL VICENTE — Ohrs., 3 vols. (1852).
F. DE SÁ DE MIRANDA — Ohrs., ediç. Rolladdiana.
F. R. I. E. L. — Adag., prov., rifãos, e anexins.
FERNÃO MENDES PINTO — Peregrinações, ediç., Rollandiana.
GARCIA DE REZENDE — Llv. Class., ediç. de A. de Castilho.
FERNÃO LOPES — Chron. de D. Fernando, ediç. L. Cordeiro.
JOÃO DE BARROS — Decadas, Reg. Officida, 1777.
Frei LUIZ DE SÓUZA — Hist. de S. Domingos, V. de D. Fr. Ber-
tolameu.
J. ALVEZ — Chr. do Infante D. Fernando.
AMADOR ARRAIZ — Dialogos.
ALEXANDRE HERCULANO — Port. Monumenta.
E. DIAS — Syntaxe Hist. Port.

Além destes, compulsámos largamente as obras dos classicos mencionados na p. VI, logo após o Prologo.



INDICE

	Pag.
Introdução	1
LINGUAGEM	1
GLOTTOLOGIA	1
Origem da linguagem	3
Desenvolvimento da linguagem	5
Classificação das linguas	6
Problemas	8
PHILOLOGIA	9
Como a glottologia se separou da philologia	10
GRAMMATICA	12
Correntes e methodos historicos	13
Grammatica historica	15
Phonologia	16
O Alfabeto	17
Phonetica	20
PHONETICA PHYSIOLOGICA	20
Theoria das vogaes	22
Theoria das consonantes	25
Classificação dos phonemas	28
Theoria dos grupos phoneticos	28
PHONETICA HISTORICA	32
Syllaba	32
Accento tonico	35
Accento graphico	36
Determinação da tónica	38
Character da evolução phonetica	40
Leis glotticas	41
Metaplasmos historicos	50
Origem dos phonemas	59
VOCALISMO	59
GRUPOS VOCALICOS	65
Hiatos	65
Diphthongos	67
Consonantismo	68
Grupos consonantæ	77



	Pag.
Fórmãs divergentes	85
Fórmãs syncreticas	87
Fórmãs intermediarias	90
A GRAPHICA	91
Evolução da arte de escrever	92
Orthographia	94
Systemas orthographicos	95
Reformas da orthographia	100
Reforma brasileira	100
Reforma portugueza	102
Crítica das reformas orthographicas	111
Morphologia	116
Elementos morphologicos	117
Estructura das palavras	120
Theoria das categorias grammaticaes	121
As categorias grammaticaes quanto á funcção	123
Analogia de funcções	134
As categorias grammaticaes quanto á evolução	135
As categorias grammaticaes quanto á flexão	139
Flexionismo	139
Flexão do substantivo	141
" " adjectivo	149
" " pronome	151
" " verbo	153
Etymologia	157
Etymologia dos substantivos	161
" " adjectivos	164
" " pronomes pessoaes	169
" " verbos	169
" " adverbios	178
" das preposições	179
" " conjuncções	180
" " interjeições	180
CONSTITUIÇÃO DO LEXICO PORTUGUEZ	180
Mobilidade do lexico	181
Neologismo e archaismo	181
Fórmãs syncreticas	184
Fórmãs divergentes	184
O dialecto	185
O portuguez no Brasil e em Portugal	187
O dialecto indo-portuguez	190
Os elementos do lexico	192
Thematologia	194
Derivação	195
Composição	212
Elementos estrangeiros	235
SEMANTICA	245
Tropos	249
Outros processos semanticos	253



	Pag.
Archaismo e Neologismo	259
Syntaxe	263
Processos phraseologicos do portuguez e do latim	264
Estrutura oracional romanica	265
Processos relacionaes do lat. e das ling. romanicas	269
Sujeito	275
Predicado	283
Complemento	287
Ordem	296
Topologia pronominal	304
Regencia	314
Concordancia	329
PERIODO GRAMMATICAL	335
Periodo composto e complexo	341
Classificação das proposições	342
Desenvolvimento historico de algumas propos.	347
SYNTAXE HISTORICA DAS PALAVRAS VARIAVEIS E INVARIAVEIS	350
Substantivo	350
Genero dos substantivos	354
Evolução generica em portuguez	358
Genero neutro	360
Genero dos compostos	365
Numero do substantivo	366
Plural dos coneretos em sentido generico e especifico	367
O plural de alguns substantivos	368
Adjectivo	369
Concordancia do adjectivo	371
Graus do adjectivo	376
Artigo definido	386
Artigo indefinido	393
Artigo partitivo	394
Demonstrativos	396
Conjunctivo ou relativo	401
Possessivo	420
Numeraes	427
Cardinaes	428
Ordinaes	431
Fraccionarios	434
Multiplicativos.	434
Adjectivos e pronomes indefinidos	434
Pronomes pessoaes	443
Pronomes de reverencia	453
Verbo	458
Voz activa	467
Voz passiva	472
Voz reflexiva	481
Verbos impessoaes	484
Verbos periphrasticos	488
Modos	491



	Pag.
Tempos	507
Flexão pessoal do infinitivo	508
Emprego do infinitivo pessoal e impessoal	509
Regras para o emprego do infinito pessoal e impessoal	519
Participios, gerundio e supino	523
Adverbio	538
Preposição	550
Conjunção	563
Coordenativas	564
Subordinativas	567
Interjeição	577

ERRATA

Erros	Emendas	Páginas
Whitney	Whitney,	187
Embora... termos	Embora... termos,	298
	Syntaxe historica das pala- vras variaveis e invariaveis	350
Reforpar	reforçar	406
Empregadas	empregar	432
Ciphram-se	cifram-se	510



INDICE ANALYTICO

Os numeros indicam os paragraphos, excepto quando precedidos de "pg. = pagina".

- Ablativo** pag. 141, 389, 394.
Abrandamento 99, 1.^a.
Abreviaturas pg. VI.
Accento 79, tónico 77, graphico 81, pg. 108.
Accusativo 389, 392, 631.
Accentuação grega pg. 46, d.
Adjectivo 195, classif. 196, 197, affinidade com o subst. 200, 252—261, 529, emprego 530—535, concord. 533, graus 536—552, determinativos 553, artigos 554—565, demonstr. 566—579, conjunct. 580—600, possessivos 601—604, numeraes 605—611, indefin. 612—627.
Adverbio 208, 750, funcç. 751, origem 753, locuç. 753, 3, classific. 754, archaico 771, o feminino e o s adv. 772.
Affixo pg. 117, 351.
Africano 347.
Agente indeterminado 400, 401.
Agglutinação 325.
Agglutinativa ling. 22, 3, b.
Alphabeto 50, invenção 51, modificação 52, deficiencias 53, reforma 54, phases 51.
Amalgamantes linguas pg. 7.
Americanismo 348.
Americano 348.
Ampliado predicado 417 c.
Analogia principio 90—4, 96; natureza e extensão 97, phenomenos 98, de funcções 215.
Analyse dos sons 58, altura, intensidade, duração e timbre 58, quantit. 62, qualit. 63, qualitativa 63.
Analytico caracter pg. 265.
Analytismo pg. 265.
Anglicismo pg. 184.
Anomalo ou *irregular* 266.
Antithese 100.
Apical pg. 27, b.
Apassivante processo 680.
Apherese pg. 55.
Apocope pg. 56.
Apophonia pg. 55.
Apostropho pg. 111.
Apparelho de phonação 57.
Arabe 339.
Aravio pg. 190.
Archaismo pg. 183, semantico 371—375.
Artigo 254, 554, defin. 555, uso 557, posic. 559, emprego 561, indef. 562, partit. 564, orig. 565.
Aryco pg. 7.
Asiatico 22—4.^a, pg. 8, 346.
Assimilação pg. 53—54.
Attracção pg. 55, 5.^a, pg. 376.
Attributo 654.
Augmentativo 232, suffixo pg. 202 e 209, 552.
Auxiliar 662, 693.
Basco *euskaro* ou *vasconço* 335.
Brasileirismo prosodico pg. 188, syntact. 633, 635.
Cardinaes 607.
Caso etymol. 223, lat. e equival. vern. 388, nominat. 389, genit. 390, dativ. 391, accusat. 392, vocat. 393, ablat. 394, recto e obliquo 631—644.
Catachrese 358.
Categorias grammaticaes 182, origem 183, funcção 184, 185, analogia de funcção 215, evo-

- lução 217, flexão 221.
Celtico pg. 8 e 237.
Clinez 22.
Classificação linguas 22, geogr. 22—1.^a, ethnol. 22—2.^a, morphol. 22—3.^a, schema pg. 7, genealog. 22—4.^a, physiol. das vozes 64, consonancias 66, prefix. 314, das proposiç. 500.
Clausulas 503.
Codialectos 282.
Cognomes ou appellidos 251.
Collectivo univers. 613, 3.^o.
Comparativo 237, grau 536—541, relação, pg. 575, 5.^a.
Complemento 418, classific. 419, essencial 420, accidental 432, object. 421, regido 423, classific. 419, terminat. 426, attribut. 433, circumst. 436.
Completivo subjectivo pg. 274.
Composição 298, por prefix. 307; por juxtaposiç. 319, por agglutin. 325; hybrido 328, vernac. 323, por agrupamento 323, 1; por locuç. 324.
Composto typo synthet. e analyt. 299, por coordn. 301, ellipt. 301 b; por subordin. 302, por prefix. e loc. verbal 324; genero 304; numero 305; orthogr. 320; natureza 324, origem 322, latinos pg. 231; gregos 333, predicado 418 f.
Comprehensão do subst. 185, 186.
Concordancia 476, syllépse 478, do sujeit. 479, 480, do verbo *parecer* 483, do adj. 533—535.
Condicional 696.
Conjugação 242, periphrastr. 693.
Conjunção 212, 797, evoluç. 798, classific. 799, coordenat. 800, approxim. 802, adversat. 806, subordinat. 808, integrante 810, temporal 811, causal 813, final 815, condicion. 816, concessiv. 817, modal 821, valor adverbial 798.
Conjunctivo adj. e pron. 588—596, cujo 597.
Connectivo partic. pg. 270.
Consoante theoria 65, sorte 132, inicial 135, final 136, medial 139, grupos 140.
Consonancia 65, classificação 66, 66 I, 66 II, 66 III.
Consonantismo 131.
Consonantização 99, 3.^a.
Contagio 362.
Continua 66.
Contractão vide *syncope*.
Coordenação 301, 378, 499.
Coordenativa 803, classific. 801.
Correlativos 613 4.^o.
Corrente 37, popul. 146, 281 1.^a, erud. 147, 281 1.^a, extrang. 148.
Crase pg. 53, 121.
Crítica das refor. orthogr. 171.
Cruzamento 464, 467, 471, 473, pg. 570.
Dativo pg. 143, 381, 395, ethico 391, 641, do pronom. 638.
Declinação 223, pg. 270.
Demonstrativo 566—579.
Depoente vb. 264.
Derivação vern. e extrang. pg. 188; 292, propria 293; improp. 297.
Desinencia pg. 119.
Deslocação da tónica lat. 94, causas 94, 1.^a e 2.^a, *nivel*, *alvedrio* 95 e Obs. I, por systole e diastole 95 Obs. II.
Determinativo adj. e pronom. 553.
Dialectação 89, 2.^a.
Dialecto 283, 281, indo-port. 285.
Diástole pg. 48, 95 obs. II.
Diérese 69 e, f.
Digamma 52, 53, 2.
Diminutivo 233, suffixo pg. 209, 210 e 212, 556.
Diphthongação 100, 4.^o, 123.
Diphthongo 69, decresc. 69 a, 70, cresc. 69 c, 127, novos 130.
Diphthongação 99, 4.^o, 122.
Disciplina grammatical 279.
Disconcordancia 482.

- Discurso** 384, 484, 489, 497.
Dissimilação pg. 55.
Dissyllabo 74.
Distributivo lat. 611, 3.º, *senhos* 609, 4.º, *nõa* 609, 5.º, 613.
Divergente 144, causas 145, 280.
Dravidica familia de ling. pg. 7.
Dual 227, 525.
Duplas 144, 280.
Elementos morpholog. pg. 117, do lexico 286, lat. 287, vernaculo 289, extrang. 334.
Encadeamento 361.
Enclise 453.
Encliticos 453.
Epenthese 101, 2, pg. 52, d.
Epithese 101, 3.
Escrepta 158, figurat. 51 a, 158 I, symbol. 51 b, 158 II, ideograph. 51 c, 158 III, phonet. 51 d, 158 IV.
Esdruzulo 83, c, pg. 47. e.
Estructura 179, oracion. 381.
Etymologia 243, 244; principios 245; do subst. 247, patronym. 250, appell. 251; do adj. 252; do pronã pess. 261; do verbo 264; do adv. 267, prep. 270, conj. 271, interj. 272.
Euphonia ou *rythmo* 91.
Euphemismo 365.
Evolução phonet. 89, 143, da arte de escrev. 158, semant. 350, tropolog. 354, gener. 516.
Expictivo 314, 1.º.
Explosiva 66—I—2.º.
Expoente gener. 226, numer. 227.
Extensão 188, 189.
Factitivo 677, 3.º, 691, 1.º.
Familia de ling. 22, philolog. 291.
Figurativa escripta 158.
Flexão do subst. 224, do adj. 234, do pron. 239, do verbo 241, orig. das flex. gradativ. 231, rhizotonica ou forte 266.
Flexionismo 222.
Flexiva, *organica* ou *amalgamante*, ling. pg. 7.
Fôrma divergente 144, 280, syncret. 150, 278, intermed. 156, typica hypothet. 181, dupla 280, nominaes do infinit. 703.
Fracccionarios 610, 144.
Francez 340.
Francezismo pg. 182.
Frequentativo 693.
Fricativo 66, 1.º.
Gallego 281, codialect. 282.
Generalização do particul. 352.
Genero e especie 187, 225, lat. 226, 367, 518, do composto 304, orig. 514, signific. pg. 355, tradic. pg. 362, evoluç. 516, ambiguid. 517, do adj., substant. 515, neut. 519, vestig. do neut. 521, do compost. 523.
Genitivo 223, 390, 390, 462.
Germanico 338.
Germanismo p. 184.
Gerundio 703, 738, 743, funcções 747, 748.
Glottica 5.
Glottologia 16, como se separou da Philologia 28.
Grammatica 1, 29, geral 31, 32, 33, partic. 34, historica 35, 38, exposit. 36, correntes e methodos 37, historica 38.
Graphica 6, 157 — evoluç. 158, 158.
Grau 230, origem 231, augmentativo 232, diminutivo 233, do adj. 236, comparat. 237, superl. 238, do adj. 536, compar. 537—541, superlat. 542—552.
Grego 336.
Grupo phonetico 67, vocalico 68, 69, 119, consonantal 71, 140, — lat., roman. proprio, homorgan., heterog. 140, de coord. e subordin. 386.
Gutturacs 64, 66—II, III.
Hebraico 337, *diaspora* 337 b.
Hemiphonas ou *semivog.* 66—1.º, 1.º.
Hespanhol 341.
Hespanholismo p. 182, 341.
Heterorganico pg. 27 f.

Hiato pg. 32, 69 b, 119.
Hieroglypho 158, II.
Hispano-romano 287.
Hybridismo 328, 329.
Hybrido 330.
Homophonía 53, 4.
Homorganica pg. 27 f.
Hungaro 345.
Hypállage pg. 285.
Hypérthese pg. 52; c. 102, 2.
Hyphen pg. 110, IV.
Hypotaxe 378.
Icto 77.
Imperativo 697.
Imperfeito tempo pg. 500.
Impessoal vb. 690, classific. 691, accidental 691, II.
Inchoativo pg. 489 e 490.
Indefinido 257, adj. e pron. 612, classific. 613, numeræes 605.
Independente prop. 500.
Indicativo 695.
Indo-européa pg. 7, 8.
Infinitivo 702, 719, nomin. 703, puro e prepos. 704—706, flex. pessoal 724, 725, difficul. 726, emprego 727, regras de S. Barbosa 728, regras de Diez 737, uso clas. 734, regras 736.
Inglez 343.
Intensivo valor pg. 569, 4.^o.
Interjeição 214, 822, classific. 823—826.
Interrogativo propos. 507, 586.
Intransitivo, 675—677.
Italiano 342.
Italianismo pg. 184.
Juxtaposição 319.▲
Labial 64, 66 II.
Latim liter., pop., barb. b. lat. 287.
Lei glottica 90, menor esforço 91, princip. de transição 92, persist. da tónica 93, princip. de analogia 96, 97, 98.
Letra 52.
Lexico constituição 273, mobilidade 274; pg. 188, elementos 286, lat. 287, vernac. 289.
Lingua 11, viv. 13, mort. 14, ex-

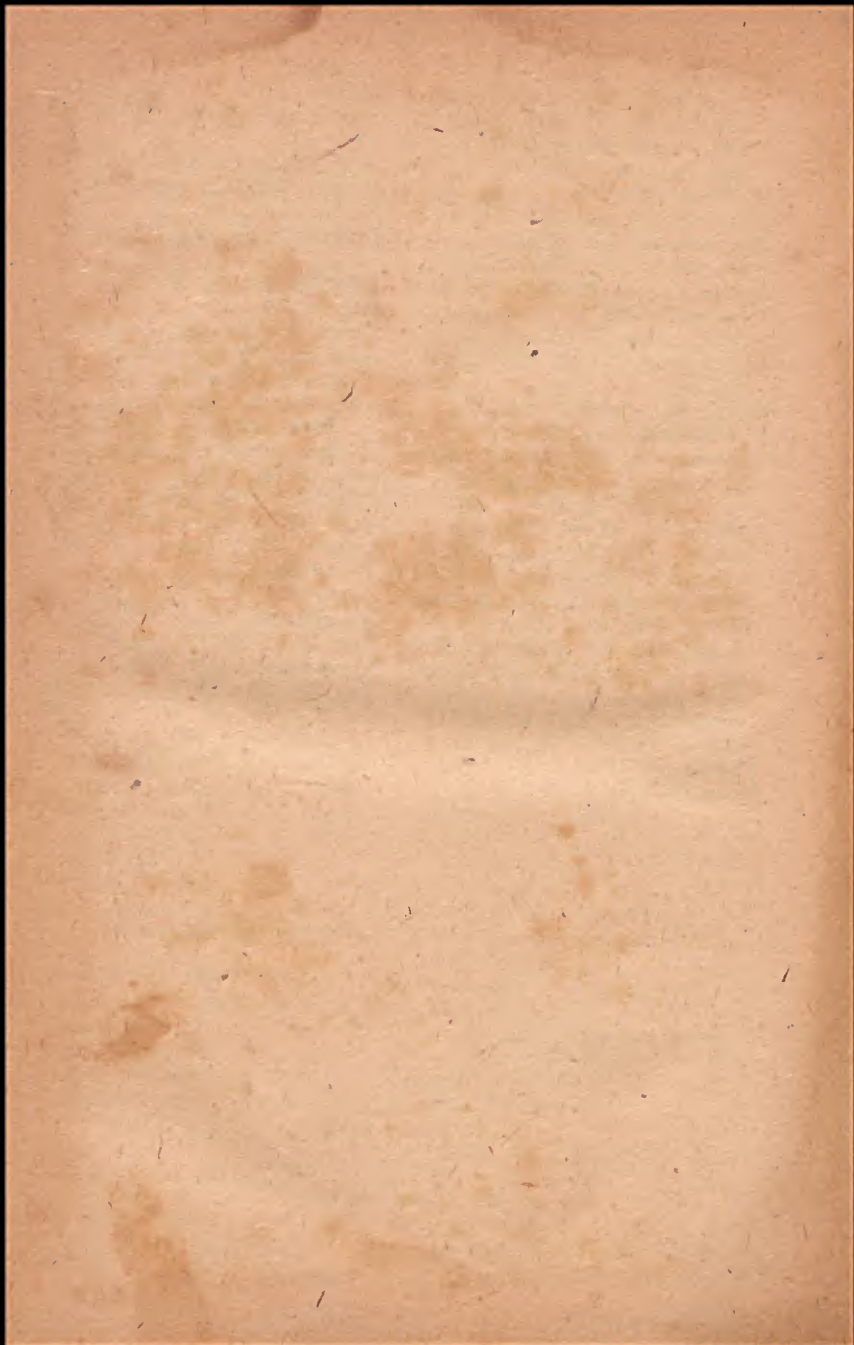
tinct. 15, classific. 22, geograph. 22, 1.^o; ethnolog. 22, 2.^a; morpholog. 22, 3.^a; pg. 7; genecalog. 22, 4.^a, monosyllab., agglut. e flex., pg. 6, 7, orig. 23, peninsul. 335.
Linguagem 2, glot. 5, graph. 6, mimic. 8, orig. 17 I, 19, localiz. 20, desenvolv. 21, probl. 23, 23.
Linguística 16.
Líquida pg. 27 d.
Locução 324, adv. 753, 3, interject. 885.
Mais-que-perfeito pg. 501.
Mesoclise 455.
Metaphora 354.
Metaplasmo 98, antithese 99, abrand. 99, 1.^a, vocalização 99, 2.^a, consonant. 99, 3.^a, diphthong. 99, 4.^a, metath. pg. 54, hyperth. pg. 54, cpenhth. pg. 54, alongam. pg. 54, crase pg. 55, assimil. 55, dissimil. pg. 56, apophonia pg. 57, apherese 100, 1, syncope 100, 2, apocope 100, 3, prothese 101, 1, epenth. 101, 2, epith. 101; 3, metath. 102, 1, hyperth. 102, 2.
Metáthese pg. 52, b 102, 1.
Menor esforço 90, 91.
Metonymia 356.
Mimica linguag. 8.
Modal 828.
Modo 265, 694, indic. 695, cõndic. 696, imper. 697, subjunct. 698, infinit. 702, optat. 698, 3.^o.
Monosyllabo 74.
Morphologico elemento 175.
Morphologia 172, 173.
Nasal 66—1.^a, 2.^a e, III b.
Nasalação pg. 54.
Negação 757, 758.
Neo-latino 22, 4.^o b.
Neologismo 275, semantic. 375.
Neutro 519—522.
Nome propr. do comm. 192—193, 353, generaliz. 352.
Nominal predicado 411, 412.
Nominativo pg. 143, 390.

- Numeraes** 256, 605, cardin. 607, ordin. 608, emprego 609, fracção. 610, multiplicat. 611, distrib. 613, indefin. 607, 5.º.
- Numero** 227, histor. do plur. 229, do composto 305, ordin. 256 d, fraccion. 256 d, 525, 530, plur. dos concret. 527, 528, distribut. lat. 749.
- Objectivo** palavr. 216, 421.
- Objecto** direct. 421, regras 423, classific. 425.
- Oclusiva** 66—I, 2.ª.
- Onomatopéa** 19.
- Optativo** pg. 493.
- Oração** vide *proposição*.
- Ordem** 438—448, valor 442—448, posição do attrib. 447, regras 448, topologia pronom. 449, historic. 451.
- Ordinal** 608, emprego 609.
- Origem** linguag. 17, 19, flexão 231, 1.º, appell. 247, subst. prop. 248 f. duplas 144, infinit. pess. 725, do *s* e femin. adv. 772.
- Orthographia** 159, systemas 160, reformas 168, brasil. 169, portug. 170, critica 171, compostos 320.
- Oxytono** 83.
- Paciente** 661, 1.º, 669, 678.
- Palavra** 179, 189, forma typica 180, hypothet. 181, object. e subject. 216.
- Paradigma** 266.
- Parasyntethico** verbal 332 a, nominal 332 b.
- Parasyntetismo** 331, 332.
- Parataxe** pg. 278.
- Paroxytono** 83.
- Participio** 703, 738 pass. 739, 740, present. 741, 742.
- Particula** connectiva 382, de realce 463, apassiv. 646.
- Partitivo** art. 564, orig. 565, 613.
- Passiva** 678, impress. pg. 476—480.
- Patronymico** 249.
- Pejorativo** 364.
- Perda** 100.
- Perfeito** tempo pg. 499.
- Periodo** da linguag. 18, 21, 384, 485, 489, 498, comp. e complex. 498.
- Periphrastico** vb. 693.
- Permuta** ou *anithes*. 99.
- Pessoal** pron. 239, 628.
- Philologia** 24, separação da Glottol. 28, familia philolog. 291.
- Phonema** 57, 65, classific. 66, origem 103.
- Phonetica** 55, physiologica 56, aparelho de phonação, 57.
- Phonologia** 45.
- Phrase** 378, plano 381, verbal e nominal 385, 461, 488, definição 496.
- Plural** — orig. do *s* expoente 228; histor. 229; concret. 527.
- Polysemia** ou radiação 359.
- Polysyllabo** 74.
- Polysynthetica**, *olophrastica* ou *incorporante* 22, 3.ª b.
- Portuguez** pg. 8, no Brasil e em Portugal 284.
- Posição** valor 365, — grammat. 442, 445, 446, do attrib. 447, regras 448, dos membros da propes. 456—459, do art. 559.
- Possessivo** 601—604, emprego 604.
- Predicação** 408, 409.
- Predicado** 407, 408, typo nomin. 409, typo verb. 410, indir. 416, classific. 417, posiç. 461.
- Prefixação** 307, 309.
- Prefixo** pg. 176, 308, classificaç. 314; origem 315; lat. 316; gregos 317; funcção 318.
- Preposição** 210, 773, emprego 775.
- Principal** propos. 502.
- Principio** 90, de transição 92, de analogia 95, 96, 97.
- Processo** phrasolog. do port. e lat. 379, relacional 387, de indeterminação do sujeito 404, de Syntaxe 437.

- Próclise** 454.
Proclíticos pg. 38, 454.
Pronome 203, 258, função 204, collocaç. 449, historic. 450, indefin. 612, classific. 613, *alguem, ning. outrem* 615, *algo, al* 610, *nada* 617, *delles* 620, *cada qual* 623, *tudo* 624, 625, *um e outro* 627, pess. 628, declinaç. 629—631, emprego 631—, —648, reflex. 644, part. apassiv. 646, de reveren. 649—651, outros pron. 652, 653.
Pronominal vb. 683, 689.
Proparoxytono 83.
Proposição 381, 386, intercal. 461, hypothet., interrog. direct. e indirect. 461, 507, 508, definiç. 486, 487, 493, classific. 500, 503, princip. 502, subord. 503, historia 504, 508.
Prosodia pg. 188.
Próthese 101, 1.
Provençal pg. 8 b.
Qualidade da voz 63.
Qualificativo 195, 252, 529, 529.
Quantidade 75, 3.^a.
Quantitativo 62.
Quêda ou perda 101.
Quinhentismo 284.
Quinhentista 284.
Radical pg. 117.
Raiz pg. 117.
Reduplicação 548.
Reflexo pron. 644, 645, voz 681—689.
Reforço 101, 807.
Reforma do alfabeto 54, orthogr. 168—171.
Regencia 460—475.
Regimen directo 465.
Relação syntact. 388, subject., accusativ., genitiv., dativ. consecutiv., comparativ. 810.
Relativo adj. 580, *que* 581—584, *quem* 583—591, *qual* 593—594, *cujo* 597—600.
Reverso som. pg. 27 c.
Rhetico pg. 8 b.
Rhizotonica 1, flexão 266.
Romance 361, a.
Romanço, *paladino* ou *ladino* 281.
Romanica, ou *neo-lat.* pg. 8, estrutura oracional 381.
Romanização 287.
Rumeno pg. 8 b.
Russo 344.
Rythmo 91.
Sânskrito 525, pg. 8.
Semantica 349, evolução 350, generalização do particular 352, especialização de geral 353, condições historicas 363, degener. 364, posição dos termos 366, differenc. morphol. 369, — region. 370.
Semica 3.
Sentença, 381, 487.
Som 58, analyse 58.
Subjunctivo 693, independ. 696, nas claus. subordin. 700, 701.
Subordinação 303, 378, 499.
Subordinada 503.
Substantivo 186, genero e especie 187, 514, comprehen. e exten. 189, appellat. e prop. 190, synt. 509, orig. primit. 515, funcç. logica 511.
Suffixo 176; 293; 351; orig. e valor 294; nominal pg. 196; *-aria* c *eria* pg. 199, verbal 295; adverbial 296; *-eria* pg. 200.
Sujeito 382, 395, aspecto 396, em nominat., accusat. e dat. 397, latente 398, regido de prepos. 399, indeterminação 400, orig. lat. 401, 403, indeterminado 405, em accusat. ou dat. 469, 470, regido 472.
Superlativo 542—552, reduplicaç. 548.
Supino 738.
Syllaba 73, classific. dos vocab. 74, classific. das syll. 75, — quanto á *natureza* 75, 1.^o, quanto á *posição* 71, 2.^o, quanto á *quantidade* 71, 3.^o, quanto á *tonicidade*, 71, 4.^o; tónica,

- atónica e subtónica 82, de-
terminação da syll. tónica
em lat. 85, em port. 86, 87,
em vocab. extrang. 88, per-
sist. da syll. tónica 93.
- Syllepse** 478.
- Synecrético** fórm. 150, 151, 279.
- Synecrétismo** 152, 279.
- Syncope** pg. 56, 126.
- Syndetica** coordenação 386 a.
- Synédoche** 357.
- Synérese** pg. 29, d., 52, a.
- Syntaxe** pg. 189, pg. 263, histor.
377.
- Synthetico** character pg. 265.
- Synthetismo** pg. 265, 679.
- Systema orthographico** 160,
phonet. 161, etymolog. 162—
165, mixto 166, 167.
- Systole** pg. 46, 47, Obs. III.
- Tempos** 707—749, simplés e
compost. 708, valor signific.
709, do indic. 710, do imperat.
711, do condic. 714, do sub-
junct. 716, do infinit. 719, in-
finit. pessoal 724—736, inde-
pend. 737.
- Terminativo** compl. 426, classes
427—431.
- Thema** pg. 118.
- Thematologia** 290.
- Tonicidade** 58.
- Tónico**—accento 77, 78, 79, po-
sição 83, persist. 93, deslo-
cação 94.
- Topologia** pronominal 449, his-
torico 450, 451, regras 452.
- Transposição** 102.
- Transitivo** directo 669, indire-
cto 672, 674.
- Triphthongo** pg. 32.
- Tropos** 354.
- Verbo** função 206, flexão 241,
conjug. 242, de ligação 412,
syntaxe 654, subst. e adj. 655,
656, *ser* e *estar* 657—661, *ter*
e *haver* 662—666, impess. 690
—692, periphra. 693, transi-
t. direct. 669—671, transit.
indirect. 672—674, intransit.
675—677, *fazer*, *deixar*, *ver*,
ouvir 671.
- Vernaculo** 270.
- Vocalismo** 104.
- Vocalização** 99, 2ª, 118.
- Vogal** historia 104.
- Vocativo** pg. 141, 393.
- Voz** 59, triangulo 61, analys.
quantitat. 62, qualit. 63,
classific. 64, 667, activ. 668,
passiv. 678—680, reflex. 681—
690.





PARECER DA CONGREGAÇÃO
DO
GYMNASIO DO ESTADO DE S.PAULO

Parecer apresentado pela comissão nomeada
para examinar a Grammatica Historica do sr.
Eduardo Carlos Pereira

A recente grammatica do nosso illustre collega sr. Eduardo Carlos Pereira, proposta para o 4.º anno gymnasial, preenche, de facto, uma lacuna muito sensivel: na quasi totalidade das congeneres anteriores, mesclavam-se as noções historicas e as da lingua actual; e, na unica excepção da de Ribeiro de Vasconcellos, havia innegaveis deficiencias, sobretudo pelo que diz respeito á syntaxe, importantissimo estudo até hoje descurado. O novo compendio, recommendavel pelo acêrto da doutrina, clareza e methodo da exposição, sobre estar organizado de accôrdo com o programma official, fórma um todo homogenco com a Grammatica Expositiva do mesmo autor, já vantajosamente seguida no curso dos tres primeiros annos.

Por tudo isso, e porque contém muita materia nova e interessante, somos de opinião que seja não só approvedo senão ainda immediatamente adoptado.

S. Paulo, sala das Congregações do Gymnasio, aos onze de Setembro de 1916. (Assignados): Silvio de Almeida — Frederico Luiz Dulley — Luiz Antonio dos Santos.

Secretaria do Gymnasio Official da Capital de São Paulo,
14 de Outubro de 1916.

O secretario,
ARMANDO PINTO FERREIRA



OPINIÕES

SOBRE A

GRAMMÁTICA HISTÓRICA

Meu prezado colega e sr. Eduardo Carlos Pereira: Felicito-o sinceramente pela publicação de sua "Gramática Histórica", da qual teve a bondade de remeter-me um exemplar.

O meu ilustre confrade junta aos seus outros notáveis trabalhos sobre a língua portuguesa mais este que aqui tenho sobre minha mesa e que acabo de ler integralmente e com detenção, linha por linha, e que hei de consultar a cada passo nos meus estudos. O meu colega mostra-se inteirado de todos os progressos da Filologia românica, e isto não de um modo atropelado e superficial, senão com pleno e maduro conhecimento, e com a habilidade necessária para adaptar os resultados desta investigação ao ensino dos estudantes dos nossos liceus. Que me conste, uma só gramática histórica da língua portuguesa tínhamos até agora, — a do Dr. Ribeiro de Vasconcelos, professor da Universidade de Coimbra, obra oficialmente aprovada em Portugal, e recomendada por eminentes glotólogos, nacionais e estrangeiros. Uma vantagem vê-se logo que leva a gramática histórica de Eduardo Carlos Pereira sobre a do ilustre catedrático de Coimbra, e é que este não tratou da Sintaxe, — lacuna realmente sensível, tendo-se limitado á Fonologia e á Morfologia. Da sintaxe tratou o meu distinto colega de S. Paulo com método e grande cópia de doutrina.

A gramática histórica que o sr. acaba de dar á luz, se for introduzida em nossas escolas, creio que produzirá excellentes frutos, e será para o ensino do português o que são para o francês as obras de Darmesteter, de Clédat, de Brunot, ou para o castelhano a de Menéndez Pidal.

Disponha do affecto de seu admirador e indigno colega,

MÁRIO BARRETO

Rio, abril 14 de 1916.

S/C., rua Paula Freitas, n. 97, Copacabana.

Lisboá, 14-V-916.
(Rua Estefania, 92, 1.º)

Illmo. Sr. e meu respeitável confrade

Cumpro um dever gratíssimo, agradecendo a V. Ex.^a a cativante amabilidade da oferta da sua "Gramática Histórica".

Li-a com muito interesse, e, á parte a minha incompetencia para a julgar no que ella tem de essencial, afigura-se-me que há nella muito que aprender e muito que louvar, graças á provada competencia do autor e á dedicação que lhe devem os estudos desta natureza

Cr.º de V. S.^a

Muito apreciador e grato,

CANDIDO DE FIGUEIREDO

Victoria, 17 de Junho de 1918

Exmo. Sr. Prof. Eduardo Carlos Pereira:

.....
.....
... Folheei attentamente as suas paginas todas e confesso-lhe francamente que lá encontrei ensinamentos, explicações, origens e verdades, que nunca vira estudados pelos mais eximios e profundos exegetas do idioma luso.

Methodo claro, exposição intuitiva, rigor de linguagem, largo conhecimento dos nossos classicos — cis os invulgares dotes, que fazem de V. Ex.^a o mais alto e autorizado lustre da philologia nacional

ELPIDIO PIMENTEL

(Lente de Litteratura da Escola Normal de Victoria)

.....
.....
"A Federação", Porto Alegre
(Junho 5, 1919).

.....
.....
Surge, agora, porém, a Grammatica Historica do dr. Eduardo Carlos Pereira, lente cathedraticeo do Gymnasio do Estado de São Paulo.



Póde-se dizer que é um trabalho completo, e nem mais se poderia exigir do autor, um nome consagrado já na philologia portugueza.

Entre os capitulos que mais nos interessam no livro do dr. Eduardo Pereira salicntamos o da "Semantica" e o da "Syntaxe".

O primciro thema, tem sido entre nós, até hoje, raramente, objecto de estudos, não obstante a sua grande importancia; e na "Grammatica Historica" referida, o autor cuidou d'elle com a attenção que muitos aqui não lhe haviam dado, a não scr Pacheco da Silva Junior.

Scndo a "Semantica" o estudo das leis que presidem á mudança de sentido das palavras, através da sua evolução no tempo e no espaço — bem se vê o valor de um trabalho que tenha por fim coordenar e systematizar essas leis até agora pouco observadas.

O dr. Eduardo Pereira conseguiu realizar a codificação dessas leis.

Quanto á "syntaxe" podemos affirmar que até o prescnte — jamais nenhuma grammatica vernacula — alcançou neste ponto o grão de perfeição e desenvolvimento que se encontra na "Grammatica Historica", cuja appareição auspiciosa estamos annunciando.

Foi talvez porque s. s. lamentasse "que o zelo péla reforma de nossa orthographia, o qual de tempos a tempos, explode com certa intensidade — não se volte para o estudo e reforma de nossa syntaxe, cuja importancia substancial está pedindo, em muitos pontos, a elucidação autorizada de nossos literatos — foi por isso talvez — repetimos — que s. s. se empenhou em desenvolver, com largos traços, este capitulo da sua "Grammatica".

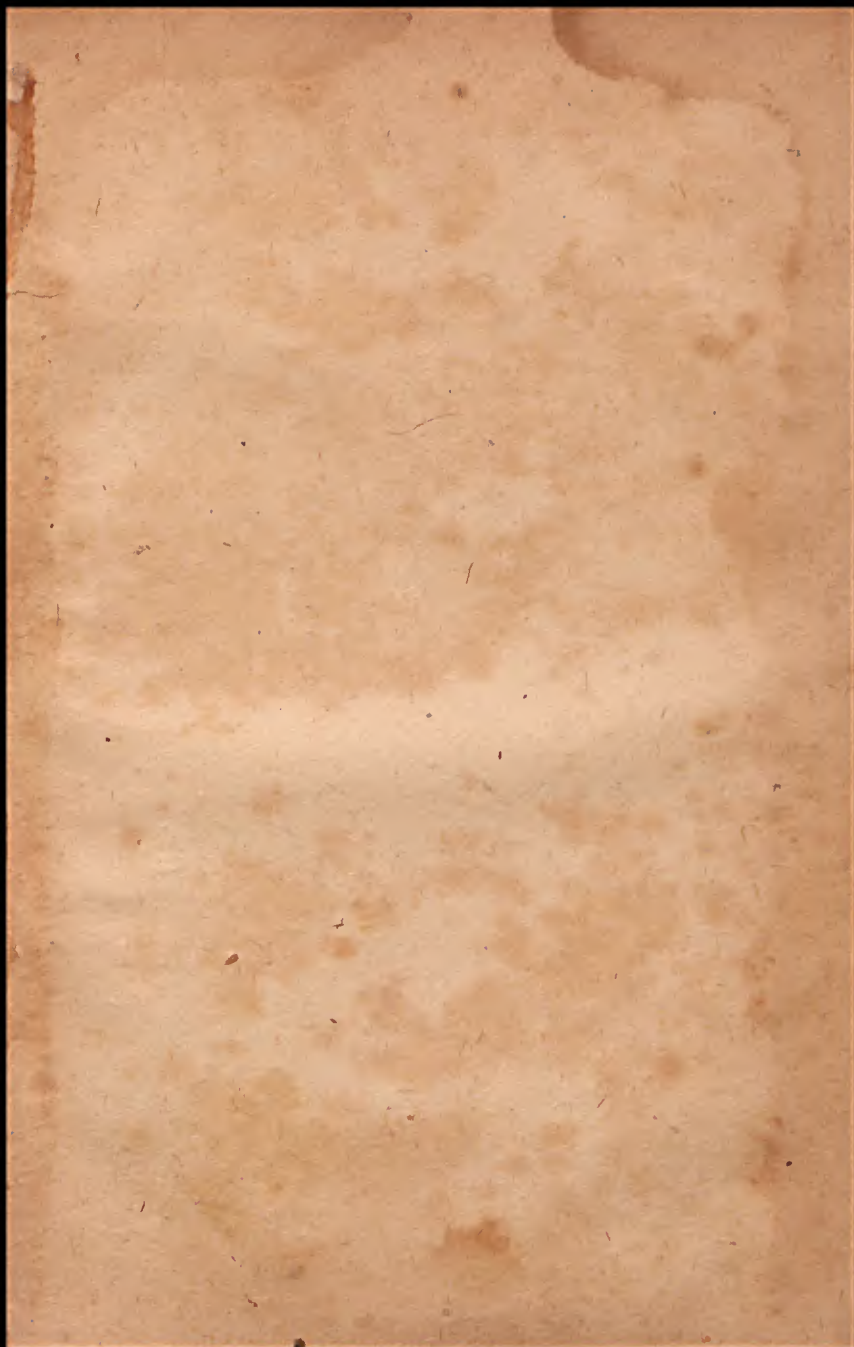
O livro do illustre dr. Eduardo Carlos Pereira, eleva, recommenda e honra a cultura brasileira — principalmente neste assumpto em que — pode-se dizê-lo — lhe coube a primazia no arduo e difficil empreendimento.

Na bibliotheca dos estudiosos da lingua portugueza — deve ter logar saliente a "Grammatica Historica" do dr. Eduardo C. Pereira, como já o tem a sua "Grammatica Expositiva".

Grato ficamos ao autor pela honra com que nós distinguui, offertando-nos um exemplar do seu trabalho, que recommendamos, com o mais vivo interesse, a todos os que prezam a pureza da formosa lingua lusitana.

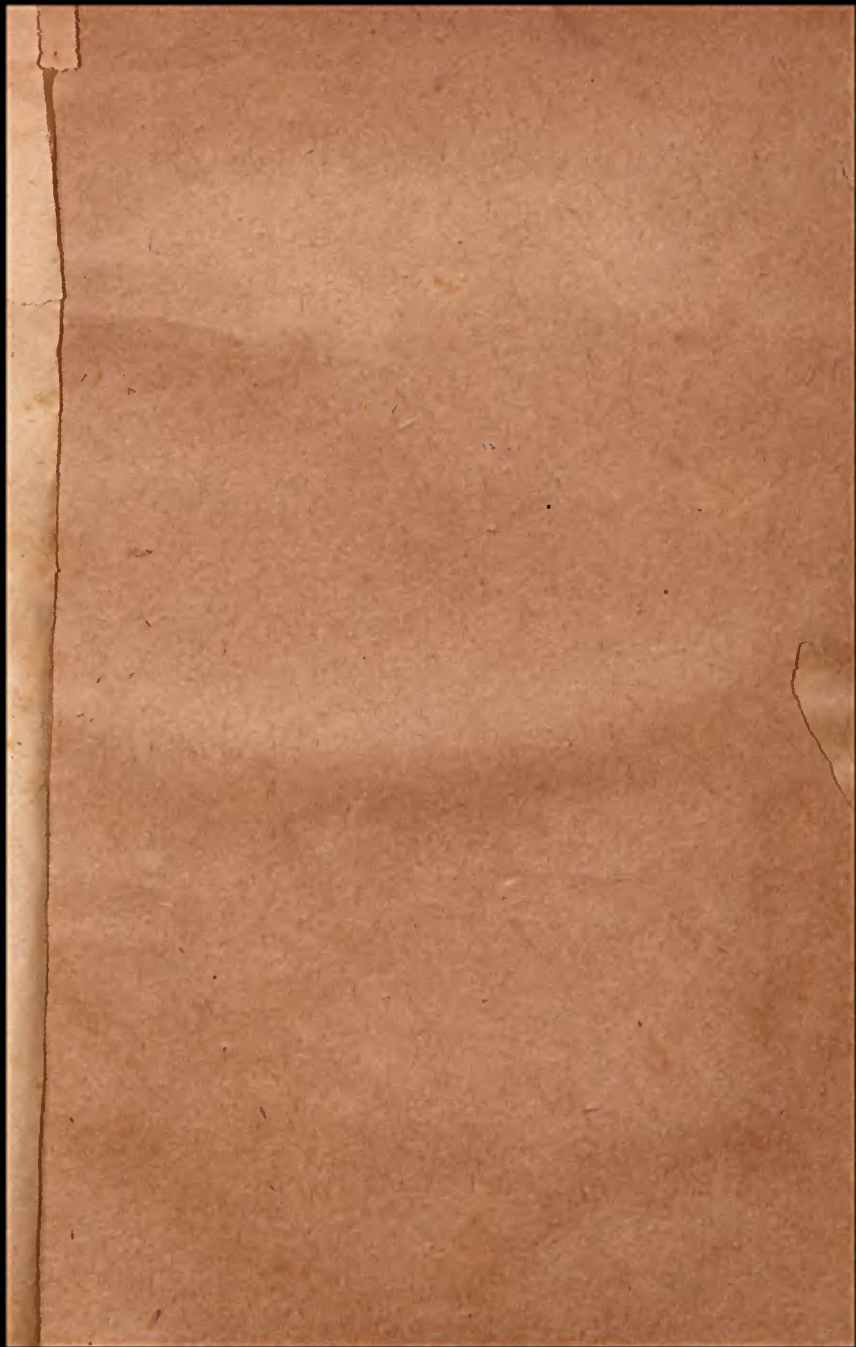
5 de Junho de 916.

(Dr. Oswaldo Vergara, da Academia de Letras do Rio Grande do Sul).



12 - 12 - 12 - 12
10 - 10 - 10 - 10
11 - 10 - 10 - 11
12 - 10 - 10 - 13
7 - 6 - 12 - 4
Nov - 1 - 1 - Nov. 18...





Esta publicação deve ser devolvida na última data marcada

24-9-69		
23-3-70		
25-11-70		
20/11		
30-11-74		
17 NOV 1990		
05 JUN 1991		
28 JUN 1991		
** JUL 1991		
08 MAI 1992		
15 JUN 1992		
28 JUN 1992		
10 SET 1998		

Mod. 105 - 63 - B



UNESP
BIBLIOTECA - CAMPUS DE ASSIS

Tombo : 43 Class : 469.509

P436g

Autor : Pereira, Eduardo Carlos

Título : Gramática Histórica

TOMBO: 43

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS
E LETRAS DE ASSIS

BIBLIOTECA CENTRAL

Se este livro não for devolvido dentro
do prazo, o leitor perderá o direito a novos
empréstimos.

O prazo poderá ser prorrogado se não
houver pedido para este livro.

MOD. 88 - 63 - B - 20.000





cm

1

2

3

4

5

unesp

8

9

10

11

12

13